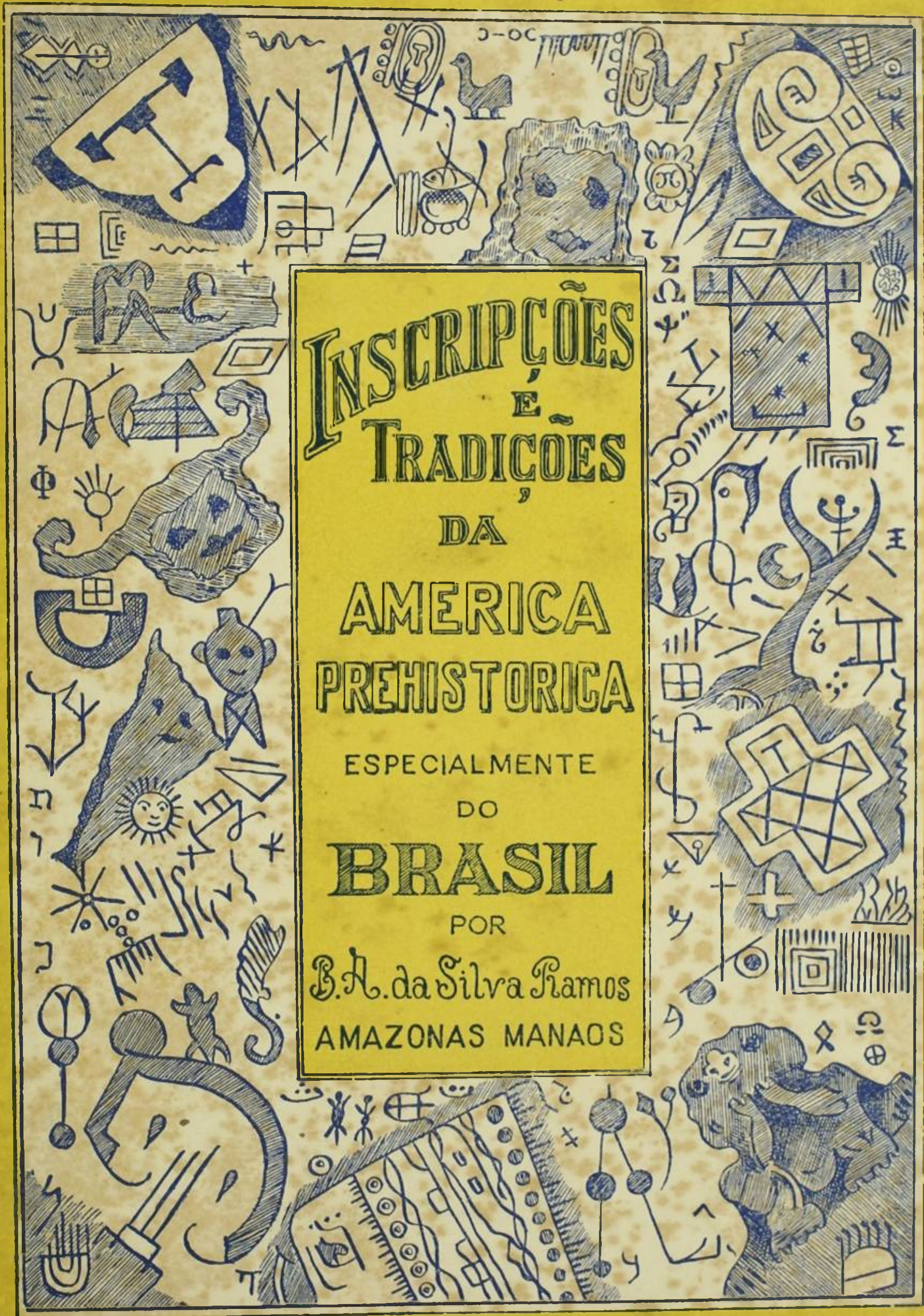


INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA

ESPECIALMENTE DO

BRASIL

POR

B. A. da Silva Ramos

AMAZONAS MANAOS

BERNARDO DE AZEVEDO DA SILVA RAMOS

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA

ESPECIALMENTE DO BRASIL

SEGUNDO VOLUME

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL * 1939

CAPITULO XV

Os Gregos, suas inscripções e tradições no periodo prehistorico do Brasil

UMA bôa parcella de cogitações historicas e epigraphicas dedicámos aos Phenicios, rememorando a sua emigração e permanencia no sólo americano, e ora passamos a tratar dos Gregos.

E' assim, pois, que hoje nos foi dado encontrar, depois de profundas investigações tradicionaes e epigraphicas, elementos dispersos em nosso continente, de norte a sul, dos quaes se deduz a influencia e congraçamento deste antigo povo com o nosso, no periodo prehistorico. Deduz-se esta influencia, da manifestação do pensamento, por traços caracteristicos de seu primitivo alphabeto, ora esculpidos sobre os rudes granitos colossaes, ora executados com tinta indelevel, encarnada e preta.

O que se nos revela é a sublimidade da arte, tão peculiarmente reconhecida na accepção geral do genio grego, a par do saber invejavel de seu privilegiado cerebro, attingindo, por um lado, a lembrança de sua vida bem prospera, porém momentanea em varias regiões sul americanas, e, por outro, o entrelaçamento de relações com os nossos primitivos habitantes, os aborigenes do encantador e vasto territorio brasileiro.

Essas valiosas inscripções dizem-nos claramente o necessario para uma cogitação profunda. Representam a synthese esclarecedora de um facto mysterioso até certo ponto. Notaveis escriptores conjecturavam-n'o, mas a epigraphia finalmente ora o confirma, sem refutação talvez, principalmente nos sertões dos Estados do Ceará, Parahyba, Piauhy, Bahia, Rio-Grande do Sul, Pará e Amazonas.

"Quando a historia, diz Latino Coelho, começa a desenrolar o drama vivente das idéas e dos feitos humanos, está por assim dizer já apparelhado e disposto em seus logares o vastissimo scenario das antigas civilizações.

A historia é muda e não pode relatar os estudos anteriores. As memorias da civilização cifram-se então nos monumentos megaliticos e nos testemunhos, que a nova sciencia prehistorica vai agora desentranhando para compor o prologo aos annaes escriptos da humanidade".

"Precisemos, pois, com os nossos proprios elementos, os factos; confrontemos a chronologia historica; estudemos a philologia; interpretemos os engenhosos caracteres, artistica-

mente esculpidos por esses hellenicos e phenicios, nas nossas regiões, teremos resolvido o mysterioso problema, do dominio secular de tantas e futeis controversias, verdadeiros ludibrios, em parte, ao nosso descaso e a nossa ingenua credulidade, de só darmos valor, quando originado da culta Europa".

Neste magno assumpto, porém, é necessario dizer: estamos em manifesta contraposição de ideias.

"Até 1870, segundo René Loufer, quasi nada se sabia sobre a civilização hellenica.

A Grecia heroica era apenas conhecida de Homero, pelo estudo critico das legendas e por alguns monumentos primitivos, muros circuitos das acropoles e tumulos com zimborios, considerados como as fortalezas e os thesouros dos Chefes Pelagios.

E' que antes de Schliemann, os nomes de Troia, de Mycenas e de Tiryntho, não sobreviviam senão na legenda.

Os historiadores lançavam para o dominio da fabula todas as tradições anteriores á invasão Doria (XII seculos A. C.).

A referencia dos Acheas, Donaences, Lycios, Teucrenses, Dardanenses, encontrada por E. de Rougé, nos textos Egypcios do XIII seculo A. C., deixava scepticos os helienistas.

Os termos: idade de pedra, de bronze e de ferro, eram applicados á archeologia grega apenas, porque o desenvolvimento da industria no sul da Europa permanecia ainda desconhecido.

A partir, porém, das admiraveis descobertas de Henrique Schliemann (1871), os partidarios das tres idades, applicadas a todos os paizes Europeus, viram este systema triumphar definitivamente.

As excavações que desde esta data foram effectuadas nas margens e nas ilhas do mar Egêu fizeram recuar 3.000 annos nosso conhecimento do mundo grego; ellas revelaram com effeito, n'esta esphera, a existencia d'uma importantissima civilização, que precedeu muito á civilização classica e da qual restava apenas uma vaga lembrança, no tempo de Homero, isto é, no VII ou VIII seculo.

Esta civilização prehistorica, *prehellenica* como a denominam os archeologos, offerece tres phases correspondendo ás influencias que successivamente dominaram:

1ª. A phase Egêa (3.000 a 2.500 annos A. C.)

2ª. A phase Minuense ou Cretense (2.500 a 1.500, idem).

3ª. A phase Mycenica (1.500 a 1.100 ou 1.200, idem)".

A existencia dos Gregos, porém, no nosso continente em eras prehistoricas, é hoje attestada pelos vestigios epigraphicos e tradicionaes. O seu engenhoso e artistico systema de escripta deixa visivelmente transparecer a sublimidade da arte, tão celebre á indole grega, a par de seu admiravel saber.

Antes, porém, de entrarmos em assumpto, temos o prazer de transcrever as palavras de Thoron, contidas nos appendices A e B, de sua citada obra:

"Nada sabemos, diz o autor, dos tempos prehistoricos; mas os primeiros povos eram d'uma civilização que degenerava rapidamente por causas que nos são desconhecidas; entretanto, encontrámos os traços das tradições fabulosas, que constatam a feliz existencia da idade do ouro no tempo de Saturno; porque foi elle que ensinou a agricultura aos homens e veio reinar na Italia, que ficou sendo chamada Saturnia Tellus.

Lembremos porém que estas tradições nos ensinam que Saturno uniu-se á Phylire, que se dizia *filha do Oceano.*

Tyrrheins, que deu seu nome a uma região de Italia, era filho d'Athys, que se uniu por sua vez á nympha Sangaris, outra filha do Oceano, como d'este e de Thetys foram todas as nymphas, chamaram-n'as tambem Nereidas, porque Nereo, deus marinho, era filho do Oceano.

Esta especie de genealogia dos deuses do Oceano indica allegoricamente que os Tyrrhenos tinham uma origem Atlantica, que elles deviam ter atravessado e explorado o oceano e que, segundo toda probabilidade, teriam estabelecimentos na America, se é que d'ella não eram originarios. Sobre este ponto encontrámos as provas na affirmativa do sabio Brasseur de Bourbourg, que teria traduzido *ao menos a metade das palavras do diccionario latino* de Noël, no grupo das linguas Mexico-Guatemalenses? (p. 11, *Quatre Lettres sur le Mexique*). Não ousamos mesmo affirmar este facto, apenas o consignamos aqui; porque, se é verdadeiro, de duas uma: ou os Thyrrenos trouxeram a lingua latina da America, ou o contrario, foram elles que lá a introduziram. Neste caso, elles deveriam ter tido estabelecimentos no Novo-Mundo; mas foram naturalmente anniquilados em consequencia do bloqueio do estreito de Gades (Gibraltar), feito pelos Carthaginezes, durante 300 annos, e pela fusão de sua raça com as dos povos autochthones".

*

Para clareza dos factos, que se relacionam com a historia tão confusa da antiguidade, vamos dar algumas indicações preliminares.

"Os phenicios, desde os tempos mais remotos, navegaram sobre todos os mares e antes da guerra de Troia os Gregos tiveram seu primeiro navio para a expedição dos Argonautas; depois viu-se a frota Egypcia de Sesostris entrar no Oceano; desde esta época até o tempo de Alexandre é admissivel que os gregos, muito emprehendedores, como se sabe, tivessem podido atravessar o Atlantico e conseguido estabelecer-se na America.

Entre seis Hercules, de que trata Cicero e os quarenta e tres designados por Varron, consideremos o Hercules Grego, o Hercules Phenicio e o Hercules autor das *Lettres Phrygiennes*.

O Hercules Grego é o que instituiu, 776 annos antes de Christo, os jogos Olympicos, que se renovam todos os quatro annos: d'ahi a maneira de contar os annos por Olympiadas.

O Hercules Phenicio é, sem duvida, aquelle que comparticipou com a Rainha Didon na fundação de Carthago, 884 annos antes da era de Christo. Seria por esta época que nasceu o Hercules autor das *Lettres Phrygiennes*. Este sabio teria vivido no Imperio dos Gregos, na Asia-menor, cujo dominio sobre os paizes dos Troianos e dos Phrygios era já antigo. Ao que parece, este Hercules era um subdito grego; elle atravessou o Oceano para visitar os *Maropas* (*Maropiens*), entre os quaes havia gregos, onde estão hoje, defronte da Lybia (Africa), as possessões brasileiras.

Os Maropas formam ainda hoje uma nação concentrada nos Andes Orientaes, da Bolivia, que é assignalada pelo grande naturalista explorador Alcide d'Orbigny, em sua obra "L'Homme Americain". Hercules foi tambem ao norte da America, chamado o Continente Chroniano, no mar Saturniano, onde habitavam nações Gregas; e nesta expedição elle tinha por companheiros lettrados, moralistas e legistas.

E' Theopompo, orador, historiador e poeta grego, nascido em Chio, no anno de 358 antes de J. C. que nos conduz entre os Maropas (Ælianus, hist. liv. 3); emquanto que é o general Romano Sylla (Plutarcho, tratado sobre a orbe lunar), que conta a Lamprias o que aprendeu em Carthago, d'um sabio viajante extrangeiro, a respeito dos gregos, que

habitavam o Continente Chroniano, até onde se estendia, ao menos nominalmente, a soberania de Mérope. (1)

A Phrygia teve uma dynastia de 10 Reis, sob o nome de Gordius e de Midas. Sileno, confidente de Midas II, filho de Gordius IV, não se deve confundir com Sileno de Bacchos, nem com outros Genios familiares do mesmo nome; Sileno, dizemos, segundo Theopompo, ensina a Midas, rei da Phrygia, que além e longe dos tres continentes da Asia, da Europa e da Lybia, existe um verdadeiro e unico continente, de uma immensa extensão; elle diz que os habitantes deste continente são chamados Maropas (*Æliani variæ historiæ, lib. III, edition de Firmin Didat*), e que é governado por Mérope, filha de Atlas II, Rei da Lybia.

Resulta da relação destas diversas personagens, que Atlas II era contemporaneo de Gordius IV, 900 annos antes de J. C. e que sua filha Mérope (Maropa), era tambem contemporanea de Midas II, 850 annos antes da era Christã; é nesta 2ª epoca que Hercules, o lettrado, se dirigiu á America, cerca de 34 annos depois da fundação de Carthago.

Evitando os tempos obscuros ou fabulosos de Atlas I e Midas I (este tendo por successores muitos Gordius e Otreus, antes de Midas II, teria vivido em uma epoca visinha ao diluvio de Deucalião), nossas investigações não alcançam datas historicas mais antigas que as das personagens que designamos, e determinamos estas datas, comparando, com cuidado, as chronologias de muitos bibliographos e historiadores, apesar de notavel desaccordo entre elles.

Para a historia antiga da America, que está ainda por fazer, estas datas serão uteis, porque as julgamos bastante precisas.

Os Gregos estabelecidos no Continente Chroniano deviam ter feito sua migração cerca de 1.000 annos antes da era Christã.

Em honra de Saturno, tinham elles instituido peregrinações á ilha dos Ogygias, uma das Hebridas, cujo nome antigo é Hermude ou *Hamud*, derivado da lingua primitiva da palavra Kichua *hamuc*, que significa o tempo vindouro ou futuro. Saturno é, com effeito, a personificação do tempo; mas, segundo o Kichua, do tempo vindouro. Isto o distingue de Janus, que tendo dois rostos, olhava o passado e o futuro.

A etymologia de Maropa encontra-se tambem na lingua kichua, que foi falada em todo valle do Amazonas, antes que os kichuas e os Maropes ou Maropas fossem repellidos pelos guaranys do Brasil, para os Andes da America Meridional. Em kichua, *mano* é terra, seu genitivo é *marop* ou *maropa* da terra; Maropa é a identificação do grego *gheghenes*, nascido da terra, nascido no paiz.

Os gregos entre os maropios do sul conseguiram misturar-se com os kichuas; é que effectivamente a lingua kichua contém um milhar de palavras gregas, que estão na proporção de uma quinzena desta lingua. Segundo toda probabilidade, a nação Maropa, estabelecida hoje proxima aos Andes bolivianos, é um resto da nação daquelle reino Marope.

A situação geographica deste povo está fixada sobre a carta da obra "L'Homme Americain", pelo sabio naturalista e explorador Alcide d'Orbigny. Aqui porém se apresenta um outro facto singular: é que os gregos, que existiam com os Meropes, deveriam ser igualmente internados com estes nos Andes; por quanto, a região dos Maropas é banhada pela rio *Apollo* (Apollon) onde existe uma provincia Apollo-bamba e tambem a aldeia *Aten* (Athenas); escrevemos seus nomes segundo a orthographia hespanhola. Pro-

---

(1) "*Marope*", rainha da Messenia, filha de Cypselo, rei da Arcadia, que esposou Cresphonte, rei messeniano. E' o nome de uma tragedia voltaireana, e tambem o nome de uma estrella da constellação das Pleiades — *Brazil Prehistorico* cit

ximo a esta, está a tribu *Itonama*, que lembra *Iton*, filho de Deucalião e inventor da arte de trabalhar e de modelar os metaes; proximo ao rio Apollo e visinho de Itonama, está a tribu *Tacana*, termo kichua que significa martello e todos os instrumentos de ferreiro: o que confirma que Itonama é uma lembrança de *Iton* que trabalhava os metaes. Notamos ainda a tribu *Isiama* que recorda os Isiacas, padres de Isis e as festas Isianas.

Pelo conjuncto destes diversos factos, vê-se um vestigio dos gregos entre os povos selvagens desta região, ao pé dos Andes e n'um mesmo circulo territorial.

Tudo isto é muito significativo e merece estudos semelhantes aos que fizemos para confirmar a presença dos phenicios em Haiti nos tempos antigos.

Passemos agora ás narrações de Sylla. Como são ellas bastante longas não trataremos senão dos pontos essenciaes e tocantes á nossa demonstração. Sylla manifestara-se da seguinte forma sobre Lamprias:

"Eu vos direi como Homéro: longe de nós, no mar, está a ilha d'Ogygia, distante da Gram Bretanha, para o poente, cinco dias de navegação. Ha ainda tres outras ilhas precisamente situadas para o poente do estio do Sol, igualmente distantes uma das outras".

Ora, lançando-se as vistas sobre a carta, se nos dirigimos ao N. O. das Ilhas Britannicas, ao poente do estio do Sol, encontramos as Hebridas chamadas antigamente *Hêmudes* e tambem mais recentemente *Hebridas*. A ilha d'Ogygea é a principal deste grupo para Oeste; partindo d'alli em direcção de N. O. encontramos successivamente as ilhas Shetlands, Fœrvé e Islande, que estão, como diz Sylla, a igual distancia umas das outras.

E' além destas ilhas que está o mar Saturnino. Os habitantes destas ilhas diziam que a grande Terra firme (America) está afastada da ilha de Ogygea, cerca de 5.000 estadios e um pouco menos das outras ilhas. Sylla dá em seguida alguns detalhes sobre a difficuldade da navegação do mar Saturniano, em razão das correntes, dos vasos e bancos de gelo, que ahi se formam. E' facil por esta descripção reconhecer as paragens do golpho, onde desemboca o rio S. Lourenço.

M. Brasseur de Bourbourg julga vêr nisto uma allusão á Bahia de Hudson; mas como suppôr uma navegação possivel neste mar de gelo? Sylla continúa dizendo que as costas desta terra firme *são habitadas por Gregos*, que se estendem ao longo do golpho, o qual não é menor que os palus Meotides (mar d'Azof); elles dizem-se habitantes da Terra firme e olham-n'os como insulares".

"Os companheiros de Hercules, diz Sylla, que foram com elle a esta região, confundiram-se com o povo de Saturno e ahi ficaram, emquanto a sua linguagem era degenerada, restabeleceram os costumes gregos quasi desapparecidos sob as leis e usos dos barbaros".

"Sylla, continuando, diz ainda que cada 30 annos, em honra de Saturno, estes habitantes vão abordar as ilhas oppostas, habitadas por nações gregas, onde se vê, durante um mez, o sol se pôr apenas durante uma hora por dia".

"Por esta narração percebe-se que os gregos do Continente Chroniano ou da Terra firme, banhada pelo mar Saturniano, faziam expedição ao Circulo Polar, ás ilhas e á Groenlandia, sem duvida habitada por outras populações gregas.

Eis, portanto, tradições escriptas, dados preciosos para a historia antiga da America, podendo auxiliar as investigações, que queiram fazer sabios e philologos sobre as emigrações ou estabelecimentos dos gregos na America, procedendo como acabámos de fazer para os phenicios em Haiti, isto é, assegurando-se das tradições dos indigenas do Canadá, examinando seus diversos e antigos dialectos do extremo norte.

Para facilitar os estudos dos fragmentos litterarios de Theopompo, é bom consultar *l'Edition de Firmin Didot*, liv. III *Variæ historiæ*, p. 329, onde o texto latino se encontra junto ao texto grego.

Sylleno, revelando a Mydas a existencia de muitas cidades sob o grande Continente Americano, indica duas muito grandes, uma chamada Bellicosa, a guerreira, outra Pia, cujas significações são: piedosa, liberal, bôa, bemfeitora e pacifica; esta é assim chamada porque sua população vive na abundancia das riquezas da terra em uma feliz paz. Quanto aos habitantes da Bellicosa, são todos guerreiros e desde tenra idade manejam as armas.

Este paiz possue muito ouro e prata, sendo que o ouro é como o ferro para nós".

"Sylleno diz que de nossas ilhas (Europa, Asia e Africa) mil myriades de homens poderam chegar entre os Hyperboreanos atravez do Oceano e que estes ficaram muito contentes de verem-se entre nós.

Em um outro fragmento de Theopompo, falando dos Maropas, diz que elles têm muitas cidades grandes, mas que no ponto muito afastado de seu paiz ha um logar chamado *Anoston* (em grego) e em (latim) *Irremeabilem*; isto é, logar perdido donde não se pode voltar; que nem cercado de trevas, nem de luz, tem a atmosphera espessa e de um vermelho escuro; não será este o *paiz da sombra*, primitivamente habitado pelos Chichimeques, que o abandonaram para dirigirem-se ao Mexico, por terra?

Nos arredores deste logar, diz ainda Theopompo, ha dois rios: um chamado da Delicia e outro da Tristeza; junto d'elles ha arvores *platani* (platanos ou olmeiros) de uma grande altura, porém os fructos colhidos perto do rio da Tristeza não são comiveis.

Theopompo diz finalmente que os habitantes de Chio acreditam nestas narrativas, porém elle as considera como fabulas (Æliani variæ historiæ p. 330). Entretanto, faremos notar que se os gregos da ilha de Chio tinham estas tradições, ellas confirmariam a narração de Sylla, quando diz que os gregos tinham habitado entre os Hyperboreanos, da America.

Tendo por base a presente obra, em uma parte, tradições — que ora são justificadas dizemos, que todas ellas mesmo apparentemente desarrazoadas contêm uma verdade e que se a verdade estiver no fundo de um poço, é preciso ir alli procural-a".

*

O que ficou externado é incontestavelmente um valioso subsidio para o presente assumpto referente ás inscripções encontradas em uma cidade abandonada nos sertões do Estado da Bahia, em 1753.

Prende-se este facto á historia da America Portugueza, por Sebastião da Rocha Pitta, liv. 3°, § 89 e seguintes, como á chegada em 1591 á Bahia, vindo de Lisbôa, do Governador e Capitão General D. Francisco de Souza. Trazia a mercê do titulo de marquez das Minas, se fossem descobertas as que Roberio Dias tinha ido prometter a Castella. Este morrera na prisão levando comsigo o segredo do local das minas, não o transmittindo nem mesmo aos seus proprios herdeiros, etc.

Segundo consta, até hoje, não mais foram reencontradas as referidas minas e a cidade, restando-nos o prazer apenas de nos cingir ás suas cinco inscripções de certo modo interessantes, publicadas, com outros informes, ás pags. 193 a 200, do 1° vol. da Revista

do Instituto Historico e Geographico do Brasil (1). Varias são tambem as inscripções em grego antigo, encontradas por nós na região amazonense e constam na presente obra.

«A Cidade em questão está situada, além de minuciosos detalhes, entre duas serras, cuja entrada é precedida de um grande arco, ladeado por dois menores, tendo aquelle inscripções de difficil observação, por causa de sua elevada altura, seguindo-se uma rua de largura identica á das arcadas, guarnecida de casas de sobrado, cujos frontispicios de pedra lavrada estão denegridos e tudo em ruinas. O systema de edificação é uniforme, sendo lageadas as suas coberturas.

Eis as palavras do manuscripto muito deteriorado, encontrado depois de grandes pesquizas: "As ruas são de regular extensão e no centro de uma praça vê-se uma columna de pedra negra de extraordinaria grandeza e sobre ella, uma estatua de homem, com uma das mãos na ilharga esquerda e o braço direito estendido, mostrando com o index ao Pólo-Norte.

Em cada canto da praça está uma agulha, a semelhança das que usavam os Romanos, mas algumas já em deploravel estado.

Ao lado direito desta praça está um soberbo edificio, como o principal de algum senhor da terra; é precedido de um grande salão, seguindo-se outros compartimentos.

Sobre o portico principal da rua está uma figura de meio relevo, talhada da mesma pedra e despida da cintura para cima, coroada de louro, representa pessoa de pouca idade, sem barba, com uma banda atravessada e um fraldelim pela cintura; debaixo do escudo da referida figura, ha alguns caracteres, já gastos com o tempo, percebendo-se porém os seguintes:

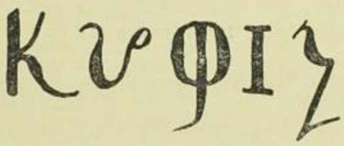


Fig. 1.227 — Est. I

Da parte esquerda da dita praça está outro edificio totalmente arruinado e pelos vestigios bem mostra que foi templo, porque ainda conserva parte do seu magnifico frontispicio, e algumas naves de pedra inteira; occupa grande terreno e nas suas arruinadas paredes se vêm obras de primor com algumas figuras e retratos embutidos na pedra, com cruzes de varios feitios, corvos e outras miudezas, que carecem de largo tempo para descrevel-as.

Segue-se a este edificio uma grande parte de povoações, toda arruinada e sepultada em grandes e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circumferencia se veja herva, arvore ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedras umas toscas e outras lavradas, pelo que entendemos ...." (eis um dos periodos damnificados no velho original, mas que se pode concluir) *que tudo isto fosse effeito de algum terremoto.*

"Defronte da dita praça corre arrebatadamente um caudaloso rio, largo e espaçoso, com algumas margens, que o fazem muito agradavel á vista; terá de largura onze até doze braças, sem voltas consideraveis, limpas as margens de arvoredos e troncos, que as

(1) Rev. da Soc. de Geogr. do Rio de Janeiro, T. IV, 4º Bol. 1888. Observações do Marquez de Paranaguá á conferencia do Dr. Aristides de Sousa Spinola, realisada em 9 de Setembro de 1887.

inundações costumam trazer; sondámos a sua altura e achámos nas partes mais profundas quinze até desoseis braças.

Da parte d'além, tudo são campos muito viçosos e com tantas variedades de flores, que parece andar a natureza mais cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimosos campos de Flora; admirámos tambem algumas lagôas, todas cheias de arroz, do qual nos aproveitámos, e tambem dos innumeraveis bandos de patos, que se criam na fertilidade destes campos, sem nos ser difficil caçal-os sem chumbo, mas sim com as mãos".

"Tres dias caminhámos rio abaixo e topámos uma catadupa de tanto estrondo, pela força das aguas e resistencia no logar, que julgámos o não fazia maior as boccas do decantado Nilo; depois deste salto espraia, de sorte que o rio parece o grande Oceano. E' todo cheio de peninsulas, cobertas de verde relva, com algumas arvores dispersas, que fazem ...." "Da parte do Oriente desta catadupa, achámos varios subcavões e medonhas cavas; fazendo-se experiencia da sua profundidade com muitas cordas, as quaes, por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro.

Achámos tambem algumas pedras soltas; e na superficie da terra cravadas de prata, como tiradas das minas deixadas ao tempo.

Entre estas furnas vimos uma coberta com grande lage e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra que insinuam grande mysterio, ao que parece:



Fig. 1.228 Est. II

Sobre o portico do templo vimos outras figuras, da forma seguinte, designadas:

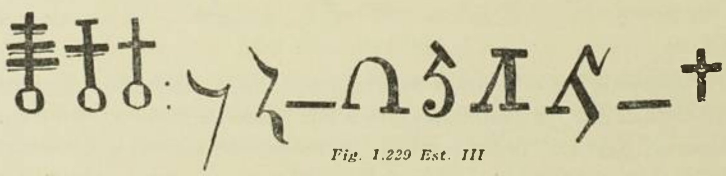


Fig. 1.229 Est. III

Afastado da povoação, tiro de canhão, está um edificio, como casa de campo, de duzentos e cincoenta passos de frente, pelo qual se entra por um grande portico e se sóbe por uma escada de pedra de varias cores, dando-se logo em uma grande sala e depois desta em quinze casas pequenas, todas com portas para a dita sala, e cada uma sobre si, e com suas bicas d'agua (1) *feitas de pedra*, a qual agua se ajunta *em uma só valvula tocada á* mão no pateo *externo, no qual se encontram* columnatas em *circulo, contendo cada uma dellas uma pedra* quadrada, por artificio suspensas, com os seguintes caracteres:



Fig. 1.230 Est. IV

---

(1) As palavras gryphadas foram por nós collocadas em substituição ás desapparecidas.

Depois desta admiração entrámos pelas margens do rio a fazer experiencias de descobrir ouro, e sem trabalho achámos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza, assim de ouro como de prata; admirámos o ser deixada esta povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes sertões, pessoa alguma, que nos conte desta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação mostrando bem nas suas ruinas a figura e grandeza que teria e como seria populosa e opulenta nos seculos em que floreceu povoada, estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos, rapozas etc. »...

Terminam essas descripções, que resumimos, addicionadas dos desenhos seguintes:

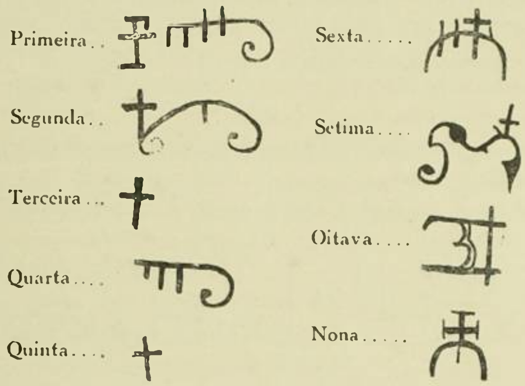


Fig. 1 231 Est. V

*

Vamo-nos occupar das inscripções constantes das estampas acima referidas, cujos caracteres predominantes são, demonstradamente, do alphabeto antigo, *grego de inscripção.* Trabalho cuidadoso de M. L. Bassur, do qual nos servimos. Este alphabeto é muito analogo ao Copta. Estas inscripções, como as demais no genero, observam geralmente a uma abreviatura ou ligação de letras, ora tornando-as mais breves e symetricas, ora tornando-as enigmaticas. Não será demasiado repetirmos, que uma só letra, segundo os alphabetos: *grego de inscripção e paleographico,* é variavel de duas, até mesmo dez vezes na sua forma, conservando porém seu valor phonetico. Estas differentes formas são empregadas segundo a conveniencia ou methodo estatuido.

Assim temos a inscripção da est. I, que figuramos tal qual é, seguida do grego moderno, valor das letras e a pronuncia figurada:

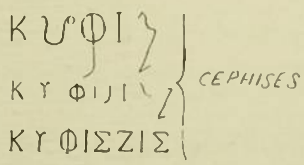


Fig. 1.232

Cephises ou Cephisses é uma palavra que tem sua origem na antiga Grecia, em cujo centro dá nome a um largo rio que atravessa a Planicie na peninsula de Attica, e tambem a notavel Gruta das Nymphas.

Seignobos, descrevendo a Grecia Central, diz:

"...... Entre esta serie de massiços e a cadeia que circula o mar, estende-se uma immensa região baixa, sem communicação para o mar, é a Beocia. E' dividida em duas partes por uma aresta de rochedos estereis. A parte Oeste é uma larga planicie que parece um mar congelado, de onde as montanhas emergem como um penhasco acima das aguas".

"Um grande rio descido do Œta, o Cephise, desembocca por um desfiladeiro nesta planicie, onde se reune a pequenos regatos sombreados de platanos e vai lançar-se no lado Oeste do grande lago Capais......"

Apezar da circumstancia de só ter escapado esta palavra da inscripção gravada abaixo do escudo da respectiva figura (emquanto as outras foram gastas pelo tempo), offerece ella vagas conjecturas, que não ousamos já formular; porém, mais adiante, confrontando-a com outras inscripções, daremos a sua clara explicação.

*

Quanto á est. II, que, conforme as narrativas, está esculpida sobre uma grande lage que cobre uma das furnas e parece encerrar valioso mysterio, passamos a proceder do mesmo modo precedente, destacando porém as letras de que se compõe:

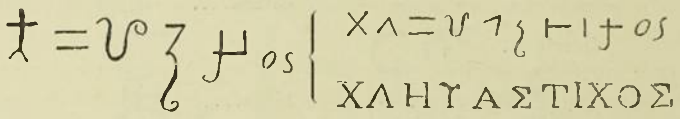


Fig. 1.233

Segundo o Dicc. Gr. de C. Alexandre, 11ª Edição de 1865, á pag. 1.580, encontra-se a palavra referida χλευαστικος μ. ον, de zombador, proprio dos zombadores: inclinado ou habil em zombar, motejador, chocarreiro, etc.

Trata-se certamente de um artificio ou engenho proprio da época, pela significação da palavra; outra cousa não nos seria dado, com razão, imaginar.

O H tambem é figurado horizontalmente, como ora se observa e com o som de E.

*

A est. III é uma das mais complicadas e interessantes, e da mesma forma precedente, passamos a interpretal-a:

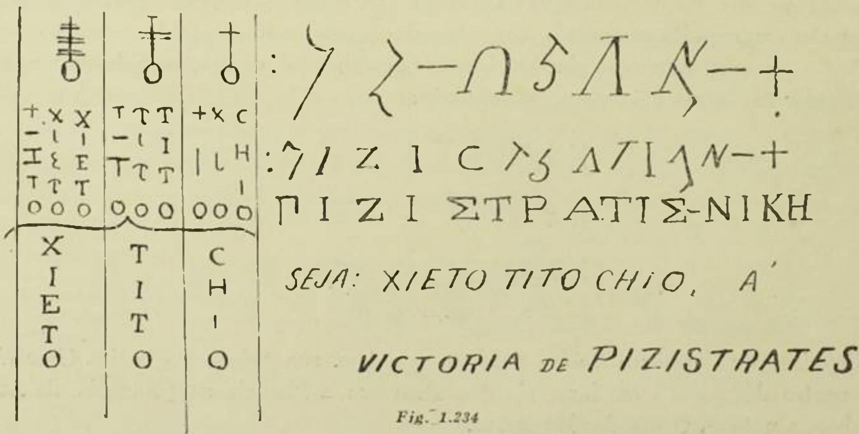


Fig. 1.234

Esta inscripção, como ficou dito, foi encontrada sobre o portico de um *templo* em ruina e sem razão foi considerada de feição catholica, pelo facto de suas gravuras revelarem *cruzes de differentes formas*.

Mas estas cruzes, segundo demonstrámos, não são mais que letras inconfundiveis do antigo grego, e a legenda o confirma. Naturalmente seriam reproduzidas nas paredes internas do referido edificio, com accrescimo de outras figuras, retratos, etc. (1)

As palavras: XIETO, TITO, XIO OU KIO, cremos que vêm da alta antiguidade e eram de uso dos Gregos e dos Romanos; sendo razoavel que XIETO possa prestar-se á significação tambem de XISTO, mas a maneira pela qual foi esculpida nos induz áquella interpretação. A ultima é o nome de uma importante ilha da Asia Menor e dado ao habitante ou nativo de Chios, conforme o Dic. Gr., cit. pag. 1.579. Definindo-a, diz Cantú: "...... Samos tinha come rival em riquezas a ilha de Chios, uma das mais poderosas do mar Egeu. Os escravos, que nella se achavam em grande numero, sublevaram-se muitas vezes; celebravam-se n'ella todos os cinco annos, jogos em honra de Homero, que os insulares diziam ter sido seu concidadão. Tendo-lhes pedido Cyro que lhe entregassem Paccias, que, depois da sublevação dos lydios contra os persas, se havia refugiado ao pé dos altares de Chios, obedeceram e obtiveram em recompensa o Atarneu, paiz da Mysia; mas conceberam tão grande vergonha de sua fraqueza que não se atreviam a fazer uso em seus sacrificios da cevada d'aquelle paiz.

Apezar de haver caido debaixo do dominio dos persas, pôde ella fornecer noventa e quatro navios dos cento e oitenta e tres, armados pelas oito cidades da Ionia, contra os conquistadores, e aspirar mesmo ao imperio do mar".

NIX (NIKH) em grego é Victoria, e assim a interpretamos.

Finalmente PIZISTRATES (PISISTRATO); d'elle tratando, assim se manifesta Cantú: "No regresso de Solon á patria, achou n'ella ateadas as dissensões entre o povo, que, desde então liberto do jugo, queria vingar-se e os nobres, que procuravam recuperar a sua antiga importancia. Tinham os nobres por chefes os Alcmeonidas; á frente do povo achava-se Pisistrato, parente de Solon, cidadão rico e generoso, que se mostrava protector dos fracos e aspirava a tyrannia. Com o fim de lá chegar, apresentou-se um dia na praça publica coberto de feridas cruentas, as quaes imputou aos nobres dizendo que o detestavam como partidario do povo. Nada mais foi preciso para que a plebe lhe decretasse uma guarda, com a qual se fez senhor da Cidadella, expulsou os Alcmeonidas e usurpou o poder supremo.

Pisistrato todavia possuia todas as qualidades necessarias para seduzir um povo e para deslumbral-o: bem apessoado, valente, generoso, habil orador, juntava o espirito natural ao saber; affavel para com todos, o indigente nelle encontrava um bemfeitor, o opprimido um arrimo; sempre favoravel á multidão quando se tratava de leis e de instituições, era o protector dos litteratos e dos artistas.

---

(1) A proposito, encontrámos á pag. 81 do 1º v. da Rev. do Inst. H. e G. do Brasil. 2º tr. de 1839, o seguinte trecho da Monographia elaborada pelo Visconde de S. Leopoldo, sobre a do Dr. Matheus Saraiva, physico-mór do presidio do Rio de Janeiro, medico da Camara e Cirurgião-mór da mesma capitania, (Biblioth. Pub. do Rio de Janeiro, Gabinete de M. S. Ns. 46 e 47, caixa 4) «. . . Dividiu-a em duas partes: na 1ª pretendeu mostrar que a pregação do Evangelho neste paiz data do seculo 1º da idade de Christo, reproduzindo nesse intento, textos e passagens da Escriptura e das historias ecclesiasticas, decifrando engenhosamente varias inscripções, que se tem descoberto pelos sertões; e mais memoravel a de tres cruzes, com outras mais figuras, que parecem mysteriosas, symbolicas e hieroglyphicas, as quaes refere haverem-se encontrado no districto de Minas Geraes, esculpidas em uma pedra na eminencia da Serra *Itaquatiara*, assim chamada da mesma pedra, porque *Itá quatiara* vale o mesmo que *pedra lavrada* ou *riscada*. Serão estes os mesmos monumentos, que recentemente um dos nossos socios n'aquella Provincia denunciou a este Inst. Hist., o qual, com o zelo que o caracteriza tem providenciado efficazes investigações, n'este e n'outros lugares, igualmente indicados, á custa dos maiores sacrificios, verificando se vasto campo para conjecturas! »

"Até este momento ainda não se colheram resultados. . ."

O proprio Solon ficou seduzido e o favoreceu de principio quando ainda ignorava os seus projectos; mas, logo que os penetrou, disse-lhe:

Serias o primeiro cidadão da Grecia se não foras o mais ambicioso, e fez-lhe uma forte opposição. Tendo-lhe um dia Pisistrato perguntado o que era que o animava a tão grande resistencia respondeu: *A minha velhice.*

Ser-nos-hia mais agradavel que tivesse respondido: *O meu dever.* Por fim, não podendo por mais tempo tolerar os males da patria, Solon abandonou-a e morreu n'uma edade avançada. Tinha o costume de dizer: *Envelheço aprendendo.* Prestes a morrer, mandou que lhe lessem versos, *com o fim*, dizia elle, *de morrer mais instruido.*

Não gosou Pisistrato, em paz, do poder que havia usurpado; foi até mesmo violentado a deixar a cidade quando os Alcmeonidas n'ella entraram com Megacles; porém os seus amigos encaminharam tão bem as cousas, que elle chegou a um accordo com seus rivaes, desposando a filha de um d'elles. O povo, dizendo que elle tinha sido reenviado por Minerva, collocou-o bem depressa no primeiro logar.

D'elle foi outra vez derribado e viveu quinze annos no exilio; tornado a chamar a Athenas, governou-a até a morte.

No intuito de tornar as assembléas menos tumultuosas, e a intriga mais difficil, distrahiu para a agricultura muitos cidadãos, concedendo-lhes terras debaixo da condição de plantarem n'ellas a oliveira sagrada e de pagarem ao Estado o dizimo do rendimento.

Para polir e instruir os athenienses, favoreceu as artes e as sciencias, formou uma bibliotheca, pôz por ordem os poemas de Homero ao mesmo tempo que abriu estradas ao commercio e asylos aos soldados invalidos; para conter o povo na submissão, mandou proceder a muitas construcções [1], e principiou o templo de Jupiter Olympico.

A sua affabilidade natural, a sua lhaneza e clemencia contribuiram para lhe conciliar os espiritos. Tendo um mancebo ousado dar um beijo na filha de Pisistrato, a mãe pediu vingança d'este acto; mas elle lhe disse: *Se punissemos áquelles que mostram amor á nossa filha, que fariamos áquelles que nos odeiam?* Alguns estouvados dirigiram uma noite injurias a sua mulher, depois, no dia seguinte, dissipada a embriaguez vieram apresentar as suas desculpas; porém elle, fingindo-se admirado, lhes disse: *Vos deveis estar enganados: minha mulher não saiu hontem á noite.* Alguns de seus amigos zangados contra elle retiraram-se para uma praça forte; Pisistrato, sendo informado do caso, vae ter com elles seguido d'um grande numero de escravos que levavam a sua bagagem, e disse aos descontentes espantados: *Resolvi ou levar-vos commigo, ou ficarei comvosco.*

Com um tyranno desta qualidade, termina Cantú, Athenas podia considerar-se feliz; mas um Estado é bem para lastimar quando tem de fundar a sua felicidade nas qualidades pessoaes de um senhor"!

Uma observação occorre-nos sobre a applicação dos caracteres de inscripção na palavra PIZISTRATES: A letra ˥ (PI) está collocada em sentido contrario, porém de accôrdo com o do alphabeto moderno, onde tem o mesmo som, o que é muito vulgar nas antigas inscripções. Acontece o mesmo com a letra seguinte C (S), que está voltada para baixo; assim como se deduz com o ϛ (R), que está ligado ou sobreposto a um T. (invertido).

O N de NI+, está ligado na parte superior ao I e ao S, ultimas letras da palavra questionada. Estas ligações de letra com o mais simples exame e a mais rapida observação, percebem-se com facilidade!

---

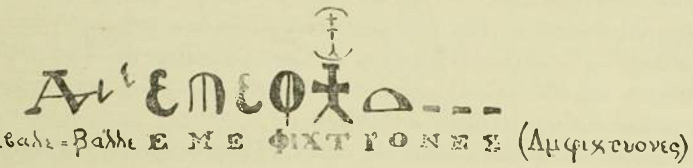
(1) Aristoteles, Politica, liv. VIII, cap. 9.

Acontece porém, muito naturalmente, na copia ou transposição dos desenhos das velhas inscripções, um pequeno traço, muitas vezes originado pelo tempo, alterar a letra e mesmo o sentido da palavra; além destas circumstancias temos mais o que considerar nas frequentes e palpaveis incorrecções lithographicas: a habitual fantasia das letras, etc.

Em nossos dias, não raro é encontrarem-se annuncios, letreiros epitaphios, com graves falhas. O que diremos quanto ás inscripções seculares, como as de que ora nos occupamos?

O que finalmente se conclue é que estamos diante de um Templo que assignala a Victoria de PIZISTRATES (grego), pelos annos 560 a 555, antes de J. C., salvo se pudermos admittir a existencia de um outro PIZISTRATES, de que não temos ainda noticia. Aquelle morreu em 527 (A. C.) succedendo-lhe Hippias, seu filho.

Eis a IV inscripção:



ABALE OU BALLE AMPHICTYONES. Seja: AVANTE! AMPHICTYONS!

Fig. 1.235

Esta inscripção, como ficou referido, estava esculpida em pedras quadradas, suspensas artificialmente a columnas em circulo, etc.

Antes de proseguirmos, uma observação faz-se necessaria, sobre os caracteres ou ordem orthographica. São sensiveis as suas omissões e trocas, subentendendo-se entretanto a forma por nós adoptada, sendo certo que se deve ter em vista o uso da época em relação a uma tal orthographia ou systema local, muito complicado ás vezes.

Temos um exemplo na palavra:

ΘΟΥΚΥΔΙΔΗC
THOYKYΔIΔHC } THUCYDIDES
ΘΟΓΚΓΔΙΔΗΣ

Fig. 1.236

esculpida debaixo de seu busto, hoje existente no Museu de Napoles. (Seignobos — *est. de la Grecie Ancienne*, pag. 383).

As reticencias finaes da nossa inscripção indicam a suppressão de letras, naturalmente sumidas, mas que completámos, se bem que o Ω (o) seja longo. EME em vez de AM, tem sua razão de ser na antiga orthographia grega, admittindo-se ainda a incorrecção da copia, e as transposições e omissões de letras, factos frequentes nos casos epigraphicos.

Diz a historia, tratando da antiga Grecia, que 586 annos antes de J. C., os Amphictyons organisaram os jogos pythicos a Delphos e ainda mais que: "os povos das montanhas ao redor de Delphos haviam creado um Conselho para proteger o santuario de Apollo e organisar festas em sua honra.

Eram pela maior parte pequenas povoações de montanhezes; porém no meio d'elles havia alguns dos principaes povos gregos, os Phocidos, os Beocios, os Jonios e sobretudo os Dorios, entre os quaes Spartas e quasi todos os habitantes de Peloponeso.

Delegados enviados por estes 12 povos formavam o Conselho dos Amphictyons, que se reuniam duas vezes por anno: na primavera, junto ao santuario de Demeter nas Thermophyles; no outono, perto do santuario de Apollo, em Delphos.

Os Amphictyons eram encarregados de fazer respeitar o santuario de Delphos e os peregrinos que a elle se dirigiam para as festas. Elles juravam combater quem quer que tocasse no dominio do Deus.

Pelos annos 600 antes de J. C., os sacerdotes de Delphos queixaram-se que habitantes de Crissa, seus vizinhos, tinham attentado contra o santuario de Apollo. Crissa era então a mais rica cidade da Phocida. Construida sobre uma abrupta montanha acima de um valle fertil, dominava a grande estrada do commercio que vinha da costa do mar Egêo, em frente do Eober, subia o valle de Cephise, atravessava as montanhas e descia sobre o golpho de Corintho. Era para os mercadores um trajecto mais curto, que passar pelo isthmo de Corintho. Os povos de Crissa, senhores desta estrada e do porto de Cirrha sobre o golpho, faziam pagar um tributo aos viajantes; quizeram exigir tambem dos peregrinos que vinham a Delphos.

A Pythia lançou então um oraculo pelo qual o Deus ordenava aos Amphictyons de combater o povo de Crissa, dia e noite, fazel-o escravo, devastar seu paiz, deixal-o inculto e consagral-o a Apollo, Artee e Zeus.

Diz-se que Solon decidiu os Amphictyons fazerem a guerra; Clistene tyranno de Sicyone enviou suas tropas e um Thessaliense Euryloque, commandou o exercito. Envenenaram as fontes de onde as gentes de Crissa tiravam agua.

Depois de 10 annos de sitio, a cidade foi tomada, destruida, e os habitantes vendidos como escravos. A planicie de Crissa foi consagrada ao Deus; foi prohibido plantal-a, estrumal-a ou nella construir casa, moinho ou telheiro; ella ficou deserta, coberta somente de matto e de pastagem.

Foi prohibido cobrar tributo aos peregrinos.

Os Amphictyons encarregavam-se de organisar a festa em honra de Apollo. Ella celebrava-se todos os quatro annos e consistia em lutas e corridas de cavallos; os vencedores recebiam de premio uma corôa de louro, tirada das arvores consagradas a Apollo".

Eis como a historia resumidamente define a palavra AMPHICTYONS, constante da inscripção da est. IV.

Observando-se o aspecto do edificio segundo está descripto, e onde fôra ella encontrada, percebe-se que se trata de uma especie de hyppodromo ou amphitheatro dedicado a Apollo, onde seriam celebradas festas em sua honra.

*

As inscripções referentes á est. V, não são destituidas de importancia, por isso que lhes vamos dar interpretação. Foram encontradas sem determinação do local e não foi referida qualquer circumstancia da qual se possa deduzir a causa ou ideia de suas gravuras. Entretanto, os caracteres do antigo grego, com que são formadas, demonstram, por uma combinação artistica e approximativa aos nomes que representam, não

menos, que signos planetarios e divindades até então conhecidos. Assim, reproduzindo-os, fazemos acompanhar aos mesmos, outros mais tarde adoptados e até hoje admittidos, sendo notavel a semelhança entre alguns delles:

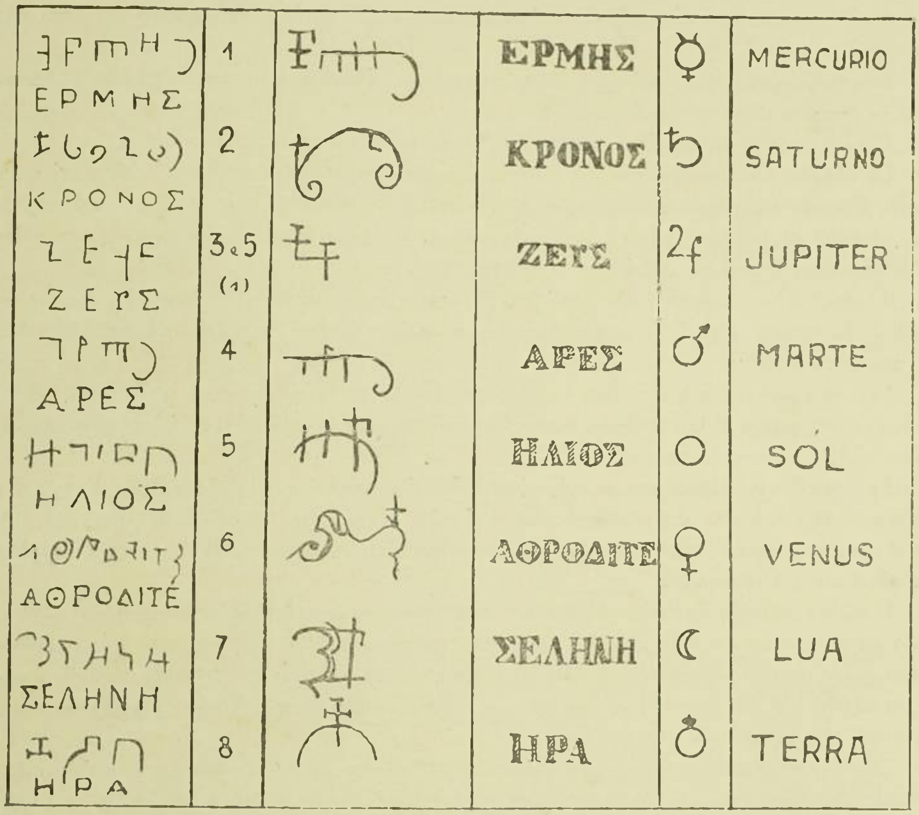


Fig. 1 237

Com effeito, são estes planetas conhecidos desde remota antiguidade e o affirma Ch. Seignobos, tratando da astrologia dos chaldeus, nestes termos:

"Na limpidez do céo da Chaldéa, os astros tinham um brilho muito superior aos do nosso céo brumoso. Os chaldeus observando que alguns destes astros mudavam constantemente de posição no meio dos outros, aprenderam a distinguir os planetas das estrellas.

Encaravam elles os cinco planetas, Mercurio, Venus, Marte, Jupiter e Saturno, assim tambem o Sol e a Lua, como manifestações especiaes dos Deuses. Cada planeta representava uma divindade e tinha o seu nome.

Os chaldeus pensavam que os astros manifestavam a vontade dos deuses, e que se podia, estudando seus movimentos, adivinhar o que se ia passar sobre a terra (outro planeta). Os padres eram ao mesmo tempo adivinhos, que prediziam os ventos, as chuvas, as inundações, as grandes calmarias, as bôas e más colheitas, tambem previam os acontecimentos politicos, a morte dos reis, as guerras e as derrotas.

(1) A 3ª e 5ª juntamos em uma só figura, como deveria ser; ao contrario, teriamos a duplicidade de um mesmo signo.

O que, porém, tornou sobretudo celebres os adivinhos chaldeus, entre todos os povos antigos, foi a arte de prever a sorte de cada homem.

Elles imaginavam que a posição dos astros, no momento em que nasce uma criança, indica de antemão todo seu destino.

Cada homem tem sua *estrella*, cuja influencia, feliz ou infeliz, persiste em toda sua existencia.

Era sufficiente saber sob que astro nascera um homem para predizer sua sorte, ao que os gregos chamavam *horoscopo*.

Elles chamam *astrologia* a esta adivinhação pelos astros.

Os chaldeus observando o céo fizeram tambem descobertas que se verificaram mais tarde; tiveram a fortuna de calcular os movimentos dos planetas e de prever os eclipses da lua; reconheceram que o anno se compõe de 365 dias $^{1}/_{4}$; inventaram o quadrante solar e, finalmente, foram os criadores da *astronomia*".

Abstrahindo o historico dos planetas, passamos a definir as suas funcções, apenas na medida do tempo, repetindo resumidamente as palavras de Flammarion, ás ps. 126 e 133 de sua obra citada:

"Nossos antepassados viviam em communicação mais intima com a natureza. Não tinham elles, nem a vida artificial, nem a hypocrisia, nem os cuidados criados pelas necessidades ficticias da vida moderna.

Foram elles que lançaram as primeiras bases das sciencias pela observação directa dos phenomenos naturaes. Se a astronomia é a mais antiga das sciencias, a observação da lua é a mais antiga de todas as observações astronomicas, porque ella foi a mais simples, a mais facil e a mais util.

O globo solitario da noite derrama a sua doce e calma claridade no meio do silencio e do recolhimento da natureza. A succession de suas phases proporcionou aos pastores como aos viajantes a primeira medida do tempo, depois da do dia e da noite, devida á rotação diurna de nosso planeta. O crescente lunar em sua melancolica claridade dá na natureza um calendario pastoral"...

"Foram as phases e os aspectos da lua que deram origem outr'ora ao uso de contar o tempo por mezes e semanas de sete dias, por causa da volta da phase da lua em um mez e da nova forma que ella tema mais ou menos de sete em sete dias.

Tal foi a primeira medida do tempo, porque não havia no céo nenhum signal cujas differenças, alternativas e epochas fossem mais notaveis"...

"A semana tambem, como vimos, teve por origem a lua, e é a medida natural criada pelas suas quatro phases. Tambem ella é de uma origem muito antiga. Os egypcios, os chaldeus, os judeus, os arabes e os chinezes tinham-n'a em uso desde os tempos mais remotos.

Os sete primeiros astros da mythologia antiga, sendo em numero igual ao dos dias da semana, foram considerados como os seus divinos protectores e os nomes que estes dias têm ainda hoje provêm do sol, da lua e dos cinco planetas como é facil verificar:

Dimanche	*est*	*le*	*jour*	*du Soleil*
Lundi	»	»	»	*de la Lune*
Mardi	»	»	»	*de Mars*
Mercredi	»	»	»	*de Mercure*
Jeudi	»	»	»	*de Jupiter*
Vandredi	»	»	»	*de Venus*
Samedi	»	»	»	*de Saturne*

Da mesma maneira é em quasi todas as formas modernas.

Todavia a Igreja, em sua linguagem Canonica, não acceitou este modo ou esta norma pagã, ou antes estes nomes pagãos e chama assim os sete dias:

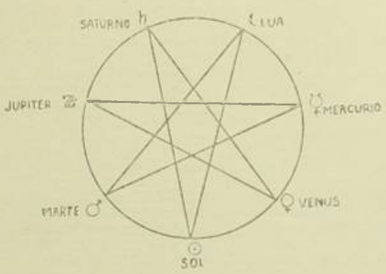
Dominica
Feira segunda
Tercia
Quarta
Quinta
Sexta
Sabbato legs israelitas

A ordem das denominações, que não é a do brilho dos astros, nem a de seus movimentos e de suas distancias, tem uma origem astrologica que se encontra traçando a figura que se segue.

Sobre este diagramma colloquemos os sete astros errantes, conhecidos dos antigos, na ordem de suas distancias, admittidas nesta epoca antiga, isto é:

A Lua ☾
Mercurio ☿
Venus ♀
O Sol ☉
Marte ♂
Jupiter ♃
Saturno ♄

Colloquemos, diziamos, a distancias iguaes, ao longo da circumferencia e unamol-os um ao outro por corda: formaremos assim uma figura cabalistica muito apreciada pelos antigos astrologos, *heptacorda*, estrella de sete raios, inscripta em um circulo:



Origem astronomica dos dias da semana
Fig. 1.238

Pois bem! Partamos da Lua, sigamos a linha que nos conduz para Marte, d'ahi uma outra linha nos leva a Mercurio, deste uma outra que vai a Jupiter, de Jupiter a Venus de Venus a Saturno e deste ao Sol, e voltaremos á Lua depois de ter nomeadõ os sete *dias da semana em sua verdadeira ordem*".

"E' difficil saber-se com authenticidade se realmente é esta a forma da denominação dos dias da semana, porque Dion Cassius, historiador grego do II seculo, apresenta dois outros systemas divergentes deste, nos quaes não deixavam de figurar os planetas.

Seja qual for o systema adoptado, o ponto interessante para nós, é saber que a divisão do tempo por periodo de sete dias é da mais alta antiguidade, e devida ás phases da Lua, mas não foi uzada por todos os povos, pois os gregos e os romanos não se serviram della: os primeiros contando semanas de 10 dias (decadas) e os segundos por calendas, idos e nonas".

Portanto, isto leva a crer que as inscripções, de que ora nos occupamos, representam nomes em caracteres gregos, symbolicos, dos planetas ou divindades então reverenciados, em cuja nomenclatura se encontra a Terra.

Lamentamos que (dispersos como foram encontrados estes symbolos) não se possa dar a interpretação de seu verdadeiro fim, como acabámos de fazer ás suas formas caracteristicas e significativas. Mas é finalmente certo, que estes planetas ou divindades são a cada passo encontrados, gravados de forma variadissima, em todas as regiões do nosso paiz, onde passaram ou se localisaram os povos da nossa prehistorica civilisação. Nestes numerosos fragmentos a Grecia terá irrefutaveis elementos epigraphicos para completar, por sua vez, sua importante historia.

*

Eis finalmente não só valiosas inscripções, como tradições historicas; aquellas mais ou menos, por nós interpretadas, e estas resumidas. São subsidios para a prehistoria da America e com vantagem podem auxiliar investigações ou coordenações, que queiram fazer sabios e philologos, sobre as migrações ou estabelecimentos dos Gregos na America, que Plutarcho denominava "Continente Chroniano". Para estas migrações, convém lembrar: possuiam elles, como dito ficou, consideravel fróta.

Definidas, como ficam, as series de consideraveis analogias, factos que se relacionam com as presentes inscripções, desnecessario será repetir suas conclusões, subentendidas na breve exposição que acabámos de levar a effeito.

A cidade abandonada e suas inscripções não constituem mais elemento isolado, como vinha acontecendo. Merecia a incredulidade e criticas injustificadas, quanto á sua existencia, entretanto póde-se consideral-a hoje parte real, identificada a outros centros archeologicos, com suas alternativas nos sertões dos Estados da Parahyba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Piauhy, etc., como relatam suas inscripções, de immediata affinidade e inconfundivel semelhança.

Cremos finalmente que as incripções do local referido demonstram ser de origem grega a cidade, testemunho valioso e elemento archeologico por conseguinte. Nella proceder-se-á, uma vez encontrada, a interpretação minuciosa de suas historicas epigraphias e o estudo de seus não menos importantes monumentos, concorrendo isso como mais um elemento positivo, além dos já conquistados, sobre os estudos prehistoricos da nossa Patria. E' possivel que esses fragmentos tenham sido sepultados nas grandes e medonhas aberturas da terra, de que fala a descripção; que o terreno assim transformado offereça hoje outra apparencia e, ainda, que os tentamens levados a effeito, para encontral-os, não tenham sido cuidadosos e pacientes, como requer a natureza do trabalho.

*

Em a seguinte nota, offerecem-nos agradavel ensejo, os *Annaes do Archivo Publico do Museu* do Estado da Bahia, anno IV, vols. VI e VII, de transcripção á exposição elabo-

rada pelo Conego Benigno José de Carvalho e Cunha, com referencia a este importante assumpto:

"Encarregado pelo Instituto de indagar o que houvesse de importante acerca da "Cidade abandonada" nos sertões deste imperio, appliquei-me todo a este assumpto desde que voltei do Rio de Janeiro (1 de Novembro), com destino de aproveitar minhas ferias em viajar por esse respeito, logo que pudesse fixar um termo, ao menos provavel para minha derrota. Um mappa circumstanciado da America Meridional, de que me fez favor o Sr. Arcebispo e as informações que colligi de muitas pessoas e especialmente do Sr. Dr. Remigio Pereira de Andrade, natural de Minas, de idade de 73 annos e que tinha viajado boa parte destes sertões, e Sr. Desembargador Mascarenhas, que desde Rio de Contas, onde foi ministro, tinha atravessado a Serra do Sincorá e as terras entre o Paraguassú e Una. Junto com a relação publicada pelo Instituto foram os elementos de minhas conjecturas provaveis acerca da situação desta antiga cidade, que me permittiram fixar minha projectada viasgem do Rio de Janeiro, levando todo este tempo, desde Novembro, em exame, hypothese e preparativos".

"Não tendo faltado quem metta a bulha minha diligencia neste artigo, reputando fabula "a Relação dos aventureiros de 1753"; eu, porém, não descubro n'ella nem motivos de o desconfiar, pois nada ha alli que cheire a invenção poetica e será impossivel descortinar uma razão de gloria ou interesse, que pudesse estimular uma tal licção; e como lembrariam a mineiros os caracteres gregos, ou romanos? antes noto nesta "Relação" certa simplicidade e desalinho, como de quem escreve sem estudo, pois nem se guarda ordem na exposição dos factos, contendo depois o que devia ser narrado em seguimento, se o escripto ou pintado; mostra que foram escriptos os factos á proporção que iam lembrando, como se vê na "moeda cunhada" que um d'elles achou".

"Diga lá cada um o que bem lhe parecer; o certo é que vi coroadas minhas diligencias e realizadas minhas conjecturas, senão com toda certeza, por me não caber no tempo e meios e prefazer minha viagem ao menos com uma probabilidade que se approxima muito da certeza".

"Vou expôr primeiramente como fixei minha jornada e ao depois os testemunhos colhidos, na minha viagem a Valença, que confirmaram tão poderosamente minhas felizes conjecturas. Notei que os aventureiros que escreveram a "Relação", desceram pelo rio que corre defronte da cidade, gastaram tres dias até a catadupa e escreveram logo depois de sua descida dos rios Paraguassú e Una, entre Valença e Cachoeira, ou o que me parece melhor, de terras que medeiam entre o Una e o Paraguassú pequeno, que vae desaguar na mesma bahia do morro logo adiante de Jequiriçá, muito perto de Valença, onde estão situados hoje á beira-mar, Valença, Mapendipe, Jequiriçá e no interior de S. Felix, Santa Ignez, Areia e Maracá.

Ha outro Una no sertão desta provincia que desembocca no oceano, muito para lá do Rio de Contas, ao sul da villa de Olivença, está claro que deste não falla a "Relação", aliás diria que escreveram dentre o Una e o Rio de Contas e não do "Paraguassú Una", e muito menos se trata aqui do outro "Una" que nasce da serra "Garanhuns", na provincia de Pernambuco: logo a serra atraz da qual está situada a cidade e o rio, que defronte corre, devem ficar na direcção a Oéste d'estas terras, d'onde data a "Relação"; conseguintemente a serra Sincorá, situada neste rumo, cuja extremidade a E'ste fica acima de Valença tres ou quatro dias de jornada, é o logar indicado na "Relação" onde deve encontrar-se a cidade abandonada. Depois desta conjectura, que me pareceu bem fundada, passei a informar-me

das particularidades desta terra, tendo sempre em vista a "Relação" publicada: soube 1°, que é talvez a mais alta e inaccessivel que têm os sertões da Bahia, vista da parte do Norte e eriçada por grandes penhas, em que brilham muitos crystaes: e seu cume está sempre coberto de densa nevoa até ás 11 horas ou meio dia; 2°, que não tem mais do que uma tromba da parte Norte, pela qual se faz accessivel seu cume; 3°, que esta tromba ou estrada aberta desde a raiz até o alto da montanha e formada em zig-zag (perdôe-se-me esta expressão), leva duas ou quatro horas a subir e mostra ter sido rompida á força de braço humano e entre outras que por ella tem transitado, me affirmou isto o tal Desembargador Mascarenhas; 4°, que desde a povoação de Sincorá até a entrada desta estrada vão duas leguas e não ha rio ou mato que embarace o viajante, são geraes; e tudo isto se conforma com a "Relação" dos aventureiros".

"Ora, que a abertura d'aquella estrada ou "tromba" não é devida ao governo portuguez, é indubitavel, aliás deveria constar por escripto ou tradição o auctor e concurrentes para uma obra de tanta monta e trabalho, como é a de romper tão alcantilada montanha, e a epoca pouco mais ou menos da execução; mas tudo se ignora; os povos que habitam confiantes nem hoje teriam força e resolução para tamanha empreza; além de que todas estas povoações datam apenas de 40 ou 50 annos para cá, como me affirmou em Valença um velho chamado F. Logrado, que conta 100 annos de idade, residente alli ha 50 annos, dizendo-me que quando foi para esta villa só havia nella 18 casas, das quaes me mostrou ainda uma defronte de sua morada e Valença é sem duvida a maior de todas as povoações que hoje existem entre Una e o Paraguassú até a povoação do Sincorá; portanto, forçoso é confessar que o rompimento desta serra é obra de povos anteriores á descoberta do Brazl pelos Portuguezes".

"A serra do Sincorá se estende d'E'ste a Oéste entre 44 e 42, de longitude, acaba pouco antes da Villa do Rio de Contas: desde a "tromba" até esta villa fazem 12 leguas; a Oéste desta serra corre de Norte a Sul o rio Sincorá, que vai desaguar, no Rio de Contas; para este rumo correm tambem o Arêas, Rio Preto, Rio Pires, Rio das Pedras, Rio d'Agua Branca, Manaquerú, Oricoguassú, os quaes todos vão enriquecer o Rio de Contas, e nascem pela maior parte nas immediações da serra; a E'ste desemboccam no mar os rios Marahú, Cachoeiras, Ararahy, Igarapinos, Serinhaen, Jiquié, Una (Rio de Valença), Paraguassú pequeno. O Paraguassú grande, nascendo nas immediações da Chapada e Orobó, forma em sua corrente um grande cotovello que se approxima da serra do Sincorá, e dahi volta pela cidade de Cachoeira a desaguar na Bahia ao Noroéste, defronte da Ilha de Itaparica. No cimo desta serra, da banda do Sul, nasce um só rio que no mappa não traz nome; acompanha a cordilheira, correndo de Oéste para E'ste e dando aqui volta á serra vai precipitar-se ao Norte d'ella, nesse cotovello do Paraguassú, dois dias de viagem a Oéste de Maracás; o seu fontanel fica em 43,6' de longitude, 13,40' de latitude. Na margem esquerda deste rio, a que os povos circumvizinhos chamam "Banco do Sincorá", a legua e meia da tromba pouco mais ou menos, é que deve estar a "Cidade abandonada", pois que todas as circumstancias deste logar quadram com a "Relação" publicada".

"Aqui fechei portanto o termo de minha viagem. Devia, por consequencia, segundo o roteiro que me apontou o Desembargador Mascarenhas, embarcar na Bahia para qualquer dos portos, ou Estiva, ou Nazareth, Cachoeira ou Jaguaripe, d'ahi passar a Lage, Maracás, Fazenda das Flores, povoação do Sincorá, subir a tromba da serra, e demandar a cidade pelo mesmo trilho dos aventureiros de 1753; por este roteiro gastava 14 dias de ida e outros tantos de volta, fazendo a jornada escoteira. Eu não tinha senão 35 dias até

a abertura das aulas e achei que por este caminho os gastos com cavalgaduras excediam minhas forças pecuniarias, por me ser preciso levar companhia, roupas e mantimentos e além disso as jornadas diarias ser forçadas de 10 e 11 leguas para poder encontrar agazalho ou "rancho", como aqui lhe chamam. Resolvi-me, portanto, a embarcar para Valença, donde julguei-me ficava mais perto o termo de minha jornada, ou ao menos o "Braço do Sincorá" pois no caso de poder penetrar ao sitio onde julgava dever encontrar a cidade — por me caber no tempo, visto estar proximo o fim das ferias, assentei que podia reconhecer algumas circumstancias importantes, que ainda me faltavam, como si o "Braço do Sincorá", tinha catadupa, se espraiava muito da queda e formava algumas peninsulas, se na "margem oriental havia minas ou socavos"; porque encontrando estes indicios marcados na "Relação", ainda que não pudesse observar a cidade, ficava, comtudo, certo da sua existencia na margem d'aquelle rio, ou estivesse ainda em pé, ou desmantellada; e para outras ferias voltaria".

"Com este pensamento embarquei para Valença no dia 4 de Fevereiro corrente, pelas 9 horas da manhã, acompanhado de um moço que se dispoz por seu gosto a fazer commigo a viagem. O Exm°. Sr. Paulo José de Mello, digno Presidente desta Provincia me franqueou uma portaria para auctoridades locaes por onde passasse, afim de coadjuvar-me; e me prestaria mais auxilios, se na verdade pudesse, pois me manifestou a melhor vontade. Cheguei a Valença no dia 5 e me hospedei em casa do meu amigo o Illm°. Sr. João Antonio de Vasconcellos, meritissimo Juiz de Direito d'aquella Comarca, e quando já tinha mandado alugar bestas para cargas e cavalgaduras, as quaes apezar da escassez da terra neste genero, o mesmo Sr. Juiz tinha feito apromptar, começou a chuva, que continuou todos os dias seguintes, e tornou impraticaveis as estradas; ao mesmo tempo soube que me eram precizos muito mais dias de jornada, e mesmo para examinar a catadupa do *Braço do Sincorá*; contentei-me então com as informações que pude colher de varios sujeitos d'aquella villa, e especialmente do Sr. Antonio Joaquim da Cruz, marchante de profissão, que tinha viajado todas aquellas terras vizinhas do Sincorá, e dous dias de viagem acima della e todas as pessoas principaes da Villa me abonaram este homem para informar-me a este respeito".

"Pelas suas informações soube que a cidade está encoberta a E'ste por mattas, que elle se não atreveu a passar quando subiu acima das catadupas; que o *Braço do Sincorá*, se despenha desta elevada catadupa por differentes boccas com um grande ruido, e fórma varias peninsulas de verdura; e que na sua margem oriental ha muitas e mui profundas minas, algumas abertas em penhas que formam abobadas, debaixo da qual se caminha ao principio em plano, e depois rematam em fauna insondavel; contou-me um phenomeno que se observa n'aquelle socavão e é que de quando em quando rebenta por suas boccas horrivel estampido; elle attribuia isto á grande quantidade de ouro e prata que continham; a razão, porém, deste phenomeno é bem clara: aquellas minas estendiam até debaixo do leito do rio, estando arrombadas pelo decurso do tempo, uso e movimento das aguas, e agua que entra pelas sombras em toda aquella extrema bacia que firma o rio depois de sua quéda, impelle com violencia o ar d'aquellas cavidades, que, dilatando-se rapidamente pela garganta das minas, estoura nas boccas como um canhão disparado. Estas informações, com effeito, me aliviaram em parte a magoa de não poder continuar minha viagem, pois este pratico me affirmava que para fazer esta jornada sem risco de minha saude e vida, e sem estragar cavalgaduras, devia contar com 50 dias para ir e outros tantos para voltar; ficou de me preparar cavalgaduras e conducção para o principio de Novembro proximo e que elle mesmo me acompanharia".

"A estas informações accresce a tradição dos velhos d'aquellas povoações, desde Valença até Sincorá, de que atraz desta serra ha uma cidade antiga; mas revestem esta historia de muitas fabulas, como costuma acontecer, porque uns dizem que esta cidade foi subvertida por um terremoto, outros que por diluvio, alguns affirmam que ella existe, mas que nella está um dragão que traga quem de lá se approxima, outras dizem que quem lá vai não volta; e a este respeito me contaram uma anedocta de certo coadjuctor que foi a desobriga por aquelles sitios e nunca mais appareceu, etc. Todas estas testemunhas confirmam admiravelmente minhas conjecturas e primeira hypothese, de sorte que já não posso duvidar de que é alli, na serra do Sincorá, da parte do Sul, e na margem esquerda no Braço de Sincorá, que eu devo buscar a cidade abandonada".

"Tenho para lá dois caminhos, um pelo roteiro do Sr. Desembargador Mascarenhas, que já expuz e outro pelo Sr. Antonio Joaquim Cruz; este quer que vamos subindo pelo Braço do Sincorá até a catadupa e d'ahi a tres dias de viagem estamos na cidade; este caminho é mais longo e solitario, porém é mais util por ser borda d'agua, leva estrada desde que se chega ao rio, abundante de pessoal e caça para nosso alimento, e ha ahi occasião de observar certas picadas antigas, e ver onde conduzem: é o caminho inverso de que trouxeram os aventureiros quando desceram da cidade; e seguindo esta estrada e descendo pela tromba da serra, terei melhor ensejo para observar a celebre gruta de alabastro que não está escripta e fica quatro leguas distante da povoação do Sincorá; o Sr. Desembargador Mascarenhas, que já lá entrou, me disse é mui admiravel e se entranha por debaixo da terra até que se apagam os archotes". (1)

"Benigno José de Carvalho e Cunha".

---

(1) "Vide sobre o assumpto a Conferencia do Dr. Lindolpho Rocha, no Inst. Hist. da Bahia".

«A Rev. Trimensal do Instit. Hist e Geogr. do Brazil, de 1845, tratando da excursão do Conego Benigno Cunha, diz que não fôra levada a effeito por fallecerem os meios para esse fim.»

CAPITULO XVI

A inscripção da Pedra Lavrada no Estado da Parahyba (Brasil). Signos, emblemas, symbolos signos celestes, astros, constellações, etc.

O precioso exemplar da Inscripção da PEDRA LAVRADA no Estado da Parahyba, de que ora nos vamos occupar, encontra-se em gravura n. 36, no volume 50 da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de 1887. Tem ella merecido attenção de varios e notaveis scientistas.

Longe de pertencermos a este grupo, permitta-se-nos emittir sobre o assumpto nossa humilde opinião. Em taes condições, confessamo-nos inclinados a admittir a sensata persuasão do illustre Sr. José Fabio da Costa Lyra, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Parahybano, externada, não só sobre esta, como, sobre algumas outras inscripções identicas, em o seu elucidativo trabalho — AS ANTIGUIDADES DO BRASIL — publicado na Revista do referido Instituto, volume e anno I°, de 1909.

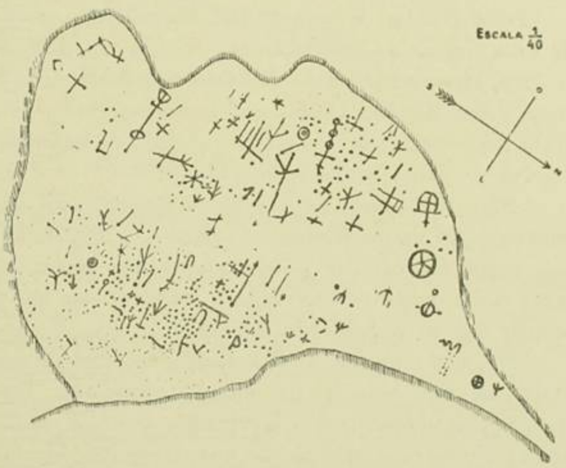


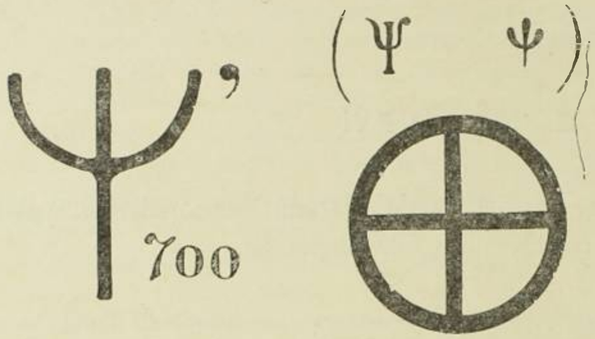
Fig. 1239 — Inscripção da Pedra Lavrada no Estado da Parahyba

Eis a sua preliminar e seus subsequentes conceitos, resumidamente:

"Em todos os paizes e entre todos os povos, foi sempre a archeologia tratada com especial cuidado e os sabios, que estudaram os acontecimentos passados nos primeiros dias da historia da humanidade, foram encontrar a chave ou resultado de suas investigações sobre o pó que a mão destruidora dos seculos escondeu nas ruinas dos monumentos prehistoricos : nos hieroglyphos, onde a imaginação humana, cançada de vacillar, tantos juizos infundados tinha concebido, tantas interpretações erroneas tinha affirmado. Achou a paciente e methodica investigação, o mysterioso oraculo que veio esclarecer muitos pontos da nossa historia antiga, tidos por apocryphos ou espurios".

"Somente em nosso paiz e especialmente no Estado da Parahyba, onde os mais preciosos documentos do passado prehistorico do homem americano se encontram espalhados em quasi toda extensão do seu solo virginal, se têm descuidado os competentes na materia". ([1])

"Parece-nos de summa importancia o estudo da archeologia e cumpre, que os nossos homens de lettras se dediquem a este importante estudo, que os governos o tomem sob especial protecção e que todos os que desejem o engrandecimento futuro do nome brasileiro recolham nos celleiros das preciosidades historicas os documentos scientificos que o mesmo Brasil encerra e que se acham abandonados pelo indifferentismo".



Figs. 1240 e 1241.— Signos, emblemas, symbolos, signos celestes, astros, constellações, etc.

"A pouca conta que se tem feito das preciosidades prehistoricas que nos nossos campos são entregues á devastação do arado do tempo, ou á mão perniciosa do curioso aventureiro, é o attestado que nos ha de condemnar um dia perante a posteridade que será mais cuidadosa de conhecer o passado que se distancia.........................."

Trata o autor de um relatorio, no qual fez resumir notas e desenhos de inscripções, em uma viagem de exploração que fez pelo municipio de Cabaceiras, no começo de Julho de 1905, em companhia do distincto desenhista e cultor de archeologia o Sr. Pedro Joaquim Vellez Botelho. Destas inscripções extrahiu copias authenticas e as remetteu ao Instituto Archeologico de Pernambuco, sendo de lamentar não terem sido ainda publicadas.

Na 3ª parte, assim se manifesta :

"Não póde pairar no espirito do homem mais ignorante, que se tenha quedado na contemplação destes monumentos que a antiguidade vellou, a desconfiança de que as inscripções encontradas sobre os rochedos sejam obra dos caprichos da natureza; e quem assim quizer pensar nega a realidade por um pyrrhonismo condemnavel, ou não se quer dar ao trabalho de dedicar-lhe o mais ligeiro exame".

"Ha, nos rochedos do Brasil, duas especies de inscripções: a esculpida e a pintada. Ambas são representadas por traços e caracteres desconhecidos, como uma imitação da escripta cuneiforme; porém a primeira, isto é, a esculpida, representa uma variedade de figuras geometricas, muitas das quaes perfeitas, algumas parecendo-se muito com certas letras do nosso alphabeto, outras com numeros arabicos".

"Semeados no meio da confusão das imagens, destacam-se monogrammas inintelli giveis e cruzes, ora isolados, ora entrelaçados, e tudo isto se vê tão uniformemente cravado na rocha granitica, que o explorador ao contemplar o diria ter custado aquelle tra-

(1) Em nota, diz a Redacção da Revista: "O Estado da Parahyba offerece ao archeologo um grande campo de exploração destas inscripções. Fizeram referencias ás suas preciosidades: o grande scientista hollandez Elias Herchman, que visitou o interior em 1641, Koster em 1810 e outros.

Mais recente é porém a investigação do engenheiro Retumba, que, tirando copia de uma inscripção da Pedra Lavrada e submettendo-a á apreciação do grande orientalista francez Ernesto Renan, foi por este considerada de origem phenicia". Esto estampa acha-se na obra: "*As duas Americas*" do Sr. Candido Costa. pag, 43.

balho herculeo ao paciente artifice que não podia ter se servido de outro instrumento a não ser a propria, digo, a não ser a pedra, como judiciosamente pensou o illustrado engenheiro Retumba".

"A segunda, isto é, inscripção a tinta, representa grosseiramente os objectos pintados

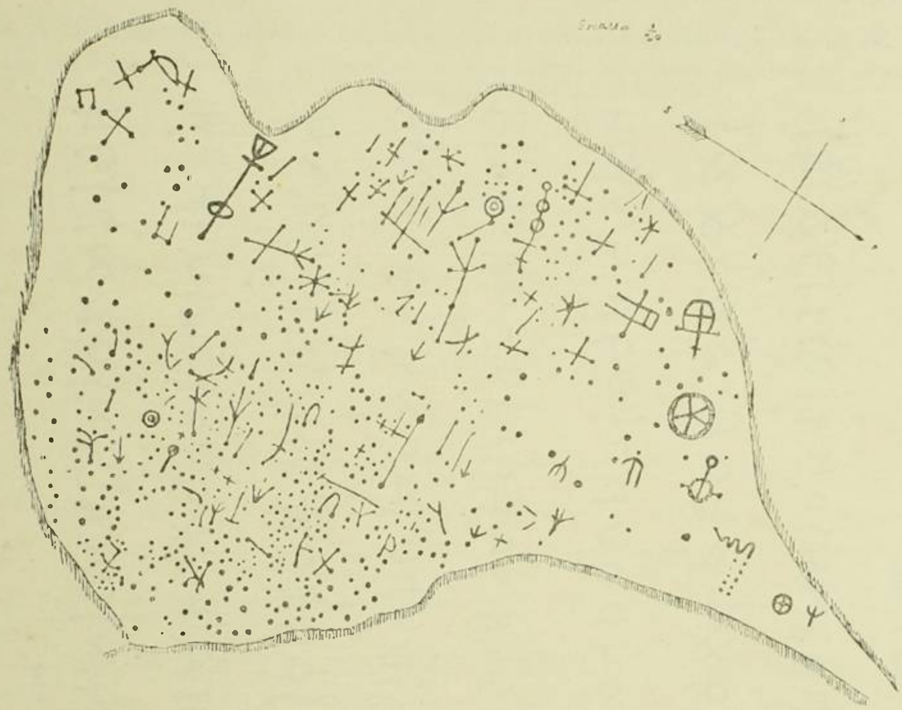


Fig. 1.242 — Inscripção da Pedra Lavrada na Provincia da Parahyba

por mão mais rustica, ou melhor, representa os traços mais imperfeitos que os da esculptura gravada".

"Muito variavel é a côr das tintas dessas inscripções que passa do encarnado escarlate ao vermelho alaranjado"..

"A tres leguas a oéste do legendario e decadente povoado Boqueirão, na margem direita do rio Parnahyba, sob um lençol prateado em campo de esmeraldas, estende-se a colossal massa granitica de que nos occupamos, medindo approximadamente 12 metros de comprimento; e n'ella vê-se, desde 15 palmos de altura, até o rés do chão e ainda enterrada em depositos de aluviões, uma grande quantidade de inscripções desconhecidas, muitas d'ellas nos dando a ideia de certas letras, além de uma variedade de symbolos".

".."

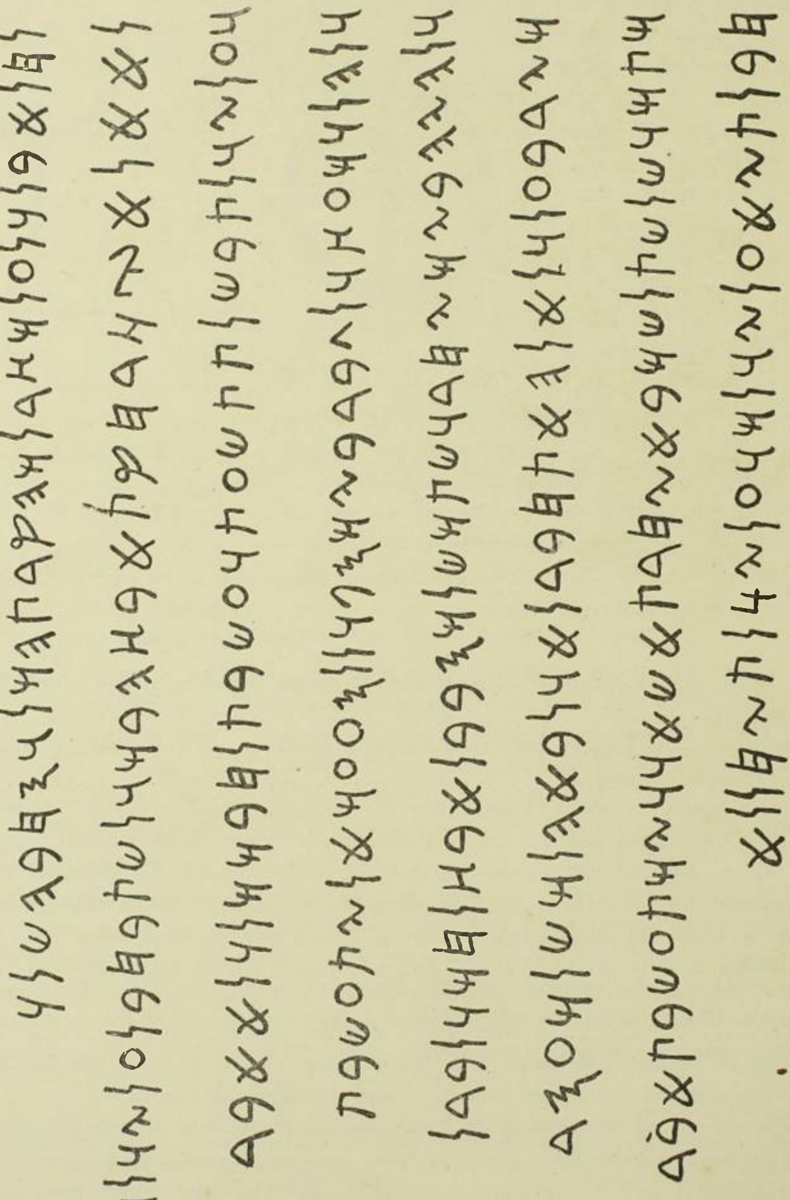
Depois de outras descripções de valiosos alcances, em sua quasi totalidade compativeis ao mais perfeito raciocinio, termina o autor tratando da figura 8ª.

"Vê-se que a mão de dois artistas differentes representou os dois primeiros ramos de artes no novo mundo; resta portanto saber qual foi a mais antiga e por conseguinte qual a que melhor se póde prestar a fornecer os dados que precisamos para descobrir a extremidade da cadeia que nos prendeu um dia á familia universal em seu leito de infancia".

"Ahi estão os ultimos vestigios da passagem de um povo extincto, ainda no Brasil prehistorico; estou convencido de que com estudo comparativo poderão os archeologistas recompôr a prehistoria até hoje enfeitada com hypotheses razoaveis ou absurdas".

*

No intuito de melhor esclarecer o presente assumpto, referente á inscripção da *Pedra Lavrada*, trasladámos para aqui alguns topicos da memoria já citada, elaborada pelo



FAC-SIMILE DE L'INSCRIPTION

Fig. 1.243

Conselheiro Alencar Araripe, nos quaes, commentando, reproduz o Relatorio do Engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba, dirigido ao Presidente da Provincia da Parahyba, em 7 de Julho de 1886. (1)

".. Já mesmo antes de deixar a capital da Parahyba me constava existir no sertão grandes pedras cobertas de inscripções incom-

VERSION HÉBRAÏQUE PAR L. NETTO

נהן אבו כנענם צדנם ה־קרת ה־׳׳ מלד סחדה שלד

sortirent à commerce roi (du ?) (cité royale) cité (qui de) la Sidoniens les Canaaniens (cette) pierre Ont dressé

לא אנאי ···ז··· רחקת ארץ הרם ונשת בחר ל־ עליונם

Dieux des choisie aride et montagneuse terre l'éloignée (par ?) moi sans

ו־עליונ(ו)ת תשעת ב־שנת ו־עשרת ל־חרם מלכנא אבר

puissant notre roi Hiram de dixième et neuvième (dix-neuvième) l'année dans Déesses et

ונהלד מ־עצין-נבר ב־ים־סף ונסעעם אנית עשרת ו נהיה

sont restés et dix en navires le peuple levèrent et la mer rouge dans Asiongaber de partirent et

ב־ים יחדו שתם שנם סבב ל־ארץ ל חם ונבדל מ־רבצ

élevé chef du (commandant) furent séparés et l'Egypte de la terre de autour deux années ensemble mer en

ו־לא־נה את חברנא ונבא הלם שנם עסר מחם ו־שלשת

trois et hommes dix deux fois (douze) ici sont arrivés et (leurs) compagnons de s'éloignèrent et

נשם ב־אי חדת אש אנכי מתעשתרת אבד חבלתיא··

ai pris**** malheureux Metuastarte (puissante serviteur d'Astarté) moi que inconnue (cette) côte dans femmes

עליונם ו־עליונ(ו)ת יחננא

aient pitié de moi les Déesses et Que les Dieux

Fig. 1243 A

CE MONUMENT DE PIERRE A ÉTÉ DRESSÉ PAR DES CANAANÉENS SIDONIENS QUI, POUR ALLER FONDER DES COMPTOIRS EN PAYS ÉLOIGNÉ, MONTAGNEUX ET ARIDE, SOUS LA PROTECTION DES DIEUX ET DES DÉESSES, SE SONT MIS EN VOYAGE DANS LA DIX-NEUVIÈME ANNÉE DU RÉGNE D'HIRAM, NOTRE PUISSANT ROI. ILS PARTIRENT D'ASIONGABER, DANS LA MER DES JONCS (LA MER ROUGE), APRÈS AVOIR EMBARQUÉ LES COLONS SUR DIX NAVIRES ET ILS NAVIGUÈRENT ENSEMBLE LE LONG DE LA CÔTE D'AFRIQUE PENDANT DEUX ANS. ILS FURENT ENSUITE SÉPARÉS DU COMMANDANT DE LA FLOTTE ET ENTRAÎNÉS LOIN DE LEURS COMPAGNONS. ILS SONT ARRIVÉS ICI DOUZE HOMMES ET TROIS FEMMES SUR CETTE CÔTE INCONNUE, DONT MOI, LE MALHEUREUX MÉTU-ASTARTÉ (SERVITEUR DE LA PUISSANTE ASTARTÉ) AI PRIS POSSESSION. QUE LES DIEUX ET LES DÉESSES ME SOIENT EN AIDE.

(1) Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. T. 50, fls 235-237.

prehensiveis. A este proposito chamaram minha attenção para uma carta escripta pelo Dr. Ladisláo Netto ao Sr. Ernesto Renan, em França, na qual o referido Doutor pretendia provar ser apocrypha uma inscripção, que se havia encontrado na Parahyba, e que, submettida á apreciação do sabio francez, fôra declarada ser de origem phenicia". (1)

"Li o trabalho do Dr. Ladisláo Netto, e deixei-me persuadir mais pela cathegorica affirmação do nosso illustrado compatriota do que pela força dos argumentos, que produziu em apoio d'ella. Por outro lado comprehende-se facilmente, que, a ter sido real a existencia d'essa inscripção, não é de modo nenhum na Parahyba do Norte que se deve procurar vestigios d'ella, sim, porém, na Parahyba do Sul, onde existem com effeito diversas localidades com o nome de Pouzo-alto, que é, como se sabe, a denominação do logar onde se pretende ter sido achada a alludida inscripção".

"Todavia julguei prudente não abandonar de todo o assumpto, e em qualquer parte onde chegue vou procedendo a averiguação a respeito, já se vê, sem resultado satisfactorio".

"De todo, porém, não foi perdido o meu trabalho, pois me conduziu á descoberta de outras inscripções, que o povo chama letreiros ou pinturas, as quaes, como já disse, são de subido valor. Consistem ellas em riscos e linhas rectas e curvas, ás vezes combinadas, formando uma especie de hieroglyphos ou caracteres difficeis de se interpretar. Esses caracteres se encontram pintados em gigantescas pedras ou em serras altissimas, quasi todos logares de difficil accesso. Cada um dos caracteres, que formam a inscripção, se acha perfeitamente separado do caracter ou da letra seguinte, de modo a não existir confusão alguma".

"Encarnada é em geral a tinta de que se serviam para pintar semelhantes inscripções, que pela maior parte são collocadas ao abrigo das chuvas".

"Foi em Gengibre, segundo a linguagem official, ou Belém, na linguagem do povo, que pela primeira vez tive a occasião de observar semelhante curiosidade, depois fui encontrando outras, outras e mais outras; afinal, Exmº. Sr., não ha parte do sertão nenhuma onde se não as encontre a cada passo".

"Dei-lhes a principio pouca importancia, sobretudo em face da credulidade popular que, desde Gengibre até Pombal, é unanime em attribuir a origem d'ellas aos Hollandezes ou Flamengos, como dizem os sertanejos, que em grande parte estão firmemente persuadides de que annunciam taes letreiros a existencia de thesouros ou dinheiro enterrado. Tão innumeras como ôcas de sentido são as legendas em que se fundam elles para ainda hoje conservarem intactas crenças de outr'ora, quando, como V. Ex. sabe, nunca afastaram-se os Hollandezes a mais de 20 leguas da costa".

"Em Sabugi existe até mesmo um riacho denominado do Flamengo, sem que haja quem lhe possa explicar a origem do nome".

"E' pois fóra de duvida, que só aos indios se deve attribuir a autoria das inscripções a que me refiro. Prova-o exhuberantemente o indelevel da tinta, que tem podido tão fortemente resistir ao rigor dos seculos; pois só aos indigenas pertencia ou pertence talvez ainda o segredo das tintas e côres fixas".

"Como já disse, me pareceram, em começo, insignificantes os letreiros de que se trata, mas, á medida que adiantava minha viagem, o interesse se me foi despertando. Notei

(1) Reproduzimos o fac-simile e traducção da inscripção referida, pela sua curiosidade. Sentimos não poder fazer o mesmo á carta dirigida pelo referido Dr. Ladisláo Netto ao illustre scientista Ernesto Renan, por ser muito longa.

O assumpto fóra escripto em 1872 e publicado em folheto no Rio de Janeiro em 1885, trabalho que recommendamos aos que se interessam nessa ordem de estudos.

bem depressa uma certa semelhança entre os caracteres de differentes inscripções, algumas das quaes se achavam a grandes distancias umas das outras; reparei que em um só letreiro, muitissimas vezes, encontrava-se o mesmo signal repetido; varias letras se me gravaram por tal forma na memoria, que sem demora as reconhecia em qualquer parte; por fim fui obrigado a convencer-me de que os indios possuiam uma escripta".

"Mais subiu de ponto essa minha convicção, quando posteriormente encontrei os mesmissimos caracteres, já não só pintados, porém gravados, claro e perfeitamente gravados na rocha viva. Já não pairava mais duvida alguma em meu espirito, a evidencia patenteava-se".

"Ao chegar em Pedra-Lavrada tive o insigne prazer de travar relações com o illustrado professor Lordão, em casa de quem me hospedei".

"O primeiro cuidado do digno professor foi: mostrar-me uma grande pedra contendo um letreiro de proporções vastas (est. 36, já em principio referida), motivo esse pelo qual, chama-a o povo Pedra-Lavrada. D'ahi o nome do povoado".

*

Eis o que nos foi possivel resumir com referencia ao historico conhecido, se bem que um tanto confuso, da inscripção denominada — Pedra Lavrada.

Della, com effeito, têm tratado varios e notaveis scientistas, entre elles o illustre Dr. Ladisláo Netto, do modo demonstrado em principio deste ultimo documento; o ethnologo Theodoro de Sampaio, interpretando varios de seus symbolos por: *tartaruga, kagado, rastos de ema* ou *pés de aves, arcos e flexas, escudos*, etc. (1); o orientalista Ernesto Renan, considerando-a de origem *phenicia* e outros, finalmente, do modo que acabámos de expôr, transcrevendo suas proprias palavras.

Sentimos ter de divergir quasi em absoluto do modo por que tem sido interpretado este monumento archeologico. Acceitamos apenas a opinião do illustre Sr. Costa Lyra, que, por nossa vez, vamos em grande parte confirmar.

Pedimos entretanto a devida venia aos competentes, para apresentar nossa interpretação. As condições de vetustez desse labôr paciente e difficil, levado a effeito, sem duvida, em eras prehistoricas da nossa Patria, podem induzir-nos tambem a erros.

Os caracteres que nelle predominam são originarios do grego *antigo* combinado ao propriamente de *inscripção*, cuja coordenação devemos em parte ao sabio M. Le Bassur. Póde-se annexar do mesmo modo o *paleographico*, convindo advertir que ambos os alphabetos contêm letras duplas e até quintuplas, com variantes formas.

A propria inscripção incumbir-se-á de caracterisar e definir perfeitamente o seu assumpto capital, como vamos vêr. Addicionamos apenas, por nossa parte, ligeira ampliação mythologica, tornando o assumpto mais elucidativo e agradavel.

Em seus respectivos symbolos, emblemas, etc., que são constituidos artistica e pacientemente d'esses caracteres, está synthetisada a significação desta, como de outras variantes inscripções ignoradas. Acha-se conseguintemente hoje desvendado o mysterio de uma importante parte da nossa valiosa epigraphia, cujos dizeres combinam com as tradições historicas, já invocadas neste e noutros capitulos, quanto ás migrações e ao estabelecimento dos gregos na America, que Plutarcho denominou "Continente Chroniano".

(1) *Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. These 3ª. Official (4ª do programma da 3ª secção). Tomo Especial, consagrado ao 1º Cong. de Historia Nacional, publicado no Rio de Janeiro, em 1915.



Fig. 1.244 — Inscripção da Pedra Lavrada na Provincia da Parahyba

✻

Eis a interpretação das figuras 1 e 2, á direita da inscripção:

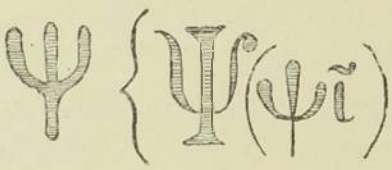


Fig. 1245

(1) Vigesima terceira letra do alphabeto grego, equivalente a βσ, πσ, ϛσ.

Em ordem numerica ψ' 700 (Tal é o numero de figuras, em geral, contidas na Inscripção). Em o alphabeto portuguez esta letra corresponde a P.

✻



Fig. 1246

ΤΕΡΑΣ, (2) ατος (τό) *primitivo*, SIGNO, *e por extenso*, EMBLEMA, SYMBOLO; SIGNO CELESTE, ASTRO, CONSTELLAÇÃO; *muitas vezes em prosa*, PRODIGIO, MARAVILHA, PHENOMENO; *principalmente*, SIGNO ENVIADO PELOS DEUSES, PRESAGIO; *algumas vezes*, PRODIGIO ESPANTOSO MONSTRO.

* (3) Τέρας Διός, HOMERO, SIGNO *enviado por Jupiter*, * Τέρας ανθρώπων, Hom , PRESAGIO *enviado para os homens ou observado pelos homens.* Τερας λεγεις, Plat., *o que tu dizes é extraordinario, é phonomenal.* Οὐτερας Arist., *isto não é espantoso*, etc. *No pl.* Τερατά, ατως ou Att. τερα, ῶν, dat. τερασι, SIGNOS, PRODIGIOS, COUSAS DESLUMBRANTES. Τερατα λογων, ou fig., *palavras extranhas ou raras.* (Διοσημία) p. 381.

---

(1) Diccionario GREGO-FRANCEZ, por C. ALEXANDRE, pag. 1599, 11ª Edição — Paris, 1865.

(2) Idem, pag. 1411.

(3) Idem, * Signal das palavras e das phrases poeticas ou dialecticas. Quando este signal está ao alto de um artigo serve para todas as phrases que d'elle fazem parte.

Conseguintemente as duas figuras da inscripção significam:

700 SIGNOS, EMBLEMAS, SYMBOLOS; SIGNOS CELESTES, ASTROS, CONSTELLAÇÕES, etc.

Eis a razão porque devem ser subentendidas as suas reproducções, em grande formato, no começo deste capitulo.

*

Contendo a inscripção os Signos Zodiacaes, passamos a reunil-os em ordem numerica, isto é, de 3 a 14, descrevendo-os segundo se acham nella representados:

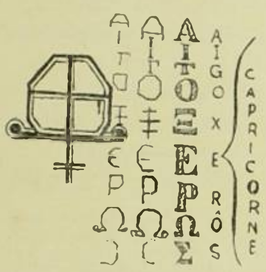


Fig. 1.247

Dicc. Gr. citado, p. 33 — Αἰγοκέρως, ων, ως, que tem cornos de bode — O capricornio SIGNO DO ZODIACO.

Idem, edição de 1858 de F. S. Constancio p. 221: "CAPRICORNIO (Lat. CAPRICORNUS de CAPRA, cabra, e CORNU, corno) bode celeste, signo Zodical, emblema primitivamente destinado para designar a posição mais alta do sol na sua revolução annual apparente, por ser o bode ou cabra, o animal que trepa sempre ao cimo dos montes. Hoje as estrellas desta constellação correspondem pelo contrario ao inverno, quando o sol anda mais rasteiro, e o Cancer, por effeito da *precessão dos equinoxios*, passou para o estio. *Tropico do Capricornio*, o do sul ou austral. *Capricornio*. poet., o deus Pan".

*

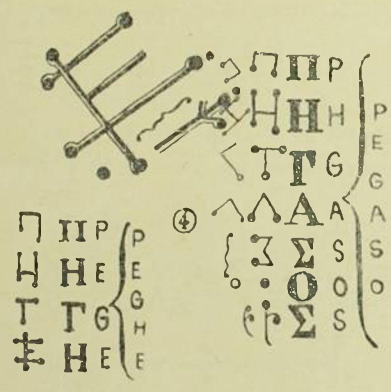


Fig. 1.248

Dicc. Gr. cit., p. 1.121: Πηγασος, ου (ὁ), PEGASO, cavallo fabuloso, *porque elle fez brotar a fonte de Hippocrene*.

O Dicc. Const., p. 757, descrevendo a PALAVRA, — PEGASO — diz: (do Gr. πηγή — PEGHE: fonte) t. myth. e poetico, *cavallo fabuloso* que de uma patada fez brotar a fonte de Hippocrene; fig. ASTRO, genio poetico, etc. PEGASO, nome de uma constellação boreal.

Dicc. Popular, Pinheiro Chagas, 9 v. p. 256: "PEGASO. Cavallo fabuloso que tinha azas e que os poetas diziam nascer do sangue que sahia da cabeça de Medusa, decepada pela espada de Perseu.

Segundo alguns mythographos, Pegaso era o corcel que Neptuno fez sair da terra, quando bateu n'ella com tridente, na occasião em que discutia com Minerva, sobre quem havia de dar o nome á cidade que Cecrops tinha fundado.

Pegaso é o symbolo do estro poetico e foi este cavallo que, ferindo o chão, fez rebentar o rio de Helicon, a fonte de Hippocrene onde os poetas iam buscar a inspiração".

*

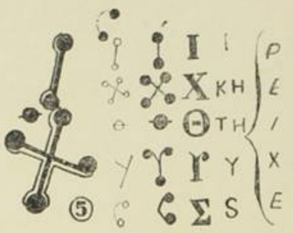


Fig. 1.249

Dicc. Alex., p. 708: ΙΧΘΥΣ υος (ὁ), PEIXE, etc. Acc. ιχθυν, alg. vezes ιχθυα O plur. coaduna-se com ιχθῦς.

Dicc. Const., p. 758: "(do Gr. ιχθυς *ikhthys* parece vir de ικταρ *iktar* com celeridade). PISCES — do Lat. SIGNO DOS PEIXES. Court de Gebelin deriva — o do Celtico *isc*, agua, equivalente ao que vive na agua. M. V. Welster, no seu excellente Dicc. da Lingua Ingleza (1832), refere-se aos diversos nomes do animal, como *pesk* em Armorico ou B. Bretão, *pysg* Gall. rapido, impetuoso. Em Sanscrit. *visâra*, *bisâra* ou *pisâra* significam peixe, *sarit* lago, *sru* correr liquido, etc.

Creio que a etymologia de Court de Gebelin é a verdadeira, mas as radicaes são Egypcias, *pé* ser, estar e *schek* ou *schik* profundo, ou *hep* ou *hip* esconder, e *icken* bordado rio, animal que se cria e vive na agua, etc".

*



Fig. 1.250

Dicc. Alex., p. 816: ΚΡΙΟΣ, οῦ (ὁ), CARNEIRO, animal, etc. CONSTELLAÇÃO.

Const., p. 226: (do Gr. χριος *krios*, carneiro, de χερας *kéras*, corno, ou de χρείων *kreíon* que governa o rebanho, chefe, guia das ovelhas) ARIES, signo do Zodiaco, etc.

*

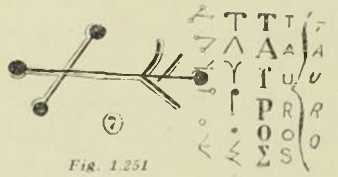


Fig. 1.251

Dicc. Gr. Alex., p. 1400: ΤΑΥΡΟΣ, ου (ὁ) TOURO — ANIMAL: O TAUREAU, CONSTELLAÇÃO, etc.

Const., p. 919: "*Tauro* — (Lat. taurus; Gr. ταῦρος — *tauros*; Chaldaico THOR) um dos signaes do zodiaco, entre *Aries* e *Gemim*.

Correspondeu na antiguidade ao equinoxio da primavera. E' symbolo ou hieroglypho egypcio, assim como as demais figuras zodiacaes.

E' de notar que um touro coberto de teliz preto estrellado é na mythologia egypcia consagrado á deusa *Athor*, um dos symbolos da natureza feminina creadora. Este nome *Athor* significa *morada* de *Hor ou Horus*".

*

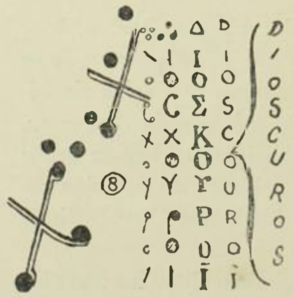


Fig. 1.252

Dicc. Gr. citado, p. 381 Διοσχουροί ων(οἱ) isto é, CASTOR E POLLUX, palavra por palavra, filhos de Jupiter. Radical Ζευς, χοῦρος.

Idem Pinheiro Chagas, p. 189: "CASTOR E POLLUX, filhos de Leda, appellidados os *Dioscuros*, porque passavam por filhos de Jupiter e *Tyndaridas* porque Leda, mãe d'elles, era mulher de Tyndaro, rei de Sparta. Refere a mythologia que Jupiter, apaixonando-se por Leda, transformou-se em cisne e que perseguido por Venus disfarçada em aguia se refugiou no seio da rainha que se banhava no Eurotas. Leda deixou-se fascinar pelas seducções irresistiveis do formoso e falso

palmipede. Concebeu d'elle dois ovos; de um sairam Pollux e Helena, do outro Castor Clytemnestra. A pintura tratou frequentemente do assumpto. Entre os quadros mais notaveis mencionaremos os encontrados em Pompeia e a *Leda*, de Leonardo de Vinci.

Os pequenos bem mostraram em verdes annos que eram filhos de Jupiter. Acompanharam Jasão á conquista do Tosão de ouro.

Foram adorados ulteriormente como deuses porque durante uma tempestade, conta Diodoro, Orpheu fez um voto ás divindades de Samothracia. Applacou-se immediatamente a procella e viu-se uma chamma acima das cabeças dos Tyndaridas. Desde então Castor e Pollux foram como os encarregados de apaziguar as tempestades e occupar no céo o logar das antigas cabiras de Samothracia, divindades phenicias invocadas pelos navegadores nos tempos heroicos. Quando volveram de uma expedição ao archipelago souberam os gemeos que Theseu, rei de Athenas, havia raptado a irmã delles Helena, de doze annos de idade!

Foram a Aphidnes, onde ella se achava presa, e transportaram-n'a para casa. Cedo começou na formosa grega a carreira das aventuras amorosas.

Havendo sido convidados os dois irmãos para as bôdas de Phœbe e de Telaira, filhas do irmão de Tyndaro, roubaram-n'as durante a ceremonia das nupcias e desposaram-n'as.

Os logrados perseguiram-n'os e Castor succumbiu nesta perseguição. Pollux praticou um rasgo legendario de amizade fraternal.

Sendo filho de Jupiter, era immortal, mas pediu ao pae que o fizesse morrer ou que tornasse Castor immortal. O pae dos deuses não podia annuir á ardente supplica, mas dividiu pelos dois prototypos do affecto fraternal a immortalidade, de sorte que cada um passasse seis mezes no inferno e outros seis na terra.

Assim viveram até que Jupiter os collocou no céo, onde, sob o titulo de *Geminis*, são um signo do zodiaco. Os Gregos e os Romanos classificaram-n'os entre os grandes deuses.

Havia por toda parte templos a elles consagrados".

*

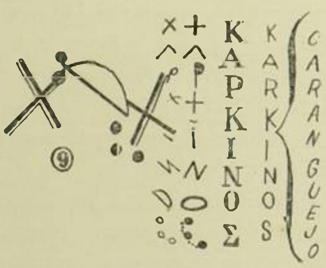


Fig. 1.253

Dicc. Gr. citado, p. 732: ΚΑΡΚΙΝΟΣ, caranguejo. Especie de crustaceo, lagostim, etc. CONSTELLAÇÕES DO CANCER.

Idem Const., p. 214: "(Lat. cancer que vem de concha, Gr. κογχη — *konkhé* concha e — Κηλη *kelé* as garras ou pernas do caranguejo e o mesmo caranguejo; mudando o *l* em *r*; ou de καρκινος, *karkinos*, por transposição de *k* e *n*); Caranguejo celeste, SIGNO ZODIACAL, emblema hieroglyphico de retrocesso do sol, figurado pela marcha do animal que parece andar para traz ou desandar. E' o desandar do sol que se quiz exprimir por este symbolo, que principalmente devia corresponder ao logar o mais rasteiro ou baixo do astro, isto é, ao depois de ter ido sempre a baixar na sua marcha opposta para o polo austral desde o solsticio estival, ponto da sua maior elevação no hemispherio boreal".

*

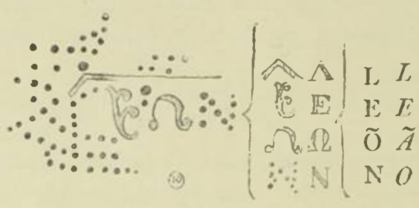


Fig. 1.254

Dicc. Gr. cit., p. 849. Λεων, οντος, (ό) LEÃO, animal. LEÃO, *constellação*, etc.

Dicc. Constancio, p. 650 — "(Lat. *leo, onis*, Gr. λεων *leão*, de λασιον *lasion*, hirsuto, corajoso, do Egypcio *laboi* ou *lafoi*, que significa mui cabelludo, que tem pello, guedelha grande etc.) LEO, nome do signo do zodiaco que está entre Virgo e Cancer".

*



Fig. 1.255

Dicc. Gr. citado, ps. 1.073 e 1.074: ΠΑΡΘΕΝΟΣ, ου (ή), VIRGEM, donzella; alg. vezes por ext. mulher jovem; adj. (ός), virginal, puro, casto, que ainda não é casado; fig. virgem, intacto.

Ainda: Παρθενια, α; (ή) VIRGINDADE, adj. PARTHENIA ou VIRGEM, cognome de MINERVA e de DIANA; palavra, algumas vezes, Bibl., symbolo da virgindade.

Dicc. Const. citado, p. 968: "VIRGEM — SIGNO DA VIRGEM, VIRGO, *constellação zodiacal*, representada por uma mulher com uma espiga na mão. E' hieroglypho symbolico do mez que no zodiaco primitivo correspondia á colheita dos pães, etc.

Na mythologia, segundo o Dicc. Pinheiro Chagas citado, V. 5-6, pag. 74 definindo DIANA, deduz-se o que se refere á VIRGEM, assim tambem cognominada: "DIANA (do latim Diana, antes Deiana em logar de Divana que quer dizer celeste), deusa da caça e das florestas na mythologia dos gregos e dos romanos. Os mythos que se referem a esta deusa parece terem sido extraordinariamente confundidos e por isso se lhe attribue um caracter multiplo difficil de explicar.

Para conciliar essas varias opiniões divergentes, Cicero reconheceu tres deusas com este nome: a primeira filha de Jupiter e de Proserpina, a segunda filha de Jupiter e de Latona, e a terceira filha de Upis e de Glauce.

Segundo Herodoto, Diana seria filha de Baccho e de Isis, e Latona apenas a teria creado. Esta ultima hypothese indica um mixto de fabulas egypcias, mas a opinião mais geralmente adoptada considera Diana como filha de Jupiter e de Latona, a Artemis dos gregos a quem Homero e os poetas da antiguidade mais celebraram e a quem os gregos e os romanos prestaram honras divinas, erigiram templos e lavantaram altares. As tradições mais divulgadas fazem nascer esta deusa em Delos, no mesmo dia que Apollo, mas antes d'este seu irmão, tendo atéella auxiliado sua mãe Latona a dar á luz seu filho. Accrescentam ainda que, vendo ella os trabalhos e soffrimentos do parto, teve uma invencivel aversão ao casamento pelo que obteve de Jupiter ficar eternamente virgem. Jupiter fel-a rainha dos bosques, deu-lhe um arco e uma aljava e um cortejo de sessenta nymphas chamadas *Oceanias* e mais vinte chamadas *Asias*. A sua principal occupação era a caça pelo que foi considerada a deusa especial dos caçadores. O seu poder era tal que exigia não só das suas nymphas mas até dos seus sacerdotes a mais absoluta castidade, e a isso se deve o atroz castigo que infligiu a Acteon que por vel-a n'um banho foi metamorphoseado em veado e devorado pelos cães".

"Apezar de tudo isso, se acreditarmos alguns escriptores e entre elles Pausamas, a rebelde Diana agradou-se de Endymion e teve d'elle nada menos de cincoenta filhas, além de alguns filhos.

Como seu irmão Apollo, que era chamado Phebo no céo, Liber na terra e Apollo nos infernos, Diana tinha tambem tres nomes: Diana na terra, Phebe ou Lua Selene no céo e Hecate nos infernos.

A corça e o javali eram especialmente consagrados a esta deusa e a ella eram offerecidos os primeiros fructos da terra, dos bois, dos carneiros, dos veados brancos e até ás vezes victimas humanas, como á Iphigenia dos gregos. Na Taurida todos os gregos que naufragavam nesta costa eram degollados ou atirados de um precipicio, em honra da deusa a quem os achaios sacrificavam um rapaz e uma rapariga.

Representa-se esta deusa geralmente armada com um arco e uma aljava e seguida de uma matilha de cães, outras vezes sobre um carro puxado por dois cavallos brancos ou por duas novilhas e ainda outras com azas segurando com uma das mãos um leão e com a outra uma panthera".

Quanto a MINERVA, v. 7-8, p. 218: "*Athené e Pallas* entre os Gregos, deusa da sabedoria, das artes e da guerra, era filha de Jupiter; segundo a Fabula, sahiu toda armada do cerebro d'este deus.

Quando Cécropes edificou a capital do seu reino, Neptuno e Minerva disputaram entre si a honra de dar um nome á nova cidade: tendo sido reservada esta honra para a divindade que produzisse a cousa mais util á cidade, a deusa creou a oliveira, symbolo da paz e da abundancia, emquanto que o seu rival fez sahir do chão,um cavallo, symbolo da guerra; o premio foi concedido a Minerva, que deu á cidade o nome d'Athenas. Conta-se que Minerva disputou a Venus e a Juno, no monte Ida, o pomo de ouro que devia ser o premio da belleza; que animou o homem formado por Prometheu do limo da terra, que deu a Pandora o geito e o dom de bordar e coser; que transformou Arachnéa em aranha, por ter ousado lutar com ella na arte de fiar, que instituiu o Areopago para julgar Orestes, etc.

Como deusa da guerra, protege a coragem dirigida pela intelligencia e ajudada pela destreza, em opposição a Marte, que é o deus da coragem brutal: é com este titulo que favorece os maiores heroes, Hercules, Perseu, Bellérophonte, Ulysses, que toma o partido dos Gregos na guerra de Troia e que lhes inspira a ideia do cavallo de pau. Minerva é além disto a Virgem por excellencia (*partenos*); castigou os olhares indiscretos de Tiresias, privando-o da vista; nas procissões, passeiavam a sua imagem velada.

Representam Minerva vestida com a tunica espartana sem mangas e recoberta do *peplum*, com o capacete na cabeça, o peito defendido pela égide, formada da escama d'um reptil monstruoso de que livrou a Lybia, segurando com uma das mãos a lança e com outra um escudo argolico que tem a cabeça horrorosa de Medusa (dá-se tambem, mas sem razão, o nome de égide a esse escudo), tendo ao pé de si uma coruja, sua ave favorita, e diversos instrumentos de mathematica. Os antigos celebravam muitas festas em honra d'esta divindade; as mais notaveis eram as *Panathenias*, em Athenas, as *Minervaes* ou *Quinquatrias*, em Roma. Tinha templos em toda a Grecia, o mais celebre é o *Parthenon*, de Athenas, onde se achava uma admiravel estatua colossal da divindade, executada por Phidias em ouro e em marfim (foi reproduzida nos nossos dias por Simart). Nos tempos mais antigos, fôra representada por uma estatua grosseira de madeira chamada *Palladium*".

*

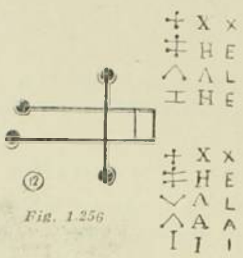


Fig. 1.256

Dicc. Gr. cit., p. 1.576: "Resumidamente: 1ª, ΧΗΛΗ, ῆς (ἡ) — Garras de animaes, instrumento em forma de pinça, tenaz ou forceps de cirurgião, etc. 2ª, ΧΗΛΑΙ ῶν (αἱ) plur. em tr. astr. os braços do escorpião, do qual se fez mais tarde a BALANÇA (ΤΡΥΤΑΝΗ) SIGNO DO ZODIACO". Idem Const., p. 154, tratando da nova forma deste signo. "(Lat. BILANX, de BI *duplo* e LANX *ancis*, prato de balança; LANX vem do Gr. λεκάνη — *lekane* prato, bacia de λα *la* muito e χαίνειν *khainein* abrir), instrumento de pesar, composto de *travessão*, dividido em dois braços, de cujo meio se ergue o *fiel* entre as azas, etc".

Idem Pinheiro Chagas, v. 3, 4, p. 28. "*Balança*. E' o attributo symbolico da Justiça personificada, e com esta significação encontra-se muitas vezes uma balança figurando nos monumentos funerarios do antigo Egypto, da Grecia e da Etruria.

Os artistas christãos da edade media tambem, nas scenas do juizo final, representaram amiudadas vezes uma balança, já suspensa nas mãos da Justiça Divina, já nas do archanjo S. Miguel.

Os poetas representam allegoricamente a figura da Justiça segurando uma espada com a mão direita e uma balança com a esquerda.

O Alcorão menciona tambem uma balança em que, no juizo final, têm de ser pesadas as bôas ou más acções de cada um, balança que, segundo os commentadores musulmanos, foi trazida do céo á terra pelo anjo Gabriel e dada a Noé para que este a transmittisse aos seus descendentes.

Balança ou *Libra* chama-se tambem ao setimo signo do zodiaco, signo opposto ao de *Aries*, e assim denominado, porque, quando o sol n'elle entra, são os dias eguaes ás noites (estão *balanceados* ou *equilibrados* os dias com as noites); outr'ora este signo correspondia exactamente a uma certa constellação, a que por isso se ficou tambem chamando *Balança* ou *Libra*; mas hoje, em consequencia da precessão dos equinoxios, já não corresponde o signo zodical á respectiva constellação".

*

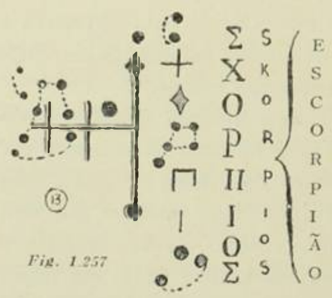


Fig. 1.257

Dicc. Const. cit., p. 499: "(Lat. *scorpio, onis*, Gr. σκορπίος *skorpios*, de σκορπιόω *skorpioô* picar), lacráo, insecto aptere, venenoso, de rabo longo, terminado por um ferrão com que pica; tem o ventre guarnecido de laminas em forma de pente.

Nome do signo do zodiaco que está entre o da Balança e o do Sagitario.

Era emblema do mez que no Egypto traz doenças agudas e epidemicas, calores intensos e grande seccura, por effeito dos ventos que sopram de Lyba e do deserto e pela grande baixa das aguas do Nilo.

Escorpiões, pl., açoutes com pontas de ferro com que se rasgavam as carnes aos martyres e a outras victimas da atroz justiça romana".

Idem Gr. cit., p. 1.295 — ΣΚΟΡΠΙΟΣ, ου (ὁ), escorpião, machina de guerra para lançar dardos; signo celeste, etc.

*

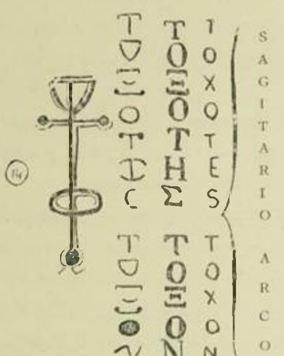


Fig. 1.258

Dicc. Gr. cit., p. 1.452 — ΤΟΞΟΤΗΣ: "............... termo ast. O SAGITARIO — constellação. Desta palavra tiramos ainda ΤΟΞΟΝ ARCO. alg. vezes Poet.: arte de atirar de arco; flexa lançada pelo arco; por metonymia, arco iris, todas as cousas construidas em arco; no plural, segundo os poetas: arco e as flexas, *ou* arco só *ou* as flexas só".

Idem Const., p. 867: "SAGITARIO ou SAGITTARIO (Lat. *sagittarius*, de sagitta setta) flexeiro, setteiro, guerreiro armado de arco e flexas; it. s. m. CONSTELLAÇÃO e signo ou emblema zodiacal que occupa o logar da ecliptica, entre o *Escorpião* e o *Capricornio*, tem a figura de um centauro, e tem na mão um arco com uma setta embebida para disparar. E' um hieroglypho egypcio destinado a representar os ventos etesios que precedem o solsticio estival. De ordinario tinha duas caras oppostas, que parecem indicar o anno que acaba e o que vai principiar, e corresponde á epocha em que o anno egypcio começava com o solsticio estival, ao qual corresponde primitivamente a constellação do Capricornio, segundo Dupuis.

SAGITTARIO, soldado da antiga milicia romana, armado de arco e settas".

*

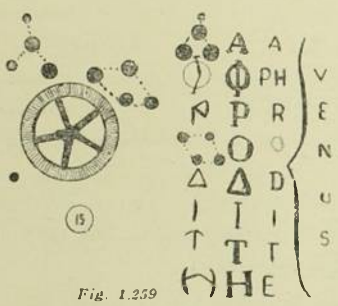


Fig. 1.259

Dicc. Gr. Alex., p. 262 —: ΑΦΡΟΔΙΤΗ, ης (ἡ) VENUS, DEUSA; prazer do amôr; encanto, graça e seducção, etc.

Idem Const., p. 960.: "VENUS (Lat. *Venus, eris*. Cicero o deriva de *venio, ire*, vir, nascer; mas creio que se engana. O nome da deusa symbolica da geração vem, a meu ver, do Egypcio *phen* derramar, e *ounof* prazer, voluptuosidade. A *Venus genetrix* dos Romanos corresponde á *Neith* ou *Nethe* da mythologia egypcia) t. myth. e poet., deusa do amor; fig., mulher muito formosa; *he uma Venus*.

VENUS, planeta entre Mercurio e a Terra. Quando apparece de manhã, chama-se estrella da alva, e de tarde *vesper*, estrella do pastor".

Dicc. Popular cit. P. Chagas, p. 320, v. 13|14:

"VENUS. Uma das doze grandes divindades do Olympo grego e romano, a mesma que a Astarté syria, deusa da belleza, mãe do Amor, rainha das nymphas e que presidia a todos os encantos femininos cujo segredo possuia.

Era este o modo por que Venus era mais geralmente representada, mas se subirmos até á origem do seu mytho veremos n'ella uma divindade da producção. Os hellenos personificavam o principio gerador feminino em Aphrodite.

Os gregos adoravam tambem uma Aphrodite celebre ou Urania, cujos attributos são muito distinctos dos attributos da deusa da belleza, a Morpho laconia, mas em Aphrodite representavam particularmente as formas variadas, os diversos aspectos da belleza, da voluptuosidade e do amôr".

"Umas vezes concedem-lhe dotes elevados e nobres que excluem qualquer idéa de sensualidade, mas de ordinario pintam-n'a tão seductora e tão amavel, que o sentimento do amôr e do prazer é inseparavel d'essa concepção. O amôr que elles assim concebem ás vezes é puro e delicado, mas quasi sempre violento e apaixonado, ora vivo e leviano, ora libertino e lubrico.

Homero a considerava filha de Zeus e de Dione, Hesiodo da espuma das ondas do mar. Jupiter, que segundo a lenda quiz conquistar o amôr da deusa, vendo-se repellido castigou-a, dando-a por esposa a Hephœstas (Vulcano) o mais disforme dos deuses.

Os seus amôres com Arés (Marte) não se conservam em segredo porque o proprio marido ultrajado, tendo surprehendido os dois amantes, foi chamar todo o Olympo para lhe dar o espectaculo d'esse crime. Os mais atrevidos dos deuses, vendo na adultera unicamente a extremada belleza de que ella era dotada, inscreveram-se tambem no numero dos deuses amantes, e d'ahi nasceram as Graças, o Amôr, o Hymeneu, a Harmonia, o Priapo, etc.

Foi a Venus que o pastor Paris deu no monte Ida o premio da belleza, o que deu origem á colera de Juno contra os troyanos.

Esta deusa era especialmente venerada em Paphos, Gnido, Amathonte, Idalia e Corintho, mas o mais celebre dos seus sanctuarios era em Cytheu.

O seu culto foi transportado para o monte Eryx na Sicilia e d'ahi se estendeu por todo o mundo.

A rosa, a murta, os pombos e o cysne eram consagrados a Venus".

*

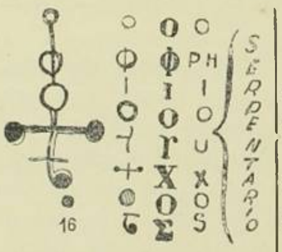


Fig. 1.260

Dicc. Gr. cit., p. 1.023: ΟΦΙΟΥΧΟΣ, ος, ον, que segura uma serpente. Subst. (ὁ) OPHIUCHUS ou SERPENTARIO, CONSTELLAÇÃO.

Idem Const., p. 886: "(Lat. *serpentarius*, nome de uma constellação do hemispherio boreal, representada por uma figura de homem segurando uma serpente)".

*

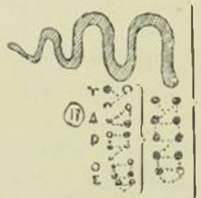


Fig. 1.261

Dicc. Gr. cit., p. 1.461: ΥΔΡΟΣ, ου (ὁ) — Hydra, serpente d'agua. A Hydra constellação.

Dicc. Const. cit., p. 608: "(Gr. de ὕδωρ *hidor* agua) serpente fabulosa de muitas cabeças que cortadas renasciam; nome de uma constellação austral de 25 estrellas".

Ainda no hieroglypho, é sig. determinativo:

 OS REPTEIS são assim representados.

*

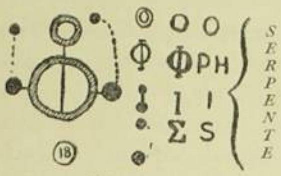


Fig. 1.262

Dicc. Gr. cit., p. 1.023: ΟΦΙΣ, εως (ὁ) serpente, serpe, cobra; a serpente constellação ou, propriamente, segundo a p. 3.993 — ΔΡΑΚΩΝ, οντος (ὁ) DRAGÃO, serpente: dragão constellação, etc.

Dicc. Const. cit., p. 433: (Lat. *draco, onis,* do Gr. δράκων *drakon,* derivado de δρακεῖν *drakein,* de δέρκω *derkô* ter vista aguda, perspicaz, ou antes de δράσσω *drassô* agarrar, empolgar, monstro fabuloso e symbolico que se figura com garras, azas e cauda de serdente, etc. DRAGÃO, tr. astr.: constellação extremamente extensa do polo arctico — cabeça e cauda do dragão, os dois pontos oppostos onde a orbita da lua corta a ecliptica; a cabeça é o *nó ascendente* (☊) e a cauda o *descendente* (☋).

Dicc. Pop. cit., vol. 5|6, p. 118: "DRAGÃO é um animal phantastico, creado pelo medo e pela imaginação. Encontra-se na tradição de todos os povos e é geralmente figurado como uma especie de reptil, armado de garras possantes, ouriçado de excrescencias espinhosas, com um olhar ao mesmo passo fascinante e terrivel, e vomitando chammas ou empestando o ar com o seu halito. As mais vezes tem azas membranosas que terminam em garras. Suppunha-se que não dormia nunca, á imitação de Argus. Os gregos tinham-n'o consagrado a Minerva, para indicar que a verdadeira sabedoria não dorme nunca e a Baccho para exprimir os furores da embriaguez. Nas tradições da Grecia, o velho de ouro, o jardim das Hesperides, a fonte da Castalia, etc, eram guardados por *dragões.* Na China e no Mexico julgava-se que os eclypses eram causados por um dragão, que ameaçava devorar o sol ou a lua, e que tratavam de afugentar com o barulho de instrumentos de guerra.

Segundo as fabulas scandinavas, um dragão negro devorará o corpo dos condemnados no dia do juizo final..."

*



Fig. 1.263

Dicc. Gr. cit., p. 824: ΚΥΚΝΟΣ, ου (ὁ) CYSNE, ave, etc.

Astr. Populaire, Flammarion, p. 726: *L'Oiseau ou le Cygne.*

Dicc. Const. cit., p. 340: (Lat. *cycnus* ou *cygnus,* do Gr. κυκνος *kiknos.* Uns derivam este nome de κυδνος *kydnos* ou *kudnos* branco; outros de κῦμα *kyma* ou *kuma* onda e νεω *neô* nadar, ave aquatica, etc. Fig., o *cysne thebano,* Pindaro; — *mantuano,* Virgilio. *Os cysnes do Parnasso,* os vates, os poetas. Term. astr. constellação.

*

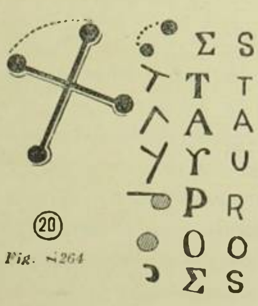


Fig. 1.264

Dicc. Gr. cit., p. 1309: ΣΤΑΥΡΟΣ, οῦ (ὁ) ESTACA, CALVETE poste ao qual eram atados os criminosos, cruz ou instrumento de supplicio, etc.

ASTRONOMIE POPULAIRE de Flammarion, p. 727: Pé de Centauro, chamado depois *Cruz do Sul* por Hipparco, já no 1° seculo antes de J. C.

Dicc. Const. cit., p. 333, definindo a cruz diz: "(Lat. *crux, cis.* Ainda nenhum etymologista acertou com a origem deste vocabulo, apezar da sua grande importancia. E' derivado do Lat. *crus* coxal, perna, tronco de arvore abaixo da bifurcação).

dois páos de igual comprimento atravessados em aspas, o que chamamos cruz de S. André ou páo forcado, forca, instrumento de supplicio entre os antigos Romanos.

Não era composto de dois páos atravessados em angulo recto como a nossa cruz. Esta forma é egypcia, e caracter hieroglyphico, attributo dos deuses, e, no sentido figurado, significa *vida* eterna, immortalidade, duração perpetua. Este sentido e o attributo divino derivam-se ambos do facto de ser a cruz a representação das secções do zodiaco (chamado circulo de vida) pelo sol (fonte de vida physica e morada das almas bemaventuradas, no systema theologico egypcio que é firmado sobre o systema cosmico) nos quatro pontos cardeaes que correspondem aos equinoxios e aos solsticios.

A cruz é a intersecção ou os quatro raios da orbita solar ou roda dos signos.

Na mythologia brahmanica chama-se zodiaco á roda do mundo; e a roda do carro do sol tem quatro raios luminosos que formam uma cruz.

A cruz era attributo de Serapis, um dos emblemas do sol entre os Egypcios; era tambem objecto de adoração entre os antigos habitantes de Guatemala e outros adoradores do Sol, e tinha exactamente a forma que nós lhe damos, isto é, constava de uma haste cortada por outra em angulos rectos..."

*

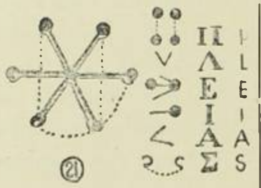


Fig. 1.265

Dicc. Gr. cit., p. 1132: Πλειας, αδος (ἡ), constellação de Pleiades, a PLEIADE celeste: *em sentido fig*: a Pleiade poetica, *reunião dos sete melhores* poetas contemporaneos, segundo Ptolomeu Philadelpho. De πλεες *muitos*, ou πλέω *navegar*.

Idem Popular, Pinheiro Chagas, cit., p. 418: "PLEIADES, Filhas de Atlas e de Pleiona e irmãs das Hyadas. Eram sete: Electra, Maia, Taygeta, Asterope, Merope, Alcyone e Celeno. Estas deusas que são tambem chamadas Atlantidas, desgostosas com a morte do pae ou das irmãs, suicidaram-se e foram metamorphoseadas em estrellas.

De ordinario apparecem só seis, porque Merope esconde-se, segundo se diz, envergonhada por ter casado com um mortal, Sisypho, ao passo que suas irmãs casaram com deuses.

Pleiade. Dá-se geralmente este nome a um grupo de sete poetas que vivem na mesma epoca e ligados entre si por intima amisade. Esta denominação data do tempo de Ptolomeu Philadelpho. Foi dada aos poetas da escola de Alexandria que contava entre os seus membros: Callimaco, Lycophronte, Apollonio e outros sobre cujos nomes os escriptores não estão de accordo, etc.".

*



Fig. 1.266

Dicc. Gr. cit., p. 1457: ΥΑΔΕΣ, ων (α) as hyades, constellação de sete estrellas á cabeça do touro. Ellas passam por chuvosas. Raiz. ὗς ou ὕω.

Idem Const., p. 608: "(Gr. ὑαδες *hyades*, de ὕω *hyô* chover, porque no clima da Grecia trazem chuva, quando o sol está na constellação de Touro. Os Romanos derivavam este termo de *sus*, Gr. ὗς, *hys* porco e por isso as denominavam *Suculæ*; e, com effeito, no zodiaco egypcio são representadas por uma porca com filhos), sete estrellas pequenas na cabeça de Tauro".

Idem de Simões da Fonseca, p. 668: "HYADAS — Astr. Sete estrellas pequenas na cabeça do Touro. HYADAS (Myth.) Nymphas filhas de Atlas. Foi tal o sentimento que tiveram com a morte de seu irmão Hyas que Jupiter as transformou em uma constellação que tem o nome de hyadas".

*



Fig. 1.267

Dicc. Gr. cit., p. 776 — Κενταυρος, ου (ὁ), centauro, *monstro ou personagem fabuloso*: centauro, *constellação*, etc.

Idem Const., p. 243 — (Gr. κενταυρος *centauros*, de κεντεω *kentêo* picar, e ταυρος *touro*) term. myth., monstro fabuloso cujo corpo até á cintura era de homem e o resto de cavallo, etc.

Idem Popular de Pinheiro Chagas, v 3|4, p. 231: "CENTAUROS. Conta a mythologia que Ixion, tendo-se apaixonado pela deusa Juno, lhe declarou o seu amor, e que esta se queixou a Jupiter, seu marido. Jupiter entregou a Ixion uma nuvem a que dera a forma de Juno, e das relações amorosas de Ixion e da nuvem nasceram os centauros, outros dizem que nasceram do esforço feito por Jupiter para abusar de sua filha Venus que resistiu.

Os centauros eram pois uns entes phantasticos meio homens, meio cavallos, grosseiros, brutaes, que habitavam na Thessalia, e que nas bodas de Pirithya quizeram roubar a noiva e violentar os convidados, sendo impedidos por alguns heroes da fabula, resultando d'ahi o celebre combate dos Centauros e dos Lopithas.

O que parece ter dado origem a esta fabula é o serem os Thessalianos excellentes cavalleiros, e costumarem correr os toiros, atravessando-os com as lanças. A palavra *centauro* (kenteintauros) quer effectivamente dizer *que atravessa os touros*".

*

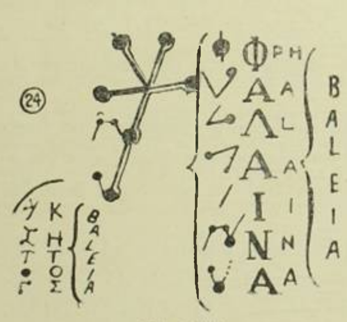


Fig. 1.268

Dicc. Gr. cit., 1519 — ΦΑΛΑΙΝΑ ης (ἡ) baleia, enorme cetaceo, etc. tambem á p. 783: ΚΗΤΟΣ — baleia, etc.

Idem Const., p. 155 — (Lat. *balæna*, do Gr. φαλαινα *phalaina*, de παλλω *pallô* dar golpe, lançar, e ανω *anô* para cima) cetaceo viviparo mui volumoso, com grandes barbatanas, que lança espadanas de agua que jorram muito alto.

Idem Simões da Fonseca, cit., p. 208 — Balêa ou Baleia. — Cetaceo, etc. (Astr.) Constellação do hemispherio austral perto do Aquario.

Astr. Populaire por Flammarion, p. 727: — "Esta constellação encerra a estrella Mira Ceti, chamada a maravilhosa; pertence á classe das estrellas variantes e é uma das mais extraordinarias, ora brilha como de segunda grandeza, ora se torna completamente invisivel".

*

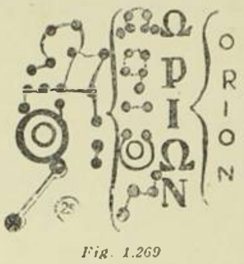


Fig. 1.269

Dicc. Gr. citado, p. 1618:

Ωριων, ωνος (ὁ) Orion, nome de um heroe, d'uma constellação e d'uma ave das Indias, etc.

Idem Const., p. 732: (Lat. e Gr. de ωρια *horia* belleza); ter. astr. e myth., uma constellação austral mui brilhante.

Astronomie Populaire por Camille Flammarion, cit., p. 723:

A Constellação do Orion é a mais rica em estrellas brilhantes, poder-se-ia quasi chamal-a a California do céo.

Dicc. cit. de Simões da Fonseca, p. 895: (Mith.) Gigante sahido da pelle de uma vitella e infatigavel caçador.

*

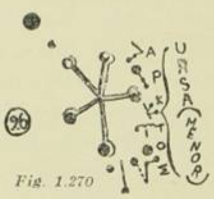


Fig. 1.270

Dicc. Gr. cit., p. 219: ΑΡΚΤΟΣ, ου (ὁ) Urso (ἡ) URSA; a grande ursa, constellação.

Idem Const. cit., p. 915, aliás 951. (Lat. *ursa*) femea do urso. *Ursa Maior*, *Ursa Menor* são duas constellações boreaes.

Encyclopedia de J. Bonança cit., p. 77:

"A Ursa Menor é uma constellação que se ostenta ao norte constituida por sete estrellas, quatro das quaes formam um quadrado imperfeito e as restantes tres prolongam-se, á maneira de cauda, de um dos cantos do quadrado. A ultima das tres, que forma a ponta da cauda, é mais brilhante e parece fixa, ao passo que as outras giram em torno d'ella. é a estrella *polar* ou *estrella do norte*. Serve para marcar as derrotas e constituir meridianos. Muitas noites apenas se divisa a *polar* e as duas da face exterior do quadrado; ás quaes chamam *guardas*. Estas servem-nos de guia para procurar e achar aquella.

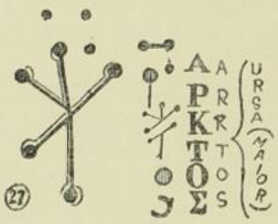


Fig. 1.271

Em volta da *Ursa Menor* gira a *Ursa Maior*, com a mesma forma d'aquella, mas constituida por estrellas mais brilhantes. A Ursa Maior executa em volta da Menor uma revolução, o que é util conhecer para não haver confusão na determinação da *polar*.

No mez de Janeiro a ponta da cauda da Ursa Maior está quasi enterrada no horizonte; em Março a Ursa Maior está á esquerda (a leste) da Menor; em Maio, por cima; em Agosto, á direita (poente); em Outubro, por baixo, rastejando o horizonte: posições na primeira parte da noite.

A posição da *Estrella Polar* não tem atravéz dos tempos sido sempre a mesma; ella varia em consequencia do movimento do polo do equador em volta do polo da ecliptica. No tempo das mais antigas observações a *Estrella polar* estava a 12° do polo; actualmente está a 1°,15'. Esta distancia diminuirá ainda até ao anno 2605, em que será apenas de 26'. A partir d'ahi irá augmentando até 46° no espaço de 13.000 annos; e diminuirá em seguida. A posição é fixa, relativa á situação do polo, por ella indicado permanentemente: por isso serve de guia".

*

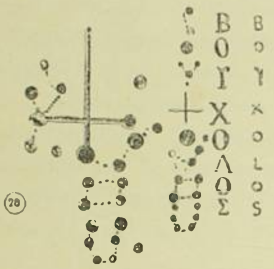


Fig. 1.272

Dicc. Gr. cit., p. 289 — Βουκολος, ου (ὁ) BOIEIRO, etc.

Idem Const., p. 179 — Boieira, adj. f. (*boi*, des *eira*); estrella boieira, Boots, — constellação boreal, chamada o Boieiro.

A' p. 182: BOOTES (do Gr. Βοῦς *bous* boi, e ωθεω *otheo* conduzir, fazer andar), tr. astr. o Boieiro, constellação boreal que está perto da Ursa Maior e consta de 23 estrellas.

O *Bootes gelado* porque domina de inverno.

*

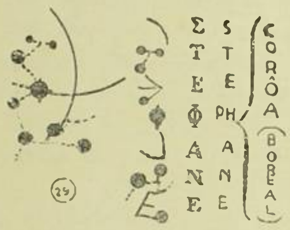


Fig. 1.273

Dicc. Gr. cit., p. 134 — Στεφανη, ης (ἡ) circulo que rodeia o alto de uma cousa, circulo de cabello em torno da cabeça, corôa, capacete, ameia de uma torre ou de um morro, etc.; tambem κορωνη *korone* corôa, κορωνις *korones* remate, cume, cornija, segundo define o cit. Dicc. de Constancio, p. 317 (circulo luminoso em torno do sol e da lua etc.)

Idem de Simões da Fonseca, p. 381, Astr.: Especie de meteoro.

Astr. Populaire por Flammarion, p., 713: — Corôa Boreal, um pequeno circulo de estrellas (7) que se vê na constellação do Bootes. Em Maio de 1866, viu-se n'ella brilhar uma bella estrella, que durou apenas 15 dias.

Finalmente, Dicc. de Pinheiro Chagas, v. 3/4, p. 369: "*Corôa.* O uso das corôas é tão antigo como o mundo e as primeiras naturalmente foram feitas pelos pastores, de algumas hervas e ramos que apanhavam para resguardar a cabeça dos raios do sol emquanto descansavam dos seus rudes trabalhos. D'ahi nasceram as *coronæ graminæ, pampineæ*, etc., que depois tomaram varias significações. Essas corôas rusticas tornaram-se assim symbolos do descanso, da alegria e do contentamento e por isso dentro em pouco as cabeças dos deuses do paganismo foram ornadas de corôas, e o reconhecimento dos homens e o desejo de tornarem os deuses favoraveis ás suas supplicas fizeram com que, em vez de corôas de flores, fossem offerecidas aos idolos corôas de prata e ouro.

Dos deuses, as corôas passaram para os homens que se empregavam no culto e os sacerdotes e sacrificadores começaram a usar de corôas durante as ceremonias religiosas.

Os particulares começaram tambem por fim a fazer grande uso das corôas, e nos banquetes eram ellas empregadas com profusão, devendo cada conviva ter pelo menos tres corôas de flores, uma no alto da cabeça, outra sobre a testa e uma terceira ao pescoço, caindo sobre os hombros e sobre o peito.

As victimas destinadas aos sacrificios eram tambem coroadas de cypreste e pinheiro; nos funeraes as corôas representavam um grande papel e tão generalisado estava o uso das corôas que o seu fabrico passou a ser uma arte a que se dava o nome de stephanoplocia.

Foram os gregos que levaram para Roma o uso das corôas, mas emquanto o luxo da Asia não penetrou na republica ellas serviram especialmente para o culto dos deuses e para premiar as virtudes militares.

Estas corôas de feitios e materiaes differentes tinham nomes e destinos especiaes, havendo d'ellas oito especies.

1ª. Corôa castrense ou vallado (*Corona castrensis* ou *vallaris*), era dada ao soldado que primeiro entrava no acampamento inimigo, ultrapassando as trincheiras. Era de oiro e formada de um circulo de oiro com ornatos do feitio de palissadas (valli).

2ª. Corôa civica (*Corona civica*), era destinada a premiar aquelle que tinha salvado um cidadão romano n'um combate. Para a alcançar era preciso não só ter salvo o legionario em perigo, mas tambem haver matado o aggressor e conservado o terreno em que a acção teve logar. Ao principio era de roble, mas depois fez-se de folha de castanheiro da India e por fim de carvalho.

3ª. Corôa mural (*Corona murales*), era concedida ao primeiro soldado que escalava os muros de uma cidade sitiada. Era de oiro e cercada de ornatos em forma de ameias.

4ª. Corôa obsidional (*Corona obsidionalis*), era concedida unicamente áquelle que salvava um exercito cercado no seu acampamento e posto em grande aperto pelo inimigo. Destinada para recompensar os generaes era dada ao libertador pelo exercito salvo. Feita de relva, ou de outras hervas, quando não havia relva, mas sempre de verdura arrancada no proprio logar em que o exercito tinha sido salvo, era por este motivo chamada tambem *graminea corona*. Era a mais honrosa de todas as recompensas militares.

5ª. Corôa naval ou rostral (*Corona navalis* ou *rostralis*), era dada ao soldado que primeiro entrava em um navio do inimigo. Era de oiro e ornada de esporões de navio (*rostra*). Uma outra corôa naval a que se dava o nome de *corona classica* era concedida ao general que tinha destroçado uma esquadra do inimigo (*classis*). Differia da antecedente por serem os esporões substituidos por prôas inteiras.

6ª. Corôa de oliveira (*Corona oleaginea*), era concedida ao general sob cuja direcção era alcançada uma victoria, ainda mesmo que elle não estivesse presente no exercito, e em certas circumstancias tambem era conferida aos soldados. Como o seu nome indica, era formada de ramos de oliveira.

7ª. Corôa de ovação (*Corona ovalis*), era concedida ao general que tinha merecido as honras do pequeno triumpho chamado *ovatio*. Era de murta.

8ª. Corôa triumphal (*Corona triumphalis*), era reservada para o general que tinha sido julgado digno do grande triumpho, e era de tres especies. A *insignis corona triumphi* era de louro e o general levava-a na cabeça durante a ceremonia do triumpho, a segunda era de oiro e ás vezes com pedras preciosas e era conduzida por um official por cima da cabeça do triumphador durante a marcha do cortejo.

Estas duas corôas eram offerecidas pelos soldados e além d'ellas havia ainda uma terceira egualmente de oiro mas era um simples presente mandado pelas provincias e por isso se denominava *corona provincialis*.

Cada triumphador recebia sempre alguma d'estas ultimas corôas que nos primeiros tempos eram simples donativos voluntarios, mas que por fim vieram a constituir um verdadeiro tributo que se chamava *aurum coronarium*.

Muitas outras especies de corôas eram ainda usadas para diversos fins pelos povos da antiguidade; comprehende-se porém facilmente a impossibilidade de dar aqui noticia embora muito resumida de todas ellas. Nas medalhas apparecem quatro especies differentes de corôas dos imperadores romanos, a corôa de louro, a corôa de raios, a corôa de perolas e a corôa chamada *camelancium* inventada por Justiniano.

Os primeiros christãos reprovavam as corôas como symbolos do paganismo, mas estas idéas duraram pouco tempo e os christãos passaram logo a fazer grande uso das corôas exactamente como os pagãos; os reis catholicos deram grande estimação a esse attributo e até o papa em dias de grande solemnidade põe, não uma corôa simples, mas sim uma triplice corôa.

Ainda hoje, como é sabido, as corôas figuram em muitos actos de que não é necessario citar aqui exemplos, pois todos sabem que é do estylo a noiva na ceremonia do casamento levar uma corôa de flores de laranja, que nos dias dos beneficios de grandes artistas nos theatros lhes são offerecidas corôas, etc".

*

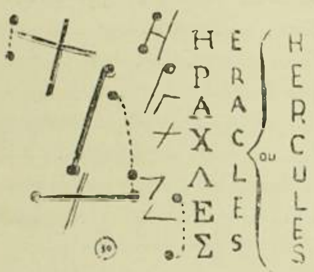


Fig. 1.274

Dicc. Gr., cit., p. 658: Ηρακλες — Semideus. Constellação boreal. Idem Popular de Pinheiro Chagas cit., p. 280, v. 5/6: "Hercules, celebre heroe da antiguidade grega.

Nas tradições orphicas Hercules é assimilado ao Tempo; é considerado como um principe cosmogonico; d'elle nasceu um ovo immenso que, chocado por seu pae, se quebrou em duas partes, formando uma d'ellas o céo e a outra a terra.

Nas concepções posteriores o Hercules grego é filho de Jupiter e de Alcmena; é a personificação da força. Juno mandou dois dragões ou duas serpentes para o devorarem no seu berço, mas a criança heroica suffocou-as nos braços.

Tornou-se de um tamanho e de uma força extraordinarios. Casado com Megara, filha de Creonte, matou-a n'um accesso de loucura, assim como os filhos que tivera d'ella. Para expiar esse crime involuntario, foi condemnado a obedecer ao rei Eurystheu, seu irmão, que lhe fez executar as rudes empresas conhecidas pelo nome dos *Doze trabalhos de Hercules*. Eis a sua enumeração:

1°. Teve de combater e de matar o leão da floresta de Neméa, cujos despojos sempre usou depois.

2°. Matou a hydra de Lerna.

3°. Apanhou vivo o javali de Euryantho.

4°. Apanhou na carreira a corsa de pés de bronze, e de chifres de oiro, corsa tão rapida que ninguem antes d'elle a pudera apanhar, e que o heroe não queria trespassar com as suas flechas inevitaveis, por ser consagrada a Diana. Perseguiu-a um anno inteiro, atravéz das florestas de Menalo, montanha da Arcadia.

5°. Matou a flechadas as aves do lago Stymphalo.

6°. Domou o toiro da ilha de Creta, enviado por Neptuno contra Minos.

7°. Tomou os cavallos de Diomedes, rei da Thracia, que sustentava os seus cavallos com carne humana, e puniu-o a elle mesmo da sua crueldade, fazendo-o devorar pelos seus proprios cavallos.

8°. Venceu as Amazonas, e raptou-lhes a rainha.

9°. Limpou os curraes de Augias, que não tinham sido limpos havia mais de trinta annos e que encerravam tres mil bois. Hercules fez passar por alli o rio Alpheu que desviou do seu curso.

10°. Combateu e matou Geryão e tirou-lhe os rebanhos.

11°. Tirou os pomos de ouro do jardim das Hesperides.

12°. Emfim, tirou Theseu do inferno, depois de ter acorrentado Cerbéro, e de ter trazido o monstro até á luz do sol.

A tradição attribuia ainda a Hercules uma infinidade de outras façanhas; mostra-nol-o armado da sua terrivel clava, que só elle podia manejar e com a qual exterminava os bandidos e os monstros. Assim sustentou o céo nos seus hombros para alliviar Atlas, livrou Hesione de um monstro que ia devoral-a, exterminou os centauros, tomou Troya e poz Priamo no throno, matou o gigante Anteu, o bandido Caco e Busires, separou as montanhas de Calpe e de Abyla, chamadas depois as columnas de Hercules, livrou Prometheu, matou o centauro Nesso, combateu os proprios deuses, e feriu Juno e Plutão, etc. Dejanira, mulher de Hercules, ciosa de ter o heroe raptado Iole, filha do rei Eurytho, mandou-lhe a tunica tinta com o sangue de Nesso, sangue envenenado pela flecha com que Hercules matara o centauro. Este, ao morrer, legara a sua tunica a Dejanira, affirmando-lhe que, se seu marido lhe viesse a ser infiel, essa tunica teria a virtude de fazer com que elle se arrependesse. Apenas Hercules a revestiu, logo o veneno em que estava impregnada lhe queimou as carnes, que se soltavam, á medida que elle tentava arrancar a tunica fatal. Na sua raiva furiosa, accendeu uma fogueira no monte Oeta e precipitou-se nas chammas, mas depois de ter precipitado elle proprio nas ondas do mar Euden o desgraçado Lichas, que lhe trouxera o fatal presente de Dejanira.

Os gregos e os romanos deram o nome de Hercules a todos os deuses dos povos estrangeiros que pareciam ter alguma analogia com o filho de Alemena. O mais celebre era o Hercules tyrio ou Melkarth. Foi o Hercules tyrio, personalisação do povo phenicio, que fez a viagem ao Oceano, e a lenda do deus chegou por isso aos romanos ampliada com esta e outras façanhas de outros Hercules.

Quanto á significação d'esta lenda heroica, não nos alargaremos a esse respeito em explicações incompativeis com o plano deste *Diccionario* — diremos apenas que se suppõe que na lenda de Hercules ou Héraclés, ha envoltos factos historicos, mas que em todo o caso tem o mytho os caracteristicos de um mytho solar".

*

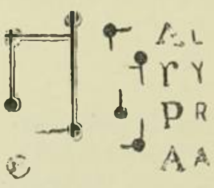


Fig. 1.275

Dicc. Gr. cit., p. 865: ΛΥΡΑ, ας (ἡ) LYRA, instrumento de corda, tambem poesia lyrica; lyra, constellação.

Idem Const., p. 665: "(Lat. e Gr. Vem do Gr. ἱλαρος *ilaros* alegre, jocundo, formado de ἱλαος *ilaos* suave, e ῥεω *rehéo* correr, soar. *Lyras*, composição poetica de 5 versos dos quaes o segundo e o quinto são heroicos.

Lyra — uma constellação septentrional".

*

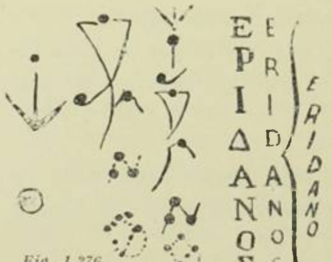
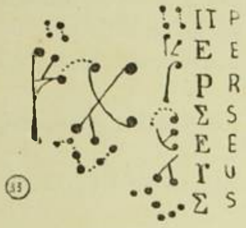


Fig. 1.276

Dicc. Gr. cit. aliás Const., p. 490: Nome grego do Rio Pó (*Padus Lat.*), *rio* da Italia; nome de uma constellação austral situada abaixo da Baleia.

Astr. por Flammarion, p. 724: "*Eridon* é composto de uma serie de estrellas contornando o pé esquerdo de Orion e perdendo-se no horizonte; depois de longa sinuosidade, termina por uma bella estrella de primeira grandeza, Archernar. E' o rio onde cahiu Phaeton que conduzia desastradamente o carro do sol; foi collocado no céo para consolar Apollo da morte de seu filho".

*


Fig. 1.277

Dicc. Gr. cit., p. 1118: ΠΕΡΣΕΥΣ — PERSÊO — Peixe do Mar Vermelho, nome de uma constellação boreal na via lactea entre Tauro e os pés de Cassiopéa.

Do mesmo modo define Const. a p. 768, e Simões da Fonseca, p. 934: (Mith.) Rei de Argos e fundador de Mycenas, filho de Jupiter e de Danae, XIV sec. ant. de Jesus Christo.

*


Fig. 1.278

Dicc. Gr. cit., p. 28: ΑΕΤΟΣ, οῦ (ὁ) aguia, ave, tambem presagio, oraculo, etc.

Idem Const. cit., p. 30: (Lat. *aquila de acus*, ponta aguda, e *ala*, aza, ave), insignia dos antigos Romanos, guerra; nome de uma constellação boreal.

Idem Popular de Pinheiro Chagas cit., p. 243, v. 1/2: "AGUIA. Desde tempos immemoriaes a allegoria e o symbolismo têm feito um frequente uso da *aguia*.

A imaginação dos primeiros povos collocou naturalmente na primeira classe os animaes, que reputou mais fortes; o leão, por exemplo, entre os quadrupedes, e a aguia entre as aves.

Tambem a poesia dotou a aguia de qualidades reaes; e a mythologia grega fez d'ella a ave de Jupiter, collocando-lhe o raio entre as garras temiveis. Depois tornou-se o emblema do genio, da grandeza e da magestade, e a sua imagem brilhou no peito dos heroes e semi-deuses, e tanto na antiguidade como nos tempos modernos acarretou aos combates as mais potentes nações.

Ella figura nos estandartes dos persas no tempo de Cyro, e crê-se, geralmente, que foi aquelle o primeiro povo que a adoptou como emblema.

Os Romanos tambem a adoptaram para as legiões, durante o segundo consulado de Mario; as primeiras aguias eram de madeira; ajuntaram-se-lhes depois as corôas, e substituiram-se as primeiras por outras de prata com raios de oiro; e, finalmente, no reinado dos Cesares foram todas de oiro, mas sem raios.

Cada legião tinha a sua aguia, que levava fixa sobre uma lança, e algumas vezes até serviu a palavra aguia (*Aquila*) para designar uma legião em geral, e para se distinguirem as legiões davam-se ás aguias differentes formas; assim se representavam ora de pé, ora assentadas, mas com as azas sempre abertas, como symbolo de constante actividade.

A aguia foi conservada até ao fim pelos imperadores gregos.

No Occidente desappareceu com o imperio, mas restabeleceu-se quando os principes Carlovingianos puzeram em sua cabeça a corôa imperial.

A aguia de duas cabeças esteve a principio em uso entre os imperadores do Oriente, que, segundo se crê, manifestavam assim os seus direitos aos dois imperios do Oriente e Occidente. Mais tarde, os imperadores do Occidente adoptaram este symbolo do Oriente e d'ahi passou para a casa d'Austria. A Russia tambem adoptou o uso da aguia

no reinado do Czar *Wasilievitch*. Em 1804 a aguia tornou-se o emblema da França imperial; desappareceu em 1815, e só foi restabelecida depois do golpe d'Estado de 2 de Dezembro. A aguia negra figura nas armas da Prussia, e a branca figura nas da Polonia.

Finalmente, no tempo da guerra da independencia os Estados Unidos tomaram por bandeira uma aguia sobre fundo azul semeado de estrellas.

A Escriptura subministra muitos emblemas tomados da natureza e das propriedades da aguia.

Diz, pois, *Levit, cap. 11, vers. 13 e Deuter, cap. 14, vers 12,* que todos os generos de aguias eram impuros para os israelitas e prohibidos pela lei.

David, no psalmo 102, dando graças a Deus pelos beneficios que d'elle havia recebido, diz, entre outras coisas, que *a sua mocidade se renovou como a da aguia.*

Os interpretes fizeram diversas conjecturas sobre a renovação da mocidade da aguia.

Lê-se no Exodo, *capitulo 19, v. 4,* que disse Deus a Israel pela bocca de Moisés *que os tinha levado nas azas das aguias.*

Salomão diz, *Proverb., cap. 30, v. 18 e 19,* que havia quatro coisas que elle não conhecia, a saber: *o vestigio da aguia no ar; o vestigio da serpente na rocha; o vestigio do navio no mar e o vestigio do homem na virgem.*

Micheas, *cap. 1, v. 16,* parece dizer que a aguia larga as pennas no seu lucto.

Em Job, *cap. 39, vers.* 30, 31, 32, 33, ha uma descripção da aguia, que finda n'estes termos: *e onde ha corpos mortos juntam-se as aguias.*

A isto allude Jesus, quando diz: *e onde estiver o corpo morto ahi se juntarão as aguias.*

Aguia é tambem o nome de uma constellação. A mythologia grega diz que a aguia foi recebida entre os astros, em agradecimento do serviço que prestou a Jupiter, que tendo sido escondido n'uma caverna para não o devorar seu pae Saturno, foi ali creado por uma aguia que, no dizer de alguns, era uma mulher douta, e que cultivava a poesia. Outros dizem que foi em memoria de ter sido a aguia um agouro feliz de victoria que Jupiter alcançou na ilha de Naxos, contra os Titães, ou por lhe ter fornecido armas na guerra que teve contra estes, que haviam encadeado seu pae. Por isso quiz Jupiter que d'ahi em seguida lhe fosse consagrada esta ave e em todas as suas expedições militares levou a figura de uma aguia nas suas bandeiras. Alguns affirmam que foi a aguia collocada no céo, em memoria do roubo de Ganymedes.

Alguns mythologos referem que esta aguia nasceu de Tryphon, e de Echidna; e que roeu o coração e o figado de Prometheu, sendo depois ferida pelas settas d'Hercules. Finalmente, houve entre os antigos alguns autores que pensaram ter sido a alma de Platão transformada n'aquella aguia celeste. E' o assumpto do epitaphio seguinte, traduzido do grego para o latim e attribuido a Spensipo, philosopho atheniense, sobrinho do mesmo Platão.

Cur Aquila, ad tumulum hunc volitas? dic nunquid ab Astris Hic habitare Deum forte aliquem intuita es?
Imo anima extincti sum diva Platonis; Olympum
Quae colo: sed corpus terrigenum Attica habet.

A aguia era uma ave de bom agouro, quando voava com as azas todas abertas e para o lado direito".

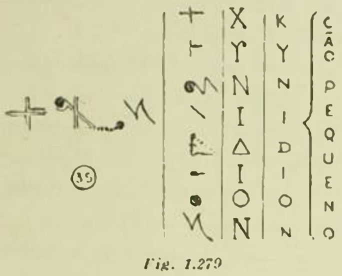


Fig. 1.279

Dicc. Gr. cit., p. 826 — Κυνίδιον, ου (το) CÃO PEQUENO.

Idem Const., p. 218 — "Cão pequeno, Procyon. Esta constellação é que deveria chamar-se canicula.

Idem Simões da Fonseca, p. 288 — *Cão maior*, Canicula, Sirius, Sothis, *Cão menor*, Procyon. Esta ultima const. deveria ser chamada, com razão, canicula".

⁂

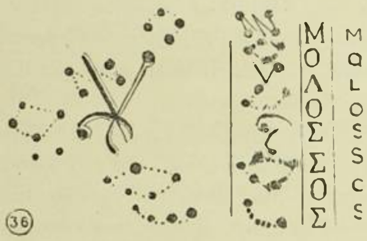


Fig. 1.280

Dicc. Gr. cit., 921 — Μολοσσος de Χυων — *kúon* cão molosso, grande cão de pastor, etc.

Const. idem: Cão maior, Canicula (indevidamente).

Sirius, Sothis, em Egypcio. Diz o Dicc. Gr. cit., p. 1276, sobre Σειριος. "SIRIO: abrasante, ardente — Σειριος, αστηρ ou Σειριον αστρον, Poet. astro ardente, isto é, tanto o sol, como a estrella da canicula Σειριος, ου (ο), sirius, estrella; a canicula, constellação ou estação. Const., p. 892: (Lat. *Sirius*, do Gr. Σειριος, *Seirios* de σειρον, *seiron* astro ou antes do Egypcio *cion* astro, e *ouhor* cão), uma constellação austral chamada vulgarmente Canicula, mas que é o CÃO MAIOR, denominado Sothis pelos Egypcios, ou astro de Isis, (*ciou*, astro ti ISI, de Isis ou Sourot)".

Flammarion, em sua obra cit., p. 724, diz sobre esta constellação: "que representava ella grande papel na astr. egypcia, porque regulava o calendario antigo, era a famosa *canicula*, que predizia a inundação do Nilo, o solsticio do verão, os grandes calores e as febres, a precessão dos equinoxios ha 3.000 annos retardou de 1 1/2 mez a época de sua apparição e hoje nada mais annuncia, nem aos Egypcios que morreram nem a seus successores".

⁂

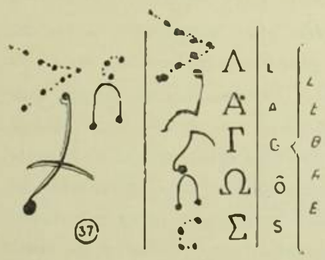


Fig. 1.281

Dicc. Gr. cit., p. 834 — Λαγως, ώ (ό) dat. λαγῷ, acc. λαγων, e λαγώ, plur. λαγῳ ων, ῳς ώς, ou λαγοί, ῶν, οῖς, ούς, (encontra-se tambem o gen. sing. λαγοῦ, mesmo em prosa) LEBRE, *animal*; lebre do mar, *peixe*; lebre, constellação, etc.

Idem Const. cit., p. 650 — (Lat. *lepus, oris*, formado de *levris e pes*, ligeiro de pés), etc. Lebre, uma constellação austral.

⁂

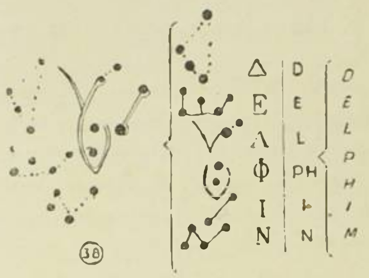


Fig. 1.282

Dicc. Gr. cit., p. 332: ΔΕΛΦΙΣ, ou antes — ΔΕΛΦΙΝ, animal cetaceo. Constellação.

"A origem desta palavra, segundo Pinheiro Chagas, é incerta, mas dizem que vem dos Aufinatas, povo de quem falla Plinio e Ptolomeu; outros pensam que os Albobrogas trouxeram o nome de Delphos; outros, ainda, querem que o nome delphinado venha de usarem os principes que depois de Boson denominaram n'esse paiz, no seu escudo um *delphim* como symbolo de doçura e de principios humanitarios e finalmente outras modernas opiniões".

*

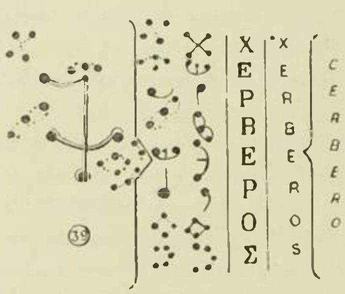


Fig. 1.283

Dicc. Const. cit., p. 244: (Lat. *cerberus* do Gr. Χρβερος — *kerberos* de χρεας *kréas* carne, e Βορος *boros* que devora), ter. myth., o cão trifauce que guarda o inferno, etc.; Constellação boreal.

Idem Popul. Pinheiro Chagas, v. 3/4, p. 232: "*Cerbero*. Cão trifauce, que guardava, diz a mythologia, a entrada dos infernos, e que tinha por missão impedir as almas de se escaparem. Tinha tres cabeças e o seu pello era eriçado de serpentes.

Os antigos nos tumulos dos seus punham sempre um obulo para pagarem a passagem a Charonte, o barqueiro infernal, e um bolo de mel para adoçarem a severidade de Cerbero.

Hercules trouxe o cão para a terra dos vivos, depois de luctar com elle e de o prender com cadeias de diamante. Restituido á liberdade, o cão monstruoso, depois d'essa viagem de pouco recreio á terra, tornou para os seus queridos infernos, de onde nunca mais saiu.

Era filho do gigante Typhão e de Echidna, que o gigante violentara n'um antro do inferno".

*

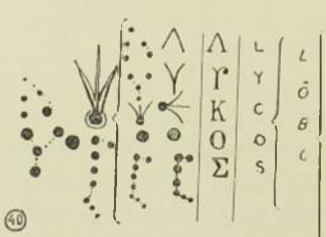


Fig. 1.284

Dicc. Gr. cit., p. 865: ΛΥΚΟΣ, ου(ό) — Lobo, *animal*: *esturgeon* peixe; especie *gaio*, provavelmente coruja, *ave*, aranha, lobo, insecto; freio rude para cavallo que tem a bocca dura: gancho de ferro para suspender a carne; tambem flôr de iris ou de plantas semelhantes, etc.

Idem Const. cit., p. 661. "Lobo — (Lat. *lupus*, que os etymologistas derivam do Gr. λυχος *lykos*, λυχόω *lykoô* devorar. Duvido d'esta etymologia que suppõe a substituição de *p* em *k*, letras que não têm semelhança. Talvez *lupus* seja formado do Gr. λεία *leia* presa, e πιέζω *piezô* agarrar), animal quadrupede, carnivoro, feroz e astuto, semelhante ao cão bravo, etc. *Lobo*, nome de uma constellação austral, debaixo da constellação Libra".

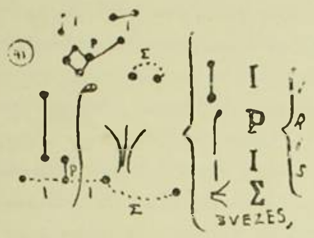


Fig. 1.285

Dicc. Gr. cit., p. 701: ΙΡΙΣ, ιδος ou ιος (ἡ) Iris *deusa*: *ires* ou *arco-iris* meteoro. Rad. pouco usada εἴρω *dizer*.

Idem Const. cit., p. 635: "Lat. e Gr. o arco celeste, a deusa Iris, mensageira dos deuses; a flôr do lirio. Os etymologistas derivam o nome grego de εἴρω *eiró* dizer, prognosticar, porque o arco iris annuncia o bom tempo depois da chuva.

Em Egypcio *iris* significa a aurora, e *iorh* a pupilla do olho; term. myth. a deusa Iris; nome de uma flôr, lirio, etc. Arco celeste luminoso, de varias côres, vulgarmente chamado *da velha*, effeito da refracção dos raios solares pelas gotas da chuva, etc".

Segundo Pinheiro Chagas: "mensageira dos deuses, especialmente de Jupiter e de Juno, e filha de Thaumas e de Electra.

Leva as mensagens divinas ao ceu, á terra e até ás profundidades das aguas.

E' ella que prepara o leito do soberano dos deuses, a *toillette* e o banho de Juno.

Vemol-a, nos poetas, introduzir Thetys no Olympo e tirar do campo de batalha, debaixo dos muros de Troya, Venus ferida.

Nas suas relações com os mortaes, ajuda-os frequentemente com os seus conselhos

Juno mudou-a em arco iris, e a mensageira rapida, transformada em deusa do ar, dá de beber ás nuvens sedentas.

E' considerada geralmente como uma deusa virgem, mas alguns mythologos dizem-n'a amante de Zephyro, de quem teve o Amor".

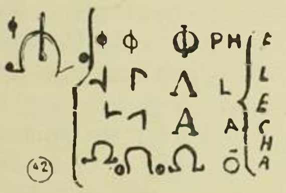


Fig. 1.286

Dicc. Const. cit., p. 565: (grande é a discordancia entre os etymologistas sobre a origem deste nome, etc. Vem do Gr. φλαω *phlaô* romper, fender), frecha. *Flecha* parece mais correcto, etc.

C. Alexandre, que temos citado, em seu Dicc. Gr. á p. 280, define, Βελος flecha.

A figura, segundo consta da inscripção, presta-se mais áquella interpretação.

*

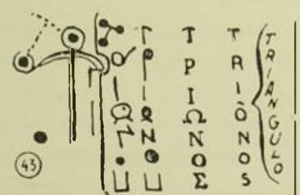


Fig. 1.287

Dicc. Gr. cit. p., 1440: Τριγωνος, ος, ον, que tem angulos; tres pontas, triangular, etc. O Triangulo, constellação boreal.

*

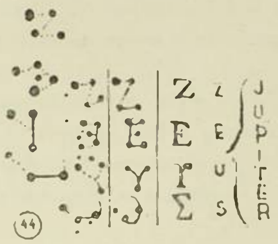


Fig. 1.288

Dicc. Gr. cit., p. 640: ΣΕΥΣ, *gen.* Διός. *dat.* Διί. *acc.* Δία. *voc.* Ζεῦ (ὦ). Jupiter, *deus fabuloso ou* PLANETA; *e tambem o céo, o ar, o tempo, a chuva, etc.*

Mithologicamente assim define Pinheiro Chagas em sua obra cit., v. 5/6, p. 480: "Jupiter. Em grego *Zeus,* o deus supremo e pae e senhor dos deuses e dos homens para os Gregos e para os Romanos era filho de Saturno e de Rhéa. Não tendo alcançado Saturno de Titão a cedencia do throno senão com a condição de não criar filhos varões, Jupiter devia ser devorado ao nascer por seu proprio pae, mas foi salvo pela astucia de Rhéa, que substituiu á criança divina uma pedra envolta em faixas que foi por Saturno devorada. Foi creado secretamente na ilha de Creta, onde mamou o leite da cabra Amalthea, e onde os curetas e os corybantes cuidaram da sua infancia. Informados da fraude de Rhéa, Titão e os seus filhos atacaram Saturno, deshonraram-n'o e arrojaram-n'o para uma prisão; mas Jupiter, apezar de ter apenas um anno, livrou seu pae e collocou-o de novo no throno. Tempos depois, Saturno, que temia a ambição de um filho tão poderoso, armou-lhe ciladas; mas Jupiter, conhecendo os seus desejos, expulsou-o do Olympo e assenhoreou-se de todos os seus Estados.

Então dividiu o imperio do mundo com seus irmãos Neptuno e Plutão; deu ao primeiro os mares, ao segundo os infernos, e reservou para si a terra e os ares.

Jupiter teve de sustentar uma guerra terrivel contra os gigantes que quizeram escalar o céo para vingar os titães, seus irmãos, e para o desthronisar; desfez-se d'elles fulminando-os.

Os poetas contam d'este deus mil aventuras; precipita no inferno Ixion, que queria attentar contra a honra de Juno; fulmina Tantalo, Salmoneu, Capaneu, culpados de impiedade; acorrenta no Caucaso Prometheu que furtara o fogo do céu; um dia, desce á Arcadia, á casa do rei Lycaon, principe cruel e impio; muda-o em lobo, reduz o seu palacio a cinzas, fulmina seus filhos; outro dia visita a Phrygia com seu filho Mercurio e só acha hospitalidade em casa de Philemon e Baucis, que recompensa como um verdadeiro deus; emfim, para punir a maldade dos homens, dá-lhes a morte por meio de um diluvio, e só exceptua Deucalião, principe da Thessalia, com Pyrrha sua mulher, Jupiter casa com Juno, sua irmã, que tornou mãe de Vulcano, de Hebe, e de Lucina e cujo caracter altivo lhe causou bastantes dissabores.

Teve, além disso, uma multidão de amantes: Io, Semelle, mãe de Baccho, Ceres, mãe de Proserpina, Mnemosyne, mãe das Musas, Latona, mãe de Appolo e de Diana, Maia, mãe de Mercurio, Alcmena, mãe de Hercules, etc.

Gerou, só por si, Minerva ou a Sabedoria, que saiu do seu cerebro armada de ponto em branco. Esse deus metamorphoseava-se de mil maneiras para satisfazer as suas paixões; seduziu Danaé debaixo da forma de uma chuva de oiro, Léda debaixo da forma de um cysne, raptou Europa debaixo da forma de um toiro.

Jupiter é representado, sentado n'um throno de oiro e de marfim, com um sceptro na mão, e vibrando o raio com a outra; aos seus pés está uma aguia com as azas despregadas, e ao pé d'elle, Ganymedes, seu copeiro.

O carvalho era-lhe consagrado, confunde-se algumas vezes com o ar, no seio do qual estava collocado o seu throno. Os templos mais celebres de Jupiter eram os de Do-

dona no Epiro, de Olympia na Elida, de Ammion na Lybia, e o Capitolio em Roma. Celebraram-se em sua honra festas e jogos publicos, entre os quaes se distinguem os jogos olympicos. A mais bella estatua d'este deus é o Jupiter Olympico de Phidias, estatua colossal de ouro e de marfim, e uma das sete maravilhas do mundo.

Nas lendas transmittidas pelos antigos acerca de Jupiter, encontra-se a um tempo a idéa de um deus supremo, que preside ao universo, e que se encontra por toda a parte com mil diversas formas, e a lembrança de um principe poderoso, mas dissoluto, e que reinava ou em Creta, ou em algum dos paizes onde se encontra um monte Olympo".

*

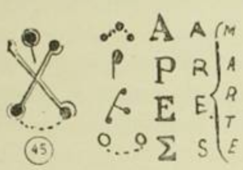


Fig. 1.289

Dicc. Gr. cit., p. 217: ΑΡΗΣ. gen. Ἄρεος, dat. Ἄρει, acc. Ἄρη ou Ἄρην. voc. Ἄρες ou Poet. Ἄρες (ὁ) MARTE, deus da guerra.

Simões Fonseca: Um dos principaes planetas cuja orbita é exterior á da terra e interior á de Jupiter (1). Mith. segundo Pinheiro Chagas: "MARTE, em grego *Arés*, o *Mamers* dos sabinos, o *Mavorte* e *Gradivo* dos poetas, filho de Jupiter e de Juno ou de Juno só, deus da guerra e personificação da violencia e da raiva bruta, ao passo que Minerva o era da coragem alliada á sabedoria. E' por isso que Marte protege os Troyanos, isto é, os barbaros, emquanto Minerva é a protectora dos Gregos. Marte tendo assassinado Halirrothio, filho de Neptuno, este citou-o a comparecer deante dos deuses reunidos n'uma collina perto de Athenas. O accusado foi absolvido e assim foi instituido o tribunal do Areopago (collina de Marte), cujo estabelecimento é tambem attribuido a Minerva. Marte era honrado entre os gregos, mas muito menos do que entre os Troyanos e principalmente do que entre os Romanos que o consideravam pae de Romulo. Tinha em Roma um collegio de sacerdotes chamados salianos. O primeiro mez do anno tinha o nome d'este deus, assim como a terça-feira que lhe era dedicada. Além de outros animaes o gallo era consagrado a Marte.

Encontram-se muito poucas estatuas d'este deus entre os Gregos e pelo contrario acham-se em grande numero entre os Romanos".

*

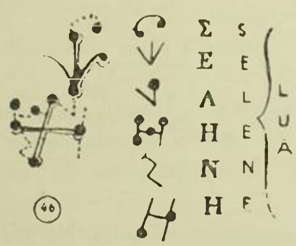


Fig. 1.290

Dicc. Const. cit., p. 665: Gr. Σελήνη *selene*; Lat. *luna*, pronunciado *lua*, supprimindo o *se* inicial.

Os etymologistas derivam este termo do Lat. *luceo, ere* brilhar, ou de *lux luz*, mas não explicam a origem do *na* final, que vem de *nova*, porque a lua renova a sua luz nas phases de cada revolução, planeta satellite da terra, *Lua nova*, em conjuncção com o sol; — *cheia*, em opposição com o sol; — *cris* eclipsada.

Idem Gr. cit., p. 1277: ΣΕΛΗΝΗ, ης (ἡ) a LUA, algumas vezes *Diana*, deusa da luz, etc.

(1) Este signo comprehende o de n. 46, ou nelle está annexado.

Idem da Biblia Sagrada por Pedro Lacheze cit., p. 137: "*Lua* — O mais baixo dos sete planetas, que foi creado no quarto dia para presidir a noite, e servir tambem para a marcação do tempo: *Sint in signa, et tempora, et dies, et annos*. Os Judeus, assim como outros povos, tinham os annos lunares, e regulavam os mezes e as festas pelo curso da lua.

Os Hebreus adoravam este astro sob o nome de *Astrate, a deusa dos bosques e do reino do Céo.* Vê-se em Isaias e Jeremias, que nas encruzilhadas das ruas e sobre os telhados das casas, os Hebreus d'aquelles tempos punham offertas de doces e de outros objectos dedicados á Lua".

*

(37)

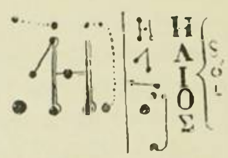


Fig. 1.291

Dicc. Gr. cit., p. 650: ΉΛΙΟΣ, ου (ὁ) SOL, tambem *meio dia, calor do dia*, etc.

Idem Const. cit., p. 897: "SOL (Lat. *sol*, que alguns etymologistas derivam de *sols* unico. Vem do Gr. ἥλιος *helios*, cuja origem não dá Court de Gébelin, limitando-se a dizer que é termo oriental. *Helios* me parece vir do Egypcio *ial* ou *iel*, esplendor, e *osch*, grande), o astro luminoso, centro do nosso systema planetario, fonte de luz, astro do dia, fig. dia. *De sol a sol*, desde que elle nasce até que se põe. Sol *cris*, eclipse do sol, etc".

Flammarion, assim começa, tratando do SOL: "Fonte brilhante da luz e do calor, do movimento, da vida e da belleza, o divino sol em todos os seculos recebeu as homenagens solicitas e reconhecidas dos mortaes.

O ignorante admira-o porque sente o effeito do seu poder e do seu valor; o sabio aprecia-o porque aprendeu a conhecer a sua unica importancia no systema do mundo; o artista sauda-o porque vê em seu esplendor a causa virtual de todos as harmonias. Este astro gigante é verdadeiramente o coração do organismo planetario; cada uma de suas palpitações celestes envia ao longe até á nossa pequena terra, como ao longinquo Neptuno, até mesmo aos pallidos cometas abandonados mais longe ainda no inverno eterno, e até ás estrellas a milhões de milhares de kilometros. . . cada uma das palpitações deste coração inflammado lança e espalha sem conta a incommensuravel força vital que vai distribuir a vida e a felicidade sobre todos os mundos. . ."

*



(48)

Fig. 1.292

Dicc. Gr. cit., p. 817: SATURNO, *deus do tempo*, etc.

Idem Const., p. 876: (Lat. *Saturnus*) nome do planeta mais remoto do sol e da terra, etc.

Define mythologicamente Pinheiro Chagas, obra cit. "SATURNO, em grego *Kronos*, filho de Urano e da Terra ou de Rhea que veio a ser sua mulher, teve d'esta: Jupiter, Neptuno, Plutão, Juno, Vesta e Ceres. E' tambem pae do centauro Chironte.

A sua historia, meia grega, meia italica, passa parte no céu, parte na terra. No céu desthronou seu pae e succedeu-lhe. Segundo uma das versões, para escapar á morte que um de seus filhos lhe havia de dar, devorou Vesta, Ceres, Juno, Plutão e Neptuno, mas a esposa deu-lhe a comer em vez de Jupiter uma pedra e obrigou-o com uma beberagem a restituir-lhe os outros filhos. Conforme outra tradição, fez, com Jano

seu irmão mais velho, o ajuste de devorar os filhos varões, para lhe deixar o throno, mas Titan soube que, pelo fraudulento meio usado por sua mãe, Jupiter viveu e atacando Saturno prendeu-o. Libertado por Jupiter, que tinha apenas um anno e restabelecido no throno, Saturno imaginou varias tramas para se desfazer d'elle e por fim é expulso do céu. Chegando á foz do Tibre foi acolhido por Jano, rei do paiz, casou com a filha d'esse soberano, civilisou os homens, deu-lhes leis, ensinando-lhes ao mesmo tempo a cultivar as terras.

O paiz em que elle viveu então tomou o nome de Lacio e seu reinado ficou conhecido pela denominação de edade de ouro.

O culto de Saturno não era grande na Grecia, mas adquiriu grande importancia em Roma, onde se celebravam em honra d'elle as saturnaes e onde este deus tinha um templo, perto do Capitolio, no qual se guardava o thesouro publico.

Saturno é representado com a figura de um velho e tem por attributos a fouce, a ampulheta e umas grandes azas. A fabula de Saturno devorando os filhos parece ser o symbolo do tempo que destroe tudo o que edificou".

*



Fig. 1.293

Dicc. Gr. cit. p., 590: ΕΡΜΗΣ, οῦ (ὁ) *contr.* de ΕΡΜΕΑΣ, MERCURIO, *deus ou planeta*, etc. Ter. myth. segundo Pinheiro Chagas, cit. v. 7/8, p. 177: "MERCURIO: Filho de Jupiter e da nympha Maia, é o deus da eloquencia, do commercio e dos ladrões; exercia tambem as funcções de mensageiro dos deuses e conduzia as almas dos mortos aos infernos. Dizem que nasceu na Arcadia. Desde a sua infancia, se assignalou pela sua destreza e pelos seus furtos: roubou o tridente de Neptuno, a espada de Marte, o cinto de Venus; foi por causa d'estes crimes exilado para a terra; e reduzido, assim como Apollo, a guardar os rebanhos de Admeto. Transformou o indiscreto Batto em pedra pómes, roubou os rebanhos, as armas e a lyra de Apollo, e serviu-se desta ultima para adormecer Argus, o guarda da vacca Io; livrou Marte da prisão em que Vulcano o enleiara e encadeiou Prometheu no monte Caucaso, etc. Representam-n'o com a figura de um bonito rapaz, com azas nos hombros e nos calcanhares, e segurando com a mão um caduceu. Os Gregos davam a este deus o nome de Hermés".

*

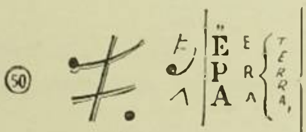


Fig. 1.294

ou JANO, rainha dos deuses.

Dicc. Gr. cit., p. 584: ΕΡΑ, ας (ἡ) (Glossario, vocabulo tirado dos grammaticos antigos, como Hésychius, Sidas etc., para explicação de palavras antigas, hoje não usadas).

Idem, Const. cit., p., 924: Gr. ἜΡΑ *era* TERRA. Terra, o globo terraqueo, fig. — o mundo, os homens, etc. "*Terra* segundo alguns mythologos, divindade dos pagãos, identica a Cybele. Foi esposa do Céo ou de Urano e teve os seguintes filhos: O Oceano, os Titães, os Gigantes, os Cyclopes, Japhet, Rhea, Thetys, etc.

Os antigos consideravam a terra como a Natureza ou mãe universal de todos os seres e por isso lhe davam o nome de *magna mater*. Foi a Terra quem disse a Saturno

que seria desthronado por seu filho e foi a primeira divindade que teve um oratorio em Delphos.

Homero diz que lhe sacrificavam cordeiros pretos e que a invocavam nos juramentos".

Encontra-se tambem á p. 1577 do Dicc. Gr. cit. ΧΘΏΝ, ονός (ἡ) *Poet.* terra; terreno, solo; paiz, patria; o interior da terra, e tambem o inferno, etc. Homero: descer á terra, isto é, morrer.

Finalmente temos ainda á p. 308 do mesmo autor: ΓΗ̃ gen. γῆς (ἡ) contr. por γέα ou γαῖα, terra em todos os sentidos; elemento terrestre; globo terrestre; porção de territorio, paiz, terra cultivada, campo, dominio, etc.

*

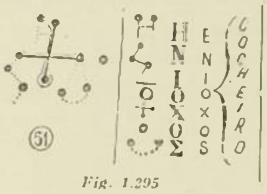


Fig. 1.295

Dicc. Gr. cit., p. 656: ΗΝΙΟΧΟΣ, cocheiro, conductor de carro ou coche; *adj.* (ὁ,ἡ) que conduz, que dirige, etc. Constellação boreal.

*

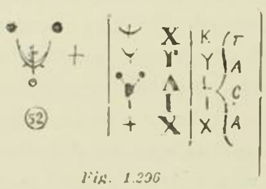


Fig. 1.296

Dicc. Francez — Gr. por M. M. Alexandre, Planche, etc. Defauconpret, p. 256: κύλιξ. Especie de vaso, pequena taça.

Idem Const. cit., p. 914: (Arab. *tás* ou taça), vaso de beber, de pouca altura e de bocca larga; de metal, louça ou vidro, etc.

Constellação austral.

*

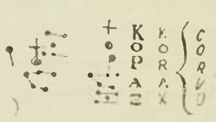


Fig. 1.297

Dicc. Gr. cit., p. 804 : ΚΟΡΑΞ, ακος (ὁ) CORVO, ave; o corvo constellação austral, etc. Theogn. tudo está abandonado aos corvos, isto é, *tudo é desordem e corrupção.*

Idem Const., p. 323: *Corvo* (Lat. *corvus*, Gr. κόραξ *korax*, de κρώζω *krozô, grasnar*, voz imitativa).

Outros o derivam de κόρος *kôros*, negro, rad. καίω *kaio*, queimar (mas a primeira etymologia parece-me preferivel); ave negra, de bico agudo e curvo, carnivora, e que se sustenta principalmente de cadaveres, etc.

O Dicc. Biblico cit. assim se manifesta sobre o Corvo: "Ave de rapina declarada impura pela Lei de Moysés.

Mandando Noé que sahisse da arca um corvo para ver se as aguas ainda se conservavam sobre a terra, este animal não voltou. *Dimisit corvum qui egrediebatur et non revertabatur* (Gen. 8, 5).

Tendo-se retirado, por ordem de Deus, o Propheta Elias, para junto da torrente de Caritho, o Senhor o mandava sustentar por corvos, que duas vezes por dia lhe levavam carne e pão. *Corvis que priæcepi ut pascant te ibi* (3 Reg. 17, 4).

Os Padres veem no corvo mandado sahir da arca a imagem dos maus que não amam a Egreja cordealmente, e que tão insensiveis ao bem como ao mal, não se occupam d'outra cousa que não seja satisfazerem as suas paixões".
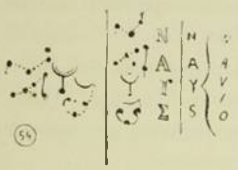
*



Fig. 1.298

Dicc. Gr. cit., p. 938: ΝΑΫΣ, *gen.* ναός ou *Ion* νηος, *mas sempre Att.* νεως, *dat.* νηΐ, *acc.* ναῦν, *pl.* νῆες, *gen* νεῶν, *dat.* ναυσί, *acc.* ναῦς e νῆας, *dual,* νῆε, *gen. e dat.* νεοῖν (ἡ), NAVIO, *etc.*

"Constellação austral que contém a estrella Canopos ou Canobos, que segundo Const., p. 217 é derivado do Egypcio *enoub* ou *enub* (que significa astro brilhante como o ouro) estrella de primeira grandeza e muito brilhante, situada na extremidade a mais meridional da constellação chamada Não Argo ou Argos".

*

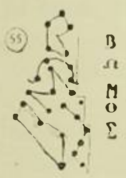


Fig. 1.299

ΒΩΜΌΣ — Dicc. Gr. cit., p. 298 Βωμος, οῦ (ὁ) ALTAR, especialmente d'uma divindade pagã, tambem templo, santuario, etc. Constellação.

Idem Const., p. 59 "(Lat. *altare*, derivado de *altus, a, um*, alto e *ara* ara, altar; do Gr. ἀρα *ara*, orações, votos, preces, imprecações) a ara ou meza alevantada de templo ou igreja sobre a qual se offerecem sacrificios, e preces á Divindade. Diz-se tanto das aras gentilicas, das judaicas, etc., como das dos templos christãos, e dos sacrificios de animaes, como dos symbolicos, etc".

*

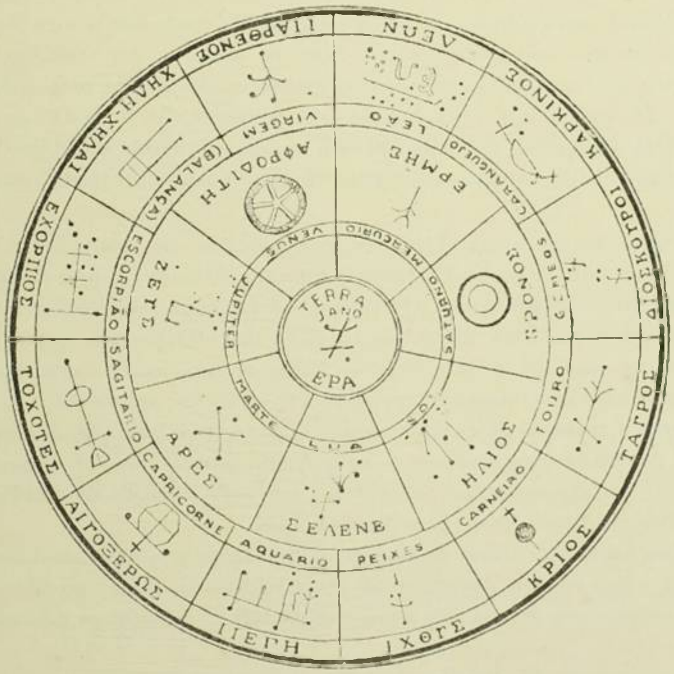


Fig. 1.300 — Resumo de alguns planetas e signos contidos na inscripção da Pedra Lavrada da Parahyba, organizado em forma do Zodiaco, contendo as sete divindades gregas e ao centro ERA (Terra), aliás Juno, rainha dos deuses.

*

Com as Inscripções da *Pedra Lavrada*, que ora acabamos de interpretar, em sua totalidade, salvo as figuras propriamente formadas por estrellas das constellações, Cepheu, Andromeda, Cassiopéa, etc., organizámos a fig. 1300. Consta esta dos signos zodiacaes e dos planetas, aliás Divindades Gregas: Venus, Lua, Saturno, Mercurio, Marte, Sol e Jupiter, tendo ao centro — ERA — (TERRA) a principal, segundo o antigo systema do mundo e no segundo seculo do Christianismo, seguido por Ptomoleu.

O curioso como meticuloso trabalho epigraphico não obedeceu restrictamente á ordem das constellações na Esphera Celeste. Não o considerámos como planispherio celeste mas como simples conjuncto de symbolos, portanto, como propriamente se deduz de suas palavras iniciaes. Foi, com effeito, deste modo, que encontrámos trabalhos identicos de origem Egypcia, de que tratam e offerecem bellas reproducções, os sabios Flammarion em sua importante obra — *Astronomie Populaire* e H. Kraemer em seu não menos valioso — *L'Univers l'Humanité.*

Entretanto é, em todo ponto de vista, a *Pedra Lavrada da Parahyba*, um labor paciente e precioso para a nossa prehistoria:

1°. Porque não se afasta da chronologia astronomica, de grande interesse na ordem das constellações, conhecidas ou citadas por Job, Homero, Hesiodo, Eudoxe, Aratus, desde o XXXVIII, ao IV seculo, antes da nossa era; sendo provavel que anterior mesmo á primeira data, não fossem desconhecidas, pois mereceram citação classica, se assim se póde dizer, antes d'este ultimo periodo.

2°. Porque é uma revelação valiosa que bem póde confirmar ou ampliar a historia ainda tão dubia da antiguidade. A escriptura sagrada conta-nos que os phenicios, desde tempos mais remotos, navegavam sobre todos os mares e por tradições, sabemos que antes da guerra de Troia, os Gregos tiveram seus primeiros navios para a exploração dos Argonautas. Depois vê-se a frota Egypcia de Sesostres entrar no Oceano; desta época até o tempo de Alexandre, é admissivel que os gregos, muito emprehendedores, como se sabe, teriam podido atravessar o Atlantico e conseguido estabelecer-se na America.

Foram naturalmente anniquilados, em consequencia do bloqueio do estreito de Gades (Gibraltar), feito pelos Carthaginezes, durante 300 annos, e pela fusão de sua raça com as dos povos autochthones. Os Gregos estabelecidos no continente Chroniano (America) deveriam ter feito sua migração cerca de 1.000 annos, talvez, antes da éra Christã, e dentre ellas diz-se, que fizeram parte: astronomos, naturalistas, geographos etc., assumptos desenvolvidamente tratados em capitulos anteriores.

3°. Porque o systema de escripta, sendo como é, formado englobadamente de caracteres do primitivo grego, revela a antiguidade propria de sua execução, pois tem toda analogia com as inscripções encontradas em todo hemispherio occidental e varios paizes, por nós interpretadas no presente trabalho.

4°. Porque não se constitue de figuras ou arabescos sem valor, levianamente assim considerados, mas encerra assumpto de certa relevancia, como provado fica, digno de um estudo serio e compativel com a nossa epigraphia, merecedora de melhor attenção e interesse.

5°. Porque encerra, finalmente, uma das valiosas provas concretas, que nos restam, para definirmos, em seu tempo, a nossa prehistoria, quando se lembrarem os nossos homens scientistas de organizar o Congresso de Inscripções Brasileiro, á semelhança do que é praticado nos paizes da Europa e da America do Norte, para cuidadoso

estudo d'esses verdadeiros monumentos archeologicos, que passarão a denominar-se Nacionaes.

*

As importantes inscripções da Parahyba e Rio Grande do Norte, disseminadas em seus vastos e bellos sertões, são dignas da maxima attenção e estudo.

Por um feliz acaso vieram-nos ás mãos as que se seguem, razão por que, com prazer, vamos addicional-as, ao presente capitulo, que se achava já terminado. Damos-lhes a devida interpretação, tendo por base os desenhos, uns lithographados e outros copiados a mão.

Comecemos pelas Inscripções do Municipio do Brejo do Cruz, Estado da Parahyba do Norte, cujos desenhos foram enviados ao nosso illustre amigo Dr. Elviro Dantas, pelo Prefeito da referida localidade, o Sr. Severino Dutra de Moraes:

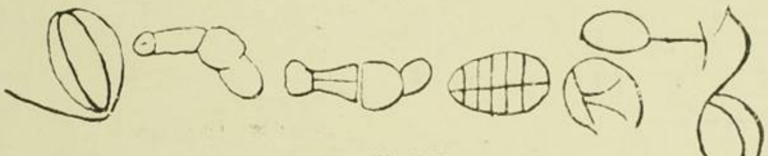
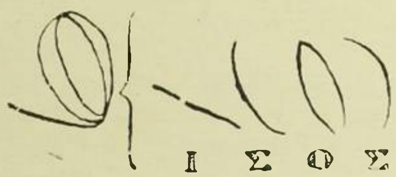
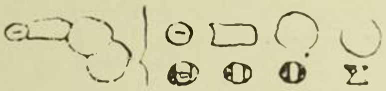


Fig. 1.301

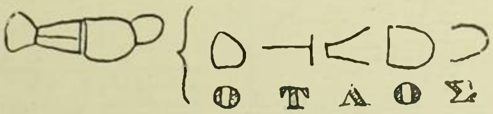
INTERPRETAÇÃO:



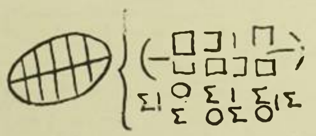
*ΙΣΟΣ *ou Poet.* ΙΣΟΣ, igual, justo, equitativo, unido, etc.



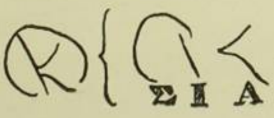
*ΘΟΌΣ] *Poet.* prompto, rapido, agil, *alg. vez.* agudo, engenhoso, penetrante, etc.



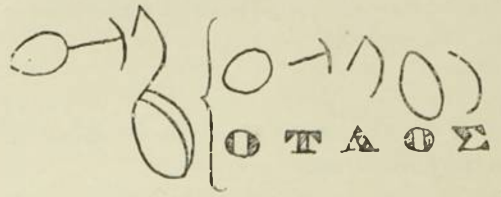
*ΟΤΑΟΣ. *Poet.* dôr, miseria, pena, mal, dó, etc.



†ΣΙΌΣ. *Laced. p.* ΘΕΌΣ DEUS. Tres vezes gravado.



†ΣΙΑ' *Laced. por* ΘΕΑ'. DEUSA.



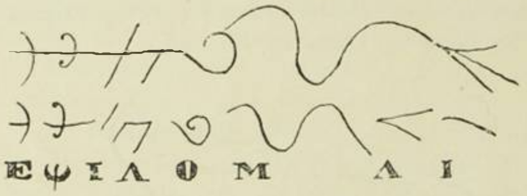
*ΟΤΛΟΣ. *Poet.* dôr, miseria, pena, dó, mal, etc.

RESUMO:

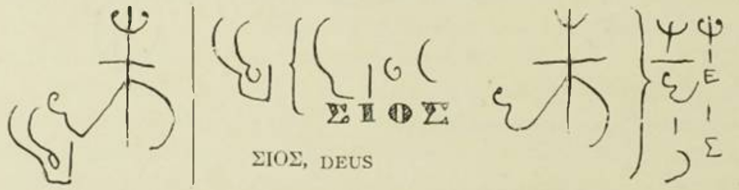
ΙΣΟΣ ΘΟΌΣ ΟΤΛΟΣ ΣΙΟΣ ΣΙΆ ΟΤΛΟΣ

JUSTO E RAPIDO É O DÓ DE DEUS E DEUSA, Á DOR E Á MISERIA.

*



*ΕΨΙΑΟΜΑΙ, jogar, divertir-se, alegrar-se, etc.



ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.

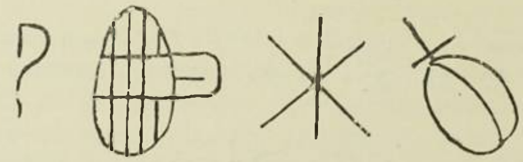
Fig. 1.302

RESUMO:

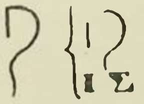
*ΕΨΙΑΟΜΑΙ ΣΙΟΣ ΨΙΕΙΣ

O QUE SE ALEGRAR COM DEUS É FELIZ E AFORTUNADO.

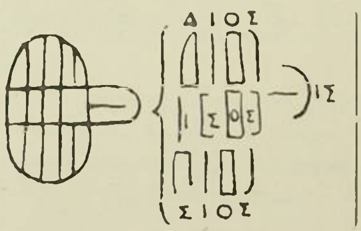
*



INTERPRETAÇÃO:



*ΙΣ, *gen.* ἰνός, fibra, nervo; *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

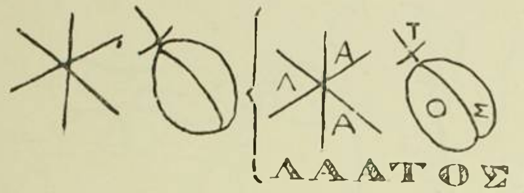


ΔΙΌΣ, JUPITER.

ΙΣΟΣ, JUSTO, UNIDO, etc.

ΙΣ, FORÇA, VIGOR, etc.

*ΣΙΟΣ, DEUS.



*ΑΛ́ΑΤΟΣ, INFALLIVEL, INVIOLAVEL, INVENCIVEL, ETC.

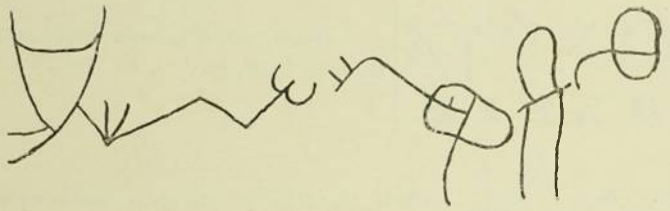
Fig. 1.303

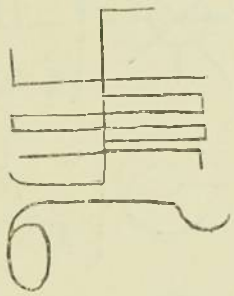
RESUMO:

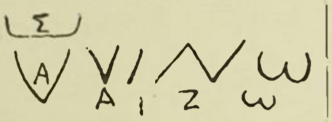
ΙΣ ΔΙÓΣ ΙΣΟΣ ΙΣ†ΣΙΟ'Σ ΑΛ́ΑΤΟΣ

A FORÇA DE JUPITER É A VERDADEIRA FORÇA DO DEUS INVENCIVEL.

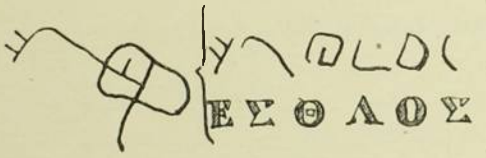
*



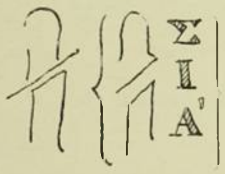




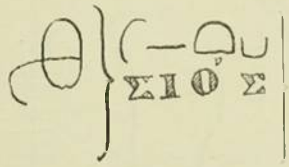
ΣΑΛΑΪΖΩ. *Poet.* lamentar-se, etc.



*ΕΣΘΛΟΣ, virtuoso, honesto, etc.



†ΣΙÁ, Deusa



ΣΙΟΣ, DEUS.

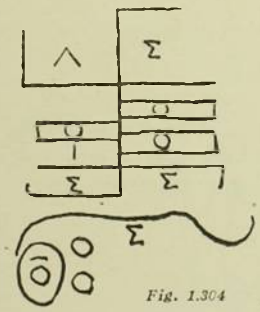


Fig. 1.304

*ΛΟΙΣΘΟΣ, o final, que vem no fim, depois dos outros, a extremidade, etc.

*ΣÓΟΣ, *Poet.* são e salvo, inteiro, que subsiste ou que sobrevive, etc.

RESUMO:

ΣΑΛΑΙΣΩ *ΕΣΘΛΟΣ †ΣΙÁ †ΣΙÓΣ ΛΟΙΣΘΟΣ †ΣÓΟΣ

LAMENTAR-SE COM VIRTUDE Á DEUSA E POR FIM SÃO E SALVO.

*

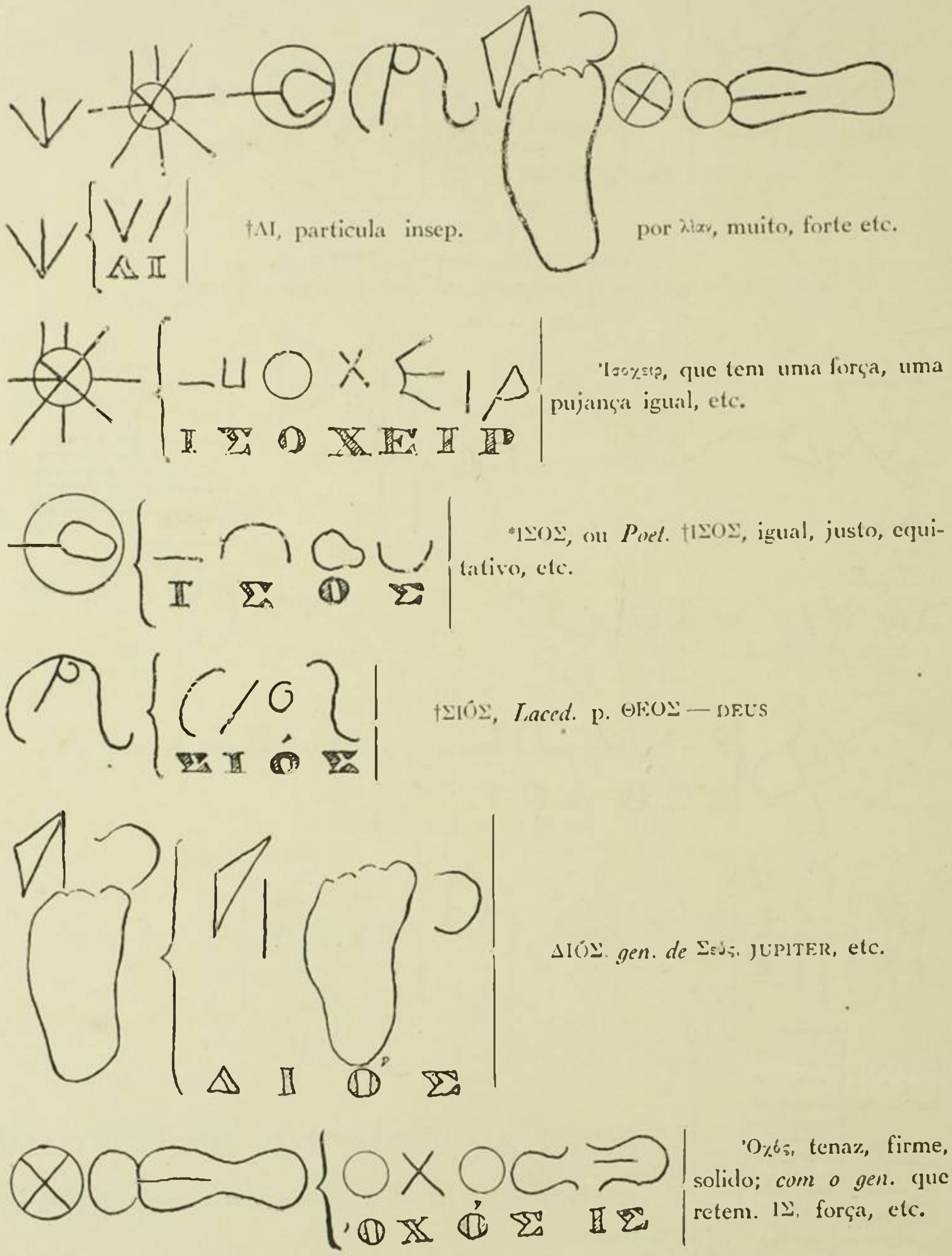


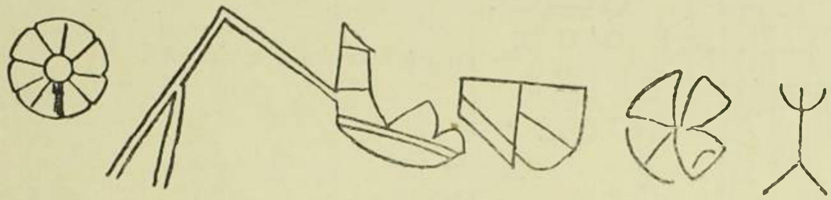
Fig. 1.305

RESUMO:

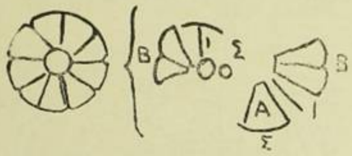
ΑΙ ΙΣΟΧΕΙΡ ΙΣΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΟΧΟΣ ΙΣ

FORTE, QUE TEM UMA PUJANÇA IGUAL E RETEM A FORÇA É DEUS JUPITER.

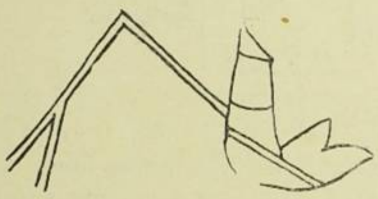
*

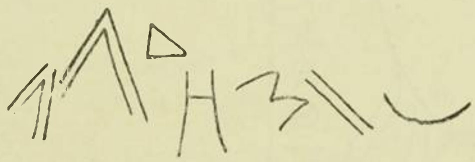


INTERPRETAÇÃO:

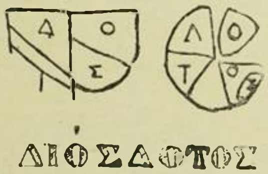


ΒΙΟΣ, vida, viver, civilização, a humanidade, etc.
ΒΙΑΣ, pujança, força, etc.





ΑΛΔΉΕΙΣ, que tem tomado seu crescimento.



Διοσδοτος dado por Jupiter, etc.



ΕΨΙΆ, contentamento, alegria, etc.

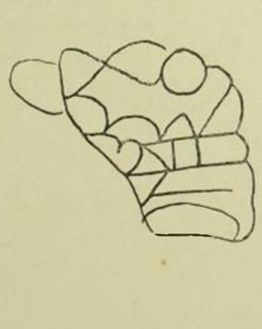
Fig. 1.306

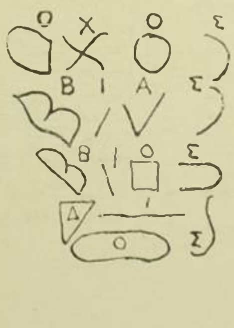
RESUMO:

ΒΊΟΣ ΒΊΑΣ ΑΛΔΉΕΙΣ ΔΙΌΣΔΟΤΟΣ ΕΨΙΆ

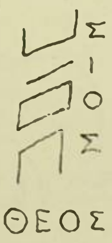
VIDA, CIVILIZAÇÃO, PUJANÇA, FORÇA, TEM TOMADO SEU CRESCIMENTO COM ALEGRIA, DADO POR JUPITER.

*

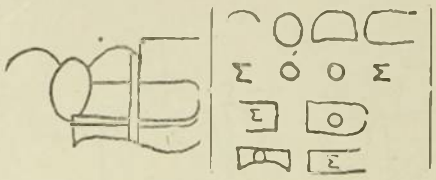








ΘΕΟΣ
DEUS



SÃO E SALVO! SÃO E SALVO!

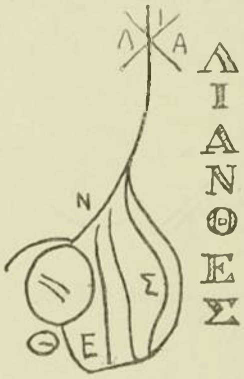
Fig. 1.307

RESUMO:

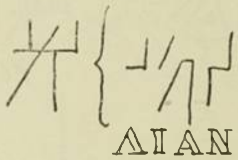
ʽΟΧΟΣ ΒΊΑΣ ΒΊΟΣ ΔΙΌΣ †ΣΙΌΣ ΣΌΟΣ ΣΌΟΣ

O QUE RETEM A PUJANÇA DA VIDA É O DIVINO E PRODIGIOSO DEUS! SÃO E SALVO! SÃO E SALVO!

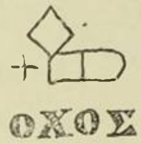
❋



*Λιανθες, *Poel.* bastante florido.



Λιαν, muito forte, etc.



*Οχός, tenaz, firme, solido, *com o gen.* que retém, que contém, etc.

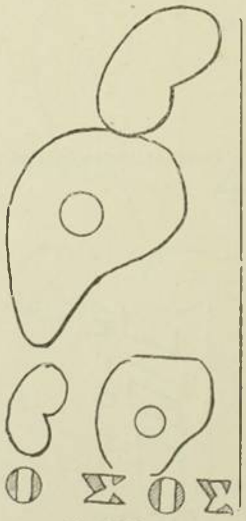
Fig. 1.308

RESUMO:

ΛΙΑΝΘΕΣ ΛΙΑΝ ΟΧΌΣ

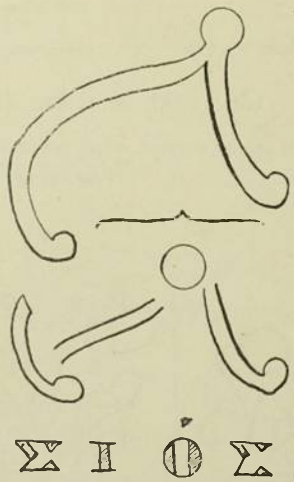
MUITO FLORIDO, MUITO FORTE E TENAZ

❋



"ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel; bastante numeroso, etc.

Fig. 1.309



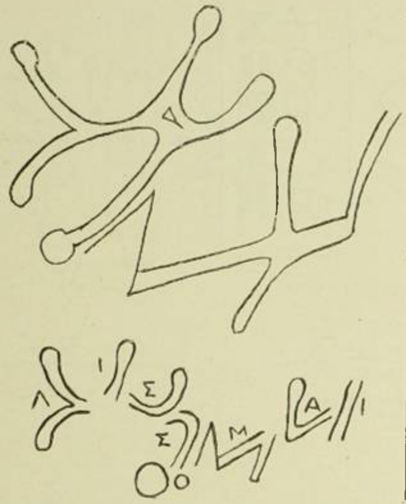
†ΣΙΌΣ, *Laced. p.* Θεός. Deus

RESUMO:

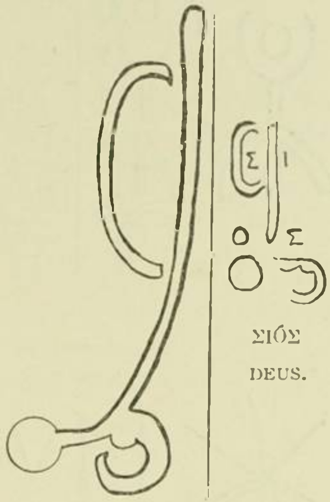
TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL É DEUS!

Fig. 1.310

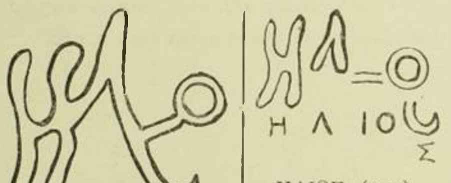
❋



*ΑΙΣΣΟΜΑΙ, pedir, supplicar, demandar com interesse.



ΣΙΌΣ
DEUS.



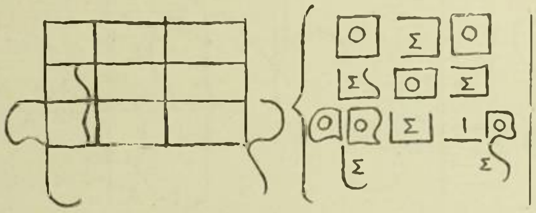
ΗΛΙΟΣ (SOL).

RESUMO:

*ΑΙΣΣΟΜΑΙ ΣΙΌΣ ΗΛΙΟΣ
SUPPLICAR AO DEUS HELIOS (sol)

Fig. 1.311

⁂



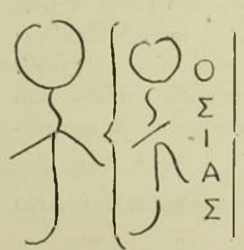
etc.

"ΟΣΟΣ, quanto grande.
ΣΟΟΣ, são e salvo.
ΟΣΙΟΣ, conforme a justiça, justo,
ΣΙΟΣ, Deus, etc.

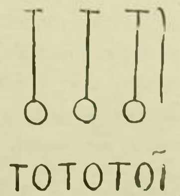
Fig. 1.312

RESUMO:
"ΟΣΟΣ ΣΟΌΣ *ΟΣΙΟΣ †ΣΙΟΣ
QUANTO GRANDE! SÃO E SALVO, CONFORME A JUSTIÇA DE DEUS!

⁂

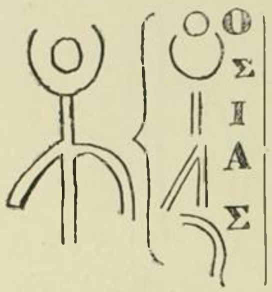


Οσιας, ceremonias, exequias, funeral, etc.



Τοτοτοῖ, *interj.* céo! ai! ai! de mim! etc.

⁂

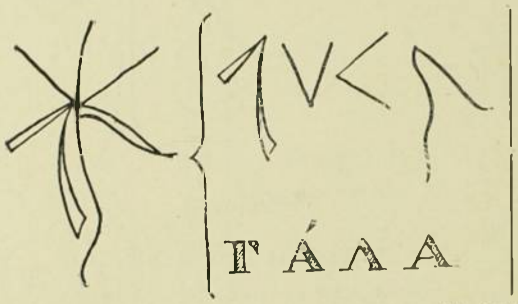


Οσιας, idem como a precedente.



ΧΟΡΔΉ, corda d'uma lyra, de um instrumento de musica, etc.

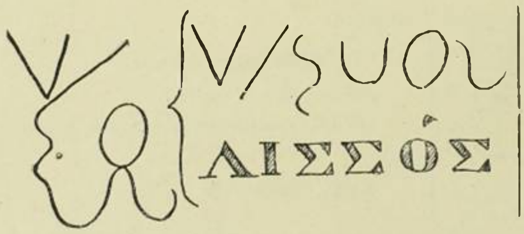
Fig. 1.313



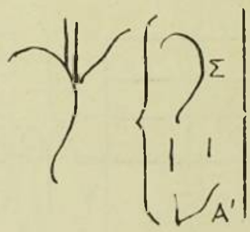
ΓΆΛΛ, leite; *alg. vez.* succo leitoso das plantas; tambem a via lactea, etc.

Fig. 1.314

*



Δισσός, liso, unido, etc.



ΣΙΑ DEUSA

Fig. 1.315

*

Vamos tratar agora das inscripções constantes do magnifico trabalho do illustre geologo Luciano Jacques de Moraes, pedindo-lhe a devida venia para reproduzil-as, pois só assim poderemos suggerir o nosso modesto modo de interpretar essas inscripções, *"que attribue aos indigenas e que são o resultado dos desportos ociosos de successivas gerações"*.

Para nós seria, entretanto, esse o systema da escripta em tempos remotos, tão vulgarizado em varias regiões do globo, deixando ver a mais frisante prova de contemporaneidade e igualdade com o do Brasil.

ESTAMPA I, FIGURAS NO GNEISS SITUADAS A 1 KM. AO NORTE DE PEDRA LAVRADA, MUNICIPIO DE PICUHY, PARAHYBA DO NORTE.

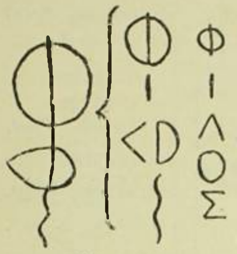
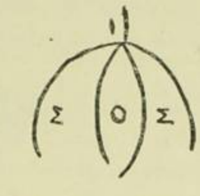


Fig. 1.316

ΦΙΛΟΣ, amigo, isto é, amado, querido, caro; amante, terno, amoroso, etc.



'ΙΣΟΣ

Fig. 1.317

Ἴσος, *ou Poet.* Ἶσος, igual, semelhante, igual unido etc.

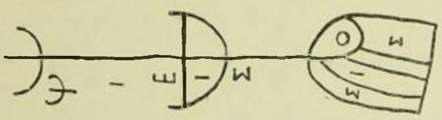
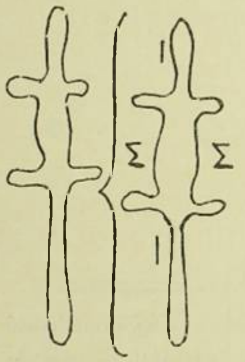


Fig. 1.318

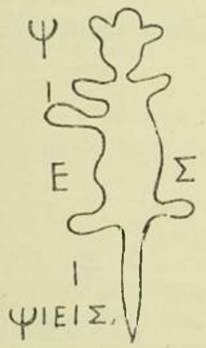
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado, etc.
ΣΙΟΣ, *Laced.* por ΘΕΟΣ, DEUS.

*



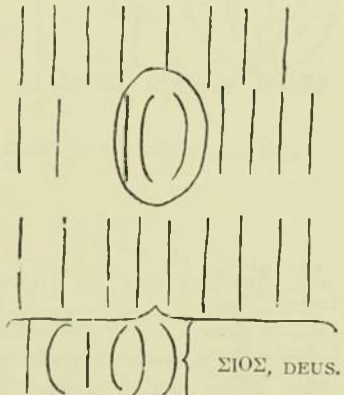
ΙΣΙΣ, DEUSA EGYPCIA.

Fig. 1.319



FELIZ, AFORTUNADO.

Fig. 1.320



ΣΙΟΣ

ΣΙΟΣ, DEUS.

Fig. 1.321

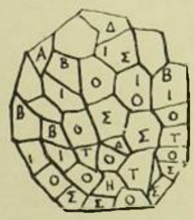


Fig. 1.322

*ΑΒΙΟΣ, pobre, indigente, não civilizado, etc.
ΒΙΟΣ, vida, viver, etc.
ΒΙΟΤΗ, meios de viver, etc.
ΔΙΌΣΔΟΤΟΣ, *Poet.* dado por JUPITER
ΣΙΟΣ, DEUS.
*ΒΙΟΤΟΣ, bens, fortuna, profissão, etc.

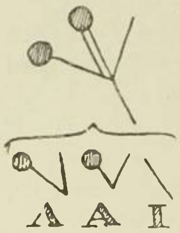
RESUMO:

*ΑΒΙΟΣ, ΒΙΟΣ ΒΙΟΤΗ ΔΙΟΣΔΟΤΟΣ †ΣΙΟΣ ΒΙΟΤΟΣ

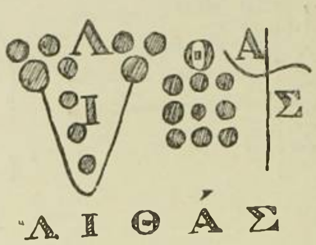
AO POBRE INDIGENTE, SEM VIDA OU MEIOS DE VIVER É DADO POR JUPITER, DEUS, BENS E FORTUNA

*

ESTAMPA II. INSCRIPÇÕES GRAVADAS NO GNEISS EM PEDRA LAVRADA, NO LOGAR POÇO GRANDE, A 100 METROS AO NORTE DA POVOAÇÃO PARAHYBA DO NORTE.



†ΛΛ ou ΛΑΙ ou simplesmente Λ, particula inseparavel que é posta no começo das palavras, equivalente a ΛΙΑΝ, muito forte.

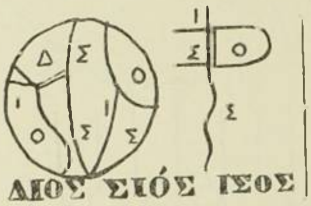


*Λιθάς. *Poet.* multidão de pedras ou simpl. pedra. *Neol.* pedra preciosa.

Fig. 1.323

RESUMO: ΛΑΙ ΛΙΘΆΣ FORTE MULTIDÃO DE PEDRA PRECIOSA.

*

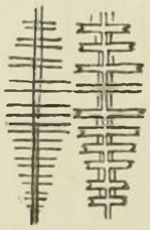


ΔΙΟΣ, JUPITER.
ΣΙΟΣ, DEUS.
ΙΣΟΣ, justo, equitativo, etc.

Fig. 1.324

RESUMO: ΔΙΟΣ, ΣΙΟΣ, ΙΣΟΣ JUPITER DEUS JUSTO E EQUITATIVO!

*



20 vezes gravada a palavra ΙΣ já conhecida.

Fig. 1.325

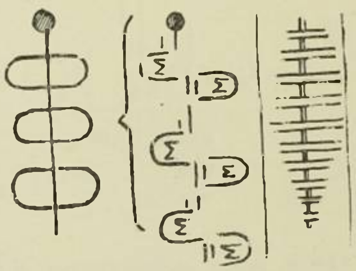
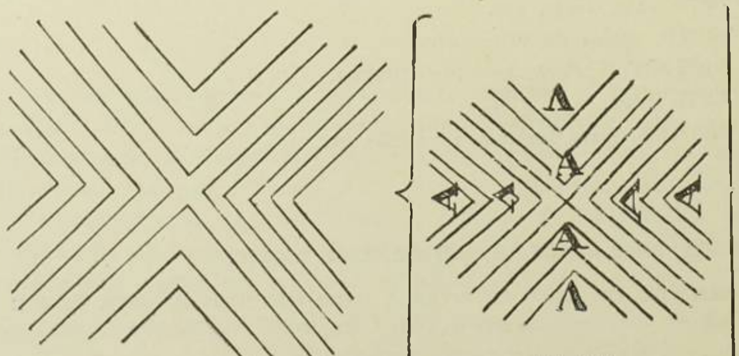
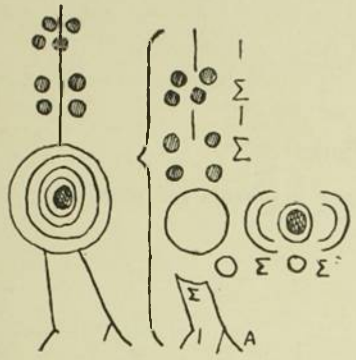


Fig. semelhante á preced. ΙΣ. palavra já definida muit. vez.



"ΑΛΛΑ' *adv.* mas, mas certamente, *alg. vez* que; pois bem, seja, etc.

Fig. 1.326



ΙΣΙΣ, deusa Egypcia.
ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel, etc.
ΣΙΑ, deusa.

RESUMO:

ΑΛΛΑ',ΑΛΛΑ'ΙΣΙΣ'ΟΣΟΣ †ΣΙΑ'

POIS BEM, SEJA ISIS TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL DEUSA!

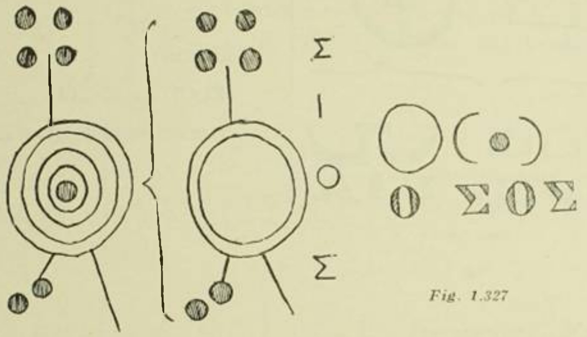


Fig. 1.327

RESUMO:

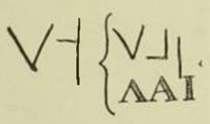
ΣΙΟΣ ΟΣΟΣ

DEUS TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL!

*

ESTAMPA III

INSCRIPÇÕES GRAVADAS NO GRANITO DE PEDRA LAVRADA A 6 KM. A OESTE DE S. JOÃO DO SABUGY, RIO GRANDE DO NORTE.



Aαί, etc. muito, forte, etc.



ΒΙΑΣ, ΒΙΟΣ, ΔΙΑ

Fig. 1.328

RESUMO:

ΑΑΊ, ΒΊΑΣ, ΒΊΟΣ ΔΊΑ

A FORTE PUJANÇA DA HUMANIDADE É JUPITER.

*

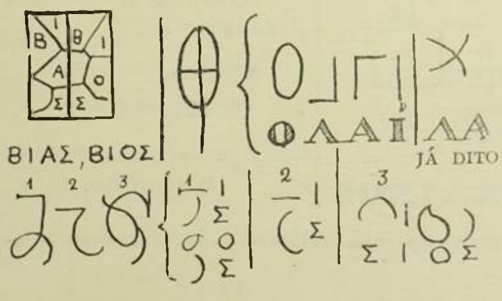


Fig. 1.329

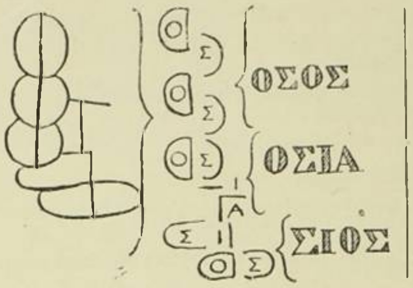
ΟΛΑΊ, Att. grão de cevada inteiro ou grosseiramente moido, que se espalha sobre a cabeça da victima e sobre o altar, etc.

RESUMO:

ΙΣΟΣ ΙΣ ΣΙΟΣ

JUSTO É O VIGOR DE DEUS.

*

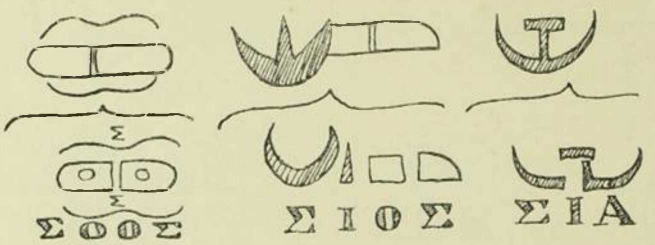


RESUMO:

'ΟΣΟΣ 'ΟΣΙΑ †ΣΙΟΣ

QUANTO É GRANDE A JUSTIÇA DE DEUS!

Fig. 1.330



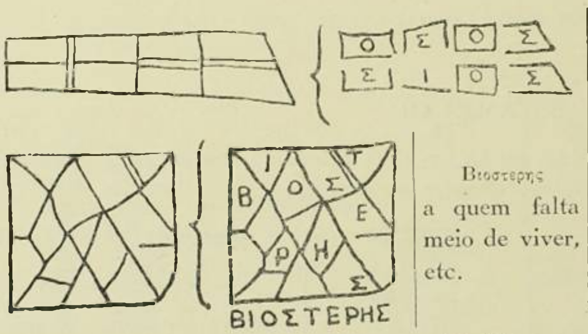
RESUMO:

ΣΟΟΣ ΣΙΟΣ ΣΙΑ'

SALVO POR DEUS E DEUSA.

Fig. 1.331

*



Βιοστερης a quem falta meio de viver, etc.

RESUMO:

ΟΣΟΣ ΣΙΟΣ ΒΙΟΣΤΕΡΗΣ

QUANTO GRANDE É DEUS A QUEM FALTA MEIO DE VIVER.

Fig. 1.332

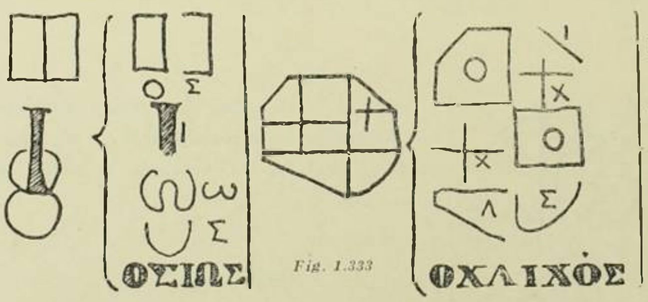


Fig. 1.333

ΟΣΙΩΣ, santamente, com piedade, com justiça, etc.

ΟΧΛΙΧΟΣ, que concerne á multidão, etc.

RESUMO:

ΟΣΙΩΣ' ΟΧΛΙΧΟΣ

COM JUSTIÇA, QUE CONCERNE Á MULTIDÃO.

(Parece que o anterior pensamento prende-se a este, ou houve omissão de uma palavra).

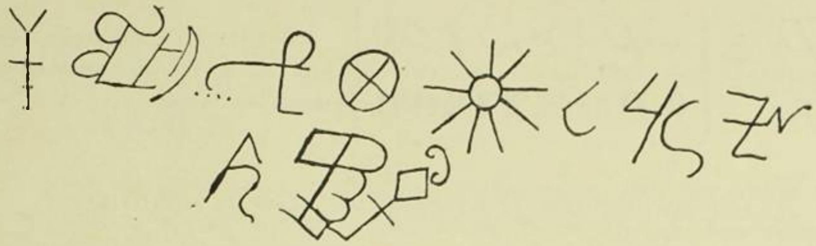
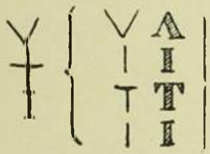
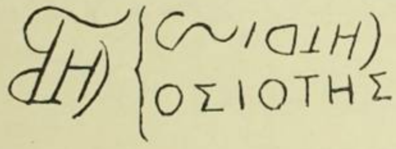


Fig. 1.334

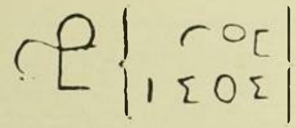


*Λιτί, *Poet. dat. irreg.* de λιτόν, ΛΙΤΟΝ, *s. ent.* ὕφασμα, estofo, panno não bordado, roupa branca, etc.

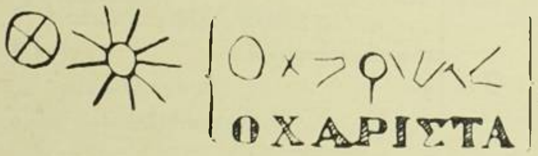
R. de ΛΙΤΟΣ, simples, não bordado, etc.



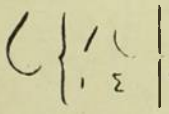
'Οσιότης, santidade, piedade, pureza, legitimidade, probidade, etc.



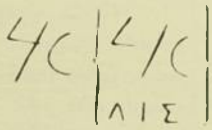
'ΙΣΟΣ, igual, unido, justo, equitativo, etc.



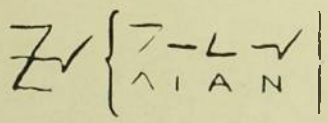
'ΟΧ'ΑΡΙΣΤΑ, *Hom.* o melhor possivel, etc.



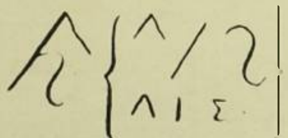
ΙΣ, força, vigor etc.



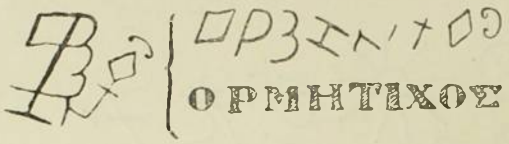
ΛΙΣ *adj. fem. Poet. p.* λισσή, liso, etc.



ΛΙΑΝ, *adv.* muito, demasiado, forte, etc.



†ΛΙΣ, ἰτός, *Gramm.*, estofo, roupa branca, etc.



ΟΡΜΗΤΙΧΟΣ

*ΟΡΜΗΤΙΧΟΣ, que excita a qualquer cousa ou se mantém com ardor; violento, vivo, impetuoso, etc.

ΑΙΤΊ ΟΣΙΟΤΗΣ ΙΣΟΣ ΟΧ'Α"ΡΙΣΤΑ ΙΣ ΑΙΣ ΑΙΑΝ ΑΙΣ 'ΌΡΜΗΤΙΧΌΣ

ESTOFO, PANNO SIMPLES, NÃO BORDADO, IGUAL, UNIDO, O MELHOR POSSIVEL, COM FORÇA E VIGOR.

LISO, DEMASIADO FORTE, O ESTOFO E A ROUPA BRANCA, QUE EXCITAM COM VIVO ARDOR!

*

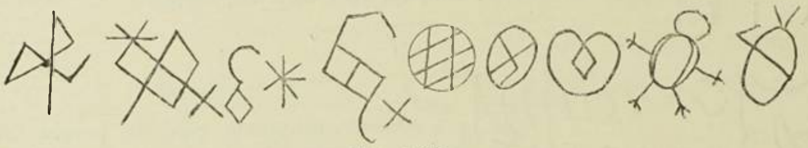
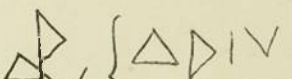


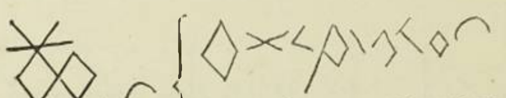
Fig. 1.335



ΔΡΙΑ

*ΔΡΙΑ, *Poet. p.* δρία, *pl.* δρίος,

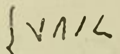
*ΔΡΙΟΣ, *Poet.* pequeno bosque, arvoredos, etc. Não se encontra senão o *nominat.* δριος, e o *pl.* δρία *p.* δριεα.



ΟΧ'Ä ΡΙΣΤΟΣ

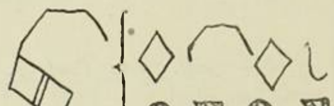
ΟΧ'Α"ΡΙΣΤΟΣ o melhor possivel, etc.





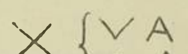
ΛΑΙΑ

*ΛΑΙΑ, *Poet.* assembléa do povo.



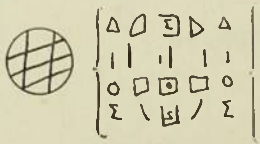
ΟΣΟΣ

*ΟΣΟΣ, quanto grande, quanto consideravel; tambem grande que, etc.

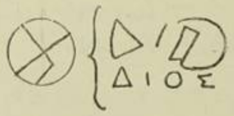


ΑΑ

ΑΑ *ou* ΑΑΙ, *equivalente* a λίαν, muito forte.

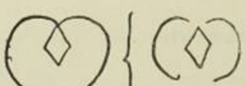


ΔΙΟΣ, *gen.* Ζεύς, JUPITER.
ΣΙΟΣ, *Laced.* Θεος, DEUS.
*ΔΊΟΣ, *Poet.* excellente, admiravel, *alg. vez.* prodigioso, eminente, etc



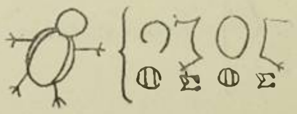
ΔΙΟΣ

ΔΙΟΣ, *gen.* ΖΕΥΣ, JUPITER.



ΣΟΣ

ΣΌΣ, *adj. poss.* teu, tua, o teu, a tua, etc.



ΟΣΟΣ

ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel, etc.



ΛΑΌΣ, povo, *p. ext.* multidão, *Poet.* armada *e principalmente*, infantaria, etc.

*ΔΡΙΑ ΟΧ' Α"ΡΙΣΤΟΣ*ΛΑΙΑ· "ΟΣΟΣ ΛΑ ΔΙΌΣ* †ΣΙΌΣ*ΔΙΟΣ· ΔΙΌΣ ΣΌΣ ·ΟΣΟΣ ΛΑΌΣ

PEQUENO BOSQUE, O MELHOR POSSIVEL PARA ASSEMBLÉA DO POVO. QUANTO CONSIDERAVEL E MUITO FORTE É JUPITER, DEUS ADMIRAVEL, PRODIGIOSO E EMINENTE! JUPITER! TUA MULTIDÃO OU ARMADA É TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL!

*

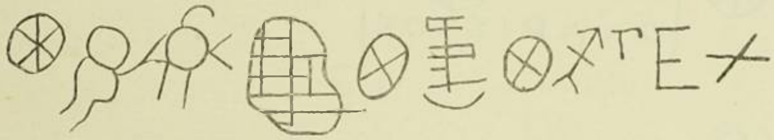
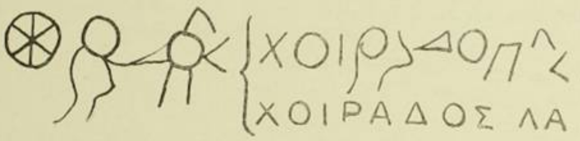
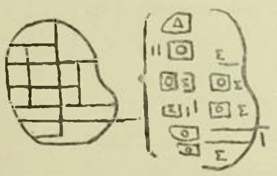


Fig. 1.336



ΧΟΙΡΑΔΟΣ, *subs.* rochedo á flor d'agua; ilha pedregosa pouco elevada, etc.

ΛΑ *ou* ΛΑΙ: muito forte.

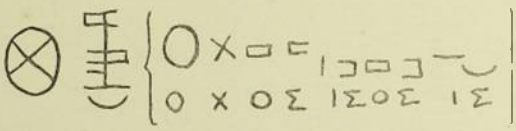


ΔΙΟΣ, JUPITER.

ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.

ΣΙΟΣ, DEUS.

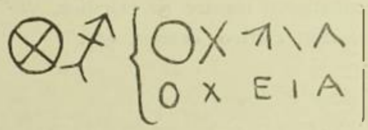
ΟΣΙΟΣ, santo, sagrado, justo, conforme a justiça, puro, pio, etc.



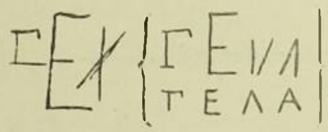
ΌΧΌΣ, tenaz, firme.

*ΙΣΟΣ, unido, equitativo.

ΙΣ, força, vigor.



*ΟΧΕΙΑ, fecundação, geração, etc.



†ΓΕΛΑ, *Poet. p.* ΕΛΗ, calor do dia, soão (vento calmoso de Este).

ΧΟΙΡΑΔΟΣ ΛΑ ΔΙΌΣ "ΟΣΟΣ† ΣΙΟΣ 'ΟΣΙΟΣ 'ΟΧΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣ ΟΧΕΙΑ † ΓΕΛΑ

ILHA PEDREGOSA, POUCO ELEVADA E MUITO FORTE. JUPITER TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL DEUS, SANTO, SAGRADO, JUSTO, TENAZ, FIRME, EQUITATIVO, DÁ FORÇA, VIGOR Á GERAÇÃO E O CALOR DO DIA.

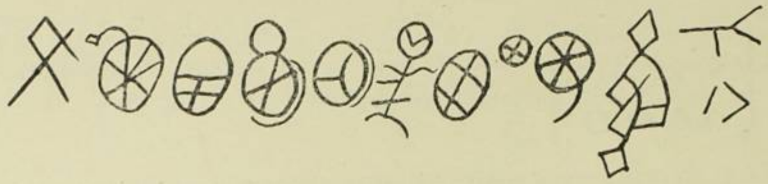
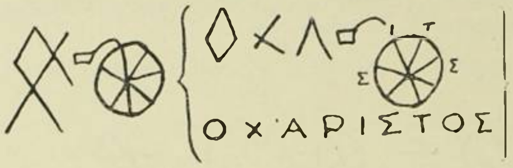
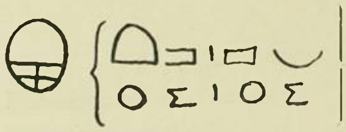


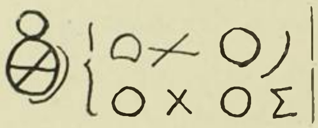
Fig. 1.337



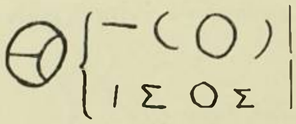
ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΟΣ, o melhor possivel, etc.



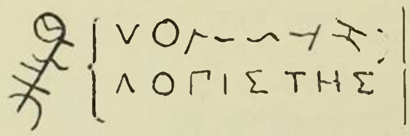
ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião, santo, justo, puro, eminente, etc.



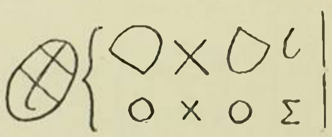
ΟΧΌΣ, tenaz, firme, que retém, que contém, etc.



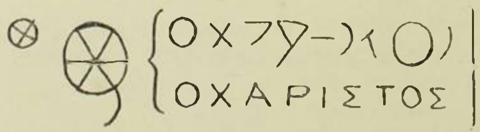
ΙΣΟΣ, igual, semelhante, justo, equitativo, etc.



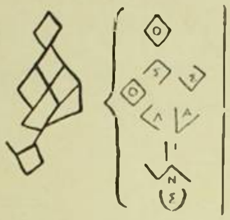
ΛΟΓΙΣΤΗΣ, calculista, mestre de calculos, verificador ou registrador, critico, censor, etc.



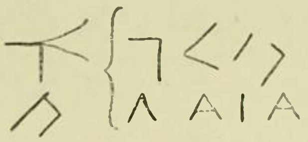
ΟΧΌΣ, tenaz, firme, que retém, que contém, etc.



ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΟΣ, o melhor possivel, etc.



ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.



ΛΑΙΝΣ, nome proprio, etc.
*ΛΑΙΑ, *Poet.*, assembléa do povo.

ΟΧ'''ΑΡΙΣΤΟΣ 'ΟΣΙΟΣ 'ΟΧΟΣ ΙΣΟΣ ΛΟΓΙΣΤΗΣ 'ΟΧΟΣ ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΟΣ ˜ΟΣΟΣ ΛΑΙΝΣ ΛΑΙΑ

O MELHOR ENTRE MUITOS, JUSTO, FIRME, EQUITATIVQ, CALCULISTA OU MESTRE DE CALCULOS, CRITICO, CENSOR, TENAZ, O MELHOR POSSIVEL, TÃO GRANDE LAINS DA ASSEMBLÉA DO POVO.

*

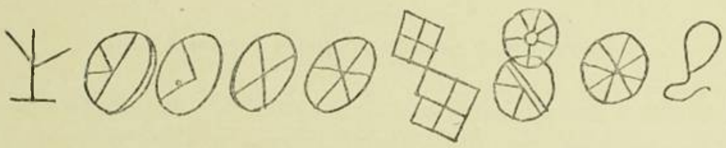
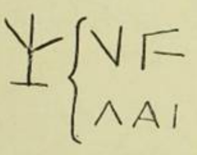
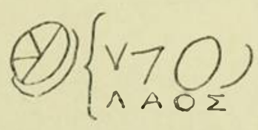


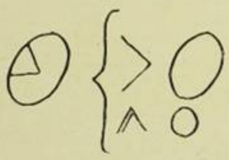
Fig. 1.338



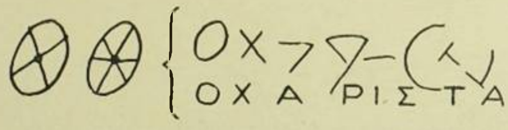
*ΛÃÌ, *Poet. dat. de* λᾶας,
*ΛÃΑΣ, *gen.* λᾶας, *dat.* λᾶϊ *acc.* λᾶαν *ou raro* λᾶα; *Ion.* e *Poet.*, pedra, rochedo, penedo, recife, etc.



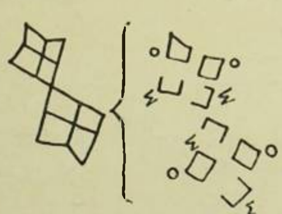
ΛΑΣÓ, povo, *p. ext.* multidão, etc.



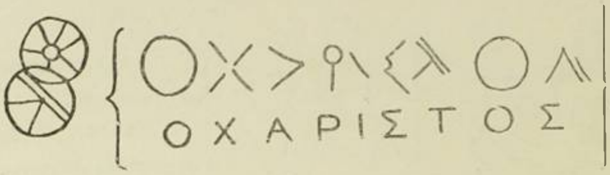
*ΛÓ, *elis. p.* λόε, *Poet. p.* λόε, *imp. de* λόω, ΛΟΥΩ, (*Poet.* e *muit. vez.* λούτην, *verbal* λουτεον) banhar, lavar, dar um banho, etc.



'Ο'Α'ΡΙΣΤΑ, o melhor possivel.



ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel, etc.
ΣΟΟΣ, são e salvo, que subsiste e sobrevive.



ΟΧ'Α"ΡΙΣΤΟΣ, de muitos o melhor ou mais bravo.



ΧΟΙΡΑΔΟΣ, *subs.* rochedo á flor d'agua; ilha pedregosa, pouco elevada.

*ΛΆΙ" ΛΑΌΣ ΛΌ ΟΧ'Α"ΡΙΣΤΑ "ΟΣΟΣ† ΣΌΟΣ Ο'Χ'Α"ΡΙΣΤΟΣ ΧΟΙΡΑΔΟΣ

ROCHEDO PARA O POVO BANHAR, LAVAR; O MELHOR POSSIVEL, TÃO CONSIDERAVEL E QUE SUBSISTE.

É DE MUITOS, O MELHOR ROCHEDO Á FLOR D'AGUA.

*

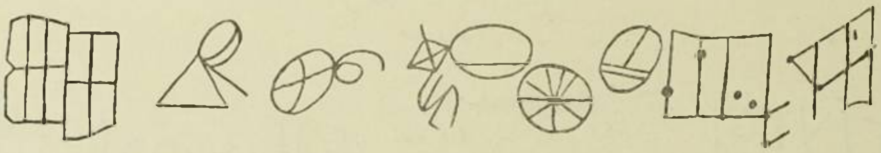
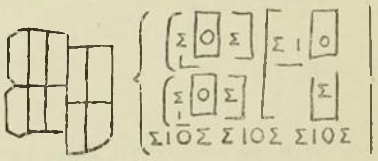
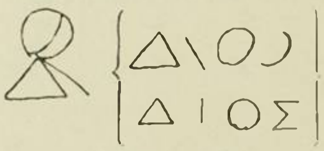


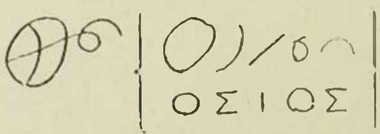
Fig. 1.339



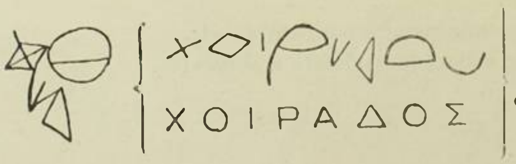
ΣΙÓΣ, *Laced. p.* Θεός, DEUS.
ΣΙÓΣ, » » Θεός, »
ΣΙÓΣ, » » Θεός, »



ΔΙÓΣ, *gen. de* ΖΕΥΣ, JUPITER.



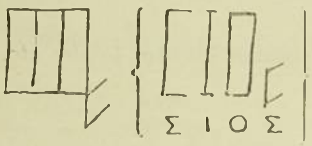
ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião, justo, santo, puro, eminente, etc.



ΧΟΙΡΑΔΟΣ, *subs.* rochedo á flor d'agua, ilha pouco elevada.



ΟΧ'ΑΡΙΣΤΟΣ, de muitos o melhor ou mais bravo.



ΣΙΟΣ
DEUS



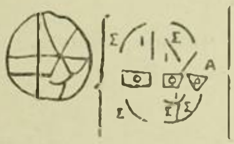
ΔΙΌΣ, JUPITER.
ΙΣ, força e vigor.

†ΣΙΟΣ †ΣΙΟΣ †ΣΙΟΣ ΔΙΌΣ ὍΣΙΟΣ ΧΟΙΡΑΔΟΣ ΟΧ'ΑΡΙΣΤΟΣ.

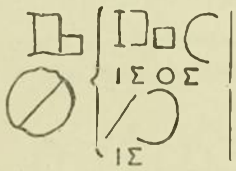
TRES VEZES DEUS É JUPITER, SEGUNDO A RELIGIÃO. ROCHEDO Á FLOR D'AGUA, DE MUITOS, O MELHOR.

*

«Vinagre e Fechado, são dois sitios encravados na propriedade e data de "Santa Casa" pertencente actualmente ao Coronel Manuel Januario da Nobrega. A data de Santa Casa comprehende o Municipio de Brejo do Cruz, na Parahyba e o de Patú, no Rio Grande do Norte, porém Vinagre e Fechado estão encravados no Municipio do Brejo do Cruz ».



ΣΙΟΣ, DEUS.
ΣΙΑ, DEUSA.
ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião.



ΙΣΟΣ, unido, igual, justo e equitativo.
ΙΣ, força, vigor.

Fig. 1.340

†ΣΙΟΣ †ΣΙΑ ὍΣΙΟΣ ΙΣΟΣ ΙΣ.

DEUS, DEUSA, SEGUNDO A RELIGIÃO SÃO UNIDOS EM FORÇA E VIGOR.

*

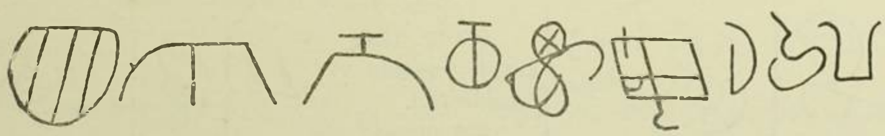
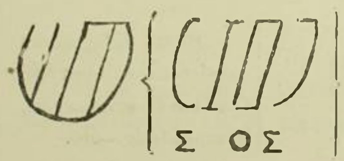


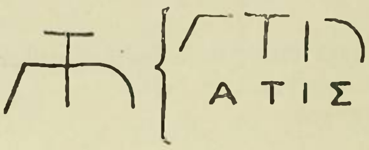
Fig. 1.341



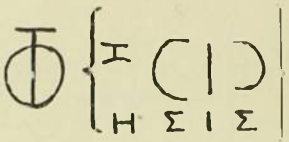
ΣΙΟΣ, DEUS.



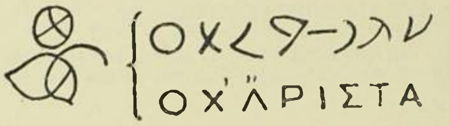
ΣΙΑ, DEUSA.



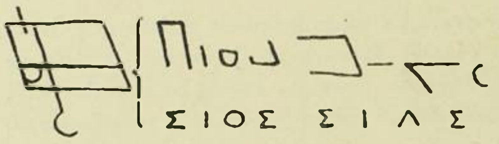
*"ATIΣ, *Dor. p.* ἥτις, *fem. de* ὅστις, ἥτις, *gen.* οὗτινος ἧστινος, *etc.*: *pron, rel. ind.* quem, o qual, aquella que; *em geral,* quem, quer, qual, qualquer que, alguem, algum.



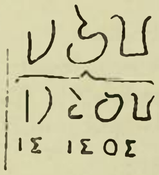
†'HΣIΣ, *Gloss,* prazer, alegria, contentamento, jubilo, etc.



OX'A''PIΣTA, o melhor possivel.



ΣIOΣ, DEUS.
ΣIĀΣ, DEUSA.



IΣ, força, vigor.
IΣOΣ, justo, igual, unido, etc.

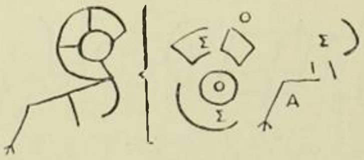
†ΣIOΣ †ΣIA ATIΣ HΣIΣ OX'A'PIΣTA. †ΣIOΣ† ΣIĀΣ, IΣ IΣOΣ.

DEUS E DEUSA — AQUELLES QUE DÃO ALEGRIA E CONTENTAMENTO, MELHOR POSSIVEL DEUS E DEUSA SÃO A FORÇA, VIGOR E EQUIDADE.

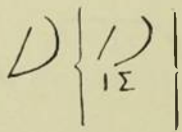
※



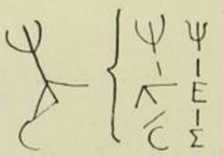
Fig. 1.342



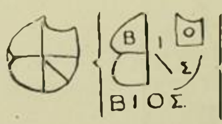
OΣOΣ, tão grande quanto consideravel.
ΣIA, DEUSA.



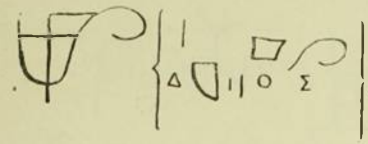
IΣ, força e vigor.



ΨIEIΣ, *Gloss.* feliz, afortunado.



BIOΣ, vida, viver subsistencia, bem de fortuna, civilização, humanidade, etc.



ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, singular, especial, que é do dominio privado.

"ΦΣΟΣ †ΣΙΑ ΙΣ ΙΨΙΕΙΣ ΒΙΌΣ ΙΔΙΟΣ

TÃO GRANDE DEUSA! FORÇA, VIGOR, FELIZ, AFORTUNADO NO VIVER DO DOMINIO PRIVADO.

*

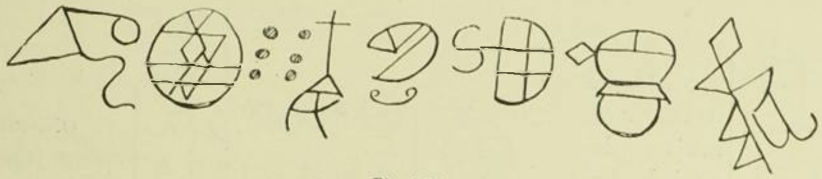
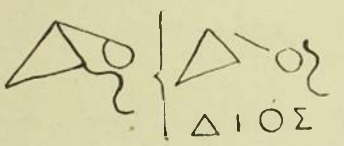
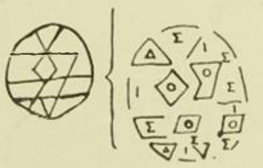


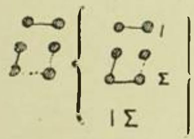
Fig. 1.343



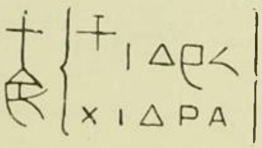
'ΔΙΟΣ
JUPITER



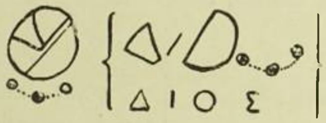
ΔΙΌΣ
ΔΙΌΣ
ΣΙΟΣ
ΣΙΟΣ



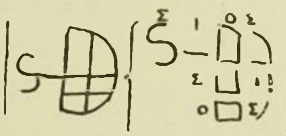
ΙΣ, força, vigor.



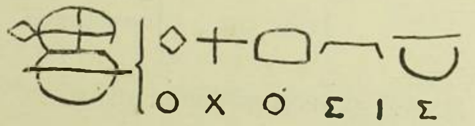
ΧΙΔΡΑ, espiga de frumento (trigo candial) que se comia assado.



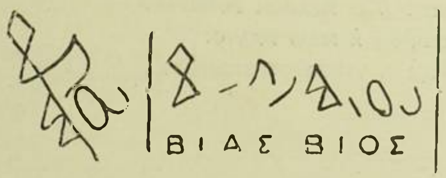
ΔΙΌΣ
JUPITER



ΣΙΟΣ DEUS
ΣΙΟΣ DEUS



ΟΧΟΣ, tenaz, firme.
ΙΣ, força, vigor.



ΒΙΑΣ, pujança, etc.
ΒΙΟΣ, vida, viver, subsistencia, sociedade, humanidade, etc.

ΔΙΟΣ ΔΙΟΣ, ΔΙΟΣ, †ΣΙΌΣ †ΣΙΌΣ ΙΣ, ΧΙΔΡΑ ΔΙΌΣ †ΣΙΌΣ †ΣΙΌΣ, 'ΟΧΟΣ ΙΣ ΒΙΑΣ, ΒΙΟΣ.
JUPITER, JUPITER, JUPITER DEUS! DEUS DA FORÇA E VIGOR! COM FRUMETO, DEUS, O DEUS TENAZ, FIRME, DÁ FORÇA, VIGOR E PUJANÇA, Á CIVILISAÇÃO DA HUMANIDADE!

*

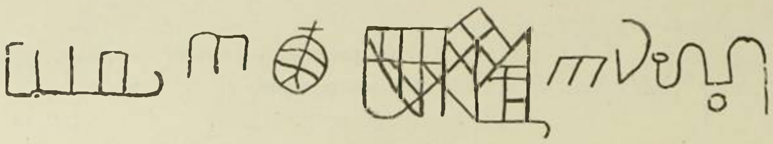
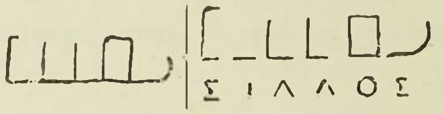
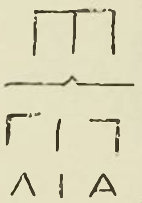


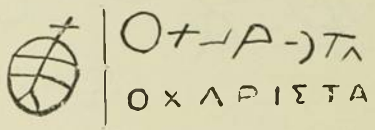
Fig. 1.344



ΣΙΛΛΟΣ, satyra, poema satyrico; sarcasmo, mofa, zombaria, gracejo, etc.



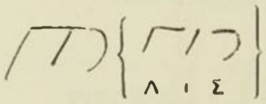
ΛΙΑ, *por* ΛΙΑΝ, *adv.* muito, demasiado forte, etc.



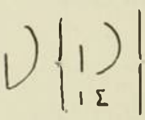
ΟΧΑΡΙΣΤΑ, o melhor possivel.



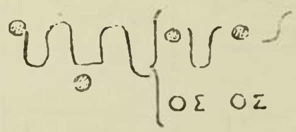
ΣΙΛΛΟΣ, satyra, poema satyrico; sarcasmo. ΟΧΆΡΙΣΤΟΣ, de muitos o melhor ou mais bravo.



†ΛΙΣ, ιτος, *Gramm.* estofo e roupa branca, etc.



ΙΣ, força vigor.



ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.

ΣΊΛΛΟΣ ΛΙΑΝ ΟΧ'ΑΡΙΣΤΑ. ΣΊΛΛΟΣ ΣΊΛΛΟΣ! ΟΧ'ΑΡΙΣΤΟΣ. †ΛΙΣ ΙΣ 'ΟΣΟΣ.

O GRACEJO NÃO DEMASIADO FORTE É O MELHOR POSSIVEL.
A SATYRA OU O POEMA SATIRICO É MAIS BRAVO.
ESTOFO E ROUPA BRANCA, DE FORÇA E VIGOR CONSIDERAVEL!

*

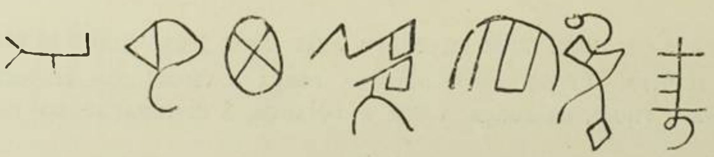
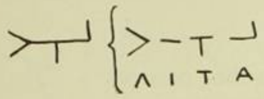
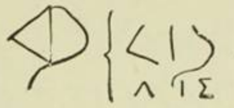


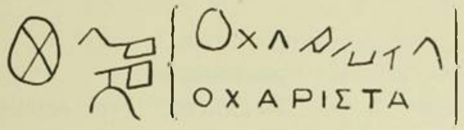
Fig. 1.345



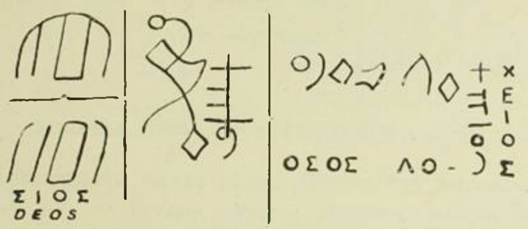
*ΛΙΤΑ, *de* λιτον, panno de linho, roupa branca, etc.



†ΛΙΣ, *gramm.* estofo, roupa branca.



ΟΧ'ΆΡΙΣΤΑ, o melhor possivel.



ΟΣΟΣ, tão grande, etc.

ΛΟΧΕΙΟΣ, que tem relação ou preside os partos.

ΛΙΤΑ ΛΙΣ ΟΧΆΡΙΣΤΑ· †ΣΙΘΣ ΛΟΧΕΙΟΣ·

PANNO DE LINHO E ROUPA BRANCA, O MELHOR POSSIVEL. DEUS TÃO GRANDE QUE TEM RELAÇÃO OU PRESIDE O PARTO.

*

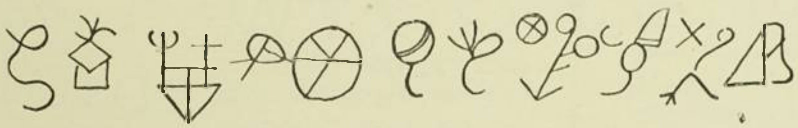
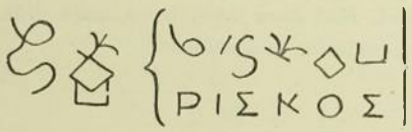


Fig. 1.346

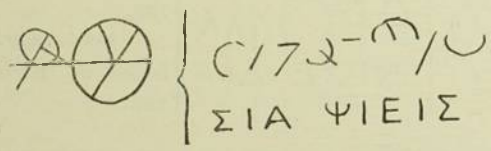


ΡΙΣΚΟΣ, cofre, arca, mala, bahú, etc.



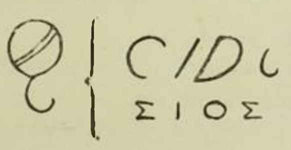
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.

'ΙΔΑ, o monte Ida, em Creta, e em Phrygia, e assim †ιδη, †'ΙΔΗ, *Neol., por* ἰδεα, fórma, apparencia, matiz, colorido ligeiro, etc.

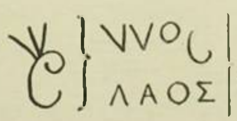


ΣΙΑ, DEUSA.

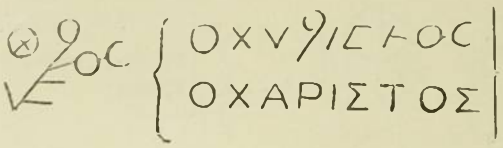
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



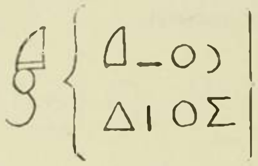
ΣΙΟΣ, DEUS



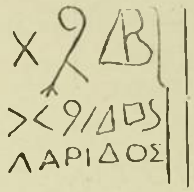
ΛΑΟΣ, povo, multidão, armada, etc.



ΟΧΆΡΙΣΤΟΣ o melhor possivel.



ΔΙΟΣ
JUPITER



ΛΑΡΙΔΟΣ, etc.
R. *ΛᾺΡΌΣ, *Poet.* agradavel, amavel e *p. ext,.* bonito, engraçado, etc.

ΡΙΣΚΟΣ ΨΙΕΙΣ ΙΔΑ†*ΙΔΗ. ‡ΣΙΑ' ΨΙΕΙΣ. †ΣΙΟΣ ΛΑΟΣ ΟΧ'Α"ΡΙΣΤΟΣ. ΔΙΌΣ ΛΑΡΙΔΟΣ.

COFRE FELIZ, AFORTUNADO É O MONTE IDA NA APPARENCIA. DEUSA FELIZ AFORTUNADA. O DEUS DA MULTIDÃO É O MELHOR POSSIVEL JUPITER AMAVEL

*

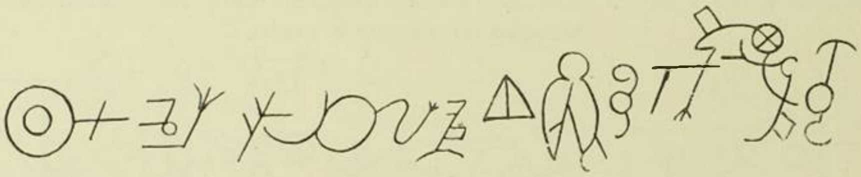
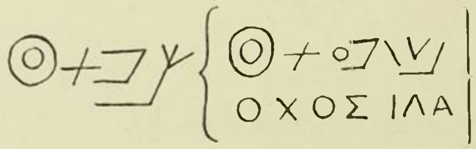
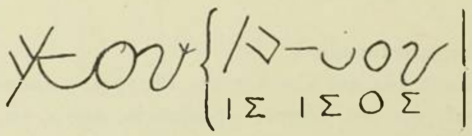


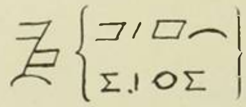
Fig. 1.347



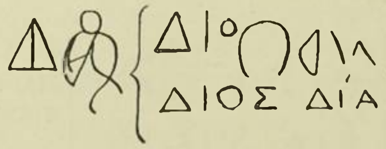
ΟΧΟΣ, tenaz, firme.
ΙΛΑ, *Dor. para* *ΙΛΗ, tropa, esquadrão, *p. ext.* tumulto, multidão, etc.



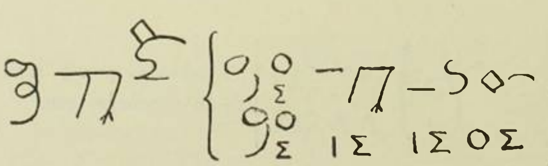
ΙΣ, força e vigor.
ΙΣΟΣ, igual, unido.



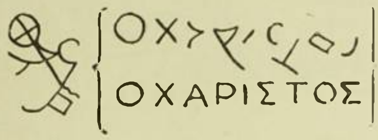
ΣΙΟΣ,
DEUS.



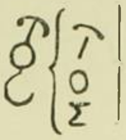
ΔΙΌΣ, JUPITER.
†ΔΙ'Α, *incer.* festas de JUPITER.



ΟΣΟΣ, tão grande, etc.
ΙΣ, força e vigor.
ΙΣΟΣ, unido, igual, etc.



ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΟΣ, o melhor possivel.



ΣΙΟΣ, DEUS

'ΟΧΟΣ 'ΙΛΗ ΙΣ ΙΣΟΣ†ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ†ΔΙΑ 'ΟΣΟΣ ΙΣ ΙΣΟΣ ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΟΣ†ΣΙΟΣ

TENAZ, FIRME MULTIDÃO COM FORÇA E VIGOR UNIDA AO DEUS JUPITER PARA SUA FESTA TÃO CONSIDERAVEL FORÇA E VIGOR, UNIDOS AO MELHOR POSSIVEL DEUS!

*

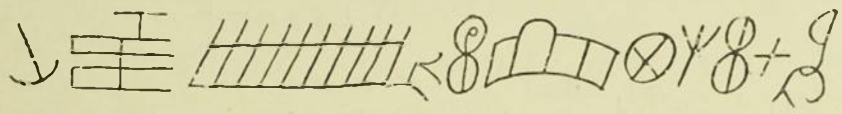
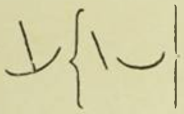
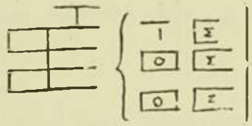


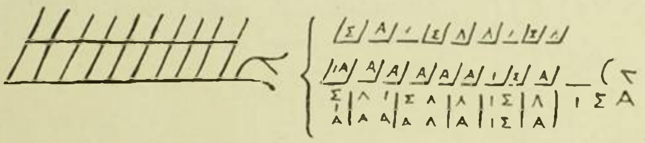
Fig. 1.348



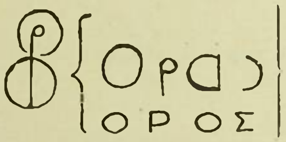
ΙΣ, força, vigor.



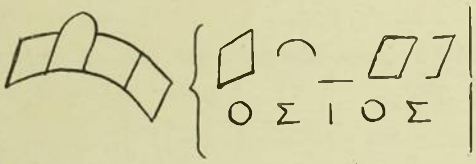
ΙΣ, força, vigor.
ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.



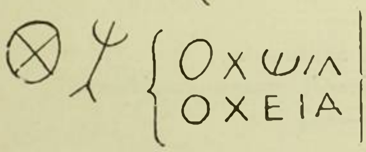
ΣΙΛ, DEUSA.
ΛΑΙΑ, tribuna do povo.
†ΣΑΛΛ, *Gl.* agitação, tumulto, etc.
ΛΛ, demasiado, forte.
ΙΣΙΣ, *Deusa egypcia.*
ΛΛ, demasiado, forte.
*ΙΣΑ, ΙΣΟΣ, igual, semelhante, unido, etc.



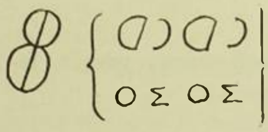
'ΟΡΟΣ, limite, fronteira, cippo, elevado para servir de monumento, marco, etc.



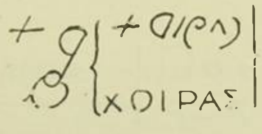
'ΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião, profano, santo, justo, conforme a justiça, etc.



ΟΧΕΙΑ, cohabitação, ajuntamento, etc.



ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.



ΧΟΙΡΑΣ, *em tr. de med.* tumor, escropholas.

ΙΣ 'ΟΣΟΣ. †ΣΙΆ ΛΑΙΑ †ΣΑΛΛ ΛΛ ΙΣΙΣ ΛΛ ΙΣΑ. 'ΟΡΟΣ 'ΟΣΙΟΣ. ΟΧΕΙΑ 'ΟΣΟΣ. ΧΟΙΡΑΣ

FORÇA E VIGOR TÃO GRANDE E CONSIDERAVEL!

DEUSA DA TRIBUNA DO POVO E SUA AGITAÇÃO DEMASIADA É ISIS, FORTE E EQUITATIVA!

O LIMITE OU FRONTEIRA É CONFORME A JUSTIÇA.

COHABITAÇÃO E AJUNTAMENTO TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL. ESCROPHOLAS

*

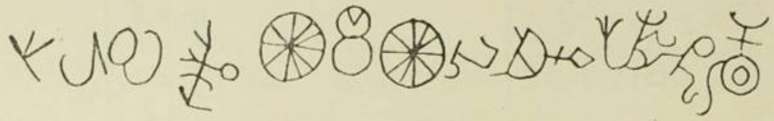
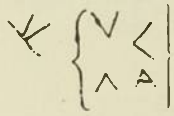
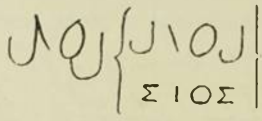


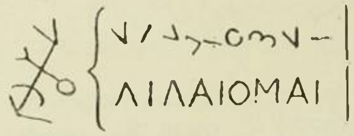
Fig. 1.349



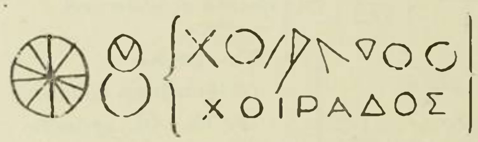
ΛΑ, muito forte.



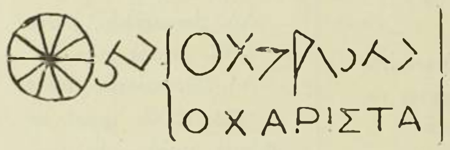
ΣΙΌΣ, DEUS.



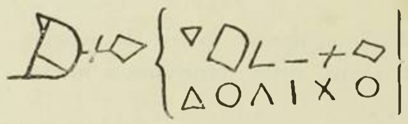
ΛΙΛΑΙΟΜΑΙ, *Poet.* desejar vivamente, esforçar-se de attender, procural-a, etc.



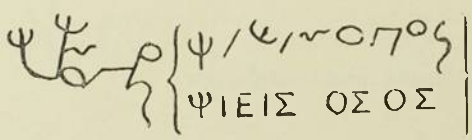
ΧΟΙΡΑΔΟΣ, *subs.*, rochedo á flor d'agua, ilha pedregosa, pouco elevada, etc.



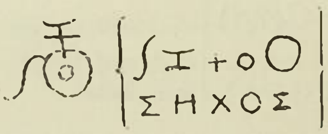
Ο'ΧΑ·ΡΙΣΤΑ, o melhor possivel, etc.



ΔΟΛΙΧΟ, longo, alongado, *alg. vez.*, de longa duração, etc.



ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.
ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.



ΣΗΧΌΣ, logar cercado, *e particularm.*, parque fechado por caniçada, estabulo, aprisco.

ΛΑ†ΣΙΌΣ. ΛΙΛΑΙΟΜΑΙ ΧΟΙΡΑΔΟΣ Ο'ΧΑ·ΡΙΣΤΑ ΔΟΛΙΧΌ ΨΙΕΙΣ·ΟΣΟΣ ΣΗΧΟΣ

MUITO FORTE É DEUS! DESEJAR VIVAMENTE O ROCHEDO Á FLOR D'AGUA, O MELHOR POSSIVEL. LONGO, FELIZ, AFORTUNADO TÃO CONSIDERAVEL LOGAR CERCADO OU PARQUE.

*

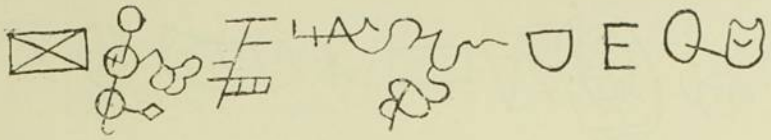
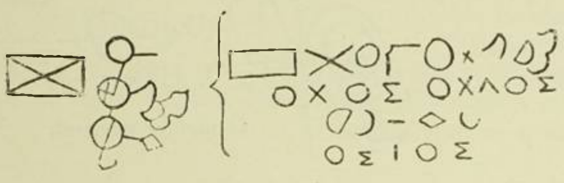


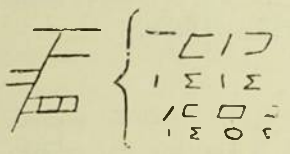
Fig. 1.350



'ΟΧΌΣ, tenaz firme, que retém, etc.

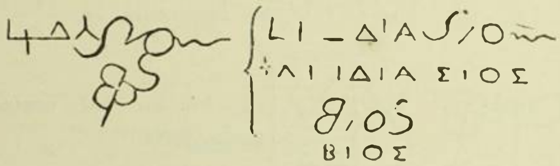
''ΟΧΛΟΣ, rumor, motim, tumulto, etc.

ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião, etc.



ΙΣ, força, vigor.

ΙΣΟΣ, igual, unido, justo, equitativo.

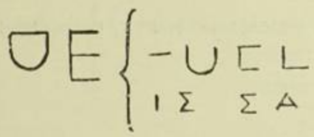


†ΑΙ, *p.* λίαν, demasiado, forte.

ΙΔΙΑ, *dat. sing. fem.* d' ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, singular, etc.

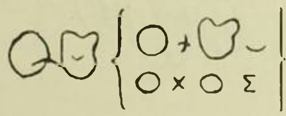
ΣΙΟΣ, DEUS.

ΒΙΟΣ, vida, viver, subsistencia, bem de fortuna, humanidade, civilização, etc.



ΙΣ, força, vigor.

ΣΑ, *pl. neutro do adj. poss.* ΣΟΣ, ΣΗ, ΣΟΝ, ΣΟΣ, sua, o teu, a tua.



ΟΧΟΣ, tenaz, firme, que contém, que retém, etc.

'ΟΧΟ'Σ ΟΧΛΟΣ' ΟΣΙΟΣ· ΙΣ ΙΣ ΙΣΟΣ ΑΙ Ι'ΔΙΑ†ΣΙΟ'Σ ΒΙ'ΟΣ ΙΣ ΣΑ 'ΟΧΟ'Σ

TENAZ E FIRME É O QUE CONTÉM O TUMULTO, SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO. FORÇA VIGOR JUSTO, É EQUITATIVO. DEMASIADO FORTE E SINGULAR É O DEUS DA HUMANIDADE E A SUA FORÇA TENAZ E FIRME.

*

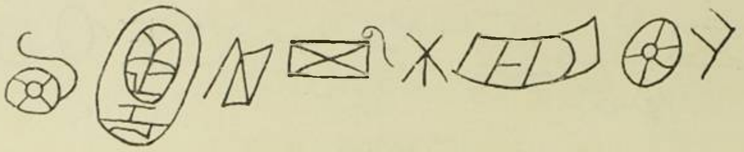
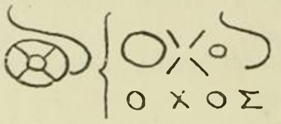
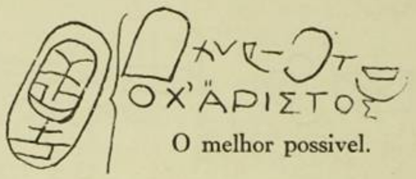


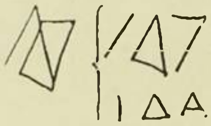
Fig. 1.351



ΟΧΌΣ, tenaz, firme, etc



O melhor possivel.



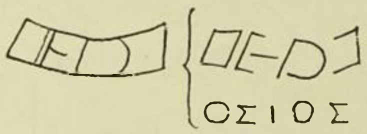
῞ΙΔΑ, o monte Ida, *em Creta e Phrygia* †῞ΙΔΗ, *Neol.* p. ἰδέα, forma, apparencia.



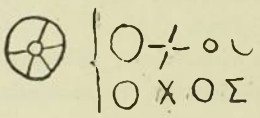
ΟΧΟΣ, tenaz, firme.



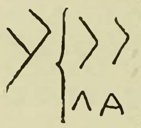
ΛΑΙ, *equivalente a* λαίν, demasiado, forte.



ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião, santo, justo, puro, eminente, etc.



ΟΧΟΣ, tenaz, firme.



ΛΑ, *ou* ΛΑΙ, demasiado, forte.

'ΟΧΟ'Σ ΟΧ'Α῞ΡΙΣΤΟΣ ῞ΙΔΑ 'ΟΧΟ'Σ ΛΑΙ ΟΣΙΟΣ' ΟΧΟ'Σ ΛΑΙ'

TENAZ, FIRME E O MELHOR POSSIVEL É O MONTE IDA. FIRME, DEMASIADO FORTE, EMINENTE E TENAZ.

*

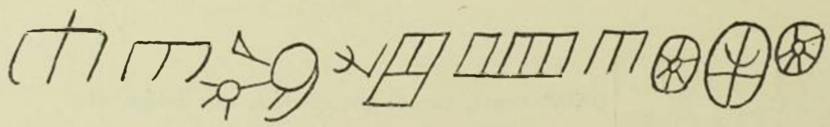
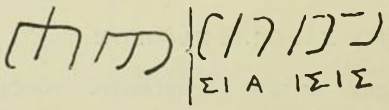
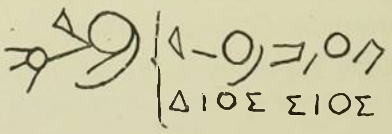


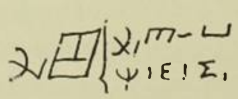
Fig. 1.352



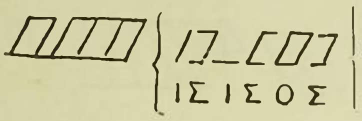
ΣΙΑ, DEUSA.
ΙΣΙΣ, deusa Egypcia.



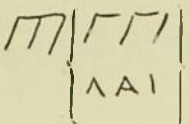
ΔΙΌΣ, JUPITER.
ΣΙΟΣ, DEUS.



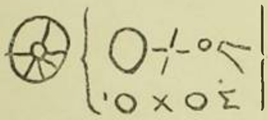
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



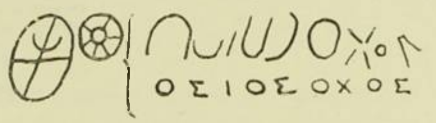
ΙΣ, força, vigor.
ΙΣΟΣ, igual, unido.



ΛΑΙ, muito forte.



ΟΧΌΣ, tenaz, firme.



† ΣΙΑ΄ ΙΣΙΣ ΔΙΌΣ † ΣΙΟΣ ΨΠΕΙΣ ΙΣ ΙΣΟΣ ΛΑΙ 'ΟΧΟΣ 'ΟΣΙΌΣ 'ΟΧΌΣ.

DEUSA ISIS! JUPITER DEUS! FELIZ, AFORTUNADO, FORÇA, VIGOR, JUSTO, MUITO FORTE, TENAZ, PIEDOSO E FIRME.

*

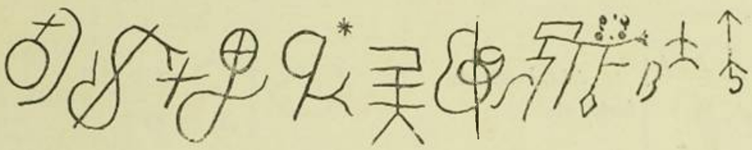
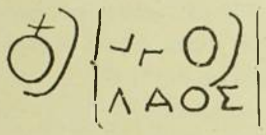
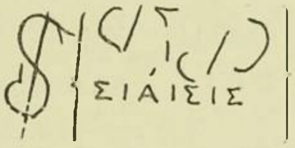


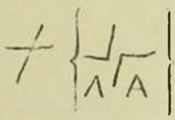
Fig. 1.353



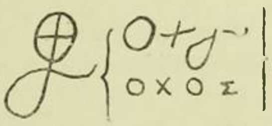
ΛΑΟΣ, povo *p. ext.*, multidão, *Poet.*, armada. *No pl.* οιλαοί, homens, guerreiros.



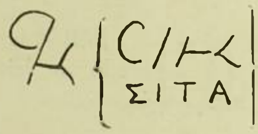
DEUSA ISIS



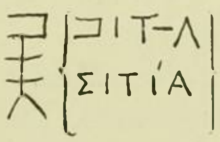
ΛΑ ou ΛΑΊ, bastante forte, etc.



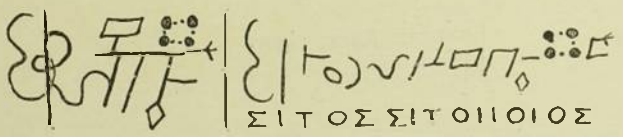
ΟΧΌΣ, tenaz, firme.



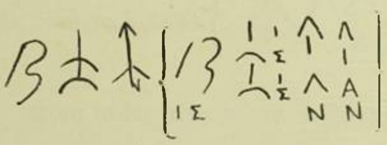
ΣΊΤΑ, *pl.* de σιτας, trigo *e emprega-se* como σίτία, viveres.



ΣΙΤΙΑ, alimento, provisões, comestiveis, viveres, milho.



ΣΙΤΟΣ, trigo, grão de trigo; *p. ent.* pão *muita. vez-* comida; ΣΙΤΟΠΟΙΌΣ, que prepara ou serve para preparar o pão e os alimentos. *Subs.* padeiro.



ΙΣ., força, vigor.
ΙΣΙΣ, Deusa Egypcia.
ΑΙΑΝ, demasiado forte.

ΛΑΟΣ † ΣΙΆ ΙΣΙΣ ΛΑ 'ΟΧΟΣ ΣΙΤΑ ΣΙΤΊΑ. ΣΙΤΟΣ ΣΙΤΟΠΟΙΟΣ ΙΣ ΙΣΙΣ ΑΙΑΝ.

A MULTIDÃO DA DEUSA ISIS É BASTANTE FORTE, TENAZ E FIRME. TRIGO, ALIMENTOS E PROVISÃO. GRÃO DE TRIGO, PÃO E PADEIRO. O VIGOR DE ISIS É DEMASIADO FORTE.

*

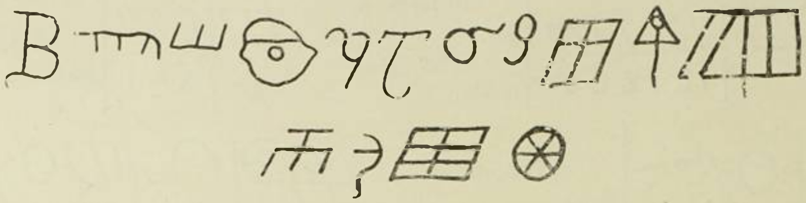


Fig. 1.354

ΙΣΟΣ, igual, unido, justo, equitativo.

ΛΑΙΑ, assembléa do povo.

ΛΑΙ, bastante forte, etc.

ΣΙΟΣ, DEUS.

ΣΟΙ, *dat. do pron.* ΣΥ.
ΣΥ, ti, tu, vós.

ΤΙΣ *adv. intr.* quem, que, aquelle a que, o qual, a qual, os que, os quaes, etc.

ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.

ΣΙΟΣ, DEUS.

ΔΙΟΣ, JUPITER.

ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião.

ΤΕ, ti, tu, etc.

ΙΣ, força, vigor.

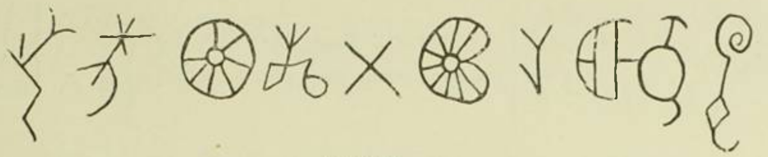
ΙΣΟΣ, igual, unido.
ΣΙΟΣ, DEUS.

ΔΙΌΣ, JUPITER.

ΙΣΟΣ ΛΑΙΑ. ΛΑΙ †ΣΙΌΣ ΣΟΙ. ΤΙΣ ''ΟΣΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΟΣΙΟΣ. ΤΕ ΙΣ ΙΣΟΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ.

UNIDO IGUAL Á TRIBUNA DO POVO. BASTANTE FORTE É DEUS! A TI, É A QUEM TÃO GRANDE DEUS JUPITER FAZ JUSTIÇA. A TI, FORÇA E VIGOR IGUAL DÁ DEUS JUPITER

*



Fig' 1.355

Esta, e as seguintes inscripções, estão situadas no sitio FECHADO, da propriedade SANTA CASA, distante seis kilometros de VINAGRE e 6 ditos de BELEM, tudo, no Termo de BREJO DO CRUZ

ΛΙΑΝ — ΛΙΑΝ, *adv.* demasiado forte.

ΧΙΑΣ — ΧΙΑΣ, *como*: ΧΕΙΑ' cova onde dormem as serpentes, antro profundo, etc.

ΟΧΟΣ — 'ΟΧΌΣ, tenaz, forte, etc.

ΨΟΛΟΣ — ΨΌΛΟΣ, *Poet.* fuligem, immundicie, avareza, sordidez.

ΛΑ — ΛΑ *ou* ΛΑΙ *equivalente a* ΛΙΑΝ muito forte.

ΟΧΑΡΙΣΤΑ — ΟΧΆΡΙΣΤΑ o melhor possivel.

ΣΙΟΣ — ΣΙΟΣ DEUS.

ΣΙΟΣ

ΟΣΙΟΣ — ΟΣΙΟΣ, justiça divina, puro, santo, etc.

ΛΙΑΝ ΧΙΆΣ 'ΟΧΌΣ ΨΌΛΟΣ ΛΑ ΟΧΆΡΙΣΤΑ ΛΑ † ΣΙΌΣ†ΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ.

MUITO FORTE ANTRO PROFUNDO, QUE RETEM FULIGEM, IMMUNDICIE DEMASIADA. O MELHOR POSSIVEL E FORTE DEUS, È O DEUS PURO E JUSTO

*

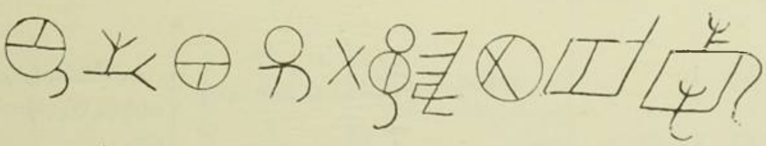
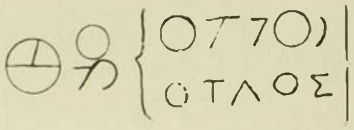


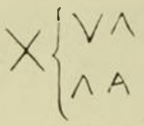
Fig. 1.356

ΣΙΟΣ — ΣΙΟΣ DEUS

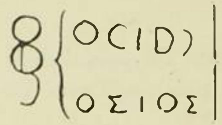
ΨΙΑ — † ΨΙΑ' *Gloss* pequena pedra, etc. || *Alg. vez. p.* ΕΨΙΑ', alegria, jubilo.



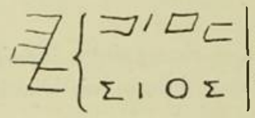
ʽΟΤΛΟΣ *Poet.* dôr, miseria, pena, mal, etc.



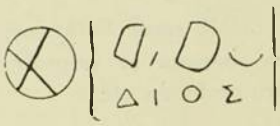
ΛΛ *ou* ΛΑΙ, muito forte.



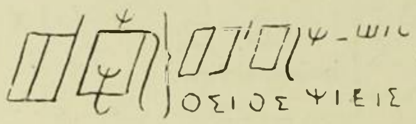
ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião, justo, pio.



ΣΙΟΣ, DEUS



ΔΙΌΣ JUPITER



ΟΣΙΟΣ, justo, pio, etc.

ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.

† ΣΙΌΣ ΨΙΑ ΟΤΛΟΣ ΛΛ. ʽΟΣΙΟΣ † ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ʽΟΣΙΟΣ. ΨΙΕΙΣ

DEUS DÁ ALEGRIA, CONTENTAMENTO Á MISERIA EXTREMA.

SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO, DEUS JUPITER É PIEDOSO E JUSTO. FELIZ AFORTUNADO!

*

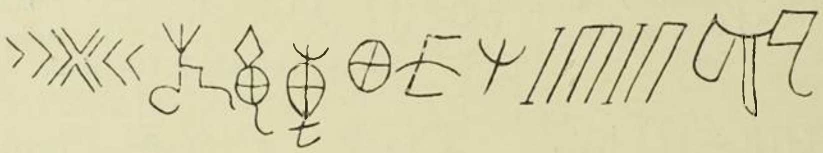
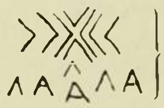
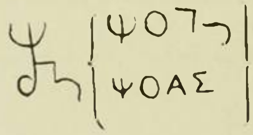


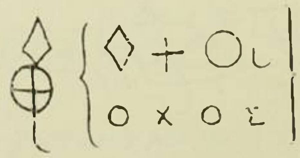
Fig. 1.357



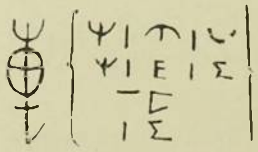
ΛΛ, *ou* ΛΑΙ *equivalente a* ΛΙΑΝ, demasiado, forte.



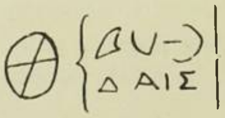
ΨΟΑΣ, *mais us. ao pl.* Αἰψόαι, os rins, os lombos, os musculos lombares.



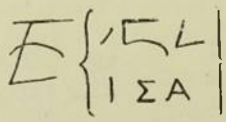
ΌΧΌΣ, tenaz, firme.



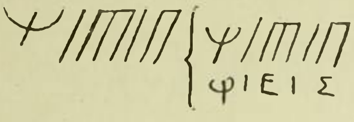
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado. ΙΣ, força, vigor, etc.



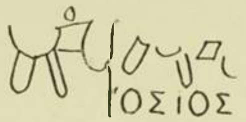
*ΔΑΙΣ *Poet.* refeição, festim, etc.



ʼΙΣ ou ʼʼΙΣΑ *pl. ind.* ΙΣΟΣ, unido, igual, justo, etc.



ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



ΟΣΙΟΣ, justiça divina, etc.

ΛΑ, ΛΑ, ΛΑ, ΨΟΑΣ· ΌΧΌΣ ΨΙΕΙΣ ΙΣ· ΔΑΙΣ ΙΣΑ· ΨΙΕΙΣ ΌΣΙΟΣ·

FORTE! DEMASIADO FORTE! OS MUSCULOS LOMBARES!
TENAZ, FIRME, FELIZ, AFORTUNADO, FORÇA E VIGOR!
REFEIÇÃO E FESTIM UNIDOS. FELIZ, AFORTUNADO É PERMITTIDO PELA RELIGIÃO

*

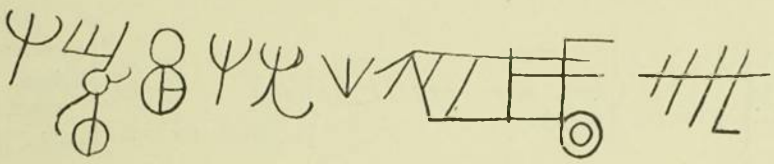
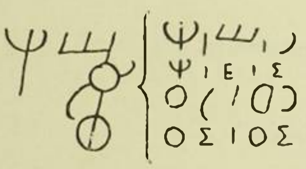
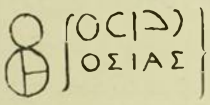


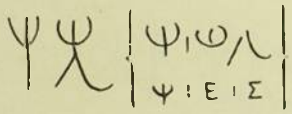
Fig. 1.358



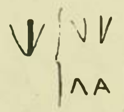
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.
ΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião, etc.



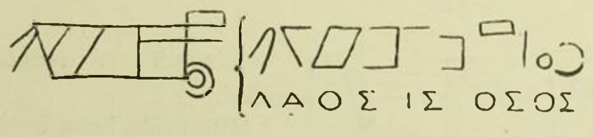
ΟΣΙΑΣ, rito ou ceremonia religiosa, *e especialmente* exequias, funeraes, justiça e legitimidade.



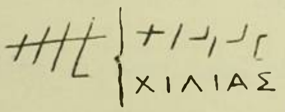
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



ΛΑ *ou* ΛΑΙ, *equiva. a* λιαν, demasiado forte.



ΛΑΟΣ, povo, *p. ext.* multidão.
ΙΣ, força, vigor.
ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel.



ΧΙΛΙΆΣ, um milhar, o numero mil.

ΨΙΕΙΣ ΌΣΙΟΣ ΌΣΙΑΣ· ΨΙΕΙΣ ΛΑ ΛΑΌΣ ΙΣ ΌΣΟΣ ΧΙΛΙΆΣ

FELIZ AFORTUNADO SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO E DAS CEREMONIAS RELIGIOSAS. FELIZ AFORTUNADO DEMASIADO, É O POVO DE FORÇA E VIGOR TÃO CONSIDERAVEL AOS MIL

*

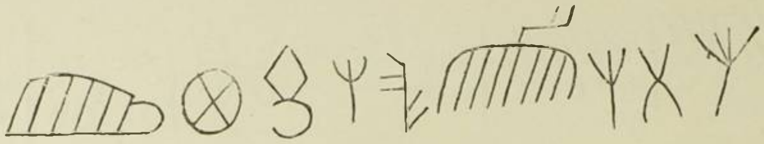
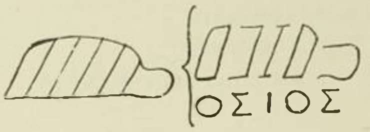
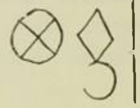


Fig. 1.359



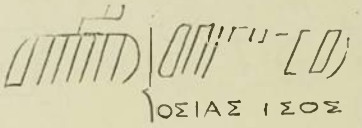
ΟΣΙΟΣ, justiça divina, piedade.



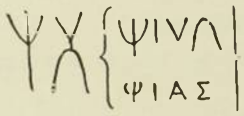
ΟΧΟΣ, tenaz, firme, que retém, que contém.



ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



ΟΣΙΑΣ, rito, *ou* ceremonia religiosa.
ΙΣΟΣ, igual, unido, justo, etc.



ΨΙΆΣ, *alg. vez. p.* εψιά, alegria, contentamento, etc.

ΟΣΙΟΣ' ΟΧΌΣ ΨΙΕΙΣ ΟΣΙΑΣ ΙΣΟΣ ΨΙΆΣ

A JUSTIÇA DIVINA É TENAZ, FIRME, FELIZ, AFORTUNADA, DE ALEGRIA. IGUAL E UNIDA, SEGUNDO O RITO

*

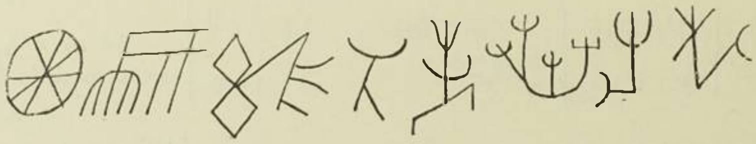
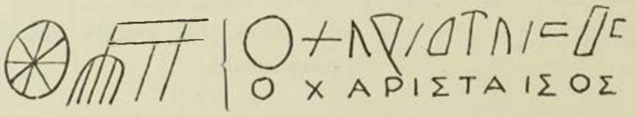
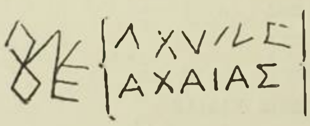


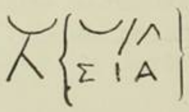
Fig. 1.360



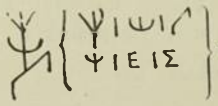
ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΑ, o melhor possivel.
ΙΣΟΣ, unido, justo, igual, etc.



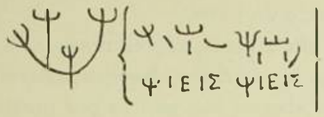
*ΑΧΑΙΑΣ, *Poet.* acheenne, *ou* gregas, ornato de architectura, serrotinho, etc.
*ΑΧΑΙΑΣ, deusa acheenne, *sobrenome de Ceres.*



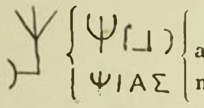
DEUSA



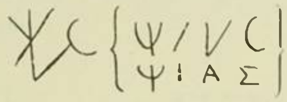
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado, idem.



ΨΙΑΣ, *P.* εψιά, alegria, contentamento, etc.



ΨΙΑΣ, alegria, contentamento.

ΟΧ'Α'ΡΙΣΤΑ ΙΣΟΣ ΑΧΑΙΑΣ. †ΣΙΑ ΨΙΕΙΣ, ΨΙΕΙΣ, ΨΙΕΙΣ, ΨΙΑΣ, ΨΙΑΣ.

O MELHOR POSSIVEL, UNICO ORNAMENTO DE ARCHITECTURA, DEUSA! FELIZ AFORTUNADO FELIZ AFORTUNADO COM ALEGRIA

*

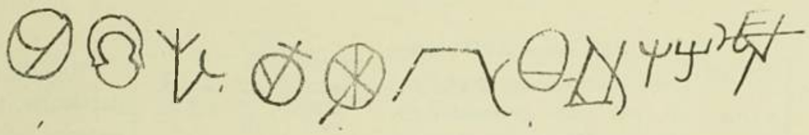
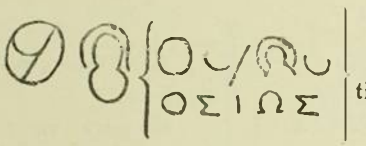
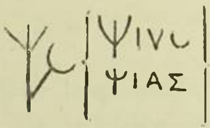


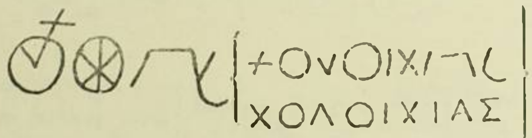
Fig. 1.361



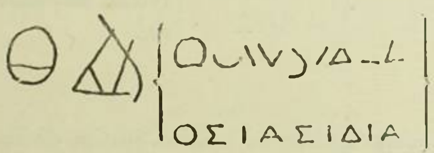
ΟΣΙΩΣ, *adv.* sentimento, com piedade, com justiça.



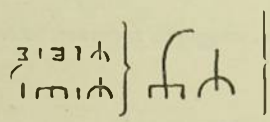
ΨΙΑΣ, *p.* εψιά, alegria, contentamento.



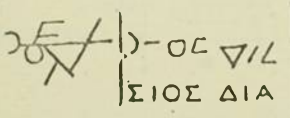
Χολοιχίας, incorrecção grammatical.



ΟΣΙΑΣ. rito *ou* ceremonia religiosa, etc.
ΙΔΙΑ, *dat. sing. fem. de* ἴδιος, *e emprega-se como adj. assim*:
*ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, etc.



ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.



ΣΙΟΣ, DEUS.
ΔΙΑ, *acc. de* ΣΕΥΣ, JUPITER.

'ΟΣΙΩΣ ΨΙΑΣ. ΧΟΛΟΙΧΙΑΣ. 'ΟΣΙΑΣ ΙΔΙΑ ΨΙΕΙΣ † ΣΙΟΣ ΔΙΑ.

COM A JUSTIÇA ESTÁ ALEGRIA! INCORRECÇÃO GRAMMATICAL.
O DIREITO TOMADO NO SENTIDO PROPRIO É AFORTUNADO POR DEUS JUPITER

*

INSCRIPÇÕES do sitio CURRAES VELHOS, no Termo de Brejo do Cruz.

Diz-nos o Sr. José Targino da Cruz: "Os traços feitos a tinta preta, representam corte em baixo relevo; os de tinta carmim feitos com uma tinta de côr vermelho claro inapagavel com a acção do tempo. Os pontos mais escuros são buracos abertos nas pedras por quem fez as inscripções".

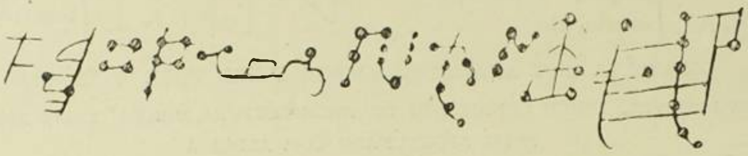
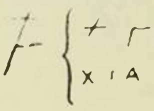
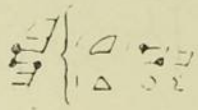


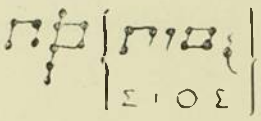
Fig. 1.362



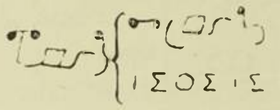
ΧΙΑ, *como* ΧΕΙÀ, cova onde dormem as serpentes, *p. ext.* antro profundo, retiro, solidão ignorada, etc.



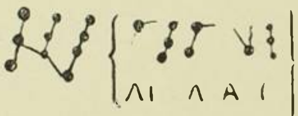
*ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, singular, especial, etc.



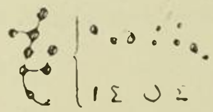
ΣΙΟΣ, DEUS.



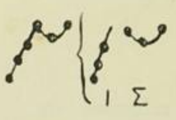
ΙΣΟΣ, unido, justo, igual, etc.
ΙΣ, força, vigor.



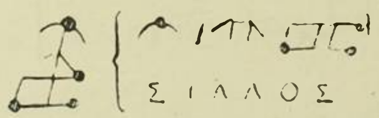
ΑΙ, *ou* ΑΑΙ, muito forte, etc.



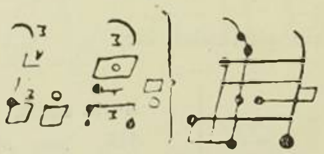
ΙΣΟΣ, igual, unido justo, equitativo, etc.



ΙΣ, força, vigor.



ΣΙΛΛΟΣ, satyra, poema satyrico, sarcasmo, etc.



etc.

ΟΣΙΟΣ, segundo as leis da religião, justiça divina,

ΟΣΙΑΣ, ceremonia religiosa, exequias, funeraes, etc.

ΧΙÁ ΙΔΙΟΣ † ΣΙÓΣ ΙΣΟΣ ΙΣ ΑΙ ΑΑΙ ΙΣΟΣ. ΙΣ ΣΙΛΛΟΣ· ʽΟΣΙΟΣ· ΟΣΙΑΣ.

ANTRO PROFUNDO SINGULAR! DEUS É UNIDO Á FORÇA E VIGOR, MUITO FORTE E JUSTO! A FORÇA E VIGOR DO POEMA SATYRICO, NÃO É PONTO CONSAGRADO NAS LEIS DA RELIGIÃO

*

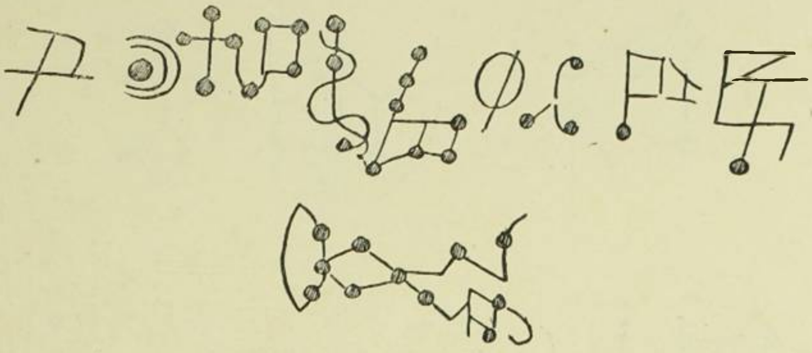
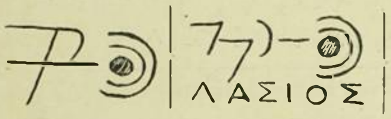
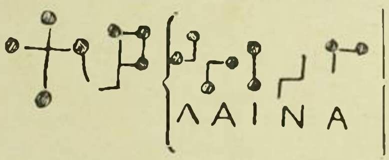


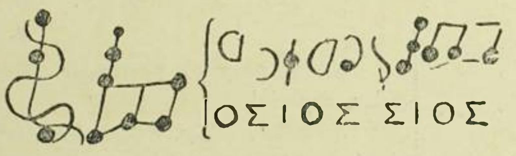
Fig. 1.363



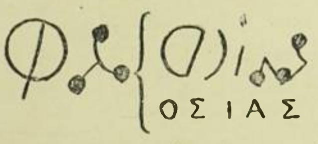
ΛΑΣΙΟΣ, coberta de pello, denso, grosso, apertado, compacto, etc.



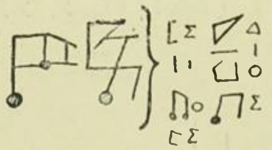
ΛΑΙΝΑ, *raro p.* ΧΛΑΙΝΑ, ΧΛΑΙ͂ΝΑ, capa, capote, *alg. vez*, cobertor de cama, etc.



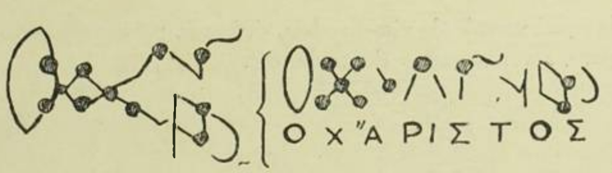
'ΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião, justo, justiça divina, etc.
ΣΙΟΣ, *Laced*, Θεός, DEUS.



ΟΣΙΑΣ, rito ou ceremonias religiosas, exequias.



DEUS JUPITER



ΟΧ'ΑΡΙΣΤΟΣ, o melhor possivel, etc.

ΛΑΣΙΟΣ ΧΛΑΙ͂ΝΑ 'ΟΣΙΟΣ †ΣΙΌΣ ΟΣΙΑΣ †ΣΙΌΣ ΔΙΌΣ ΟΧ'ΑΡΙΣΤΟΣ.

COBERTOR DE PELLO DENSO, GROSSO, CAPA E CAPOTE.
CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO DE DEUS E DO RITO.
DEUS JUPITER É O MELHOR POSSIVEL!

*

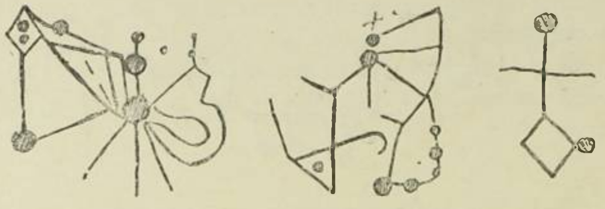
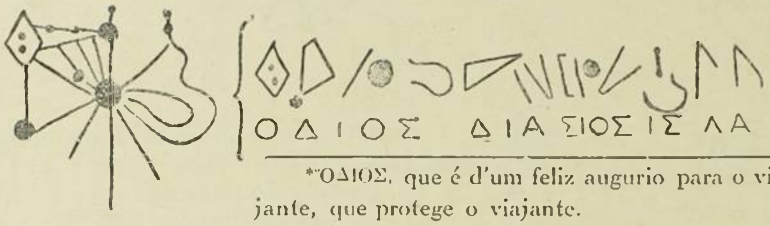


Fig. 1.364



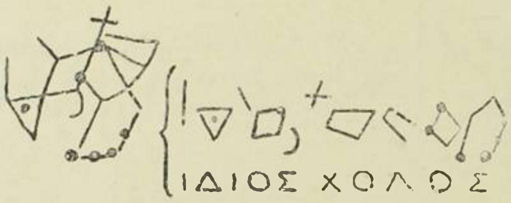
*῞ΟΔΙΟΣ, que é d'um feliz augurio para o viajante, que protege o viajante.

ΔΙΑ, *acc. de* ΖΕΥΣ, *gen.* JUPITER.

ΣΙΟΣ, DEUS.

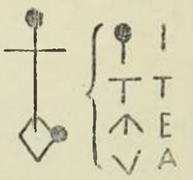
ΙΣ, força, vigor.

†ΛΑ, ou λαί, *equivalente a* λίαν, muito forte.



*ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, singular, especial.

*ΧΟΛΟΣ. *Poet. p.* ΧΟΛΗ, bilis, fel, *donde p. ext.* veneno, colera, raiva.



ΙΤΈΑ, broquel, escudo de vime, rodela, defensor, protector, asylo, guarda, amparo, arvore, mastro de navio, etc.

*῞ΟΔΙΟΣ ΔΊΑ †ΣΙΌΣ ΙΣ †ΛΑ. ῞ΙΔΙΟΣ ῞ΧΟΛΟΣ, ΙΤΈΑ.

QUEM PROTEGE O VIAJANTE É JUPITER, DEUS DA FORÇA, DO VIGOR DEMASIADO FORTE. PARTICULAR DEFENSOR DE COLERA E VENENO. ESCUDO, PROTECTOR, AMPARO.

*

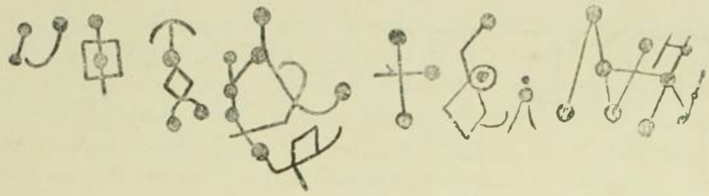
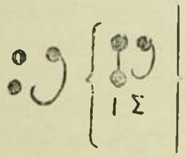
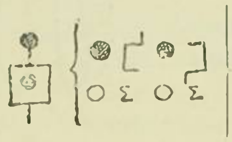


Fig. 1.365



ΙΣ, força, viger.



ΟΣΟΣ, tão grande, quanto extraordinario.

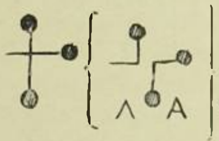


ΣΙΟΣ, *Laced.* Θεός, DEUS.

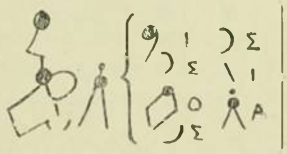


ΣΙΟΣ, DEUS.

ΙΧΝΟΣ, traços dos passos, marca do pé, vestigio, traço, indicio.

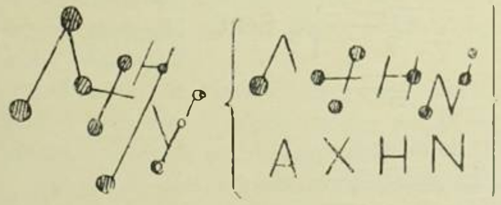


ΛΑ, *equivalente a* ΜΑΝ, muito forte.



ΙΣΟΣ, igual, unido, justo.

ΣΙΑ, DEUSA.



*ΑΧΗΝ, *Poet.* pobre, mendigo, pedinte, etc.

ΙΣ ˚ΟΣΟΣ †ΣΙΌΣ. †ΣΙΌΣ ΙΧΝΟΣ ΛΑ ΙΣΟΣ †ΣΙΆ ΑΧΗΝ

FORÇA, VIGOR TÃO GRANDE, QUANTO CONSIDERAVEL. DEUS. DEUS, DÁ O TRAÇO BASTANTE FORTE E EQUITATIVO COM A DEUSA AO NECESSITADO.

*

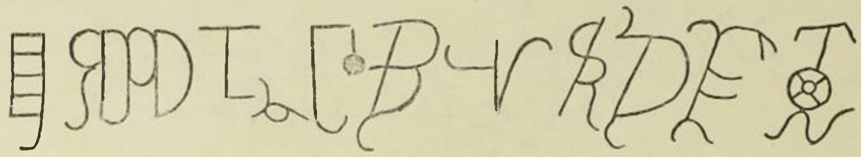
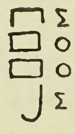
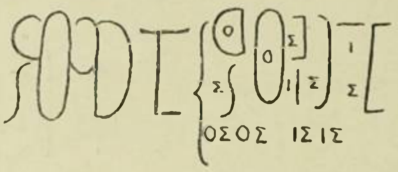


Fig. 1.366

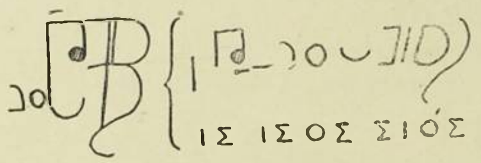


'ΣΟΟΣ, são e salvo, que subsiste ou sobrevive.



ΟΣΟΣ, tão grande quanto consideravel, etc.

ΙΣΙΣ, DEUSA Egypcia.

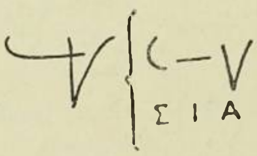


ΙΣ, força, vigor, impetuosidade, violencia, etc.

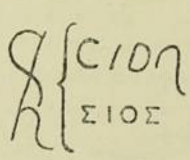
ΙΣΟΣ, unido, justo, equitativo; ΣΙΟΣ, DEUS.

†ΣΌΟΣ 'ΟΣΟΣ ΙΣΙΣ ΙΣ. ΙΣ ΙΣΟΣ ΣΙΌΣ.

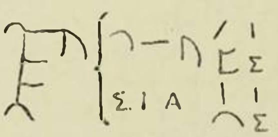
SÃO E SALVO PELA TÃO GRANDE ISIS COM FORÇA E VIGOR.
A FORÇA É SEMELHANTE A DEUS!



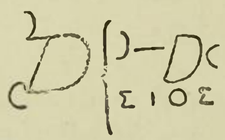
ΣΙΑ, DEUSA.



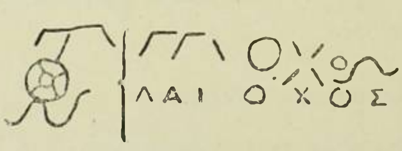
ΣΙΟΣ, DEUS.



ΣΙΟΣ, DEUS.



ΣΙΑ, DEUSA.
ΙΣΙΣ, DEUSA Egypcia.



ΑΑΙ, muito forte.
ΟΧΟΣ, tenaz, firme, etc.

†ΣΙΑ †ΣΙΌΣ †ΣΙΌΣ †ΣΙΑ ΙΣΙΣ ΑΑΙ 'ΟΧΌΣ

DEUSA! DEUS! DEUS! DEUSA ISIS É FORTE, TENAZ E FIRME!

*

Eis uma grande e importante serie de inscripções, offerecendo certa vantagem na variedade de assumptos, dos quaes se póde deduzir o grande desenvolvimento intellectual e social do povo que as originou. Ha entre ellas algumas semelhantes ás existentes em varios paizes, sendo porém mais notaveis as ultimas, esculpidas com pequenos pontos pretos esphericos, identicas ás da estatueta encontrada em Tuxtla no Mexico, lapidares de CHANDESHWAS, nas Indias (Revett Carnac), na Escocia (J. V. Simpson) e Portugal etc. Louvavel foi a tarefa do Sr. José Targino da Cruz, que conseguiu, com espantosa expressão, os traços componentes das referidas inscripções que acabamos de interpretar. Encerram estas grande valor epigraphico, pelo que são de grande importancia para o nosso trabalho.

O illustre Sr. José Targino da Cruz publicou um importante artigo sobre a epigraphe ATRAVEZ DOS SECULOS — VESTIGIOS DE UM POVO ANTIGO — no jornal "UNIÃO", da Parahyba, n. 55, de 10 de Março de 1928. Considerando o valor iconographico em relação ás localidades, nas quaes encontrou as inscripções que ora acabamos de interpretar; para aqui trasladamos essa valiosa peça.

ATRAVEZ DOS SECULOS

VESTIGIOS DE UM POVO ANTIGO

"Quando escrevemos anteriormente a respeito das inscripções lapidares de Olho d'Agua e Belém, neste termo, dissemos que haviamos promettido ao dr. Elviro Dantas, remetter por seu intermedio, ao Sr. Bernardo Ramos, as copias de outras inscripções tambem existentes neste mesmo termo, para serem decifradas.

Para nos desincumbirmos desta promessa, nos transportámos aos locaes onde ellas existem, afim de as copiar e colher *in loco* certas impressões.

Effectivamente, na propriedade "Santa Casa", na fronteira deste municipio e Estado, com o districto de Patú, no Rio Grande do Norte, existem três serrotes formando um rectangulo, os quaes são conhecidos por "Serrota do Vinagre", "Serrota do Biú" e "Serrota do Girão", todos distantes desta villa quatro leguas.

As aguas pluviaes que descem destes três serrotes, bem como da "Serra Preta", um pouco ao Noroeste, e do "Serrote do Frade", um pouco ao Sul, formam o "Riacho do Vinagre", o qual se tripartindo no alto, recebe as aguas que vêm da "Serra do Patú de Fóra", ao poente.

O "Riacho do Vinagre" passando por entre os três primeiros serrotes, atravessa alli um bojo denominado "Sacco do Vinagre", o qual é coberto de uma densa e luxuriante vegetação, mattas, etc., que dão a impressão de um oasis em meio daquelles desertos sertanejos.

O "Sacco do Vinagre" que possue diversos olhos d'agua e especiaes terrenos de cultura, é composto de argilla e terras de alluvião, enriquecidas pela grande quantidade de detrictos vegetaes em decomposição.

Cerca de dois kilometros, abaixo, em um local de feição differente, á margem do dito riacho, o terreno muda de natureza. Já não é tão fertil. Alli a argilla é menos rica de humus, sendo amarellada, demonstrando ter grande mistura de oxydo de uranio. Neste local, comprehendendo as duas margens do referido riacho repousa o "Serrote do Letreiro", assim conhecido devido á abundancia de inscripções lapidares existentes em algumas pedras.

Apesar das inscripções formarem em certos pontos um verdadeiro labiryntho, podemos copiar duzentos e onze emblemas.

Terminada a missão que nos levara ao "Vinagre", transportamo-nos ao "Fechado", seis kilometros distante do Vinagre, e tambem da propriedade "Santa Casa".

O "Fechado" é banhado pelo riacho que tem alli a mesma denominação, e que, partindo da citada "Serra do Patú", desagua no rio do Belém, ou seja, o Riacho de Porcos, a região mais pastoril dos sertões parahybanos.

No "Fechado", á margem do riacho, e no centro de uma varzea ampla e de optimos terrenos de cultura, existe um serrote, no qual se encontram em algumas pedras umas inscripções, com sessenta e cinco emblemas.

Estas inscripções foram feitas em baixo relevo, notando-se, porém, que os emblemas foram feitos com uma tinta vermelho-clara, e depois abertas em baixo córte.

Desafiando a acção destruidora dos tempos, lá estão as inscripções perfeitamente visiveis, não obstante os seculos que ellas levam de vencida.

E' bem notavel a identidade que existe nas inscripções de Belém, de que já tratámos em outros artigos, com as do "Vinagre" e do "Fechado".

Convém notar que Belém é distante apenas seis kilometros, tanto para o "Vinagre" como para o "Fechado".

Em Santa Casa, proximo ao rio do Belém (Riacho de Porcos) existe a "Lagôa do Sobrado", a qual é attingida pelas aguas quando transbordam do mesmo rio. Esta lagôa, de um lado é circumdada por uma barragem submersa, feita de pedra, a qual se vê perfeitamente sobresahindo um pouco acima do sólo.

Perto da mesma lagôa, encontram-se os vestigios de uma construcção de fórma circular, cuja base tambem de pedra, como que de um grande silo, está aflorando á terra.

Estas construcções fôram feitas antes da exploração dos nossos sertões.

Colhemos tambem a copia de outras inscripções existentes ao Sul deste termo, no sitio "Curraes Velhos".

Alli, na lombada de um alto, de terreno silicoso e vegetação rarefeita, á margem da estrada que vem de Catolé do Rocha para o povoado São Bento neste mencionado termo, existe um serrote denominado da "Pedra do Letreiro", no qual encontrámos três pedras contendo trinta e nove emblemas.

Estas pedras são admiravelmente duras, têm as faces perfeitamente brunidas, e nellas estão abertas as inscripções, sendo umas em baixo relevo, e outras em tinta vermelho-clara. A tinta é a mesma de que falámos acima, de uma durabilidade immensuravel, pois, ha seculos que são conhecidas as inscripções, sempre com a mesma feição, a mesma tonalidade, o mesmo colorido, e, emquanto diversas gerações se foram para a eternidade, e as paginas dos seculos vão se virando lentamente, ellas alli estão, acompanhando os surtos do progresso e da sciencia, a evolução social e humana, até que um dia, Bernardo Ramos, ou outro qualquer emulo de Champollion, venha interpretal-as, e mostrar ao mundo a sua emocionante historia.

Estas pedras contém a nossa historia, isto é, attestam, dão noticia de uma civilização que floresceu no continente americano ha alguns milhares de annos.

Ellas são paginas dispersas do nosso livro millenario, e devem ser objecto do nosso carinho e orgulho, como os Védas são para os indianos, o Alcorão para os arabes, etc.

São ellas a bibliotheca indestructivel e sacrosanta que os antigos brasileiros nos legaram, e representam a obra literaria, embora que laconica, porém, de inestimavel valor, que aquelles obreiros de uma civilização que foi extincta por elementos naturalmente poderosos, mas que nos deixou accentuadas e insuspeitas provas, nos transmittiram atravez dos tempos.

A irrefragabilidade destas provas, encontramol-a archeologicamente nos monumentos, templos e obras d'arte que se encontram no Mexico, em Nicaragua, Perú, Colombia, Venezuela, Brasil, e em muitos outros pontos do continente.

No Perú, nos estudos archeologicos procedidos nas mumias, objectos e inscripções existentes nos milhares de tumulos no cemiterio de Lurin, encontrámos a prova de que muito anterior aos incas existiu o Imperio de Pachacamar, povo este que focalizou a civilização atravez de diversas gerações.

Os estudos archeologicos, escavando um passado longinquo, já nos mostraram positivamente que, muito anteriormente á éra christã, existiu no Atumã, no Estado do Amazonas, uma assembléa *illiada* na qual o paleographo amazonense encontrou vestigios das leis de Sólon, o grande legislador atheniense.

Muitas e muitas outras provas existem para nos ligarem a uma civilização passada, a qual se perdeu por tantos seculos na noite dos tempos, deixando-nos relegados ao esquecimento, até que Bernardo Ramos, Musen de Lima, e outros estudiosos aprofundando as suas indagações, e remontando aos seculos, lobrigaram os clarões daquella civilização americana que se vinha occultando atravez dos millenios.

Assim, brevemente o continente americano já não será tão somente o achado de Colombo, e sim uma terra que possuiu a sua organização social e politica, e que viveu de certo modo em contacto, não sómente com os povos orientaes da Asia, mas, tambem, com os gregos da antiguidade classica, e outros povos civilizados de então.

Havemos de revolver os seculos, de aprofundar as escavações do passado, e de lá tirar a veracidade daquella civilização continental que se extinguiu, não sabemos quando".

Brejo do Cruz.

José Targino da Cruz.

CAPITULO XVII

Inscripções, tradições e fragmentos de cidades, no interior de varios Estados do Brasil

PROLIXAS monographias têm sido elaboradas desde longos annos, sobre a epigraphia, necropoles e fragmentos de cidades, no interior do nosso Paiz, attestando assim a importancia que vem merecendo o assumpto, aos homens scientificos.

Não menor é o trabalho, que com feliz resultado em outros paizes se tem levado a effeito, auxiliado pela iconographia, a chave elementar e reveladora dos mysteriosos monumentos do passado, que se procura desvendar.

Em 1868, ha meio seculo portanto, dá-nos o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, a sua monographia, lida perante o Instituto Historico e Geographico Brasileiro [1], labor de elevado merito, até então em nosso meio scientifico um dos meticulosos no genero.

Muito nos orientará euvil-o, resumidamente, abstrahindo porém, a orthographia phonetica, que lhe era peculiar.

Inicia o seu trabalho, com as seguintes palavras: "Na epoca do descobrimento do Brasil, o vemos occupado por uma população analphabeta e balda de architectura, incapaz de produzir monumentos de importancia".

"Se, pois, no Brasil verificarmos a existencia de antigas inscripções e de Cidades abandonadas, devemos concluir, que em nossa terra subsistio um povo civilizado, que n'ella precedeu as tribus erradias, encontradas pelos Portuguezes, no seu advento, ás plagas brazileiras, e foi o esculptor d'essas inscripções e o edificador de taes cidades".

"No Mexico e no Perú, duram ainda os vestigios de adiantada cultura, que possuiam as populações obedientes aos Incas e ao celebrado Imperador Montezuma, quando os Hespanhoes fizeram a conquista d'esses paizes. Ellas erguiam verdadeiros monumentos architectonicos, e expressavam os seus pensamentos por meio de signaes duradouros. Os quipos no Perú, e os desenhos no Mexico, constituiam engenhosos systemas, que satisfaziam o mister dos nossos caracteres alphabeticos e eram capazes de transmittir-se á posteridade".

---

(1) Rev. do referido Instituto, v. 50, pag. 213 e seguintes.

"Nenhuma cousa semelhante achou-se no Brasil ao tempo do seu descobrimento entre as tribus indigenas, que n'elle viviam em completa selvageria sem outros edificios mais do que mizeraveis cabanas de passageira duração, e sem outra expressão do pensamento além da voz e do aceno".

"Não foram, pois, essas hordas que construiram cidades e gravaram inscripções".

"De subida importancia é investigar, se effectivamente no sólo brasileiro existem inscripções de caracteres ignotos e cidades soterradas e escondidas nas brenhas; porque, se chegarmos a resultado affirmativo, teremos assás avançado no conhecimento da archeologia, offerecendo á historia do homem novas theorias e novas ideias sobre as revoluções, porque tem elle passado n'este globo sublunar; a anthropologia e a ethnologia farão novas conquistas".

Referindo-se propriamente a Inscripções, diz não serem recentes suas existencias tradicionaes em varios pontos do nosso Paiz.

Allude ás encontradas na viagem de Elias Eckerman, no centro dos dominios hollandezes do Brasil em 1641, esculpidas em pedras nas margens do rio Parnahyba, generalizando-se desde então a existencia de tantas outras em carecteres e estylos diversos, encontradas em varias paragens do interior das nossas regiões.

Em taes condições cita as da serra do Assuruá no Estado da Bahia, da serra de Anabastabia em Minas, das margens do Japurá no Amazonas, do districto do Inhamun e outros no Ceará, do Apodi no Rio Grande do Norte, da serra do Teixeira, ramo da Borborema na Parahyba, esculpidas e pintadas com tinta vermelha, em lages e cavernas, além das de Cabofrio que o vulgo denomina, *letras do diabo*.

Vulgarmente gente inculta reputa essas inscripções como obra dos Hollandezes ou Flamengos, não cogitando siquer na possibilidade da existencia de um povo civilizado em nossas terras, anterior áquelles.

Considera pouco criteriosas as observações contidas na obra *Lamentação Brasileira*, da lavra do Padre Francisco de Menezes, que percorreu nossos sertões do Norte, e a offereceu ao Principe Regente, depois Rei de Portugal e do Brasil, D. João VI; labor de 1799 a 1806.

"As inscripções apontadas são, ora abertas a cinzel, ora executadas com tinta encarnada e ás vezes preta, cumprindo observar a semelhança na identidade de forma de caracteres destas com as de logares distantes; e não convem desprezar a circumstancia da semelhança tambem de signaes das inscripções lapidares com certas pinturas de ornato dos vazos e outros artefactos ceramicos encontrados ultimamente na ilha de Marajó, que vão servindo de curioso objecto de estudos archeologicos".

"Não é improvavel a realidade de taes letreiros, continúa o autor, nem o apparecimento de outros monumentos precolombianos no Brasil, quando, aliás, os sabios acreditam na existencia de um povo civilizado nas nossas terras antes do descobrimento d'ellas feito pelos Portuguezes".

"O illustre Dr. Carlos de Martins, assim o pensava, e em carta dirigida ao nosso Instituto, elle se expressa nos seguintes termos:

"Emquanto aos meus estudos sobre a historia primitiva dos autochthones do Brazil, consta-me como facto geral, que toda a povoação primitiva das Americas viveu em tempos remotissimos em estado mais civilisado do que aquelle em que achamos tanto os Mexicanos do nosso tempo ou outros povos montanhezes, como os indios selvagens do Brazil".

"Toda esta povoação, sem duvida muito mais numerosa, cahio de uma posição muito mais nobre, por diversas causas... Os meus estudos apontam para o Brazil o logar, onde residem ainda as maiores lembranças do tempo antigo e vêm a ser as matas entre os rios Xingú, Tocantins e Araguaia. Alli residem descendentes dos antigos Tupys (os Alpiacás, Gês Mondurucús, etc.), que ainda falam a lingua tupy; elles devem ser considerados como depositarios da mythologia e tradição e restos de alguma civilisação dos tempos passados".

"Nesses logares talvez se possam encontrar ainda alguns vestigios, que derramem luz sobre as causas da presente ruina d'esses povos. Mas infelizmente ainda ninguem lá foi estudal-as".

Se, pois, existia em nossas terras um povo civilizado em remotas éras, porque duvidarmos que deixassem elles monumentos como essas inscripções lapidares?

Referindo-se ao general Cunha Mattos, um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, assim se manifesta: "Não repellio elle a ideia da existencia de letreiros de caracteres desconhecidos no Brazil, e referindo-se á tradição das inscripções da serra das letras em Minas, diz no seu *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*: Eu não vi estes caracteres, e estou persuadido, que são *dentrites*; posto que não se pode negar a existencia de hieroglyphos de um povo antiquissimo em varios logares do Brazil, assim como não me atrevo a negar a existencia de um Sumé, que podia bem ser companheiro ou discipulo de Manco Capac, ou apostolo dos antigos legisladores, que introduziram um culto religioso muito philosophico no Mexico, Guatemala e Nova Granada, como testificam os maravilhosos e estupendos monumentos, que, ha poucos annos a esta parte, se têm encontrado".

Eis como pensa, diz o autor, um sabio investigador dos factos da nossa historia patria, o qual assim nos incita a não despresar como chimera a noticia de letreiros lapidares no Brazil, devendo antes convertermos o assumpto em materia de nossos estudos.

Proseguindo, diz ainda:

"Não é hoje licito duvidar da existencia de antiquissimas inscripções lapidares no Brazil, sobretudo depois que o nosso preclaro consocio Dr. Ladisláo Netto, cujos estudos anthropologicos já excitam a attenção dos sabios europeos, publicou nos *Annaes do Muzeu Nacional do Rio de Janeiro*, o letreiro da pedra de Itamaracá, no rio Xingú, bem como outros copiados no Amazonas, Rio Negro e Madeira". Tratando da emigração dos povos primitivos no sólo nosso diz: "De todo este martyrologio, não de um só individuo, mas de uma nação inteira, ficaram alli perpetuadas diversas tradições em caracteres profundamente gravados, que nenhum Champollion soube ainda decifrar. Quatro grandes problemas se nos deparam a respeito das inscripções deixadas por essas varias peregrinações proseguidas em todo o sólo americano: a direcção geral tomada pelas nações emigrantes; a significação de semelhantes inscripções; as épocas em que se effectuaram as diversas emigrações, e os instrumentos de que se serviram os foragidos para abrir em durissimas rochas a breve historia dos seus itinerarios".

No Brazil, em particular, é quasi possivel determinar-se as paragens por onde esses singulares monumentos foram deixados; são os valles dos grandes rios.

Alencar Araripe dizia então: "Embora seja cedo para emittir juizo sobre a significação dos letreiros lapidares no Brazil, a verdade é que cumpre investigar, e investigar com empenho, sobre a sua natureza, afim de que se nos descortine esse caliginoso passado, tão manifestamente indicado n'esses admiraveis monumentos".

"A fama de que na montanha da Gavea, tão proxima de nós, existia um letreiro de grandes proporções, despertou a solicitude d'esta nossa respeitavel Associação, e ella mandou uma commissão de seu seio, proceder a conveniente pesquisa, afim de analysar e copiar a inscripção". Além deste trabalho, refere-se o autor, ao constantedo relatorio apresentado pelo Secretario Perpetuo, em sessão anniversaria de 1840, como ao de Pedro Clansen, sobre as inscripções da Lapa, em Minas, em caracteres ignotos, cujos desenhos lamenta terem desapparecido do archivo do Instituto.

*

Com referencia a cidades abandonadas no interior dos nossos extensos e inexplorados bosques, affirma que por vezes, têm sido annunciadas suas existencias, não desconhecendo o empenho do Instituto, nesse sentide, demonstrado na cogitação e no precioso achado do roteiro escripto em 1753, sobre uma antiga cidade abandonada nos sertões da Bahia. O Conego Benigno da Cunha, de saudosa memoria, incumbindo-se da investigação e descobrimento da referida cidade, nada poude conseguir por lhe fallecerem os necessarios recursos, sendo problematico seu paradeiro, segundo refere a *Revista Trimensal* de 1845.

*

"A uns, (continúa o Conselheiro Alencar Araripe) os intitulados letreiros não passam de figuras irregulares, que nos rochedos se destacam pela acção chimica da atmosphera que corroe as partes menos consistentes das rochas para deixar delineadas as veias mais rijas para outros, porém, esses estranhos caracteres representam effectivamente obra do homem que n'elles pretendeu fixar a lembrança de seus feitos".

"Para uns, a noticia de cidades occultas nas selvas e denunciadas por vestigios de casas, ruas e praças, é mera fabula risivel, creada pela imaginação de pessoas credulas, que, taes couzas vêem em montões de pedras e outras materias informes mais ou menos caprichosamente dispostas pela natureza; para outros, porém, essas pedras são ruinas magestosas, significativas de opulentas cidades, que nos irão manifestar a extincta actividade de uma população numerosa, culta e industriosa".

"O nosso douto chorographo Ayres do Casal, mostra desconfiar da realidade de taes monumentos, quando, falando de um d'esses letreiros, assim se explica:

"As pretensas letras, que não passam de toscos e illegiveis hieroglyphos, e que a ignorancia do povo attribue á mão do apostolo São Thomé, devem o seu principio a particulas ferruginosas, segundo parece".

A commissão examinadora das inscripções da Gavea não recusa crer na possibilidade da existencia de letreiros de caracteres desconhecidos, quando, depois de varias ponderações acerca da difficuldade de resolver a questão, diz assim: "Mas a commissão, senhores, vindo perante o Instituto Historico e Geographico, dar conta da sua missão, está longe de protestar solemnemente contra a ideia de serem ou não uma inscripção aquelles sulcos ou traços, que se encontram no cume da Gavea".

Emquanto ha cidades abandonadas no centro das nossas terras, o sabio Dr. Carlos de Martius, benemerito investigador das cousas do Brasil, declara que "não é inverosimil que se encontrem no meio das nossas florestas, ainda não devassadas, sinão em diminuta porção, ruinas de antigas cidades".

"Concita o Instituto, em vista de autoridades competentes, não recuar *in limine*, a ideia da existencia no Brasil, de inscripções desconhecidas e cidades destroçadas, a proseguir suas investigações encetadas, no sentido de se reconhecer reaes ou não os letreiros e do mesmo modo as ruinas de grandes cidades".

"Isto feito, no caso affirmativo, será o trabalho sufficientemente compensado: das ruinas tiraremos innumeras deducções e das inscripções decifradas, revelações de um mundo até aqui ignorado".

"Largo horisonte se nos descortinará, mostrando-nos a America outr'ora culta, e depois subvertida por medonha catastrophe da natureza; surgindo talvez das trevas a tão decantada e tão duvidosa Atlantida".

"Se porém nada é real, e tudo é producto da fantazia ou especulação da fraude, desenganemo-nos e cessem as conjecturas".

"No Mexico, com pacientes investigações, foi Palenque descoberta, como outras cidades além de portentosos monumentos dos Aztecas e seus predecessores".

"Façamos, por nossa vez, as mais meticulosas investigações no Brasil, então surgirá um novo Champollion, para descortinar o tenebroso cáos do mundo americano, como esse espirito lucido e investigador desvendou no Egypto as épocas niloticas com a decifração dos hieroglyphos".

"Façamos a nossa epigraphia ante-cabralina, concita Alencar Araripe, analysemos os caracteres, critiquemos as inscripções, e a árte epigraphica poderá talvez no futuro resolver arcanos, de que hoje mal podemos cogitar".

"O estudo das inscripções gregas e latinas, que sabios por toda parte colhem, arrancando-as de sob as camadas superiores da terra, que constituem precioso archivo da humanidade, constantemente nos augmentam as noções historicas e nos dão novas luzes para conhecer a antiguidade, que os autores subsistentes ao cataclysma da barbaria da media idade não nos explicam com precisão".

*

Fala-nos ainda da noticia de uma cidade petrificada, no Piauhy, publicada pela imprensa do Ceará, sob a assignatura de Jacome Avelino. "A' leitura dessa noticia, despertando-lhe curiosidade, e quasi incredulo diante da maravilha apregoada, procurou informações, e do illustre Dr. Simplicio Coelho de Resende, deputado pela mesma Provincia, obteve a affirmativa de ser constante alli a existencia das ruinas supraditas". Cogita de uma inscripção lapidar das margens do Xingú, referente a um memorial, elaborado por Domingos Soares Ferreira Penna, em 1885, assumpto de certo valor archeologico.

Faz, finalmente, acompanhar sua valiosa monographia de 36 gravuras de importantes inscripções, parte d'ellas levada a effeito pelo Padre Francisco de Menezes que, durante 7 annos, percorreu com animo investigador os sertões do Norte, escrevendo o resultado de suas observações, a obra a que já alludimos.

A seu respeito e de seu trabalho, que julgamos, por nossa vez, de importancia, diz o Conselheiro Alencar Araripe:

"Era o referido Padre de raça indigena e elle mesmo qualificava-se de pobre indio do Brasil. Viveu nos sertões do Ceará e Rio Grande do Norte por muitos annos, e os percorreu dominado pela ideia de dinheiro metalico e alfaias preciosas soterradas

pelos Jesuitas e principalmente pelos Hollandezes, inquirindo das riquesas que elle denominava cabedaes e thesouros encerrados ou escondidos, e da existencia de metaes valiosos".

"Nas suas investigações notava tudo quanto parecia inculcar a sonhada riqueza; por isso, pedras assignaladas por pinturas, pregos gravados em arvores, restos de artefactos de ferro e louça foram consignados na sua obra; e d'ahi veio termos a indicação das rochas cobertas de caracteres e figuras ignotas, certamente merecedoras de minucioso exame".

"Elle menciona mais de 100 lugares, onde acham-se taes letreiros, guiando-se pela narração de pessoas ignorantes e credulas, que na sua rustica simplicidade denunciavam as localidades cujos roteiros ficaram apontados para futuras indagações".

"Convenho que grande parte das noticias assim colhidas depois de verificadas, não passarão de fantasticas creações de mentes exaltadas pelo gosto das maravilhas, ou de fabulas absurdas; todavia parece não devermos despresar peremptoriamente as crendices do ingenuo sacerdote; por isso extrahi da sua obra uma nota completa das indicações de letreiros lapidares por elle dadas, trasladando as proprias palavras do autor, para que o leitor por si aprecie a noticia e a critique em seus proprios termos".

"E' enfadonha a leitura d'essa nota pela monotonia dos factos; cumpre, porém, prestar-lhe attenção, combinar as circumstancias minimas apontadas em cada artigo, para fazermos conceito geral d'este objecto, que ao primeiro impulso se nos afigura futil e vão".

"Ponderadas as informações, observamos a concordancia de tantas pessoas em testemunharem o facto uniforme da existencia de caracteres indicativos da acção do homem em tantas e tão diversas localidades; e d'ahi essa força, que nos quer persuadir, sinão da realidade dos symbolos notados nas pedras, ao menos a possibilidade d'elles".

"Pode a imaginação em veios e sulcos naturaes dos rochedos ver letras e signaes expressivos do pensamento humano, não póde porém o mais fantazioso cerebro illudir-se para confundir riscos e linhas irregulares de fortuita corrosão das rochas, com os desenhos da conformação do homem e dos brutos animaes".

"Figuras de entes humanos e creaturas irracionaes são visiveis e distinctas em inscripções lapidares do Brasil, segundo o denunciam repetidos testemunhos; e sendo assim é visto entrar ahi o esforço intelligente; n'este caso, encarando o monumento, somos forçados a exclamar com o afamado Elmano Sadino, quando fitava a obra pavorosa do fanatismo sacerdotal:

"Dos homens o pincel e a mão conheço!"

Suppor, porém, que essas figuras não existem e que tanta gente conspira para o triumpho da mentira e do engano, não é razoavel; e quando porventura não creiamos nos inculcados letreiros cumpre ao menos aceitar a noticia como incitamento á investigação da verdade".

"O autor da *Lamentação Brasileira* copiou algumas inscripções lapidares, que lhe foram mostradas em suas peregrinações sertanejas e nós aqui as damos em seguida á sobredita nota com as explicações locaes, que acompanham os desenhos".

"As inscripções apontadas são, ora abertas a cinzel, etc., como ficou dito; cumprindo aqui observar a generalidade do facto: — a mesma industria gravou essas inscripções do sul ao norte do Brasil".

"Em todos os pontos em que ellas apparecem, são de ambos os generos, incizas ou pintadas".

"Na fórma, os caracteres tambem denunciam um principio commum: a parecença d'elles. Encontra-se similhança e ás vezes identidade de fórma de caracteres em inscripções de lugares distantes; e não convém despresar a circumstancia da similhança de signaes das inscripções lapidares, com certas pinturas de ornato dos vazos e outros artefactos ceramicos do Marajó".

Se reproduzimos por nossa vez, tudo quanto se refere ao Pe. Francisco de Menezes, não foi senão porque encontrámos em seus meticulosos trabalhos elementos de valor, que concorrerão para encaminhar proveitosamente o nosso magno assumpto. Não será desnecessaria a reproducção dos seus seguintes trabalhos, mas, vantajosa como seriam a de outros existentes, felizmente, nos archivos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Se não foi emfim feliz esse patriota na realisação de seu ideal (o achado de hesouros ou riquezas soterrados) proporcionou com suas ardentes investigações mais que sso á sua Patria.

Antes de proseguirmos, lembramos que, cumprindo um dever, estamos deixando bem patente um de nossos particulares intuitos, que outro não é que o de inculcar o concurso e o nome de todos aquelles que, directa ou indirectamente, vêm contribuindo ha longos annos para cogitações archeologicas referentes ao magno assumpto de nossa prehistoria.

Isto posto, passamos a trasladar para aqui, em resumo, documentos appensos á monographia do illustre Conselheiro Alencar Araripe, de toda conveniencia ellucidativa ao vertente assumpto.

Assim, começaremos com breves commentarios, pela noticia referente a uma *Cidade Petrificada no Piauhy*, da lavra de Jacome Avelino, publicada na gazeta *Constituição*, da Capital do Ceará, em 1886, nestes termos:

"SETE CIDADES. Na Provincia do Piauhy, ao sul da Villa de Piracuruca, na distancia de 5 leguas, á vista da fazenda do Bom-Jesus, em uma grande planicie, acha-se o logar denominado Sete-Cidades, que os moradores adjacentes teem por encantada e d'elle contam muitas versões, que não passam de superstições, e por isso deixo de mencional-as".

"Não ha alli mais do que uma cidade petrificada ou construida por um povo antiquissimo e civilisado, de que jamais temos noticias, existindo sómente aquelles vestigios".

"Tem ella sete praças e é claro que d'alli lhe venha o nome de Sete Cidades, confundindo-se com o das sete praças".

"Oitenta e cinco leguas, não me obstaram a ir visitar aquelle logar, onde demorei-me tres dias. A sua vista pittoresca inspirou-me desejos de maior demora, mas... a cidade não fala!... não se move!... mesmo assim faz scismar!..."

"Muralha, que volta as portas para o centro, fazendo a entrada por leste, para a cidade, por onde sómente pode passar um carro de cada vez, cerca aquelle logar, que pode ter de circumferencia uma legua mais ou menos"...

O assumpto que se prolonga em outra ordem de considerações, achamos de tal natureza, que só um estudo archeologico poderá definir tão extraordinario nomumento, no qual se encontram inscripções lapidares, etc.

Entretanto, achamos opportuno e aqui inserimos importante artigo e gravuras, publicadas pelo "Almanak Brasileiro", de 1912, a proposito de Piracuruca e as Sete Cidades, resumidamente:

"Um dos logares mais pittorescos do Brasil interior, é o chamado *Sete-Cidades* do qual fala um dos que o conhecem de *visu*, Luiz Soares Godinho".

"Em uma planicie de mais de quatro leguas de circumferencia, ha uma agglomeração de rochedos, de todas as dimensões, alturas, grossura e cores, collocados em ordem de ruas, becos e praças com apparencias de casas, pois até ha imitação de telhado que assemelha-se perfeitamente a uma vasta cidade!"

"Antes de penetrar na cidade encontram-se pedras de differentes tamanhos, espalhadas, como casas de suburbios, até que ao entrar as pedras representam ruas de casas baixas, para d'ahi em diante formar a grande cidade".



Fig. 1.367 — Torres das Sete-Cidades. Piracuruca

"Ha pedras que se calcula terem mais de 50 metros de altura imitando templos, palacios, torres, pyramides e outros monumentos".

"Uma imita tanto a um templo, que tem duas torres parallelas, com fachada, e nas torres, depressões em forma de janellas o que muito admiro".

"Ha tambem a imitação de uma fortaleza, que é um logar completamente murado. A frente, que pode ter 30 metros de extensão, é uma só pedra toda igual, como uma parede rebocada, tendo 10 metros de altura, com igualdade em quasi toda e dois de grossura. A entrada é por uma porta no meio da parede, arqueada e symetrica, e do lado opposto

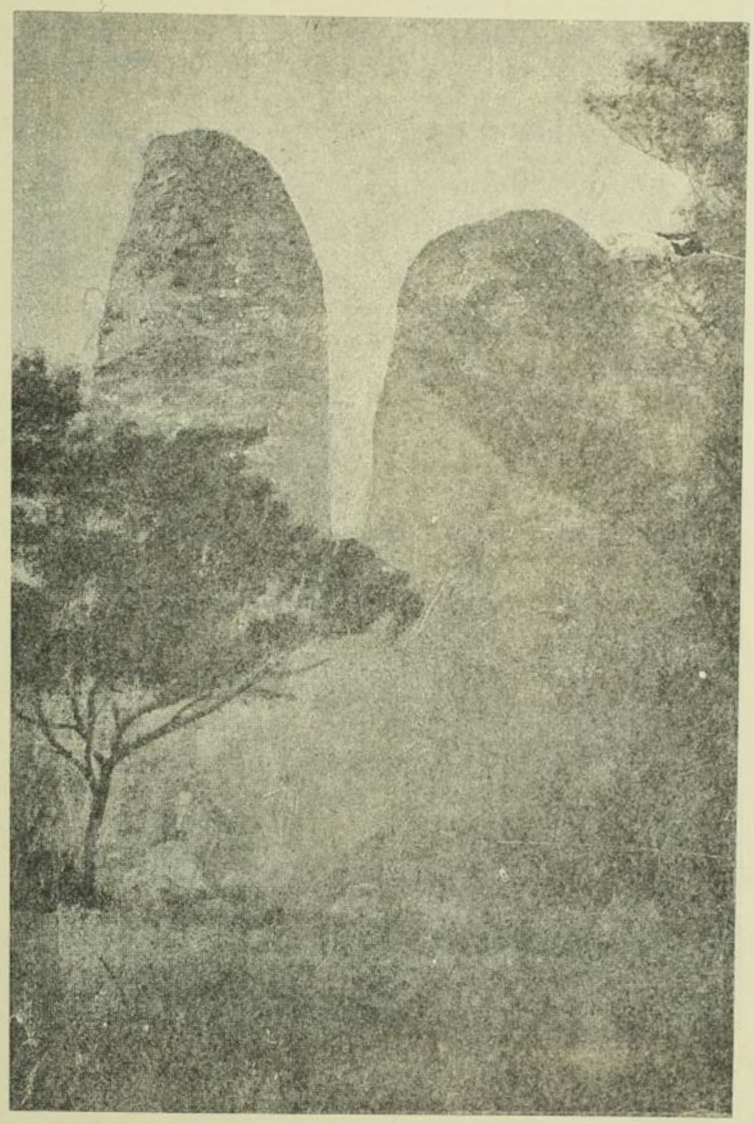


Fig. 1.368 — Torres das Sete-Cidades. Piracuruca

igual porta, unicas entradas e sahidas que tem. Dos lados, as paredes são pedras mui grandes, mas desiguaes, e no interior grupos de pedras menores e arvores frondosas, tendo a um lado uma pedra em forma de columna, bem aprumada, terminando em ponta quadrada, como panno de uma bandeira, tendo talvez 60 metros de altura".

"No cimo de uma pedra muito alta e extensa, declinada a que se sobe como por escada, tem uma sala, com 28 metros de extensão sobre 12 de altura, com entrada por um lado que é toda aberta, sendo a cupula que serve de tecto da sala muito alta. A pedra assemelha-se a uma grande rua, tendo até uma imitação de cimalha em certa altura, donde ainda se sobe para chegar á sala".

"De norte a leste, a cidade é rodeada de uma especie de muralha mal construida e de pequena altura, como se fossem trincheiras, em cima da qual estão collocadas pedras com-

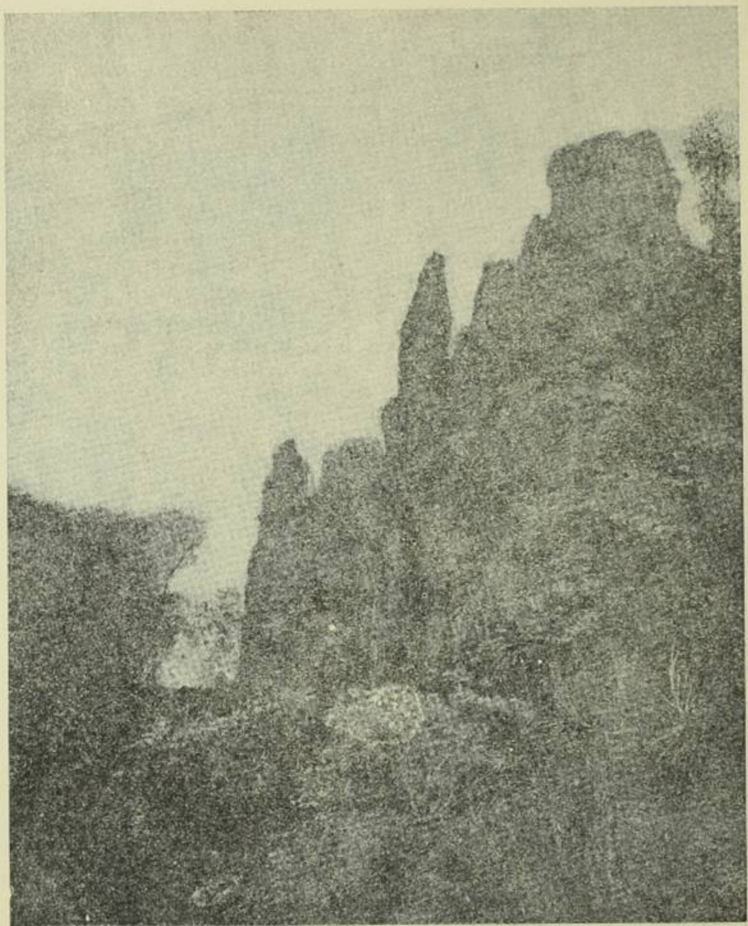


Fig. 1.369 — Sete-Cidades de Piracuruca

pridas, de differentes tamanhos, ôcas, entupidas de areia grossa, muito semelhantes a peças de artilharia, pois até ferro imitam. Muitas estão quebradas, e inteiras existem poucas. Ha fragmentos de grandes vasos que já não se encontram inteiros, sendo tanto dos vasos como das peças a pedra pouco rija. Em um alto rochedo existe uma peça sobre carreta apontando para o nascente. Digo peça porque imita a verdadeira, pois tudo é pedra".

"O logar ou cidade de pedras tem sete praças a que se attribue o nome de Sete-Cidades que tem. De uma das praças nasce uma corrente d'agua, que a alguma distancia desapparece e rebenta em um poço, já fóra da cidade, d'onde prosegue a corrente. O poço é empedrado, de todos os lados, semelhante a um tanque ou obra d'arte. Tem sido visitada por diversos e em um jornal d'este Estado já foi descripta, tendo o Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, pedido informações que foram dadas pela Camara Municipal desta cidade".

"Para percorrel-a toda, é preciso nunca menos de tres dias. O logar é todo plano offerecendo ao visitante a mais bella perspectiva.

"Não acredito, como alguns, que aquelle logar seja uma cidade petrificada; o que vi porém e admirei, conforme a descripção que faço, muito me impressionou, pelas apparencias e imitações e obras d'arte, quando tudo é pedra primitiva e obra da natureza".

"A' face de uma grande pedra, os visitantes deixam seus nomes e datas da visita; lá está o meu".

"As photographias devemol-as ao obsequio do Sr. L. Bynen, que é residente em Piracuruca e nosso distincto collaborador".

Fala-nos por sua vez Julian Sanz Martinez, de cujos trabalhos nos occupámos detidamente, descrevendo semelhante ordem de curiosos monumentos, tambem existentes nas regiões de Léon, na Hespanha:

> "...Por su disposición, en "El Castro", las cuevas del saliente de "Cuevas menudas", tienen una notable semejanza con las del Parque Nacional de Bandelier, en Nuevo Méjico (Estados Unidos), recientemente elevadas a la categoria de monumiento nacional, y que dependen en la actualidad del Departamento de Agricultura".
>
> "Por su situación elevada, y en una ladera casi inaccesible, se parecen estas cuevas leonesas a las *cliff dwellers* y a las cave *dwellings* americanas, que estudia con gran extensión el ilustre historiador alemán Rodolfo Cronau en su magnifica obra *America, Historia de su descubrimiento desde los tiempos primitivos hasta los más modernos*".
>
> "De las primeras, casas de penasco, dice lo seguinte: "Son grandes ciudades en forma de grandes cuarteles de piedra, cuyas vivendas se hallan unidas las unas a las otras como celdas de una colmena, a bien casas sueltas que, como nido de águila están emplazadas a colosal altura, aprovechando las mesetas, grietas e cuevas naturales que presentan las inaccesibles moles que bordean el cance del rio"...

Pelo que a proposito já ficou dito, ao tratarmos da obra referida, podemos concluir, que essas singularidades, denominadas — Sete-Cidades — não foram senão, primitivas moradas dos prehistoricos habitantes deste Continente, contemporaneos dos do Uelho Mundo, nessa alta antiguidade, revelação deduzida do estudo e decifração d'esses monumentos epigraphicos espalhados por toda parte.

Em continuidade ao assumpto do qual nos vinhamos occupando, damos o documento firmado na então Provincia do Pará, por Domingos Soares Ferreira Penna, em 4 de outubro de 1885, referente á inscripção de Itamaracá no Rio Xingú, cujo desenho e a nossa interpretação, daremos adiante. Deste documento destacamos os seguintes periodos, nos

quaes ficam demonstrados os herculeos esforços d'aquelle notavel scientista, quanto á obtenção, não só do desenho como do *fac simile*, do importante exemplar epigraphico:

"..........Era já tarde com effeito, e ao aviso do guia não havia que replicar".

"Tomei *de memoria* os traços principaes da inscripção ainda não desenhada, afim de completar em casa o esboço, e, na firme intenção de voltar ao mesmo ponto no anno seguinte, parti na rectaguarda da caravana".

"Circumstancias poderosas conspiraram-se de modo a me privarem de voltar ao Xingú no anno seguinte e nos dois subsequentes, e aggravando-se a molestia que me acommetteu n'aquella viagem, mais propria para homens robustos do que para homens já enfraquecidos pelo peso dos annos, como eu, tentei contractar com um artista habil que era tambem photographo, aquelle trabalho que eu não podia jamais executar; mas nada consegui por ter-me o artista declarado, que não o faria por menos de 800$, quantia que eu não podia dispender sem grande sacrificio".

"Repugnando-me comtudo abandonar o meu intento, chamei um famulo, que sempre me acompanhou nas minhas viagens ao interior da provincia, e dando-lhe instrucções praticas sobre o modo de obter um *molde* da inscripção, dei-lhe os materiaes necessarios e despachei-o para o Xingú em 18 de Dezembro, confiando muito somente na sua intelligencia natural, visto faltar-lhe toda sorte de instrucções, exceptuada a primeira, e essa mesma rudimentaria".

"Regressou, trazendo-me não o molde (de que apenas obtive dois fragmentos ou estampas em folhas de papel), mas uma copia da pintura, declarando-me que, por estar o sitio já invadido pelas aguas das cachoeiras, e não ser o papel de bôa qualidade, não lhe foi possivel apanhar sinão a pintura e aquellas tres folhas de molde mal estampadas".

"Estas folhas entretanto tiveram o merito de mostrar-me, que a pintura não acompanha sempre as gravuras, afastando-se d'estas ás vezes 3 a 4 centimetros; com o que torna-se sem valor a pintura, ou, por outra, torna impossivel a decifração da inscripção".

"Mas... em falta de cousa melhor, mandei essa *pintura* imperfeita ao Dr. Ladisláo Neto, director geral do muzeu nacional, acompanhada das explicações principaes que acabo de mencionar em summa, pedindo-lhe que com urgencia mandasse ao Xingú um artista habil para obter o molde ou *fac-simile* da inscripção. Attendeu elle a este pedido, incumbindo o trabalho a um homem realmente capaz de executal-o por ser habilissimo desenhista; mas este artista (Gustavo Rumbellspoger), que o Dr. Ladisláo Neto, havia incumbido de colher a maior quantidade possivel de *cacos*, e toda sorte de artefactos ceramicos, cujo estudo constitue na linguagem vulgar a *sciencia de potes quebrados*, gastou toda a estação favoravel (de Setembro a Dezembro) na ilha do Pacoval do Arary, e quando d'alli regressou, era já muito tarde ou fóra de tempo para poder chegar á pedra de Itamaracá, e retirou-se para a Côrte".

"V. Exª. terá visto no 6º volume dos *Archivos do Muzeu Nacional*, entre as principaes estampas, a da inscripção do Itamaracá, e no texto d'esse livro o que a respeito d'ella escreveu o laborioso e sabio director geral d'aquelle nosso primeiro estabelecimento scientifico".

"Expondo por esta forma o facto da existencia na citada inscripção e os esforços, que em vão tenho empregado para obter um molde d'esse notavel monumento archeologico, talvez muito anterior á fundação do imperio dos incas, tenho por fim submetter ao esclarecido juizo de V. Exª. tudo quanto fica referido, para que, como homem scientifico, torne sob sua valiosa protecção este assumpto, que tão de perto interessa as investigações dos

americanistas. V. Exª. faria á archeologia e anthropologia no Brasil um serviço de incalculavel valor, si mandasse com urgencia ás cachoeiras do Xingú um artista capaz de desempenhar tão importante trabalho, ficando o molde depositado no muzeu paraense a que deve pertencer, si V. Exª. assim o entender, e onde poderá facilmente ser examinado estudado e mesmo recopiado por alguns homens estudiosos e americanistas nacionaes e estrangeiros".

"Persuado-me de que a despeza a fazer-se com esse serviço não será grande, e talvez nem seja necessario, para satisfazel-a, sahir fóra da verba votada para o muzeu e bibliotheca publica".

"A sabedoria de V. Exª. como estadista e administrador pratico, e a sua bem pronunciada dedicação aos estudos scientificos farão o que melhor fôr sobre o objecto a que alludi"...

*

Os seguintes documentos são dignos de reproducção, pelo valor explicativo á interessante inscripção de que adeante trataremos, dando a sua interpretação.

INSCRIPÇÃO INDIGENA EM VORÁ NA FAXINA

"No Jornal do Commercio da Côrte lê-se o seguinte: Do Sr. Dr. Domingos Jaguaribe Filho acaba de receber o Sr. Dr. Orville Derby a seguinte communicação:

"Espirito Santo da Bôa-Vista (São Paulo), 12 de Dezembro de 1886. Tendo occasião de ir a Faxina, procurei informar-me acerca do sitio, onde diziam existir inscripções em enorme rocha, bem como thesouros enterrados com os restos mortaes de um padre, a quem se attribue haver levado riquezas para a residencia dos indios. Fui ao Dóra, localidade indicada há tres leguas de distancia de Faxina, e alli notei curiosidade despresada, e quasi desconhecida, apezar da sua antiguidade. Referir-lhe-hei em poucas palavras o que observei, certo de que o meu amigo terá opportunidade de verificar por si mesmo a importancia do caso".

"Em toda a zona de São Paulo, que vai de Faxina ao Itararé, a sala é granitica e de elevação admiravel, havendo cortes profundissimos nos logares por onde correm os rios Apiahi, Perituva e Itararé. Em um dos barrancos, denominado Tombés, vê-se o antigo cemiterio dos indios".

"Da rocha, que tem de altura mais de 40 metros, desprendeu-se enorme massiço, que deu á pedra inclinação maior de 10 metros. Esta inclinação e a parede formada pelo massiço desprendido formaram o abrigo, que foi procurado pelos indios para o repouso dos seus mortos".

"Nas paredes d'este abrigo notam-se figuras, que impressionam, gravadas na pedra e pintadas com indeleveis tintas vermelha e preta : o que indica o estado de civilização talvez recebida dos jezuitas. Parece que os indios insculpiram n'aquellas figuras a historia da tribu".

"Notei entre os desenhos:

Uma figura humana com enfeites de pennas na cabeça e no pescoço; uma palmeira toscamente gravada e pintada; porção de buracos de forma circular, sendo dispostos 24 mais ou menos em linha recta; um circulo com diametro de 15 pollegadas, tendo riscos

dentados na extremidade, dois outros concentricos, em forma de relogio, tendo 60 divisões; logo depois a figura de um indio e diversos riscos todos pintados com tinta preta muito firme; uma figura do sol com uma +; um Γ; seis outros circulos; mão e pé humanos bem gravados, etc.".

"Na muralha acham-se fragmentos de ossos, dos quaes lhe envio pequena amostra por não dispor de instrumento, com que arrancasse outro maior".

"Referiram-me, que um individuo, na esperança de desentranhar d'alli riquezas, fizera grandes escavações, nas quaes achou ossadas humanas; e, tendo levado um craneo, reparou mais tarde a profanação, que o enchia de afflição, restituindo-o á terra. Vê-se com effeito no sitio um monticulo de terra recentemente revolvida, debaixo da qual devem existir, segundo o meu guia, esqueletos, urnas, etc".

"Eu e o Dr. Juiz Municipal de Itapetininga, apreciámos durante algumas horas esta localidade, para a qual, por bem da sciencia, invoco a sua esclarecida attenção".

A este proposito, dirigio o Conselheiro Alencar Araripe, ao seu parente e amigo, autor da noticia supra, uma carta, cuja resposta, segue:

"Primo e Amigo Conselheiro T. Alencar Araripe. Espirito Santo da Bôa-Vista 18 de Janeiro de 1887. Recebi a carta ultima, em que me pede um desenho das inscripções, que vi, e das quaes dei noticia ao Dr. Orville Derby, que mandou para o *Jornal do Commercio*; e como em Faxina eu tivesse feito a copia inclusa, envio-a tal qual e tosca como são os originaes".

"Devo dizer, que o numero dos circulos é maior do que os dezenhei; pois os que ahi se vêm estão fielmente copiados; porem ha outros dispersos junto á baze da muralha, que é representada pela folha de papel, podendo-se considerar que a superficie inclinada tem mais 50 metros e como o pedaço que se desprendeu da montanha é muito grande, ficou servindo de parede, de modo que o logar é abrigado das chuvas".

"Como V. tem já outras inscripções, poderá comparar, porque só da comparação nascerá alguma luz sobre a interpretação".

"Ha ossadas enterradas, e parece, que as inscripções denunciam a morada e as guerras feitas".

"O pé que desenhei está mal feito; porque o que está esculpido na pedra é muito bem acabado e revestido de uma tinta preta indelevel. Não sei como elles cavaram na dura pedra, pois todos os dezenhos estão feitos e esculpidos com arte, porém uns têm a côr vermelha e outros a côr preta"...

"De V. primo e Amigo dedicado Domingos Jaguaribe Filho".

*

LETREIROS LAPIDARES

"Notas extrahidas da obra *Lamentação Brazileira*, do Padre Francisco Menezes, indicando logares onde existem inscripções ou letreiros em pedras".

"Estas notas são extrahidas *ipsis verbis*; apenas as localidades mencionadas no texto são postas em ordem alphabetica, com a especificação das situações geographicas".

"A obra existe em original no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro".

PROVINCIA DO CEARÁ

AGRESTE — serrote nas aguas de Banabuiu. Refere Francisco Lobo, morador no Taboleiro d'areia, logar de Jaguaribe, que perto da fazenda de São João ha um serrote que chamam Agreste e ao pé d'elle ha muitos letreiros pelas pedras, e que um d'elles diz: Procura na cabeça feita de tinta encarnada, e esculpida á forma de uma porta partida, com fechadura e dobradiças. (Pensamos com fundamento que este ultimo periodo, não é uma inscripção, e sim uma indicação intuitivamente recente).

AGUA-BRANCA — no Municipio da Viçoza. Ouvi a Luiz Freire d'Andrade que em varias partes d'estes arrabaldes ha muitos letreiros nas pedras feitos de tinta encarnada.

ALEGRE — fazenda no riacho das Favelas em Inhamum. Ouvi proferir o Capitão Leonardo d'Araujo Xavier, dono desta fazenda do Alegre, que n'esta altura, para a parte do noroeste, d'entro dos bosques, ha uns letreiros nas pedras.

ALMAS — fazenda na ribeira do Cariu. Defronte d'esta fazenda, perto do logar denominado Pobre, diz-me um habitante, que ha uma pedra redonda, talhada ao redor, plana por cima, e que, pela circumferencia, está cheia de letreiros, uns esculpidos de tinta encarnada, e outros a cinzel; pelo plano de cima está gravada uma cruz na pedra.

ALMAS — fazenda em Quixeramobim. No olho d'agua da Borracha, que é das Almas para cima, como quem vae para o Salgado, ao pé da serra, dizem haver uma pedra grande, que por uma ilharga está cheia de letreiros.

AMONTADA — povoação no municipio da Imperatriz. Refere Luiz Francisco, que d'esta povoação á leste, em distancia de meia legua, ha um lageiro talhado, em cuja face, da parte do poente, está um letreiro.

ANGICOS — no Riacho do Sangue. Este sitio é da matriz para cima. Expõe Manoel de tal, morador n'esse logar, que ahi vio letreiros em um lageiro de pedra como feitos a cinzel ou picão.

AMARÉ — sitio na ribeira de Quixelô. Além de outros ouvi a Felippe Rodrigues de Santiago, dono d'este sitio, que uma legua para o nascente, buscando o Amarê, ha uma penha alta, cuja face está cheia de esculpturas de tinta encarnada; e posto que algumas estão mal accesas, por ahi haverem feito coivaras para cinza ao pé, outras porém estão bem distinctas.

ARATANHA — serra no municipio de Pacatuba. Na situação de Albano da Costa, possuidor da serra, participa-nos Miguel Policarpo, que em a mesma serra sabe de um letreiro na frente de uma casa de pedra natural.

AVARJADO — fazenda na serra geral (Ibiapaba).Saindo d'esta fazenda para a Varge grande, na distancia de uma legua, ao lado direito, fóra da estrada, na distancia de mais de um quarto de legua, pelo taboleiro a dentro, contam aos vaqueiros d'essas fazendas haver muitos letreiros nas pedras, e que em duas emparelhadas tem fórmas de navios ou barcos, e em uma, que está sobre outra, se divulga uma figura humana, tudo esculpido de tinta encarnada, e algumas estão tão vivas como se fossem esculpidas, ha poucos dias, além de outros caracteres que elles não sabem expressar.

BARRA-DOS-MACACOS — no municipio de Santa Quiteria. Ouvi Antonio Soares dizer, que n'este logar, onde chamam Lagoa pintada, ha muitos letreiros nas pedras, onde se acha a figura de um homem esculpida com arco e flexa.

BARRA DO CAMOCIM — Da parte do poente ha um serrote, e nelle se acham muitos letreiros nas pedras.

BOM JESUS — sitio e açude no aracatiassú. E' este logar entre Caminhadeira e Bôa-Vista, que é no caminho de Aguas-mortas, onde dizem haver muitos letreiros nas pedras; e perto d'elles está uma pedra quadrada ou faceada, sobre trempes de pedras, e tambem outra pedra que tange, sendo tocada, rodeada de barroquinhas abertas a picão pela parte superior.

BONOME — serra no Aracatiassú. No talhado desta serra dizem os habitantes, que tem varios letreiros.

BOQUEIRÃO DE CIMA — em Banabuiú. Esta fazenda é detraz de uma serra, acima d'ella, ao subir do rio Banabuiú, á mão esquerda, o qual passa entre serras. Ouvi ao vaqueiro d'ella, por nome José Estevão, pardo, que ao subir de um riacho, que acompanha esta serra na distancia de uma legua, em umas pedras á beira d'elle, vira letreiros feitos a picão ou cinzel; e n'esta mesma altura vira outras novidades.

BOQUEIRÃO — nos Bastiões. Este sitio é acima do Poço do Cavallo nos Bastiões. Refere Pedro Ferreira assistente no sitio do Breguinho, que defronte d'esta fazenda, em cima de um serrote, que lhe fica á vista, um preto de um morador lhe dissera, que vio um letreiro em uma pedra.

BOQUEIRÃO — no riacho do Figueiredo. Este logar é na beira do rio, dizem os habitantes, ha letreiros nas pedras, e que em um d'elles está esculpida a figura de mulher.

BOQUEIRÃO — no riacho do Cariú. Ouvi um rapaz por nome Antonio Jacob da Silva afilhado de João Pereira do Lago, morador no logar Irapuá, pouco acima d'esta povoação, que além d'elle, em um trabalho da serra, vira um letreiro, onde no alto do tralhado tambem vira a forma de uma janella meio cerrada com seus portaes talhados na mesma pedra.

BURACO — serra em Banabuiú, ramo da serra da Canabraba. Ouvi um habitante, que neste logar vio um letreiro em uma pedra, feito a cinzel ou picão, onde divulgou a forma de uma figura humana e rastos de ema gravados na pedra.

BURACO — sitio em aguas do riacho Sitiá. Ouvi dizer Francisco Pereira, que d'este sitio para baixo, o qual fica em aguas do Sitiá, tambem vio letras nas pedras.

CABEÇA-VERDE — serrote na altura do Tamboril. Dizem, que ha letreiros em um lagedo perto do serrote, onde está esculpida uma cruz.

CABREIRA — riacho no Cariri. Este riacho é para a parte do Corrente-grande, nas cabeceiras d'elle. Delle ouvi dizer alguns habitantes, que ha uma furna de pedra, á maneira de uma casa, em cujo tecto, da parte de dentro, está um grande letreiro.

CAIQUELLE — sitio na ribeira de Jaibáras. Sahindo do Jacurutú para Caiquelle, ao passar um lageiro, no fim d'elle ao lado direito, está um serrote de pedra a quem der as costas á entrada, deixando este á direita perto d'elle, ao lado esquerdo, está uma pedra assignalada com letras encarnadas.

CALDEIRÃO — sitio entre Mombaça e Queixelô. D'este logar para cima dizem haver letreiros nas pedras abertos a ferro.

CAMARÁ — serra — Na estrada, que vem da villa do Icó para esta serra, já no plano d'ella, perto da estrada, dizem haver um pico, que da villa se encherga, a que alguns chamam *Frade*, e em cima do qual dizem alguns se divulga a forma de uma imagem de Santo Antonio.

Ouvi uma india, que no logar S. Bento vira imagens esculpidas em uma pedra, que ella admirou.

Colhi de outro habitante, que nesta pedra ou em outra junto a ella, está um letreiro, que muitos têm visto e não o entendem.

CANABRABA — fazenda na ribeira do Cariú. Expõe um habitante, que, sahindo desta fazenda para os brejos, na distancia, pouco mais ou menos, de duas leguas, está um grande lagedo de pedras ou lageiro, no qual vira muitas letras ou pinturas gravadas a picão ou cinzel, junto a um profundo caldeirão de pedra, que no inverno se enche d'agua, E dizem ser na altura de São Romão.

E d'esta fazenda para baixo, buscando o Supé, á beira da estrada, dizem estar um leão esculpido em uma pedra, perto da qual, ao pé de outra pedra, se achou um fôsso, donde se julga se sacou thesouro.

CANSANÇÃO — fazenda na ribeira de Quixeramobim. Perto desta fazenda dizem, ha uma pedra alta, em cuja face tem um letreiro, e no alto d'ella está cravado um prego de ferro,

CARNAUBAL — riacho no Ipú. Diz Antonio Soares, morador no riacho Victoria, que neste riacho, no logar chamado Carnaubal, ha letreiros nas pedras, de tinta encarnada,

CARNAUBAS — fazenda nas visinhanças da serra da Meruoca. E' na altura da Barra dos Macacos; e perto d'este logar dizem haver letreiros nas pedras, de tinta encarnada e feitos a ferro, onde se divulgam caracteres de sino-samão.

CARRAPATEIRA — fazenda em Arneirós. Noticia Francisco Martins, morador no Espirito-Santo de Cratiús, pardo, que vio nas pedras esculpturas de tinta encarnada, á beira de um riachinho; e que de outra parte do dito riachinho, em outras pedras, vio outras semelhantes, e divulgou n'ellas esculpida a forma de uma cruz.

Mais adiante d'estas ha outras, que eu copiei.

D'esta fazenda para a parte do Morcego, diz Joaquim Moreira, que ha tres pedras assignaladas, duas em um e outro lado do talhado do mesmo serrote, e uma da parte do norte; porém que já mal se divulgam as riscas, e só com muito trabalho se copiaram, isto é, já não estão de todo extinctos; porque estes letreiros, posto que alguns ainda estão bem distinctos, comtudo depois que começam a desmaiar, em pouco tempo se extinguem, como ha surtido em muitas partes.

CAZA-FORTE — no riacho do Sitiá. Participa-me o capitão Antonio Pereira de Queirós dono d'esta fazenda Caza-forte, que perto d'ella, em um serrote chamado dos Tapuios, ha letreiros nas pedras.

CAZA-DA-CIDADE — no Aracatiassú. Diz Matheus Franco, que, antes de chegar á serra Caminhadeira, há uma toca de pedra com letreiros encarnados, a que chamam Caza-da-cidade pelas muitas novidades que alli acharam. E que em uma pedra comprida, para cima, bastante alta, entre os letreiros está esculpida a forma de um navio.

CIDADE — sitio em Cratiús. Este sitio é ao pé da serra geral nas aguas do Caratiús, que nasce da parte do sul, e pertence ao sargento-mór João de Araujo, morador no Inhamum, no qual diz João de Povas, morador no Inhamum, no sitio das Flores, que um seu irmão descobrira uma casa de pedra natural, que parece foi aperfeiçoada, dentro da qual, vira muitas figuras de tinta encarnada e de varias cores, como passaros papagaios esculpidos nas pedras.

E que n'este sitio se achou muita ferramenta, e uma bola de ferro de peça e muita louça de barro quebrada e inteira, e por estes vestigios lhe chamam cidade.

CINTA-DO-LOBO — na ribeira de Jaibaras. E' perto do sitio da Lapa, onde, refere Joaquim de Sá, ha um letreiro no talhado da serra e ao pé d'elle esculpida uma cobra pintada, que parece estar viva.

Cocodé — em Mombaça. Dizem, que no Riacho das letras, n'altura do Cocodé, ha letreiro nas pedras.

Cocutati — nas cabeceiras do Assaré. Diz José Soares do Nascimento, morador no sitio Cacimba, que, perto de um olho d'agua, ha um letreiro em uma pedra.

Convento — em Cratiús. Na altura deste sitio ha uma pedra a que os habitantes chamam pedra d'ará, a qual tem por uma parte um cotovello, e n'elle um — O — grande, feito a cinzel; e pelos ambitos ha muitas pedras, que dizem ter varios letreiros.

Correntinho — riacho no Brejo-grande. Ouvi alguns, que nas nascentes deste riacho havia um letreiro em uma pedra, que estava sobre outra.

Coronzó — serra em Inhamun. Ouvi do capitão Leonardo de Araujo Chaves, que em uma entrada por esta serra topára uma lapa de pedra redonda á maneira de uma mó de ferreiro, do tamanho de uma rodeira de carro, deitada sobre outras pedras, e pelo trilho ou por cima d'ella alguns letreiros.

Curuxatú — fazenda da ribeira de Banabuiú. Abaixo d'esta fazenda na distancia de uma ou meia legua, ouvi a dona da fazenda dizer, que ha letreiros em um lagedo de pedras, dentro do rio, feitos a ferro.

Cruz — fazenda no Cocori. Perto d'esta fazenda da Cruz, dizem haver letreiros nas pedras.

Espirito-Santo — Fazenda na serra da Ibiapaba. Refere Francisco Martins, pardo, morador n'este logar, que em varias partes d'esta fazenda ha letreiros nas pedras. E diz mais o sobredito, que nos pastos desta fazenda, no meio de uma varge de massapé, vira um lastro grande de pedras, como couza feita de proposito, e já por cima coberta de arvores grandes que lhe pareciam terem nascido depois da factura d'elle, e que em uma cabeceira do lastro estava uma pedra do comprimento de tres palmos, mais grossa para uma ponta, e roliça a modo de pisadeira, com a cabeça fincada na terra.

E no rumo de uma carreira de pedras grandes, redondas, que estão todas em linha, divididas umas das outras, está um serrote de pedras, onde vira alguns letreiros pequenos, de tinta encarnada, e fica entre esta fazenda e a de Santa-Luzia.

Espirito-santo — na Serra-dos-côcos. Dizem ser este logar no plano da Serra-dos-côcos, onde, no talhado da serra, ha um letreiro de tinta encarnada.

Fazenda-da-serra — no municipio do Icó. Sahindo do Icó para Queixelô, na altura da Fazenda-da-Serra, onde morou o defunto Thomé de Góes, contam os antigos, que havia uma pedra redonda do feitio de uma mó, a qual tinha algumas letras; e como estava na terra, os moradores a arrancaram e tombaram, imaginando que debaixo tinha algum thesouro.

Figueredo — riacho affluente do rio Jaguaribe. Neste riacho, da Tapéra para baixo, ouvi a alguns habitantes, que tem alguns letreiros nas pedras. E d'ahi para adiante buscando o Apodi, dizem, que tambem ha um letreiro em uma pedra.

Fofô — fazenda na ribeira de Mombaça. Refere um habitante, que n'esta altura ha um letreiro em uma pedra, á beira de uma lagoeta, e que alli estão umas pedras pretas relusentes como vidro.

Grossos — em Jaguaribemirim. Expõe José Gomes, morador perto da capella de Santo Antonio, no lugar Xiquexique, que n'altura dos Grossos, em dois logares, vira letreiros nas pedras, como feitos a cinzel ou picão.

Iguará — poço proximo á Barra-dos-macacos. Perto deste poço, diz Antonio Soares, que vio letreiros nas pedras gravados a cinzel ou picão.

Ipú — villa actualmente. Este logar dizem ser perto da ladeira da Mina, e perto d'ella se achou um marco de pedra fincado, em cuja face este signal ✡, a que chamam signo samão, de cuja parte se acharam fossos, como quem procura thesouros.

Na mesma altura, ao pé de um serrote chamado Pelado, por ser escarpado, dizem haver outros marcos com o mesmo signal ✡, que já os tombaram e cavaram á roda, imaginando estar debaixo o thesouro.

Ipueira — fazenda ao pé da Serra-dos-côcos. N'essa altura ha um letreiro no talhado da serra já visto por algumas pessoas.

Ipú-grande — no municipio do Ipú. Entre Ipú Grande e Ipuzinho, ao pé do talhado do cabeço da serra, que vai voltando para a ladeira da Mina, estavam esculpidos alguns caracteres de tinta encarnada. Olhando para cima, ao lado direito, á beira do talhado, se avista um picozinho de umas pedras em cima de outras esculpidas nos letreiros.

Itacoatiára — sitio na serra da Meruoca. E' este sitio ao pé d'esta serra, onde, diz José Gomes, morador no Campo-grande, que no talhado da serra está um portão enjaibrado, que se não pode abrir, em cuja face tem letreiro, e que o padre David, morador em dita serra, o foi vêr e não entendeu.

Jabурú e Mulungú — fazendas na ribeira de Cratiús. Perto d'estas fazendas, refere José Barboza, que ha uma serrota de quasi duas leguas, onde tem muitos letreiros, e formas de navios impressos nas pedras.

Jequi — poço no rio Queixeramobim. Este poço é da villa para baixo, e na ponta d'elle, da parte de cima, dizem os moradores haver letreiros nas pedras.

Juá — na serra Caminhadeira no Aracatiassú. Refere Matheus Francisco, pardo, dono d'esta fazenda, que ao pé d'ella tem letreiros nas pedras, e perto de um d'elles está uma pedra quadrada assentada na terra, que dá vozes de sino.

Jurucutú — fazenda nas proximidades da Meruóca. Refere Raymundo Gomes, alli morador, que ha letreiros nas pedras, e em uma d'ellas está cravado um prego.

E desta fazenda para baixo, dentro do rio, dizem haver letreiros nas pedras, e perto d'elles um caldeirão natural, no lageiro, entulhado de seixos encaliçados.

Junqueiro — no riacho do Figueiredo. Entre a barra d'este riacho e o boqueirão, que tem mais abaixo, a subir o rio Jaguaribe á mão esquerda, bem como no centro, bosques, conta Manoel da Costa Barros, que vira duas lages de pedra grandes, fincadas na terra, de testa, com corredor no meio, que poderá ser postura da natureza, e admireu de as ver cheias de letras, que elle não percebeo.

Jurema — fazenda no municipio de Russas. Este sitio é de Russas para cima: dizem, que perto d'elle, e ao pé de um serrote, onde tem um olho d'agua está um letreiro nas pederneiras com letras latinas, si bem algumas já extinctas. Ouvi a um filho de Feliciano de Souza Espinola, que n'altura desta fazenda, em um bosque, vira uma pedra quadrada, grande rente com a terra, enterrada, em cuja face de cima está gravado um cruzeiro, como feito a ferro, deste modo: (1)

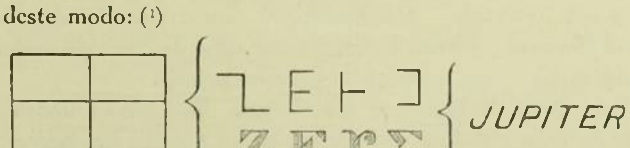


Fig. 1.370

e poderia ter outros caracteres, em que não fez sentido.

(1) A essa gravura damos a interpretação ao lado.

Nesta fazenda, ao pé de um serrote, em uma ponta do qual, no seu plano, dizem ter uma furna de pedra, e dentro d'ella nas paredes, e de uma e outra parte, tem letreiros.

Lagôa ferrada, na ribeira de Banabuiú. Esta lagôa fica no caminho que sae dos Passinhos para Banabuiú. Expõe Simplicio Pereira, que algumas pedras d'esta lagôa estão cheias de letreiros.

Lagôa grande, — acima de São João em Jaguaribe. Expõe José de Jesus, que á beira d'esta lagôa, em uma pedra rasa quasi rente com a terra está a fôrma de um cavalleiro com lança na mão, esculpido a picão ou cinzel; e ao redor d'ella ha outros signaes ou letras em outras pedras. Refere Domiciano do Lago, morador n'este sitio, que, alem d'estes letreiros, sabe de mais dois logares na mesma altura, que tem letreiros nas pedras, e onde vio alguns quadros fig. esculpidos.

Lagôa do lima — no Municipio de Russas. N'este sitio, que é fora do rio Jaguaribe ao subir á mão esquerda, certifica um habitante, ter letreiros nas pedras, de tinta encarnada.

Lagôa-pintada — junto á Serra dos côcos. Dizem ser saindo do logar Cortume para o Urubú, onde diz Bernarda, filha de Miguel Corrente, ter uma cruz esculpida em uma pedra, alem de outros caracteres. E para a parte que dá a ponta da mesma pedra está uma lapa, que tange, assentada sobre trempe.

Lagôa do souza — na ribeira de Jaguaribe. Este logar é em caminho do Aracati para Russas perto d'elle, em um taboleiro d'areia, se avistam da estrada umas pedras brancas, que a maior parte d'ellas estavam lavradas de pintura de tinta encarnada, onde estão umas carreiras de mãos, umas grandes, e outras de minimo, na altura que só um homem alcança, como quem ensopava a mão na tinta encarnada é assentava na pedra.

Em 1787, vi eu, que ainda estavam bem distinctas, além de outros caracteres, que me não lembro. Agora porem dizem, que mal se divulgam; e por isso julgo, que a força do grande calor, por cauza das muitas seccas, ainda extingue mais do que a chuva.

Livramento — riacho affluente do Banabuiú. Ouvi aos habitantes, que entre este riacho e o Jaguaribe, saindo da fazenda que foi do Carmo para o Boqueirão de baixo, o qual é no Jaguaribe, ao pé de uma lagôa, ha letreiros nas pedras.

Logradouro — ribeira de Banabuiú. Diz Manoel Antonio, filho do dono d'esta fazenda Logradouro, que d'ahi, na distancia de uma legua, perto de uma lagoeta, em uma pedra que está só, vira um letreiro.

Maracajá — sitio em Inhamum. Este sitio é da outra parte do Trussú ao descer á mão esquerda. Diz Silvestre da Fonseca Rego, pardo, morador no Maracajá, que entre este sitio e o de Manoel Gonçalves, por um riachinho abaixo, em uma cachoeira de pedras vira letreiros.

Maranguape — serra. Participa-nos Alexandre da Silva Rego, que desta povoação se avista na fralda da serra, uma pedra, onde tem um letreiro, ao redor do qual andaram escrevendo.

Milagres e missão velha — Um mestiço de nome Antonio de Montes diz, que nessa altura entre Milagres e Missão Velha, em um galho da Serra do mato, vira uma casa ou furna de pedra natural com letreiros de tinta encarnada.

Morros — na ribeira de Jaguaribe nas Russas. Este sitio é acima da Jurema em uns morros altos de terra e pedras, onde dizem haver letreiros nas pedras, que admiram.

Morro dos algodões — na comarca de Sobral. Refere o Padre Manuel da Costa, que nas pedras deste morro vio letreiros, onde está esculpida a forma de uma agulha de marcar, frechando ao Morro-das-rolas.

MORRO DAS ROLAS — serrote na comarca de Sobral. Declarou-me Manoel da Costa, que admira vêr, junto do talhado d'este serrote, o corredor de uma grande penha entaipada entre ella e o talhado por uma e outra parte com paredes de pedra e cal, fechado por cima, com assento razo, sem signal de porta, e que acima do assento está esculpida no mesmo talhado a forma de uma balança com braço pendido para baixo.

MULUNGÚ — fazenda no municipio de Tamboril. Refere Manoel de Araujo Chaves, que este sitio é vizinho a Cratiús, proximo da Fazenda Tamboril, e que n'altura d'elle, em um cordão de sorrotes, tem varios letreiros e estão esculpidas figuras humanas coroadas com instrumentos nas mãos, e figuras de brutos.

MULUNGÚ — sitio no riacho da Carrapateira em Arneirós. Expõe Ignacio Ferreira, dono deste sitio, que nos arredores tem varios letreiros nas pedras, além dos que me mostrou e que eu copiei n'altura do Jatobá e Serrote branco.

MUXIÓ — na ribeira de Banabuiú. Expressa um habitante, que d'este logar pelo rio abaixo, ao lado direito, e onde chamam Estreito, no plano da varge, perto do rio, havia um letreiro em uma pedra fincada, si já a não arrancaram.

PAGÉ — serra. Existe um olho d'agua, onde, n'uma pedra, está um letreiro.

PALHANO — riacho affluente do Jaguaribe. Ouvi a um habitante, que em certa parte d'este riacho tem letreiros nas pedras. Poder-se-hia inquerir dos habitantes o logar certo.

PEDRA-PINTADA — na comarca de Sobral. E' da villa para baixo: é assim chamada por estarem muitos caracteres esculpidos no lageiro da pedra.

PEDRAS-PRETAS — Ouvi a um habitante, que perto d'esta fazenda, no logar chamado Morcego, vê-se um letreiro em uma pedra a beira do rio, a qual tocando-se, tange como sino.

PENDENCIA — Refere um mestiço por nome Estevam de Souza, morador na fazenda do Páo-dos-ferros do Apodi, que um negro velho, morador nesta fazenda, lhe mostrou uma pedra, em cuja testa está um letreiro de tinta encarnada.

PEREIRO — serra. Expõe José de Jesus, que no plano da serra em uma gruta funda, está uma pedra grande chata, e redonda como um rodeiro de carro, e em cima d'estas tres pedras grandes com a postura de uma trempe, como que as puseram, e para um lado estava uma figura de barro cozido, ôca por dentro, com a forma de um tamanduá, quasi do tamanho de um cavallo, a qual quebraram os caçadores, talvez imaginando ter dentro algum cabedal; cujos pedaços ainda lá existem alguns; e que elle ainda o alcançou inteiro.

E que d'ahi não muito longe em outra pedra, está um letreiro; e entre outros caracteres divulgou esculpida a figura de um homem com lança ou espada na mão.

PERIAÓCA — serra no municipio de Cascavel. Dizem haver em cima d'esta serra uma pedra, onde está a figura de uma ema.

PICÃO — perto da serra do Pagé. Debaixo de uma grande furna do pico emana uma bella fonte d'agua; e na bocca d'ella tem um letreiro.

PINTADA — logar na comarca do Ipú. Entre a Pintada e o Cortume, dizem haver uma tóca de pedra com letreiros encarnados.

PIRANHAS — na comarca do Principe-Imperial. Diz Chrispim de tal, pardo, vaqueiro que foi no Inhamum, que em certo logar em Piranhas, vira em uma pedra, esculpidas figuras de mulher com viola ao peito.

PIRANGI — rio. Refere Feliciano Espinola, que ouvira a seu tio José Bezerra, ora assistente nas partes de Cauiri novo, que sahindo do Pirangi como quem segue para Jaguaribe, logo adiante no carrasco, que fica á direita, entre este rio e um salgado grande,

vira, fóra da estrada, uma pedra redonda, chata a maneira de uma mó, assentada na terra ou sobre outras e pelo trilho ou face d'ella algumas letras ou riscas; e junto d'ella sae uma carreira de marcos de pedra fincados, e o ultimo, ao correr dos outros, com a ponta inclinada para fóra.

Pitombeira — sitio no riacho do Jucá. Neste sitio da Pitombeira, dizem os habitantes, que existem letreiros nas pedras.

Poão — fazenda na ribeira de Banabuiú. Esta fazenda é abaixo da Tapera. Expõe José de Jesus, morador em Casa-nova, que deste sitio para baixo vira nas pedras letreiros.

Pocinhos — fazenda na ribeira de Banabuiú. Diz Simplicio Pereira, morador no Castello á margem de Banabuiú, que vira letreiros pelas pedras n'esta fazenda.

Poço-comprido — no riacho do Figueiredo. Neste sitio dizem haver alguns letreiros nas pedras.

Ponta-grossa — nas praias do Aracati.

Saindo do Aracati para Ponta Grossa á beira-mar junto á estrada, dizem haver um letreiro em uma pedra.

Quixeré — na ribeira do Pirangi. Expõe um rapaz, que ahi perto existem letreiros nas pedras, onde acharam muitos cacos de louça fina.

Riacho dos tapuios — na ribeira do Banabuiú. Este riacho á n'altura do Juazeiro do Banabuiú, dentro das catingas. Expõe Francisco Pereira, filho de Antonio Pereira Castelo Branco, dono destas terras, que no dito logar vio letreiros nas pedras.

Quecocá, aliás cococá — no Inhamum. Diz Manoel da Silva, morador d'este sitio, que certificára o defunto padre Sebastião, parocho que foi d'aquella freguezia, que este sitio e o riacho da Egoa, a um lado fóra da estrada, está um letreiro em uma pedra, mas este o não vio.

Santa-lucia — fazenda em Cratiús. Ao pé da fazenda está um serrote de pedras á beira do riacho, que representa um castello de longe, o qual está todo rodeado de letreiros de tinta encarnada; e pelos lugares, que o limo ainda não cobrio, estão ainda bem vivas; si bem algumas mais baixas, por onde as cabras se esfregam, quando se recolhem das chuvas, já pouca si divulgam, mas até a era de 1800 as vi eu, que ainda com trabalho se podiam copiar. Neste está o caracter de um serrote que está á vista.

Santa-luzia — fazenda na serra da Ibiapaba. Ao sahir d'esta fazenda para o Espirito Santo, na distancia de uma legua, para o lado direito, fóra da estrada um quarto de legoa, detraz de um serrote, tem letreiros de tinta encarnada em duas pedras, ainda bem vivas as tintas; e na mais alta está esculpida a forma da mesma pedra, cuja ponta é levantada e inclinada para o poente, encostada para outras pedras.

Santa-quiteria — outr'ora fazenda, e Villa actualmente. Na altura d'esta fazenda dizem haver letreiros nas pedras.

Santa-thereza — no riacho Trici. De Santa Theresa para cima, á beira do riacho, dizem haver letreiro em uma pedra.

São-damião — fazenda. E' da villa de Sobral para baixo, buscando a praia ou o Curuarú. Refere Francisco Miguel, mestre dos meninos de Baepina, que n'altura d'esta fazenda, em uma picada nova que se abriu, vira admiraveis letreiros de tinta encarnada em uma pedra.

São-francisco — no Sitio, junto a Villa da Quichadá. Diz o capitão Antonio Pereira de Queirós, que n'este sitio tem letreiros pelas pedras.

São-francisco — no Riacho-do-sangue. Expõe Ignacio Pereira que, perto d'esta fazenda, vira um letreiro em uma pedra como feito a ferro goiva. Mas que, imaginando ser aquillo algum folguedo, esteve riscando com um machado em outra pedra junto d'esta, porém o não pôde imitar.

Faço esta advertencia para não haver engano ao copista, porque em muitas partes com os ditos letreiros feitos de ferro, alguns ignorantes farão o mesmo, assim como muitos desmancham outros.

São-gonçalo — em Mombaça. Esta situação é abaixo do Caldeirão, em cuja altura perto de uma lagôa, em uma pedra, que está em cima de outra, dizem haver letreiros gravados a cinzel ou picão.

Serra-do-cavado — em aguas do rio Salgado. Expõe José Teixeira, cunhado de um filho de José Teixeira, morador em Santo-André, abaixo de São-Matheus, que em caminho do Cariri vira um letreiro em uma pedra.

Serra-dos criôlos — ramo da serra do Araripe. Seguindo pelo caminho que sae do Sitio-novo, como quem vai para o Cariú, no plano d'esta serra, ou perto ao descer, ouvi de alguns habitantes que perto da estrada está uma pedra ingreme e alta, na qual está um letreiro e esculpida a figura de um homem.

Serra — do defunto José Rodrigues, em altura de Varge-da-vaca. José Ferreira, pardo, morador nos Barreiros, diz que n'esta serra, a qual fica na altura da Varge-da-Vacca, está um letreiro em uma pedra, a qual, tocando-se, tange como sino.

Serra-geral — (Ibiapaba). No centro d'esta serra, da parte de Cratiús, perdura uma tradição dos indios, que perto ou á beira de uma grande lagôa, ha varios letreiros nas pedras com figuras humanas coroadas como rei.

Serra-do-matio — no Cariri. Um mestiço de nome Antonio de Montes, sendo angariado, respondeu que, na Serra-do-matto, onde elle é morador, sabe de uma furna de pedra, em cujas faces ha letreiros.

Sitio — em aguas de Bastiões, nas nascenças do Quoqueterê. Por tradição de um indio, dono do sitio, refere Pedro Ferreira, que n'este logar ha uma lóca de pedra, á maneira de uma casa, dentro da qual estavam varios letreiros feitos a ferro. Depois diz-me Joaquim Moreira, que o dito indio lhe mostrou este letreiro; que por dentro da lóca viu forma deste caracter ✡ e meios braços e meias pernas de gente e pés de ema, tudo gravado ou debuchado na pedra como feito a cinzel.

Expõe João Pereira de Alenquer, morador na Varge-da-Vacca, que colhêra do dito indio, que no mesmo sitio, no talhado da serra, ha uma casa subterranea com portão de pedra entaipada, no qual está um letreiro e esculpida uma cruz.

Soledade — no Inhamum. Diz Manoel Luiz, morador em São-Paulo, aguas do Trairassú ou Trussú, que n'altura deste sitio, em um riacho que sae da serra do Frango e desagua no supradito, está um letreiro em uma pedra, onde viu esculpida uma figura humana, e estes dois caracteres (1):

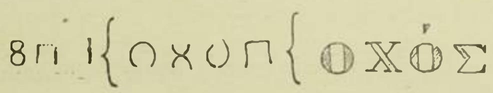


Fig. 1.371

(1) E' esta a interpretação da figura, em outro logar, explicado por varias vezes.

TABOLEIRO-DOS-ENCANTOS — no Riacho-do-sangue. Diz um habitante do Riacho-do-sangue que dos campos do Uriá para Curuxatú, onde chamam Taboleiro-dos-encantos, estão umas pedras com letreiros.

TANQUE — fazenda na ribeira de Quixeramobim. Ouvi a um vaqueiro d'esta fazenda Tanque, que d'ahi a pouca distancia ha letreiro pelas pedras. Nessa altura está um serrote chamado do Assucar, por ser alvo.

TAPERA — na ribeira de Banabuiú, entre Inxú e São-João. Perto da situação, por um corrego acima, que lhe fica adiante, em um serrote de pederneira, na ribanceira do corrego ao lado esquerdo, estão grandes letreiros, em 4 partes, nas faces das pedras da parte do poente, de tinta encarnada. Em uma estão as tintas bem vivas, em outras, porém, mais apagadas, que só com muito trabalho se podem copiar; o que eu não fiz, por chegar ao logar já fatigado da grande calma; e n'ellas se divulgam bem algumas cruzes distinctas †, e algarismos 7, e oito ou nove quadros □, além de outros muitos caracteres que só depois de copiados se poderão perceber, por estarem uns entranhados em outros.

TAPERA — sitio na comarca de Russas. Este sitio é á beira do Jaguaribe; e refere José de Jesus, morador em Casa-nova, que viu alguns letreiros nas pedras, que admirou.

TRIMBAUBA — na ribeira do Quixelá. Neste logar dizem haver um letreiro dentro do rio, em uma pedra que o atravessa de parte a parte.

TAQUARA — serra no municipio de Maranguape. Participa-nos Alexandre da Silva Rego que neste logar viu uma pedra alta faceada, quadrangular, e no plano do seu tecto está esculpida uma cruz.

TRAPIÁ — olho d'agua no Curuaiú. Dizem habitantes, que nesta altura, no logar chamado Tanques, estão muitos letreiros nas pedras.

URUQUE — em Quixeramobim. N'altura desta fazenda, dizem os habitantes haver letreiros pelas pedras, que admiram os que as tem visto.

VACCA-MORTA — sitio á margem do rio Pirangí. Sahindo para Zacarias, ao lado esquerdo, em umas pedras, á vista da estrada, vêem-se letreiros, onde se divulgam rastos de ema e outros caracteres.

VICTORIA — riacho no municipio de Santa-Quiteria. A este riacho alguns chamam Macacos. Refere Antonio Soares, morador n'este riacho, onde chamam Buenos-Aires que em dito logar estão muitos letreiros pelas pedras, de tinta encarnada.

XARNECAS — logar no municipio de Russas. Do sitio da Lagôa-do-Lima para cima no logar chamado Charnecas, bem dentro dos bosques, testifica um habitante, que apparecem letreiros nas pedras, feitos a cinzel ou picão.

ZACARIAS — fazenda no rio Pirangí.

N'altura d'esta fazenda, dizem haver letreiros nas pedras, e n'ellas esculpidas uma figura humana e rasto de gente que sobe a pedra.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

ALEGRE — fazenda. Na altura d'esta fazenda, contam, que está um letreiro em uma pedra com letras latinas.

BARREIRAS DE SÃO JOSÉ — Ouvi de Luiz Gonzaga, morador no porto de Touros, que este logar é buscando a barra do Assú, á beira da praia, onde está um letreiro em uma pedra.

BELÉM — Ouvi a um habitante, que, sahindo do Patú pela Caiçara, onde a estrada atravessa o riacho de Belém, descendo por este abaixo, se topa um lagedo de pedra, no qual está uma pedra, quasi redonda, á bôcca de um caldeirão, com varios letreiros.

BOA-ESPERANÇA — Dizem ser esta fazenda ao pé ou perto da serra do Martins, onde tem letreiros nas pedras.

BOM-JESUS — fazenda na ribeira do Assú. Entre esta fazenda e a Serra-do-gado, dizem haver letreiros nas pedras de um serrote, e gravados a picão. Nesta altura, diz um filho de Pedro de Barros, morador no Assú, que admirou vêr um fôrno de abobada de pedra solida, com duas bôccas.

BONITO — Saindo deste sitio para o Jatobá, dizem haver letreiros nas pedras.

BOQUEIRÃO-DAS-PINTURAS — Sahindo de Jatobá para a Garganta é este logar, no qual passa o caminho por um corredor de pedras talhadas, onde dizem haver variedade de pinturas pelo talhado das pedras, que admira a quem as vê.

BREJO-DA-CRUZ — Este brejo é ao pé de uma serra distante da ribeira de Assú, na altura em que chamam Piranhas o mesmo ribeiro. Perto do dito brejo dizem haver varios letreiros nas pedras, entre as quaes está a fórma de um relogio esculpida.

CABELLO-NÃO-TEM — serrote na ribeira do Apodi. Expunha o pardo Francisco Xavier, que ao pé deste serrote, dentro do riacho, em uma pedra pequena está um letreiro feito á goiva, onde está a forma d'uma besta, cuja pontaria dá para a ponta do serrote.

CACHOEIRA — de Antonio Nunes. Perto ou nas alturas d'esta fazenda dizem haver letreiros em varias pedras.

CACHOEIRA — de Francisco de Souza. D'esta fazenda, pelo riacho acima, á distancia de um quarto de legua, dentro do riacho, no talhado de uma cachoeira de pedras, á mão esquerda, estão varias pinturas feitas a picão ou a talhadeira, entre as quaes está esculpido o dito instrumento, d'este modo  e para uma e outra ilharga, fóra do riacho, pelo taboleiro, ha muitas pedras signaladas; onde se acham uma ou duas fórmas de relogios gravados na pedra, e algumas com signaes de tinta encarnada, já quasi extinctas, mas em 1796 ainda se podiam copiar com muito trabalho.

COBACI — Este serrote, assim chamado, dizem que fórma quatro mossas, um para cada um dos quatro angulos, e entre elles se levanta um pico quadrangulo, elevado e agudo. Delle nascem quatro riachos, de cada angulo um, e em todos elles, dizem haver letreiros nas pedras.

CAMPO-GRANDE — Neste logar está uma capella, filial da matriz do Assú, e não muito longe della, perto do rio, dizem haver algumas pedras signaladas com algarismos de conta, e outros caracteres, entre os quaes está esculpida uma figura humana.

CAMPO-GRANDE — em Cariri de fóra. Colhi de um habitante desta fazenda Campo-grande, que della para baixo, obra de uma legua, vira uma pedra toda cheia de letreiros e pégadas de gente, abertas a ferro, com rasto de cachorro atraz, gravadas na pedra, como que subiu uma creatura a penha, e foi descendo para outra parte, para onde se acham varias penhas grandes em terra firme. E as pégadas estão gravadas tão sagazmente como que pizassem em barro amassado; e que por isso as rusticas faltas de noticia dizem ser rasto de São-Thomé, como em muitos outros logares semelhantes.

CACHOEIRINHA — Ouvi o José Ignacio, morador no riacho da Conceição, onde chamam Raiz, que dizem os habitantes, que neste logar está um letreiro nas pedras.

COVAS-DOS-DEFUNTOS — Do Cães para baixo, no meio do campo, haviam umas lapas de pedras fincadas de testa, ao correr umas das outras, feitas em quadro, á maneira de

curral, e pelo meio seus repartimentos do tamanho de sepulturas; por isso os ignorantes lhe deram aquelle nome. Em uma testada estava uma pedra á maneira de um marco aperfeiçoado, cuja ponta de cima estava inclinada para um serrote, como mostrando alguma cousa para fóra do curral, cujo serrote tem ao redor varios letreiros.

Os rusticos já têm desmanchado a maior parte do curral, fazendo-lhe varias covas, imaginando que alli estão os thesouros.

CURRALINHO-DE-BAIXO — ribeira de Piranhas. Ouvi a um ancião, morador nesta fazenda, que ahi perto estão muitos letreiros nas pedras.

DEZERTO — riacho na serra de Luiz Gomes. Colhi do mestiço Antonio Francisco, dono deste sitio Dezerto, que ahi perto, para a parte da Pedra d'ara, se vê um letreiro em uma pedra. De um pardo, Domingos Ramos, ouvi, que na dita Pedra-d'ara está um letreiro.

ESTREITO — Este sitio, Estreito, é de Páo-dos-ferros, pouco abaixo, onde diz o Tenente José Ribeiro, morador no Mocambo, vira um letreiro em uma pedra, que lhe mostrara Felisberto Barbosa, morador no Carro-quebrado. E diz Apolinario Pereira, que no dito Estreito sabe de dois letreiros em duas pedras.

GARGANTA — Este logar é assim chamado por passar a estrada entre um corredor de serra, o qual é ao subir do rio ao lado esquerdo, cujas serras vão buscando a ribeira do Seridó, em cujo logar dizem tambem haver alguns letreiros nas pedras.

INGÁ — Colhi de um Europeu, por nome Antonio José Ribeiro, morador no Inhamum, nas terras da Carrapateira, que n'este logar, o qual está da povoação para baixo, no mesmo rio, vira muitos signaes semelhantes gravados nas pedras; além de outros muitos letreiros, que dizem haver em outros riachos, que se lançam neste ribeiro.

IMBUZEIRO — Ouvi de Francisco José de Oliveira, morador no engenho Jardim, que neste logar, na fazenda Bom-Jesus, viu letras do nosso alphabeto gravadas em uma pedra, a cinzel ou picão, e outros caracteres.

JATOBÁ — Perto desta fazenda, no logar chamado Pinturas, contam existir uma pedra ou pedras assignaladas com letreiros.

LAGES DA SOLEDADE — Este sitio é da entrada da picada do Apodi para diante uma legua; é dono de uma parte d'elle José Lopes, morador nas varges do Apodi, o qual diz que, quando cavou o olho da agua, que é entre pedras, descobriu, subterraneamente, muitos cacos de telha e de louça, como que com elles se fez o entupimento, e logo pulsou agua com abundancia.

Este poço está em uma ilharga d'um pequeno terreno de terra firme entre grande lageiro de pedra de cal, por cujas ribanceiras e lócas estão muitos signaes de tinta encarnada; mas, como é aposento de passageiros, estes os tem raspado com forças e ralado com pedras e que por isso, já mal se divulgam; apenas, percebi em uma pedra, uma fórma, deste modo ШI; e, em outro logar, estes 88.

E debaixo de uma loca estes ◇◇◇◇◇◇, que é mesmo que estes 88 postos em carreira para confundir; os quaes estão dentro de um corredor de pedras, adiante do poço, dando-lhe as costas, do lado esquerdo, já perto á extremidade do terreno.

Na entrada d'este corredor ainda se divulga o resto de uma parede de pedra e cal, que atravessa a bôcca do corredor como açude, e que foi desmanchada antes de serem feitos os letreiros, porque no logar, que devia estar debaixo d'agua, via-se um grande letreiro, que foi ralado como pedras para o desmancharem, onde estão ainda aquellas formas, que parecem oito, e as cifras em carreira.

Deste logar, seguindo pelo lagedo para a parte nordeste, na distancia de 100 ou 200 braças, pouco mais ou menos, em outro corredor, de largura pouco mais ou menos de 2 braças da terra, onde de inverno faz poço, pelas lócas das pedras lizas, ha varios letreiros de tinta encarnada, ainda tão vivos, que parece foram feitos, ha poucos dias, onde além de muitos caracteres, que me faltou tempo para copiar, vi os seguintes (1):

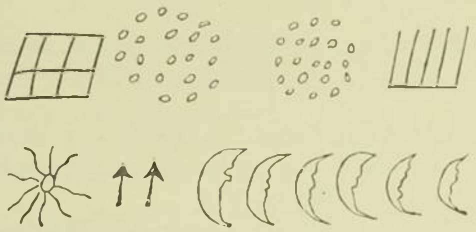


Fig. 1.372

E d'estas meias luas eram muitas em carreira.

Lanchinhas — Este logar dista da capella do Campo-grande duas ou tres leguas. Refere Manoel Calheiros, morador nas varges do Apodi, com outros, que aqui existem sobre um lagedo duas lapas grandes, quadradas, com forma de mesas, cousas feitas por mãos humanas. E que as pedras deste logar estão todas signaladas de muitos caracteres desconhecidos. Não sei si lhe chamam Lanchinhas, por causa das ditas lapas, ou por conter impressas nas pedras caracteres de lanchas ou navios.

Logradouro — Entre este logar e a fazenda dos Picos, refere Francisco da Silva Bastos, morador em Porto-Alegre, do Apodi, que em cima de um grande lagedo está uma grande pedra, a qual tem muitas pinturas.

Marcos — Expõe Luiz Gonzaga, que do porto de Touros para a cidade do Rio-Grande, á beira da praia, vê-se um logar chamado Marcos, onde existia um marco de pedra branca, grande, fincado na terra, no qual estava um letreiro. Este, dizem, que o defunto provedor do Rio-Grande quebrára para examinar, si era de algum metal precioso.

Maxixe — no riacho Parú da ribeira do Assú. Nesta fazenda do Maxixe mora Manoel Carneiro, o qual diz, que d'ahi a meia legua está uma casa de pedra natural ou furna com letreiros.

Milhan — fazenda em Páo-dos-ferros. Refere um filho de Lourenço Mendes, que neste logar existem letreiros nas pedras.

Mocambo — Por detrás da casa do Tenente José Ribeiro, dono deste sitio, dentro do rio, está um lageiro de pedra todo cheio de letreiros gravadas a cinzel ou picão, si bem que as unhas dos gados e os fogos têm solapado e gasto grande parte d'elles.

Moxoró — serra. Do logar de Santa Luzia se avista esta serra, a qual fica dentro dos bosques, e ao pé d'elle refere Antonio de Moraes, morador no Moxoró, e outros, que os caçadores topam pinturas e letreiros em pedras. E ahi mesmo, sobre um lageiro de pedra, viram formado um jogo de bóla debuchado na mesma pedra.

Oiticica — riacho. Este riachinho, perto ao Cács, o qual cae no rio Assú; subindo por elle acima, em um lagedo de pedras, dizem tambem haver letreiros.

(1) A interpretação vai em outro logar.

PANATI — serra. Dizem os habitantes que em um talhado d'um profundo, corredor de pedra no seu plano, ha um grande letreiro gravado a picão ou cinzel.

PANEMA — serra. Em certa parte, ao pé d'esta serra, dizem haver muitos letreiros em pedras.

PÁO-DOS-FERROS — povoação. Adiante da matriz, ou em taboleiro alto, que lhe fica á vista, além do rio, tem letreiros nos lageiros, em tres ou quatro partes, gravados a ponta de picão.

Refere Apolinario Pereira que no caminho, que sae da povoação para a serra do Martins, adiante de uma lagôa, está um letreiro nas pedras, onde um habitante antigo achou um thesouro.

PARAHÚ — riacho. Sahindo da fazenda do Riacho, em distancia de uma legua, buscando entre nascente e sul, pouco mais ou menos, ouvi de um habitante que existem letreiros nas pedras, gravadas a cinzel ou picão.

PASSAGEM — Refere Alexandre Moreira, morador em São-Braz de baixo, que n'altura d'esta fazenda ha uns grandes letreiros nas pedras, onde viu letras latinas de tinta encarnada, ou feitas a picão. E diz um habitante, chamado Antonio José, que o pé da serra, que lhe está á vista, existem letreiros nas pedras.

PASSAGEM-FUNDA — Disse-me uma india velha, da nação Paiacú, que, para parte do nascente, obra de uma legua, dentro dos bosques, andando ella á caça com outras, ha muitos annos, sairam a um lagedo de pedras, ao pé de uma pederneira ou serrote, admirou ver umas figuras humanas feitas de pedra, sentadas, emparelhadas, em dois cantos de uma salinha de uma furna natural; uma com a cabeça inclinada para uma banda com a face sobre a mão, e a outra mão na ilharga. E a outra com uma das mãos na cabeça e a outra sobre o peito, á maneira da Magdalena.

E ao redor d'ellas muitas pinturas pelo plano e lado das pedras. E que do tecto da salinha manava uma fontezinha de agua salgada, que indo ellas sequiozas, a não poderam beber.

PATAXÓCA — Perto deste logar dizem haver uma pedra com muitas pinturas ou letreiros.

PEDRA-DO-NAVIO — Este logar dizem ser do Caes para baixo. Não sei si é assim chamado por ter alguma pedra com forma de navio, ou si tem o caracter de navio esculpido em alguma pedra; mas dizem haver letreiros em uma pedra.

PEDRA-PINTADA — Perto desta fazenda dizem haver letreiros nas pedras, perto dos quaes o dono da terra faz morada para cessar a diligencia dos rusticos, que atraz de thesouros andavam cavando fossos ao redor das pedras.

PERIQUITO — serra na ribeira do Assú. Refere um morador, que entre esta serra e a serra de Adriana, em um solo ou falda d'ella, junto a um olho da agua tem um letreiro em uma pedra grande, e nella se acharam pregos.

PINTADA — riacho. E' o caminho que sae da Capa para Santo Antonio, onde ouvi dos moradores da Capa e aos de Santa-Cruz, que tem um grande letreiro nas pedras, donde lhe vem o nome de Pintada.

PIRANGI — rio. Contam que, sahindo deste rio para o porto de Touros pela costal, existe um letreiro em uma pedra, que está á beira do mar, onde batem as ondas.

POÇO-DO-UMBÚ — Diz José Lopes que este poço ou caldeirão de pedra é perto d'este logar, onde diz haver tambem varios letreiros de tinta encarnada nas pedras.

PONTA-DO-MELLO — nas praias do Assú. Nesta praia, perto da serra do Mello, que lhe está para o occidente, já dentro do circulo da serra geral, ouvi de um habitante, que se acham algumas pedras assignaladas de letreiros.

PORTALEGRE — Villa. Refere um ferreiro, chamado Francisco Guedes, morador presentemente na serra de São-Cosme, que, sahindo d'esta Villa pelo pontal de São-Bento ao lado esquerdo, em uma capoeira, onde elle plantou, vira distinctamente letras latinas em uma pedra.

PUTIGI — Este riacho é um dos quatro que nascem do Cabogi, no qual tem um logar chamado Pinturas, onde se acha uma obra feita na pedra á maneira de uma cacimba de gado, com seu bebedouro e atrio ou patamar, obra aperfeiçoada pela mão dos homens.

E pelas faces das pedras estão muitas pinturas e figuras humanas, algarismos de conta, e outros caracteres, uns gravados a cinzel e outros a tinta.

RAPOZA — Perto deste sitio ouvi de um habitante, que tem um letreiro em uma pedra gravada a picão, onde está esculpida uma figura de mulher.

SACRAMENTO — na ribeira do Apodi. E diz Apolinario Pereira, que neste logar vira outro letreiro em uma pedra.

SANTA-CRUZ — na ribeira do Assú. A fazenda Santa-Cruz é n'altura da Villa da Princeza, mais acima, distante do ribeiro ao subir ao lado esquerdo em um riacho perto dos Angicos, onde me participa um habitante haver muitos letreiros nas pedras com letras latinas.

SANTA-LUZIA — Neste logar existe uma capella; dista do mar mais de 7 leguas, e d'ella para baixo, onde chamam Carmo, dizem haver alguns letreiros nas pedras.

SÃO-BRAZ-DE-BAIXO — Diz o mesmo moço Alexandre Moreira, que desta fazenda para baixo distancia de uma legua, á beira ou d'entro do rio, na beira de um caldeirão de pedra, existe um letreiro em uma cachoeira, onde se divulga perfeitamente uma cruz.

SÃO-BRAZ-DE-CIMA — Colhi do mesmo supra-dito (Alexandre Moreira), que perto d'esta fazenda, tambem está um letreiro em cima da pedra.

SÃO-JOÃO — Sahindo d'esta fazenda para a Telha, na distancia de meia legua, á beira da estrada, á mão direita, está um lagedo de pedra todo cheio de muitos caracteres feitos a ponta de picão; e para onde dá uma pedra grande, que está a um lado pouco adiante, se acham algumas tulhas de pedra arrumadas da antiguidade, as quaes, diziam os antigos, existem desde o principio da cultura.

E todas as pedras, que pendem ao rio, estão signaladas. E dentro do rio, em uma pedra pequena, estão as letras seguintes: I H. E da outra parte do rio se acha outro lagedo, tambem com alguns caracteres similhantes aos outros. (1)

SÃO-MIGUEL — fazenda na ribeira do Panema. Entre esta fazenda e a povoação de Campo-grande, dizem os habitantes haver letreiros nas pedras.

SEIO-DE-ABRAM — Sahindo d'esta Villa (Portalegre) para São-Pedro, no logar Seio de Abram, á mão esquerda, faz a serra um grande cabeço separado com uma séla entre elle e a serra; n'esta séla colhi de um pardo, ferreiro, de nome Balthasar, e de outro rapaz, filho do mestiço Manoel da Silva, sapateiro, moradores na dita Villa, que viram letras latinas no plano de uma pedra quadrada, que julgam estar parte d'ella enterrada.

SERRA-BRANCA — E' na altura da Pindoba, da mesma parte, ao subir do rio, cuja serra é uma pedra muito grande, quazi redonda, branca, elevada, e liza quasi toda. Ouvi

(1) A interpretação destas duas letras é a seguinte: Dicc. Gr. cit., pag. 692: — I H, *interj.* grito de alegria, contentamento, jubilo, regozijo em honra de Apollo. Ἰὴ Παιάν, Io! Paean!

um escravo de José Nogueira, morador na serra dos Martins, do Apodi, que n'ella viu varios signaes de tinta encarnada e a forma de uma roda, como as de moer mandioca, esculpida na pedra, cujas tintas ainda estavam bem vivas.

Serra-negra — na ribeira do Seridó. Perto d'esta fazenda Serra-negra, colhi dos antigos, havia um letreiro em uma pedra, que dizia: Na cabeça do negro ahi buscarás. Do que todos admiravam por não entenderem o enigma.

Serra-redonda — Ouvi a um habitante antigo, que ao pé d'esta serra, dentro do bosque, para a parte do norte, vira muitas pinturas nas pedras, feitas a picão ou cinzel, onde divulgou alguns quadros deste modo □.

Tanques. — Perto deste sitio, das casas para cima, dentro do rio, estão varias pedras assignaladas, onde se divulgam algumas letras latinas gravadas a cinzel ou picão.

Telha — E' na beira do rio; e ouvi a um indio chamado João Fama, que n'altura d'esta fazenda, como quem vae para o Figueiredo, vira letreiros nas pedras.

PROVINCIA DA PARAHYBA

Bruxaxá — Perto desta povoação, dizem os habitantes que tambem apparecem letreiros nas pedras.

Caiçara — Esta Caiçara é mais adiante do Catolé, tambem em aguas de Piranhas, onde está outra capellinha de taipa; contam, que perto das casas, se vêm varios letreiros pelas pedras.

Caiporas — sitio. Em uma serra, que lhe está á vista, tem uma pedra chamada do Moleque, onde dizem haver letreiros.

Curimatahu — Em certa parte deste sertão, dizem haver letreiros nas pedras; mas não disseram o logar certo.

Na mesma altura, na estrada que sahe do Seridó para Pernambuco, á beira da estrada, contam que havia uma lapa de pedra sentada na terra, em cima da qual estavam letreiros gravados a cinzel ou picão, e que os ignorantes tombaram com muito trabalho, imaginando estar debaixo o thesouro.

Desterro — povoação. Colhi de um habitante, que no caminho, que sahe desta povoação para Pedras-de-fogo, na distancia de quasi uma legua, está uma pedra, na qual está um letreiro gravado a cinzel.

Engenho-novo — Na porta d'agua d'este engenho, ou nos seus ambitos, dizem que ainda se encontra ou conserva um letreiro do Hollandez.

Espinháras — Ouvi alguns dizerem que nas nascentes ou aguas d'este ribeiro de Espinháras, vêm-se alguns letreiros nas pedras.

Ipueiras — fazenda do Rio-do-peixe. Neste logar, distancia de meia legua, onde chamam Queixaba, diz um preto crioulo forro, vaqueiro, que se vê letreiro nas pedras, como feitos a cinzel ou picão.

Mamanguape — Na altura da povoação, no logar chamado Coité, ouvi do padre João Feio, está uma lapa de pedra assentada sobre outra, a qual, sendo levantanda, tem debaixo letreiros, assim n'esta como no plano da outra, onde está assentada.

Mocoitú — Este logar dizem ser em Cariri de fóra, e dizem, que pelas pedras dos seus ambitos estão alguns letreiros.

Olho-d'agua dos porcos — na Serra branca. Perto deste logar, refere Ignacio Ferreira, morador na ribeira do Inhamum, que existe um letreiro em uma pedra.

PEDRA-BRANCA — Refere Nazario de tal, que n'este logar, onde chamam Piá, viu letreiro nas pedras, nelle divulgou o algarismo oito e outros.

PEDRA-LAVRADA — Este logar dizem ser sahindo de Manguape para Bacamarte, ao pé da serra, antes de subir, onde está uma pedra, que está cheia de letreiros, de que lhe vem o nome.

PEDRA-LAVRADA — Diz Ignacio Ferreira, que este logar é detraz de um cabeço (da Serra-branca), e em outro riacho, ou no mesmo, e que é assim chamado por ter muitos caracteres nas pedras gravados a cinzel ou picão.

PEDRA-LAVRADA — em Piancó. E' assim chamado este logar (Pedra-lavrada) por haver n'elle uma pedra cheia de caracteres desconhecidos pelos habitantes, esculpidos de tinta da cochonilha. (1)

PEDRAS-PINTADAS — Em um logar chamado Pedras-pintadas dizem haver letreiros nas pedras em varias partes. E d'ahi para cima em outras pedras, dentro ou á beira de um riachinho, dizem tambem ter um letreiro.

PITA — Serrote na fazenda dos Angicos, em Piancó. Neste serrote dizem os habitantes que existem letreiros nas pedras.

RIACHO-DO-QUATÍ — Dizem ser perto da Pedra-lavrada, no qual existem tambem letreiros nas pedras.

SANTO-ANTONIO — Neste logar ha uma capella, e nesta altura dizem haver letreiros, onde se divulgam rastos de ema, gravados no lagedo.

SERRA-BRANCA — Defronte ou perto d'esta serra, dizem haver letreiros pelas pedras.

TIGRE — Na altura deste logar, pelo riacho do Genipapeiro, acima, dizem haver letreiros em um lagedo de pedras, feitos com ponta de ferro ou picão. D'aquelle lagedo para cima, subindo o mesmo riacho, na face de uma pedra alta, dizem haver outro letreiro.

E poderá haver outros mais.

PROVINCIA DO PIAUHY

BARRA DO POTÍ — Refere Antonio Baptista Fialho, morador na villa de Portalegre, capitania do Rio-Grande do Norte, que lhe certificaram os moradores d'aquelle paiz, que ahi, dentro de uma tóca de pedra, á maneira de uma casa, está um letreiro no tecto da parte de dentro, que ninguem entende.

BREJO-DO-BURACO — Na cabeceira d'este brejo ha letreiros e figuras humanas em pedra, que em algum tempo era tão alta que punham escada para os poderem lêr, e que hoje está o letreiro n'altura de um homem mediano.

CADOZ — Diz Raymundo Alves, morador no Surubim, que da fazenda de Cadoz para baixo ha uma furna de pedra, em cujo tecto, da parte de dentro e pelas lhargas, ha varios letreiros, e que já viu rubins e pedras azues e crystaes, que se acham no interior da furna.

COLONIA E BREJÃO — Refere o mesmo Raymundo Alves que nestes dois logares ha letreiros pelos talhados das serras.

CURIMATAN — Nesta fazenda ha um logar chamado Pedras-pintadas, nas quaes dizem haver letreiros e figuras humanas e esculpidas.

---

(1) Vide a Est. 36, a qual talvez seja referente a um destes trez logares de igual denominação.

FERRAMENTA — Diz Gonçalo Francisco, morador nas nascenças do Rio do-peixe que esta fazenda é na estrada que sahe do Itaim pelas fazendas d'el-rei, onde vira um letreiro á beira do rio na boca de uma furna de grande penha debaixo da qual ha um medonho poço.

INHUMA — fazenda. Ouvi um habitante dizer que n'este logar estão muitos letreiros nas pedras, de tinta encarnada com figuras humanas e navios.

LADINO — morro na freguezia de Valença. Expõe o capitão Balthasar Correia, morador na povoação da Telha, que, em um logar que chamam morro do Ladino, viu letreiros nas pedras e n'ellas esculpidas figuras humanas com lanças ou espadas na mão. E que ahi mesmo estava uma lapa de pedra grossa, quadrangula, assentada na terra, e por cima este letreiro: "Quem me virar, debaixo de mim grande haver achará". E que certos ignorantes, com muito trabalho a tombaram, com espeques, e por baixo estava outro letreiro, que dizia: "Torna-me a virar".

PEDRA-PINTADA — Expõe Raymundo Alves que perto da villa de Campo-maior, no logar chamado Pedra-pintada, está uma lóca de pedra, a qual, por dentro e por fóra, está cheia de letreiros, que admiram os que as vêm.

PEDRA-PINTADA — ribeira de Valença. Diz Raymundo Alves, morador na fazenda Surubim, no sertão das catingas, que existe uma pedra á maneira de uma casa, cheia de letreiros por dentro e por fóra, onde está esculpida uma cruz.

PIRIPIRI — fazenda na ribeira de Piracuruca. Na altura desta fazenda, no Piriri, está um letreiro em uma pedra, adiante da qual estão tres rumas de pedras postas em carreira

POMBAS — serra. Refere Rufino Alves, que lhe disse um indio da nação Caicó e, que em dita serra, se vê uma casa de pedra com muitos letreiros, onde seus antigos tiravam ouro.

E ouvi a Francisco Pereira, morador na Varge-da-Vacca, circumvisinho d'esses logares, que lhe certificou um seu compadre, que além dos letreiros a casa tem portão ou portas, como cousa lavrada a picão.

RAJADA — Sahindo do Itaim para o Rio de S. Francisco, pela travessia nova, no logar chamado Rajada, dizem haver um letreiro de tinta encarnada com letras latinas nas pedras.

SUCURUIÚ — brejo. Na altura do Marvão, na distancia de sete leguas, pouco mais ou menos, existe um brejo assim chamado, e dizem haver duas pedras perto uma da outra, as quaes, ambas, têm letreiros

VARGE-DA-SERRA — na freguezia de Valença. Entrando da Serra-negra para dentro, adiante do Morro-do-chapéo, no logar chamado Varge-da-serra, dizem haver uma penha alta e talhada, á beira da estrada, na qual, em boa altura, está a fórma de um nicho, dentro do qual se divulga a figura de um frade em pé, sacrificando um jacaré sobre um altar, tudo feito na mesma pedra, e esta penha está toda circulada de letras e caracteres desconhecidos, gravados a cinzel ou picão; entre os quaes se divulga a figura de um negro, por ser preta, e rastos de onça.

E quando alguns d'aquelles habitantes alli vão com outros, dão risadas, dizendo: "Estes são os santos dos ladrões dos Tapuias, quando habitavam este paiz". E como este proferem outros semelhantes disparates, como que estes rusticos gentios algum dia viram frades para esculpir sua figura, e nem antes do Hollandez tinham ferramenta para cortar madeira quanto mais pedras!"

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

INXÚ — Colhi de um Europeu, de nome Manoel Antonio, que os indios de Inxú lhe foram mostrar da parte da serra geral (Araripe) uma corrente de ferro, que está pendente, pregada por um espigão em uma arvore gameleira, nascida á beira de um lagedo de pedra derriada para elle, e onde dava a ponta da corrente está um quadro de 2 palmos, feito na pedra, dentro do qual vira as letras seguintes: — HNJB — e que d'elle sae um risco comprido até perto da extremidade da lage e n'esta extremidade está uma fórma cavada na pedra á maneira de um braço do cotovelo para a mão, assentada de costas, com os dedos esculpidos, apontando para a parte de terra.

ITACOATIÁRA — Este logar dizem ser de Cabrobó para baixo, entre o rio de São-Francisco e uma serra, de cujo cabeço se divulga; cahiu antigamente uma grande lasca de pedra, que ficou encostada no talhado da serra sobre a terra firme, em cuja face está um letreiro gravado a cinzel ou picão.

MACACOS — Serra na ribeira do Urubá. E' assim chamada, porque, além de muitos caracteres desconhecidos pelos moradores, de tinta encarnada, que admiram, esculpidos nas pedras, entre elles, se divulgam figuras de macacos.

OLHO D'AGUA — Este logar, dizem, dista do Inxú 12 leguas, no caminho que vae para o brejo de Santo-Antonio, onde, dizem, apparecem letreiros nas pedras.

PAGEHÚ — Refere o Padre Antonio Mendes d'Azevedo, natural de Olinda, e vigario que foi na Villa de Cimbres, que em certa parte de Pagehú, perto do rio de São-Francisco, se vê uma casa de pedra com altar, á maneira de um nicho, onde se acham letras latinas gravadas nas pedras.

PIRANHAS — fazenda. Colhi de Francisco Vieira que n'altura ou perto d'esta fazenda estão muitos letreiros nas pedras.

RIACHO-DO-NAVIO — No logar chamado Caldeirão, que dista d'este riacho uma legua, colhi de um habitante, que se vê um letreiro gravado em uma pedra lisa e redonda.

SANTO-ANTONIO — brejo. Este brejo, dizem ser adiante do Olho d'agua, onde estão letreiros nas pedras, que fazem admirar a quem as vê.

SANTO-ANTONIO — fazenda. Diz Francisco Vieira que n'altura desta fazenda, no estreito ou talhado da serra, estão muitos letreiros nas pedras.

SERINHAÉM — No logar La-me-vou, perto de um rio ou lagôa, havia um letreiro, que dizia: "Quem me virar, grande thesouro achará" ou cousa semelhante.

TAPERA — fazenda. Esta fazenda dizem ser sahindo do riacho da Brigida para o rio de São-Francisco, e perto do qual, diz João Pereira d'Alenquer, que ha letreiros nas pedras gravados a cinzel ou picão.

EXPLICAÇAO DAS ESTAMPAS (1)

Proseguindo a transcripção das estampas e suas respectivas explicações, julgamos conveniente fazel-a acompanhada, ao mesmo tempo, de nossas interpretações.

Sendo, porém, o assumpto da 1ª estampa, o mesmo que o da 14ª, e estando este mais simplificado e completo, damos a ella preferencia para o inicio do trabalho, seguindo depois a ordem numerica então estabelecida, longe, entretanto, da que seria de desejar-se em taes casos, como vamos ver.

(1) As notas explicativas são *ipsis verbis* transcriptas, como se acham no verso de cada um dos desenhos da obra — "Lamentação Brasileira" do Padre Francisco de Menezes.

ESTAMPA 14

INHAMUM, CRACARÁ — "Saindo d'este logar para as Favelas, logo á vista, passa uma varge de massapê, e, ao subir do primeiro alto, estendendo-se a vista ao longe para o lado esquerdo, na distancia de menos de um quarto de legua, se divulga uma grande penha, na face da qual se acha em cima da parte do poente, a pintura que se acha n'este papel (Est. 14) ao lado esquerdo no meio da folha, que emendei na parte superior, toda de tinta encarnada, e assim a seguinte.

Esta pedra superior é oval por baixo, formando uma loca, em que apenas entra e anda uma pessoa por baixo d'ella de gatinhas e perigosamente, por ser muito alta a sobre que ella está, e no tecto d'esta loca se acham todos os caracteres, que estão esculpidos na folha inteira d'este papel inferior á supradita meia folha.

Dando as costas a esta loca do logar da pintura, ao lado direito, que é ao sul, está uma pedra com a fórma da figura, que se acha em 3° logar, na parte inferior d'este papel (est. 14), contando do lado esquerdo para o direito, sobre um pequeno lageiro e com a parte recta para cima e a ponta aguda para léste e a sua aba inclinada para o poente, de sorte que por ella se pode subir até a ponta, que é levantada.

Na face do norte ainda se divulga um □, que já estava quasi extincto.

Para a mesma parte do sul, mais adiante d'esta, em cima de um alto, se divulga um serrote, que está á vista, o qual representa a figura da que está assignada na parte inferior d'este papel no termo das outras ao lado direito, á maneira de um curral com os vinte um risquinhos adiante.

Este letreiro da loca não foi copiado por mim, pelo temor que tive de subir e entrar na loca, por ser esquinada, mas foi copiado por pessoa fiel de minha casa: eu copiei o que estava fóra na parte superior".

Damos a interpretação, fazendo as devidas correcções:

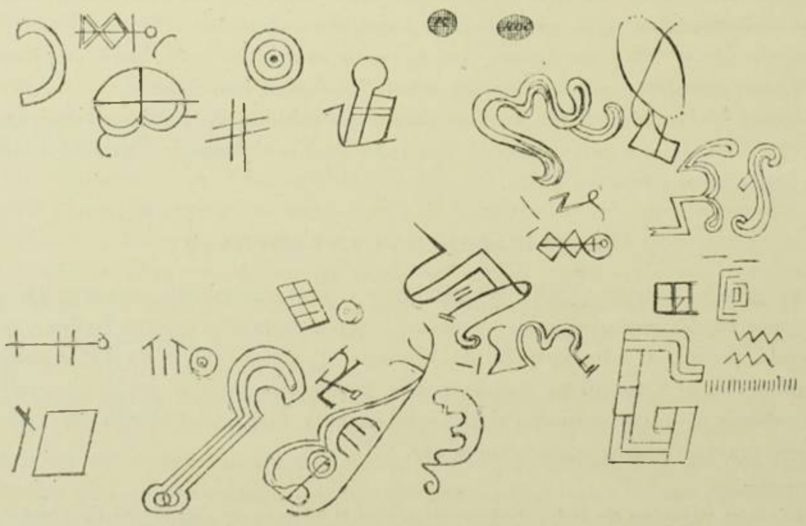


Fig. 1.373

Os caracteres de que se compõem as inscripções, de que ora nos vamos occupar, são propriamente do antigo grego, dos quaes já tratámos sufficientemente em varios capitulos. São empregados em blocos, no estylo enigmatico, formando palavras de fórmas variadissimas e de execução admiravelmente artistica, como vamos demonstrar.

Trez são as inscripções que constituem esta 14ª est., identificadas, porém, n'um só pensamento e alternadas apenas nas disposições caracteristicas.

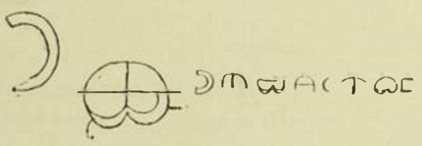
Não se póde exigir, é claro, a expressão exacta da letra, ou signo, que nem sempre um rijo e aspero bloco póde admittir, apezar do maximo esforço do habil artista. Convém ainda lembrar a simplificação de caracteres, naturalmente peculiar aos gravadores de então.

Ora encontramos uma letra invertida confundindo-se com outra, ora pequenos traços verticaes e horizontaes significando letras e correspondendo na ordem numerica do alphabeto a estas, finalmente outras adaptadas a figuras ou symbolos, nem sempre com expressão, desejada. Contra as investigações, ainda temos: a vetustez, enganos das copias ou reproducções e sendo certo que um pequeno traço a mais ou a menos, causa não pequeno embaraço á interpretação.

Feitas estas ligeiras observações necessarias, passamos a tratar assumpto proposto da maneira mais pratica, a nosso ver:

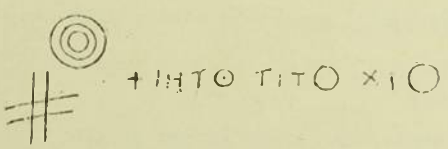


ΔΟΓΜΑΤΟΣ Dic. Gr. de C. Alexandre. 11ª edição — Paris, 1865, p. 387: Δογμα, ατος (τό), decisão, aviso, resolução, decreto; dogma, ponto de doutrina; dogma ou tambem rito religioso; axioma; pensamento, sentença, etc.



ΣΕΒΑΣΤΟΣ Dic. Gr. cit., p. 1276: Σέβαστος, η, ον. honrado, venerado, veneravel, augusto, divino]].

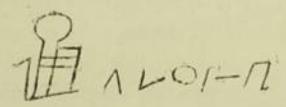
Subst. (ὁ) Augusto, *nome dado ao Imperador Octavio e seus successores*, d'onde em geral o Σέβαστος Imperador, ἡ Σεβατή a Imperatriz.



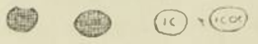
ΧΙΕΤΟ ΤΙΤΟ ΚΙΟ Combinação de letras com as quaes está constituido este nome e esculpido de variantes formas, em toda parte onde se encontra esta ordem de inscripções. Xieto e Tito, como é sabido, são nomes que têm origem na mais alta antiguidade, emquanto XIOS ou KIOS, define o Dic. Gr. cit. á p. 1579, habitante ou nativo de Chios, etc.

Deparámos com este nome n'uma inscripção, que se diz esculpida sobre o portico das ruinas de um Templo da cidade abandonada, nos sertões do Estado da Bahia, por nós interpretada, rememorando n'ella a Victoria de Pisistratis.

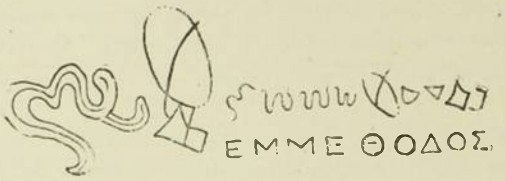
Ora o encontramos nesta, como em tantas outras inscripções, no caracter de legislador ou alta personagem d'aquelles tempos, que procuramos desvendar.



ΑΛΟΓΙΑ Dic. Gr. cit., p. 66: Αλογια, ας (ἡ), falto de razão, extravagante, imprudente; confusão, desordem, falto de eloquencia, defeito de proporção, etc.



ΙΣ-ΙΣΟΣ, Dic. Gr. cit., p. 701 = ΙΣ, gen. ινος, (ἡ) fibra, nervo, etc., força, vigor, p. 704 = Ισος, η, ον, 1° igual; 2° igual, unido, plano 3° igual sem differença; 4° justo, equitativo, etc. As figuras representam mós (força, resistencia, firmeza), tendo ao centro as legendas, quasi imperceptiveis.



ΕΜΜΕΘΟΔΟΣ, Dic. Gr. cit., p. 476: Εμμεθοδος, ος, ον, methodico, conforme as regras, a um methodo. R. R. εν, μεθοδος.



ΖΗΛΟΣ, Dic. Gr. cit., p. 640: Ζελος emulação, rivalidade, ciume, etc.



17 (segundo o systema da antiga numeração)

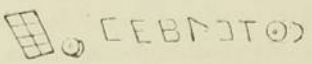
As duas seguintes inscripções annexas, um tanto confusas, as coordenámos, collocando os caracteres em seus devidos logares como intuitivamente deveriam estar no original, circumstancia, aliás, implicitamente contida na explicação do autor.

Não são mais que a reproducção, como ficou dito, do mesmo assumpto, em traços differentes, apenas servindo a primeira palavra e o nome XIETO TITO KIO, para ambas, além da palavra ΣΕΒΑΣΤΟΣ.

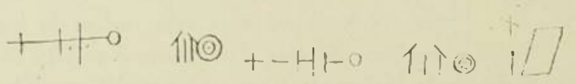
Depois deste signal > (divisão de periodo) temos o desenho:



ΔΟΓΜΑΤΟΣ, já interpretado, com a mudança unicamente do Ͻ (Σ) final, seguindo-se o mais nesta ordem:



ΣΕΒΑΣΤΟΣ, já interpretado.



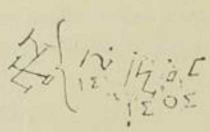


XIHTO TITO XIO

XIETO TITO XIO, ou KIO, como da anterior decifração.



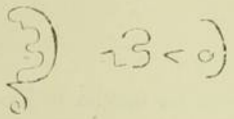
ΛΛΟΓΙΑ, idem.



ΙΣ-ΙΣΟΣ, idem, mais comprehensivel que a precedente.



ΕΜΜΕΘΟΔΟΣ, idem.

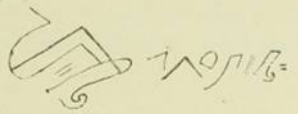


ΖΗΛΟΣ, idem.

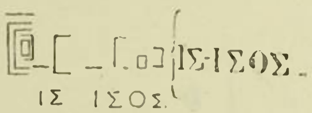
A ultima inscripção obedeceria talvez esta disposição, segundo as explicações dadas:

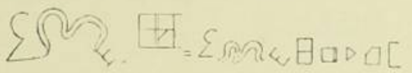


ΔΟΓΜΑΤΟΣ...
ΣΕΒΑΣΤΟΣ, etc.

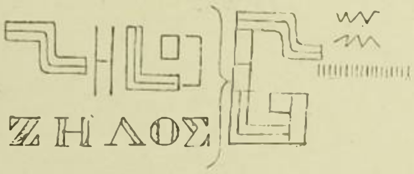


ΑΛΟΓΙΑ





ΕΜΜΕΘΟΔΟΣ



ΝΟΜΟΣ = lei.
ιή = 18, (numero, segundo o antigo systema).

Conseguintemente, das referidas inscripções e de tantas outras analogas, bem vulgarizadas, não só gravadas ou esculpidas, como pintadas a tinta indelevel, em rochas, interpretamos o bello pensamento philosophico que se segue:

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ ΧΙΕΤΟ ΤΙΤΟ ΚΙΟ ΑΛΟΓΙΑ ΙΣ ΙΣΟΣ ΕΜΜΕΘΟΔΟΣ ΖΗΛΟΣ ΝΟΜΟΣ ιζ ιή

EDITO, LEI OU DECRETO DO VENERAVEL OU AUGUSTO XIETO TITO KIO, "É IMPRUDENTE OU FALTO DE SENSO, NÃO SER FORTE, JUSTO, UNIDO E METHODICO, CONFORME AS REGRAS DA EMULAÇÃO" LEIS 17 E 18.

*

ESTAMPA I

«INHAMUM, FAZENDA DA CARRAPATEIRA. Adiante da casa do capitão Pedro Alves, em um serrote que está á vista, em face de uma pedra d'elle, da parte do nascente, á beira do caminho, está o letreiro que se acha neste papel (Est. 1), feito com o dedo, de tinta encarnada; e posto que alguma parte esteja quasi extincta, outras ainda se divulgam bem, donde extrahi tudo quanto pude perceber.

Ao pé do letreiro estava uma grande lapa de pedra, que bem mostra, que foi cahida do logar do letreiro antes de o fazerem (quando com a morte de Jesus Christo as pedras se partiram), o qual depois de 1798 foi arredado do logar com espeques, estando eu presente no anno seguinte, quando tambem eu ainda andava cego como muitos.

Dando as costas a esta pintura, ao lado direito mais de uma braça, está uma pedra assentada na terra com esta forma — △ — e outra em cima da outra d'esta feição:



com uma veia natural em cruz, cujos caracteres se acham impressos na mesma pedra, como está neste letreiro, que copiei.

E para detraz do serrote, em cima d'elle, na parte do poente, tambem divulguei uma pedra redonda, cuja forma se acha no letreiro, ao lado esquerdo na parte superior com o Y (ipsilon) dentro um Λ por baixo, como se verá aberta esta folha ».

Eis a gravura:

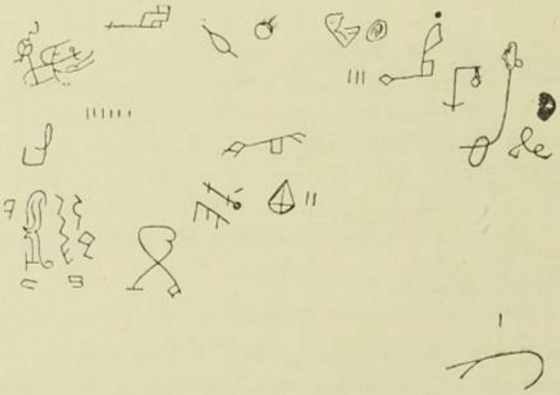
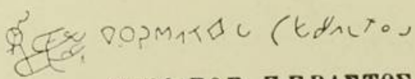


Fig. 1.374

Encerra a referida gravura ou desenho duas inscripções; a primeira, regularmente executada, contém falha na palavra TITO; attribuimos ao consumo pelo tempo, ou á alteração da copia; a segunda, como se infere da explicação, com effeito, está apagada do meio para o fim, o que felizmente não prejudica, por ser já o seu assumpto conhecido

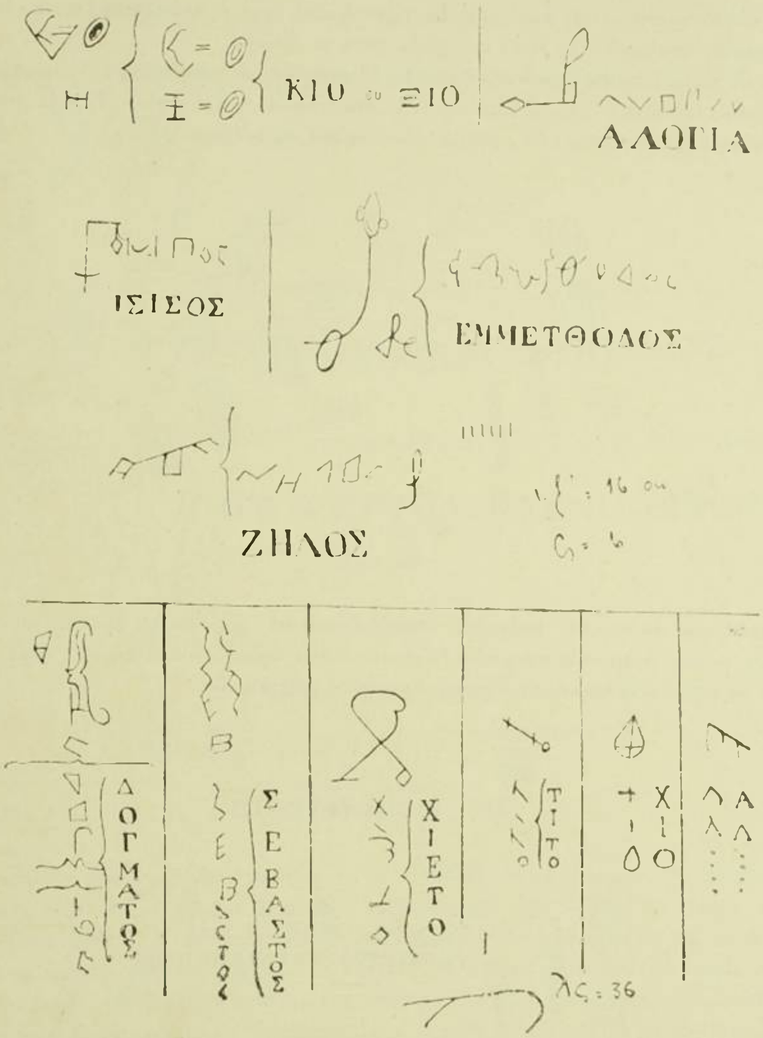
Nestas condições, passamos a interpretal-as simplificadamente apenas.



ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ



X I E T O | T I T O



ESTAMPA 2

«Inhamum madeira-cortada — Saindo da fazenda Carrapateira para Madeira-cortada, já perto a esta, deve-se largar a estrada e tomar á mão esquerda por um corredor de pederneira dilatada, onde elle se acaba, dobrando ao lado direito, atravessa-se um riachinho secco; logo adiante está uma grande penha em cima de outra; na loca da de cima está o letreiro d'este papel (est. 2).

Dando as costas ao letreiro, pelo lado direito, detraz da grande penha, quasi ao nascente, em pouca distancia, está uma pedra grossa em cima e aguda para baixo ▽ com altura de quasi tres homens, cuja ponta está naturalmente assentada em cima de uma lage rasa como que d'ella nascesse, e bem a prumo, que bem parece, quando a terra tremeu estaria ainda calçada de terra, aliás teria adornado, cuja meia fôrma por sagacidade está

esculpida n'elle letreiro com um raminho para baixo, que é a terceira figura, feita por baixo do papel, contando do lado esquerdo para o direito.

Além de outras muitas pedras, que não tive tempo de observar, si suas figuras se acham em dito letreiro, o qual é feito de tinta encarnada com o dedo. E pela pressa com que copiei, poderia descrepar no assignar dos outros caracteres» .

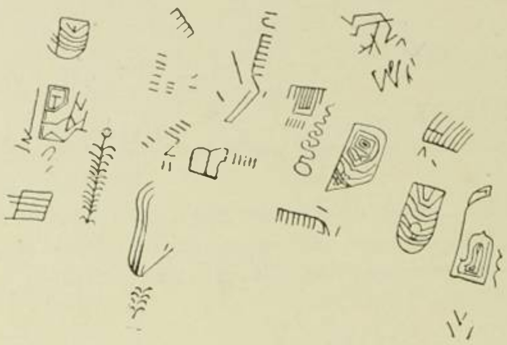
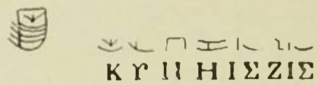
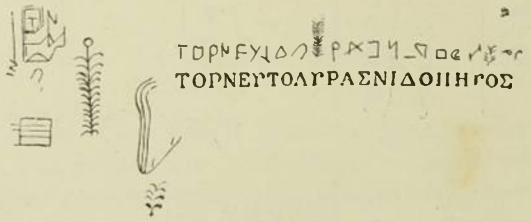
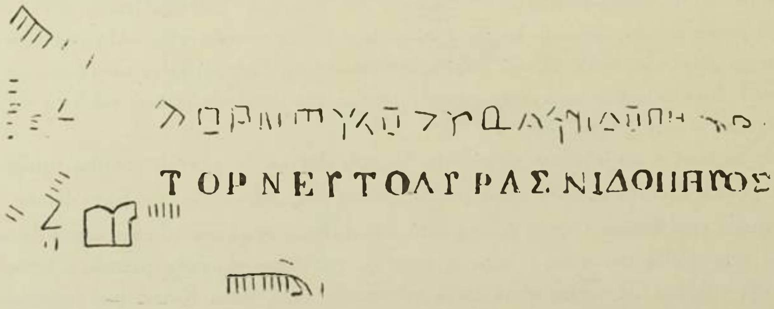


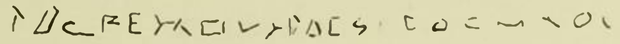
Fig. 1.375

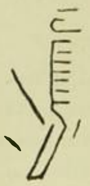
Compõem-se de quatro palavras, comprehendendo a primeira apenas uma e a segunda trez, porém formando uma só e bastante longa como explicaremos. Esta segunda palavra é repetida seis vezes, de fórmas diversas e engenhosas:





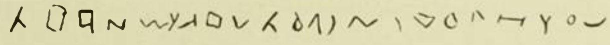






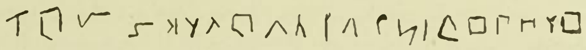
ΤΟΡΝΕΥΤΟΛΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ

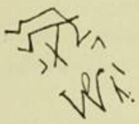






ΤΟΡΝΕΥΤΟΛΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ

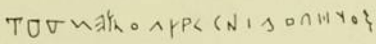




ΤΟΡΝΕΥΤΟΛΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ

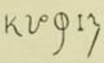


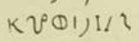




ΤΟΡΝΕΥΤΟΛΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ

 ΙΑΙ interjeição — AH!

Conclue-se que a primeira palavra — ΚΥΠΗΙΣΖΙΣ, seria o nome de afamado artista combinada com as inscripções da cidade abandonada dos sertões da Bahia, esculpida, segundo ficou dito, "... sobre o portico principal da rua está uma figura de meio relevo talhada da mesma pedra e despida da cintura para cima, coroada de louro, representa pessoa de pouca edade, sem barba, com uma banda atravessada em um fraldelim pela cintura; debaixo do escudo da tal figura, tem alguns caracteres já gastos com o tempo, divisando-se porém as seguintes  " que assim interpretamos:



ΚΥΦΙΣΖΙΣ, (veja-se a primeira fig. do respectivo capitulo).

A segunda, ΤΟΡΝΕΥΤΟΛΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ, Dic. Gr. cit., p. 1433, Τορνευτολυρασπιδοπηγος, οῦ (6), (*Comiq. palavra formada pelos comicos ou imitação dos comicos*) torneiro que faz lyras e escudos — R. R. τορνευω, λύρα, ασπίς πηνυμι".

Eis finalmente a interpretação da Est. 2

ΚΥΠΗΙΣΖΙΣ-ΤΟΡΝΕΥΤΟΛΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ

IAI-CYPHISZIS, TORNEIRO EXECUTOR DE LYRAS E ESCUDOS. AH!

*

ESTAMPA 3

«INHAMUM. APERTADOS — Duas leguas distante da fazenda Carrapateira tem uma fazenda chamada Cracará: d'esta buscando o rumo de oesnoroeste, na distancia de 1 quarto de legua, da outra parte do rio, perto de um serrote de pedras alto, está uma pedra sobre outra, na qual me mostrou este letreiro Ignacio Ferreira, morador no Mulungú, perto do Cracará, cujo logar chamam Apertados.

D'aqui olhando para diante está uma pedra com a ponta, que olha para o letreiro, redonda, similhante á figura penultima, que está neste papel pela parte inferior, contando da esquerda á direita, e poderá ter outras balizas, que não descobri.

Olhando para quasi o poente está outro serrote em cima de um alto, que em uma pedra d'elle quasi á parte de leste estão gravados outros caracteres, e tudo de tinta encarnada, que perdi depois de o copiar, e bem parece deve conferir com esse.

O mesmo serrote da pintura é raso para cima e talhado para baixo. »

A presente inscripção é muito complicada e resente-se de grandes erros de copia Sendo porém interessante, fazemos um esforço, dando com as devidas reservas a nossa interpretação como a todas as outras desta serie:

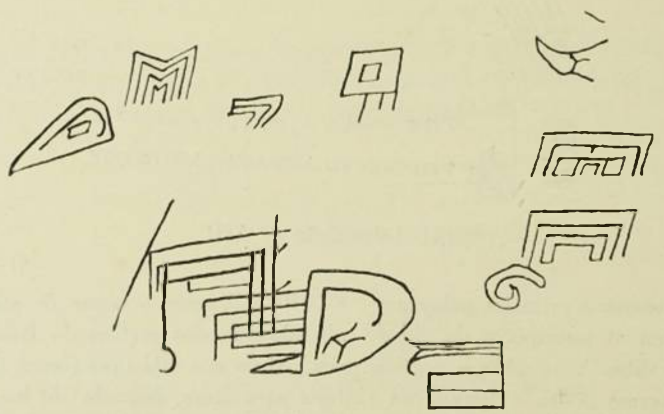
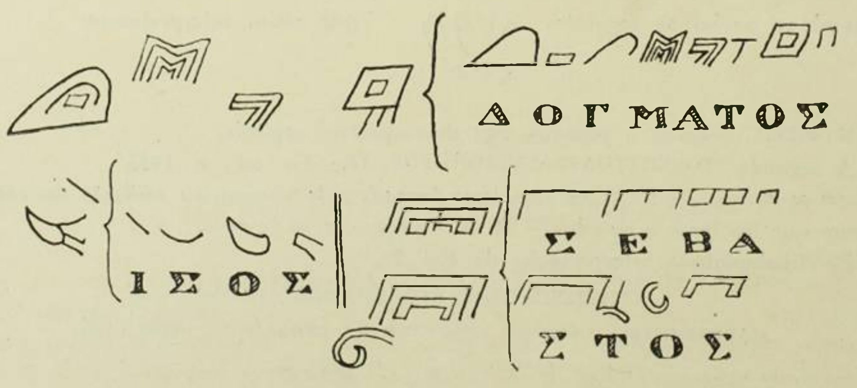
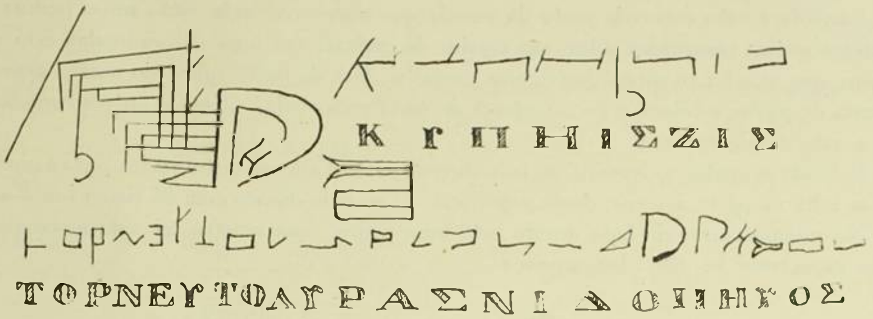


Fig. 1376





ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΙΣΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ ΚΥΠΗΙΣΖΙΣ ΤΟΡΝΕΥΤΟΑΥΡΑΣΝΙΔΟΙΗΥΟΣ

AVISO: É EQUITATIVO O HONRADO CYPHISZIS, TORNEIRO, EXECUTOR DE LYRAS E ESCUDOS

*

ESTAMPA 4

«INHAMUM. JATOBÁ — Do Jatobá, buscando o poente, entre o rio e a estrada do Tauá, está uma pedra redonda mais alta que um homem, com a ponta para baixo, aguçada, assentada em cima de uma pequena lage rasa, em cuja face da parte do poente, eu vi um letreiro, que me foi mostrar Ignacio Ferreira, morador no Mulungú, cuja forma é esta ∇, e a pintura já estava extincta e sómente extrahi o que se acha neste papel (Est. 4), e que apenas divulguei; e posto que já o havia despresado, depois que conheci a forma do outro, e o modo que usavam estes homens assignalar os outros o ajuntei ».

A 4ª estampa ou inscripção seria, pelo que se deprehende de sua decifração, a epigraphe indicadora das leis sobre carros ou meios de locomoção, de que tratam as de numeros 5 e 8, sendo discordantes do assumpto, a 6 e 7, as reservamos para depois destas.

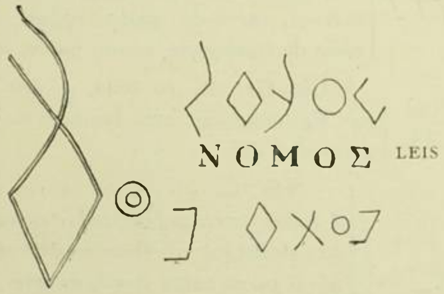


Fig. 1.377

*

ESTAMPA 5

«INHAMUM. LAGÔA DE ARNEIRÓS — Saindo da Carrapateira para o Caracará, na distancia de meia legua, seguindo por uma vereda que sae á mão esquerda, está uma lagoeta chamada Arneirós, a distancia desta passa um serrote de pedra á mão esquerda, adiante passa um massapê, no fim do qual, onde vai subindo um taboleiro, se descobre

outro serrote á mão esquerda perto da vereda que seguimos, onde estão umas pedras redondas e outras compridas sobre um lageiro de pedras; em uma das redondas está este letreiro, que se acha ao correr das figuras pretas na face da parte quasi do norte, gravado a ponta de picão, e cobertos os caracteres de tinta encarnada, além de outros caracteres, que se não divulgam mais.

E dando as costas ao letreiro, ao lado direito, perto d'elle em outra pedra, está a pintura que se acha na parte, inferior deste papel (est. 6) ao lado direito com 25 riscos junto a si.

No mesmo correr do lado direito está uma pedra, que mostra ter sido assignalada, cujos caracteres se não distinguem ».

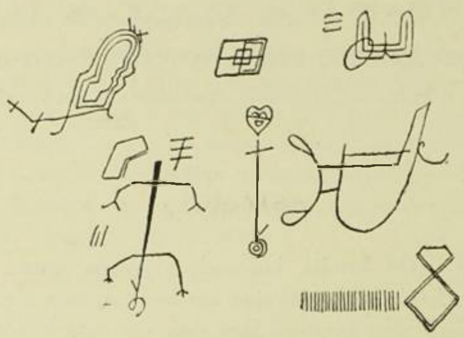
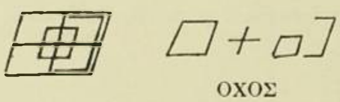


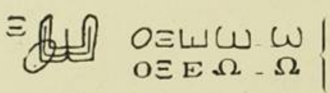
Fig. 1.378



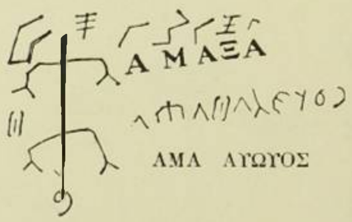
Dic. Gr. cit., p. 1024 οχηματικος, η, ον. que se refere aos carros, ás seges e aos differentes meios de transporte. R. όχημα.



Dic. Gr. cit., p. 1025, Οχος, ου (ό). Carro, carruagem, carroça, carro de quatro rodas, etc., todo vehiculo ou meio de transporte, como: barco, navio, etc.

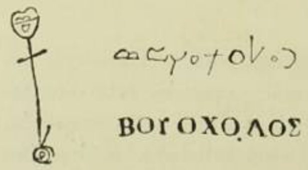


Dic. Gr. cit., p. 1024, p. ηεω. carregar, transportar, etc. fig. conduzir, etc., tambem no sentido neutro: andar a cavallo, etc.

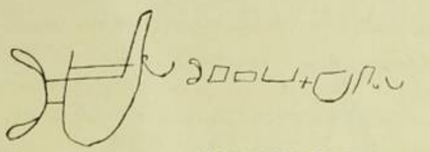


Dic. Gr. cit., p. 69 'Αμαξα, ου ION. ης (η). carro de 4 rodas, carroça, berlinda, carruagem, a grande Ursa (constellação) || Ηαμαξατονβοῦν (*s. ent.* ελκει). Prov.: pôr o carro antes dos bois, etc.

Αμαξαγωγος, οῦ (ο) carroceiro; *ou fig.* (ό. ή). aquelle *ou* aquella que conduz ou que se occupa, *com o gen.* R. R. αμαξα. άγα

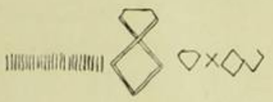


Dic. Gr. cit., p. 289 Βουχολος, ου (ο) boieiro: *Poet.* que apanha ou caça o boi a ponta de agulhão, etc.



ΒΟΟΣ ΧΟΠΟΣ

Dic. Gr. cit., p. 287, Βοοσκοπος, ος *Poet.* que vela sobre os bois ou que os segue atraz e com a vista, etc.



ΟΧΟΣ

25 CARROS.

*

Tratemos da seguinte estampa depois da qual, faremos a respectiva interpretação resumidamente:

ESTAMPA 8

«INHAMUM. MORCEGO — Este letreiro é nos postos da fazenda Carrapateira, no logar chamado Morcego, que lhe fica quasi ao nascente, na tromba de uma grande penha que está sobre outra.

Adiante d'elle, algum tanto mais perto de outras pedras, se acham duas arvores angico, muito antigas e já com um galho cortado, cujas fórmas mostram foram similhantes as que estão esculpidas em cima da linha curva.

Dando as costas á pintura, encostado a ella, ahi perto, ao lado esquerdo, está uma pedra comprida para cima; mais abaixo que a penha grande, cuja carapuça é desta forma ꟷ⌉, e para baixo vai alargando como a que vai assignalada no principio d'este letreiro ao lado esquerdo, que fielmente copiei; o qual é todo de tinta encarnada bem viva.

Ao mesmo lado, a uma vista longe, se divulga em outro serrote outra carapuça de pedra da mesma feição, porém mais alta ».

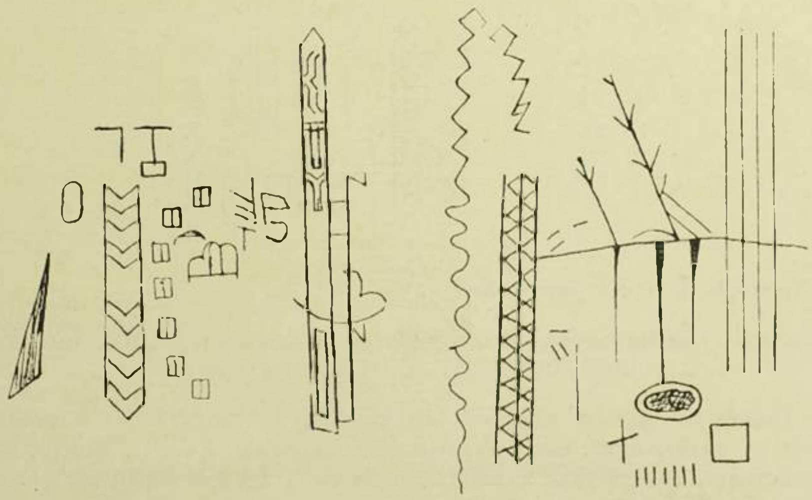
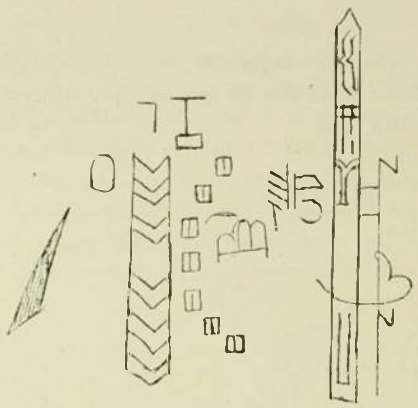
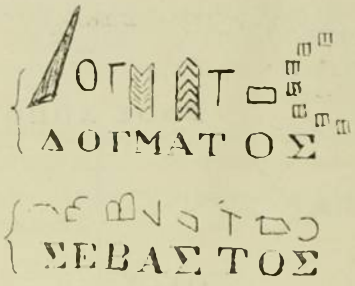
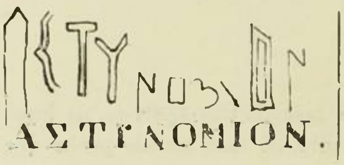


Fig. 1.379

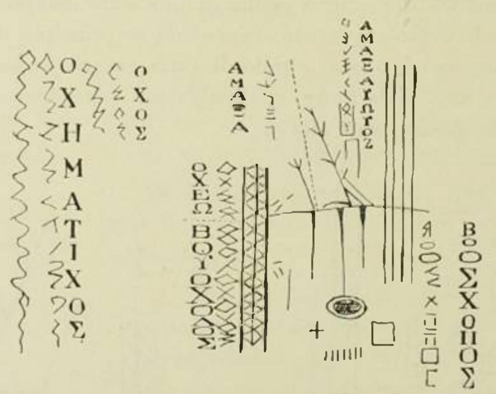






Dic. Gr. cit., p. 237: Αστυνομιος, ον (τό); logar de sessão ou audiencia dos astynomos ou edis, etc.

Vocabulario *Etymologico, Orthographico* e *Prosodico*, de Ramiz Galvão, Rio de Janeiro, S. Paulo etc. 1909, p. 95: *Astynomo* s. m. (ant.) magistrado grego, que velava sobre a policia e alinhamento das ruas. || De αστυνομος (form. de αστυ cidade + νομος lei, regra, Deriv.: *astynomia* (s. f.).



Interpretação da 4ª e 5ª inscripções:

ΝΟΜΟΣ ΟΧΟΣ — ΟΧΗΜΑΤΙΧΟΣ — ΟΧΟΣ — ΟΞΕΩ-Ω ΑΜΑΞΑ ΑΜΑΞΑΥΩΤΟΣ ΒΟΥΟΧΟΛΟΣ ΒΟΟΣΧΟΠΟΣ ||||||||||||||||||||||||| ΟΧΟΣ

LEIS DE CARROS OU QUE SE REFEREM AOS CARROS, ÁS SEGES E AOS DIFFERENTES MEIOS DE TRANSPORTES, COMO: CARRUAGENS, CARROS DE 4 RODAS, BARCOS, NAVIOS CONDUCTORES, CAVALLEIROS, CARROÇAS, BOIEIROS E OS QUE VELAM OU SEGUEM OS BOIS. 25 CARROS

Interpretação da 8ª abreviadamente:

(III γ') ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ ΑΣΤΥΝΟΜΙΟΝ — ΟΧΗΜΑΤΙΧΟΣ — ΟΧΟΣ, etc.

LEI OU INSTRUCÇÕES DO VENERAVEL, REFERENTES AO LOCAL DA AUDIENCIA DOS ASTYNOMOS OU EDIS (MAGISTRADOS GREGOS QUE VELAVAM SOBRE A POLICIA, ALINHAMENTO DAS RUAS) E AOS DIFFERENTES MEIOS DE LOCOMOÇÃO

*

ESTAMPA

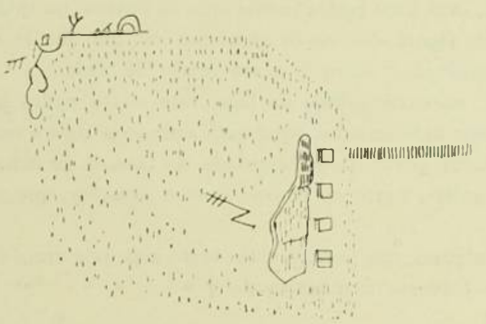
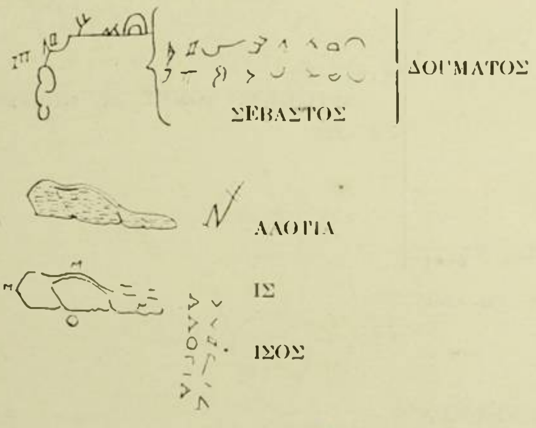
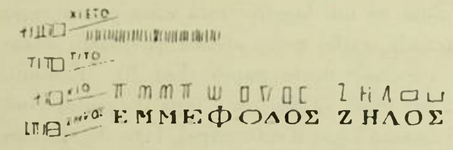


Fig. 1.380





54 traços applicados em varias palavras como fica demonstrado.

A interpretação já está feita em anteriores inscripções.

*

ESTAMPA 7

«INHAMUM. LAGÔA DE ARMERÓS — Mais adiante do logar antecedente, n. 5, pela mesma vereda, ao lado esquerdo, se encontram varias pedras meio-redondas, mais altas que um homem, sobre um lageiro de pedras, em cima das quaes, da parte do poente, está o letreiro deste papel (Est. 7), que vai rodeando a pedra com os riscos do modo e numero que aqui se acham, pela parte do sul até a face da parte do nascente, feito com o dedo de tinta de cochonilha; e só copiei o que divulguei, porque estava já quasi extincto.

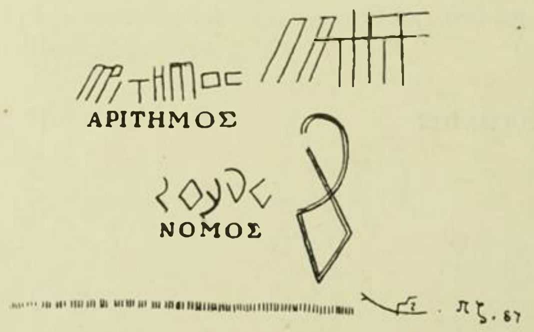
Perto desta pedra está outra do mesmo tamanho, que ainda mostrava ter sido assignalada; nada porém se divulgava mais para copiar-se.

Dando as costas á face do poente, olhando ao lado direito, no meio do lageiro, na parte mais baixa d'elle, está uma pedra menor que as outras, na qual estava a figura que se acha aqui adiante da figura dos riscos atravessados, que lhe ficam acima, que muito mal percebi por conhecer já o outro e o seu modo de usar.

Mais acima desta, na extremidade da lage, está outra pedra meio-redonda, onde se acha a pintura dos riscos atravessados, que está acima da figura ou astro supradito.

Para a parte do norte, perto da extremidade do lageiro, se acha um arvoredo angico muito antigo, de tres galhos junto ao tronco, com o caracter, que está nesta pintura em cima do travessão.

A balisa deve ser alguma das pedras, cujo tecto seja por cima orbicular com a forma que está em cima da travessa á maneira de (⌒".



ΑΡΙΘΜΟΣ ΝΟΜΟΣ =: NUMERO DE LEIS

Fig. 1.381

*

ESTAMPA 9

«Adiante do sobredito letreiro, n. 8, em cima de um lageiro, está uma pedra meio redonda, na face da qual, da parte da penha grande, estão assignalados os quatro caracteres, que se acham em carreira para parte superior deste papel (Est. 9). E d'ahi, olhando para cima da penha grande se divulga em cima d'ella uma lapa de pedra com o caracter que imita ao que está assignalado no mesmo logar d'este papel, logo depois dos ◎, algum tanto apagados, e apenas divulguei o que aqui assignalei.

Saindo da pintura grande, n. 7, ao lado direito, como quem vai rodeando o serrote, se acha um corredor de pedra, em cuja face está assignalada a forma, que se acha neste

papel ao lado direito na parte inferior, com os riscos que lhe estão a um e outro lado, e na parte superior separadas das outras de cima, e todas bem distinctas, de tinta encarnada ».

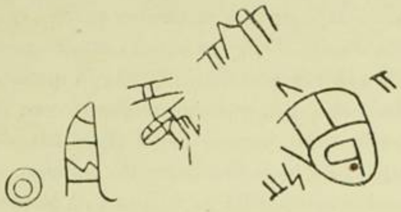
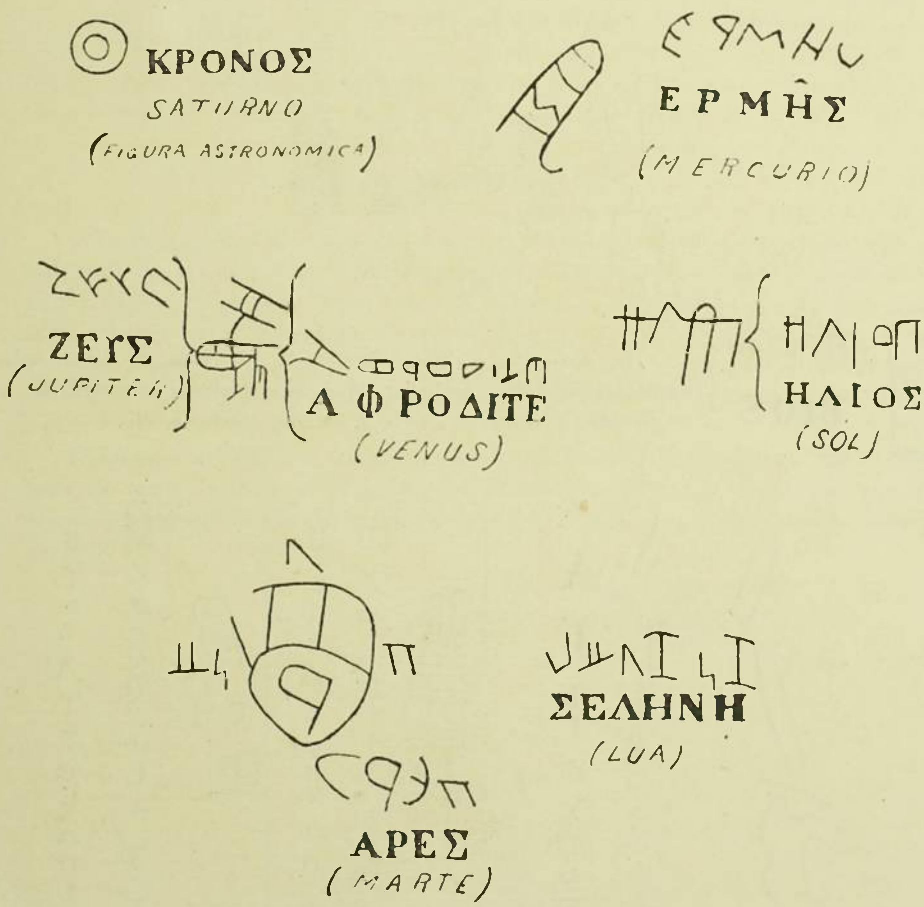


Fig. 1.382



ESTAMPA 10

«Estando no logar da pintura grande, e olhando quasi ao poente, logo se vê um corredor perto, entre duas pedras, que vae saindo para um taboleiro baixo.

Na ponta do lado direito está a pintura de muitas pernas, que se acha na extremidade deste papel (Est. 10) ao lado direito d'elle; para cujo logar apontam as duas linhas compridas, que estão no meio da pintura grande n. 7, mas já quasi extinctas.

E em uma penha preta e alta que está emparelhada com esta, ao lado esquerdo, se acham os caracteres, que estão neste mesmo papel (Est. 10), desde o lado esquerdo até a figura meio quadrada empastada, que fica perto do coração, a saber: o coração com a seguinte estão da parte do sul, e as mais da parte quasi do poente ou norte. E bem mostrava ter mais alguns caracteres, que já se não divulgam ».

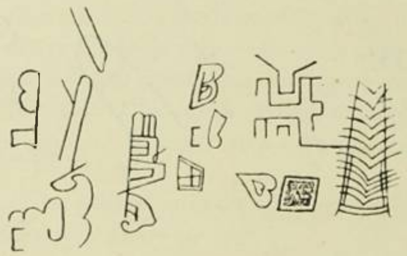
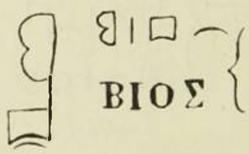
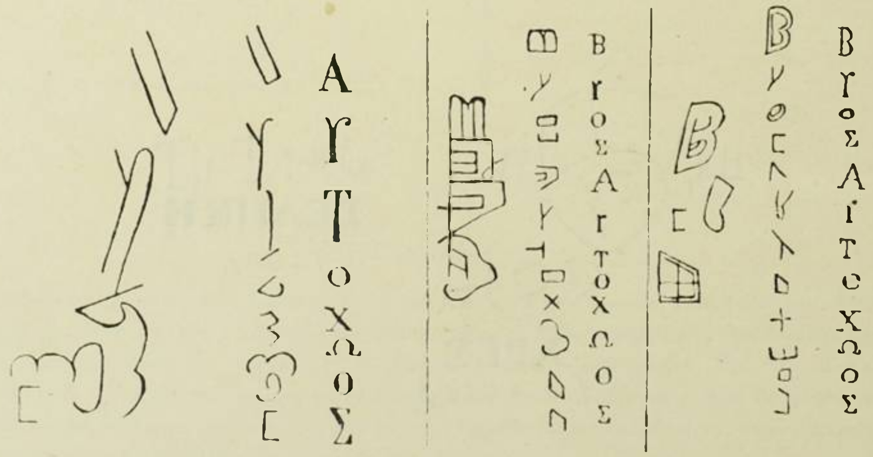


Fig. 1.383



Dic. Gr. cit., p. 283 — Βιος, ου (ὁ), 1ª vida; 2º viver, subsistencia; 3º bens, fortuna; 4ª a humanidade, a sociedade; a civilisação; 5º maneira de viver; estado, condição, etc.



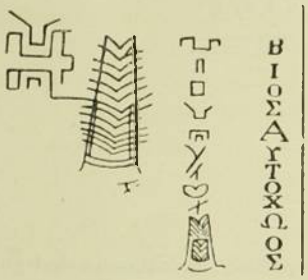
Αὐτόζωος, ος, ον. Dic. Gr. p. 251: que vive por si mesmo, que possue a vida em si. R. R. αὐτ, ζωος.



Esta parte da inscripção está incompleta, segundo percebe-se e evidencia-se da respectiva explicação. Do pequeno quadro com gravura escura, que se acha invertido, podemos perceber mais ou menos, o interessante desenho que ampliamos.



Resta-nos a ultima figura, e é a de que passamos a tratar:



Conclue-se pois que:

BIOΣ AYTOXΩOΣ, significa: VIVER POR SI MESMO OU COM AUTONOMIA.

Tal seria talvez o systema constitutivo do viver social ou politico do povo de que ora tratamos.

*

ESTAMPA 11

«Encostando-se á dita pintura grande, n. 8, olhando para a parte de lessueste, quasi para onde dão as pontas superiores das 4 linhas, que estão na extremidade do papel (Est. 11), ao lado direito, as quaes se vê por baixo da tromba da pedra até sua extremidade superior se descobre um serrotão grande de pedras, umas sobre outras á maneira de uma torre; e na lóca d'esta, quasi á parte do sul ou lessueste, se acham no tecto de dentro os caracteres d'este papel (Est. 11) feitos de tinta de cochonilha ainda bem vivas, que fielmente copiei.

Desviando-se d'ella, um pouco para a parte do poente, se divulga em cima da ultima pedra do mesmo serrote outra pedra com a forma similhante á figura, que está n'este papel, na extremidade da parte direita delle. E si tem mais alguma baliza, não pude descobrir ».

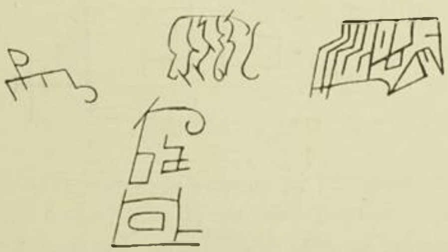
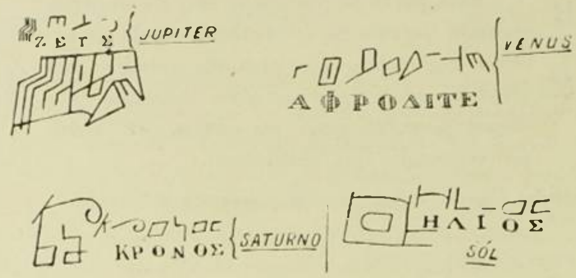


Fig. 1.384





*

ESTAMPA 12

«INHAMUM. RIACHO-VERDE — Do Mulungú, buscando o poente, na distancia de legua e meia, á beira do tal Riacho verde, está uma pederneira preta; e na maior d'ella, na face do poente, está este letreiro de tinta encarnada ainda bem distincto.

Adiante d'elle para o poente se avista uma arvore aroeira alta com a fórma de que se acha esculpida neste papel (Est. 12), ao pé da qual estão quatro lapas enterradas desta sorte:



em cruz em linha recta para a parte da pintura.

Ignacio Ferreira foi quem me conduziu a este logar deserto. E si alguma pedra lhe serve de balisa ou ponto, não descobri, porque então ignorava o modo de procurar ».

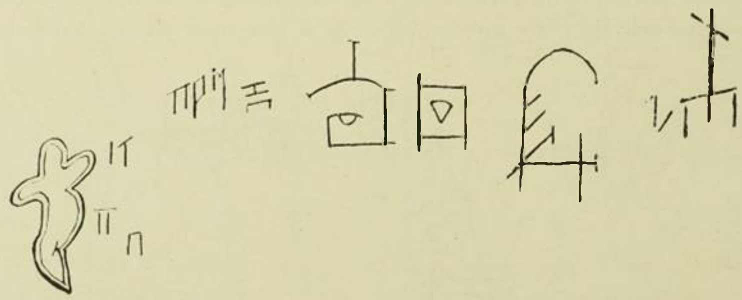
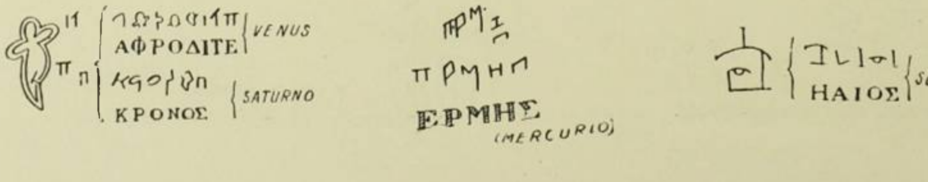
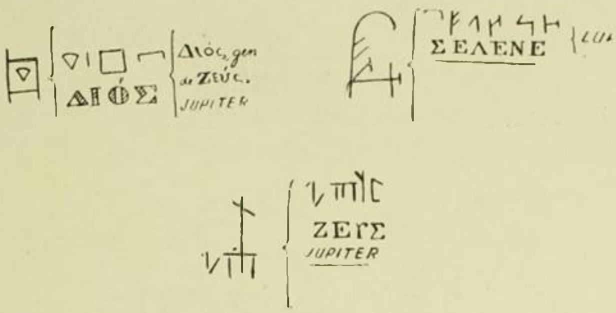


Fig. 1.385





*

ESTAMPA 13

«Inhamum. cracará — Saindo pela estrada da Carrapateira, já perto, á vista, ao lado direito, detraz de um juremal, está uma penha grande e alta á beira do rio, circulada de outras menores, na face da qual, da parte de leste, se acham somente impressos os caracteres, que estão neste papel (Est. 13), feitos de tinta encarnada; e posto que já algum tanto extinctos, mas bem os divulguei, que fielmente os extrahi na forma que elles estão. E se havia mais algumas letras, já se não percebem ».

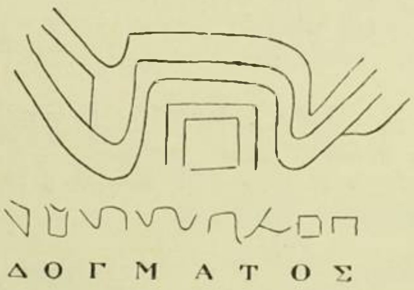


Fig. 1.386

*

ESTAMPA 15

«Inhamum. cracará — Saindo da pedreira n. 14, buscando ao norte, e subindo um alto se descobre uma pedra com a fórma de um barco pequeno com a pôpa sentada em terra e a prôa levantada para o poente, encostada sobre outras pedras pequenas com a forma seguinte:



cujo caracter está esculpido na pintura n. 14 na ponta da pedra aguda notada por balisa, em cuja testa da prôa, da parte do poente, está este letreiro já quasi extincto do qual trabalhosamente copiei o que pude divulgar ».

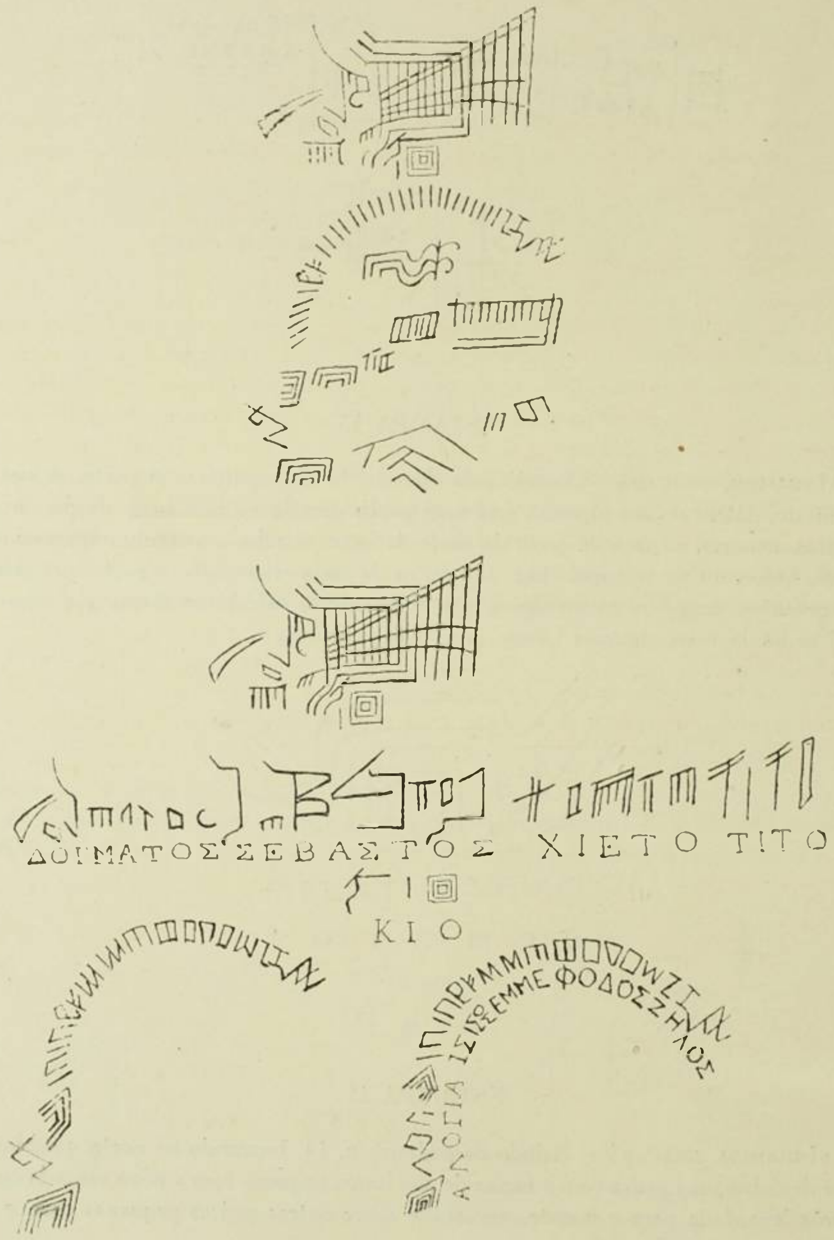
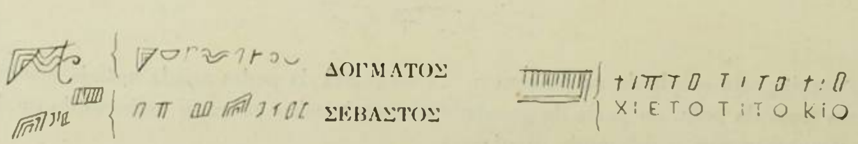
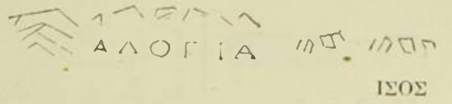

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ ΧΙΕΤΟ ΤΙΤΟ
ΚΙΟ

Fig. 1.387


ΔΟΓΜΑΤΟΣ
ΣΕΒΑΣΤΟΣ
XIETO TITO KiO



Conforme se vê, pela explicação da Est., está incompleta esta ultima parte. E' porém assumpto já conhecido e offerece a fórma da inscripção um magnifico exemplar artistico.

*

ESTAMPA 16

Inhamum, cracará — Dando as costas á penha do n. 15, como quem segue para um morro, que os habitantes chamam *Morro*, que é ao norte, antes de chegar a este, se divulga um serrotão de penhas, que representa um castello ou forteleza, que atravessa quasi de norte a sul, e na ponta que corre para o norte, da parte do poente, se acham os caracteres deste papel (Est. 16), feitos de tinta encarnada, de que fielmente copiei o que ainda pude divulgar.

Se aqui tem alguma balisa, a não soube descobrir, por ainda me faltar a experiencia e divulgar que na mesma parte, onde estão as pinturas, vê-se um recantilhado no talhado do serrote d'esta feição



bem similhante á figura, que se acha na penha n. 15, na parte superior do papel, olhando para o lado esquerdo, que lhe fica ao norte, para onde apontam as pontas das figuras. »

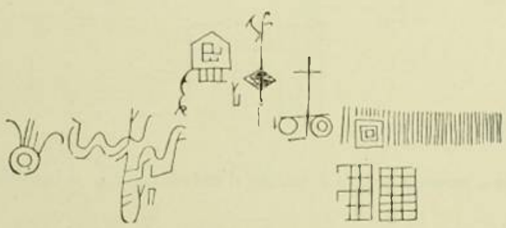
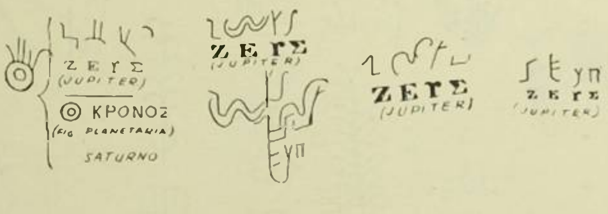
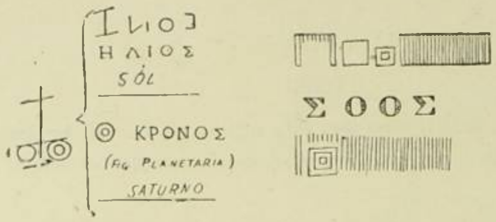


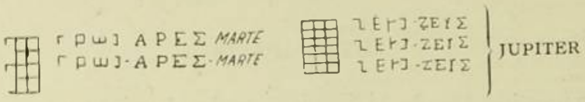
Fig. 1.388







†Σόος, ος, ον. *Poet*, donde *a forma Att*. Σῶς, ῶς, ῶν, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, etc

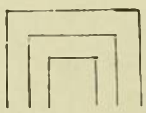


*

ESTAMPA 17

«Inhamum morro — Deixando o serrote n. 16, seguindo para o Morro, chegando a elle, dar-lhe as costas, seguir pela parte do norte, e d'elle na distancia de tres ou quatro estadios pouco mais ou menos, se acha um lageiro de pedra, em cima do qual está uma pedra quasi redonda, mais alta que um homem, rasa para cima e algum tanto estreita para baixo, tres lascas grandes de pedra ao pé d'ella, posta perto da extremidade do lageiro da parte de léste; na qual se acham os caracteres d'este papel (Est. 17). na face de poente e sul, feitos de tinta de cochonilha,

A fórma da pedra é desta feição ▭, e por isso aquella figura que está no tecto do ramo mais comprido



bem parece mostrar ser a mesma pedra a balisa d'este letreiro, e tambem poderá ser outra »

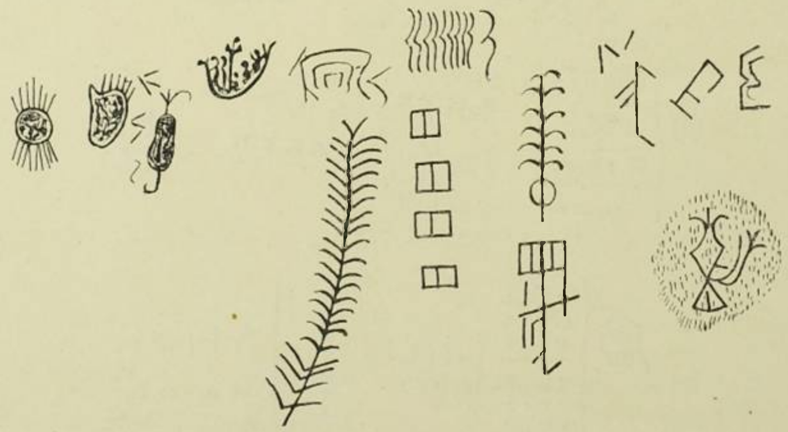
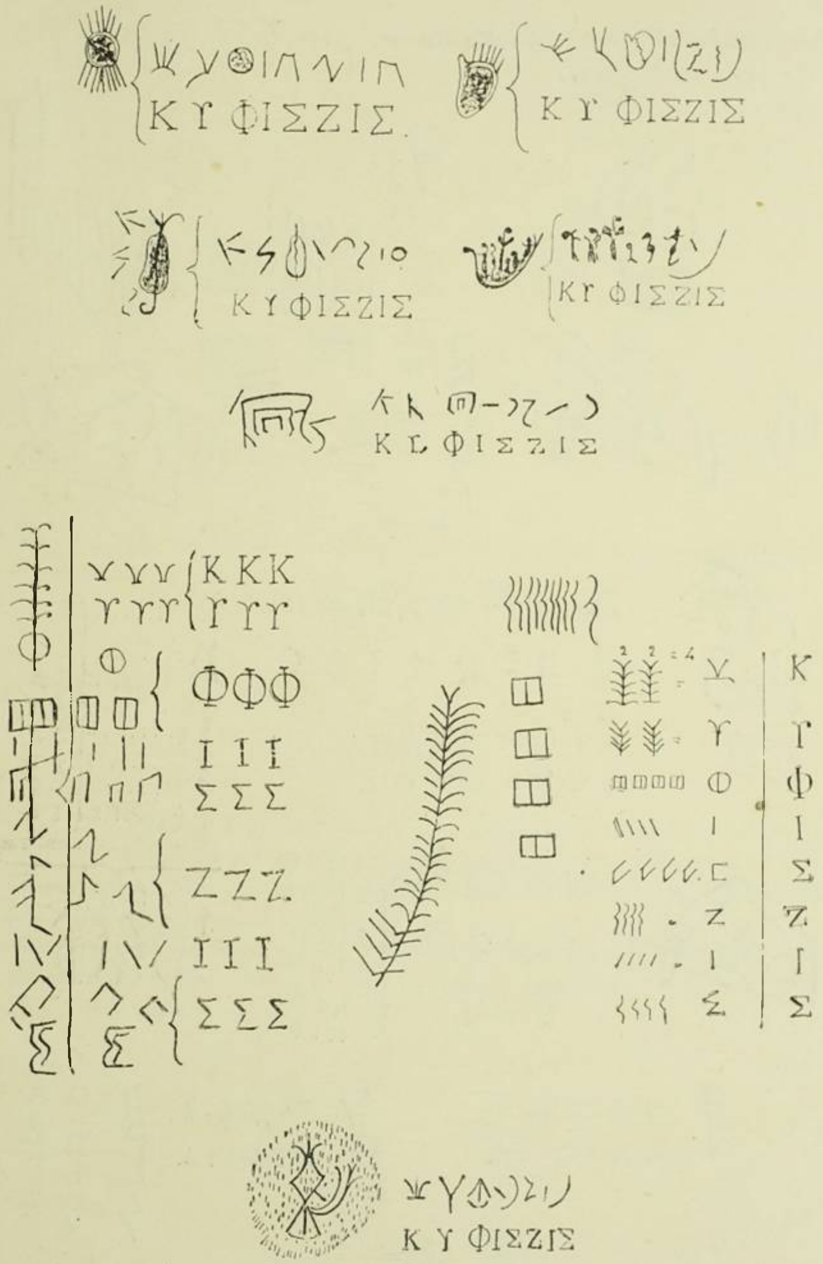


Fig. 1.389



A presente inscripção é do mesmo systema da precedente, repete porém a palavra quatro vezes.

ESTAMPA 18

Este desenho não traz explicação alguma.

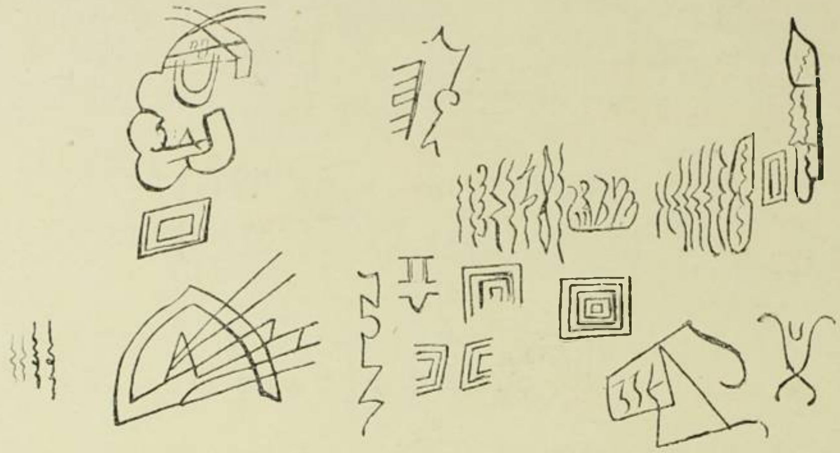
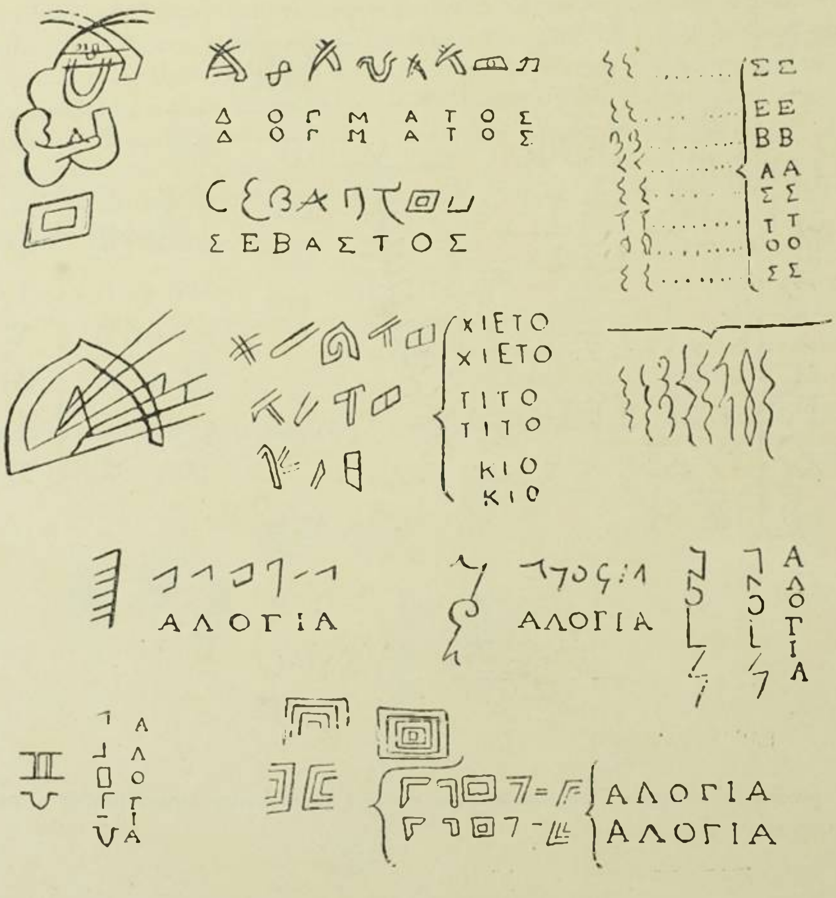
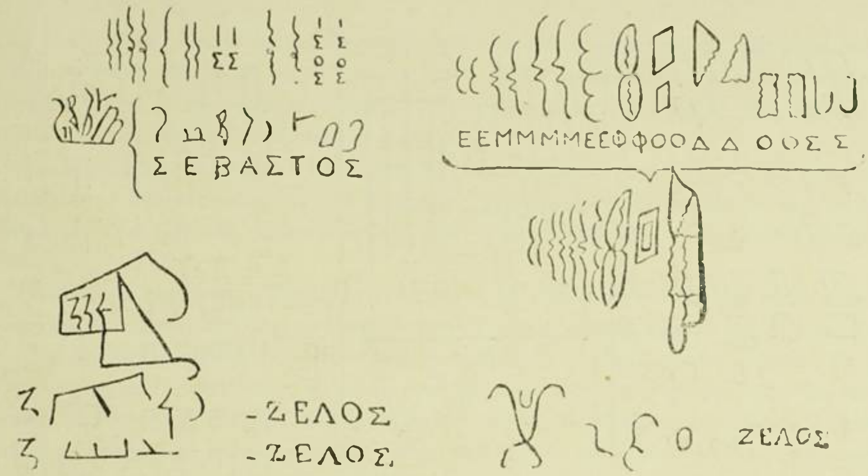


Fig. 1.390





Deduz-se que esta inscripção já está interpretada; é porém formada em duplicata e com muito engenho.

*

ESTAMPA 19

«Inhamum, açude da Carrapateira — Do açude da Carrapateira para a parte do esnoroeste pouco mais ou menos em pouca distancia, em uma pederneira, na face do norte, está esta pintura feita com o dedo de tinta encarnada. Já se acha quasi extincta; porém ainda a divulguei, quando extrahi.

A balisa parece ser o mesmo serrote, por ter a mesma forma da pintura, formado de algumas pedras sobre outras, raso por cima. Antonio José Ribeiro, europeu, foi quem me conduziu a este paiz ».

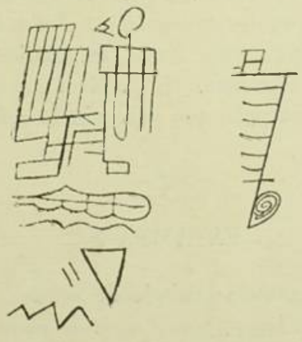
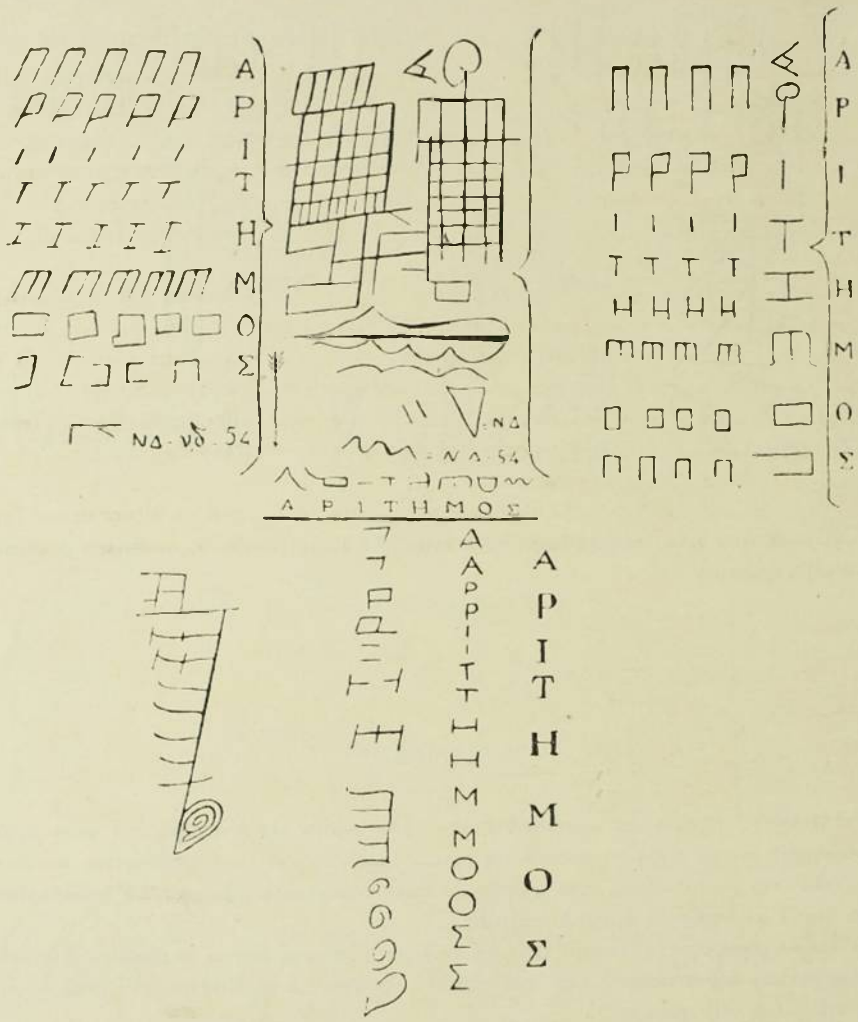


Fig. 1.391



ΑΡΙΦΜΟΣ, ♑: — NUMERO 5,4 — Dá-nos a entender que se trata de cinco vezes repetir a palavra da primeira inscripção e quatro da segunda. Assim fazendo, obtivemos o resultado que ahi deixamos, sendo portanto uma fórma enigmatica, segundo alguns exemplares por nós interpretados, bem interessantes. E' possivel que os traços ora refeitos, tenham desapparecido e conforme a explicação que antecede ás referidas inscripções.

*

ESTAMPA 20

«INHAMUM, POÇO DO MULUNGÚ — Saindo do açude a Carrapateira para o norte, na distancia de meio quarto de legua, pouco mais ou menos, d'ahi buscando o noroeste como quem segue para o logar a quem os vaqueiros chamam Poço do Mulungú, e d'esta

volta tendo andado mais de meia legua para diante antes de chegar ao dito poço, no meio do campo está uma pedra preta, grande, sobre outra baixa inclinada para o poente, em cuja face, quasi ao noroeste se acham as letras, que estão neste papel (Est. 20) na parte superior ao lado esquerdo unidas com a letra G.

Dando-lhe as costas se vê logo adiante, pouco mais de uma braça, uma pedra da altura de um homem, triangular d'esta forma △, na qual estão as letras, que se acham neste papel (Est. 20), na parte inferior ao lado esquerdo abaixo do G, e todas ainda bem vivas.

Subindo a pederneira grande, no seu plano se acham as formas que estão separadas d'aquellas ao lado direito do papel com as pontas para o poente; e posto que já com o tempo estavam extinctas, sempre copiei o que pude perceber. Esta penha superior da parte do poente extende uma aba, formando uma pequena lóca, que apenas cabe um ou dois homens de cocoras, d'entro da qual, na parte superior, se acham os caracteres de travessas e estas com as muitas pernas, que pucham para o poente, como se vê aqui ao lado esquerdo d'esta lauda, e tudo de tinta encarnada.

D'aqui mesmo olhando para o sul, ahi perto, está uma pedra da altura de um homem meio redonda por cima, o qual bem mostrava ter sido assignalad a, mas nada se pode perceber mais, quando eu a vi ».

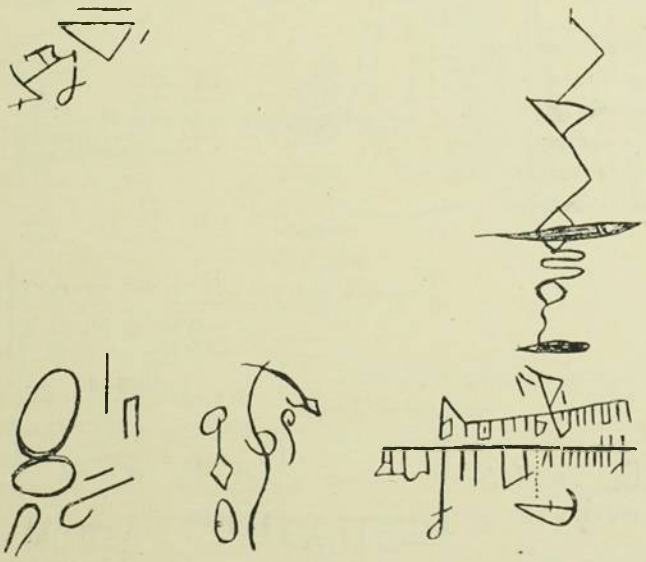
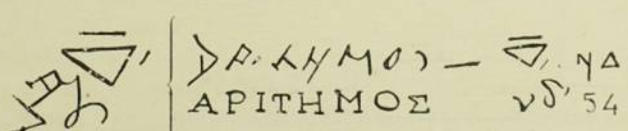
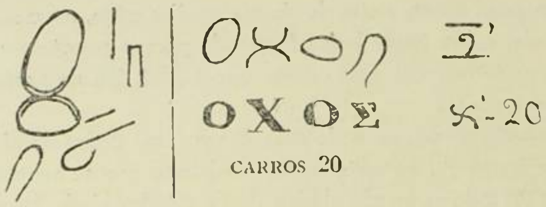
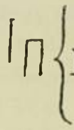


Fig. 1.392



NUMEROS 5,4

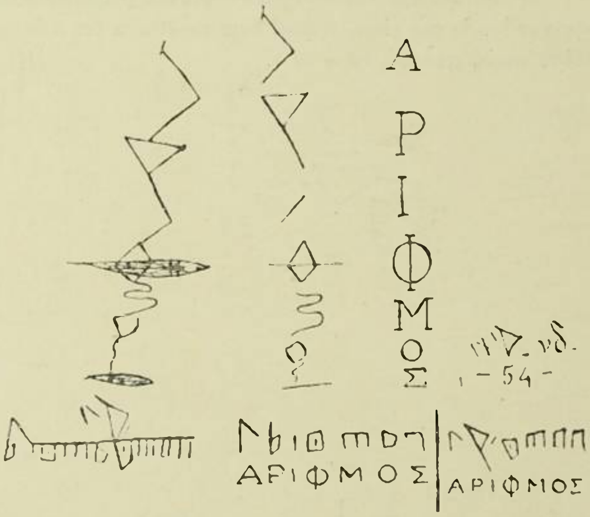




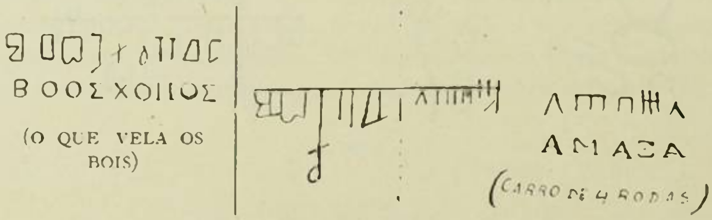


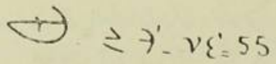
BOIEIRO

As trocas e comissões dos traços destas figuras são, com effeito, bem sensiveis, quando delicadissimos assumptos contém; entretanto procuramos com paciencia corrigil-os.



NUMERO





*

ESTAMPA 21

«INHAMUM, EMBURANAS — Da Carrapateira para Santa-Luzia, na distancia de meia legua, largando a estrada e entrando pelo taboleiro, seguindo quasi o rumo do oesteno-roeste, e na distancia de meia legua, depois de passar varias penhas, no lugar das Emburanas, se encontra um grande lageiro de pedra rente com a terra, e á beira d'este para a parte de léste está uma pedra comprida e grossa, assentada na terra, em cuja face, da parte do norte está esta pintura para a parte do cabeço que corre para o poente, em cujo lugar parece, que foi cepilhado a ferro para o alisarem antes de formar a pintura, que era de tinta encarnada; mas como estava muito ao tempo, já se achava quasi extincta e mal percebi para copiar o que se acha neste papel (Est. 21).

Da parte do nascente, perto d'ella, está uma grande e alta penha, que bem me parece ser a balisa d'este letreiro por imitar muito a forma grande desta pintura, que torna desde o lado esquerdo até mais do meio do papel, separada das outras que estão ao lado direito ».

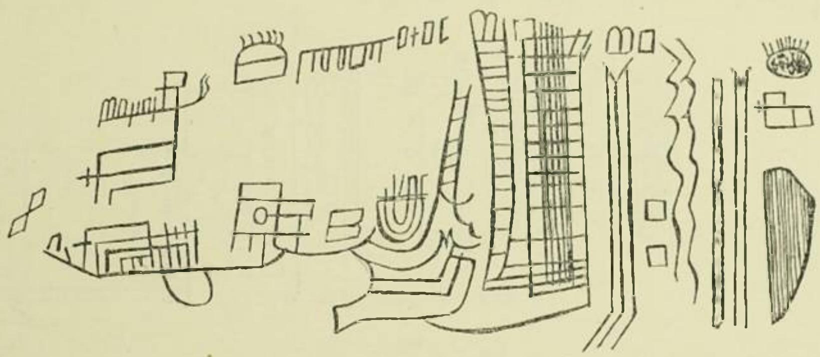
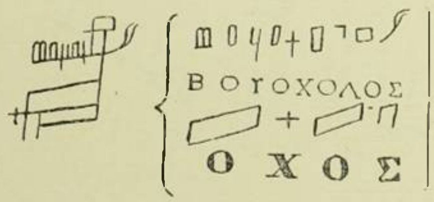
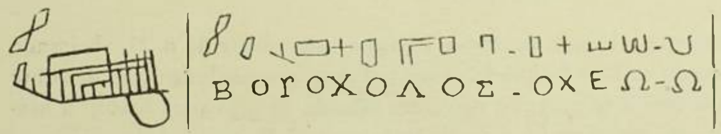


Fig. 1.393

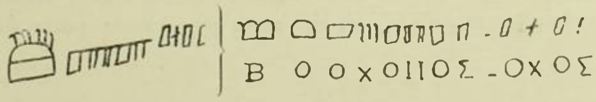


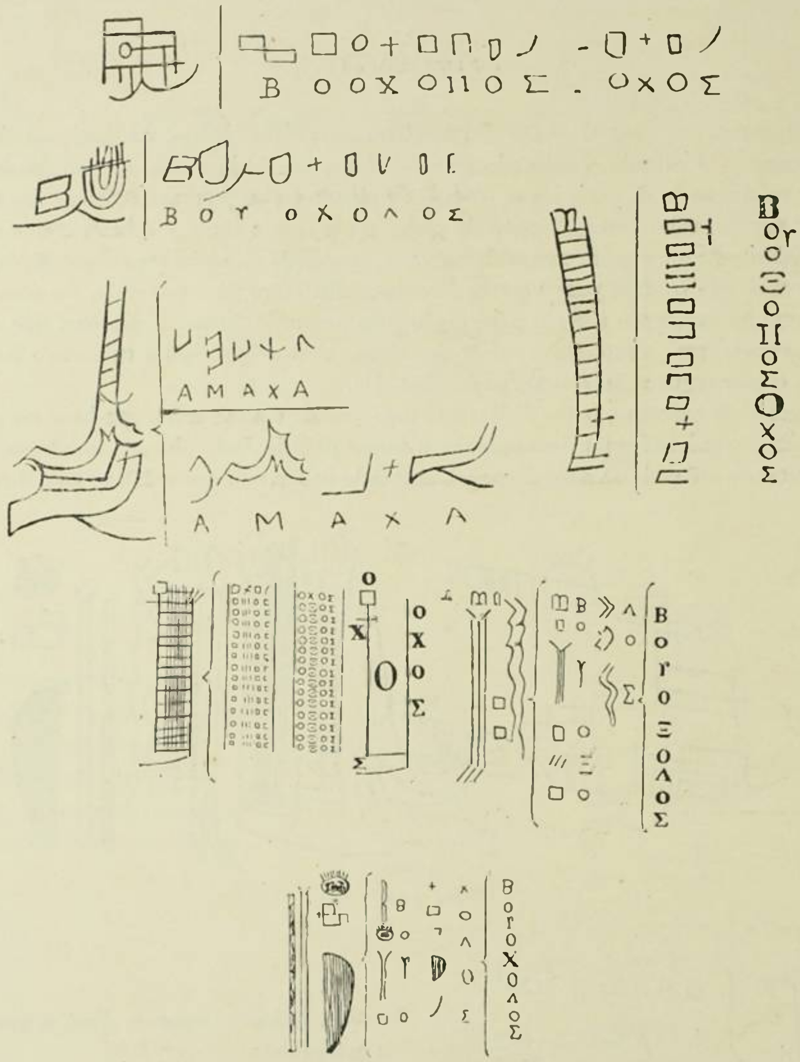
Βουκολος, boieiro, vaqueiro; *Poet.* o que caça o boi com aguilhão.

Οχος, carruagem, carro, sege, carroça, etc.



TRANSPORTAR,
CARREAR,
CONDUZIR, ETC.





*

ESTAMPA 22

« INHAMUM. EMBURANAS. Dando as costas á penha antecedente do n. 21, abeirando o lageiro até que, deixando este, e buscando o sul, adiante poucas braças, se descobre uma grande penha preta com a face para o nascente, talhada de alto para baixo, á maneira de muralha, onde está este letreiro feito de tinta encarnada com o dedo.

No rumo de sua face para a parte do norte, se acha uma arvore angico, garranchuda muito antiga, cujo caracter se acha esculpido nesta pintura da parte direita do papel (Est. 22).

E não tive tempo de examinar, si tem outra balisa. Deste letreiro para adiante quasi ao poente, estão varias pedras, que não tive tempo de copiar ».

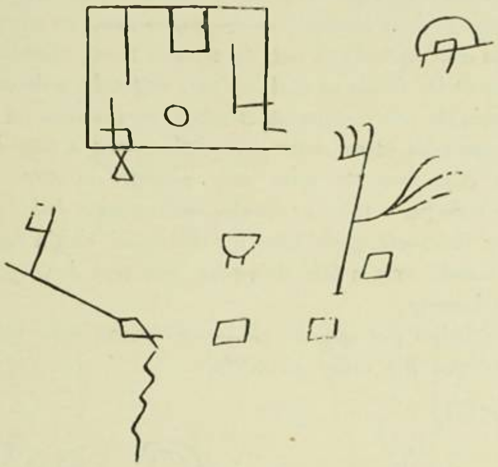
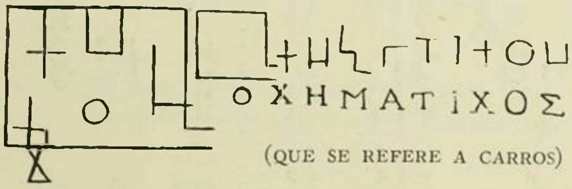


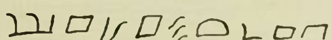
Fig. 1.394



(QUE SE REFERE A CARROS)



(QUE VELA OS BOIS)



Β Ο Υ Σ Ξ Ο Λ Ο Σ

BOIEIRO

*

ESTAMPA 23

«Inhamum. taboleiro do Irapuá. Da fazenda Carrapateira para Santa Luzia de Cratiús, na distancia de duas leguas e meia, pouco mais ou menos, chegando a uma pederneira grande, que está ao lado direito da estrada mais adiante poucas braças, com outra menor á mão esquerda, dando as costas a esta segunda, e deixando a estrada seguir para leste; e na distancia de tres ou quatro estadios, pouco mais ou menos, entre pedras está uma mais alta, assentada sobre outra mais baixa, com a face direita olhando quasi para o ocidente, em cuja face se acha esta pintura de tinta encarnada já quasi extincta, que de longe e de perto mal se divulga, feito com o dedo; porém appliquei todo o cuidado para copiar fielmente, pois bem lhe divulguei ainda todos os caracteres, os quaes são grandes, tomando toda a face da pedra, que tem de largo quasi uma braça, e mais alta do que um homem.

Aqui não descobri balisa por ignorar ainda os termos, que bem pode ser a mesma penha ou alguma das que lhe estão ao norte ».

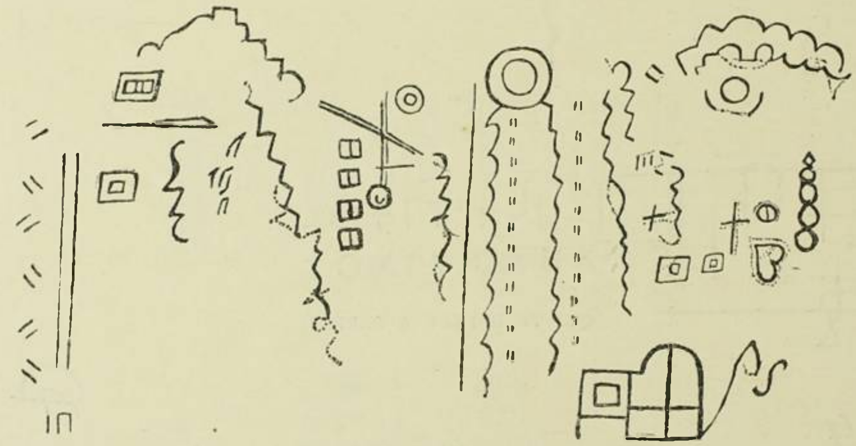
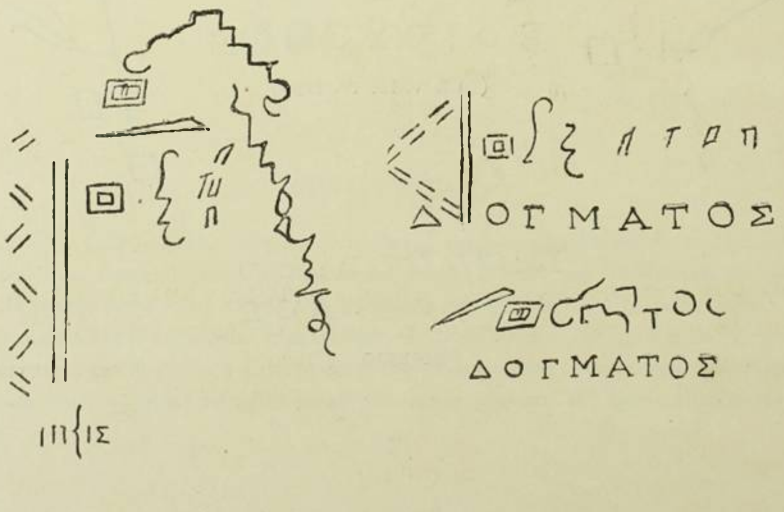
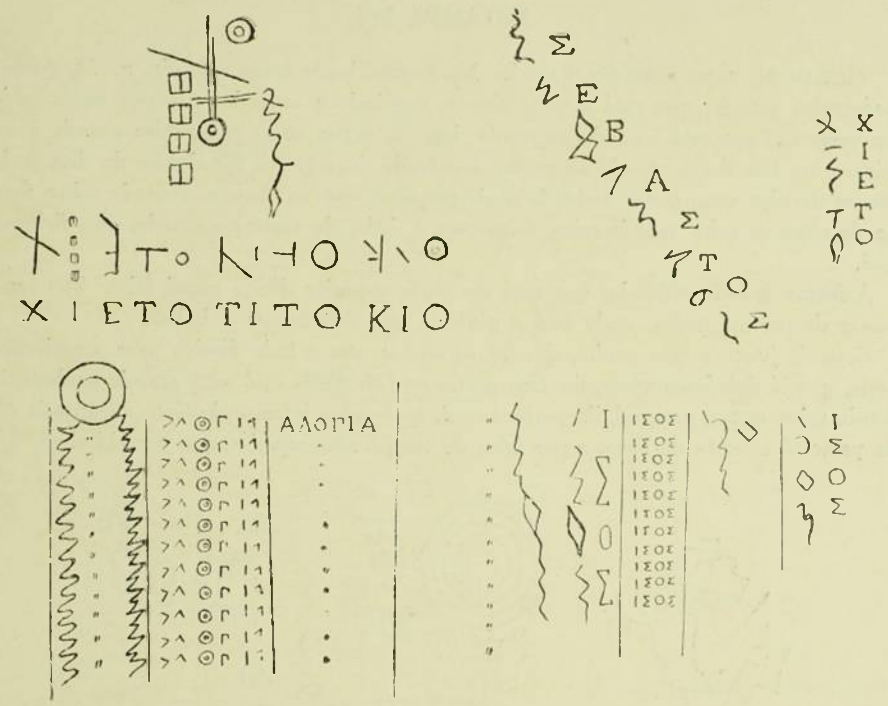
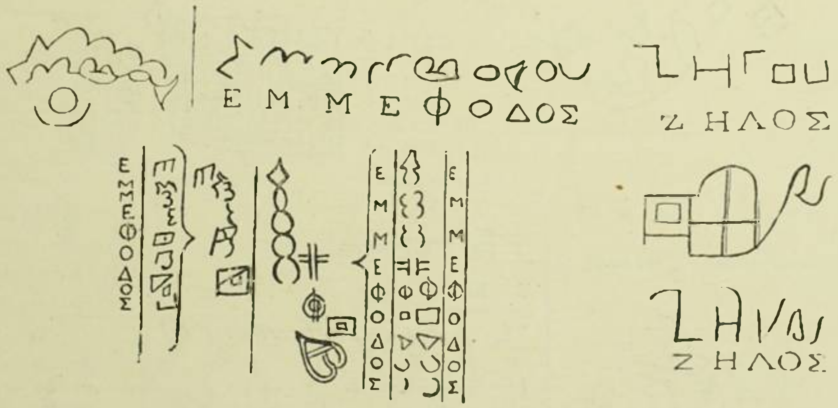


Fig. 1.395





A presente inscripção não só está mal copiada quanto aos traços ou letras, como mal arranjada na disposição das figuras; isto procuramos harmonisar.



INTERPRETAÇÃO:

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ ΧΙΕΤΟ ΤΙΤΟ ΚΙΟ ΑΛΟΓΙΑ ΙΣΟΣ ΕΜΜΕΘΟΔΟΣ ΖΗΛΟΣ

EDITO, LEI OU DECRETO DO VENERAVEL OU AUGUSTO, XIETO TITO KIO:

«E' IMPRUDENTE OU FALTO DE SENSO, NÃO SER FORTE, JUSTO, UNIDO E METHODICO, CONFORME AS REGRAS DA EMULAÇÃO».

*

ESTAMPA 24

«INHAMUM. TABOLEIRO DO IRAPUÁ. No mesmo lugar atraz referido, n. 23, passa-se a pederneira grande, que está á mão direita, seguindo a entrada, passa-se outra pederneira pequena, que está ao lado esquerdo, logo se segue outra pederneira grande á mão direita, e no fim desta, dando as costas á entrada, logo perto por detraz da dita pederneira, se divulga uma pedra redonda mais pequena que as outras, sentada sobre outra, e na de cima se acha este letreiro, feito com o dedo, de tinta encarnada, que fielmente copiei.

A forma grande redonda, que está na parte superior d'este papel (Est. 24)) tem o caracter da mesma pedra, onde está a pintura, que denota ser a balisa.

Estando junto a esta penha, dar-lhe as costas com o lado direito para a pederneira grande, que já deixámos atraz, lhe fica perto; no fim d'ella está uma grande penha qusai redonda sobre outra; na qual, da parte do sul, está outro letreiro de tinta encarnada com uma parte já coberta de limo, e por falta de tempo não copiei o que percebi ».

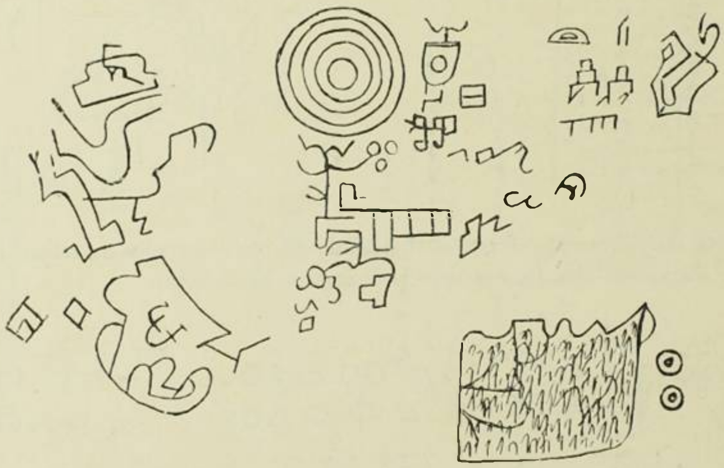
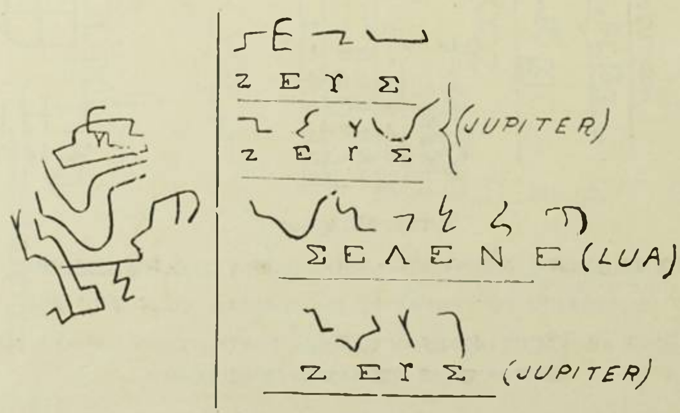
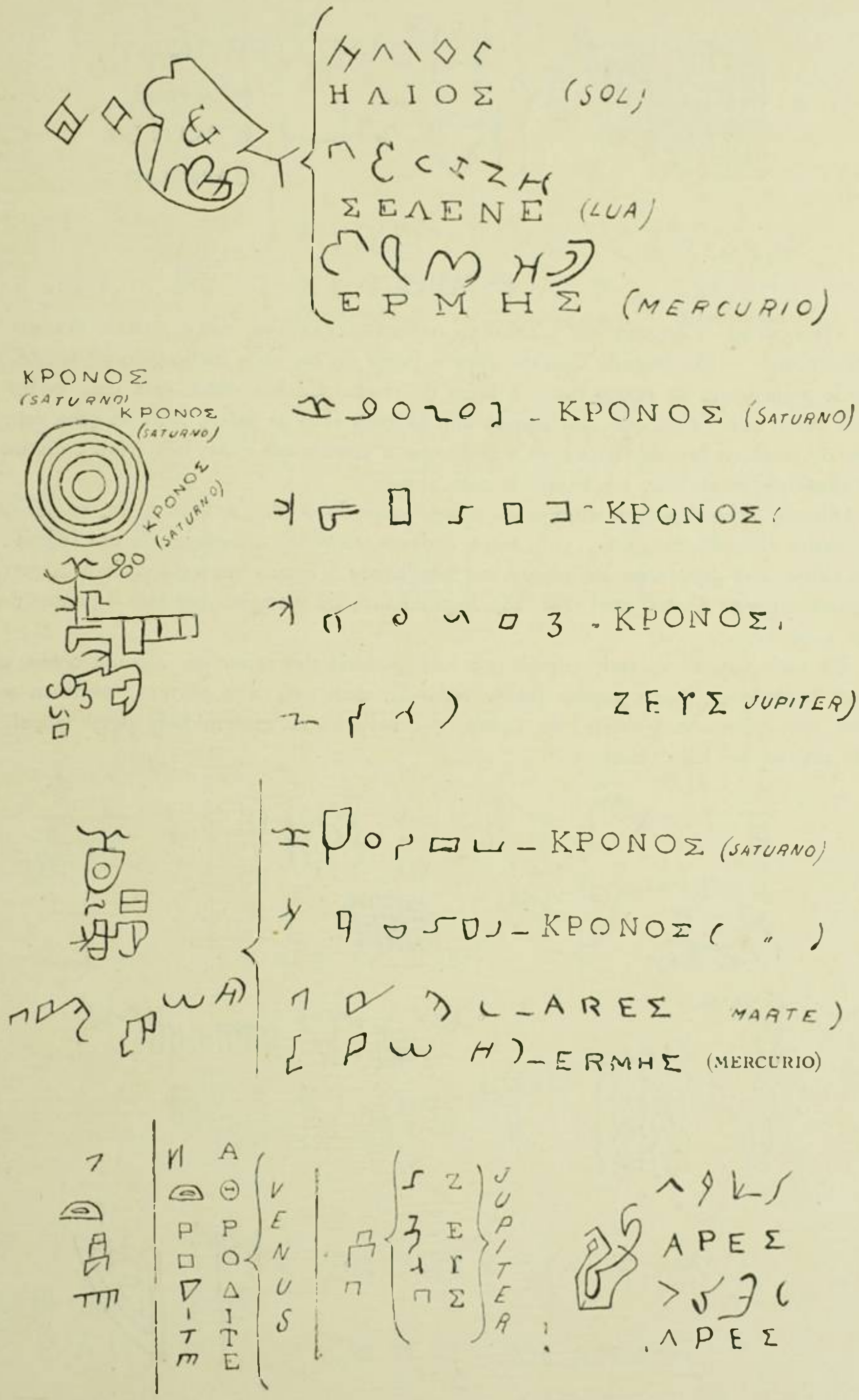
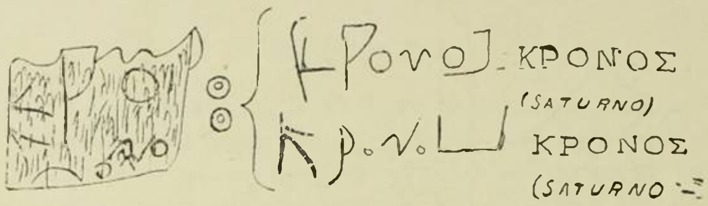


Fig. 1.396




Η Λ Ι Ο Σ (SOL)
Σ Ε Λ Ε Ν Ε (LUA)
Ε Ρ Μ Η Σ (MERCURIO)
ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)
ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)
ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)
- ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)
- ΚΡΟΝΟΣ
- ΚΡΟΝΟΣ
ΖΕΥΣ JUPITER)
- ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO)
- ΚΡΟΝΟΣ (")
- ARES MARTE)
- ERMHΣ (MERCURIO)
Α Θ Ρ Ο Δ Ι Τ Ε
VENUS
Ζ Ε Υ Σ
JUPITER
ΑΡΕΣ
ΑΡΕΣ



*

ESTAMPA 25

«Inhamum. Fazenda da Caiçara, da Carrapateira para cima: riacho da Cachoeirinha — Da fazenda Caiçara para a parte do sul mais inclinando ao suéste, depois de meia legua ou pouco mais, á beira do riacho Cachoeirinha, está uma pedra redonda sobre outra alta, que um homem não alcança com as mãos, onde se acha este letreiro de tinta encarnada, feito com o dedo que a circula em roda, bem vivo e distincto, não obstante estar bem ao tempo e sem abrigo.

Olhando d'aqui para o poente, de outra parte do riacho, á uma vista, se descobre uma pedra alta, de côr preta, cujo tecto é desta feição ^, á maneira de um telhado de duas aguas, que denota ser balisa, por ser simillhante á figura que está ao lado esquerdo, na parte superior d'este papel (Est. 25), logo adiante da primeira que tem 4 pernas e um risco para baixo.

Eu tudo ignorei, quando copiei; por isso poderia descrepar em alguma cousa; mas depois me pareceu, que a mesma pedra redonda, onde estava a pintura, tambem seria balisa, cuja fórma está dentro da figura, que se acha na extremidade desse papel, na parte inferior ao lado direito».

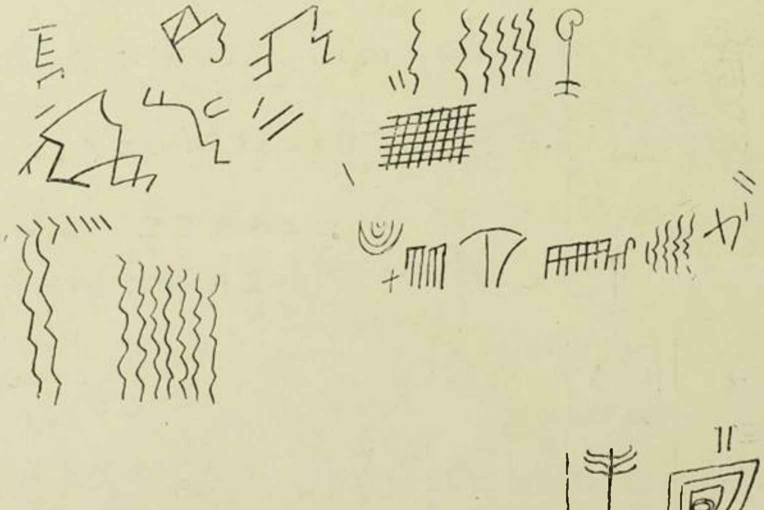
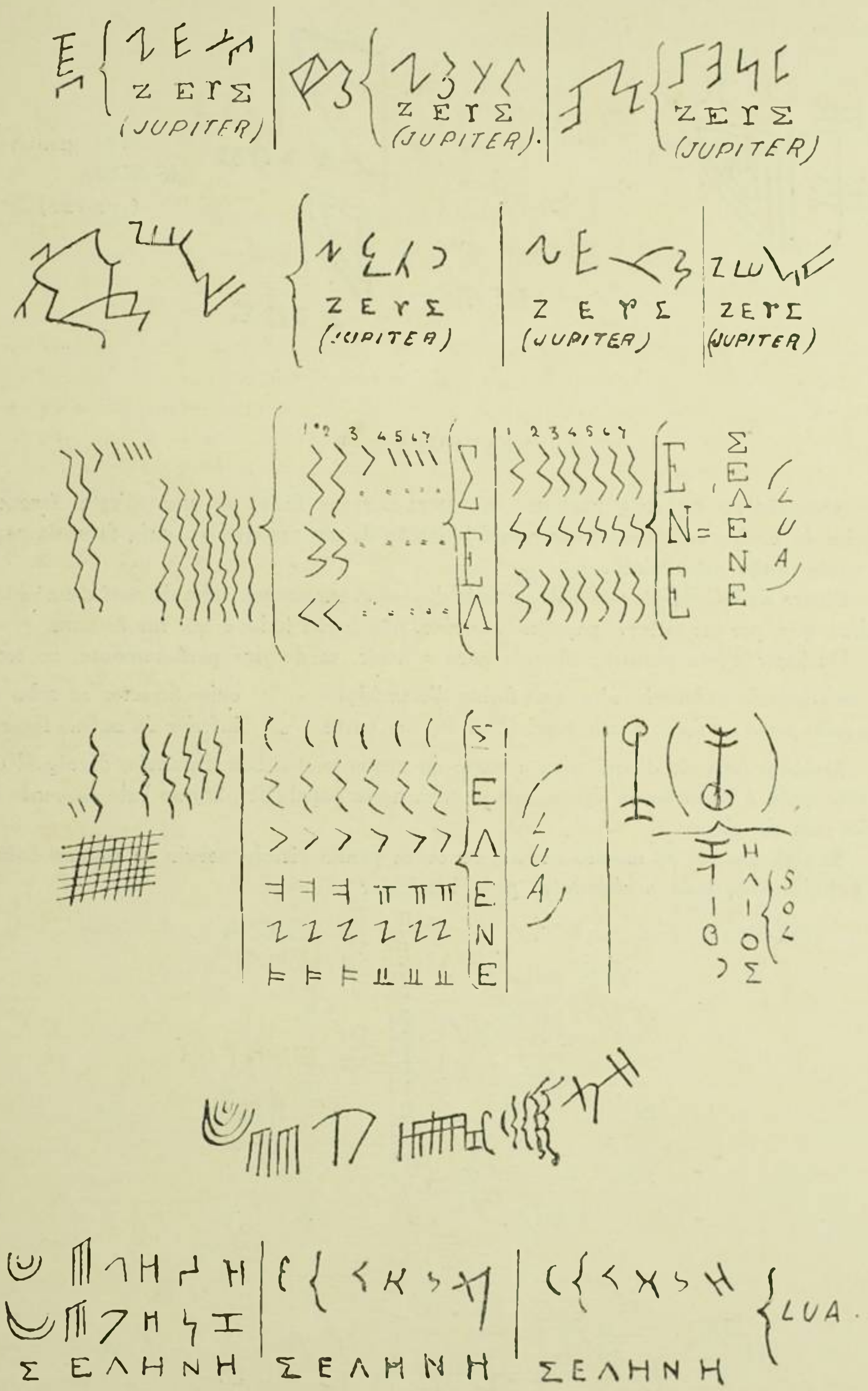
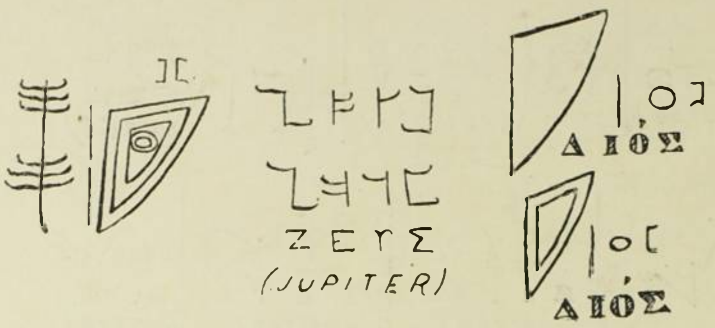


Fig. 1.397


ZEΥΣ
(JUPITER)
ZEΥΣ
(JUPITER).
ZEΥΣ
(JUPITER)
ZEΥΣ
(JUPITER)
ZEΥΣ
(JUPITER)
ZEΥΣ
(JUPITER)
1 2 3 4 5 6 7
1 2 3 4 5 6 7
ΣΕΛ
ΕΝΕ
ΣΕΛΕΝΕ
(LUA)
ΣΕΛΕΝΕ
(LUA)
ΗΛΙΟΣ
(SOL)
Σ ΕΛΗΝΗ
ΣΕΛΗΝΗ
ΣΕΛΗΝΗ
LUA.



Διός, genitivo de ZEYΣ. (JUPITER)

*

ESTAMPA 26

«Sertão de Cratiús, fazenda de Santa-Luzia — Perto da casa d'esta fazenda, á beira do riacho, está um alto serrote á imitação de um castello, em cuja face, da parte do norte, estão estas pinturas.

E para a parte do sul está toda lavrada de outros caracteres, além de outros em cutras pedras, que, por me faltar o papel na occasião, não copiei todo; o que muito senti.

Do logar d'esta pintura, olhando para o norte, se divulga perfeitamente, no tecto de uma grande pederneira alta, uma forma d'esta feição  cujo caracter se acha estampado perto ao meio d'este papel (Est. 26), na parte inferior ás outras figuras.

Tambem olhando d'aqui para a parte do nascente, em boa distancia, divulguei um serrote quasi á imitação da figura, que se acha neste papel (Est. 26) ao lado esquerdo inferior aos de cima.

Se algum canto do mesmo serrote, ou outra penha vizinha servir de alguma balisa, só extrahindo-se toda a pintura se poderá calcular ».

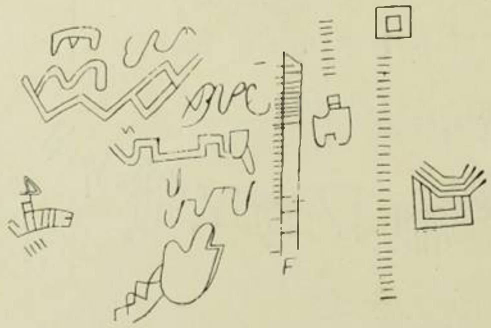
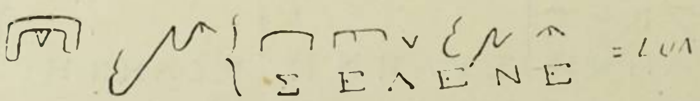
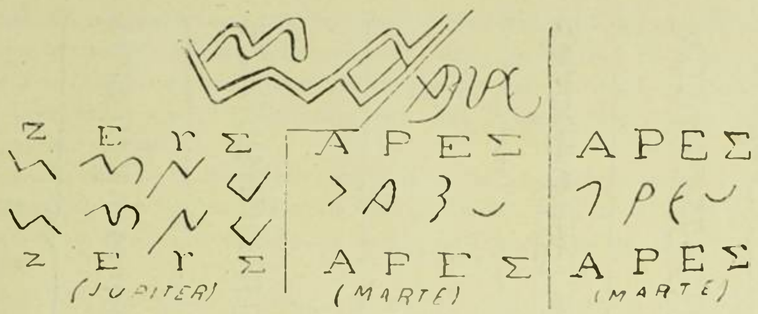
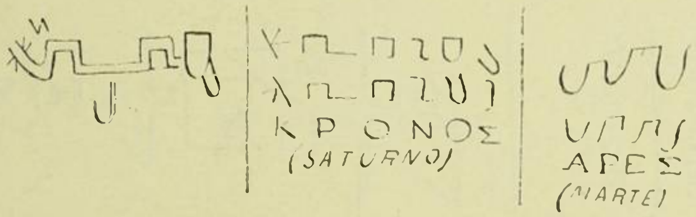
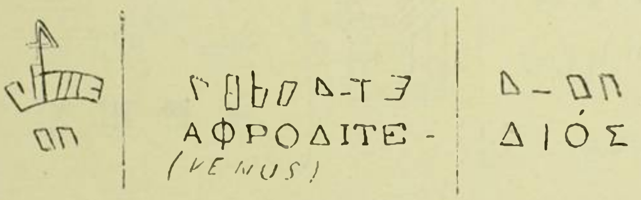


Fig. 1.398

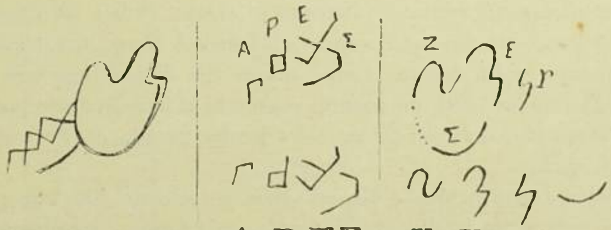




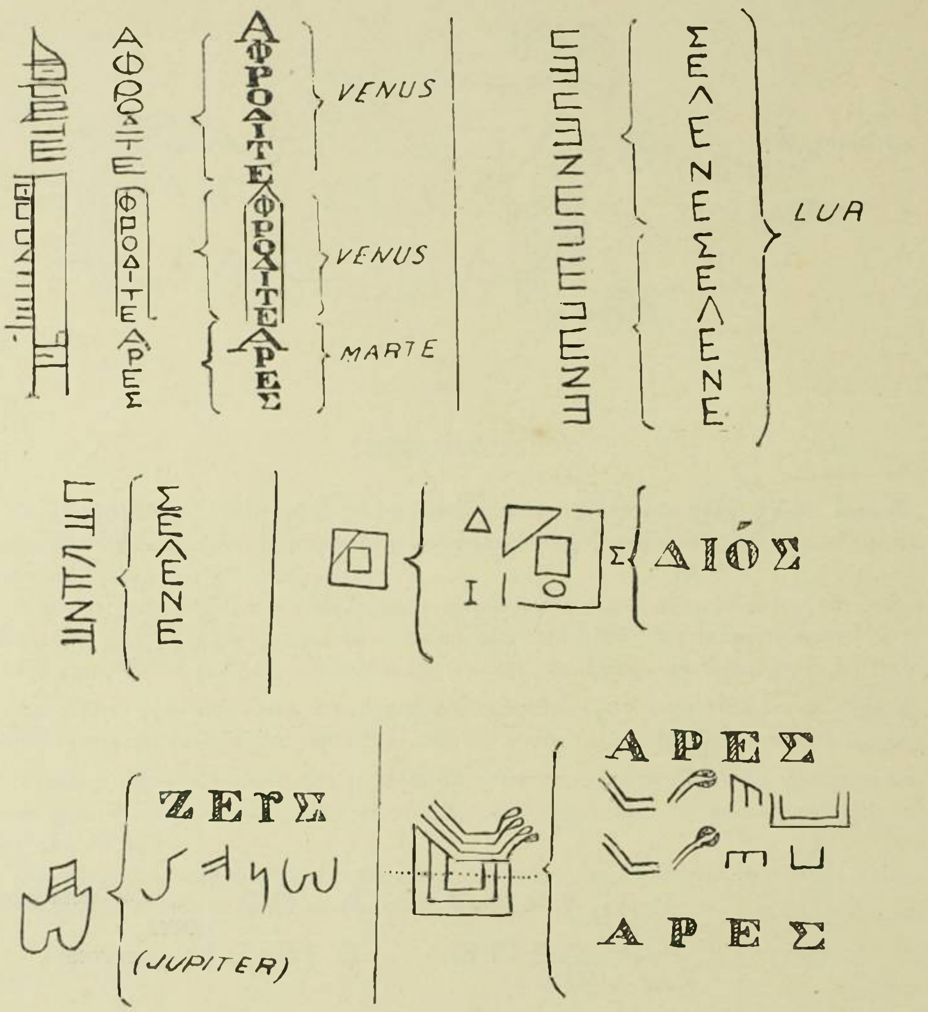




Διός, genitivo
ZEΥΣ
(JUPITER)



Α ΡΕΣ Ζ Ε Υ Σ



*

ESTAMPA 27

«Ribeira de banabuiú entre S. Antonio e Almas, pedra da curicáca — Entre Santo Antonio e Almas, está um logar a que os vaqueiros chamam Curicáca, onde estes me foram mostrar uma pedra assentada em cima de um lageiro, que tem uma face lisa como a que acepilharam da parte do poente, onde está o letreiro deste papel (Est. 27), o qual ainda bem mostrava, que, depois de ser a penha untada de tinta encarnada, gravaram a ponta de picão.

Dando as costas a esta penha, e olhando para o sudoeste, ahi logo perto, em cima do mesmo lageiro, está outra penha, grande, preta, cuja forma é similhante á figura, que está neste papel (Est. 27), perto ao principio do lado esquerdo, em cima de um pontalete,

acima do qual está um quadro com uma cruz dentro, em cuja penha, da parte do sul, estão os caracteres, que se acham assignados nas costas deste papel (Est. 27), e que constam de uma roseta de 7 pernas e outra atravessada de 9 pernas para baixo com uma cruz acima, e outra de duas pontas agudas e compridas para cima, feitas de tinta encarnada, posto que quasi estejam pretas.

D'alli mesmo olhando mais ao lado direito, quasi na extremidade do lageiro, se acha uma pedra comprida, roliça, com uma ponta mais grossa que outra, quasi ao correr de léste ao oéste, cuja figura se acha esculpida perto ao fim d'este letreiro ao lado direito, com uma cruz adiante.

E tambem a mesma penha da pintura poderá ser baliza, porque a parte superior da frente tambem é arqueada desta sorte ⌒, e para léste e poente lhe está a terra perto ».

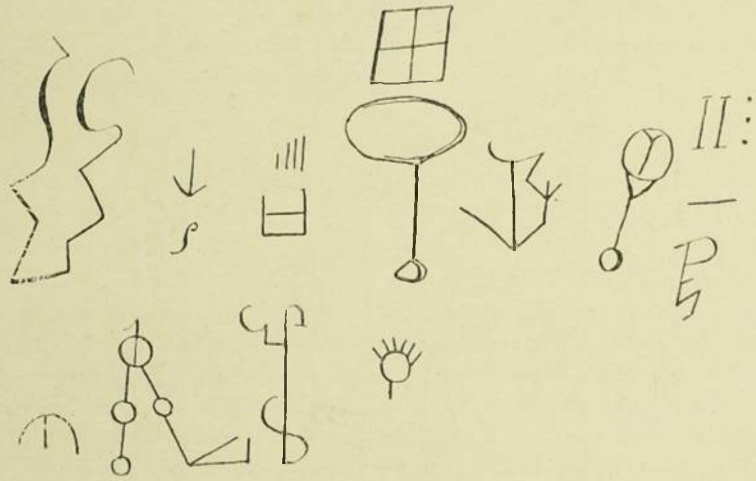
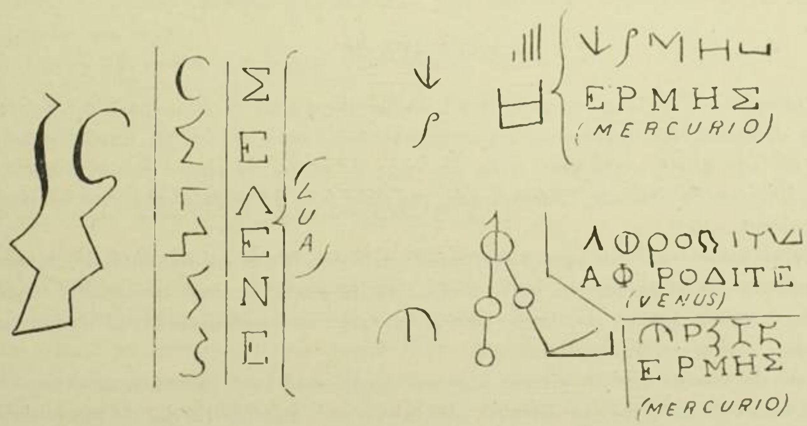
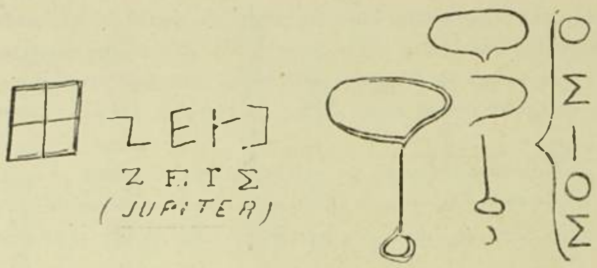
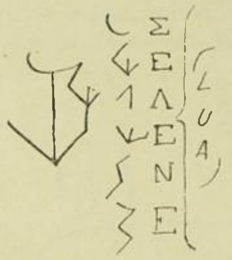


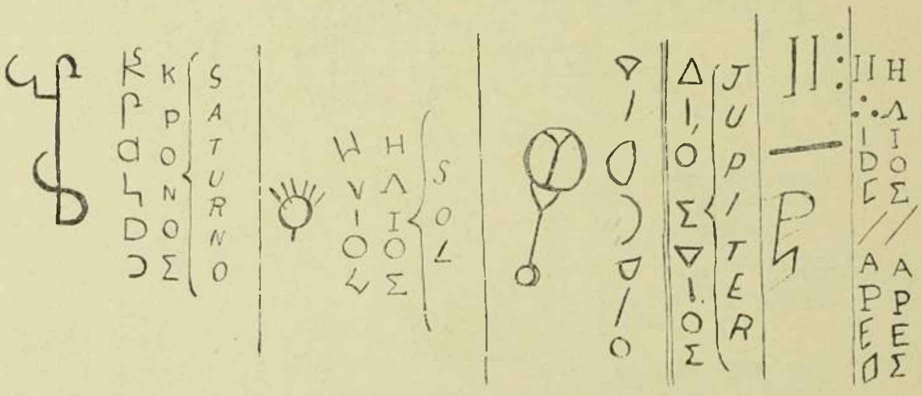
Fig 1.399





ʽΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião, permittido pela religião ou não prohibido por ella, *donde*: profano que não é ponto consagrado, que se póde tocar sem crime por opp. a ἱερός: santo, justo, sagrado; justo, puro, innocente, etc.





*

ESTAMPA 28

« BANABUIÚ. FAZENDA DA CASA NOVA — Saindo d'esta fazenda para o Castello, na distancia de quasi tres quartos de legua, emparelhada uma ipueira de torrões á beira da estrada, ao lado direito, está uma pedra em cima de outra, da altura de um homem alto, a que os habitantes chamam *Pedra-furada*, em cuja face do poente está este letreiro gravado a cinzel goiva.

E, como estão baixos os caracteres, e servem de abrigo ás cabras, quando chove, pela continuação de se esfregarem, já estão mesmo muito razos, de sorte que mal se percebem e tambem porque a pedra, estallando com o sol, larga as lasquinhas; dizem os habitantes, que ainda os alcançaram bem visiveis.

Ao pé da mesma pedra existem algumas lapas, que bem mostram se desapegaram da penha antes de ser feito dito letreiro, que talvez seria partida no dia da morte de Jesus

Christo; porque nas faces que se despregaram da outra, que estão para cima, onde se acham muitas barrocas feitas á ponta de picão, semelhantes as que se acham neste papel (Est. 28), deste modo:



que por descuido não copiei nem contei. Esta é a razão, donde lhe vem o nome de Pedra-furada ».

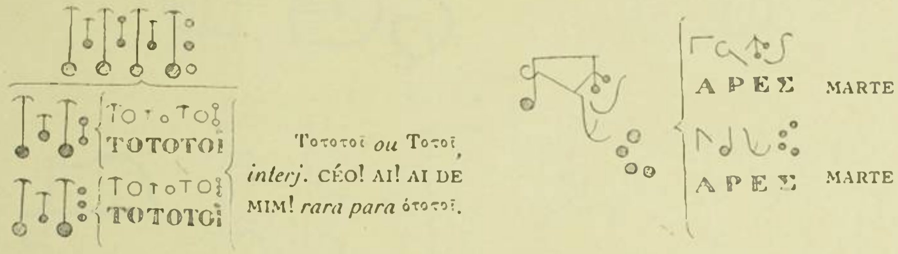


Fig. 1.400

*

ESTAMPA 29

«Banabuiú, fazenda do castello — Da casa d'esta fazenda onde mora Francisco da Veiga, para a parte do nordeste, alem do rio, se divulga em cima de um alto, uma penha grande e buscando o rumo d'ella, e estando perto, descobre-se uma lagôa ou ipueira secca, e detraz d'esta está outra penha alta e grande no meio do plano da varge, em cuja face, da parte do norte, estão os caracteres d'este papel (Est. 29), impressos a ponta de picão ou cinzel. Os dois, porém, que aqui estão ao lado direito, na extremidade do papel, se acham mais pendentes para a face do occidente.

Acima dos primeiros se viam outros caracteres como cousa feita com pincel fino, ou ferida só a pedra com ponta de ferro, de côr branca como alvaiade ou gesso, os quaes não copiei por já não divulgar-lhes a fórma, mas parece á maneira de xadrez ou linhas atravessadas em cruz.

A figura da penha tem quasi esta feição:



do modo que se acha n'este papel pelas costas do  .

Da parte de léste, ao correr da face onde está a pintura, em distancia de braça e meia, ainda se divulga o logar onde em algum tempo havia uma arvore carnahuba, cujas hastes são direitas para cima, como a 3ª fórma, que está adiante das duas primeiras, que se acham no principio d'este papel (Est. 29) ao lado direito, porém na mesma linha, mais adiante quasi uma braça, já existe outra nova d'esta qualidade em bôa altura.

Pela varge apparecem outras muitas d'esta qualidade, mas expresso esta por dar indicios de baliza para ao seu correr buscar-se a sombra.

Tudo isto póde ser um engano, porque pela varge estão outras pedras, das quaes alguma pode ser a baliza; o que não pude descobrir ».

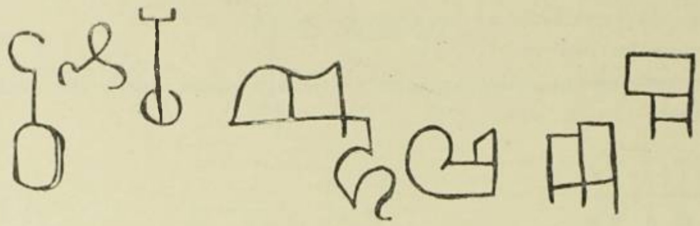
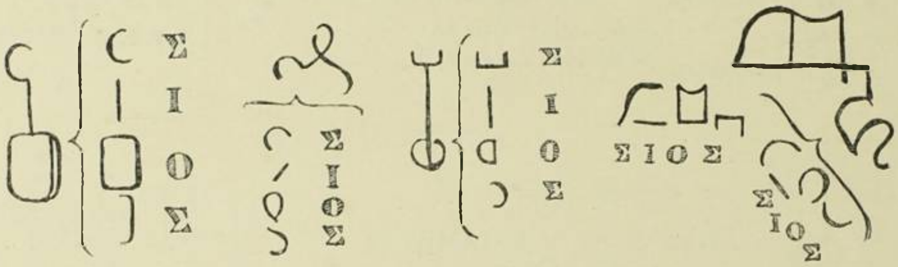
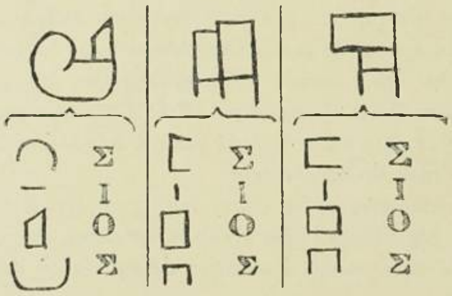


Fig. 1.401





†Σιός, Laced. por Θεός, DEUS, o Ser supremo; deus, deusa, etc.

Algumas figuras estavam invertidas e incompletas.

*

ESTAMPA 30

«BANABUIÚ, FAZENDA DOS PATOS — Da casa d'esta fazenda para a parte do nordéste em distancia de meia legua, por detraz do cercado da fazenda, se acha este letreiro feito a ponta de picão ou cinzel em uma pedra meio-redonda, que está em cima de um lagedo pequeno, dentro dos carrascos ».

«Quando me conduziram a este logar, já era muito tarde e não tive tempo de explorar as balizas ».

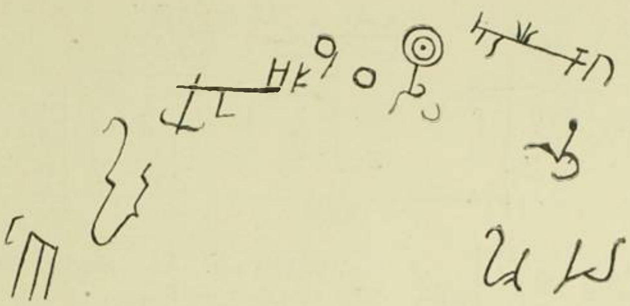
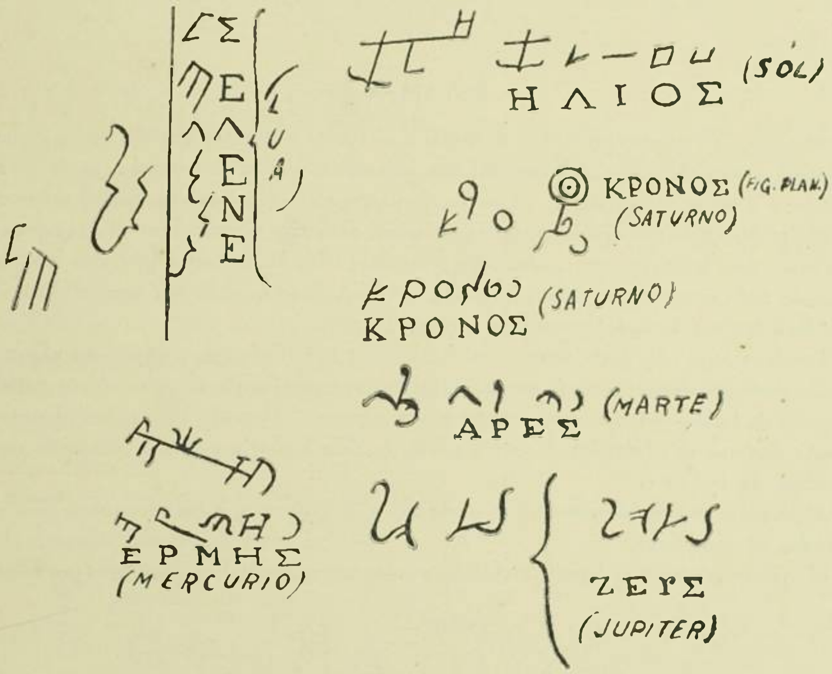


Fig. 1.402



*

ESTAMPA 31

«Fazenda dos patos — Sahindo desta fazenda para a parte do nordéste, pela vereda que segue para a lagôa do Flamengo, na distancia de 3 quartos de legua, pouco mais ou menos, ao lado direito da vereda, se divulga uma pedra em cima de um lageiro, na qual, da parte quasi do occidente se acha este letreiro gravado a picão ou cinzel; por ser tarde tambem não pude explorar as suas balizas ».

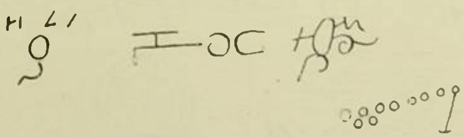
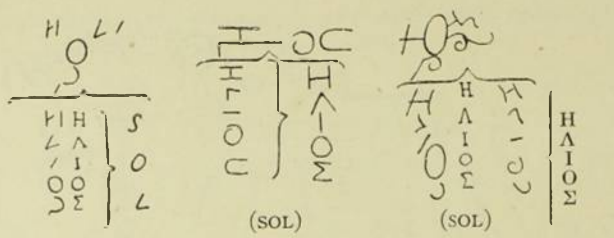
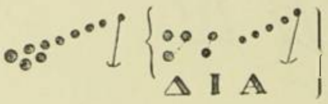


Fig. 1.403





Δία, *acc.* de Ζεύς *gen.* Διός, Jupiter. Νὴ Δία, por Jupiter. Οὐ μα Δία, não por Jupiter.

*

ESTAMPA 32

«Lagôa do flamengo — Da fazenda dos Patos sae uma vereda, que segue para este logar, assim chamado por tradição dos nacionaes, o qual fica quasi á parte do mesmo nordéste; e á beira d'esta lagôa, da parte do nascente, estão duas pedras compridas e roliças, da grossura de uma pipa, deitadas na terra, em cujas pontas, que olham para occaso, estão estes dois letreiros, que ambos são o mesmo; o de cima com a pequena que lhe está abaixo do lado esquerdo, e a cruz que está do lado direito, estão em uma d'ellas; e o debaixo está na outra; tudo gravado a picão.

Tambem aqui não pude fazer o calculo certo nas balizas que poderão ser algumas das mesmas pedras compridas onde está o letreiro, cujo similhante se acha n'este papel (Est. 32) acima da forma redonda, que está na parte inferior. Mas ella deverá ser alguma pedra redonda das que se divulgam da outra parte da dita lagôa; e a forma comprida denotará a sombra da baliza ».

A presente inscripção resentindo-se de troca de palavras, a coordenamos, sem alterar, comtudo, os caracteres.

E' mais uma artistica repetição da importante e conhecida Lei, esculpida por toda parte

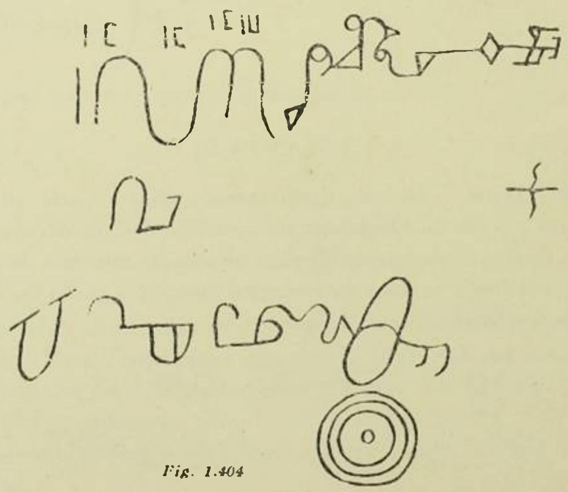
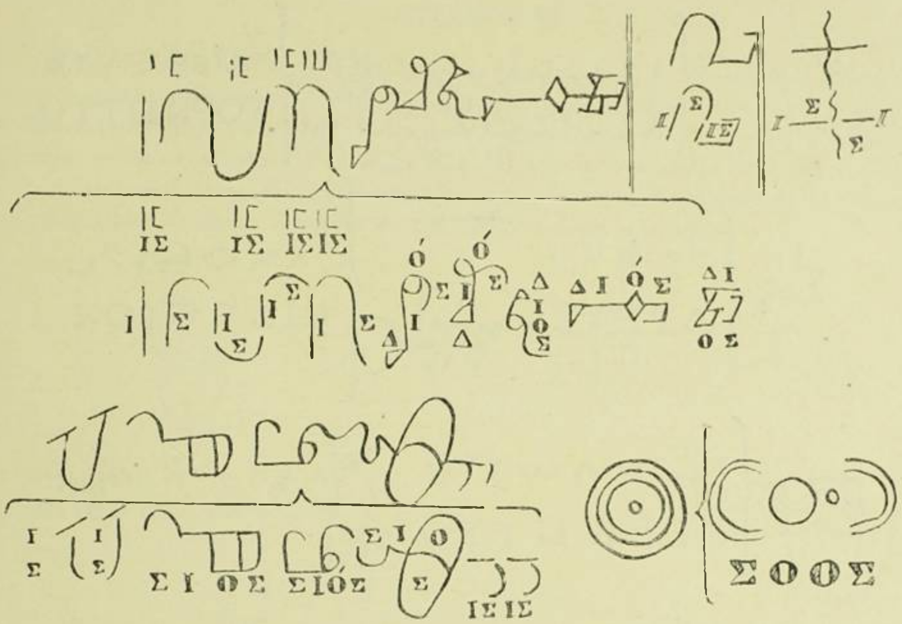


Fig. 1.404



As palavras ΙΣ, ΙΣΟΣ, ΣΟΟΣ, ΔΙΟΣ, já se acham por muitas vezes interpretadas, restando apenas o seguinte:

ΣΙΟΣ, ὦ *Laced. por* Θεός, οῦ, Deus, o Ente Supremo: (ὁ ἡ) deus, deusa, etc.

*

ESTAMPA 33

"O desenho não traz explicação".

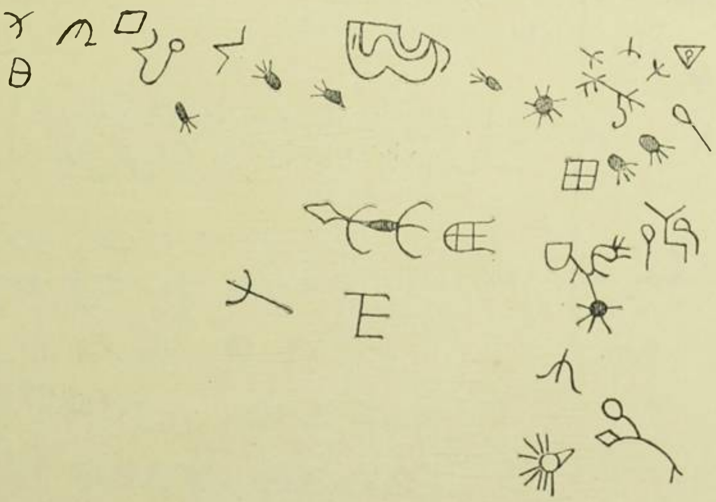
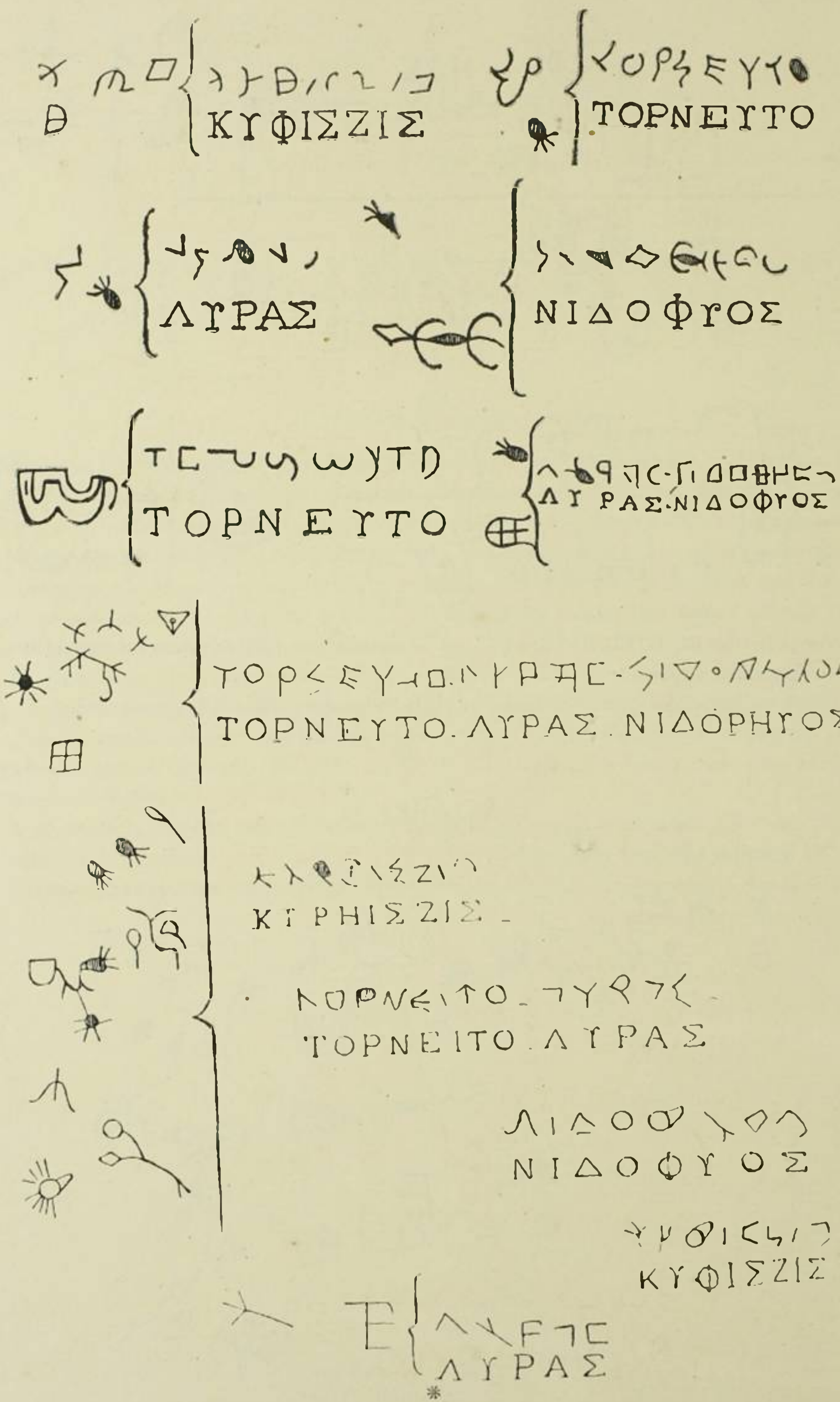


Fig. 1.405


ΚΥΦΙΣΖΙΣ
ΤΟΡΝΕΥΤΟ
ΛΥΡΑΣ
ΝΙΔΟΦΥΟΣ
ΤΟΡΝΕΥΤΟ
ΛΥ ΡΑΣ·ΝΙΔΟΦΥΟΣ
ΤΟΡΝΕΥΤΟ. ΛΥΡΑΣ. ΝΙΔΟΡΗΥΟΣ
ΚΥΡΗΙΣΖΙΣ
ΤΟΡΝΕΙΤΟ. ΛΥΡΑΣ
ΝΙΔΟΦΥΟΣ
ΚΥΦΙΣΖΙΣ
ΛΥΡΑΣ

ESTAMPA 34

«Apodi. PÁO-DOS-FERROS — Do logar do lageiro atraz, n. 33, além da gruta n'elle referida, para a parte de léste, se divulga um serrotinho de pedras, e ao subir desta gruta ao lado esquerdo em parallelo ao tal serrote, está outro lageiro razo, onde se acham impressos a picão os caracteres deste papel (Est. 34), cujo lado esquerdo está para o oriente. »

«Tambem foi copiado pelo mesmo fiel e por isso não dou noticia da baliza. »

Corrigidas as claras variações de traços, eis a nossa interpretação:

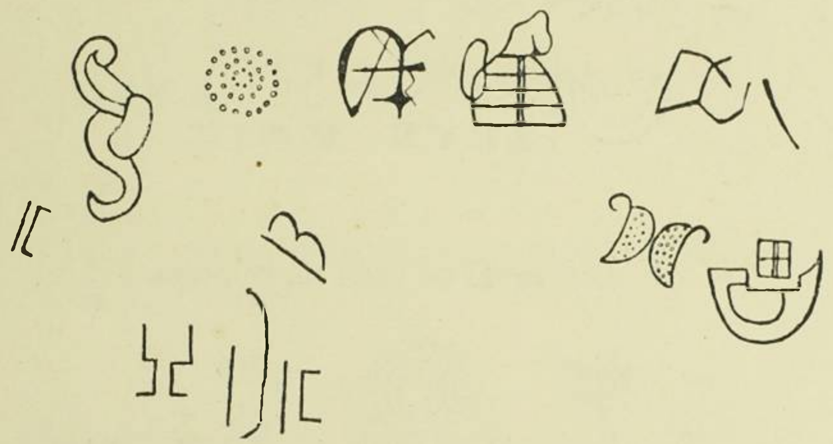
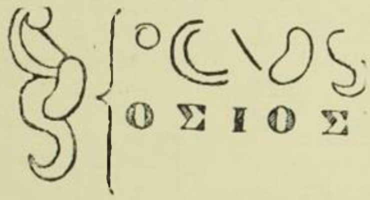
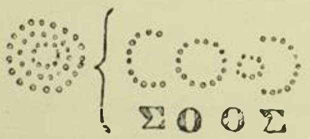


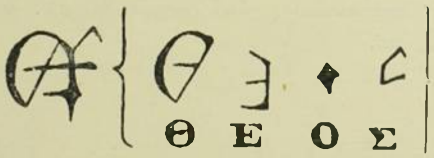
Fig. 1.406



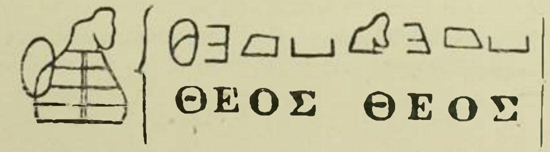
ΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião; permittido ou não por ella prohibido, *donde alg. vez.* profano, que não é ponto consagrado, que se pode tocar sem crime, *por oppos. á* ἱερός: *mais seg.* santo, justo, conforme a justiça; puro sagrado; innocente, virtuoso; pio, religioso, etc.



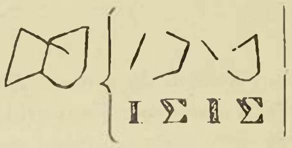
Palavra já por vezes interpretada.



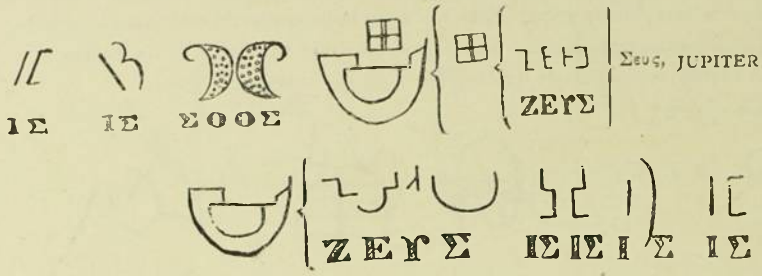
Θεός. Deus, o Ser supremo, (ἡ) deus, deusa, etc.



Como a precedente.



Ἶσις, deusa Egypcia, etc.



Σευς, JUPITER

*

INSCRIPÇÃO DO VARÁ NA FACHINA

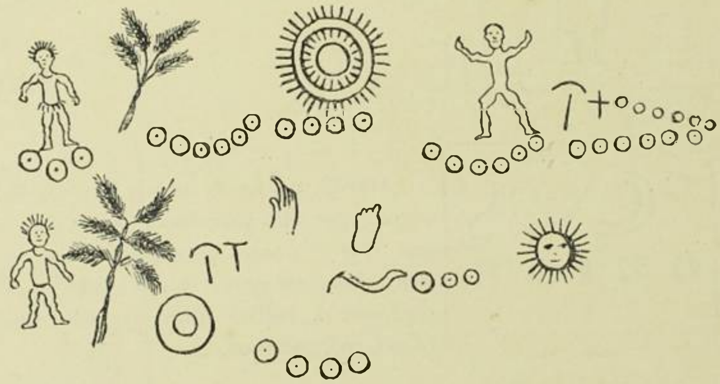
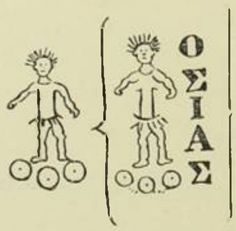
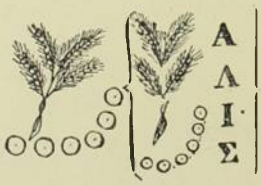


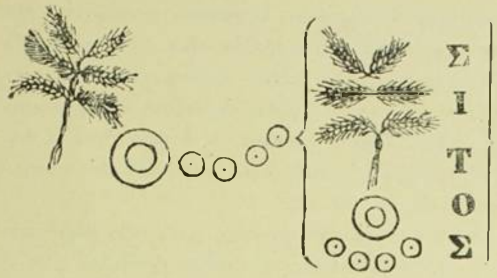
Fig. 1.407



Οσίας, rito *ou* ceremonia religiosa *e especialmente,* exequias, funeraes, o que é permittido pela lei divina, justiça divina *ou simplesmente,* direito, justiça, legitimidade, cousa permittida; *alg. vez.* o que se faz pela forma, etc.



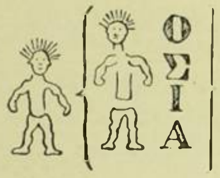
Αλις, *adv.,* bastante, *primit. e Poet,* em abundancia, em multidão, em massa, etc. R. ἀλής.



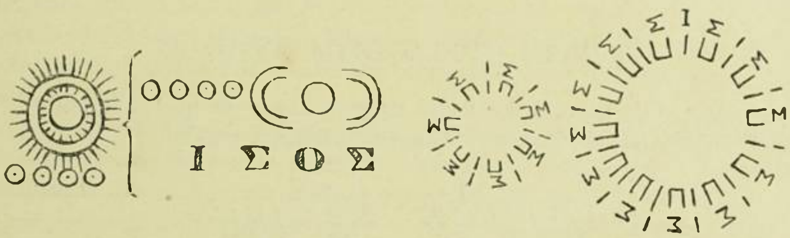
Σῖτος, ου, trigo, grão de trigo, *por ext.*, pão e *mut. vez.* alimento, viveres, *alg. vez.* pensão alimentar, etc.

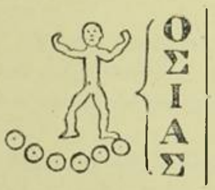


Σῖτα, ων, alimentos, iguarias, comida, etc.



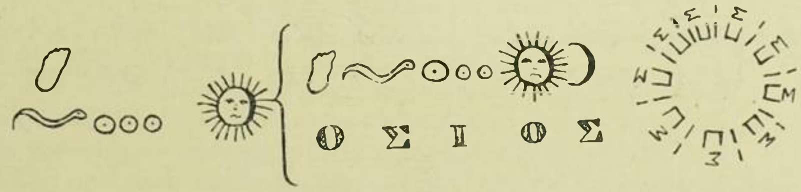
Οσία, ας, palavra já precedentemente interpretada





Palavra já interpretada.





Eis, mais ou menos, a interpretação da inscripção do Vará, na Fachina, que refeita de algumas incorrecções de traços, é aliás bem interessante, restando-nos o pezar de não podermos obter a copia das demais inscripções de que trata o illustre Dr. Jaguaribe Filho.

*

Concluimos a penosa tarefa de interpretar as inscripções lapidares, reveladas pelo Reverendo Padre Francisco de Menezes, de que trata sua referida obra — *Lamentação do Brasil.* Maior fôra a sua patriotica peregrinação, por esses sertões, outr'ora occupados pelos nossos prehistoricos antepassados, em cujas regiões deixaram esses monumentos, que só agora, decorridas longas éras, lhes damos, cremos, a devida decifração. Devemos ao Instituto Hist. e Geogr. Brasileiro, a guarda fiel dessa preciosidade, verdadeiro monumento nacional, e consta do vol. 50 de sua *Revista.*

O nosso trabalho de interpretação demonstra o que foi preciso, para não fugir um só dos exemplares ao devido estudo. Não foi facil coordenar as linhas perdidas com o tempo, mal copiadas muitas, a confusão e agglomeração das linhas, letras, syllabas e palavras, sendo necessario a tudo attender, para conseguirmos alguma cousa, dos assumptos importantes, muitos dos quaes, infelizmente, incompletos. Comtudo, muito conseguimos desse vetusto systema de escripta, formado de caracteres do primitivo grego, notadamente a simplificação ou abreviaturas então seguidas, difficeis de demonstrar, attingindo mesmo a verdadeiros enigmas.

Não podemos atinar, porém, com o que denomina o Rev. Padre Menezes — *baliza* — a menos que não fosse simples conjectura.

Resta-nos, finalmente, bem dizer do esforço herculeo desse grande patriota, pelo seu trabalho epigraphico, um dos mais validos n'este emprehendimento archeologico, da hoje coordenada prehistoria, não só do Brasil, como acontece com a de varios paizes, o que vinha sendo ignorado.

GRAVURA DAS LAGES DA SOLIDADE

Eis a decifração da gravura das LAGES DA SOLIDADE — de que já tratamos e encontra-se á pag. 262 da *Rev.* do Instituto Historico Brasileiro, vol. 50:

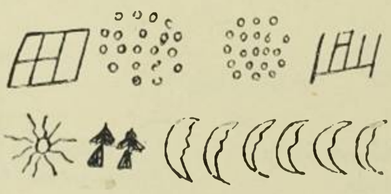
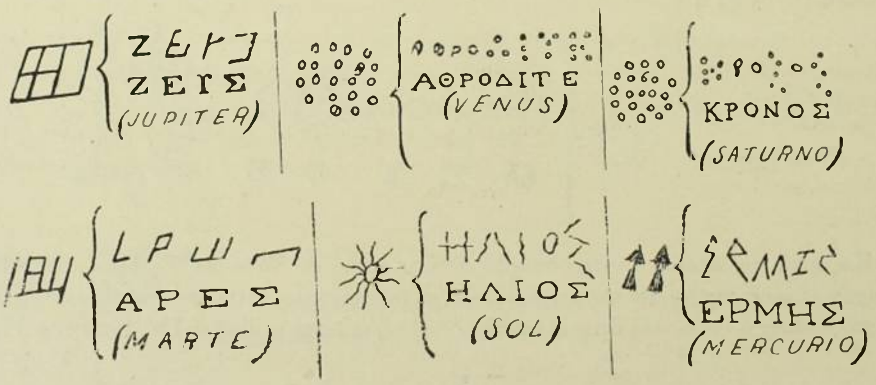


Fig. 1.408





*

INSCRIPÇÃO SOBRE ROCHEDOS DE CANTAGALLO NO RIO TAPAJÓS

Precedemos esta interessante inscripção, bem como a nossa interpretação, com o que a seu respeito escreveu Henri Condreau. [1]

«*Rochedos desenhados em Arencré e Cantagallo* — Nas campinas dos Mundurucús entre o antigo Acupary e a primitiva maloca de Décodeme, existiram, parece, sobre os Morros de Arencré, numerosos desenhos gravados nos rochedos por antigos artistas Mundurucús, desenhos primitivos e infantis bem entendidos, como todos os desenhos dos indios do occidente das Americas. O Dr. Tocantins diz não ter tido occasião de vel-os.

A legenda Mundurucús diz: que Carú-Sacaébé, depois de ter destruido a malóca de Acupary, para punir a ingratidão de seus habitantes, veio fundar Décodeme, que se tornou, deste modo, o berço do genero humano. Então Carú-Sacaébé traçou estes caracteres entre as duas aldeias para deixar um monumento que perpetuasse a lembrança deste memoravel facto.

Depois, quando Décodeme tornou-se forte e poderosa e que Carú-Sacaébé deixou a terra para não mais voltar, traçou, descendo o Tapajós, os desenhos de Cantagallo.

Circumstancias alheias á minha vontade impediram-me, tanto na ida como na volta, de visitar os desenhos de Cantagallo que são aqui reproduzidos conforme o Dr. Tocantins ». [2]

«Sobre a margem esquerda do Tapajós, diz o referido Engenheiro (Antonio Manoel Gonçalves Tocantins), no logar conhecido sobre o nome Cantagallo, vê-se na superficie de um morro de perto de cem metros de altura a pique, sobre a margem do rio, quinze figuras.

Ellas ahi estão desde tempos immemoriaes, os mais antigas viajantes destes desertos e os mais velhos Mundurucús as viram como são actualmente mas ninguem conhece a sua significação. Ellas são de côr vermelho-ocre. Estão a cerca de oito metros acima do nivel das mais altas aguas do Tapajós.

Hoje seria impossivel a um homem traçal-as nesta altura, mesmo com auxilio de um andaime, porque na baze do morro, o rio forma uma pequena volta, onde a corrente é violenta, sobretudo na época em que o nivel das aguas é mais elevado.

Não farei nenhuma conjectura sobre a origem, nem sobre a significação destes caracteres. Seja-me permittido sómente recordar que Humboldt encontrou igualmente

---

(1) "Voyage au Tapajós" (Pará), pag. 142, 1897 Paris.
(1) Estudos sobre a tribu Mundurucús, elo referido engenheiro.

nas margens do Orenoco, nas mesmas circumstancias, em uma altura inaccessivel á mão do homem, caracteres deste genero. O illustre sabio é de opinião, se bem me recordo, que o nivel das aguas do Orenoco, nas épocas longinquas, eleva-se mais alto que hoje. Penso que pode-se applicar esta consideração aos desenhos de Cantagallo ».

«A explicação dada por Humboldt, é com effeito a mais sensata de todas as externadas com referencia ao assumpto dos rochedos desenhados, da America do Sul. Seja-me permittido somente emittir uma reflexão: é que, por infantil que seja, este desenho, e, sobretudo, a ideia de adornar os altos rochedos oupedras planas das cachoeiras, são provas incontestaveis d'uma superioridade intellectual e d'uma maior aptidão á civilização da parte dos mysteriosos artistas que nos deixaram estes hieroglyphos, que não tentaram até hoje, embora isto valesse a pena, algum Champollion.

Eu entendo superioridade intellectual e maior aptidão á civilização, somente com relação, já se vê, aos indios de hoje.

Ou esta está em plena decadencia, depois de ter outr'ora estado prestes a alcançar uma civilização autochthone, ou então a raça indiana que nós conhecemos não é a mesma que produzio os artistas dos hieroglyphos ».

Achamos que a presente inscripção não é das bem executadas, ou fielmente reproduzidas, mas é de grande valor prehistorico e epigraphico:

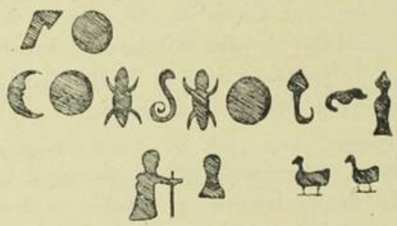
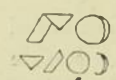
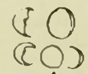


Fig. 1.409



ΔΙΌΣ

Διός, *gen. de* Ζεύς, JUPITER, deus supremo e pae e senhor dos deuses e dos homens, para os gregos e para os romanos; era filho de Saturno e de Rhéa, etc.



ΣΌΣ

Σός, ή, όν, *adj. poss.* teu, tua; o teu, a tua Τόσον, *Soph.* o que te concerne etc. R. σύ.



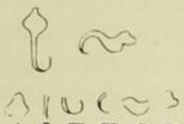
Ο ΧΛΟΣ

ΌΧΛΟΣ, ου, agitação, tumulto, *d'onde por ext.* movimento popular, sedição; *mais seq.* multidão, grande numero; a multidão da plebe; assembléa do povo, reunião popular; *alg. vez.* embaraço causado pela multidão; *donde por ext.* embaraço, contrariedade, importunação, tortura, constrangimento; cuidado, amofinação, etc.



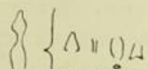
Ο ΧΛΟΣ

Como a decifração precedente.



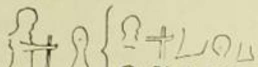
Δ Ι Σ Σ Ο Σ

Διssός, ou *Att.* Διττός, ή, όν. duplo.]] *No plur.* Διττοί, αί, ά, *Poet.* dois. R. δίς.



Δ Ι Ο Σ

Δῖος, α, ον *Poet,* divino, *da-se muit. vez. por epith. aos deuses e aos heroes:* divino, *isto é,* excellente, admiravel; *outr. vez.,* prodigioso, *isto é,* immenso Δῖα θεάων *Hom.* a mais divina, a mais augusta das deusas. R. Ζεύς *gen.* Διός.



Ο ΧΛΟΣ

Como a interpretação precedente.



Como a decifração precedente.

ΔΙΌΣ ΣΌΣ ΟΧΛΟΣ, ΟΧΛΟΣ ΔΙΣΣΌΣ ΔΙΌΣ ΟΧΛΟΣ ΔΙΌΣ ΔΙΌΣ

JUPITER. O TEU TUMULTO É TUMULTO DUPLO DIVINO, TUMULTO PRODIGIOSO, ADMIRAVEL!

*

INSCRIPÇÃO LAPIDAR NA SERRA DO ANASTACIO, BAHIA

Muito se tem dito com referencia á seguinte inscripção, a começar pelo grande sabio Von Martius [1], a quem, parece, pertence a primasia de havel-a copiado e estudado, sem a ter comtudo decifrado.

Por nossa vez, não fazemos mais que offerecer a nossa interpretação, de forma simplificada, aguardando-nos a outra ordem de considerações, no momento dado, que importam em confusões e enganos de traços nas copias ou gravuras, etc., como em varias outras inscripções, nem sempre bem reproduzidas.

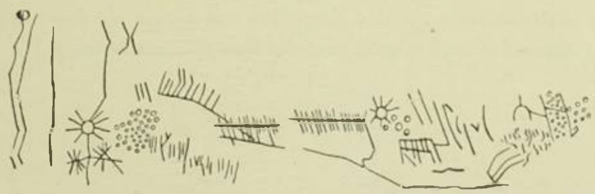


Fig. 1.410 — Inscripção lapidar na Serra do Anastacio, Bahia

(1) C. F. Philippe Von Martius — *Reise in Brasilien*, v. II.

Antes porém, não podemos deixar de inserir aqui o que, sobre referida inscripção, diz o notavel ethnologo Dr. Theodoro Sampaio [1]:

«...Tome-se por exemplo, essa inscripção lapidar da Serra do Anastacio, descripta por Von Martius e em que este descobriu caracteres graphicos, como os que se encontraram na Siberia e até semelhantes aos punicos, e se considere que essa inscripção occupava a face de um rochedo numa necropole dos incolas primitivos, da qual era o attestado o montão de cacos das urnas funerarias destruidas, e se verão ahi, segundo aquella hypothese explicativa, registados, a começar da esquerda para a direita, um chefe ou principal, com dois dos seus filhos que tambem teriam sido chefes; a seguir, representados por pequenos circulos ou grossos pontos, as suas mulheres, filhas, ou individuos do sexo feminino, e os filhos varões se representando ali junto por traços simples. Mais em cima desse primeiro agrupamento, os traços rectos, cortados ou sublinhados, alguns até seriados de tres em tres, talvez porque essa gente não contava além desse numero, representam guerreiros ou individuos da mesma tribu que ali se sepultaram. Uma linha quebrada interrompe essa primeira serie, e dá começo á outra, onde se repete o signal de chefe ou principal, uns cinco pequenos circulos representando mulheres e traços rectos representando homens. A seguir, mas já algum tanto apagados e confusos, os mesmos signaes se reproduzem como a indicarem uma terceira geração que ali mesmo se sepultou A hypothese pode não ser cabivel, mas é força reconhecer que signaes como estes, desenhados por sobre vasos funereos, n'uma inscripção lapidar, si não têm esse significado, devem ser considerados, como diz Von Martius, sem nenhuma significação alphabetica e apenas como symbolos mais geraes ».

«Das inscripções lapidares que se deparam nos nossos sertões do norte ao sul, com esses caracteres e signaes, alguns absolutamente inintelligiveis, podemos citar as do Ceará, que os possue por centenas nos seus serrotes e penedias, perdidos no seio das caatingas: a do Ararê, na ribeira do Quixelô em penha alta; o da Cinta do Lobo, na ribeira de Jaibaras, no talhado da Serra, tendo por baixo uma cobra pintada, que faz recordar a do *Cerro Pintado*, á margem do Orenoco, descripta por Chaffanjou; a da *Serra Geral*, proximo de Caratús, onde se deparam n'um rochedo á beira de uma grande lagôa umas figuras humanas coroadas como as da cachoeira de Araraquara no Japuá, descriptas por Von Martius » [2].

«No Rio Grande do Norte, torna-se digna de mensão a das *Covas dos Defuntos*, onde se vêm lages fincadas de testa, e alinhadas, formando quadra a modo de curral e junto d'ellas um rochedo cheio de inscripções, cousa mui semelhante ao que Ch. B. Brown encontrou na Serra de Paracaima, no espinhaço da Guyana [3]; a das *Lages da Soledade*, onde se vêem, em lapas de paredes lisas, varios caracteres em tinta vermelha representando polygonos, pequeninos circulos dispostos em forma de disco, um circulo irradiante na peripheria, pontas de lança e uma serie de luas ou crescentes ». [4]

(1) These Official, 1º Congresso de Hist. Nacional cit.

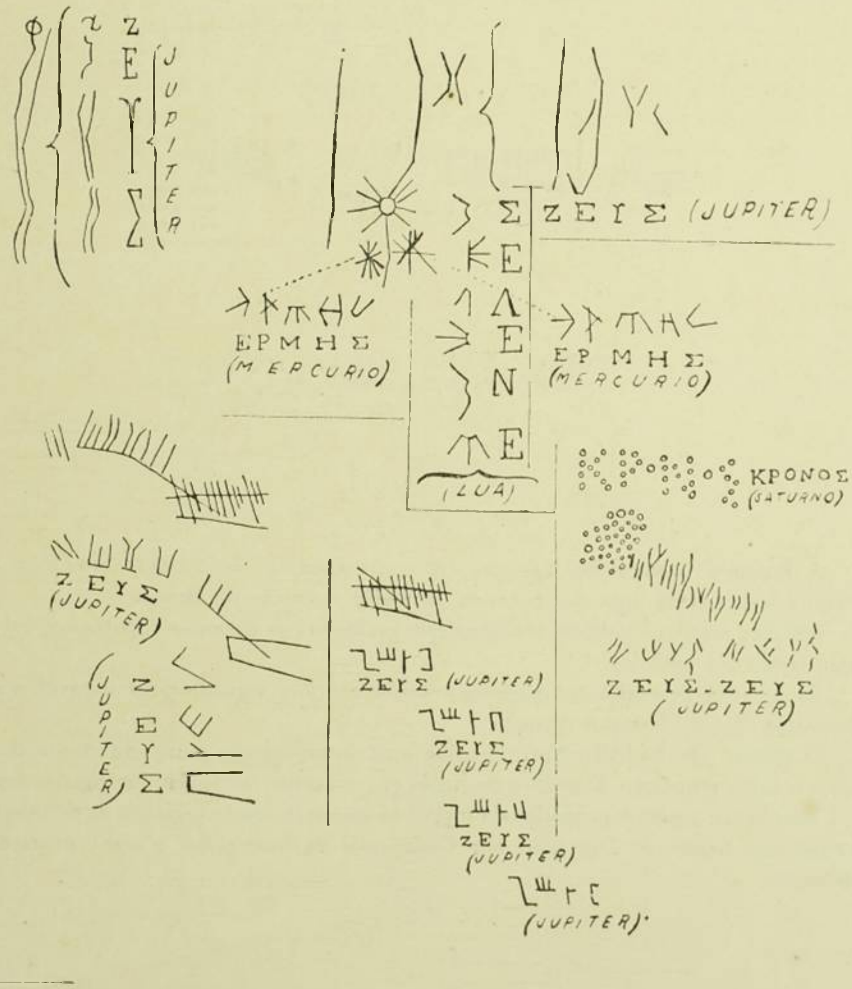
(2) Tristão de Alencar Araripe: "Cidades Petrificadas e Inscripções Lapidares no Brasil". Rev. do Inst. Hist. Brasileiro. Vol. L. pag. 215 citada.

(3) Charles B. Brown: "Indian Picture Writingna British Guyana".

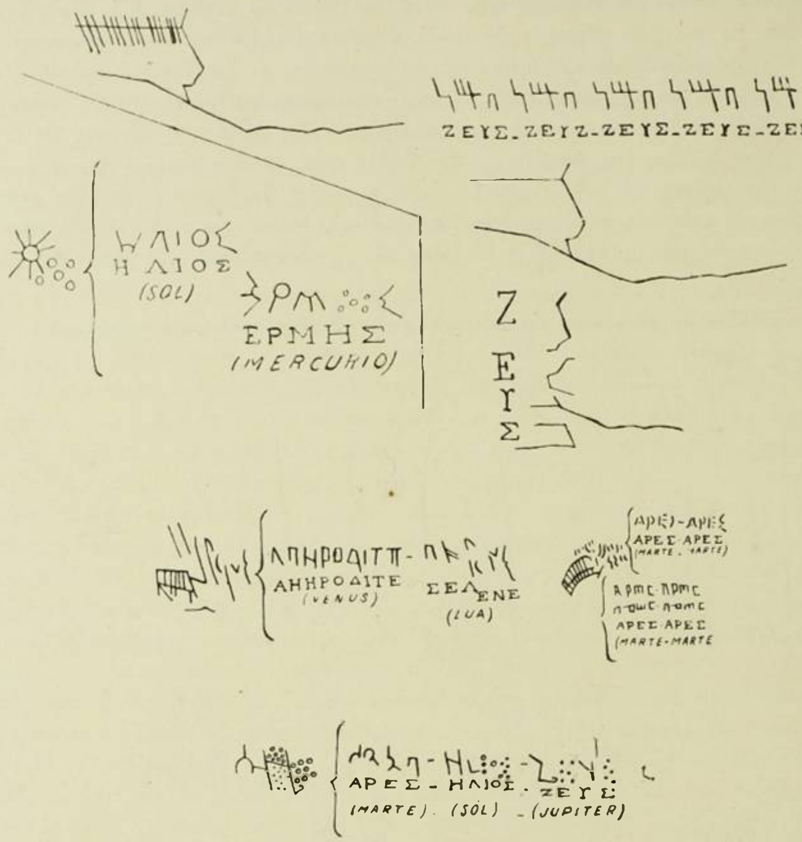
(4) Inscripção já por nós interpretada. Fig. 747.

«...Nos sertões de Pernambuco, além de outras se contam pelo Exú, Cabrobó, Itaquatiara, na margem esquerda do rio S. Francisco, o geologo J. C. Branner, viu e descreveu a do rochedo da *Cacimba Cercada*, á margem do rio Garanhunsinho (1) massiço, de gneiss em decomposição com um bloco superposto de tres metros de comprimento e cerca de dois de largura e de altura, tendo n'uma das faces um asterisco de cerca de 30 centimetros de diametro, feito de quatro linhas cruzadas em angulos iguaes e cavadas na rocha até ficarem os sulcos bem polidos e noutra face tres fileiras de pontos ou endentações da extensão de 75 centimetros, tambem incisas na rocha, sendo para notar que os sulcos da inscripção foram pintados de vermelho escuro, como ainda hoje se vêem... »

Eis agora, a interpretação da inscripção de que nos vinhamos occupando:



(1) J. C. Branner: "Brock Inscriptions in Brasil-American Naturalist", vol. XVIII. Philadelphia, 1884.



❋

A seguinte Inscripção lapidar da cachoeira de Itamaracá no Rio Xingú, (Pará) é sem duvida uma das notaveis da região do norte do Brazil.

Offerece motivo a valiosas considerações prehistoricas e como a reputamos, é de admiravel confecção artistica.

Já se acha descripta em paginas anteriores e fôra copiada pelo notavel scientista Domingos Soares Ferreira Penna.

O illustre Dr. Ladisláo Netto deu-lhe uma interpretação muito differente da nossa, assim o sabio ethnologo Theodoro Sampaio [1], e outros, ás varias inscripções lapidares.

Não temos porém o proposito de suppol-as erroneas, como veridicas as de nossa lavra, porque esta faculdade é peculiar aos Congressos de Inscripções e aos competentes no assumpto.

---

(1) Terceira These Official (4ª do programma da 3ª. secção Hist. das explorações archeologicas e ethnologicas) Rev. do I. H. Gr. Brasileiro, tomo especial, cons. ao 1º Cong. de Hist. Nac. de 1914, pag. 555 a 580.

N'esta hypothese, limitamo-nos a continuar o nosso trabalho de interpretação, procurando simplifical-o do melhor modo possivel.

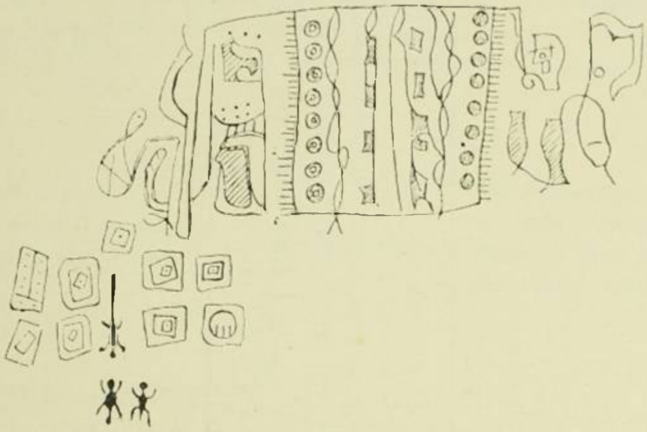
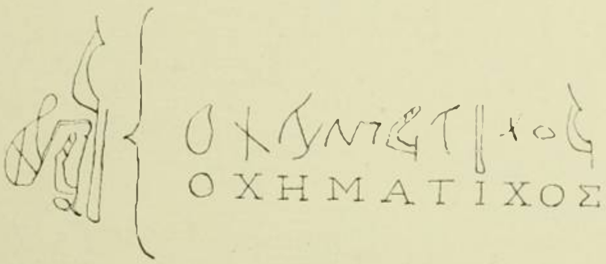
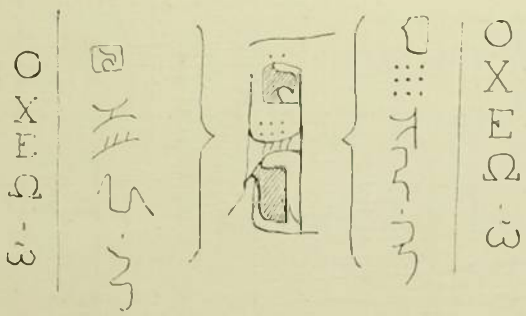
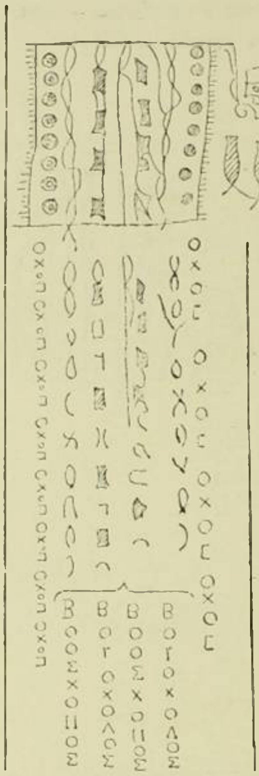


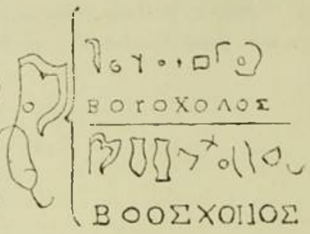
Fig. 1.411





Οχηματιχος, que se refere aos carros, ás seges, e differentes meios de transporte. R. ὄχημα.



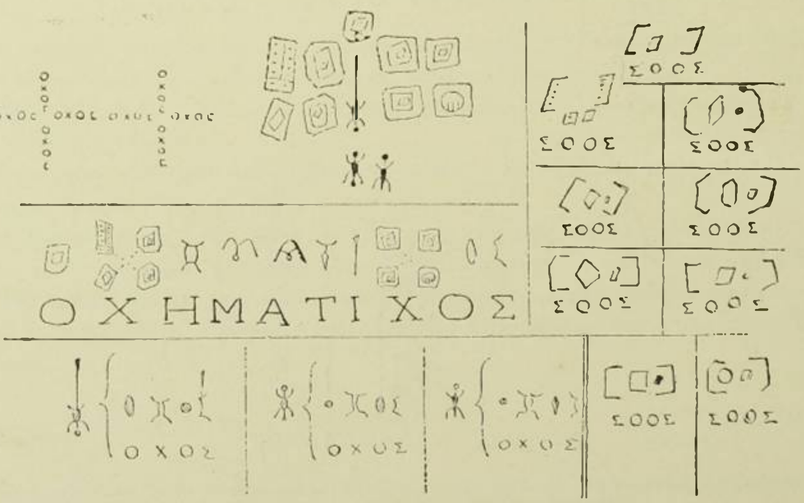


Βοοσχοπος, *Poet.* que vela sobre os bois ou que os segue atraz e com a vista, etc.

Οχος, carro, carruagem, carroça, carro de quatro rodas, etc. todo vehiculo ou meio de transporte, como: barco, navio, etc.

Αμαξα ou *ION*, carro de quatro rodas, berlinda, carruagem; a grande Ursa, (constellação), etc.

Βουχολος, boieiro, *Poet.* que apanha ou caça o boi, a ponta de aguilhão, etc.

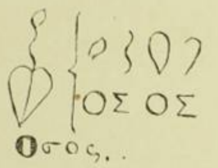


AINDA INSCRIPÇÕES DO RIO XINGÚ

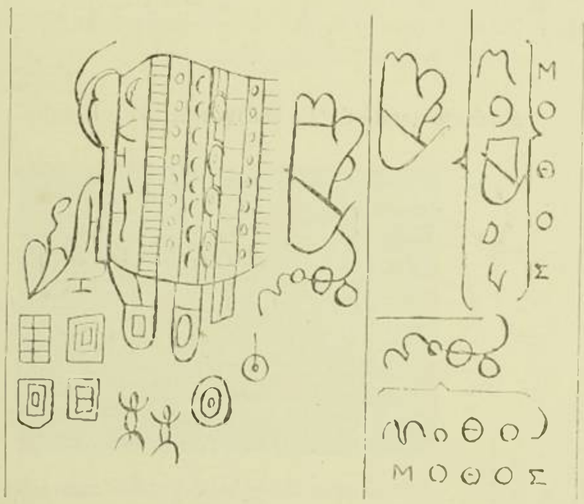
Por gentileza do illustre historiographo professor Agnello Bittencourt, obtivemos importantes inscripções do Rio Xingú, sendo a primeira, da qual nos vamos occupar, semelhante a que acabamos de interpretar. Apezar de mais simples, é interessante e artistica em relação a precedente, como passamos a demonstrar. Trata-se, ao que parece, de pendencia ou porfia de execução, segundo propriamente se deduz do final desta inscripção:

INSCRIPÇÃO DE ITAMARACÁ

(Rocha á direita)

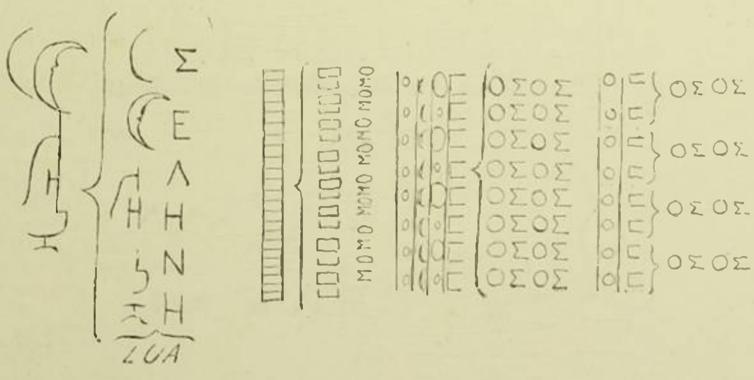


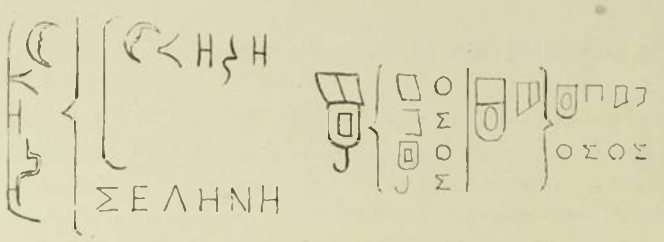
"Οσος, muito grande, muito consideravel, etc.



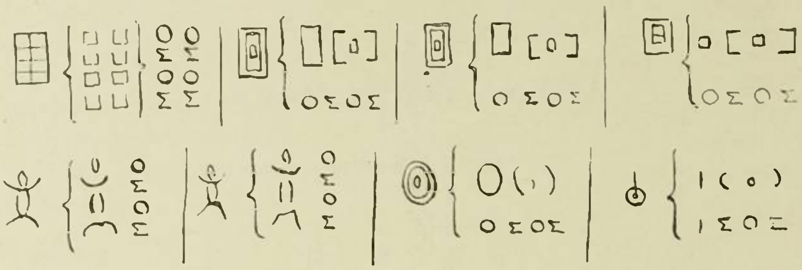
*ΜΟΘΟΣ, *Poet.* combate, refrega, pendencia, rixa, porfia; *alg. vez.* trabalho fatigante?

Fig. 1.112





Οσος, muito grande, muito consideravel, etc.



Rocha a esquerda de Itamaracá (Rio Xingú)

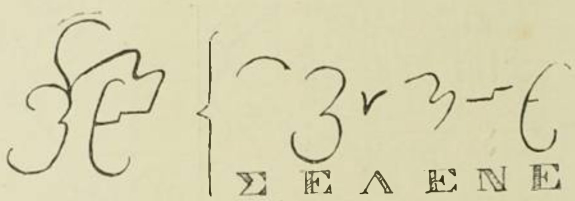


Fig. 1.413



*Λᾶϊ, *Poet. dat.* de λᾶας. || ΛΑ̃ΑΣ, *gen.* λᾶος, *dat.* λᾶϊ, *acc.* λᾶαν, *ou raram.* λᾶα; *dual* λᾶε, λάοιν (ὁ, *as vez.* ἡ) Ion. e *Poet.* pedra, rochedo etc.

Rocha da Caruara, na ilha de Cachinguba (Rio Xingú)



Fig. 1.414

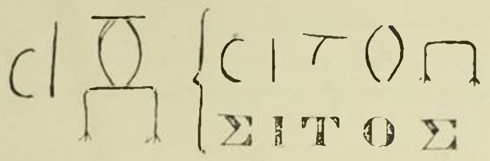


Fig. 1.415

Σῖτος, trigo, grão de trigo: *por ext.* pão *mais* seg. alimento, viveres. etc.

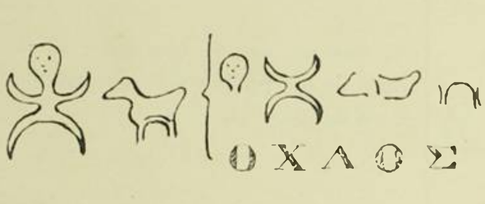


Fig. 1.416

"ΟΧΛΟΣ, movimento, tumulto, *donde por ext.* movimento popular, sedição, multidão assembléa etc. Temos noticia da existencia de varias inscripções neste, rio, que serão como vemos interessantes a julgar pelas precedentes. O mesmo acontece com as do Rio Cuminá, a seguir.

Inscripções do Rio Cuminá, extrahidas da obra já citada, de O. Coudreau, pag. 176 a 177, as quaes passamos a interpretar, sendo que, as do cliché seguinte, já o fizemos e constam das figs. 602 e 603.

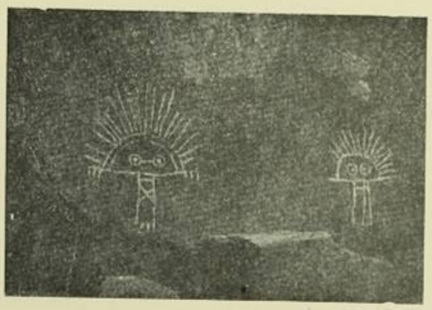


Fig. 1.417 — Cachoeira Resplandor (Rio Cuminá, Pará)

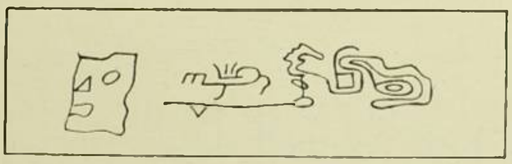
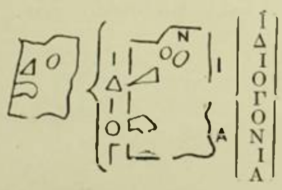
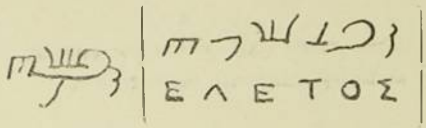


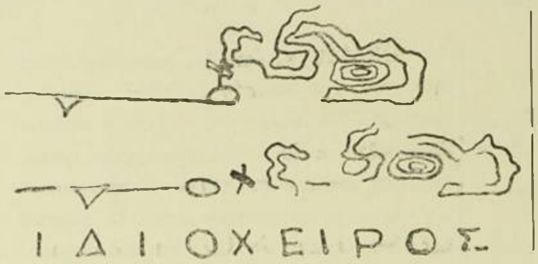
Fig. 1.418 — No Igarapé S. Antonio, Pará (Rio Cuminá, Pará)



Ἰδιογονία, Producção d'um ser da mesma especie.
RR Ἰδγιγνομαι.



*Ἕλετος, *Poet.* por αἱρετος, vencivel, expugnavel, *fig.* sedusivel, corruptivel, subornavel, etc.



Ἰδιοχειρος, que se tem feito ou escripto de sua propria mão; autographo. RR. ἰδ. χείρ.

RESUMO

ΙΔΙΟΓΟΝΙΑ ΕΛΕΤΟΣ ΙΔΙΟΧΕΙΡΟΣ

AUTOGRAPHO SEDUSIVEL, PRODUCÇÃO DA MESMA ESPECIE A QUE SE TEM FEITO

*

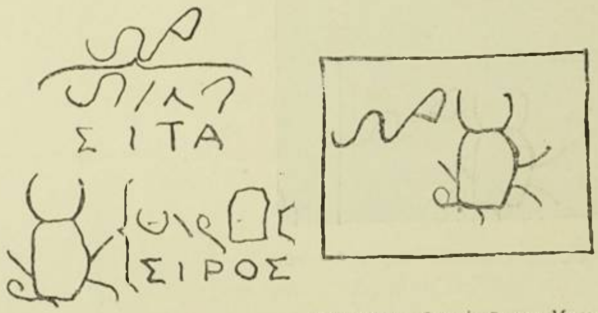


Fig. 1.419 — Inscripção em Murapi

Σιτα, ων, *pl.* de Σιτος, alimentos, manjar, iguarias. Σιρος *ou* Σειρός, *ou* Σιρρός, cavidade na terra para guardar trigo, grão etc., alçapão etc.

*

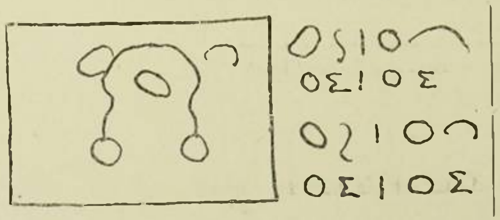


Fig. 1.420 — Inscripção de Parú

Ὅσιος, α, ον, conforme as leis da religião; permittido e não prohibido por ella, etc.

*

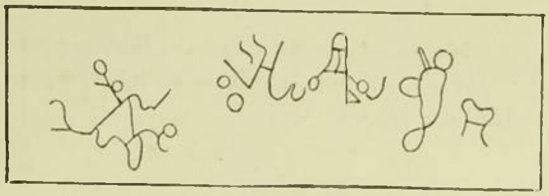
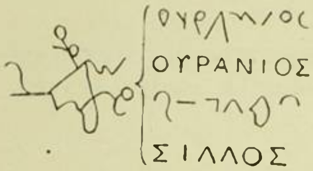
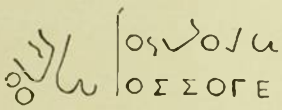


Fig. 1421

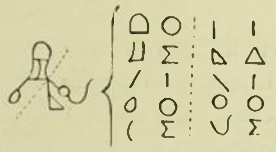


Οὐράνιος, α, *ou* ος, ον, celeste, do céo; dirigido para o céo; *fig.* espanto, maravilha, prodigioso, etc.

Σίλλος, ου, satyra, poema satyrico; sarcasmo, etc.

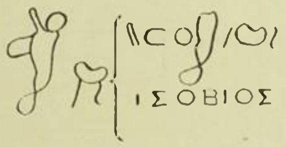


Ὅσσογε, ὅστις, ὅσονγε, ὅσοσπερ, ὅσηπερ, ὅσονπερ *ou* outras composições semelhantes, resumem-se em ΟΣΟΣ, η, ον: como é grande, tão grande, quanto consideravel, etc.



ΟΣΙΟΣ, α, ον, conforme as leis da religião; permittido e não prohibido por ella, *alg. vez.* que não é consagrado e se pode tocar, etc.

ΙΔΙΟΣ, α, ον, proprio, particular, especial, etc.; tomado em sentido proprio, que é do dominio privado, etc.



Ἰσόβιος, ος, ον, da mesma idade; que vive tanto ou que acompanha a mesma vida.

R. R. Βίος.

*

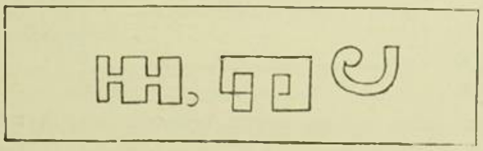
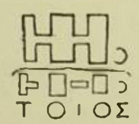
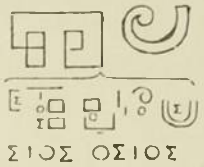


Fig. 1422 — Inscripção de Murapi



Τοῖος, α, ον, *Poet. ou raro em prosa,* tal, assim feito, de tal sorte, portanto, porque, Τοῖος οἷος, *Hom.* tal que, etc.



†Σιός, *Laced. por* Θεός, Deus, o Ser Supremo, etc.

Ὅσιος, α, ον, conforme as leis da religião; permittido e não prohibido por ella, etc., etc.

RESUMO

ΤΟΙΟΣ ΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ

CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, TAL O DEUS

Não é demasiado mais uma vez ponderarmos que nem sempre as copias correspondem ao original, por muitas causas, razão porque temos necessidade de corrigir, ás vezes, pequenos traços ou falhas.

*

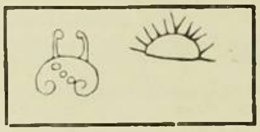
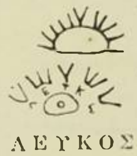


Fig. 1.423 — Inscripção de Murapi



ΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião; permittido e não prohibido por ella, etc.



ΛΕΥΚΟΣ, branco, *por ext.* brilhante, refulgente, puro, sereno, claro, *alg vez.* feliz, agradavel, etc.

ΟΣΙΟΣ ΛΕΥΚΟΣ

CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, BRILHANTE, PURO SERENO, FELIZ, ETC.

*

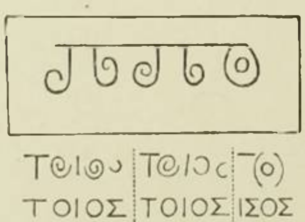


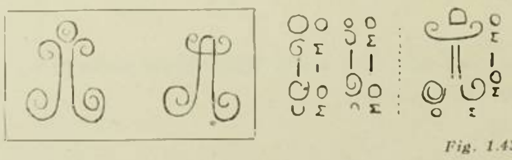
Fig. 1.424 — Inscripção de Murpi

*Τοῖος, α, ον, *Poet. ou raro em prosa*, tal, de tal sorte, portanto, etc.

Ἴσος, *ou poet.* Ἶσος, igual, semelhante, igual unido, plano, justo, equitativo, etc

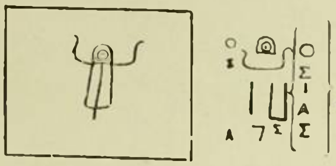
DE TAL SORTE, IGUAL, JUSTO, UNIDO E EQUITATIVO

*



Ὅσιος, palavra já conhecida.

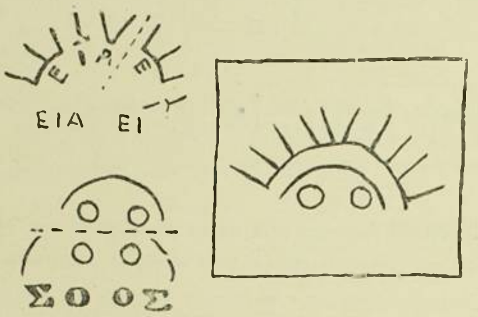
Fig. 1.425



'Οσίας, rito ou ceremonia religiosa, exequias, funeraes, etc.

Fig. 1.426 — Cachoeira de S. Nicoláu

*



Εἶα, *interj.* vamos! isso! coragem! *alg. vez.* bravo!

Εἶ *ou* εἶς, 2, *p. s. ind. pres.* de εἰμι, segue

Σόος, *Poet. d'onde a forma Att.* Σῶς, ὦς, ὦν, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, etc.

Fig. 1.427 — Inscripção de Pará

RESUMO

ΕΙΑ! ΕΙ! ΣΟΟΣ!

VAMOS! CORAGEM! SEGUE! SÃO E SALVO!

*

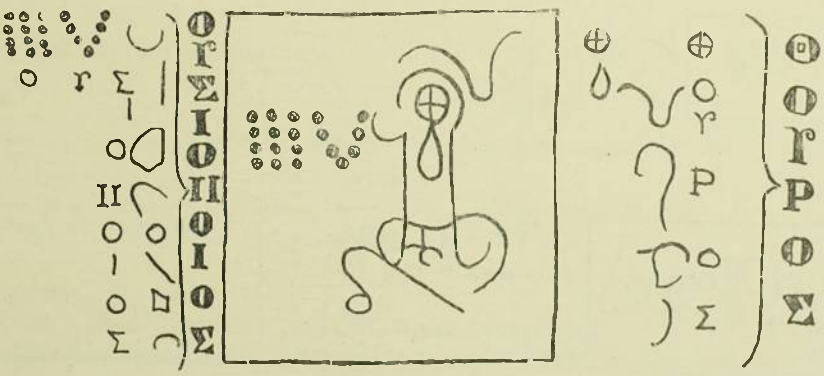


Fig. 1.428 — Inscripção da Cachoeira de S. Nicoláu

Οὐσιοποιός, *em t. de phil.* que cria as substancias. R. R. ουσ ποιεω.

*Θοῦρος, *Poet.* impetuoso, violento; prompto, rapido, bravo, valoroso. R. Θρωσκω.

RESUMO

ΟΥΣΙΟΠΟΙΟΣ ΘΟΥΡΟΣ

QUE CRIA AS SUBSTANCIAS: IMPETUOSO, VIOLENTO, RAPIDO, VALOROSO

*

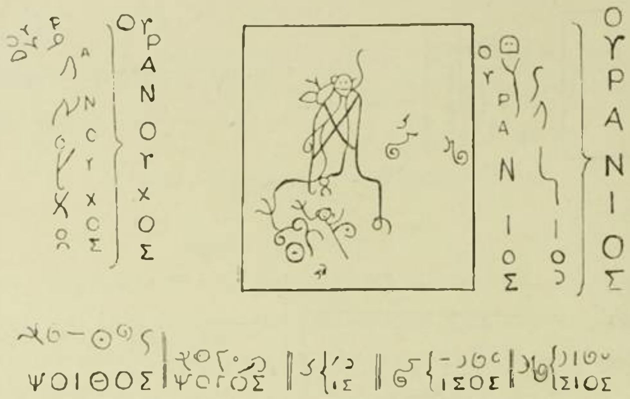


Fig. 1.429 — Inscripção da Cachoeira de S. Nicoláu

Ουρανοῦχος, *Poet.* que habita o céo, etc.

Οὐράνιος: celeste, do céo; dirigido para o céo, *ou fig.* espanto, maravilha, prodigio, etc.

Ψοῖθος, *Glss. por* ψοθός, *Glss. por* ψόλος *ou por* ψόφος, barulho, perturbação, tumulto. || Torvo, embrulhado, etc.

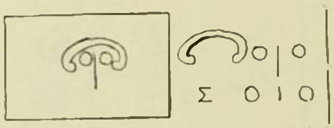
Ψόγος: vituperio, despreso, descredito; reproche, reprimenda. R. ψέγω.

Ἴς, *gen.* ἰνός, fibra, nervo; *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

Ἴσος, *ou Poet.* Ἶσος, igual, semelhante, igual, unido, plano, justo, equitativo, etc.

†Σιός, *Laced. por* Θεός, Deus, o ser supremo, etc.

*



Σοῖο, *por* σοῦ, *gen. masc. de* σός, ή, όν; Σός, ή, όν, *adj. poss.*, teu, tua, o teu, a tua, etc.

Fig. 1.430 — Cachoeira Cosinha de Pedras

*

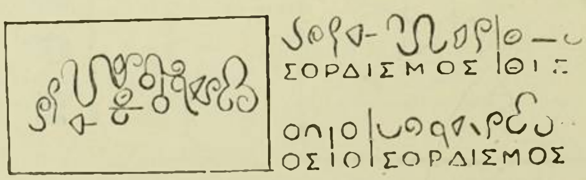


Fig. 1.431 — Inscripção da Cachoeira de S. Nicoláu

†Σορδισμος, οῦ, barbarismos, etc.

Θίς *ou* Θίν, acervo, montão, monte, bando de velhacos; ajuntamento; *principalm.* dunas, collina, elevação, etc.

Ὅσιο, conforme as leis da religião; permittido e não prohibido por ella, etc.

†Σορδισμος, οῦ, barbarismos, etc.

RESUMO

ΣΟΡΔΙΣΜΟΣ ΘΙΣ ΟΣΙΟ ΣΟΡΔΙΣΜΟΣ

BARBARISMOS, BANDO DE VELHACOS, AJUNTAMENTO, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, POR ELLAS PERMITTIDO BARBARISMOS

*

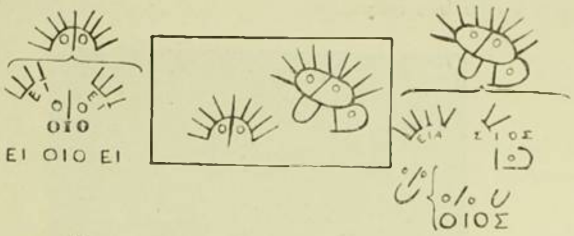


Fig. 1.432 — Inscripção da Cachoeira da Paciencia

Εἶ, *ou* εἶς, *2. p. s. ind. pres. de* εἶμι, segue.
Ὄιο, *Ion. por* οὗ, *gen. sing. do pron. poss.* ὅς, *por* ἑός, οὐ, não.
Εἶ, segue, etc. || Εἶα, *intr.* vamos! coragem! etc.
Ὄιος *Poel.* só unico; *alg. vez.* só em seu genero, sem igual.
Σιός, *Laced. por.* Θεός, Deus, etc.

RESUMO

ΕΙ!, ΟΙΟ, ΕΙ, ΕΙΑ! ΟΙΟΣ, ΣΙΟΣ!

SEGUE! NÃO SEGUE! VAMOS! CORAGEM! DEUS SO UM, SEM IGUAL

*

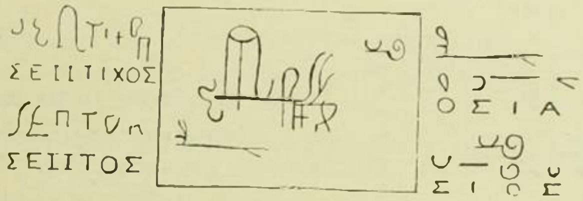


Fig. 1.433 — Inscripção da Cachoeira S. Nicoláu

Σεπτικός, proprio a honrar, a render um culto; precioso, religioso. R. σέβω.
Σεπτος honrado, respeitavel; santo, divino.
Οσία, rito *ou* ceremonia religiosa, *especialm.* exequias, funeraes, etc.
Σιος, *Laced. por* Θεός, Deus, o ser supremo, etc.

*

Terminaremos a interessante serie epigraphica do Rio Cuminá, reproduzindo a photogravura de fl. 53 da obra citada de O. Coudreaü, publicada em 1901. Contém dois blócos de pedra com inscripções, dignas de interpretação.

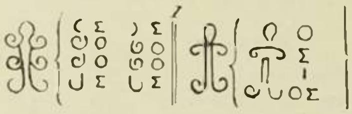
Com effeito, a producção dedusivel de que trata a primeira inscripção, obedece um estylo pouco vulgar, porque, além de bem delineado, restringe-se quasi geralmente a duas palavras em cada blóco de letras. Os assumptos primam por boa linguagem, ou phrases bem definidas, sendo de lastimar que algumas inscripções, não tenham tido o seguimento em que naturalmente estariam dispostas.

Entretanto, não deixamos de consideral-as bellos exemplares, e folgamos por nos terem sido proporcionados em tão bôa opportunidade.

Eis a gravura a que nos referimos:



Fig. 1.434 — Inscripção da Cachoeira de S. Nicoláu

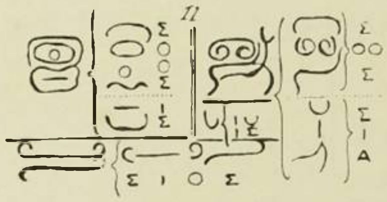


†Σία *Laced. por* Θεά *Deusa.*

RESUMO

ΣΟΟΣ, ΟΣΙΟΣ

SÃO E SALVO, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO



ΣΟΟΣ ΙΣ ΣΊΑ ΣΙΟΣ

SÃO E SALVO A FORÇA DA DEUSA E DE DEUS!

*

Somos estimulados a fazer algumas considerações ainda, sobre estas importantes inscripções, apezar de já havermos d'ellas tratado por vezes.

O principal assumpto da precedente fig. 1.434, acha-se ligado a varias inscripções, como por exemplo, as das Estampas 4,5 e 8 etc., de INHAMUM JATOBÁ — INHAMUM, LAGOA DE ARNEIROS — INHAMUM, MORCEGO, regiões distantes por conseguinte entre si.

Este facto é o que nos suggere, com prazer, fazer um mais detido estudo sobre o assumpto.

Ora, a est. 4ª, encerra em caracteres do grego antigo: ΝΟΜΟΣ ΟΧΟΣ (lei de carros), seguindo-se as outras, cujas figuras accusam o mesmo estylo empregado, como: ΟΧΗΜΑΤΙΧΟΣ, tál como na inscripção em apreço, e assim ΟΧΟΣ, ΟΞΕΩ-Ω, ΑΜΑΞΑ, ΑΜΑΞΑΥΩΥΟΣ, ΒΟΥΟΧΟΛΟΣ, ΒΟΟΣΧΟΠΟΣ, etc.

Esta circumstancia faz crer, como pensamos e denuncia a nossa epigraphia, no dominio dos gregos em grande parte na nossa região, de norte a sul, em epochas prehistoricas.

Sobre a configuração apenas do desenho, já se manifestaram os illustres archeologos Ladisláo Netto, Theodoro Sampaio e Ferreira Penna, attribuindo este a sua origem, a tempos anteriores aos Incas. A nossa interpretação paleographica porém, ahi está em contraposição aos dois primeiros e com restricçõesa o terceiro.

Agora teremos, ainda resumidamente, algumas analogias sobre o assumpto, a proposito da opinião do scientista Pennafort, tratando da palavra Amazonas, seguido de outros.

«Os Lexiologos hellenistas — Alexandre, Chanssang, Baudry, Burnouf, Monury e Lachâtre, dizem que a palavra *Amazonas* — significa no grego — *femme sans mamelle*, (de *a* priv. *sem*, e *mazós*, ou *mazon-petite sein*, vel *mamelle*, como quer Alexandre, ou *femme privée d'un sein* (!) como quer Chanssang. Eram assim denominadas as mulheres da Scythia, mui valentes e guerreiras, que viviam sem *varões;* queimavam ás meninas a têta direita, para que quando *mulheres* não tivesse embaraço algum em atirar com o arco. Distinguem-se geralmente duas familias d'Amazonas; as *Orientaes* ou Asiaticas (que são as Amazonas propriamente ditas) e as *Occidentaes* ou Americanas. Estas ultimas, segundo Diodoro de Sicile, percorreram muitas partes do mundo e tiveram conhecimentos da Atlantida de Platon. A patria das Amazonas d'Asia era situada na bacia circumscripta pelo mar Negro, o mar d'Azof e o mar Caspio ».

«A historia problematica, mythologica das Amazonas vae até ao 5° seculo antes da tomada de Troia, isto é, 1500 annos antes da era christã. Eu julgo tambem que este nome vem do mesmo grego *amaxon*, *amaxion*, *amacion*, que significa — *petit chariot* (pequena berlinda) uma especie de carros de 4 rodas, de que se serviam as Amazonas asiaticas. As mulheres scythas, as gaulezas muitas vezes collocadas nos seus *amaxás* (chariot) combatiam o inimigo e por vezes lhe oppunham serios embaraços. Estes *amaxonas* entre as mulheres e guerreiros scythas assemelhavam-se aos *tabers* ou *wagenborg* aos Germanos; mui parecidos com as *tendaus*, tendas ou *tanas* (tabas) dos nossos indios americanos. Ainda hoje varias tribus nomadas d'Asia, vivem sobre as suas *amaxonas* berlindas) como verdadeiras *tanas* ou tendas ».

«Em astronomia a palavra — *amaxa*, *amaxona*, significa a constellação da *Pequena Ursa*. Seja como fôr, o que não posso admittir é que se applique o sentido ou o significado da palavra grega — *amazona* — aos nossos indios guerreiros e maximé ao nosso — Rio Mar. Eu admitto o facto historico das *Amazonas brazileiras*, porém, com os seus nomes proprios e bem significativos de *Icamiabas*, nome sanskrito, de *ysamicaka*, *ysamicábas* (de *ay* — priv. e *samikabo*, sem união de sexos); os aryanos dizem *ayas-gam*, *ysamyadjana* (sem união de sexos) d'onde a palavra indigena — *Amicuanes* e *Aykabeainos*, do mesmo sanskrito *manúsa-y'akenéana*, isto é, mulheres que não têm marido, que vivem sós. . . » Isto não nos parece, em tudo, razoavel.

Com estas conjecturas, entretanto, poder-se-ia formular uma idéa, vagamente embora, sobre a origem ou apparencia do interessante desenho. Contém em si palavras e caracteres propriamente gregos, como a do Dicc. cit. p. 69 — ΑΜΑΞΑ ou ΑΜΑΞΙΟΝ Ἅμαξα ης (ἡ), carreta, carruagem; poet. charrua, *por causa de sua semelhança com um carro*: o carro de quatro rodas ou a grande ursa, constellação; algumas vezes rua ou encrusilhada ? segundo já ficou definido em outro capitulo.

Ou o desenho apparentemente representa *taba*, *tendas*, *trincheiras de combate*, e ao mesmo tempo uma allusão a grande ursa, ou finalmente a Lei referida, sobre carros, locomoção ou meios de transportes, já interpretada nas citadas estampas 4, 5 e 8.

O que nos está parecendo é que a historia mythologica das Amazonas occidentaes, ou Americanas, das quaes tanto se tem tratado, não era extranha á grande parte do mundo, e por tanto, o nosso continente chegará a offerecer ensejo a cogitações, que não só existiram precocemente no cerebro inventivo e inflammado de Orellana.

Se os gregos e phenicios, com effeito, por sua vez, como tudo faz crêr, deixaram vehementes indicios de sua permanencia em nosso solo em época anterior ao Christianismo porque, d'entre elles, excluir a possibilidade emigratoria d'essas celebres e guerreiras Amazonas ou suas sectarias?

E' uma questão que importa a tradições prehistoricas e que aqui deixámos levemente apenas, no intuito elementar.

Finalmente, eis como se externa Ladisláo Netto sobre esta inscripção: "E' evidentemente a mais perfeita e a mais notavel das até hoje encontradas em toda a America, não só pela sua perfeição e dimensões, como pelo modo por que ahi se acha synthetisada uma serie de ideias".

*

Agora que temos terminado o que se nos offerece sobre assumpto epigraphico, vem a proposito fazermos uma digressão sobre recentes e interessantes narrativas tradicionaes, das referidas Amazonas, suggeridas por Xavier de Sampaio em seu "Diario de Viagens a Capitania do Rio Negro em 1774-1775", já citado, nestes termos:

«Tinha eu lido no diario de Mr. de la Condamine, que illustrou esta povoação com a sua presença, as diligencias, que este erudito academico fez aqui para averiguar a verdadeira origem das celebres Amazonas, que deram causa ao nome deste famoso rio. O que me sucitou tambem a lembrança de fazer as minhas averiguações. O dito Condamine relata (1), que fallara neste logar com um indio, que teria setenta annos de idade, e que occupava certo posto n'aquelle povo: e este assegurára, que seu avô, achando-se na povoação de Cuchiuuará (uma das boccas do Purús), vira umas mulheres Amazonas, que tinham vindo do rio Cajamé, com as quaes tratára, e communicára ».

«Perguntando pelo dito indio achei que era o sargento mór da ordenança José da Costa Pacorilha, já fallecido; porém outro indio do dito logar chamado José Manoel, alferes da ordenança, homem já de setenta annos para cima, e de bom proposito, natural da dita antiga povoação do Cuchiúuará (que já hoje não existe, por se ter mudado para este logar de Arvellos) me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado sargento mór, o que este disse a Mr. de la Condamine. Segurando-me, além disso, que era neste rio constante entre os indios a tradição da existencia das mulheres Amazonas, do qual se retiraram, entranhando-se nas terras do norte d'elle, da bocca do Rio Negro para baixo ».

«Quem não é inteiramente estrangeiro na historia da America portugueza, e hespanhola, não ignora que o rio Amazonas tem tido diversos nomes. O que os indios lhe davam, era Paranáuasú, isto é, grande rio. Os Pinções, que foram os primeiros que viram a sua extensissima barra, lhe chamaram Mar doce. O nome de Maranhon, appellido hespanhol, não podia deixar de lhe ser dado por algum descobridor d'aquella nação pela parte do Perú. Sobre o de Orellana e Amazonas diremos agora ».

---

(1) Extracto do diario da viagem do Amazonas: p. 56. Edic. Hespanh. Amsterd. 1745.

«O Marquez Francisco Pissarro, celebre conquistador do Perú, mandou a seu irmão Gonçalo Pissaro, a descobrir o paiz da canella; ou, como outros querem, o lago dourado, do qual ainda fallaremos. Deu-lhe por official nesta expedição ao capitão Francisco de Orelhana. Depois de alguns mezes de viagem, desertou este na occasião em que o seu commandante o tinha mandado adiantar, e chegando á corrente do novo rio se entregou a ella, e a seguiu até o mar. Então foi que lhe deu o nome de Orelhana, appellido seu. E sendo acommettido na sua viagem junto a bocca do rio Nhamondás, que desagua no Amazonas na altura de dois gráos ao sul, por uns indios valorosos, entre os quaes pelejavam tambem mulheres, chamou a estas mulheres Amazonas, e ao rio deu o mesmo nome, que perdendo todas os mais antecedentes hoje ainda conserva. Está a verdadeira origem do nome do rio ».

«Muito se tem discorrido sobre a existencia das Amazonas americanas, da sua republica, exclusiva de homens fóra do tempo determinado para o congresso, e a sua semelhança com a dos asiaticos. Ninguem ignora o que escreveram sobre esta materia Laet, Raleigh, Cunha, Feijoo, Sarmiento, Coronelli e Condamine ».

«Os factos, que formam a base dos seus discursos, são os seguintes: A imposição do nome ao rio, que não é verosimil fosse arbitraria, é caprichosa; o testemunho do mesmo Francisco de Orelhana, e da não pouca numerosa tropa de castelhanos, e indios, que o acompanharam; a tradição constante entre os indios; e transmittida até o dia de hoje, acrescendo a prova destes factos e circumstancias, feitas na Real audiencia de Quito, e na cidade de Pasto, depondo nesta ultima, uma india em particular, que assegurou ter estado no paiz, onde estavam estabelecidas aquellas valorosas mulheres. Acresce mais a tradição, de que ellas se retiraram para o interior das terras, que hoje se chamam a Guiana, ou Goyana, sobindo pelo rio Trombetas, que entra no Amazonas junto a Pauxiz, cujas fontes são n'aquelle paiz. E' tambem certo que o interior do Goiana, não está ainda descoberto, nem por portuguezes, nem por castelhanos, francezes ou hollandezes, que são as nações, cujas colonias o rodeiam, e assim não estando aquelle terreno descoberto, não se pode affirmar positivamente, que lá se não conserve ainda hoje a republica amazonica, que o medo dos Europeos faria desamparar a terra nativa ».

«Se são poucas estas conjecturas, formem-se novas sobre o que observou Cunha (1) escriptor da relação da viagem do nosso incomparavel capitão Pedro Teixeira. Eis aqui o que elle diz: Estes mesmos Tupinambás nos confirmaram tambem o rumor, que corria por todo o nosso grande rio das famosas Amazonas, das quaes tira o seu verdadeiro nome, e pelo qual é conhecido, depois que foi descoberto até o presente, não somente pelos que o tem navegado, mas pelos cosmographos, que d'elle tem tratado. Seria cousa bem estranha, que este grande rio tomasse o nome de Amazonas sem algum fundamento racional; mas as provas, que temos, para segurar, que ha uma provincia de Amazonas, nas margens deste rio, são tão grandes e fortes, que não se pode disso duvidar sem renunciar a toda fé humana ».

«Depois que neste logar referi as averiguações feitas em Quito e Pasto sobre esta materia, continúa — Mas eu não posso calar o que ouvi com meus ouvidos e que quiz verificar, logo que me embarquei neste rio Amazonas. Disseram-me, pois, em todas as povoações por onde passei, que havia mulheres no seu paiz como eu lhas pintava, e cada

(1) Cap. 70 e 71, na traducção de Gombrevil.

um em particular me dava d'ellas signaes tão constantes, e uniformes, que se a cousa não é assim, é preciso que a maior mentira passe em todo o mundo novo pela mais indubitavel de todas as verdades historicas ».

«Trinta e seis leguas abaixo desta ultima aldeia dos Tupinambás, descendo, pelo nosso rio Amazonas, encontra-se da parte do norte, outro, que vem da provincia das Amazonas, e que é conhecido pela gente do paiz com o nome de Cunuriz (Nhomundás presentemente, e é onde Orelhana viu as mulhers guerreiras). Este rio toma o nome dos indios, que habitam mais proximos á sua bocca.

Superiores a estes estão as Apótas, que falam a lingua geral do Brazil mais acima estão os Tagaris e depois os Guacaris que é o povo feliz, que gosa o favor das valerosas mulheres Amazonas. Tem as suas povoações sobre montes de predigiosa altura.

Estes montes existem no logar indicado, e se chamam vulgarmente a cordilheira da Goyana, que corre ao longo do Amazonas: entre as quaes ha um chamado Tacamiába, que se eleva extraordinariamente sobre os outros, e que é esteril por ser muito batido dos ventos. Estas mulheres se têm sempre conservado sem soccorro de homens, e quando seus visinhos lhe vêm fazer visita no tempo assignalado, ellas os recebem com armas na mão, que são arcos, e flechas, para não serem surprendidas; mas logo que os conhecem, vão todas de tropel ás suas canoas, onde cada uma pega na primeira Itamáca que encontra, e vão prendel-a em sua casa, para n'ella receber o dono. No fim de alguns dias, voltam para as suas casas estes novos hospedes, e não faltam de fazer igual viagem na mesma estação. As filhas, que nascem deste congresso, são criadas pelas mães, instruidas no trabalho e no manejo das armas: quanto aos filhos não se sabe bem o que fazem d'elles; porém eu ouvi dizer a um indio, que se tinha achado com seu pai nesta assembléa, sendo ainda rapaz, que no anno seguinte dão aos pais os filhos machos, que pariram. Como tudo communente se crê, que ellas matam todos os machos, o que eu não sei decidir. Seja o que fôr, ellas têm thesouros no seu paiz, capazes de enriquecer todo o mundo. A barra deste rio em cujas margens habitam as Amazonas, está em dois gráos e meio de altura meridional ».

«Aqui têm os apologistas da existencia das Amazonas americanas, argumentos e razões convincentes para firmarem a sua opinião ».

«Se eu devo agora tambem dizer o que me parece, continua Xavier de Sampaio, confesso, que não cabe no meu entendimento igual opinião. E, se examinarmos esta materia pela regra da verdadeira logica, e solida critica, devemos assentar, que a existencia das Amazonas da America é uma d'aquellas preoccupações populares, que achando fundamento no maravilhoso, que o povo ama, se propagam com extraordinaria facilidade ».

«Que cousa mais difficultosa de se conceber por qualquer entendimento são, que uma republica de mulheres, que habitem na zona torrida, governando-se por si, sem admittirem varão, senão em certos dias do anno? Que cousas moraes podemos imaginar, que sejam tão efficazes para vencer quasi irresistivel força do clima? O animo é summamente agitado nos climas calidos por tudo, o que é relativo á união dos dois sexos: tudo conduz a este objecto, diz um jurisconsulto philosopho [1]. O certo é que o alvoroço, com que ellas recebiam os hospedes, e que Cunha nos relata, não mostra, que lhes não era indifferente áquella união? ».

(1) Montesq. Esprit. des laix liv. 14 chap. 4º

«Não se acha um ar de fabula n'aquella singular divisão dos filhos machos e femeas dizendo-se por uns, que os matam, por outros, que os entregam aos paes?»

«Qual é o verdadeiro logar, que habitam as Amazonas? Orelhana vio-as no rio Nhamundás. O indio, que falou a Mr. de la Condamine, deu noticia, que as vio em Cuchiúuara, e que tinham vindo do Caiamé, que dista do Nhamundás para cima de cento e tantas leguas e onde Orelhana as não vira passando por aquelles districtos».

«Mas que havemos de responder aos argumentos da opinião contraria, principalmente aos factos affirmativos e positivos em prova da existencia das Amazonas? Porém que provas e factos são sufficientes para estabelecer o que se pretende provar, quando é um inverosimil? Nenhumas provas são bastantes, sem que primeiro se reduza o inverosimil a verosimil, que é quasi como uma questão prejudicial, que pede antecipada e previa resolução».

«Não quero duvidar do facto e dito de que não discorra logo: que Orelhana, que desertou do exercito do seu general com a mais feia perfidia, necessitava de achar alguma capa, com que pudesse cobrir o seu delicto, fazendo-o ao menos esquecer com fingidos e maravilhosas narrações de sorte que o mundo o tivesse como um homem prodigioso. O que assim lhe succedeu na corte do Imperador Carlos V, para o que concorria o genio do seculo, em que faziam ruido as descobertas da America, e os animos desejosos recebiam com admiração toda a qualidade de novidades, que vinham continuamente d'aquella parte do mundo. E qual outra mais propria para attrahir a attenção universal, que a historia das Amazonas?»

«Os que tivessem algum conhecimento dos costumes dos selvagens da America, não ignoravam, que habitam n'ella algumas nações, em que as mulheres pelejam juntamente com os homens, o que presentemente succede com innumeraveis. Os muturicús, que de quatro annos a esta parte hostilisam as nossas povoações do rio Tapajós, trazem comsigo as mulheres, as quaes na occasião do conflicto lhes subministram as flechas, como se observou no combate, que com aquella belicozissima nação teve o anno passado o commandante da fortaleza d'aquelle rio, no qual sustentaram valerosamente o fogo, que se lhe fez por um largo espaço de tempo».

«A nação Otomáca, uma das mais celebres do Orenoco leva as suas mulheres á guerra. O officio destas, é aproveitar as flechas, que os inimigos disparam, e ervam, as quaes entregam aos seus para novamente as lançarem aos inimigos».

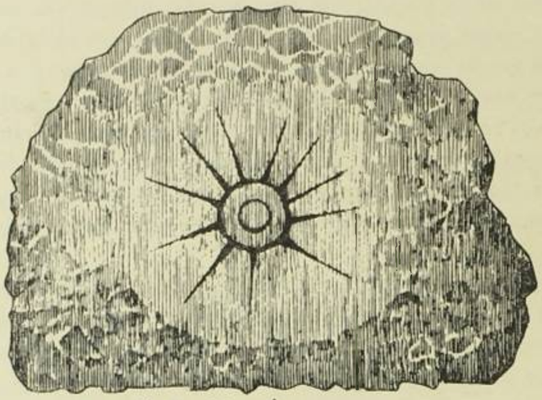
«Eis aqui dois exemplos de Amazonas e eis aqui quanto bastou, para que Orelhana, succedendo-lhe o mesmo, tivesse fundamento para estabelecer a sua fabula, complicada ella com o que se dizia das Amazonas asiaticas, não foi necessario mais para applicar ás da America, quanto se contava daquellas nas historias, que junto tudo ás circumstancias preponderadas e aos costumes dos indios, propensos naturalmente a ficções e mentiras, fizeram criar raizes a esta opinião; favorecendo-a muito o gosto da nação Hespanhola, por quem tem sido transmittida e apoiada para o maravilhoso».

*

Já externamos em principio, finalmente, o motivo desta digressão, que ora terminamos, na qual o ethnologo encontrará elementos para um estudo, com effeito, em curioso e de alcance para a prehistoria Americana.

*

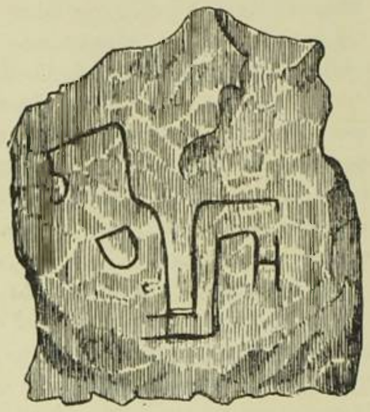
INSCRIPÇÕES GRAVADAS SOBRE ROCHAS DA SERRA DA ESCAMA, COPIADAS POR GUSTAVO ROMBELSPERGER E ORA POR NÓS INTERPRETADAS



(SÓL)

ΗΛΙΟΣ

Fig. 1.435



ΣΕΛΗΝΗ

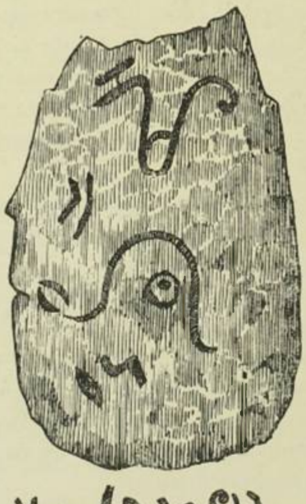
(LUA)

Fig. 1.436

ΗΛΙΟΣ

(SÓL)

Fig. 1.437



ΚΡΟΝΟΣ

(SATURNO)

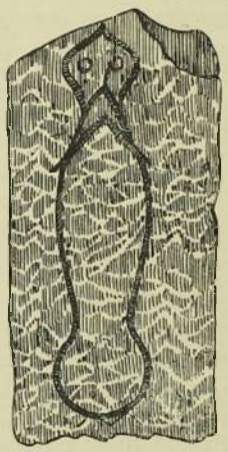


Fig. 1.438

ΟΥΡΑΝΙΩΝ

Dicc. Gr. cit, p. 1.020 — Ουρανιων, *Poet.* habitante do céo, filho do céo: filho de Uranos *ou pl.* os deuses, etc.

*

Esta inscripção substituimos pela recente photographia.

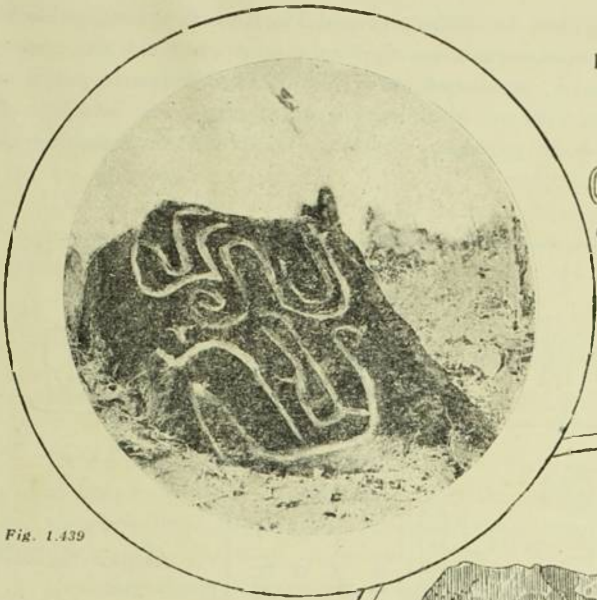


Fig. 1.439

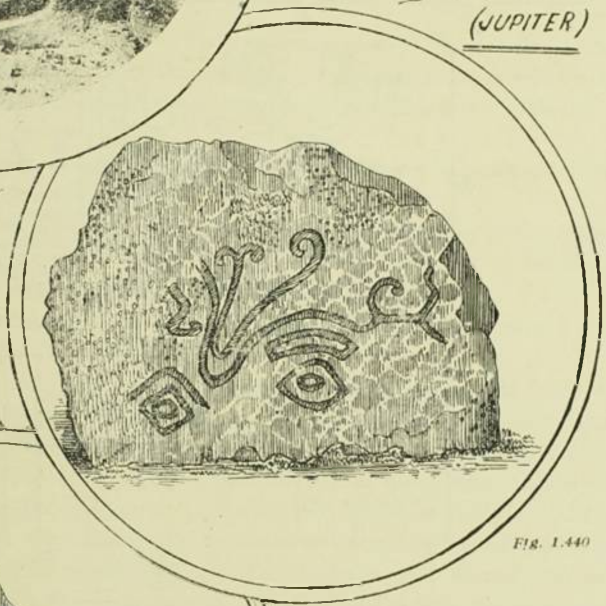


Fig. 1.440

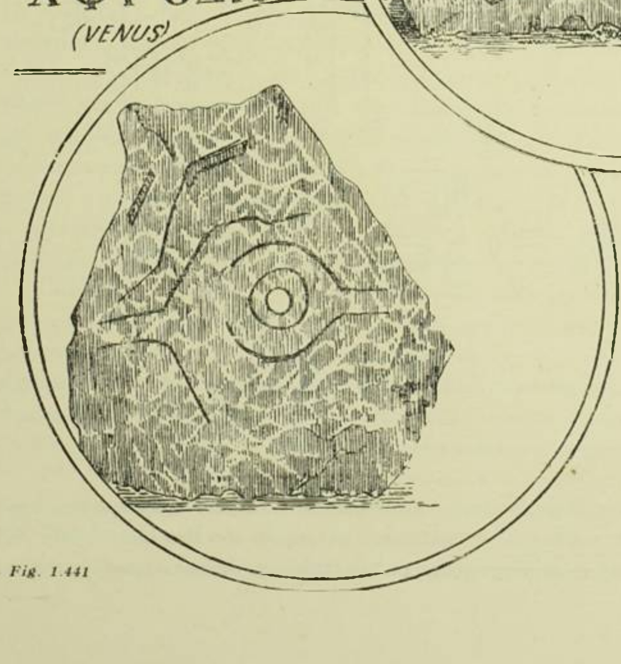


Fig. 1.441

Palavras já por muitas vezes definidas.

A' pagina 31, da importante obra do illustre professor Th. Kock Grunberg, publicada em Berlim no anno de 1907, encontramos a inscripção do — VIRADOR NO RIO GRANDE DO SUL, da qual passamos a tratar, trasladando-a em seguida. Comquanto pouco expressiva em varios pontos temos o prazer de sobre ella offerecer a nossa interpretação paleographica, dividindo-a em cinco partes, para melhor simplificar a comprehensão de tão complexa e artistica confecção:

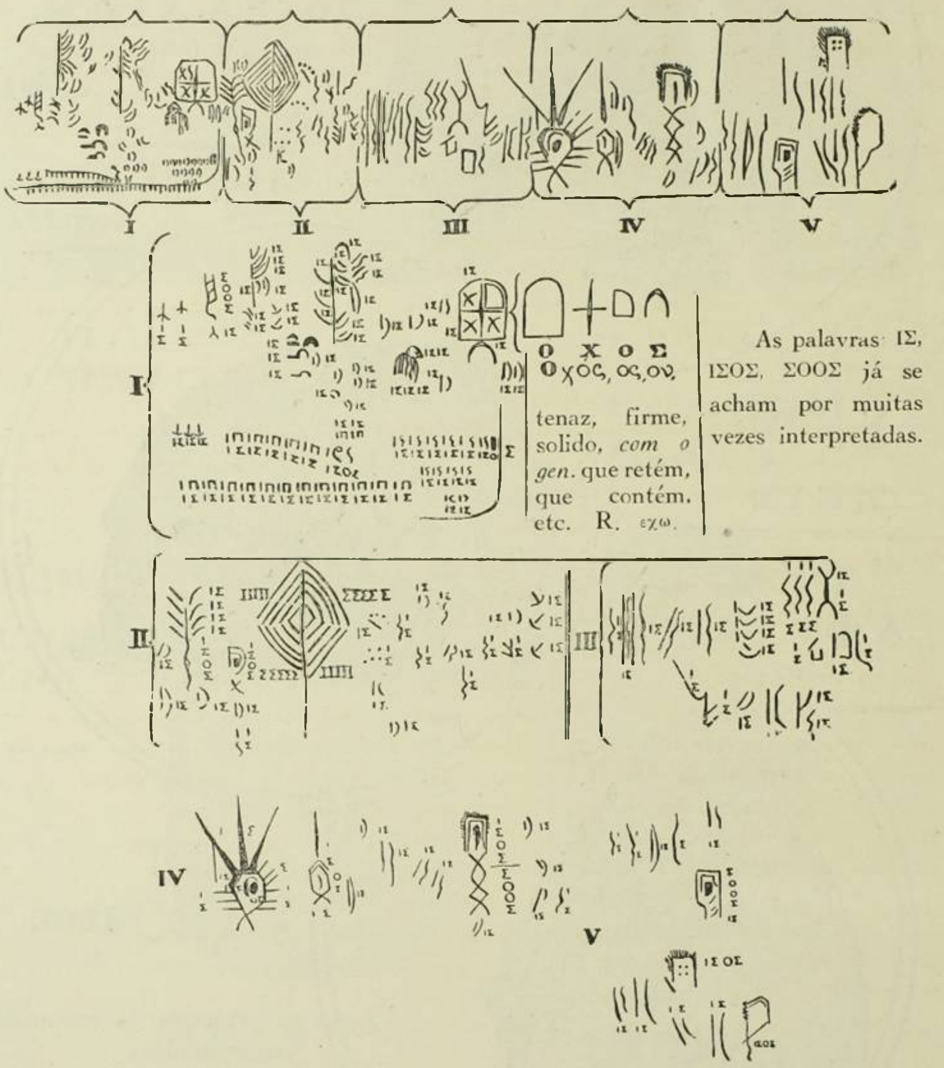


Fig. 1.442

Varios scientistas têm se occupado deste interessante exemplar epigraphico, unico que até agora nos foi dado conhecer, encontrado na região do Rio Grande do Sul. Vê-se que prima com arte nas suas disposições paleographicas, demonstrando a mesma

diversidade em esculpir as sublimadas palavras, nas quaes encerravam os seus autores o lemma do extremoso affecto ou base constitutiva de seu viver. Isto se deduz das inscripções da região da Bahia em estylo dogmatico, do veneravel Xieto Tito Kio.

E' mais um exemplar que vem confirmar o nosso modo de ver em assumpto epigraphico e prehistorico, não só do Brasil, como de todo hemispherio occidental e outros recantos do mundo.

Depois de ligeiras correcções de traços, aqui deixamos, segundo o nosso modo de vêr, a interpretação da curiosa gravura do logar denominado — *Virador no Rio Grande do Sul*, certamente possuidor de outras preciosidades no genero.

*

INSCRIPÇÕES DO VALLE DO PARAGUASSÚ NO ESTADO DA BAHIA

Os Annaes do 5º Congresso Brasileiro de Geographia, realisado na cidade do Salvador, Estado da Bahia, em Setembro de 1916, offereceram-nos agradavel ensejo de ler em suas primeiras paginas, a Memoria apresentada pelo seu illustre Presidente, o Engenheiro Dr. Theodoro Sampaio.

Esse importante labor, trata das Inscripções lapidares indigenas do valle do Paraguassú, pertencente a esse importante Estado da União.

Não podemos deixar de aqui, com especial prazer, transcrever as suas preliminares, aliás de alcance, porque externam rapida, porém precisamente a questão e o seu modo de encarar o magno assumpto epigraphico do Brazil, nestes termos:

«Muito controvertido é o assumpto da presente memoria, que ora submetto á consideração do Quinto Congresso Brazileiro de Geographia.

«As inscripções lapidares indigenas, na America do Sul, de longa data, vêm dividindo em dous campos adversos e irreductiveis os anthropologistas e Americanistas. Opinam uns, como Ricard André, Garrick Mallery, Theodoro Kock Grünberg, illustre viajante e ethnolologo allemão, da Universidade de Freiberg, e, entre nós, o autor da "Prehistoria Sul Americana", o Dr. Alfredo de Carvalho, cuja morte prematura, ha bem pouco, todos lamentámos, que taes inscripções nenhum valor symbolico representam, são simples garatujas, gravadas ou desenhadas em rochedos por mera diversão do selvagem nas suas horas tão longas e tão frequentes de ociosidade. Pensam outros ao contrario, e alguns tão longe vão na radical contradicta que julgam ver nessas inscripções a narrativas symbolica de factos historicos relativos aos povos americanos, inscripções que, por se ignorar a chave, se conservam inintelligiveis ».

«Não vou tão longe nessa apreciação das inscripções indigenas, as brasileiras, de que tenho conhecimento. Não creio que ellas encerrem, sob forma symbolica, nenhum facto historico importante, mas não são destituidas de valor symbolico. Não lhes recuso significação, representativa de idéas, rudimentares embora, mas tradusindo por meio de desenhos, pintados com côres diversas ou gravadas pacientemente, um facto qualquer da vida da familia ou da tribu que o selvagem quiz perpetuar ou registrar

No intuito de apurar isto, abalancei-me a ir examinar, *in situ*, algumas inscripções, lapidares no baixo e medio Paraguassú. A presente memoria é o resultado desse exame ».

Nosso intento, não é senão, antes de tudo, pedir a devida venia ao illustre scientista, para reprodusir algumas das suas curiosas estampas e sobre ellas, offerecer a nossa

breve interpretação, na forma seguida. Só deste modo poder-se-á com precisão dedusir o nosso modesto modo de encarar esses traços, que para certos scientistas, *não passam de simples garatujas, gravadas ou desenhadas em rochedos, por mera diversão do selvagem* etc.

Algumas figuras faremos acompanhar da interpretação do notavel scientista, no proposito, apenas, do leitor avaliar a divergencia de ideias em que nos achamos, porque o mais pertencerá aos Congressos de Inscripções.

ESTAMPA I

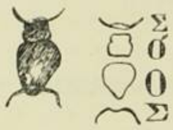
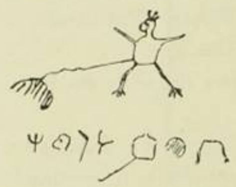


Fig. 1.443

Dicc. Gr. cit, p. 1300 — ΣΟΟΣ, ος, ον, *Poet. donde a forma Att.* Σῶς, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive *alg. vez.* salutar, saudavel ?

(E' provavel que esta figura estivesse ligada a outra como complemento).

Interp. de Th. Sampaio — *Um besoiro grande.*



ΨΟΓΕΡΟΣ

Fig. 1.444

Idem, pag. 1607 — Ψογερος, α, ον, (*comp.* ώτερος, *sup.* ώτατος), inclinado a diffamar, caustico, mordaz, satyrico, *Gloss.* despresivel, ignominioso, reprehensivel, etc.

R. ψεγω.

Interp. de Th. Sampaio — *O mijão.*



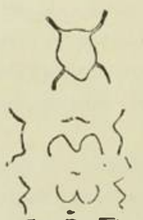
ΣΙΛΛΟΓΡΑΦΟΣ

Fig. 1.445

Idem, p. 1283 — Σιλλογράφος, ος, ον, satyrico, autor de poemas satyricos.

R. R. σιλλος γράφω.

Interpretação de Theodoro Sampaio — *Um toco com renovos.*

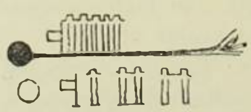


Σ Ω Σ

Fig. 1.446

Idem, p. 1392 — Σως, ῶς, ῶν (*acc.* σῶν *plur.* σῶ *ou* σῶοι, *ou* σῶς *por* σῶες, *acc.* σῶς *uo* σωυς *neul.* σωα *raram.* σᾶ) *Att. por* σοος, são e salvo, etc. *veja* σόος.

Interpretação de Theodoro Sampaio — *Um sapo* grande ou *cururú.*



Ο Ρ Ι Ο Σ

Fig. 1.447

Idem, p. 1006 — Οριος, ος, ον, que concerne aos limites, aos marcos, ás fronteiras, raias; o termo, o fim etc. Ζευς ὅριος, Jupiter protege os limites, ás fronteiras, etc.

R. ὅρος.

Idem, Theodoro Sampaio — *Uma armadilha* para caça.

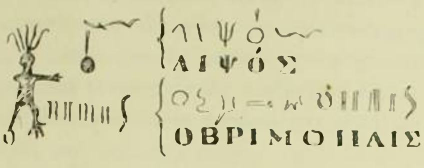


Fig. 1.448

Idem, p. 859 — Λιψος ἡ *Poet.* gotta; agua vertida, libação, *alg. vez.* rochedo que verte agua, pedra donde gotteja ou brota agua. R. λείβω

Idem, p. 966 Ὀβριμοπαις, αο, (ὁ,ἡ), *Poet* que tem filhos possantes ou fortes. R. R. ὁ, παῖς.

Seja: ROCHEDO QUE BROTA AGUA E TEM FILHOS OU REBENTOS POSSANTES.

*

Eis como se externa sobre esta figura Theodoro Sampaio: "... Muito para notar entre esses desenhos é o de um individuo vermelho, com o seu alto cocar á cabeça e o braço estendido na direcção de uma serie de nove traços verticaes, terminados por pequena curva sygmoide, o todo encimado por um galho com fructo pendente. (Fig. 6). Teria aqui, por ventura, o artista indigena a intenção de indicar, neste conjuncto, a descendencia ou geração de um selvagem? A idéa representada, se esta foi a sua intenção, estaria acaso acima ou fora do alcance do seu esforço intellectivo? E' uma questão a estudar, para a qual chamo a attenção dos anthropologistas, e a que os elementos que recolhi em outras inscripções, encontradas na mesma região, trazem alguma luz".



Fig. 1.449

Idem, p. 539 — ΕΠΙ — *prep. que rege tres casos, e muda de significação, segundo seus diversos regimens*: 1° *Com o gen:* sobre; *sem movimento e as vezes com movimento;* 2° em, sobre, *falando de cousas abstractas;* 3° entre, no meio de; 4° em presença de; 5° em vista de, para; 6° a frente de, acima de; 7° sobre, tocante a, proposito de; 8° durante, sob, do tempo de; 9° *muitos outros sentidos difficeis de analysar.*

E' claro que esta preposição estaria ligada a outras palavras — omittidas, ou não copiadas — ficou isolada, em sentido abstracto, tanto assim que estes "*traços verticaes, ou grupos de traços*", *no modo de ver do autor referido, foram por elle interpretados por — escudetes.*

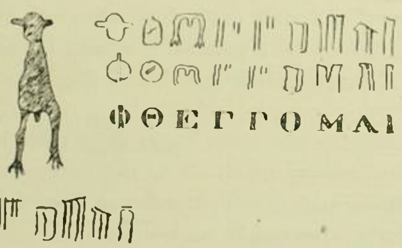


Fig. 1.450

Idem p. 1527 Φθεγγομαι, f. φθεγξομαι, (*aor.* ἐφθεξαμην, *perf.* ἔφθεγμαι, *verbal* φθγκτέον) fazer ouvir, comprehender um som, uma voz; resoar, retumbar; *muitas vezes,* falar ou gritar; *tambem,* soltar gritos de guerra indo para o combate; *act.* dizer, pronunciar, fazer ouvir; *alg. vez.* chamar, procurar, *outr. vez.* cantar, celebrar. Μέγα φθέγγεσθαι. *Dém.* falar em voz alta ou falar alto, de um modo arrogante, soberbo, etc.

*

A proposito desta inscripção diz Theodoro Sampaio: "Os *Maracás* eram polygamos, e verificado, como está, que a galeria do *Serrote do Pintor* tambem era uma necropole

indigena, como a do *Serrote da Loja*, porque alhi tambem foram encontradas *igaçabas* ou urnas funerarias do gentio, muito provavel é que os desenhos e pinturas de sua extensa parede tenham por intuito esse registro de descendencia ou filiação. Haja vista, por exemplo, a fig. 9 que nessa inscripção representa um individuo, de chapéo á cabeça, pintado de vermelho, o membro bem assignalado, e tendo por baixo a serie de escudetes tracejados".

«Um desenho, como este por sobre urnas funerarias, não suggere por ventura a idéa de filiação ou descendencia? ».

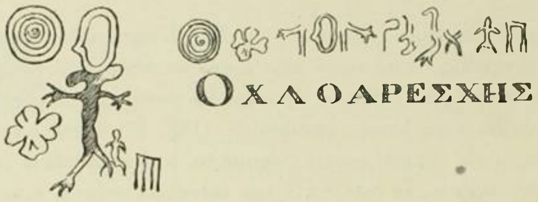


Fig. 1 451

Idem, p. 1025 — Ὀχλοαρεσκης, ου, (ὁ) que procura captar a benevolencia do povo, da multidão, etc.

R. R. ὄχλος, αρεσκω.

Entretanto, diz o autor:

«Na figura 10, fielmente copiada dentre os diversos grupos da inscripção, a intenção do artista como que procura se explicar, representando entre o individuo maior e o escudete de quatro traços verticaes uma pequena figura humana que deve ahi estar para exprimir que esta descende d'aquelle. O escudete de quatro traços indicaria então o numero de descendentes.

Ao lado do individuo maior que figura de chefe ou pae, observam-se, muito bem desenhadas em vermelho, como o é todo o grupo, uns circulos concentricos em o que menor se substitue por uma espiral, e dá ao todo o aspecto de um ophidio enrodilhado ou de um caramujo e pouco abaixo desteu ma flor de cinco petalas. Representarão acaso esses dous desenhos, simples ornatos ou tem uma significação especial no conjuncto?

Propendo para a ultima alternativa. O artista de certo, ao figurar esse individuo maior, com uma cabeça tão grande, em corpo tão esbelto, teve sem duvida, em mente accentuar um defeito physico, que distinguia esse individuo e que de ordinario era razão do seu appellido. O ophidio enrodilhado ou melhor o *caramujo* ao lado, podia ser a representação de um dos seus nomes, pois que entre os indios era de uso tomarem nomes diversos, a cada feito memoravel de sua vida. A flôr de cinco petalas, collocada em baixo, podia ser que representasse o nome da mulher, de quem aquelle individuo houve essa descendencia ».

«Não sou dos que pensam que o indio brasileiro não tinha capacidade para ideiar essas sousas. Todas as tribus não estavam, num mesmo nivel, ao tempo da conquista. Umas se avantajavam a outras na relativa cultura que é compativel com o evoluir do animal-homem em qualquer ponto que elle tenha apparecido no mundo.

O indio Maracá, que a tradição nos dá como valente, prasenteiro, bom musico, sabendo trabalhar a nephrite, as amethystas, e crystaes de que fabricaram peças de bellissimo ornato, a seu modo, não era tão branco como o *Aymoré* ou *Botocudo*, na escala a mais baixa da especie humana ».

«Diante da vasta inscripção do *Serrote do Pintor*, o critico desapaixonado não pode deixar de reconhecer, que entre o gentio *Maracá* alguma cousa mais alta já despontava

no espirito do selvagem que o levava a registrar, ao menos, a filiação dos descendentes ou parentes fallecidos, depositados nas suas necropoles apartadas no meio das caatingas ».

« Que essa intenção existiu entre esses indios, e que elles se esforçaram por bem traduzil-a em desenho e pintura, basta olhar para a figura 11 ao lado, formando grupo inferior, abaixo do precedente, onde um individuo, figurado de cabeça para baixo, como para exprimir que morreu despenhado, traz ao lado o escudete de cinco traços verticaes e, por baixo deste, minusculas figuras humanas como que a representarem filhos, ou descendentes ».

(Esta ultima parte refere-se á seguinte fig. 11).



Fig. 1.452

Idem, p. 385:

Διχοθεν, *adv.* de dois lados.

R. Διχα, *adv.* de duas bandas, de duas maneiras, de dois partidos; duplicadamente, etc.



Fig. 1.453

Idem, p 849: ΛΕΧΟΣ, εος — ους (τό) *Poet.* cama, leito; casamento; thalamo; parto, coeiros, etc.; leito nupcial, casamento, hymineo; união carnal, *alg. vez.* esposo, esposa.

P. 1025: ΟΧΟΣ, ου, (ὁ) carro, todo vehiculo ou meio de transporte, etc. Do que porém se trata é:

ΟΧΟΣ, tenaz, firme, solido, *com o genit.* que retem; que contém, etc.

Assim interpreta o autor: "No mesmo empenho de exprimir essa descendencia é que a mão do artista selvagem foi até desenhar, em outro grupo (Fig. 12) o individuo em acto de copula e por baixo disso os filhos d'ahi resultantes, figurados por creanças, relativamente muito bem desenhadas, e sobre isso, dominando o grupo, os escudetes tracejados, e uma cruzeta a traços parallelos".

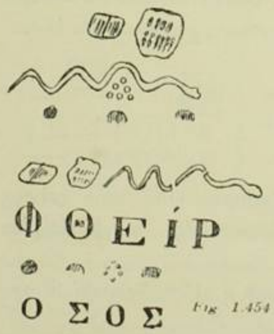


Fig. 1.454

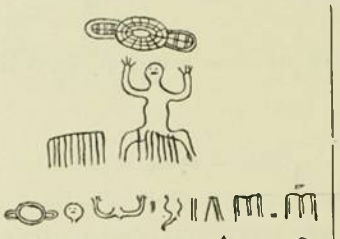
Idem, p. 1527: Φθείρ, *gen.* φθειρος, *dat. pl.* φθειρσί, (ὁ) piolho, bicharia, piolhada, etc. peixe do mar que vive ligado, apegado, unido ás ostras; pequeno pomo, etc.; *Glss.* o melhor meio de administrar, reger, governar, etc.

P. 1013: ΟΣΟΣ, η, ον — como é grande, consideravel, numeroso; tão consideravel, tão grande, etc.

*

A interpretação do referido autor é: "Das innumeras figuras e desenhos da inscripção lapidar do *Serrote do Pintor*, e mostrando como, em boa parte, elles são symbolicos, destaca-se o de uma serpente de metro e meio de comprimento (fig. 13) muito bem feita a traço vermelho e tendo, em uma das sinuosidades, seis circulos pequenos á guiza de ovas, e, por baixo e ao longo, tres manchas ovoides escuras, tudo isso encimado por dous escudetes; um maior, curvilineo, contendo traços, e pontos, em boa ordem, como um registro e outro rectilineo com seis traços comprehendidos. Se, como me parece, esse desenho mural, por sobre uma urna funeraria, tem por ventura um sentido symbolico, a interpretação, que lhe cabe, é a de que um individuo que trazia o nome de *cobra* ahi sepultado; teve de varias mulheres diversos filhos indicados e grupados ali nos escudetes em cima.

Os ovos visariam então significar essa descendencia".



Φ Θ E I P I Á Ω . Ω̂

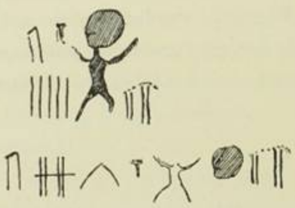
Fig. 1.455

Idem, p. 1527: Φθειριάω ω, *f.* άσω, ter piolhos, estar atacado da doença pedicular.

R. φθειρ.

*

Segundo a interpretação do autor referido temos: ". . . . Com aquella mesma attitude que Hartt descreve, observada nas pictographias da Serra do Ererê, ha aqui um grupo encimado por um artefacto de forma triplice, que parece um escudo tecido de cipó; como de uso entre os indios, e a figura do homem representado sentado, pernas abertas, e braços levantados em attitude hyeratica; e as duas mãos espalmadas com quatro dedos, em cada uma. Entre pernas, tem o individuo sete traços verticaes negros de genipapo e a sua direita o escudete com dez traços, vermelhos, côr prevalescente no grupo. Fig. 14".



Π Η Λ Ι Χ Ο Σ

Fig 1.456

Idem, p. 1.122 — Πηλίκος, η, ον, de que grandeza? de que tamanho? de que talho ou corte? *por extenso*: de que idade? *alg. vez. simplesm.* qual? *raram. no sentido indefini.* d'uma certa idada; já bastante grande. R. ἡλικος.

Agora a interpretação do autor referido:

«Mais adiante, observa-se outro grupo em que a figura humana com uma cabeça grande, braços e pernas abertas, ainda se apresenta ladeada dos escudetes, ou de simples traços verticaes que aqui sempre a acompanha!

O desenho, em vermelho, é de pequenas dimensões; mas chama a attenção pela finura e delicadeza dos traços que enchem a cabeça. Fig. 15»

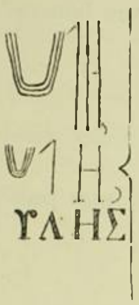


Fig. 1.457

Idem, p. 1463 — ΥΛΗ, ης (ἡ), madeira, bosque, matta, lenho, páo, lenha, haste de lança, etc. *alg. vez. simplesm.* abrolhos, espinhos, etc. *mais uzual*, lenha cortada *ou* a cortar; madeira a queimar; madeira de carpinteiro; *por ex^t.* materiaes de construcção *ou* de qualquer qualidade, etc.

Eis o que diz o referido autor: "Como vimos antes, nem sempre a figura humana se representa nesses registros. Substituem-na figuras de animaes e objectos quaesquer que podessem ter servido para designar alguem. O desenho da fig. 16 é um destes. Tres settas, duas com pequenas bolas no extremo inferior e uma com forquilha ou gancho, ao lado de um artefacto, que parece um cesto fundo, são aqui como que a symbolisarem um pescador pela qualidade das suas armas e instrumentos".

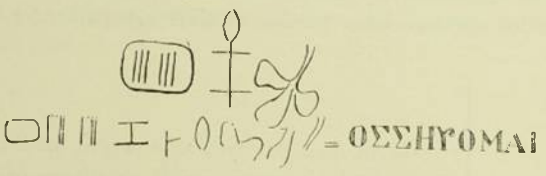


Fig. 1.458

Idem, p. 1.013; Οσσευομαι, *f.* ευσομαι, presagiar, augurar, prever, presentir, e *por ext.* apprehender, receiar pelo futuro. || Οσσευω *m. s.* R. ὄσσα.

A proposito, manifesta-se o autor referido:

"Proximo da fazenda de Santa Rosa, do Coronel João Vaz de Sampaio, está a *Casa de Pedra*, cujas pictographias tambem examinei. Os desenhos, feitos com tinta vermelha, amarella, branca, e verde negro de genipapo, têm aqui o mesmo aspecto e obedecem aos mesmos intuitos. Percebe-se que os seus auctores são da mesma gente que fez pinturas da *Loja* e do *Serrote do Pintor*. Os grupos de figuras com os escudetes ao lado aqui se repetem. A figura humana se desenha do mesmo modo; ás vezes, porém, apparece debuxada de modo muito summario. Uma recta vertical figura o tronco; duas transversaes representam braços e pernas e no alto, um ovoide simula a cabeça, tal como se vê na fig. 18, desenhada a traço vermelho assim como o escudete de seis traços que lhe fica a esquerda. Uma flor de côr amarella á direita completa o grupo".

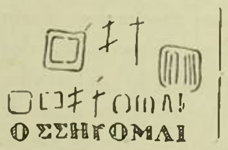


Fig. 1.459

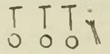
Idem, p. 1013: οσσεύομαι *f.* εύσομαι, presagir, augurar, etc. como na precedente, etc.

Continúa o referido autor: "... Outras vezes, a representação da figura humana ainda é mais summaria. Tres rectas, que se cruzam, bastam para a representar, como se vê na fig. 19, onde ha dous individuos representados por essa forma summaria, tendo de um lado um artefacto que parece ser um abano com o respectivo cabo e de outro lado

o escudete de seis traços verticaes; no geral, porém, a representação da figura humana é como nas duas outras inscripções que anteriormente examinámos".



Φ ΘΕΙΡΙΑΣΙΣ



TOTOTOI

Fig. 1.460

Idem. p. 1434; Τοτοτοῖ *ou* Τοτοῖ. *interj.* céos! ai!; *raro para* ὀτοτοῖ.

Idem. p. 1527: Φθειρίασις, εως (ἡ), doença pedicular. R. e Φθειριάω-ω etc.

CÉOS! AI! DOENÇA PEDICULAR.

Diz o autor referido: "Digno de nota é um grupo, desenhado com tinta negra do genipapo (fig. 20), de sessenta centimetros de altura, onde o vulto humano, com o seu signal de masculinidade bem pronunciado, braços e pernas estendidos, mãos e pés com tres dedos, chega a simular um reptil ou batrachio, tal o desenvolvimento dado aos mem bros inferiores da figura. De um lado desta vêm-se tres objectos eguaes, com a forma dos bilros que os indios fabricavam com coquilhos, do outro lado e em baixo os traços verticaes que costumam vir representados em escudetes, formando dous agrupamentos, um com tres traços e outro com oito".

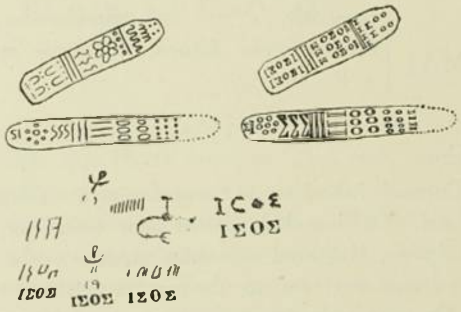


Fig. 1.461

Idem. p. 704; Ἴσος, η, ον. egual justo; egual unido; plano; egual indifferente; justo, equitativo, etc.

Já, por varias vezes, tratámos desta palavra, e ora a encontramos em forma de reclame.

O autor citado, porém, assim a define: "Neste logar, *Casa de Pedra*, as figuras e desenhos não se dispõem como no *Serrote do Pintor*, numa extensa pictographia, continua, bem que constituindo diversos grupos; são desenhos esparsos, por muitos pontos, onde as anfractuosidades da rocha, as pequenas lapas offereciam abrigos, aproveitados para jazigos. Num destes, em forma de nicho, bem protegido por saliencia do penedo e tendo ao fundo uma pequena caverna, capaz de dous ou tres vasos funerarios, a um metro e trinta centimetros acima do solo arenoso e coberto de pedras, desprendida dos tecto, desenha-se um grupo interessante pela polychromia e capricho do debuxado. Dous objectos alongados, um de sessenta e cinco centimetros de comprimento e doze de largo e outro de um metro de extensão e largura de doze centimetros, pintados de negro de genipapo e de vermelho, como de vermelho tambem duas figuras humanas de pequenas dimensões, uma de seis centimetros e outra de quinze, em parte apagadas, e acompanhadas dos infalliveis traços, nove de um lado e quatro de outro, formando dois grupos, tudo isto dá um conjuncto significativo de importancia para esse local, que, ao que parece, teria servido de jazigo para a familia de algum maioral desse gentio (Fig. 21)".

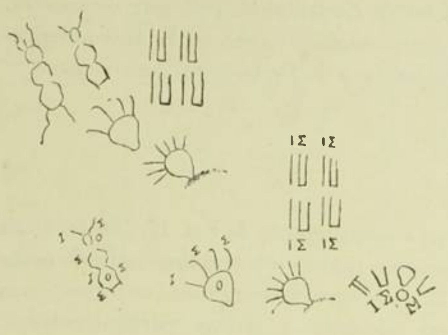


Fig. 1.162

Como a precedente.

«Em outros pontos, diz o autor, pela barra dos grossos penedos que aqui se amontoam, onde ha socavões ou lapas, os desenhos em grupo se multiplicam o que significa que esses abrigos teriam sido em outr'ora aproveitados com o mesmo destino. Aqui se nos deparam grandes formigas, aranhas ou carrapatos; um chique-chique adherente a um corpo qualquer, senão até um carrapato que morde e tudo isso acompanhado (Fig. 22) dos traços verticaes indefectiveis. Por vezes, apparecem desenhos cuja significação não se comprehende, mas que deviam representar alguma cousa para esse povo selvagem. . . . »

*

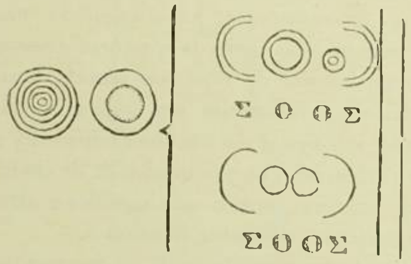


Fig. 1.163

Do Gr. Σόος, όη, όον, *Poet. d'onde a forma Att.* Σῶς, ῶς, ῶν, são e salvo, inteiro, que subsiste, etc.

Palavra por muitas vezes interpretada. Entretanto, assim finalmente se manifesta o autor citado, sobre estas figuras, cujas palavras passamos aqui a reproduzir com interesse:

«Os circulos concentricos (Fig. 23) no geral, bem desenhados, a mão livre, se repetem muitas vezes. A ideia, que elles exprimem, não é bem clara. Não parece que haja intuito do artista de representar o sol ou a lua; mas objectos terrenos, de uso domestico como sejam: rodilhas, esteiras para assento de vasos, pratos de barro com o fundo em relevo, rodas ou discos de madeira ou pedra ».

«A figura de maior numero de circulos, para o indio, quasi sempre muito bom observador da natureza, podia mesmo representar ondas, n'uma superficie d'agua estagnada, produzidas pela queda de um objecto qualquer. Com todas essas cousas se appellidavam os indios, e, pois, não é de estranhar que ahi estejam pintadas por sobre os jazigos, uma vez que devam significar os nomes dos que ahi repousam na sua ultima morada ».

O illustre Presidente do 5º Congresso Brasileiro de Geographia, pelo que demonstra, encontra jazigo em tudo e por toda parte, como que presagiando a morte do ante-americanismo no magno e controvertido assumpto epigraphico da Prehistoria Americana.

*

Vamos agora tentar, embora superficialmente, a interpretação da Est. II, *Um trecho da inscripção do Morro do Pintor.* Assim dizemos, porque a pratica nos tem demonstrado nesta ordem de estudos, que inscripções ha, que, só de viso, aproveitando todos os traços, suas diversas côres, quando pintadas, ás vezes quasi apagadas e outras particularidades, poderão fornecer seguros elementos, sob o ponto de vista paleographico.

Eis como define o illustre Presidente do referido Congresso, a Est. II em evidencia:

«. . . . Voltando, porém, ao grupo maior da inscripção, o de oito metros de comprimento, onde parece que toda uma geração se registra na face da pedra, a confusão das figuras e sua distribuição no quadro, nem por isso, perturbam a visão clara do que o artista selvagem quiz representar (Est. II). No extremo direito do quadro, pintado aqui de muitas côres, como que a inculcar importancia maior, nota-se por baixo da grande chave uma sub-chave, quasi uma semi-circumferencia, desenhada a traço grosso, vermelho, de doze centimetros de largura, e amplitude de um metro, sobre uma serie de seis circulos amarellos, ligados por um traço recto da mesma côr.

Abaixo disso que, sobre ser ornamental, implica uma ideia de reunião ou communhão, estão as figuras humanas de varios tamanhos e attitudes, acompanhados dos seus escudetes e ornatos, ou desenhos symbolicos. Como ornamentação, ha á esquerda, um ramo de trifolios, verde, em posição vertical e, a seguir, uma serie de quatorze grossos pontos, decrescentes, alinhados, partindo do extremo inferior do ramo no sentido horizontal. O vulto maior do grupo, pintado em amarello, representa um individuo nú, pernas e braços abertos, o membro bem accentuado, em signal de boa masculinidade, e numa attitude de abranger o todo como se este lhe pertencesse, na sua qualidade de chefe. Outras figuras humanas, representadas de menor estatura, parece que significam descendencia d'aquelle, cujo numero, de certo, os escudetes tracejados indicam ».

«Na larga inscripção do *Serrote do Pintor*, muito é para notar o modo de representar pés e mãos na figura humana, facto que já eu observava na lapa do *Serrote da Lapa.* O homem se representa quasi sempre com os braços e pernas apartados do tronco, e levantados os braços em attitude hyeratica, e as pernas dobradas como as de quem se tem assentado. As mãos, no geral, se figuram com tres dedos, e os pés tambem, como se foram pés de aves (1) ».

«Notou o Professor Hartt o mesmo facto nos desenhos e figuras encontrados nos rochedos da Serra do Ererê, á esquerda do Amazonas. »

«. . . . Tanto quanto tenho observado, o numero de dedos raras vezes chega a quatro e nunca a cinco. A explicação disto, está, talvez, em que muitas tribus do Brasil não podem contar alem de tres ou quatro ».

---

(1) Isto explica se, dizemos nós, na conveniencia dos numeros de dedos representarem letras apenas, como em muitos casos fica demonstrado.

ESTAMPA II

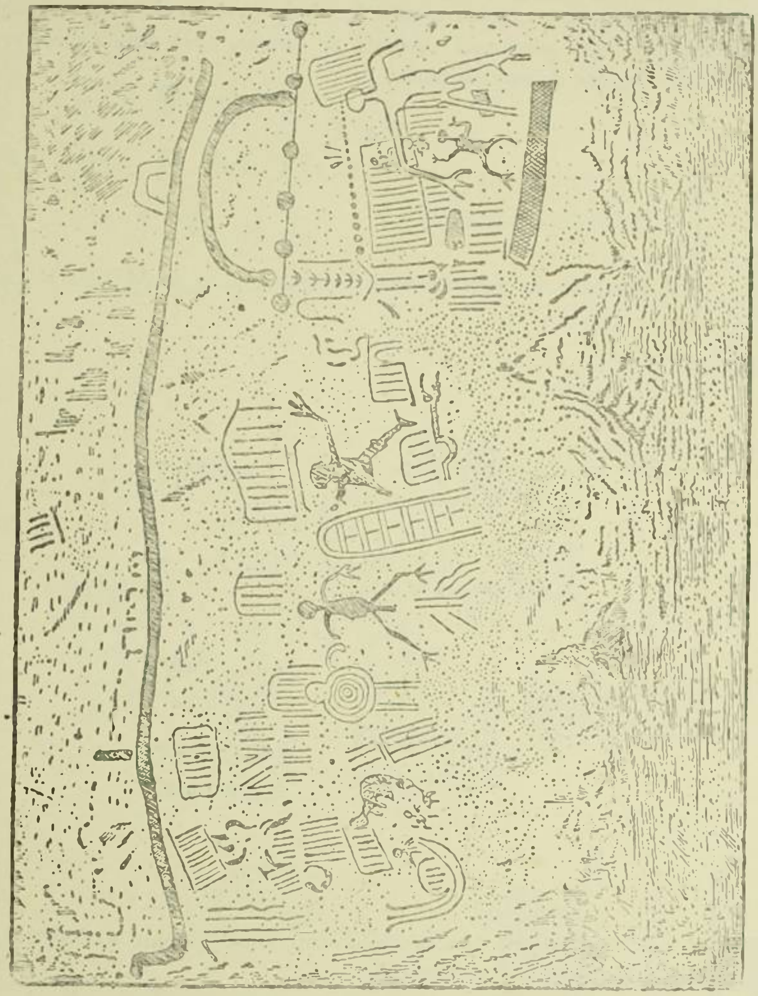
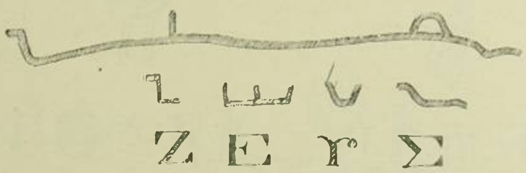


Fig. 1.454 — Um trecho da inscripção do Morro do Pintor.

Dividiremos a presente inscripção, nos sete grupos de que se compõe, e estes, em muitos outros. Procuraremos simplificar do melhor modo, as suas interpretações, segundo a norma que vimos adoptando.

O 1º grupo, que predomina sobre os demais, collocado ao alto, é o que se segue, continuando com os outros, da esquerda para a direita.



Assim define o Dicc. Gr. cit, p. 640: ΖΕΥΣ, *gen.* Διος, dat. Διί, *acc.* Δία, *voc.* Ζεῦ (ὁ) JUPITER, *deus da fabula ou planeta; alg. vez. por ext.* o céo, o ar, o tempo que faz? etc.

Esta, e as seis divindades mythologicas seguintes, já se acham descriptas por varias vezes no decurso da presente obra, pelo que ora deixamos de o fazer.

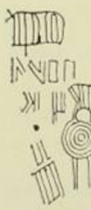
E' notavel, encontrarem-se estes nomes por toda parte onde foram esculpidas inscripções desta ordem, com admiravel variante de formas, cada uma a mais artististica e curiosa, difficeis algumas de interpretação.

*

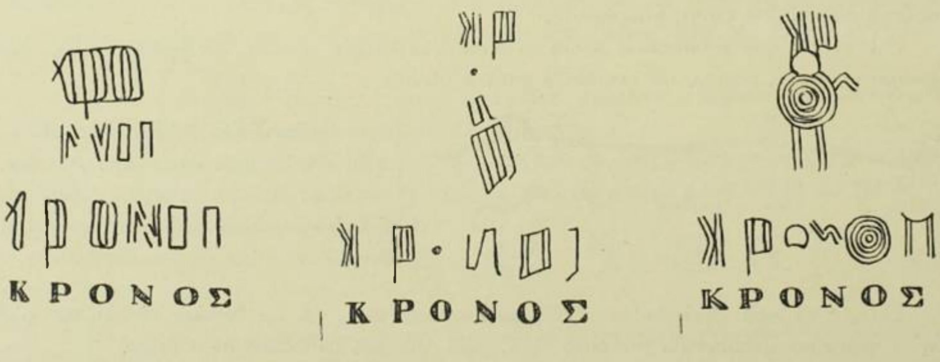


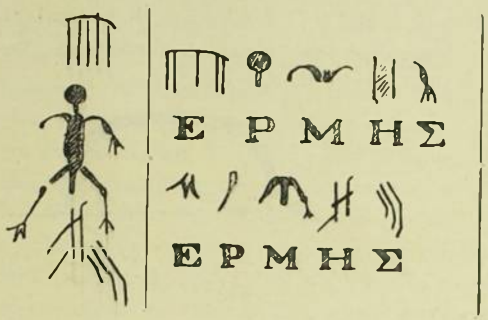
A 2ª repete de quatro formas diversas o nome de ΑΦΡΟΔΙΤΕ (VENUS).





A 3ª repete de tres maneiras differentes o nome ΚΡΟΝΟΣ (SATURNO), como continuamos a demonstrar.

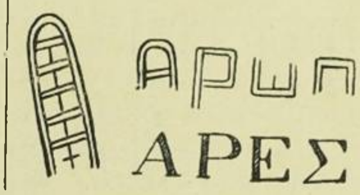


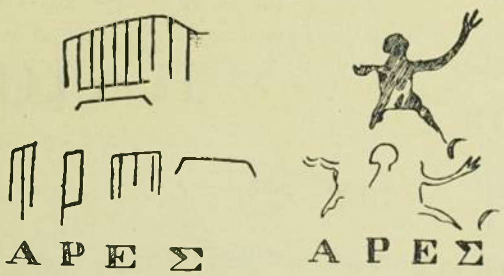


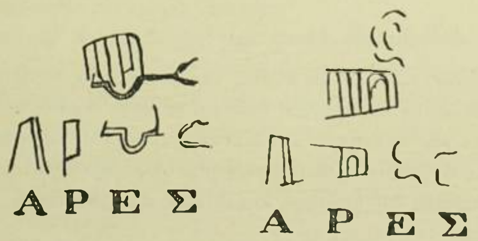
A 4ª contém duas vezes a palavra ΕΡΜΗΣ (MERCURIO).

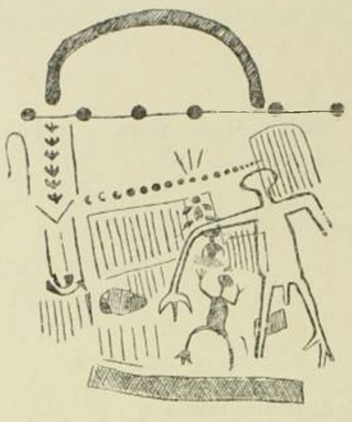


A 5ª repete de modos diversos, cinco vezes, ΑΡΕΣ (MARTE):

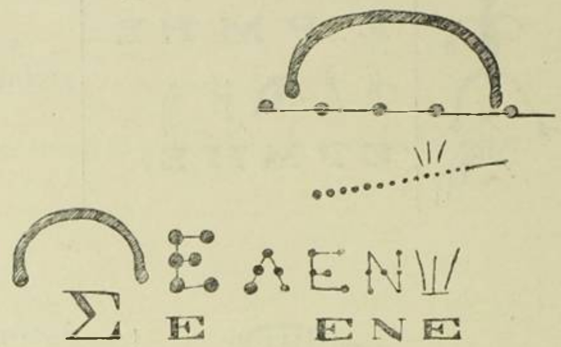








A 6ª está junto á 7ª finalmente. Representam como as anteriores, em variantes formas, as palavras: ΣΕΛΕΝΕ (LUA) ΗΛΙΟΣ (SOL).





Eis as conclusões da alludida Memoria:

«No *Serrote do Pintor*, na *Casa de Pedra*, como na *Loja*, onde o gentio tinha os seus jazigos, bem resguardados, as inscripções fizeram-se com o intuito muito patente de um registro. De maravilha ahi se encontra a figura humana debuxada ou pintada sem que a não acompanhem traços verticaes dispostos em grupos, encerrados ou não em escudetes, e outros desenhos de cousas ou animaes como que a exprimirem o nome do individuo figurado ».

«Entre as inscripções pintadas ou pictographias em pedra, de procedencia indigena, a do *Serrote do Pintor* é certamente a mais vasta e, pelos seus desenhos, a que mais intelligentemente revela os intuitos do barbaro que a executou. Comquanto de data mui remota e, filiando-se pelo processo de factura, tintas e debuxo, as muitas inscripções lapidares, encontradas no valle do Amazonas, nos estados brasileiros do Nordeste, na Bahia, em Minas Geraes, S. Paulo e Rio Grande do Sul, essas inscripções do *Serrote do Pintor* não vae, em antiguidade, para além do seculo XVI.

Considero-a contemporanea do primeiro seculo da conquista, e sou levado a isso pelo facto da existencia alli de uma figura humana, tendo á cabeça um chapéo, com o feitio que tem esse artefacto entre os europeus (fig. 9). Nesse desenho, o individuo representado nú e sem braços, traz a cabeça coberta com esse chapéo, cousa de certo preciosa e que o distinguia entre os outros indios da sua tribu. Ainda hoje, entre os selvagens, como nol-o attestam as relações de viagem, é frequente encontrar-se individuo em completa nudez, ostentando á cabeça um chapéo obtido no commercio com a gente civilisada. O chapéo substitue simplesmente o cocar de plumas. Na inscripção do *Serrote do Pintor*, esse chapéo vale por uma data ».

«Os indios *Maracás*, que dominavam essa parte do paiz, ao tempo da conquista, autores dessa inscripção lapidar, filiavam-se á raça *Tapuya*, isto é, não *Tupi*, como nol-o attesta a tradição historica, mas, a julgar pelos documentos que nos legaram, tinham incontestavelmente attingido nivel mais alto que o commum dos da sua raça. O estudo das inscripções que aqui lhes são attribuidas nos leva ás seguintes conclusões:

1ª. As pinturas em pedras encontradas no *Serrote da Loja*, no *do Pintor* e na *Casa de Pedra*, em lapas e cavernas ahi existentes e utilisadas pelos indios Maracás para jazigos, tinham por intuito, ao que parece, assignalar descendencia ou registrar filiação;

2ª. Taes pinturas, polychromas, não raro attingindo á grande altura acima do solo e dependendo de apparelhos de accesso, não são o producto de uma ociosa diversão, mas obra deliberada e executada com intuito definido;

3ª. As inscripções examinadas, ou pelo menos a do *Serrote do Pintor*, são contemporaneas da conquista européa ou de época posterior a essa conquista. »

Bahia, 3 de Julho de 1916

*

Depois do que temos dito e comprovado, claro é que não podemos deixar de divergir das conclusões da Memoria elaborada pelo illustre Presidente do 5º Congresso Brasileiro de Geographia, Dr. Theodoro Sampaio.

O seu valioso trabalho, porém, no ponto epigraphico, proporcionou-nos mais um poderoso elemento, em favor da causa em fóco.

Não podemos duvidar da authenticidade destas inscripções, pelo bom conceito que nos merece o illustre autor citado, por quem foram cuidadosamente copiadas e neste sentido deliberamos emittir com prazer, sobre ellas, a nossa modesta interpretação.

E' o proprio autor que delibera descrevendo-as; "chamo a attenção dos anthropologistas e principalmente a dos americanistas para o facto de que taes inscripções, não procedem de nenhum divertimento de artista ocioso ou que este as tenha executado sem nenhum fim ou alcance ulterior".

Entretanto dizemos: estas inscripções não são tambem epitaphios ou registros de filiação e sim escriptura em caracteres do primitivo grego. Não foram os indios *Maracás* seus autores e não foram effectuadas na época de um apparente e *chronologico chapéo*. Admittir o contrario seria dar aos referidos indios a autoria de milhares de inscripções identicas, espalhadas em varios recantos do mundo e contraverter as ordens, chronologica e paleographica que revelam esses monumentos prehistoricos, ora por nós interpretados.

Desta verdade estamos certos e d'ella convencer-se-ão não só o illustre scientista autor da Memoria, como os anteamericanistas que insensatamente affirmam *que taes inscripções nenhum valor symbolico representam e não passam de simples garatujas gravadas ou pintadas em rochedos, por mera diversão do selvagem, etc.* As razões em que nos fundamos, finalmente, constam do decurso e conclusão deste nosso modesto trabalho.

NOTICIAS DE IMPORTANTES INSCRIPÇÕES

O mesmo illustre ethnologo Dr. Theodoro Sampaio, em sua já citada These Official, apresentada ao 1° Congresso de Historia Nacional de 1914, dá-nos noticias e noções interessantes de varias inscripções lapidares. Vamos, pois, fazer uma breve resenha dessas preciosidades, sob o ponto de vista das suas localisações e aspectos, a fim de que, em momento proprio, sejam submettidas a estudos paleographicos e glyptographicos, a cuja ordem incontestavelmente petencem.

E' certo que Alagôas e Sergipe, por sua vez, contêm em seus sertões, como outros Estados da União, o mesmo genero de inscripções, não estando infelizmente determinados, por emquanto, os pontos em que se acham.

«São dignas de menção, as da cachoeira de *Warapula*, no rio Essequibo, descriptas por Schomburgk; as do *Cerro Pintado*, immenso rochedo escalvado do durissimo granito porphyritico, á margem direita do Orenoco e alto de 250 metros acima da savana, são na verdade extraordinarias, e as deste ultimo ponto, descriptas por Chaffanjon, são até estupendas pelas dimensões das figuras e a altura inacessivel em que estas se acham. Estão alli gravadas na rocha uma enorme serpente de 120 metros de extensão, um grande saurio ou jacaré, um enorme myriapodo, um homem com orgams sexuaes bem accentuados, um passaro e outras figuras menores de feição ornamental».

«Assim tambem no rio Correntyn, na face de um gigantesco penhasco, denominado *Timehré*, se apresentam enormes figuras nitidamente esculpidas, uma d'ellas representando vulto humano, com mais de dez pés de altura e tendo á cabeça um ornato que a circunda como se fôra a aureola de um santo. Numerosos são os exemplares desta especie que se deparam ao viajante no territorio da Guyana e no valle do Amazonas ».

«As inscripções são bem mais frequentes nesta região da Guyana, como em toda America do Sul, cobrindo a face dos rochedos e as paredes das cavernas. No *Roraima*, o culminante dessa região guyanense deparam-se por exemplo aos irmãos Schomburgk, paredões verticaes de arenito cobertos de figuras e caracteres diversos representando vultos humanos, cobras, jacarés, desenhados com tinta vermelho-ferrugem. No Essequibo, Brown viu tambem em rochedos de arenito as mesmas figuras pintadas. Im Thurn assignal-as na Serra da Paracaima. Wallace tambem as observou em paredões da mesma rocha por detraz de Mont'alegre, no rio Amazonas. Hartt, descreve as da serra do Ereré, etc. . . ».

E' digno de reproducção o seguinte trecho da lavra do illustre ethnologo Dr. Theodoro Sampaio, cuja these vimos resumindo: "Tão generalisadas são essas manifestações da arte indigena, nesta parte do Continente, que repugna admittir não sejam o resultado de um sentimento superior e mais communmente compartilhado no seio da população primitiva".

« E' possivel que alguns selvagens, ainda hoje, insculpam ou pintem em rochedos figuras symbolicas, como essas que não sabemos decifrar; mas o que é facto, pelos viajantes attestado, é que os mesmos indios actuaes attribuem taes lithoglyphos e pinturas em rochedos, aos seus antepassados mais longinguos, e por essa razão e por outras que de certo nos escapam, dão todas as provas de veneração e de respeito diante d'essas inscripções lapidares, alguns até chegando a manifestar terror supersticioso, afastando-se d'ellas com prudencia. Algumas tribus têm-n'as por obra de seres mysteriosos, anões demoniacos aquaticos. Outros attribuem-n'as ao Grande Espirito ».

«Na cachoeira de *Waraputa*, no Essequibo, Roberto Schomburgk, não conseguiu nem por persuasão nem por ameaças, que os indios da sua comitiva o auxiliassem a destacar um pedaço do rochedo contendo uma dessas inscripções, e estavam crentes de que essa temeridade do viajante seria punida alli mesmo ou na passagem da cachoeira mais proxima. Quando se lhe depararam da primeira vez essas inscripções, disseram todos á meia-vós — *Makunaima*! *Makunaima*! (Deus! Deus!) ».

«Diante de duas gigantescas columnas naturaes de pedra, uma d'ellas com inscripções que se distinguem aliás pela sua regularidade e symetria, na Serra do *Comuti*, perto do rio Essequibo, essa mesma gente da comitiva de Schomburgk, pôz-se a tremer e a vacillar, pois que via n'aquelle logar a morada de um genio Malfazejo, prompto a castigar aos que d'ella se approximassem (1) ».

«Carlos von Martius, refere que os indios da sua comitiva ao visitarem a cachoeira de *Araracoára*, no alto Japurá, diante das esculpturas semi-apagadas n'um rochedo proeminente, approximaram-se d'ellas respeitosamente e, acompanhando com o indicador os sulcos poucos profundos das figuras quasi obliteradas pela decomposição da rocha, exclamaram — Tupana! Tupana! (Deus! Deus!) (2) ».

«Não ha duvida de que o selvagem de hoje, nestas paragens, guarda por essas inscripções grande respeito tradicional, supersticioso, o que faz crer tenham tido ellas, em outr'ora significação cultural, quiçá até associada a algum pensamento funereo. Nem todas essas inscripções, é bem de vêr, representariam cousa para o selvagem digna da mesma e geral veneração; muitas d'ellas evidentemente não teriam essa importancia, mas no geral o impressionavam como se fossem reaes manifestações de um genio bom ou mau que a tradição lhe ensinou a respeitar. Certo não lhes podemos dar hoje a traducção verdadeira, ignorado como está o fundo symbolico que por ventura teriam entre as populações primitivas a que são attribuidas. Judiciosas são na verdade as considerações que sobre o assumpto faz o Professor Th. Kock-Grünberg, após as suas viagens pelo Alto Rio Negro, Uaupés e Orenoco, admittindo no indio a capacidade do desenho communicativo e descriptivo, mas negando-lhe acerca de taes inscripções o intuito de fazer uma communicação, pois que, a admittil-o se pode incorrer facilmente no abuso

(1) "Richard Schomburgk: Reisen in Bristish-Guyana in den Jahren, 1840-44. Leipzig. 1847".
(2) "C. F. Phil. von Martius-Reise in B asilien. Munchen-1831".

da generalisação (1). Não levo tão longe as minhas reservas, diz o illustre Dr. Theodoro Sampaio, como o illustre viajante e professor da Universidade de Friburg em Brisgau, pois acceito como mui provante a existencia outr'ora de uma idéa cultural, com manifestações rudes embora, quaes essas inscripções abertas em rochas, assentadas em logares quasi inaccessiveis e exigindo arduo esforço e largo emprego de tempo, quaes tambem essas outras tão frequentes nos rochedos das cachoeiras a passos difficeis dos rios das que tão numerosos descobrio o mesmo illustre viajante ».

Entretanto, pedimos permissão aos eminentes ethnologos, para divergirmos de semelhantes conceitos, firmando-nos em argumentos e provas que ora a proposito externamos neste modesto trabalho.

Nas inscripções lapidares do valle do Amazonas, prosegue o autor: «descobrem-se indicios certos de como a influencia astrolatra dominante na região andina e no Centro America, até se faz sentir ».

«O culto do Sól, dominante entre os Chibchas e os Aymarés, se reflectiu innegavelmente dos planaltos sobre os povos dispersos na immensa baixa amazonica, como tambem se teria feito sentir em consequencia da corrente migratoria de procedencia da America Central e do Mexico, e assim é que a imagem do Sól, bem como o da Lua apparecem com frequencia nessas inscripções lapidares, representadas por circulos singelos ou concentricos a do Sol como irradiações periphericas e a da Lua por circulos ou segmentos de circulos, quer se trate do plenilunio, quer de outra phase. O Professor Hartt que estudou e copiou as inscripções da Serra do Ererê, a margem esquerda do Amazonas, assim é que nos apresenta as imagens desses astros entre outros muitos signaes de significação ignorada ».

«Demonstração desse culto e da maneira de representar o astro do dia temos na inscripção lapidar da grota de *Inti-Ganicú*, no territorio do Equador, situada por detraz da collina que corôa a fortaleza antiga de *Ingapilca* ou *del Canar*, obra dos Incas, proximo do paramo de Assuany, nas cabeceiras do *Pante*, que afflue da esquerda para o Marañon. *Inti-Guaicú*, no quichua, quer dizer — *grota do Sol*, e neste logar se depara uma massa destacada de arenito alta, de quatro a cinco metros. Numa das faces do rochedo branco está traçada uma serie de circulos concentricos de côr vermelho-escura, representando a imagem informe do Sol, com traços semi-apagados que parecem indicar dois olhos e bocca. Rochedo e inscripção têm-nos os indigenas por obra divina em que não se metteu a mão do homem e os antigos sacerdotes peruanos, que os descobriram, cansagraram-n'as a veneração do povo ».

«No Rio Madeira, nos rochedos das cachoeiras, abaixo de S. Antonio, o engenheiro Ed. Matheus, descobriu inscripções lapidares, cujos sulcos se aprofundavam na espessura de um dedo, e nessas inscripções as imagens do Sol e da Lua se representam tambem por circulos concentricos mas com irradiações periphericas d'aquelle astro (2) ».

«Outros signaes occurrentes nas mesmas inscripções são semi-circulos irradiantes, semelhando-se ao *lhantu* ou diadema dos Incas, e hastes forçadas e quebradas terminando

(1) Podemos entretanto. com prazer affirmar que o illustre scientista Th, Kock Grünberg, ao passar por Manáos, acompanhando a Commissão Americana Rice, ao Rio Branco, deu-nos a honra de visitar-nos e apreciar o presente trabalho. Manifestou-se surprehendido e convencido da solução do problema epigraphico americano, por nós resolvido, pelo que nos felicitou cordealmente.

A morte infelizmente veio impedir a sua formal promessa, de manifestar se a proposito em opportuno momento.

(2) Ed. D. Mathews, Up. th. Amazon and Madeira Revers-London 1879.

em esphera ou annel numa das extremidades e com todas as apparencias das *pauchas*, insignias symbolicas da dymnastia dos Incas, tudo levando a crer que taes inscripções são de origem peruana. E. R. Heath descobriu muitas outras inscripções e lithoglyphos no rio Mamoré, approximando-se das fraldas dos Andes da Bolivia (1) ».

E' ainda o illustre ethnologo Dr. Theodoro Sampaio, que assim se manifesta: «Não foi sem deliberado proposito que me alarguei algum tanto no exame das inscripções lapidares da Guyana e do valle do Orenoco e do Amazonas, porque tenho para mim que só a luz dessas toscas e quasi apagadas graphias de remotissima éra, é que se hão de estudar nos sertões brasileiros a oriente do Pará e do Tocantins as numerosas pictographias em rocha e os lithoglyphos varios que ali se deparam de procedencia indigena ». « A filiação das tribus tapuyas a que se attribuem com bom fundamento essas inscripções lapidares do Nordeste brasileiro e de grande parte do sertão para o Sul, pode-se assim explicar por meio de um estudo comparativo dessas toscas manifestações da arte graphica insipiente ».

....

Não deixa de ser interessante aqui mencionarmos mais este engenhoso periodo: «Não fosse o temor de incorrer em vicio de phantasia, uma hypothese eu arriscaria aqui, com as devidas reservas; a explicar, se possivel, certos signaes das inscripções lapidares, hypothese esta que, a admittir-se, já exigiria da parte do indio certo progresso mental que nem todas as tribus aliás teriam alcançado. O pequeno circulo irradiante na peripheria, lembrando a imagem do Sol ou a cabeça humana coroada de plumas, representaria assim o *chefe*, o pae da familia ou da tribu; o circulo singelo a *mãe* ou individuo do sexo feminino; o traço recto em bastonete o *filho* ou individuo do sexo masculino. . . »

Consulte-se neste caso, a these citada, decifração que dá o autor á inscripção da Serra do Anastacio na Bahia e a que offerecemos, sob a fig. 976.

«Das inscripções lapidares que se deparam nos nossos sertões do norte ao sul, com esses caracteres e signaes, alguns absolutamente inintelligiveis, podemos citar as do Ceará, que as possue por centenas nos seus serrotes e penedias perdidas no seio das catingas, a do Ararê, na ribeira do Quixelô, em penha alta; a da Cinta do Lobo, na ribeira de Jaibaras, no talhado da Serra, tendo por baixo uma cobra pintada que faz recordar a do *Cerro Pintado*. á margem do Orenoco, descripta por Chaffanjon; a da *Serra Geral*, proximo de Caratús, onde se deparam n'um rochedo á beira de uma grande lagôa umas figuras humanas coroadas, como as da cachoeira de Araraquara no Japurá, descriptas por von Martius, No Rio Grande do Norte, torna-se digna de menção a das *Covas dos Defuntos*, onde se vêem lages fincadas de testa, e alinhadas, formando quadra a modo de curral e junto d'ellas um rochedo cheio de inscripções, cousa mui semelhante ao que Ch. B. Brown encontrou na Serra de Paracaima, no espinhaço da Guyana (2). . . »

«Nos sertões de Pernambuco além de outras que se encontram pelo Exú, Cabrobó, Itaquatiara, na margem esquerda do Rio S. Francisco, o geologo J. C. Branner viu e descreveu a do rochedo da *Cacimba Cercada*, á margem do rio Garanhum-sinho (3), massiço de gneiss em decomposição com um bloco superposto de tres metros de comprimento e cerca de dois de largura e de altura, tendo numa das faces um astreisco de cerca

(1) E. R. Heath: The exploration of th Rever Beni — Journal of the American Geographical Society of New-York. VI. XIV — New-York 1882.

(2) Charles B. Brown "Indian Picture Writing. in British Guyana".

(3) J. C. Branner: "Bock Inscriptions in Brasil-American Naturalist. V. XVIII Philadelphis - 1884.

de 30 centimetros de diametro, feito de quatro linhas cruzadas em angulos eguaes e cavadas na rocha até ficarem os sulcos bem polidos, e noutra face tres fileiras de pontas ou endentações na extensão de 75 centimetros tambem incisos na rocha, sendo para notar que os sulcos da inscripação foram pintados de vermelho escuro, como ainda hoje se vêm ».

«Para o sul e pelo sertão, não faltam inscripções lapidares nas serranias e logares ermos. Augusto de St. Hilaire assignala-as perto de Diamantina em Minas Geraes. O Engenheiro Manoel Tapajós me informou ter visto muitas nos serrotes visinhos da Barra do Cuité, no Rio Doce. O Engenheiro Jayme Reis, entre tantas que faz menção, descreve a do *Areião*, proximo do Itambé da Matta, como situada numa escarpa rochosa de textura saccharina, branca, formando degrão entre duas planicies, e em uma das grandes rochas que a ahi se erguem sobranceiras ao campo. Estão ahi desenhadas á esquerda, para quem olha, um veado; em seguida, tres series de riscos parallelos, convergindo os tres de um extremo, e perfazendo ao todo 210 riscos. Em baixo, vê-se uma onça pintada, em attitude de saltar ou de correr. As pernas do veado, alguns dos traços parallelos e o pescoço e parte posterior do corpo dum tatú desappareceram por ter sido a pedra lascada por algum raio ».

«O que sobremodo impressiona, prosegue o mesmo engenheiro, logo a primeira vista, é a firmeza do traço. Não se nota a menor falha, o menor signal de hesitação, o traço é corrido (1) ».

«Em S. Paulo, as inscripções lapidares descobertas no *Vará*, num dos *tembês* ou talhados das vizinhanças da cidade de Faxina, descriptas pelo Dr. Domingos Jaguaribe, provam que as mesmas ali foram assentadas para assignalar uma necropole indigena ».

«Estudados assim a esta luz, com a devida prudencia para se não incorrer em vicio de phantasia, as inscripções lapidares hão de ter valor na ethnologia indigena e se tornarão mais credoras do nosso apreço ».

E neste sentido, seja-nos permittido antepor: não valor na ethnologia indigena e sim na paleographia e glyptographia, ás quaes positivamente pertence essa vetusta ordem de escripturas grega e phenicia no estylo linear e figurativo. Isto já demonstrámos, e para um resultado real, repetimos: conviria pôr em pratica a iniciativa de um Congresso de Inscripção Americanista, do qual fizessem parte representantes de todas as Republicas do Hemispherio Occidental. Muito já se tem expendido sobre este magno assumpto e muito são os autores Americanistas e Orientalistas.

Os Institutos de ordem scientificas entre nós, com raras excepções, têm ligado pouca importancia ao assumpto, quando vasta é a serie de manifestações sobre o mesmo se bem que não unificadas.

Não será certamente de outro modo que chegaremos a um resultado que se impõe, em face do grão scientifico a que já attingimos em outros conhecimentos humanos, não menos dignos, merecedores de investigações como este. Este nos falará da verdadeira infancia de nosso Paiz.

Ahi estão os preambulos da nossa primitiva civilisação desapparecida e envolta em um verdadeiro mysterio, como finalmente, numa ferrenha incredulidade ou proposito de fazer permanecer tão magno assumpto, no olvido criminoso, que repugna ao nosso sentimento de patriota.

---

(1) Jayme Reis :"Noticias de Antiguidades Indigenas existentes em Minas" Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. t. 56, parte I. p. 409-411. Rio de Janeiro-1893.

INSCRIPÇÕES DE AGUAS BELLAS EM PERNAMBUCO

O Jornal, de grande publicidade e conceito, na Capital da Republica, em o numero de 28 de Janeiro de 1923, reproduziu as seguintes inscripções, das quaes nos vamos occupar, reveladas pelo notavel scientista J. C. Branner, em 1876. Vêm precedidas de um artigo da illustre Redacção, do qual com prazer destacámos alguns topicos, que aliás confirmam o nosso modo de ver, assim concebidos:

"....Dos estudos archeologicos realisados, principalmente no Egypto, resultou para a sciencia e para a historia a descoberta de um novo manancial."

"Tão importantes foram os resultados, que os governos europeus organizaram e estabeleceram missões scientificas subvencionadas, já para restaurar monumentos, já para decifrar inscripções até então enigmaticas, e de real interesse, como depois se verificou."

"Na America, notadamente no Perú e no Mexico, as pesquisas archeologicas têm tido a magia de reeditar a historia dos grandes povos civilizados, Incas e Aztecas, que a civilização hespanhola observou no tempo das conquistas e descobertas. No Brasil, com methodo e systema, ainda não foram feitos estudos, que, entretanto, poderiam influir efficazmente no conhecimento que temos do authóctone que habitou nossas terras."

"Esses estudos exigem grande paciencia e grande abnegação, porque é preciso o accumulo de material, seleccional-o e depois emprehender o estudo, propriamente dito, que dura, muitas vezes, dez, vinte, trinta ou mais annos. Além dessas difficuldades, a somma de conhecimentos e especialisação, para esses estudos, constitue, por sua raridade, o maior embaraço."

"Varias inscripções perdem-se no Brasil, sem que se tenha procurado a sua significação, ou o que assignalam."

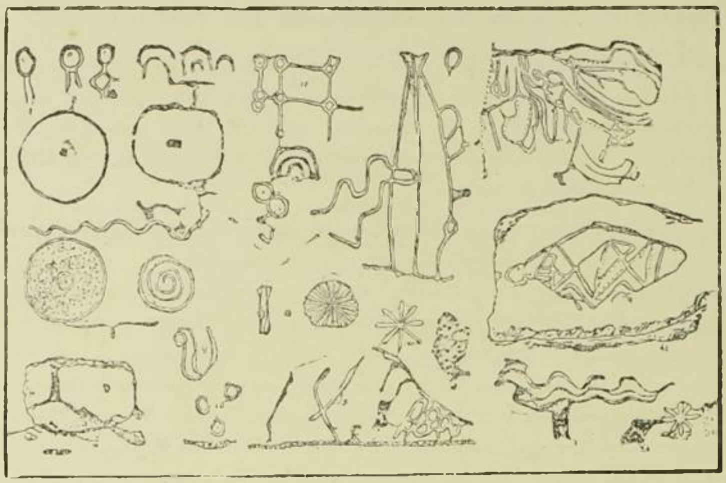
"Como curiosidade, publicamos hoje algumas que foram vistas por um sabio que fez explorações scientificas do Brasil e para ellas pediu a attenção dos doutos e dos estudiosos. Referimo-nos ás descobertas do naturalista John C. Branner, no municipio de Aguas Bellas, Estado de Pernambuco."

"Não sómente encontrou fosseis, na fazenda chamada "Lagoa da Lage", como tambem esteve na fazenda Cacimba Cercada, onde foi examinar as inscripções lithicas ahi existentes...."

"Em Pedra Pintada (é um rio que corre apenas no inverno, rio Pedra Pintada) encontrou Branner, cerca de 40 inscripções, gravadas em blocos de Aguas Bellas, 12 de Garanhuns e 7 de Papaca. Os blocos de gneiss ficam nas margens e mesmo no leito da corrente, podendo estes ser examinados na estiagem, em que ficam expostas......"

"Entre as inscripções apresentadas e as que foram descobertas no Amazonas, pelo naturalista Harll, ha semelhança; esta circunstancia seria o ponto de partida para um estudo especial e mais profundo.................."

Permittir-nos-á entretanto a illustre Redacção d' "O Jornal" ponderarmos que as justas considerações que suggere já foram por nós mais ou menos satisfeitas, na presente obra, cujo resumo constituiu assumpto das duas conferencias por nós levadas a effeito perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e o XX Congresso dos Americanistas, em 22 e 27 de Dezembro de 1921, das quaes se occuparam varios jornaes. Como porém não haviamos conseguido as inscripções de Aguas Bellas, as quaes com satisfação ora aqui figuramos, dando-lhes a nossa interpretação, confessamo-nos gratos por tal ensejo á illustre Redacção d' "O Jornal".



Inscripções encontradas em 1876, nos rochedos do Municipio de Aguas Bellas, em Pernambuco

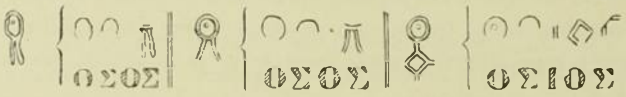


Fig. 1.465 *Fig. 1.466* *Fig. 1.467*

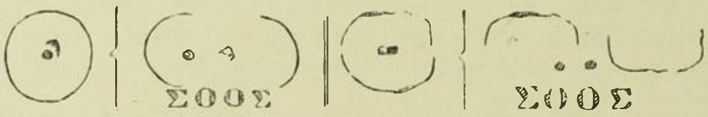


Fig. 1.468 *Fig. 1.469*

ΟΣΟΣ, ΟΣΙΟΣ, ΣΟΟΣ, ΙΣ, ΙΣΟΣ, são palavras com significações já conhecidas.



Fig. 1.470 *Fig. 1.471* *Fig. 1.472*

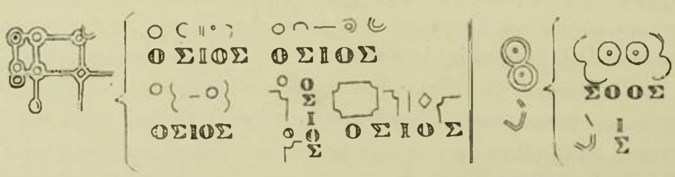


Fig. 1.473 *Fig. 1.474*

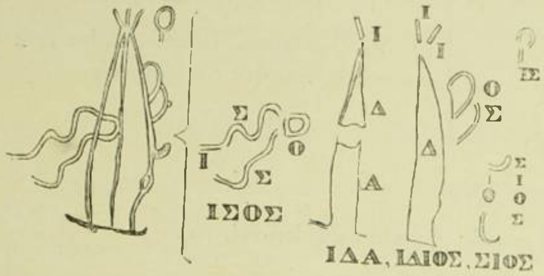


Fig. 1.475

῎ΙΔΑ, ας, o monte Ida, *em Creta e em Phrygia, ou* ΙΔΗ, ης, *Neol. por* ἰδέα, forma, apparencia, etc.

῎ΙΔΙΟΣ, α, ον, proprio, particular, singular, especial; tomado em sentido proprio; que é do dominio privado, etc.

†ΣΙΟΣ, ῶ, *Laced. p.* Θεός, οῦ, Deus, o Ser Supremo: (ὁ, ἡ) deus, deusa, etc.

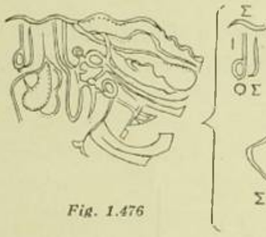
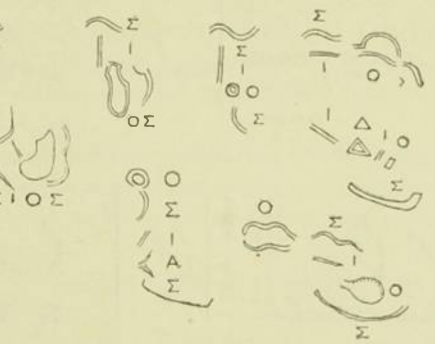



Fig. 1.476



Fig. 1.477

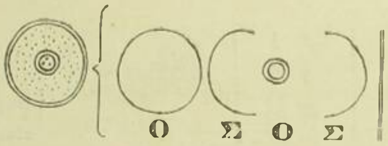


Fig. 1.478



Fig. 1.479



Διός, *gen. de* Ζεύς' JUPITER.

Fig. 1.480

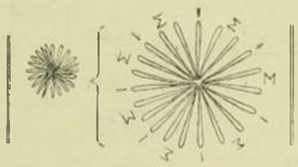


Fig. 1.481

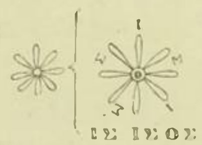


Fig. 1.482

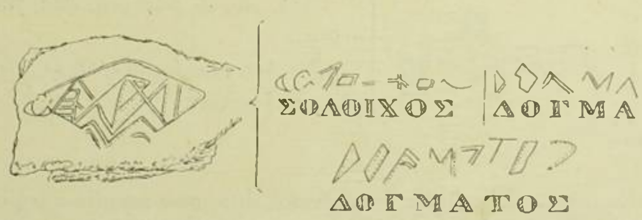


Fig. 1.483

ΣΟΛΟΙΧΟΣ, defeituoso, *falando da linguagem*, incorrecto, contrario ás regras da grammatica: *ao fig.* mal feito, grosseiro, absurdo, etc.

ΔΟΓΜΑ, ατος, decisão, aviso, resolução; decreto, sentença, dogma, ponto de doutrina; *alg. vez.* rito religioso; axioma, pensamento; *tamb.* taboa de calculo *ou* de contas feitas.

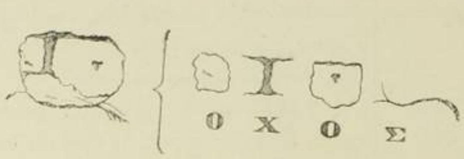


Fig. 1.484

῾ΟΧΌΣ, tenaz, firme, solido; *com o gen.* que retém, que contém, etc.

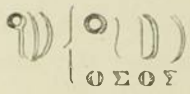


Fig. 1.485

῾ΟΣΟΣ, quanto grande, quanto consideravel, etc.

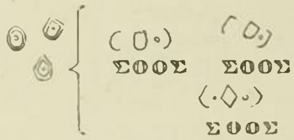


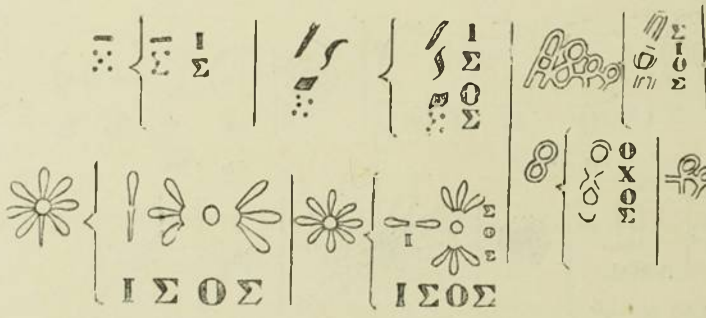
Fig. 1.486

ΣΌΟΣ, *Poet. donde a forma Att.* Σῶς, ῶς, ῶν, são e salvo, inteiro que sobrevive *ou* que subsiste, etc.



Fig. 1.487

†ΣΙÁ, *Laced. p.* Θεά, deusa.



ΣΙΌΣ, *Laced. por* Θεός, o Ser Supremo, etc.

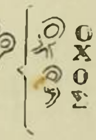


Fig. 1.488

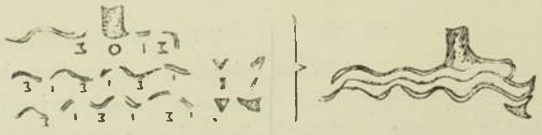


Fig. 1.489

ΔΊΑ, *acc. de* Ζεύς, *gen.* Διός, JUPITER.

Νὴ Δία, por Jupiter, Οὐ μα Δία, não por Jupiter.

Segundo a maior parte dos casos epigraphicos, como temos dito, nem sempre a copia ou as gravuras correspondem á exactidão das letras, occasionando difficuldades na interpretação. A proposito de querer-se obter uma estampa symetrica desloca-se a ordem seguida das figuras e conseguintemente da inscripção, que contém ás vezes pensamentos ou

phrases importantes. Comtudo, as inscripções de Aguas Bellas, como acabámos de vêr, corroboram a semelhança destas com tantas outras espalhadas por toda parte.

Aos valiosos trabalhos do scientista J. Branner, já por vezes nos temos referido.

GRAVURAS LAPIDARES EM PERNAMBUCO

O eminente scientista patricio Dr. Mario Mello, Secretario Perpetuo do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, tem se occupado proficientemente de assumptos epigraphicos, dando publicidade a varios artigos. D'entre estes, foi o ultimo (Diario de Pernambuco, de 30 de Setembro de 1928), que mais nos attrahiu a attenção. Contém varias inscripções, por elle desenhadas em Villa Bella, de cuja summula passamos a tratar, transcrevendo suas proprias palavras e seu peculiar systema orthographico. Reproduzimos essas magnificas inscripções, as quaes vamos interpretar, da maneira seguida:

"Visitando, ultimamente, a cidade de Vila Bela, tive noticia de que na serra do caldeirão, na distancia de tres léguas, existiam letreiros gravados na lagem pelos holandêses — indicio ou roteiro de tesouro oculto.

Se bem que seguro de nunca terem os holandêses passado por aquela região, empreendi uma viagem ao local, tendo por guia o proprietario da fazenda em que existiam os letreiros.

E depois de penosa caminhada a cavalo, no sertão adusto, sob ráios escaldantes do sol, cheguei a um ponto curioso chamado o Caldeirão, donde, naturalmente proveio o nome da serra: o despenhadeiro dum córrego sôbre uma lage escavada cujo sulco tem a forma de grande bacia, coberta esta de arêa, descida da serra nas invernadas e ai acumuladas. E' o que, em outros pontos, chamam tanque e onde normalmente encontram esqueletos de animaes antidiluvianos.

Nas partes lateraes desse tanque, umas no maciço do lagêdo róseo outras em blocos que podem ter sido desagregados do aludido lagêdo mas parecem justapostos por esfôrço humano, existem inscrições — fantasias gravadas na rocha.

Umas estão ainda perfeitas, outras estragadas pelo tempo, pela ação corrosiva das águas, outras ainda quebradas pela perversidade de algum visitante inculto.

Ao que me conste, nenhum scientista viu esses litoglifos. E a eles não se refere Sebastião Galvão no seu *Dicionario*. Deles não trata Alfredo de Carvalho na *Pre-historia sul-americana*, onde, em lingua portuguêsa, existe a maior colheita sôbre o assunto.

Afora o estudo de J. C. Brenner sôbre as inscripções de Aguas Belas, não sei de outro scientista que haja tratado de gravuras lapidares em Pernambuco, onde muitas outras existem.

A pezar de mau desenhista, procurei copia-las, para dar ideia do que são".



'ΙΣΟΣ *ou Poet.* 'ΙΣΟΣ, igual, unido, justo, equitativo; plano, igual, junto, etc.

Fig. 1.490 — "Especie de labyrintho cravado na rocha, na margem esquerda do caldeirão"

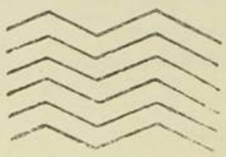
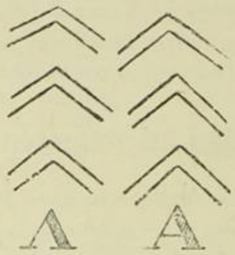


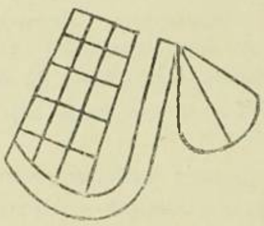
Fig. 1.491 — "Linhas parallelas quebradas na mesma margem, na face de um bloco que parece sobreposto á lage"



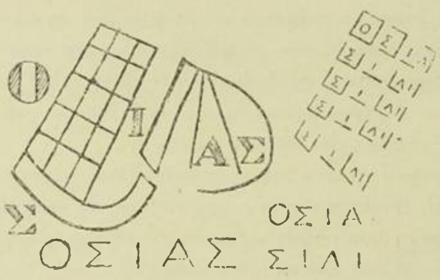
†ΛΑ ou λαι ou *simp.* λ. *part. insep. que se colloca no começo das pal., equivalente a* λίαν, muito, forte.

Palavra por 3 vezes gravada.

ΙΣΟΣ ΛΑΙ: UNIDO EQUITATIVO E FORTE



Fi. 1.492 — "Fantasia ornamental, cavada na rocha, na margem leste do Caldeirão"



RITO CEREMONIA OU EXEQUIAS DA ILHA DE CHYPRE

"ΟΣΙΑΣ, rito ou ceremonia religiosa, exequias, etc.

ΣΙΑΙ, *como* σιλλικύπριον, RR σίλι, Κύπρος, *nome da Ilha de Chypre.*

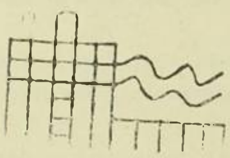
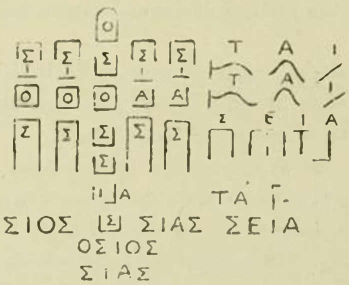


Fig. 1.493 — "Curiosa figura de accentuadas proporções geometricas, na margem do Caldeirão, cavada sobre o lagedo, ao sudoeste. Tem sete palmos de comprimento. A parte esquerda está estragada mas os vestigios denotam que era igual á direitita"



ΣΙΟΣ ΟΣΙΟΣ DEUS É A LEI DA JUSTIÇA
ΣΙΑΣ ΤÁ ΙΣΕΙΑ DEUSAS E AS FESTAS DE ISIS

ΣΙΟΣ, DEUS.

"ΟΣΙΟΣ, conforme a lei da justiça, puro, innocente, etc.

ΣΙΑΣ, DEUSA.

ΣΙΑΣ, DEUSA.

ΤÁ, *fem. do art.* ὁ ἡ etc.

ἸΣΕΙΑ, as festas de ISIS, etc.

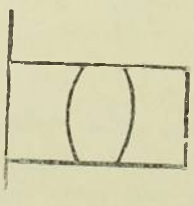
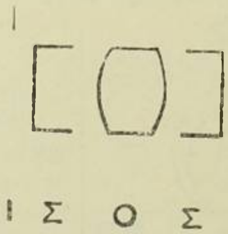


Fig. 1.494 — "Ractangulo á esquerda da figura acima. Será monogrammatica? Por ventura um symbolo? um pavilhão?"



FORTE, JUSTO E EQUITATIVO

"ΙΣΟΣ, igual, junto, unido, plano, justo e equitativo, etc.

E' pois um symbolo bem significativo.

Eis a interpretação das interessantes inscripções de Villa Bella, tão artisticamente elaboradas quanto as encontradas em Aguas Bellas, por J. Branner, das quaes tratámos em paginas anteriores. Nestas condições, em nosso modesto trabalho, apresentamos o modo de esclarecer o magno problema prehistorico americano, quanto á parte epigraphica.

Acompanhamos o illustre Dr. Mario Mello (de quem já somos admirador), no patriotico appelo sobre a guarda destas reliquias, já em alguns paizes consideradas como monumentos nacionaes. E' preciso "que sejam defendidas contra a perversidade humana ou contra o iconoclasmo ignorante", como muito bem diz.

Bem comprehendemos finalmente que os unicos documentos que nos restam são esses providenciaes archivos, para definirmos a verdade da nossa prehistoria, que permanecia injustamente representada por um ponto de interrogação.

INSCRIPÇÕES DO RIO MADEIRA (Amazonas)

E'-nos agradavel incluir aqui algumas inscripções esculpidas em rochas, nas regiões do rio Madeira, no Estado do Amazonas, justamente na parte que se limita com a Bolivia.

Sendo o sólo desta republica, em grande parte, um centro archeologico, seria provavel que as regiões vizinhas não ficassem pobres desses monumentos, espalhados, como temos visto, no Continente Americano e varios paizes.

Entretanto, bem pouco, por enquanto, conseguimos das referidas regiões, mas essas poucas gravuras virão constatar o mesmo genero de caracteres gregos, que se generalizam, em epocas prehistoricas, em grande parte do Globo Terrestre.

Foi no kilometro 152 da Estrada de Ferro Madeira - Mamoré, que o illustre Engenheiro João da Silva Campos, Fiscal da referida Estrada, as encontrou; desenhou-as o Snr. Comte João Baptista dos Santos; a ambos devemos portanto as inscripções que ora reproduzimos e ás quaes damos a necessaria interpretação.

Variam, segundo a medição procedida, de $0^m,10$ a $1^m,00$ em comprimento e largura.

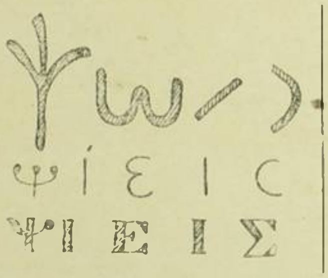


Fig. 1.495

Dicc. Gr. cit., pag. 1606: Ψιεις, εσσα, εν, *Gloss.* feliz, afortunado.

R. ψια *por* εφια, etc.

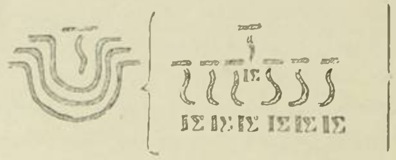
*



Fig. 1.496

Idem, p. 701: ΙΣ, *gen.* ινος, (η) fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

*



Como a precedente.

Fig. 1.497

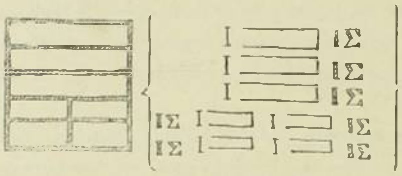
*



Idem, p. 704: Ἴσος, *ou Poet.* η, ον: igual, semelhante: igual unido, plano; igual indifferente; justo, equitativo, etc.

Fig. 1.498

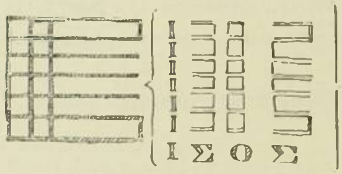
*



Como as precedentes.

Fig. 1.499

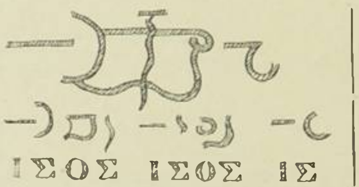
*



Como as precedentes.

Fig. 1.500

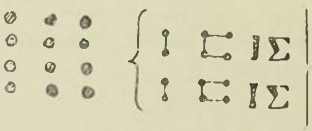
*



Como as precedentes.

Fig. 1.501

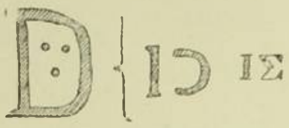
*



Como as precedentes.

Fig. 1.502

*



Como a precedente

Fig. 1.503

*

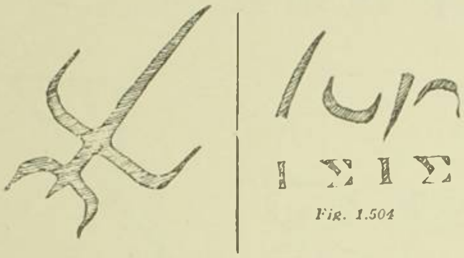
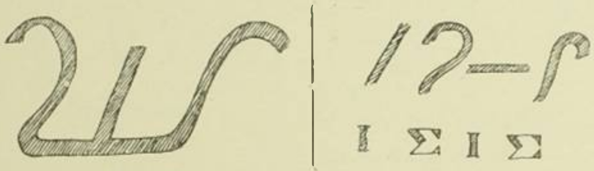


Fig. 1.504

Idem, p. 702: Ισις, Deusa Egypcia.

Dicc. Popular citado, p. 374: "Isis: Uma das divindades principaes dos Eypcios, era irmã de Osiris, e mãe de Horos e de Harpocrates..." "O Egypto celebrava em honra de Isis mysterios que se espalharam na Grecia, etc. Vêm-se os mysterios de Isis representados na Taboa Isiaca etc. Isis tambem era considerada a lua, nas religiões dos babylonios, de Zoroastro assim como nas dos egypcios dos phenicios porque derramava o orvalho".

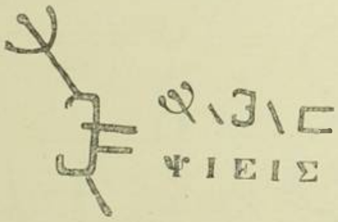
*



Como a precedente.

Fig. 1.505

*



Como a primeira figura: Feliz, afortunado, etc.

Fig. 1.506

*

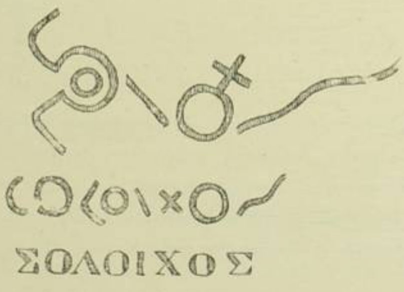


Fig. 1.507

Idem, p. 1300: Σολοιχος, ος, ον, (*comp.* οτερος, *sup.* οτατος) defeituoso, incorrecto, (*falando da linguagem*): contrario ás regras da grammatica: *ou fig.* grosseiro, absurdo, etc.

*

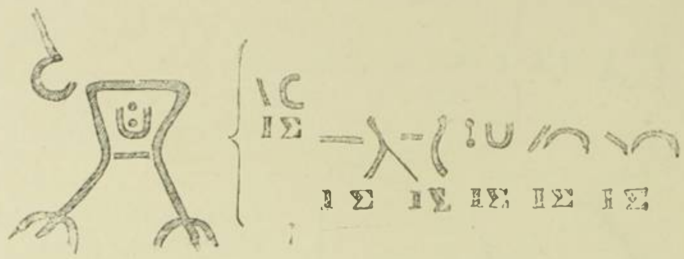


Fig. 1.508

*

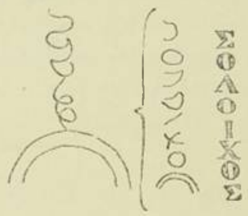


Fig. 1.509

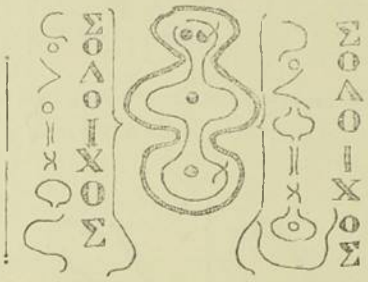


Fig. 1.510

*

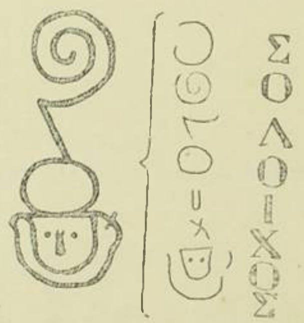


Fig. 1.511

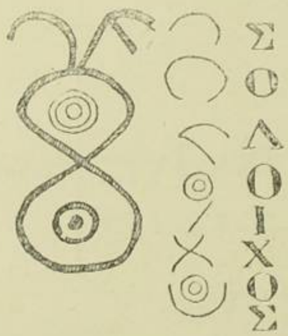


Fig. 1.512

*

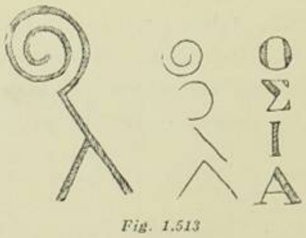


Fig. 1.513

Idem, p. 1012: Οσία, ας, (ἡ) rito *ou* ceremonia religiosa, *e especialmente* exequias, funeraes: *muit. vez.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina *ou simplesmente* direito, justiça, legalidade, cousa permittida; *alg. vez.* disposição de consciencia, o que se faz pela forma, etc.

*

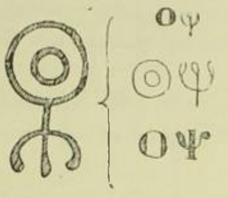


Fig. 1.514

Idem, p. 1025: Οψ, *gen.* οπος, (η), *Poet.* voz donde *por ext.* palavra, linguagem, discurso, canto, etc. *tambem*, olho, olhar, visagem, etc.

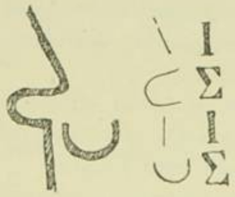


Fig. 1.515

Já interpretada.

*

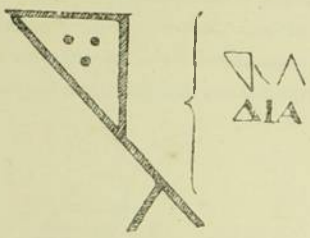


Fig. 1.516

Idem, p. 340: Δια, *acc. de* Ζευς, *gen.* Διός, Jupiter Νη Δια, por Jupiter. Οὐ μα Δια, não por Jupiter. Δια, ων, (τα) *Insc.* festa de Jupiter. etc.

*

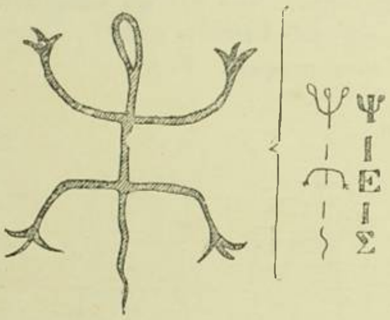


Fig. 1.517

Idem, p. 1606: Ψιεις, εσσα, εν, *Gloss.* feliz, afortunado.

R. ψιά *por* εψια. etc.

*

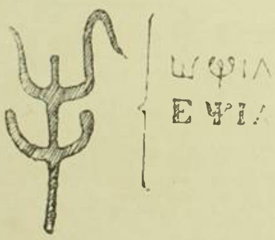


Fig. 1.518

Idem p. 637: Εψία, ας, *Poet.* jogo, graça, chocarrice, zombaria, conversação familiar

R. επω?; dizer, *ou* επομαι, seguir, acompanhar; *fig.* adoptar, observar, espiar, frequentar, etc.

*

INSCRIPÇÕES DO RIO BRANCO

O explorador inglez Sir Robert H. Schombourgh fala-nos de inscripções lapidares e ornatos de figuras symbolicas, em alguns pontos das serras divisorias do Brasil com a Guyana Ingleza, no Tacutú, no rochedo do Esequibo, na montanha da Lua, etc.

A impossibilidade de levarmos a effeito uma excursão nesta região privou-nos de offerecer, por emquanto, desenhos de inscripções, das quaes insistentemente nos falam varios viajantes.

Comtudo, podemos offerecer as que se seguem, variaveis de 20 a 80 centimetros, colhidas de rochedos graniticos, pelo illustre Dr. João Augusto Zany, entre as serras de Tuarú e Imbarú (alto Tacutú).

Um só é o assumpto predominante, gravado de variantes formas. Na execução desse trabalho, admira como o artista seria senhor de seu alphabeto e habil no emprego curioso de seus caracteres. E' isto uma das notaveis particularidades d'essas inscripções.

Ainda ao illustre Dr. João Zany devemos a delicada offerta de uma ponta de flecha de silex denticulada, da qual fazemos menção em capitulo respectivo. Foi encontrada em 1917, na profundidade de 3^{m},50, á margem do rio Tacutú, proximo aos limites com a Guyana Ingleza.

Eis as gravuras e a interpretação que lhes damos:

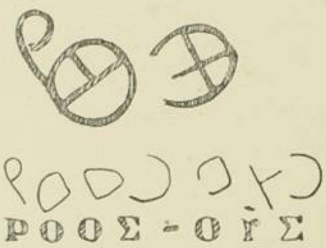


Fig. 1.519

Idem. p. 1266: Ροος-οῦς, *gen.* ροου-οῦ (6), curso, escoamento; curso d'agua, corrente, rio; *ao fig.* curso das cousas, da vida, do tempo. Κατά ροῦν, em seguimento ao curso d'agua. Κατά ροῦν φερεται τα πραγματα, *Lex.* os trabalhos têm um curso prospero. R. ρέω.

*

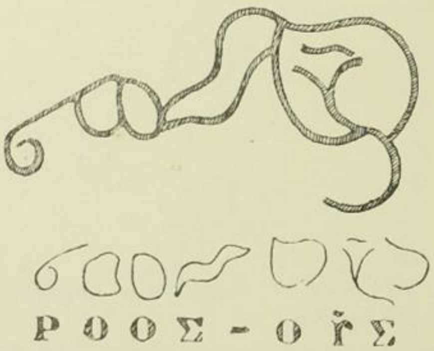


Fig. 1.520

Idem, variante da precedente.

*

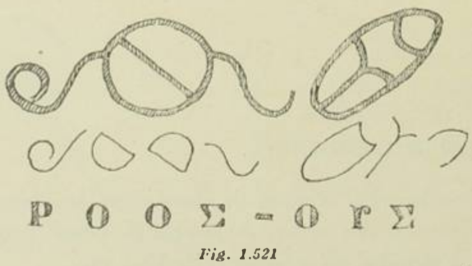


Fig. 1.521

Idem, variante da precedente.

*

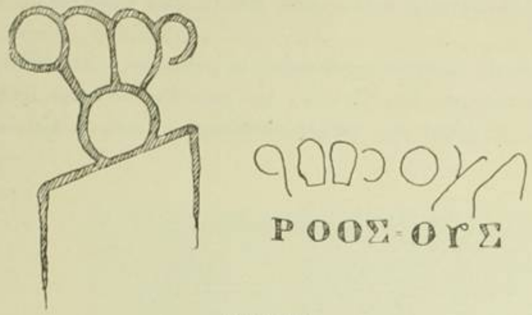


Fig. 1.522

Idem, variante da precedente.

*

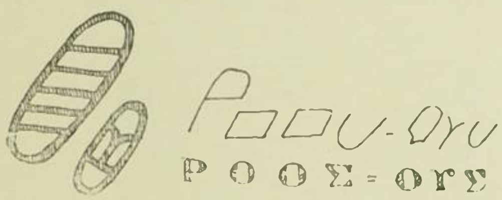


Fig. 1.523

Idem, variante da precedente.

*



Fig. 1.524

Idem, variante da precedente.

*

PEDRA DA GIBOIA

E' d'este magestoso monumento, que tanto importa á glyptographia prehistorica, que ora, com prazer, vamo-nos occupar.

A' gentileza do eximio artista o Sr. Silvino Santos, technico da secção cinematographica da importante casa J. G. de Araujo, estabelecida em Manáos, Estado do Amazonas, devemos as seguintes photographias e desenhos referentes á *Pedra da Giboia*, da qual alguns scientistas se têm occupado, falando apenas de suas profusas e importantes inscripções lapidares. Agora, porém, em pequeno numero embora, temos magnificos exemplares, que

interpretaremos do modo seguido e demonstrado, e são, com effeito, por excellencia, artisticos e interessantes.

O rochedo está situado em terras do dominio particular, e, segundo o Sr. Silvino Santos, ao centro dos bellissimos campos do Rio Branco, no alto Parimé, em frente ás serras do Tabaco e do Tarame, proximo ás regiões limitrophes com a Guyana Ingleza.

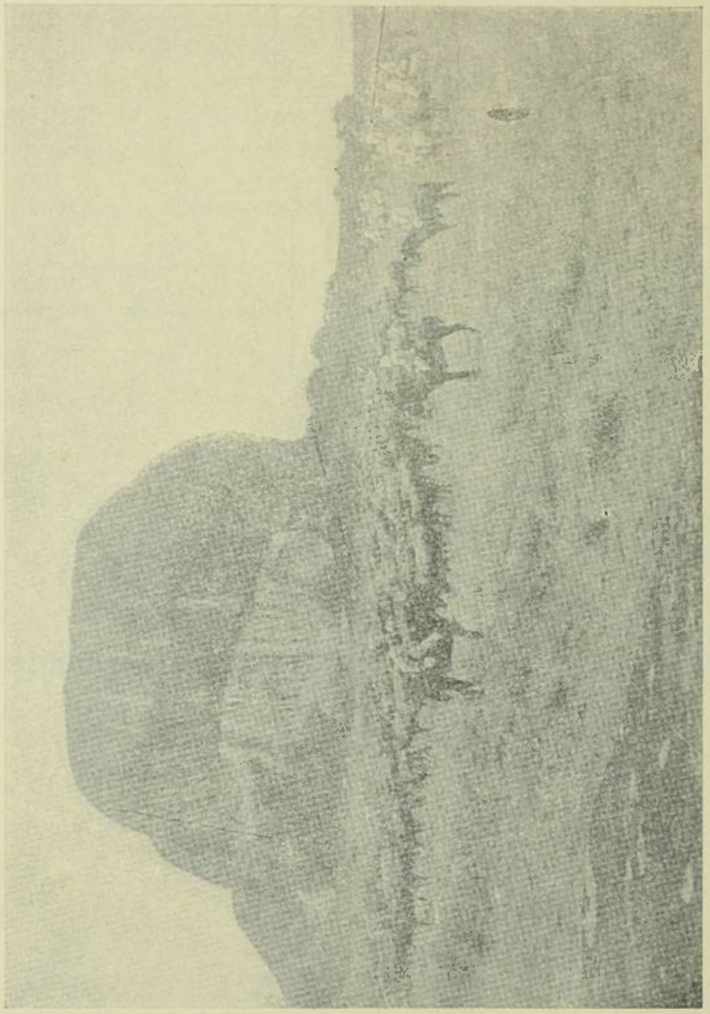


Fig. 1.525 — Pedra da Giboia na Região do Rio Branco (Amazonas)

A fig. 1.525 dá-nos o aspecto desse accumulo de preciosidades paleographicas, que difficilmente se póde na totalidade copiar, estando algumas já pouco visiveis e outras esculpidas em altura variavel de 150 a 200 metros, em sensivel estado de erosão. Estes exemplares variam de 1 a 3^m, em dimensões de altura e largura, excepto o que representa as serpentes, que excede a 10^m de extensão. Obedecem, quasi todos, ao estylo da pintura indelevel, em tinta vermelha escura, muito vulgarizado, em semelhantes execuções.

O rochedo, além de sua natural imponencia exterior, caprichosamente disposto no meio d'esses vastos campos, salpicados de pequenos e mimosos pontos verdejantes, contém no seu interior, em determinados locaes, cousas de extraordinarias concepções, dignas de detido estudo archeologico. Em uma de suas profundas cavidades nota-se um bloco curiosissimo, pela sua apparencia de mesa, cheio de inscripções.



Fig. 1.526 — Uma das faces da "Pedra da Giboia" na Região do Rio Branco (Amazonas)

A fig. 1.526 representa uma das curiosas faces do grande rochedo, na qual foram esculpidas varias inscripções, constantes dos exemplares referidos. Um outro bloco ao lado, de menor dimensão, envolve, além de attrahentes paizagens, assumptos dignos de detidas observações.

Em uma outra face, fig. 1.527, a menos cheia de asperezas, está o maior numero de inscripções, sendo estas as mais desenvolvidas.

O genero paleographico é o mesmo encontrado em todo o Continente Americano e outras regiões, como já demonstrámos.

As inscripções obedecem, em sua generalidade, á escripta do primitivo grego.

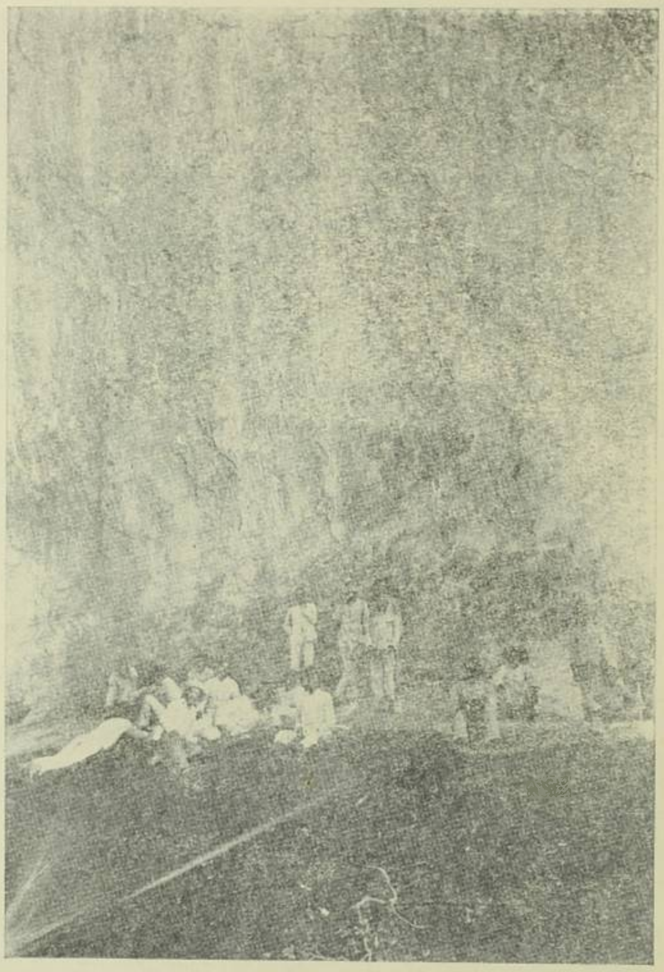


Fig. 1.527 — Face da "Pedra da Giboia" com Inscripções

As palavras, o pensamento, o estylo são os mesmos dos profusamente espalhados por onde passou essa arrojada emigração prehistorica, facto hoje comprovado pelas continuas descobertas realizadas na face e nas profundidades do solo. Referimo-nos aos monumentos artisticos, admiraveis da epigraphia, bem como ás obras architectonicas e outros insophismaveis vestigios de trabalho humano, fragmentos subterrados de ceramica e especimensl paleoithicos.

Assim, diremos como o notavel escriptor Alvaro Reis: "O escarpello da moderna sciencia archeologica trouxe á luz, com sobejidão de evidencias, a verdade dos factos narrados na Biblia e, ao mesmo tempo, qual clangorosa trombeta dos soldados de Josué, levou a confusão aos arraiaes da incredulidade, fazendo, tal como succedera ás muralhas de Jericó, ruir por terra as deslumbrantes asserções de historicas hypotheses, que os incréos a todos queriam impingir como *factos* scientificamente contestados."

"A Pá, no dizer de Olivier Wendell Holmes, tem fornecido a principal defeza, senão das nações, pelo menos dos exercitos *sitiados:* tem alimentado as tribus humanas, fornecido-lhes agua, carvão, ferro e ouro e, agora, ella lhes fornece a *verdade*, a verdade historica, cujas minas foram abertas somente em nossos dias."

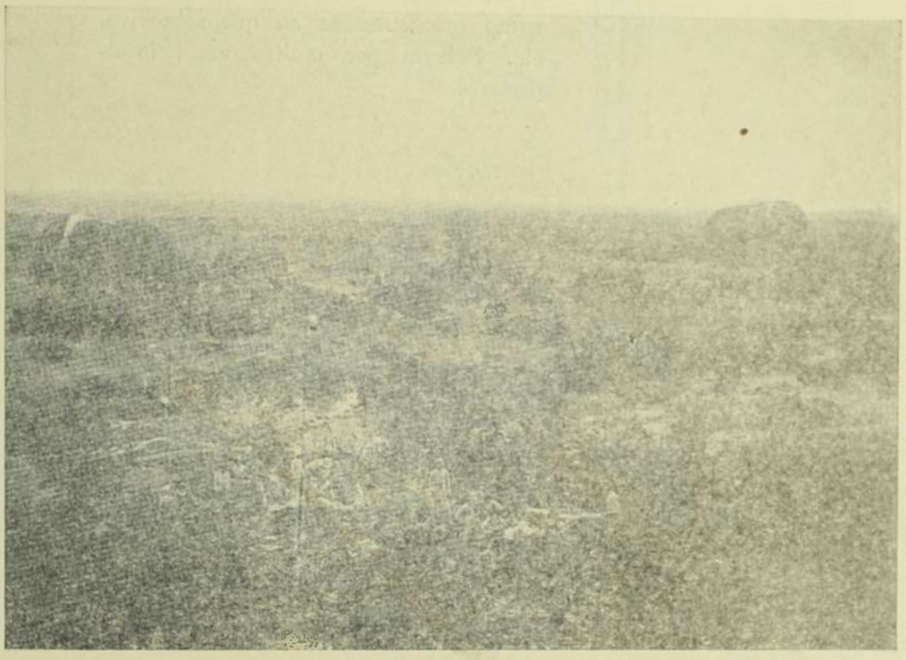


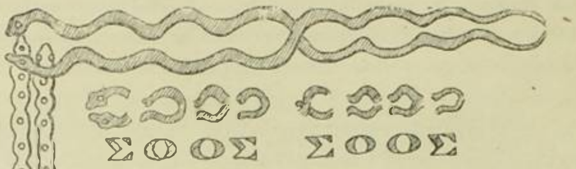
Fig. 1.528 — Aspecto ao longe da "Pedra da Giboia"

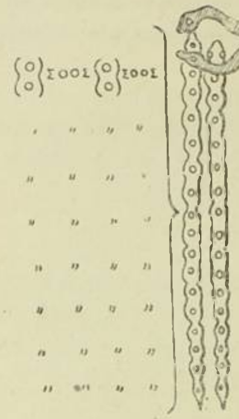
A paleographia dos nossos rochedos, ora desvendada, por tanto,e bem assim a das ceramicas soterradas, encontradas nas successivas excavações em varias regiões orientaes e occidentae , concorreram poderosamente para determinar a solução primordial do nosso magno problema prehistorico.

A fig. 1.528 é o aspecto, ao longe, da magestosa e tradicional *Pedra da Giboia*, um dos monumentos da região do Amazonas, que encerra elementos para a nossa prehistoria e onde a archeologia muito de aproveitavel póde ainda conseguir, com suas cogitações meticulosas.

Passemos finalmente a reproduzir e interpretar as artisticas inscripções, das quaes estamos tratando.

Nutrimos esperança de conseguir ainda da assombrosa região do Rio Branco, como de outras do Valle do Amazonas, novos e valiosos exemplares epigraphicos.





Do Grego Σόος, ος, ον, *Poet. d'onde a forma Att.* Σῶς, ῶς, ῶν, SÃO E SALVO, INTEIRO QUE SUBSISTE *ou* que sobrevive, etc. Palavra por muitas vezes interpretada.

Fig. 1.529

*

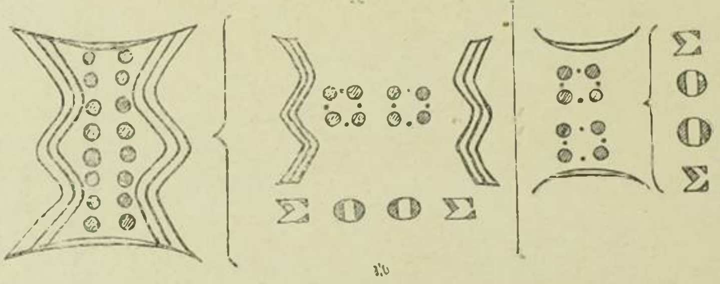


Fig. 1.530

*

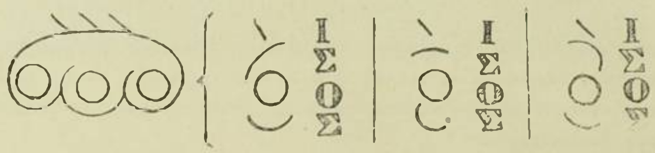
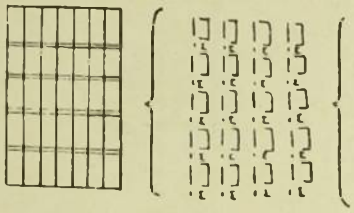


Fig. 1.531

Ἴσος, *ou poet.* Ἶσος, η, ον, igual, justo; igual unido, plano; justo equitativo, etc. Palavra muitas vezes interpretada.

*



Ἶς, *gen.*, ἰνός (ἡ) fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc. Por muitas vezes interpretada.

Fig. 1.532

*

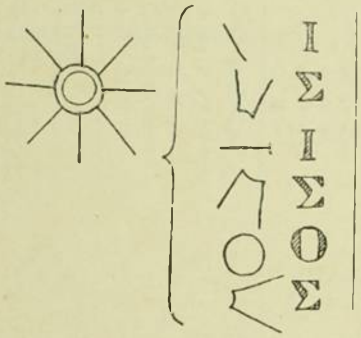


Fig. 1.533

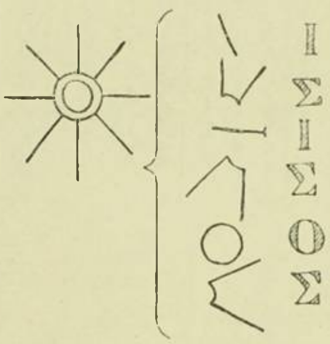


Fig. 1.534

*

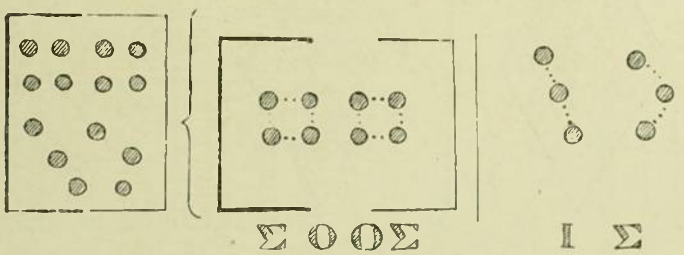
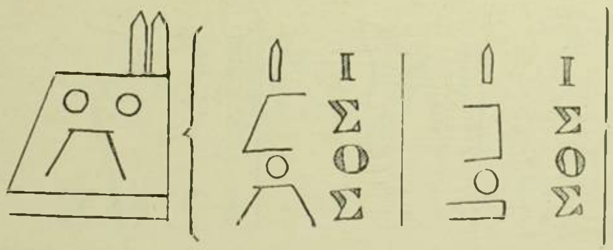


Fig. 1.535

*



IΣ-IΣOΣ. Já se acham muitas vezes interpretadas.

Fig. 1.536

*

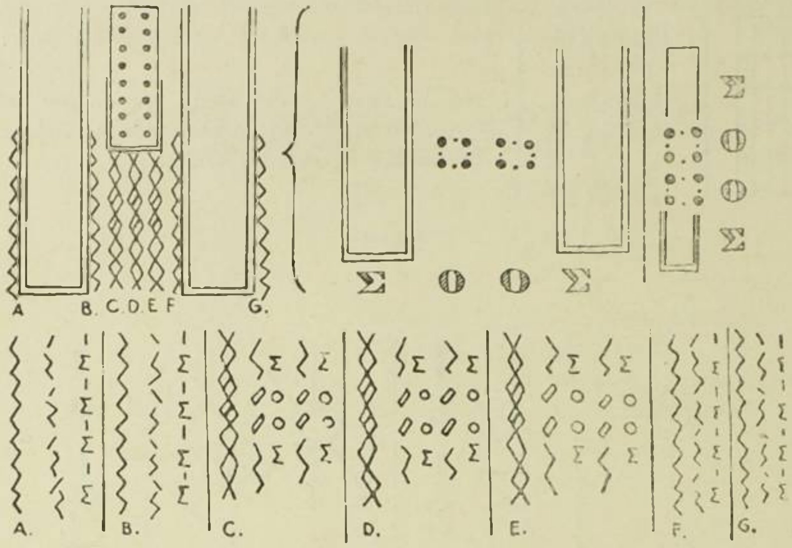


Fig. 1.537

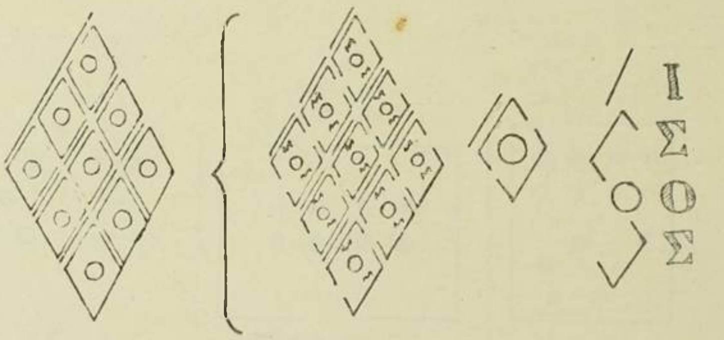


Fig. 1.538

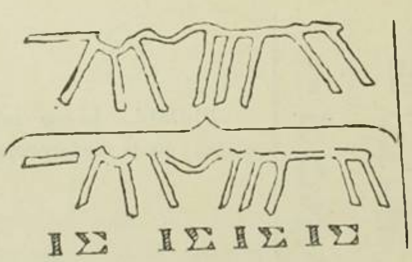


Fig. 1.539

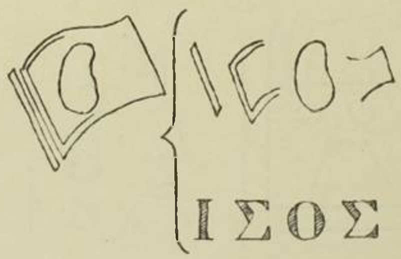


Fig. 1.540



Fig. 1.541

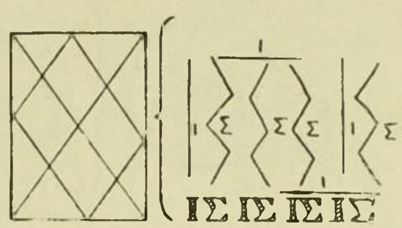


Fig. 1.542

*

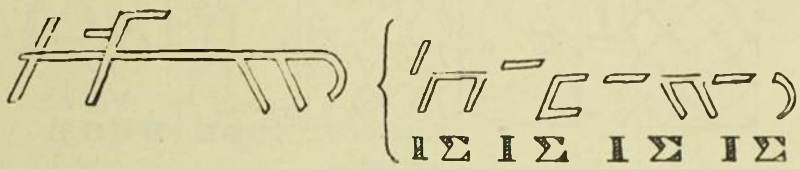


Fig. 1.543

*

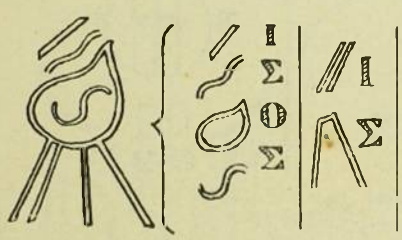


Fig. 1.544

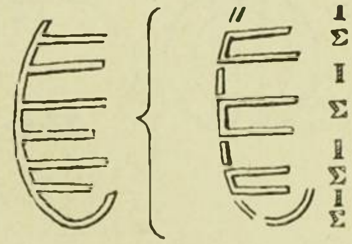


Fig. 1.545

*

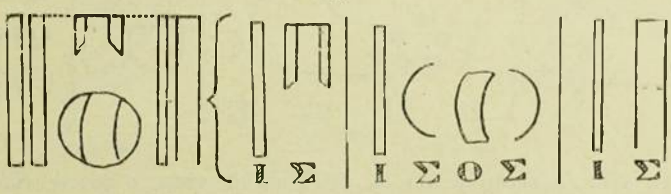


Fig. 1.546

*

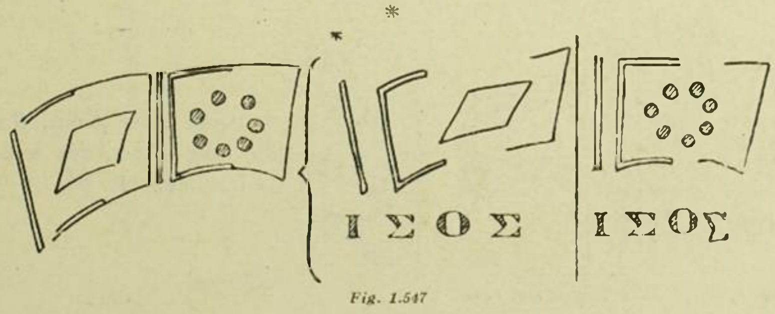


Fig. 1.547

*

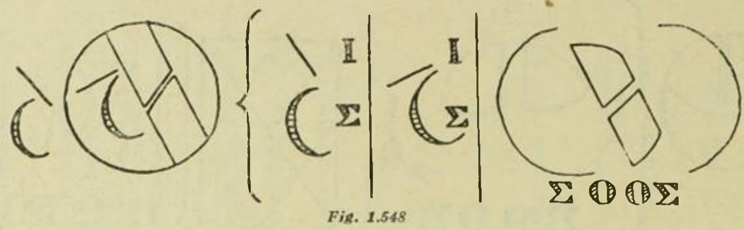


Fig. 1.548

*

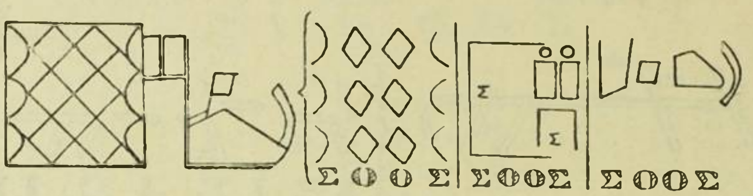


Fig. 1.549

*

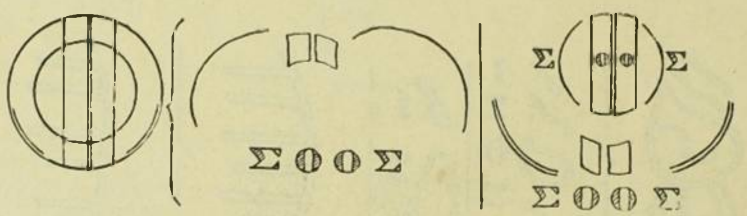


Fig. 1.550

*

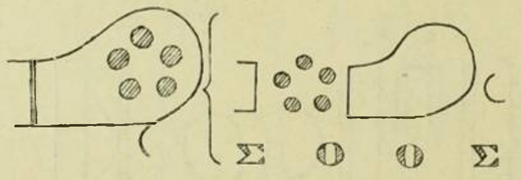


Fig. 1.551

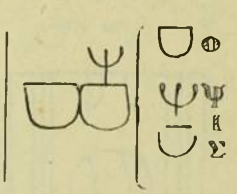


Fig. 1.552

"ΟΨΙΣ, εως, vista, a acção de ver *ou* o sentido da vista, o que se vê, espectaculo; visão, apparição; aspecto, face, figura, visagem, etc., etc.

*

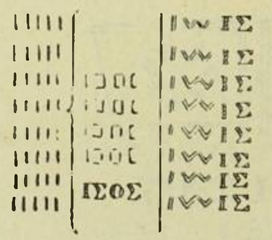


Fig. 1.553

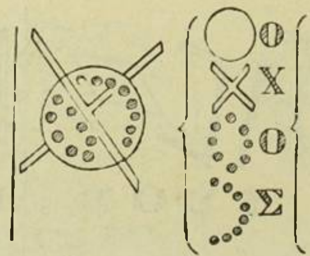


Fig. 1.554

Ὀχός, ός, όν, tenaz, firme, solido; *com* o *gen.* que retém, que contém, etc. R. ἔχω.

*

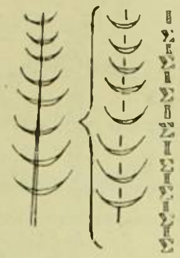


Fig. 1.555

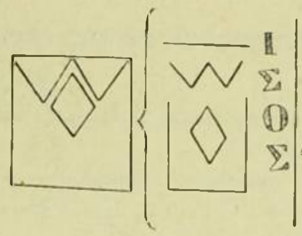


Fig. 1.556

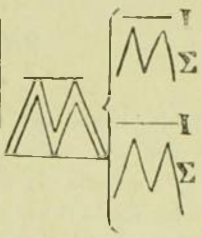


Fig. 1.557

*

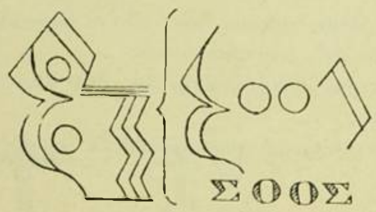


Fig. 1.558

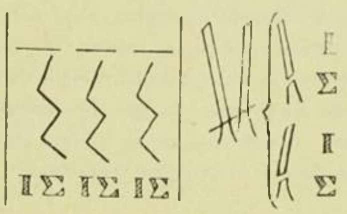


Fig. 1.559

*

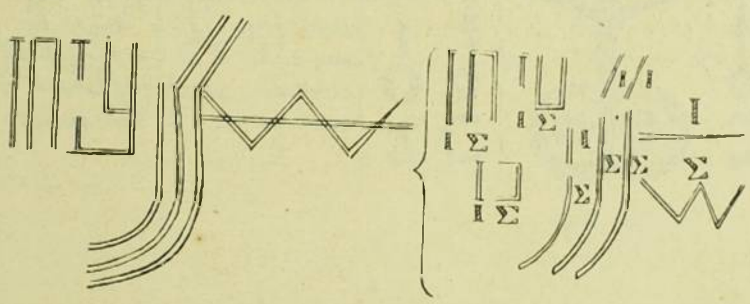


Fig. 1.560

*

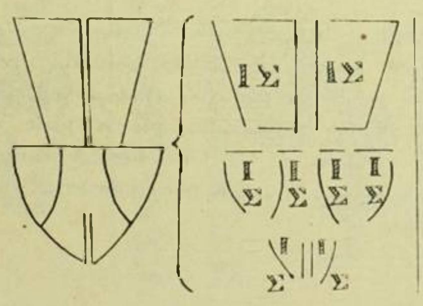


Fig. 1.561

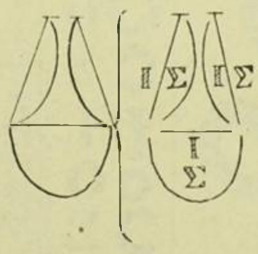


Fig. 1.562

*

INSCRIPÇÕES DO RIO IAPURÁ

Desde muito tempo são commentadas as bizarras inscripções do rio Iapurá, porém, não muitas têm sido reveladas.

O principal reducto destes innumeros monumentos prehistoricos é a zona encachoeirada entre os limites do Brasil com a Colombia, a qual, por sua vez, possue grande variedade destes especimens pelas margens do referido rio.

Von Martius Debret, Ferdinand Deniz e outros offerecem alguns exemplares destas inscripções, attribuindo-as, erroneamente, aos indios de periodos relativamente recentes.

Onffroy de Thoron divergiu, como nós, deste conceito, mas não as pôde infelizmente estudar, no periodo em que as visitou, obstado pela enchente do rio.

Hoje porém, devido á gentil offerta da copia dessas inscripções, pelo illustre Snr. Alcides Mourão, vamo-nos occupar das mesmas.

Faremos acompanhal-as as nossas interpretações paleographicas, conforme temos feito com as demais inscripções tratadas:

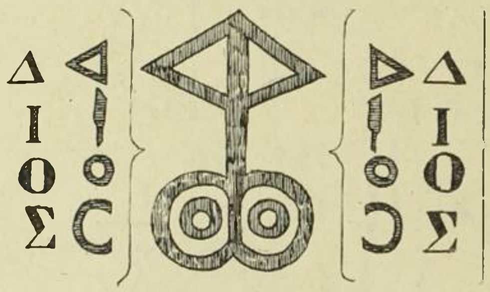


Fig. 1.563

Dicc. Gr. citado p. 381: Δῖος, α, ον. *Poet.* divino, *dá-se muitas vez. por epith. aos deuses e aos heroes;* divino, *isto é,* excellente, admiravel, *tambem* prodigioso, immenso, etc. R. Ζεύς, genitivo Διός.

*

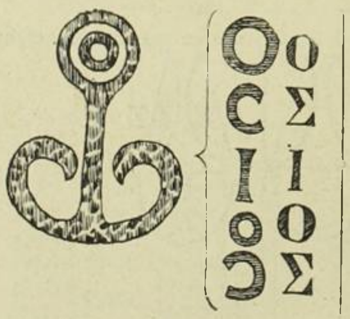
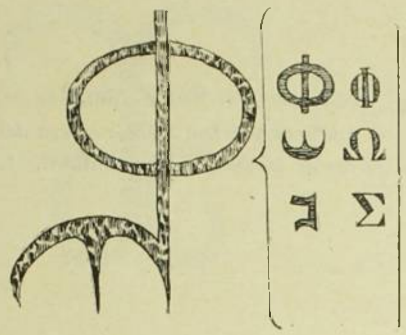


Fig. 1.564

Idem, p 1012: Οσιος, α, ον (*comp.* ώτερος, *sup.* ώτατος) conforme as leis da religião; permitido pela religião ou não prohibido por ella, *donde ás vez.* profano, que não é ponto consagrado, que se pode tocar sem crime, *por opp. a.* ιερός: *mais seguido*, santo, sagrado; justo, conforme á justiça; puro, innocente, virtuoso; pio, religioso.

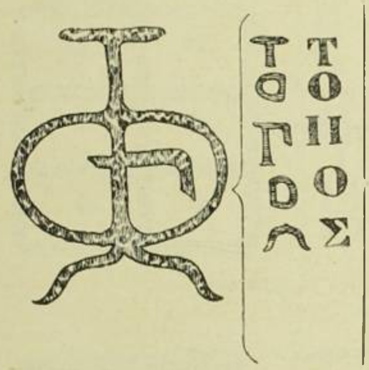
*



Idem, p. 1559: Φῶς, *gen.* φωτός, *gen. pl.* φώτων (τὸ), *contr. de* φάος, luz, tudo que brilha' *como* fogo, astro, lanterna, etc., *alg. vez.* olho; *tambem* a luz do dia, a vida, g'oria, brilho, alegria, prazer, prosperidade; *Eccl.* luz da graça; relampago. R. φάος, *de* φαίνω, etc.

Fig. 1.565

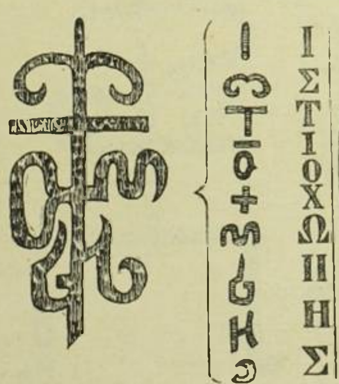
*

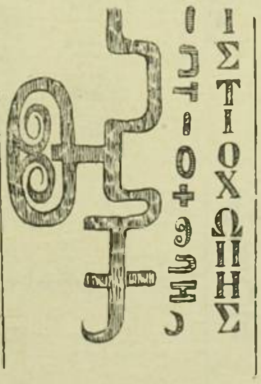


Idem, p. 1432: Τόπος, ου (ὁ), logar, praça, situação, sitio, posição, paiz, logar habitado *e mais especialmente* aldeia *ou* cantão: *fig.* cousa, logar de fazer uma cousa. *alg. vez* assumpto *ou* materia d'um discurso, *aliás*, a maneira de dispor a questão, etc.

Fig. 1.566

*





Idem, p. 705: Ἱστιοκώπη, ης (ἡ), *Gl.* navio a velas e a remos. R. R. ἱστκώπη.

Fig. 1.567

Fig. 1.568

*



Fig. 1.569

Idem, p. 1621: Ὦτος, οῦ (ὁ), e Ὦτος, ου (ὁ), duque, bufo, *ave nocturna que tem sobre a cabeça dois pennachos em forma de orelhas, ou fig.* imbecil. etc. R. οὖς.

*



Fig. 1.570

Como a precedente.

*

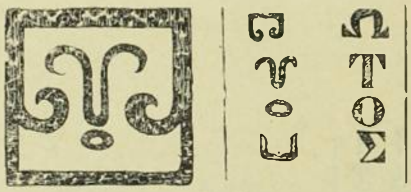


Fig. 1.571

Como as precedentes.

*

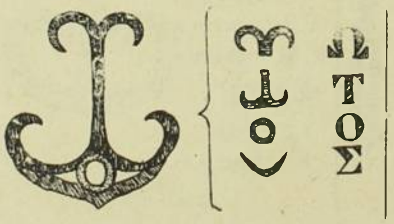


Fig. 1.572

Como as precedentes.

*

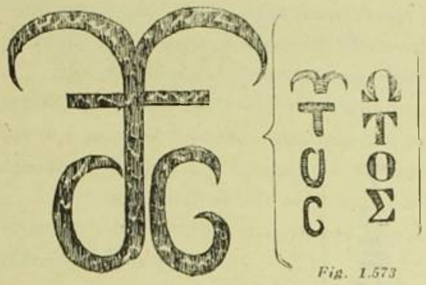


Fig. 1.573

Como as precedentes.

*

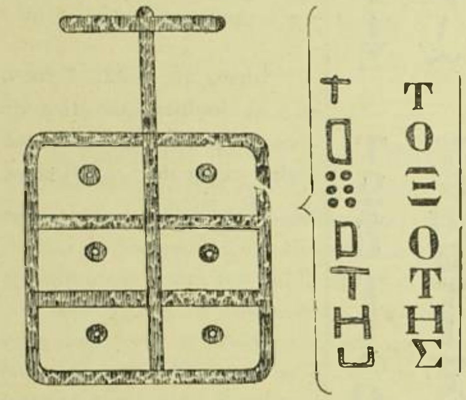


Fig. 1.574

Idem, p. 1432: Τοξοτης, ου (ο), archeiro, soldado que atira de arco; *a Athenas*, soldado scytha empregado em fazer a policia: *em ter. de astr.* o Sagittario, *constellação*. R. τοξον.

*

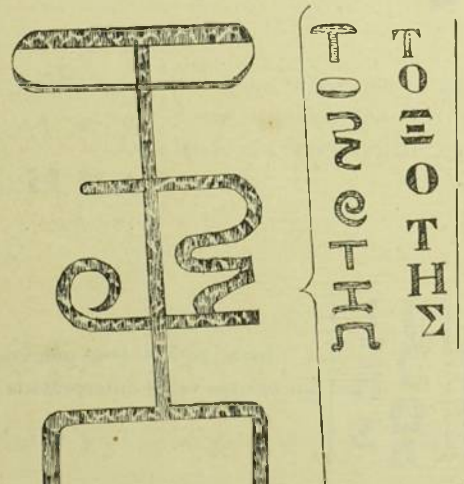


Fig. 1.575

Como a precedente.

*

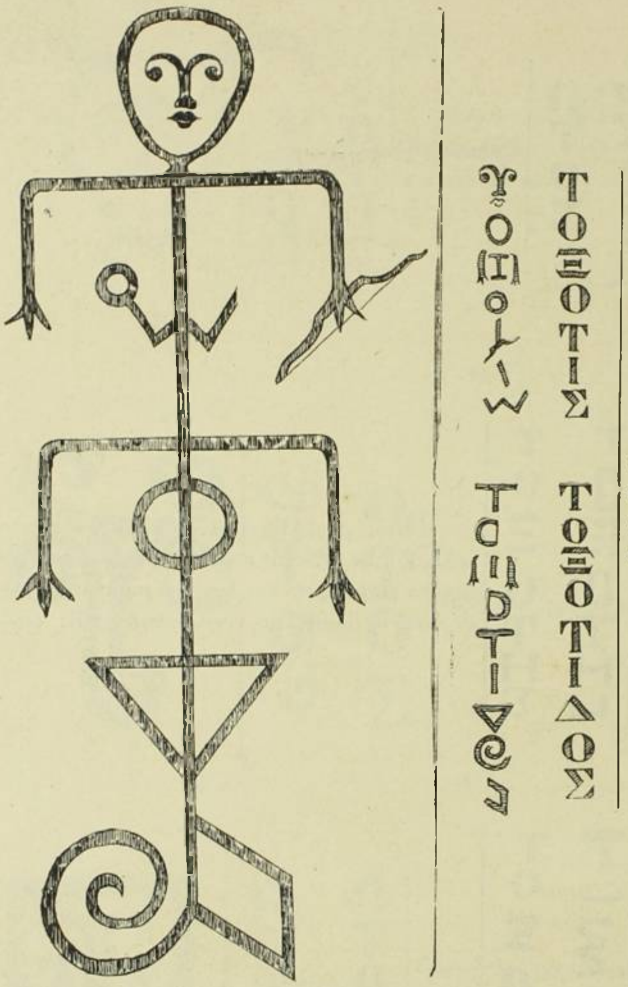


Fig. 1.576

Idem, p. 1432: Τοξοτις, ιδος (η), mulher que atira de arco; ameias das muralhas por onde atiravam as flechas, etc. R. τοξοτης.

*

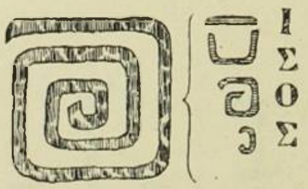


Fig. 1.577

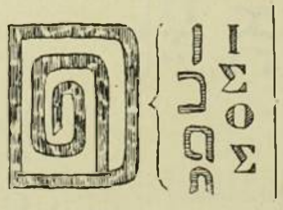


Fig. 1.578

Idem, p. 704: Ισος, palavra por muitas vezes interpretada.

*

Esta simples parcella de inscripções, já por si, revela-nos noções interessantes para constatar a importancia moral, commercial, etc., desta localidade, em eras prehistoricas.

Vemos por isso quão necessario seria estudar as suas avultadissimas inscripções, bem valiosas, pelo que acabámos de observar.

A particularidade nimiamente artistica da disposição dos caracteres, em ambos os systemas linear e figurativo, é das mais engenhosas que temos encontrado. A affinidade da mesma com as legendas empregadas em muitas moedas da antiga Grecia é admiravel, assumpto de que nos occupámos no fim do 1° Capitulo desta obra.

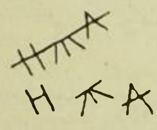
Fala-nos Onffroy de Thoron tambem de caracteres hebraicos naturalmente primitivos, nesta região, mas temos encontrado difficuldades para a acquisição d'esses exemplares por emquanto.

Em capitulo proprio tratámos com minucia do rio Iapurá ou Japurá e de suas originalidades, entre ellas a philologia, no que respeita aos seus nomes locaes, que ainda hoje são conservados com algumas corrupções.

* * *

A importante Revista mensal Brazileira *Rio Paris* em seu primeiro numero, dado á publicidade em fins de 1920, sob a epigraphe *Inscripções Indigenas*, por J. N. faz ligeiras referencias á noticia da nossa interpretação relativamente ás gravuras do Morro da Gavea, no Rio de Janeiro. Com effeito, esse emprehendimento acha-se concatenado ao presente trabalho, que, uma vez publicado, o articulista conhecerá em sua importancia.

E'-nos grato, tratando desta referencia, pedir sua venia para aqui a trasladar, dando mais amplitude ás inscripções seguintes, bem interessantes, publicadas nessa occasião e situadas no rio Fonseca, no Estado do Ceará, fazendo-as acompanhar das interpretações que nos suggerem. Servirão mais estas preciosidades para augmento das muitas d'aquella procedencia, já incluidas neste capitulo.

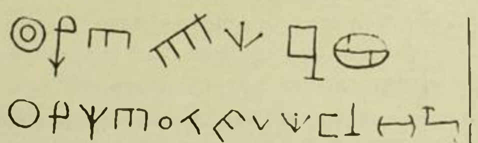


Η ΚΑ

Fig. 1.579

Idem, Dicc. cit. p. 648: ΗΚΑ *adv. Poel.* docemente, sem barulho, pouco a pouco, *por ext.* pouco, um pouco, etc. Ἠκαστιλζοντες, *Hom.* tendo um ligeiro reflexo, etc.

*



ΟΡΨΕΟΤΕΛΕΣΤΗΣ

Fig. 1.580

Idem, p. 1011: Ορφεοτελεστης, οῦ (ὁ) aquelle que se inicia nos mysterios orphenicos. R. R. Ορφεύς, τελεω.

*

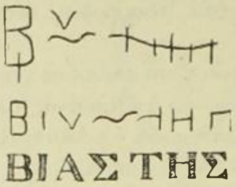


Fig. 1.581

Idem, p. 282: Βιαστής, οῦ, (ο) que emprega a violencia, que usa de constranger; aquelle que adquire ou obtem pela força; aquelle que commette um rapto; arrebatador: *Poet.* homem corajoso, etc.

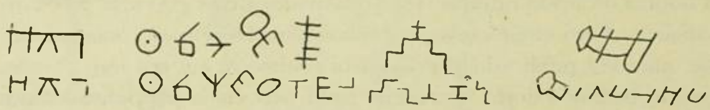
RESUMO

ΗΚΑ ΟΡΨΕΟΤΕΛΕΣΤΗΣ ΒΙΑΣΤΗΣ

DOCEMENTE, NÃO COM VIOLENCIA, INICIA-SE NOS MYSTERIOS ORPHEONICOS

*

As duas seguintes gravuras obedecem ao mesmo pensamento. Fazem differença apenas na diversidade do emprego dos caracteres, sendo notavel a ultima em sua artistica duplicidade.



ΗΚΑ ΟΡΨΕΟΤΕΛΕΣΤΗΣ ΒΙΑΣΤΗΣ

Fig. 1.582

*

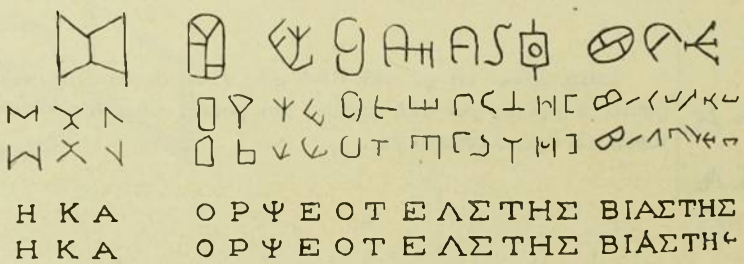
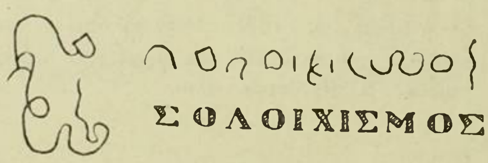


Fig. 1.583

*



Idem, p. 1300: Σολοικισμος, solecismo *ou fig.* falta, descaso, inaptidão, inepcia, tolice, etc.

Fig. 1.584

*

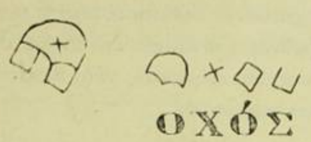


Fig. 1.585

Idem, p. 1025: Οχός, ος, ον, tenaz, firme, solido: *com o gen.* que retém, que contém, etc.

*

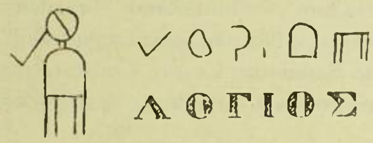


Fig. 1.586

Idem, p. 860: Λογιος, α, ον, (*comp.* ωτερος, *supr.* ώτατος), sabio na arte da palavra, eloquente; que preside á eloquencia; *falando de Minerva*: douto, erudito, sabio, prudente, etc. || *Subs.* (o) orador; dialecto; historiador; prosador.

*

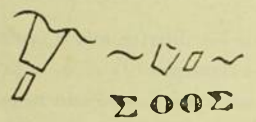


Fig. 1.587

Idem, p. 1300: Σόος, ου, (ό) Arremesso arrojo || pl. affectos, impulso do coração; elevação do espirito; *fig.* liberdade, etc.

RESUMO

ΣΟΛΟΙΧΙΣΜΟΣ ΟΧΌΣ ΛΟΓΙΟΣ ΣΌΟΣ

SOLECISMO TENAZ DO SABIO É O ARROJO, ELEVAÇÃO DO ESPIRITO, A LIBERDADE

*

Rectificadas as omissões de pequenos traços, aliás naturalissimos em copias de vetustas inscripções, aqui as deixamos interpretadas. Não nos limitaremos porém, só a ellas, temos o prazer ainda de transcrever a parte noticiosa, que tanto importa ás localizações de tantas outras gravuras, para estudos necessarios, no momento dado.

E' assim que se manifesta a proposito o autor: "........Em todo o vasto, resequido sertão que se estende da Bahia ao Piauhy, em pedrancos e rochas, á margem de riachos e rios, nas penedias insuladas como menhirs naturaes, nos fraguedos e nas moscosaes, lá estão as gravuras extranhas desafiando a curiosidade dos espiritos esclarecidos que por alli passem".

"Umas somente se aprofundam na rude face dos granitos e syenitos; outras logo chamam a attenção pela berrante côr vermelha do "enduit" com que as entupiram. Estas têm, nivelando a sua profundeza com a superficie dura, rugosa das pedras, um betume encarnado, feito talvez de urucú misturado a outras substancias, de tom tão forte que sol, chuva e reacções chimicas naturaes, não conseguiram faser desbotar; tão endurecido que a ponta de faca, mal se arrancam fragmentos diminutos".

"Os sertanejos não sabem explicar quem as fez. Nada lembram da colonisação. Não se referem ao roteiro das bandeiras, menos aos factos da guerra hollandeza. Só podem ter sido executadas anteriormente á chegada dos portuguêses"......"Existe no sertão do Estado do Ceará, um municipio, onde são communs os caracteres indigenas, de que nos occupamos. Lá estão gravadas em abundancia nas rochas e beira dos cursos dágua. E' o municipio de Quixeramobim, que fica no proprio coração do Estado".

"Nas terras das fazendas "Lagoa", "Cruxatú" e "Cuidado", pertencentes ao Coronel Antonio Leal de Miranda, todo o curso do pequeno rio Fonseca, está cheio de inscripções.

No logarejo denominado Giqui, existem varias pedras com gravuras betuminadas de vermelho". "Viajei nessa região e examinei com vagar essas pedras gravadas. No curso do referido rio, essas rochas, óra na margem direita, ora na margem esquerda, vêm desde a sua embocadura, no Banabuiú até pequena distancia das suas nascentes".

Assim termina o articulista:

"Ninguem até hoje se propôz á rude tarefa de colligir, estudar e esclarecer os milhares de inscripções dessa ordem que mysteriosamente enchem o "hinterland" brazileiro. E quanto segredo interessante sobre a vida da raça indianane llas não estará sepultado!".

E' certo que muito de precioso ha na epigraphia do Estado do Ceará. Constata isto a variedade de inscripções já por nós interpretadas, no presente trabalho, e quanto aos segredos, ha pouco os deixámos divulgados.

A ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA, N°. 17 de 20 de Janeiro de 1922, publicou, sob a epigraphe *Os Mahadéos do Sertão*, um artigo da lavra do scientista Gustavo Barroso, acompanhado de varias inscripções lapidares.

Merecendo-nos particular attenção o assumpto pedimos venia ao illustre autor, para reproduzir algumas das referidas inscripções, pois só deste modo poderemos offerecer sobre ellas a nossa opinião, sob o ponto de vista paleographico, emquanto no decurso do nosso trabalho, já nos explanámos em relação a outros assumptos peculiares ao caso. A contraposição de idéias em que nos achamos, não é razão para deixarmos de render as devidas homenagens ao alto valor intellectual do referido autor, a quem nos confessamos gratos.

Assim, começaremos tratando das paginas precedentes, que se relacionam ás inscripções lapidares das margens do Rio Fonseca, municipio de Quixeramobim, Ceará, publicadas n'um bello artigo de J. N. no 1° numero da Revista Carioca *Rio-Paris*. Demos ás mesmas as devidas interpretações, como é facil constatar; entretanto, ora as encontramos na seguinte fig. 1588, reproduzidas pelo illustre Sr. Gustavo Barroso, desfeitas da ordem regular, em sentido multiforme, occasionando assim a impossibilidade da coordenação das phrases ou pensamentos n'ellas externados, aliás artistica e engenhosamente delineados, como alli já fora paleographicamente demonstrado.

Eis a fig. 1588 a que alludimos:

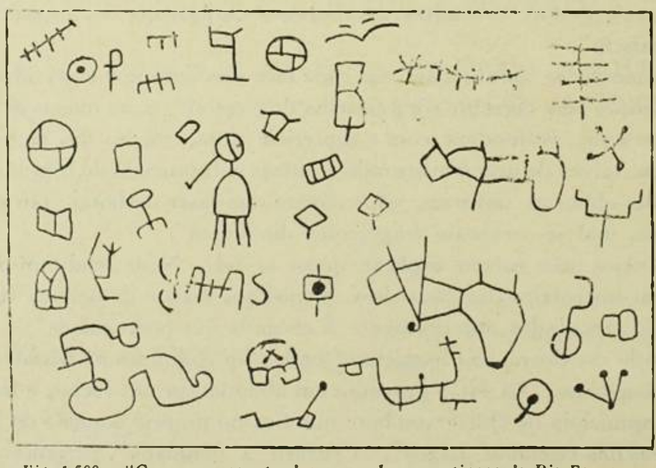


Fig. 1.588 — "Gravuras encontradas em pedras marginaes do Rio Fonseca, municipio de Quixeramobim, Ceará". (Cropuis de João do Norte," d'aqrès nature")

Vamo-nos occupar agora da fig. 1589, reproduzida na totalidade, e iremos interpretando cada uma de suas figs. assim como as seguintes.

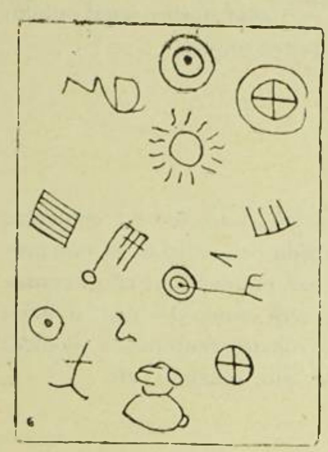
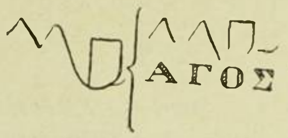
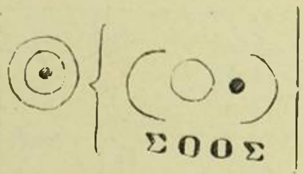


Fig. 1.589 — "Gravuras das rochas do West Kilpatrick, na Escossia". (Apud. A. Bertrand — "Religion des Gaulois")



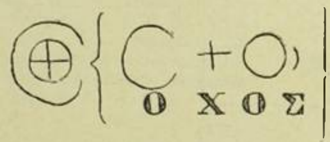
Ἄγος, *ou mais seg.* Ἄγος, εος, ους, (τό), cousa sagrada, objecto de veneração, *muit. vez.* objecto de horror, aversão, macula que faz expiar; crime; scelerado, iniquo, execrando; *alg. vez.* receio, temor de commeter um sacrilegio; medo religioso, etc.

Αγός, αῦ, (ὁ) *Poet.* chefe, conductor, guia. R. ἄγω.



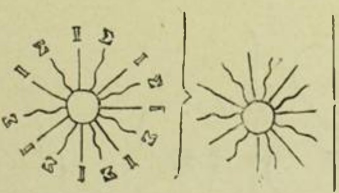
Σόος, ος, ον, *Poet. donde a forma Att.* Σῶς, ῶς, ῶν, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, etc.

*



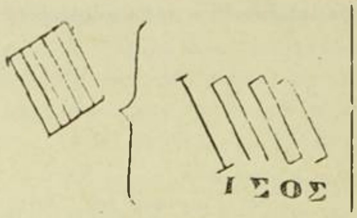
Οχός, ος, ον, tenaz, firme, solido; *com o gen.* que retém, que contém, etc.

*



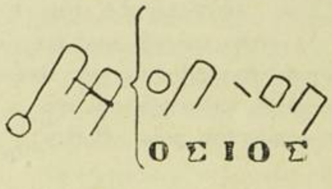
ΙΣ, *gen.* ἰνός, (ἡ), fibra, nervo; *por ext. Poet.* força, vigor. *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

*



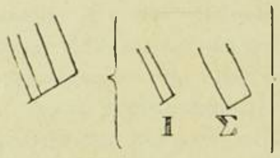
Ἴσος, *ou Poet* Ἶσος, η, ον, igual, justo, igual unido; igual indifferente, justo, equitativo, etc.

*



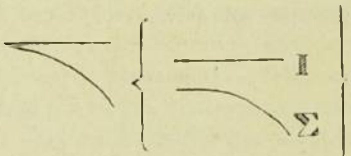
Οσιος, α, ον, (*comp.* ώτερος, *sup.* ώτατος) conforme as leis da religião; permittido pela religião *ou* não prohibido por ella *donde alg. vez.* profano, que não é consagrado, que se pode tocar sem crime, *por opp. á* ἱερός: *mais, seg.* santo, sagrado; justo, conforme a justiça; puro, innocente, virtuoso, pio, religioso, etc.

*



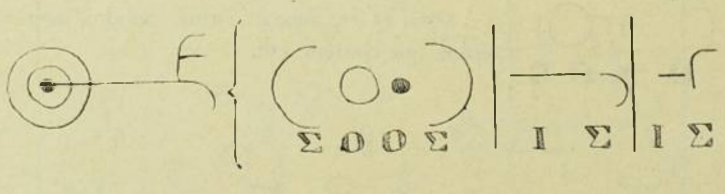
Ις, *gen.* ἰνος, fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor, etc. Palavra por muitas vezes interpretada.

*

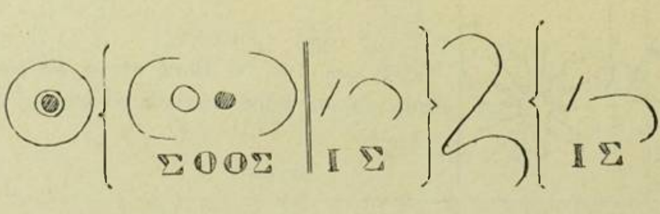


Como a precedente

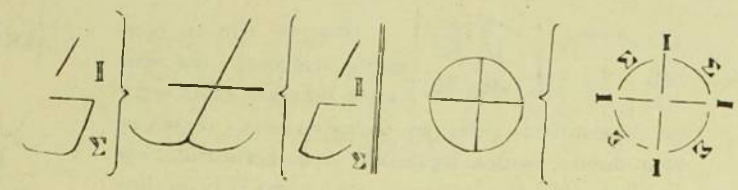
*



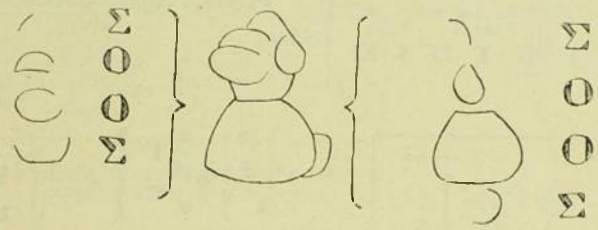
*



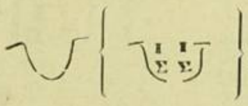
*



*



*


Palavra já descripta.

*

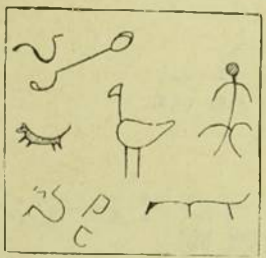
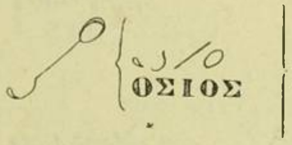


Fig. 1.590 — "Inscripção nos rochedos do Valle de Calingosta, Rep. Argentina, de accordo com a photographia publicada pelo Sr. Reginaldo Lloyd"



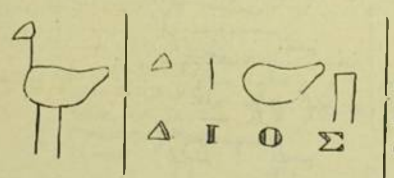
Idem.

*



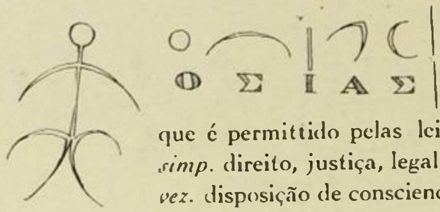
Idem.

*

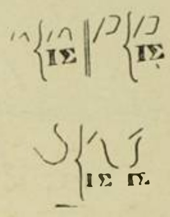


Δῖος, α ον, *Poet.* divino, *dá-se muit. vez. por epith. aos deuses e aos heroes;* divino, *isto é,* excellente, admiravel, *alg. vez.* prodigioso, immenso, etc. R. Ζευς, *gen*, Διός.

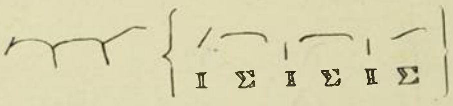
*



Οσια. ας, rito *ou* ceremonia religiosa, *e esp.* exequias, funeraes, *muit. vez.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina *ou simp.* direito, justiça, legalidade, cousa permittida; *alg. vez.* disposição de consciencia, etc., como já ficou dito.



*



Palavras cujas significações são já conhecidas.

*

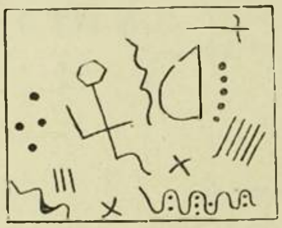
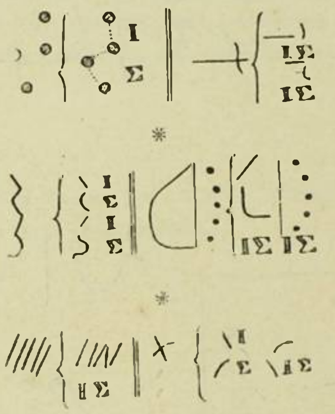
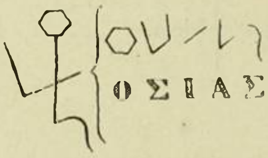
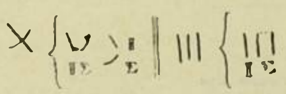


Fig. 1.591 — "Cavidades e figuras do "tumulo" de Renongart, em Plovan, na Bretanha". (A. Bertrand — "Religion des Gaulois")

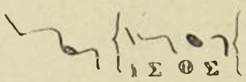


*

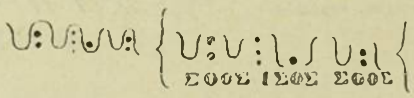




*



Palavras já interpretadas.



Idem.

*

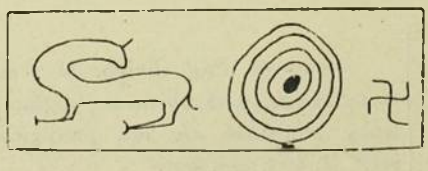
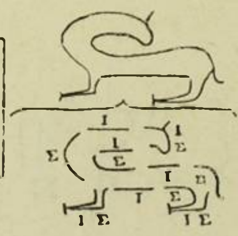


Fig. 1.592 — "Pedra gravada de Robernier, França". ("Religion des Gaulois" — A. Bertrand)



*



*

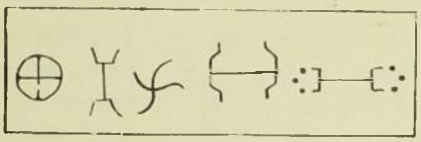
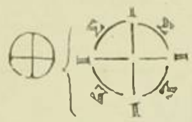
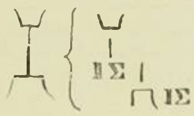


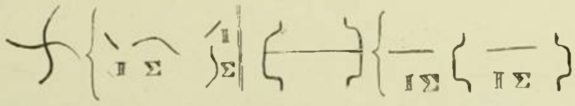
Fig. 1.593 — "Symbolos solares dos monumentos antigos, segundo Alex Bertrand"



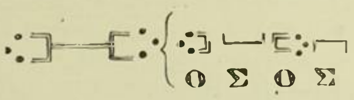
*



*



*



"Ὅσος, η, ον, quanto é grande, consideravel, numeroso, etc.

*

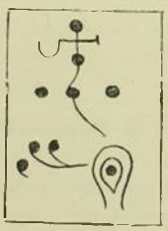
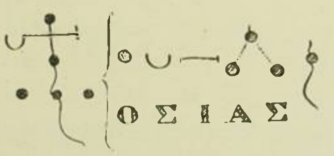
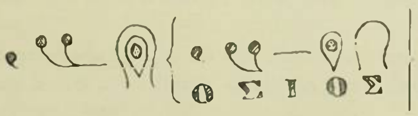


Fig. 1.594 — "Mahadéos de Chandeshwar, na India" (Segundo Rivett-Carnac)



Palavra já definida.

*

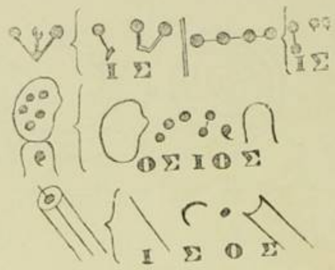


Idem.

*



Fig. 1.955 — Signaes gravados em pedras na Escocia. (Segundo J. Y. Sympson)



*

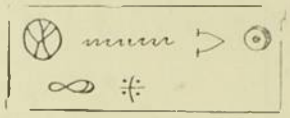
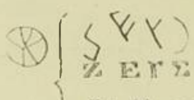
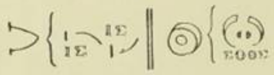


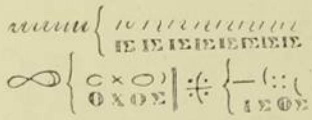
Fig. 1.596 — Symbolos solares gaulezes tirados de monumentos e moedas



Ζεύς, *gen.* Διός, *dat.* Διί, *acc.* Δία, *voc.* Ζεῦ (ὦ) JUPITER, *deus* da fabula ou planeta, etc.

*





*

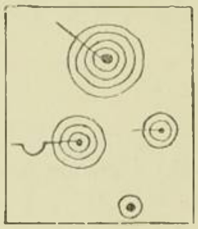
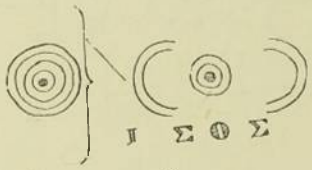
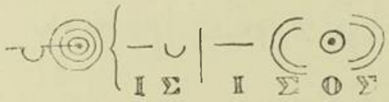


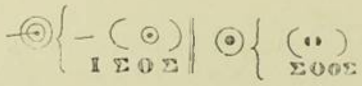
Fig. 1.597 — Symbolos solares em pedras, Auchnabreach, Argyleshire, Inglaterra. (Apud. Alex. Bertrand — "Religion des Gaulois")



*



*



*

O quadro comparativo das inscripções, confeccionado pelo illustre Sr. Gustavo Barroso, á vista da interpretação paleographica que ora aqui deixamos externada, não tem portanto razão de ser e pensamos que o assumpto epigraphico prehistorico, no que se relaciona particularmente ao hemispherio occidental, não é mais um mysterio como vinha acontecendo.

Variantes e interessantes mesmo, são as conjecturas que têm sido formuladas acerca destes numerosos elementos epigraphicos, espalhados, como vemos, em muitos pontos do Globo Terrestre.

Na India, segundo illustre scientista patricio, chamam *Mahadéos* ás inscripções lapidares. De um seu importante artigo, sobre o assumpto, transcrevemos este pequeno

trecho:. . . . "Isto affirma o officia linglez Rivett Carnac, porque as mais curiosas, em torno das quaes vão orar numerosos peregrinos, estão situadas numa garganta de montanhas, na provincia de Bernarés, onde existe um templo consagrado a Mahadéo ou a Mahadéco, o grande deus Siva, o Destruidor".

Estabelecidos finalmente ligeiros reparos nas disposições de traços e figuras, confrontando-se as inscripções de que acabámos de tratar, com milhares de outras já estudadas, intuitivamente se nos mostra a contemporaneidade do systema paleographico, ao qual estão subordinados esses verdadeiros monumentos prehistoricos.

Para complemento do presente assumpto passamos a transcrever, resumidamente, alguns topicos de interesse sob o ponto de vista descriptivo de inscripções lapidares de diversos paizes e o modo de encaral-as por varios scientistas:

"Rochedos com esses signos e essas pequenas cavidades têm sido achados pelo mundo inteiro; em grande parte na França, especialmente na Bretanha, na Escocia, Irlanda, Inglaterra; na Escandinavia, Finlandia, Dinamarca, Islandia, na Allemanha Septentrional, na Suissa e na India. Os camponeses europeus acreditam que em torno d'elles se fazem os sabbats, que as fadas os visitam e que o diabo anda sempre alli por perto."

"Chamam-n'as n'uns logares *pedras das fadas;* noutros, *pedras dos sacrificios; pedras das feiticeiras, pedras dos pagãos;* na Suecia, *pedras dos elfas* (1). No sertão nordestino, o habitante não lhes presta attenção e nada conta a seu respeito. Elle perdeu com a mestiçagem, a lembrança das tradições da raça que vivia no paiz e que desappareceu deante dos portuguezes. . ."

"De accordo com os profundos estudos de Alexandre Bertrand, (2) essas cavidades, bem como outros signos das referidos pedras, se prendem a um culto solar e nas suas *cupolas* se deixavam offerendas de cereaes e oleos". "D'ahi talvez os restos do urucú dos Mahadéos do sertão. E, de mãos dadas com o archeologo Désor, o mesmo sabio assegura que essas pedras com figuras e *bassins* se prendem ás mesmas ideas religiosas que fizeram erigir os menhirs e os dolmens. E o geologo Symard quer que nestes vetustos monumentos se reconheçam na Europa, vestigios d'um culto anterior aos dos druidas".

Assim conclue o autor:

"As circumferencias concentricas ou cortadas de diametro e raios, symbolos inilludiveis dos velhos cultos solares, fazem parte, como as cavidades, do systema de gravuras das pedras do nosso sertão. As nossas illustrações mostrarão ao leitor, melhor do que as nossas palavras, as similitudes que apresentamos".

"Faltando-nos competencia precisa para chegarmos a uma conclusão a proposito dessas inscripções mysteriosas encontradas com as mesmas caracteristicas por toda a parte, estamos, com o Sr. Alexandre Bertrand, que ellas absolutamente não são fantasias pessoaes d'um gravador qualquer, mas symbolos resultantes d'uma concepção religiosa ou simplesmente ideographica, para cuja decifração infelizmente não possuimos a chave".

Os estudos paleographicos porém, dizemos em conclusão, que ora, por nosso bem intencionado esforço intellectual, deixamos demonstrados sobre este magno assumpto, servirão talvez de chave almejada, se outra mais autorizada não for suggerida.

(1) — Désor — Les pierres á ecuelles — Geneve — 1878.
(2) — Religion des Gaulais — Ernest Leroux, editeur-Paris, 1897.

CAPITULO XVIII

A idade paleolithica e neolithica do Brasil. Pontas de flechas, machados, cavadeiras e outros instrumentos de diorito, silex, agata, etc.

NO presente capitulo procuraremos resumir a enorme variedade de objectos de usos peculiares ao povo, de cuja permanencia, em nosso continente, cogitamos.

São ainda encontrados nos mais antigos sambaquis, necropoles, etc., em profundidades variaveis de 2 a 5 metros, quer pelas intencionadas excavações, quer pelos accidentaes desmoronamentos das margens de rios.

Não podemos desprezar estes objectos curiosos, porque encontramos nelles elementos preponderantes para estudos comparativos, bases e argumentos para deducções do fim que temos em vista.

Tudo isto prova a existencia real dos obreiros ceramistas, engenhosos artistas que se occuparam tambem com a epigraphia e que por meio della deixaram sufficientes vestigios de sua vida, os quaes devemos procurar interpretar com a verdade e a justiça, factores essenciaes para a historia.

Em successivas estampas iremos dando os desenhos das figuras ou objectos, do modo mais simplificado possivel, acompanhados da parte descriptiva.

Na fig. 1.598 temos uma ponta de flecha em silex. Foi encontrada nas proximidades da fronteira do Brasil com a Guyana Ingleza, na profundidade approximada de $3^{m},50$.

Muitos exemplares aqui representados acham-se recolhidos ao Museu Nacional; foram encontrados em varios Estados do Brasil e figuraram na Exposição Anthropologica levada a effeito no Rio de Janeiro em 29 de Julho de 1882, com pleno exito, enquanto outros possuimos em nossa particular collecção.

Nesta ordem curiosa de artefactos em diorito, quartzito, serpentino, gneiss, fibrolitho, syenito, nephrite, porphyro e outras rochas, notam-se os mais toscos e os mais bellos exemplares. "E' o mesmo singular artefacto que ha sido encontrado em quasi todos os paizes da America e da Europa e para cujo destino não foi possivel achar, até hoje, explicação clara e definida.



Fig. 1.598 — Ponta de flecha em silex, denticulada tamanho natural (Rio Branco Amazonas)



Fig. 1.599 — Serrote ou ponta de flecha. Red. a ¹/₄.

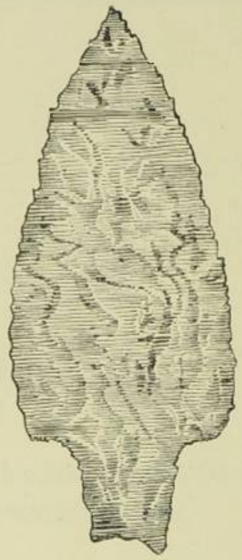


Fig. 1.600 — Pontade flecha de silex. Tm. nat.

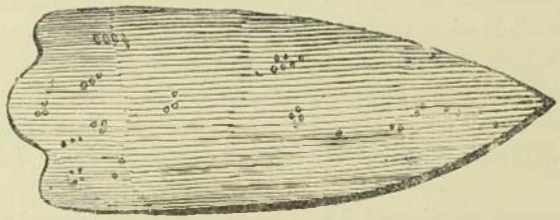


Fig. 1.601 — Ponta de flecha de quartzo hyalino. Tm. natural



Fig. 1.602 — Ponta de flecha de silex. Tm. nat.

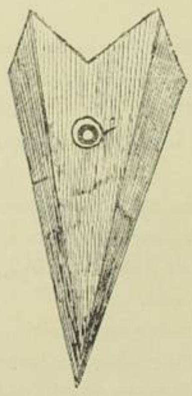


Fig. 1.603 — Ponta de flecha de diorito Tm. nat.



Fig. 1.604 — Ponta de flecha de agatha (Forma conica) Tm. nat.

Si estabelecermos um parallelo entre esta serie de preciosidades obtidas nas profundidades do sólo e a que nos offerece Henri du Cleuziou, em sua obra *La Creation de l'Homme* publicada sob direcção do sabio Camillo Flammarion (1), notam-se flagrantes semelhanças.

Por outro lado temos outras evidencias em *Estudos Prehistoricos de Portugal*, que nos faculta Carlos Ribeiro (2). Os objectos de diorito e silex apresentados nesse trabalho revelam sensivel semelhança com os das nossas regiões.

"Em exhumações", diz Ladislau Netto, "praticadas no Rio Grande do sul, pelo Dr. von Ihering, achavam-se instrumentos grosseiros de diorito compacto, cuja forma relembra exactamente a configuração das facas de obsidianna, de que se serviram os sacerdotes aztecas nos sacrificios dos seus rituaes. E de certo não podiam ser senão especies de instrumentos cortantes estes toscos artefactos cujas uperficie se acha revestida de uma camada de peroxydo de ferro, indicio do longo tempo que estiveram enterrados; de nenhum outro ponto do Brasil havemos recebido semelhantes objectos. Está por averiguar se é devido este facto, ao acaso ou se haverá nelle algum vislumbre de relatividade entre os antigos povoadores do Rio Grande do Sul e os povos mexicanos. Questões são estas para as quaes não suppomos sufficientes quaesquer analogias desta ordem. Dos Sambaquis do sul, onde, como já o disse, é encontrada copiosa porção de tão varios artefactos, havemos recebido instrumentos manifestamente destinados ao mister, cavadeiras, martellos, facas, raspadeiras, e pontas de flecha, sendo mui notaveis entre todos estes, os que apresentam a forma de serrotes, tal é a regularidade com que se acha preparada a denticulação do gume do rude instrumento".

"Uma infinidade, em summa, de utensilios de variadissimas applicações, de par com os que ficam aqui mencionados, exigir-me-ia especificação minuciosa se não fosse proposito da minha parte limitar-me a simples apontamentos, quanto me suggere expor sobre elles, e ainda assim eliminando por conveniencia e cautela tudo o que me parece demasiado vago".

"Alguns instrumentos de forma irregularmente cylindrica, encontrados nos antigos cemiterios aborigenes, apresentam affinidades com varios utensilios de que se servem os selvagens modernos das alti-planuras occidentaes da provincia de Santa Catharina. Estes utensilios são empregados para esmagar o milho e quaesquer outras sementes no fabrico de pães grosseiros de que usam no centro do Brasil e nas cabeceiras do Amazonas. Muito provavelmente tinham identica serventia os cylindros antigos, ainda que não tão pesados como os actuaes, alguns dos quaes chegam a pesar até 25 kilos. Não é para desprezar-se a grande cópia de pequeninos instrumentos que representam uma forma entre de machados e de cavadeiras ou de formões. E' bem possivel que houvessem servido, semelhantes artefactos, de utensilios aos pequenos selvagens, imitadores dos trabalhos das classes adultas, como sóe acontecer ainda hoje onde quer que se conserve a existencia das tribus menos civilisadas, que o mesmo é dizer, mais activas e mora-

---

(1) Edicção de 1887, pags. 88, 90, 91, 169, 173 e 312.

(2) Noticias de algumas Estações e Monumentos Prehistoricos de Portugal, 1878, pag. ou Est 3ª a 9ª. (Primeira parte) Fig. 33 a 37 2ª Parte), etc.

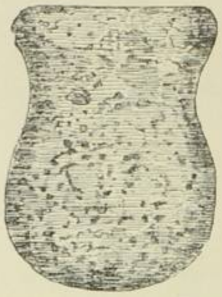


Fig. 1.605 — Machado de syenito. Red. a 2/3 (Cambiche — Amazonas)

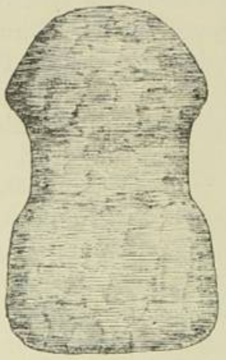


Fig. 1.606 — Machado de fibrolitho. Red. a 1/3 (Rio Madeira — Amazonas)

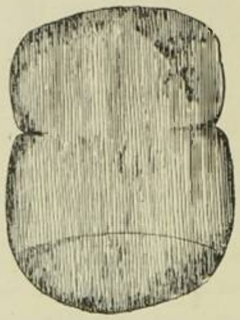


Fig. 1.607 — Machado de diorito. Red. a 1/2 (Rio Japurá — Amazonas)



Fig. 1.608 — Machado de fibrolitho. Red. a 1/2 (Rio Madeira — Amazonas)

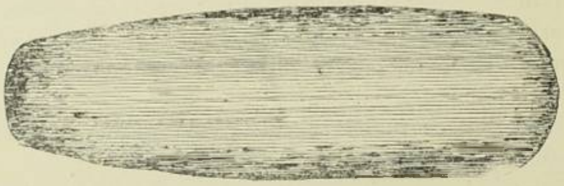


Fig. 1.609 — Machado de nephrite. Red. a 7/8 (Bahia)



Fig. 1.610 — Machado de diorito. Red a 7/8



Fig. 1.611 — Machado de diorito. Red. a 3/8



Fig. 1.612 — Machado de fibrolitho. Red. a 1/2

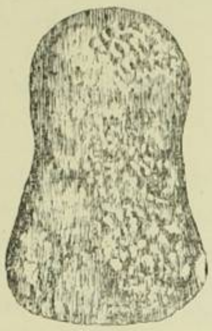


Fig. 1.613 — Machado de syenito. Red. a 9/10

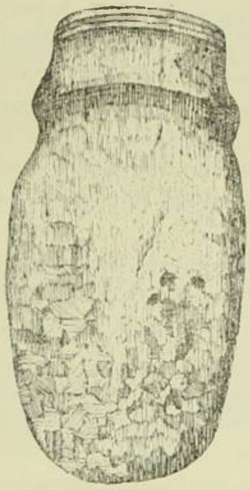


Fig. 1.614 — Machado de diorito. Red. a 3/4

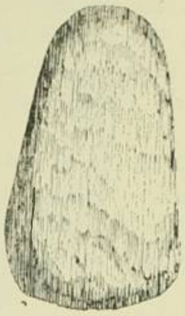


Fig. 1.615 — Machado de diorito. Red. a 2/3



Fig. 1.616 — Machado de diorito. Red. a 1/2



Fig. 1.617 — Machado de diorito. Red. a 1/2



Fig. 1.618 — Machado de diorito. Red. a 9/10

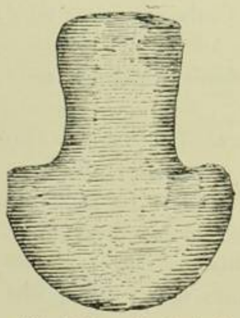


Fig. 1.619 — Machado de eurito Red. a 2/3

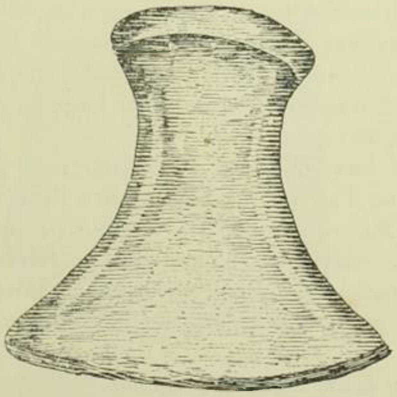


Fig. 1.620 — Machado de oe diorito. Red. a 1/2

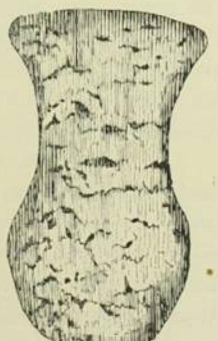


Fig. 1.621 — Machado de syenito: Red. a 2/3

lisadas. Mas não é prudente fixar n'esta só hypothese a origem d'estes graciosos productos da arte rudimentar dos nossos aborigenes; misteres havia provavelmente para os quaes eram indispensaveis instrumentos de exiguas dimensões, e os de que trato o são ás vezes de modo notavel. De par com as cavadeiras de maiores ou menores proporções apparecem-nos, tanto ao norte como ao sul do Brasil, artefactos, ao que parece, destinados ao uso de raspadores e de polidores, ou antes, de trituradores empregados em contactos com rochas de superficies planas.

Não é menos notavel a abundancia de pontas conicas de flechas; toscas, informes e descuradas umas, e admiravelmente polidas e modeladas outras, sobre serem ás vezes fabricadas de rochas que mais concorrem a lhes dar maior valor, como a agatha, o hyalino, e eurito e o syenito".

"Toda a difficuldade está em comprehender-se o modo porque se serviam d'estas pontas de flechas ou antes, o systema que empregavam para prendel-as á flecha. Tudo me faz crer que as ligassem a esta, exactamente como o fazem alguns indios actuaes, talvez guaranys de S. Paulo ou do Paraná, abrindo na extremidade da flecha uma cavidade onde possa penetrar a base da ponta de pedra, á qual se ata por liames muito fortes e se prende exteriormente com resinas de grande consistencia. A juncção da flecha á respectiva ponta fica d'esta forma adornada por um grosso annel em alto relevo. Foi assim preparada, pelo menos, uma flecha que recebeu o Museu Nacional, do engenheiro Carlos Rath, de S. Paulo, á qual já alludi anteriormente. Uma d'estas pontas de quartzo hyalino, artisticamente turbiniforme parece haver sido para este fim preparada com immenso trabalho. Não é facil reconhecer se tiveram o mesmo destino, os artefactos que apresentam na extremidade contraria á ponta, uma cinta visivelmente preparada para se lhe atar um grosso fio ou cordel. Dir-se-hia serem antes predispostos taes artefactos para se trazerem pendentes ao pescoço; mas, nada autorisa-nos a insistir nesta, como n'aquella supposição".

"Quanto ás pontas chatas, muito mais abundantes ao sul do Brasil e na Republica Argentina do que nas regiões equatoriaes, possue o Museu Nacional uns vinte espcimens apenas, que nada offerecem de notavel, salvo dous lindissimos exemplares de quartzo hyalino, um dos quaes figura em grandeza natural á 2ª pag. deste capitulo. Como em toda a superficie do Globo onde ha sido encontrado este utilissimo instrumento de caça, de pesca e de guerra dos nossos barbaros antepassados europeus, a ponta de flecha mais commum d'este typo é a de silex; mas nas provincias do Paraná e de Santa Catharina, para onde convergiram correntes migratorias do interior e talvez das encostas orientaes dos planaltos bolivianos, abundam largas e magnificas pontas de lança de calcedonia cinzenta, tendo algumas o comprimento de 25 centimetros".

"O mais notavel de taes artefactos foi exibido pela Senhora D. Amelia Machado de Albuquerque, na Exposição Anthropologica Brazileira. O interior da provincia do Paraná, onde foi encontrado este formoso producto da arte barbara dos indios nomades do sul, reserva-se, n'uma epocha talvez não muito remota, a desvendar-nos outras testemunhas do desenvolvimento intellectual a que puderam chegar os proto-guaranys, provavelmente já em via de decrescimento moral na epocha da conquista européa".

"Não entra nos termos de um trabalho d'esta natureza o desenvolvimento de idéas que mal despontam á nossa attenção, no estadio que quasi a correr atravessamos; ha comtudo

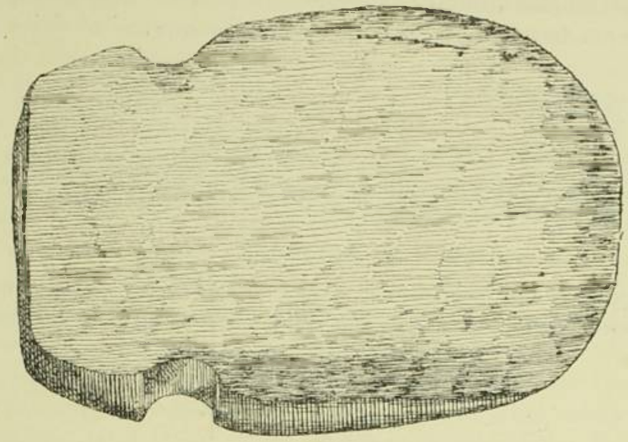


Fig. 1.622 — Machado de diorito. Tamanho natural. (Rio Envira-Juruá Amazonas)



Fig. 1.623 — Pequeno machado de diorito. Tamanho natural (Rio Japurá - Amazonas)

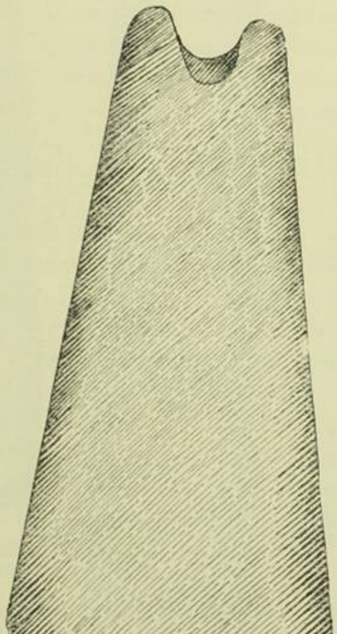


Fig. 1.624 — Bloco de pedra ou pó compacto de cor roseo escuro, com propriedades corantes, tamanho natural (Itacoatiara — Amazonas)

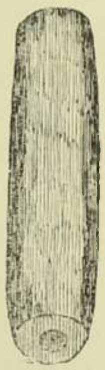


Fig. 1.625 — Cylindro de crystal de rocha pertencente a um collar, encontrado dentro de uma urna mortuaria proximo de Manáos

assumptos a cuja simples menção prende-se-nos o espirito, desejoso de saber, como o viajante perdido nas trevas, a buscar ao longe uma luz que mal se divisa no horizonte".

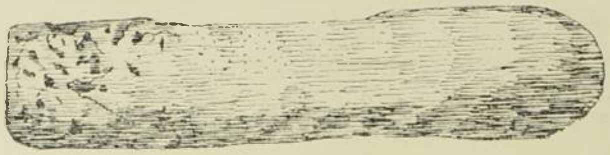


Fig. 1.626 — Cavadeira de diorito. Red. a 2/3

"E' bem possivel que pelo exame d'esses vestigios, tão raros e quasi extinctos, deixados por povos mais ou menos adiantados na sua barbara civilização, possamos

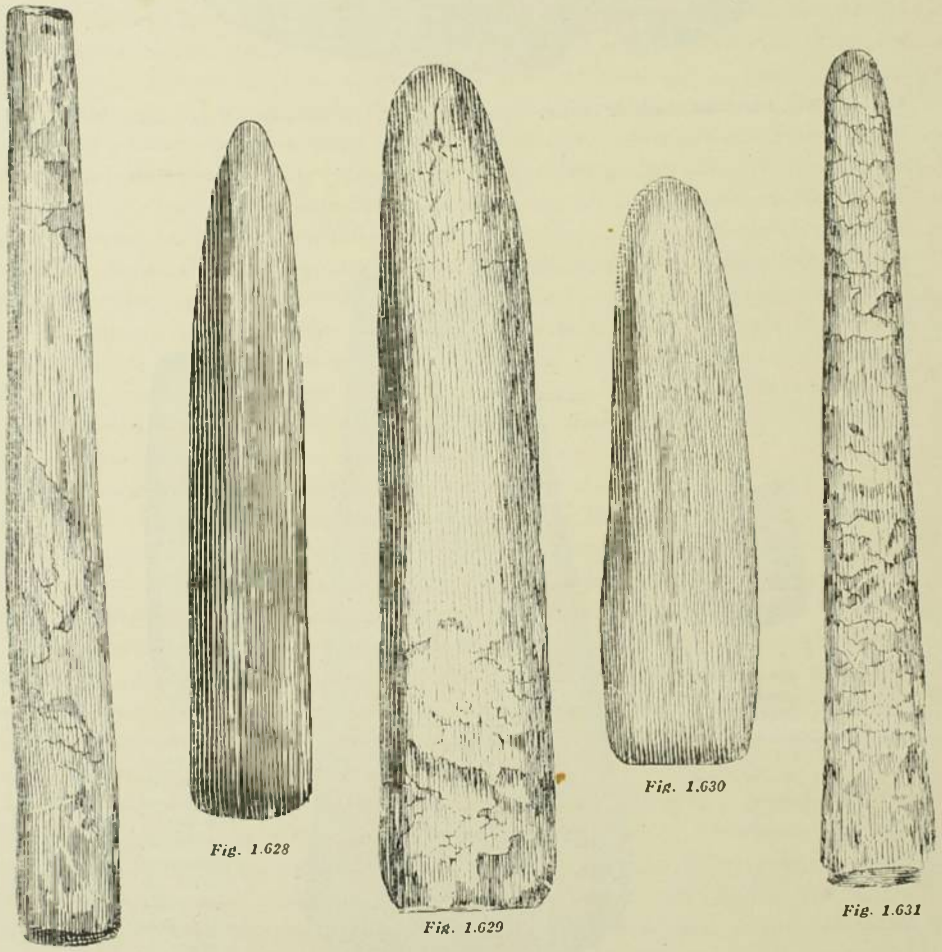


Fig. 1.627 *Fig. 1.628* *Fig. 1.629* *Fig. 1.630* *Fig. 1.631*

Moletas de diorito de varios tamanhos Reds. a 2/3

ter mais á justa uma idéa do que foram e do que fizeram neste solo da America os primeiros homens que o povoaram. Innumeras razões nos movem a suppor ou

que foram mais adiantados do que os actuaes selvicolas, seus degenerados descendentes talvez, ou que na terra onde habitam as hordas bravias, dos actuaes guaranys, cay-acangs e os botocudos colossaes das mattas interiores das provincias de Santa Catharina e Paraná, pousaram temporariamente em migração casual, da qual são unicos vestigios estas preciosas reliquias".

"Evidentemente eram individuos vindos das planuras do sul e das fraldas orientaes dos Andes, onde existem o silex, o jaspe e as calcedonias que lhes serviam para o fabrico das magnificas laminas de suas lanças, ao contrario do que praticavam os indigenas do valle do Amazonas, que se serviam, para isso, das grossas e rijas taquaras de que se ensombram as margens dos seus extensos rios. Ainda hoje os bugres agigantados dosul, á imitação dos habitos de seus antecessores, fazem das mais rijas madeiras do paiz as folhas das temiveis lanças com que se batem destemidos; entre estas pontas de lança de madeira de 30 a 35 centimetros de extensão e as pontas de lança de pedras de que trato ha grandes similitudes. Não seria de estranhar que conseguissemos achar outros pontos de analogia pelos quaes se averiguasse serem os ferozes e agigantados botocudos do sul, descendentes directos dos povos a quem daremos os instrumentos de calcedonio e tantos outros artefactos de pedra polida, do mais fino lavor encontrados nos Sambaquis d'aquellas regiões. Na costa de Santa Catharina, Paraná e São Paulo, isto é, onde os Sambaquis são mais extensos e onde parece que de mais vulto era a pesca dos bivalvos de que se compõem estes depositos gigantescos, são frequentes, entre os toscos machados de diorito, alli sepultados, pequenos instrumentos de 7 a 12 cent. de comprimento, que supponho haverem servido para abrir esses molluscos. Instrumentos são estes de formas muito simples, mas polidos com admiravel esmero como de quem tivesse grande empenho em que se não quebrassem no exercicio do mister a que eram destinados. Outros artefactos curiosos e inexplicaveis, havemos recebido das mesmas regiões dos Sambaquis e do centro das provincias de S. Paulo e Matto Grasso. A nossa estampa representa um destes objectos, dos quaes existem no Rio de Janeiro, 5 exemplares. São pequenos croques, especie de agulhas de tecer malhas de rede, se não foram antes pontas de flechas, polidores ou outros instrumentos destinados a fins para nós inteiramente desconhecidos".

"Aos que se julgarem com possibilidade bastante a descobrir a serventia destes singulares utensilios, digo que os unicos especimens que conheço, actualmente são feitos de agatha, o que indica haver alguma superstição ligada á natureza d'esta rocha, ou que precisavam da sua grande dureza para o trabalho a que destinavam semelhantes artefactos. Nos Sambaquis d'essa porção do nosso littoral que se estende do Rio de Janeiro até as Torres, na costa do Rio Grande do Sul, encontra-se além d'esta promiscuidade de bellissimos machados de pedra polida com toscos machados de pedra lascada, grosseiras louças de mal preparada argilla de permeio com amuletos ou zoofithos do mais perfeito lavor".

"De permeio com estes primores da arte mais adiantada dos aborigenes, sul americanos encontram-se, numerosos e toscos seixos, grosseiramente cavados n'uma das faces, ao ponto de poderem servir de almofarizes. São estes objectos mais comumns ao sul do que ao norte do Imperio; mas de um lado do Amazonas, veio o que está recolhido ao Museu Nacional, segundo o informou o distincto ethnologo brasileiro Dr. J. M. da Silva Coutinho, por quem fora offerecido, cuja gravura reproduzimos em seguida".

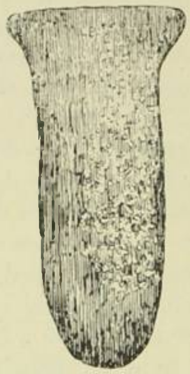


Fig. 1.632 — Cavadeira ou formão de diorito. Red. a ²/₃





Fig. 1.633 *Fig. 1.634*
Cavadeiras e formão de diorito. Red. a ²/₃



Fig. 1.635 — Cavadeira de diorito. Tm. nat.



Fig. 1.636 — Polidor de diorito. Tm. nat.



Fig. 1.637 — Bala de funda de diorito. Tm. nat.



Fig. 1.638 — Bala de funda de serpentino. Tm. nat.

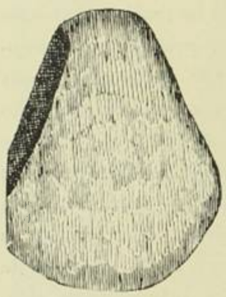


Fig. 1.639 — Raspadeira de diorito. Red. a ⁹/₁₀

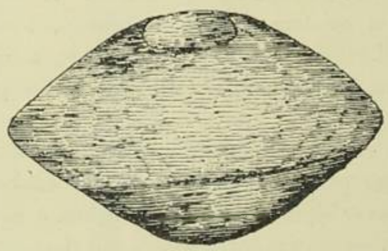


Fig. 1.640 — Machado circular percluso de diorito. Red. a ³/₄



Fig. 1.641 — Martello de diorito. Red. a ²/₃



Fig. 1.642 — Pequeno formão de diorito. Tm nat.



Fig. 1.643 — Abridor de bivalvos (Diorito) Tm. nat.

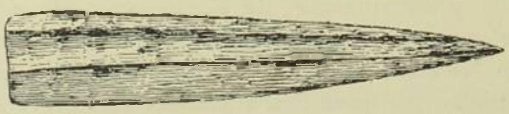


Fig. 1.644 — Abridor de bivalvos (Diorito) Tm. nat.

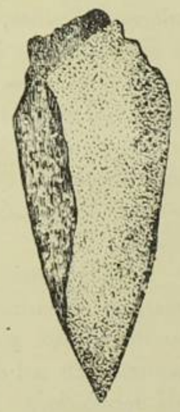


Fig. 1.645 — Instrumento perfurante de diorito. Tm. nat.



Fig. 1.648 — Polidor de diorito. Red. a 1/4



Fig. 1.646 — Ponta de flecha de diorito. Tm. nat



Fig. 1.647 — Punção ou abridor de bivalvos. Tm. nat.



Fig. 1.649 — Abridor de ostras. Tm. nat.

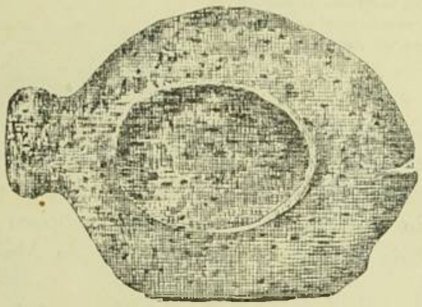


Fig. 1.650 — Peixe de diorito, vasiforme, dos sambaquis de Santa Catharina. Red. a 1/3

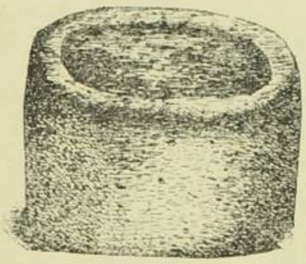


Fig. 1.651 — Almofariz de diorito Red. a 1/4

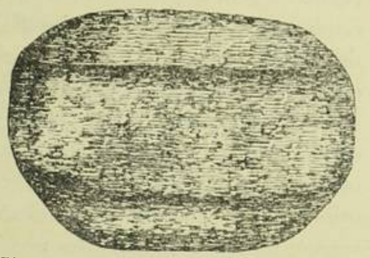


Fig. 1.652 — Disco de diorito encontrado no Rio En ira (Juruá Amazonas) Pezo 8 kg.

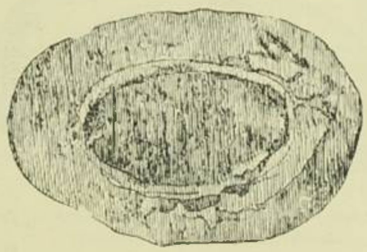


Fig. 1.653 — Pedra rolada de diorito servindo de almofariz. Red. a 1/4

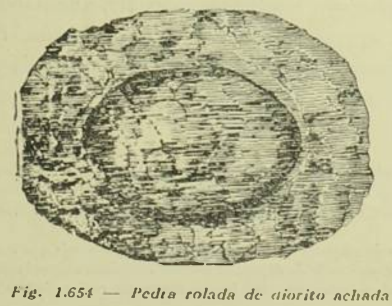


Fig. 1.654 — Pedra rolada de diorito achada na Tijuca. Red. a 1/3



Fig. 1.655 — Pedra rolada de diorito dos sambaquis de Santa Catharina. Red. a 1/8



Fig. 1656 — Raspadeira de diorito. Red. a 9/10

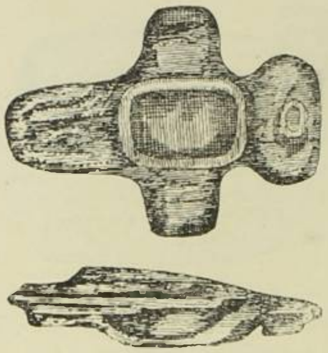


Fig. 1.657 — Peixe martello de diorito vasiforme dos sambaquis de Santa Catharina visto de face e de lado. Red. a 1/4



Fig. 1.658 — Machado polidor de diorito. Tm. nat.

"Estes almofarizes rudimentares, que mal se podem prestar ao fim a que se destinam, abundam nos sambaquis de Santa Catharina de par com enormes pedras roladas de 25 a 40 centimetros de diametro das quaes me foram trazidas d'aquella provincia alguns especimens pelo referido e infatigavel engenheiro, Francisco José de Freitas, actual sub-director da secção de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional". (1)

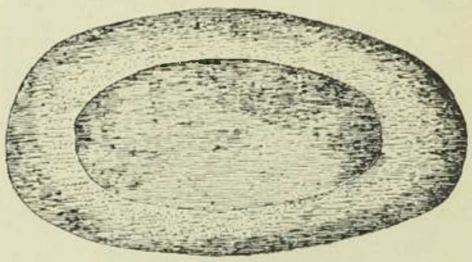


Fig. 1.659 — Pedra polida, de diorito, servindo de almofariz. Red. a 1/2 (Amazonas)

"Quanto aos bellos zoolithos a que acima me referi, de sua surprehendente perfeição bem se póde deduzir ou que descendiam os constructores dos Sambaquis dos individuos em muito superiores a elles em cultura intellectual, e que d'esses ascendentes conservavam, como reliquias de altissimo preço, esses artefactos sagrados ou que verdadeiros salteadores nomadas, oriundos das regiões do occidente, houvessem roubado semelhantes preciosidades dos povos mais cultos que ali vieram. Como quer que seja são peixes e aves os animaes que representam em diorito compacto ou em porphyro admiravelmente esculpido os artefactos a que alludo. Estes artefactos são, na sua maior parte, almofarizes ou discos zoomorphos, mais ou menos cavados, apresentando alguns especimens, tão sómente, leve cavidade no dorso ou mais commumente no ventre. São-lhe mais ou

(1) "Na bahia do Rio de Janeiro e em particular nas orlas septentrionaes, encontram-se numerosos vestigios de Sambaquis dentro dos quaes alguns artefactos hão sido achados em tudo identicos aos dos Sambaquis do Sul. De um conductor de aterros, empregado nos trabalhos da estrada de rodagem da Tijuca (Manuel Coelho, creio ser seu nome), recebi tres almofarizes de diorito, por elle encontrados nas excavações d'aquella estrada.

Estes almofarizes achavam-se a pequena distancia de algumas mãos de pilão da mesma rocha. Convem advertir que a garganta da Tijuca bem como a das Laranjeiras é devida á decomposição de uma serie de diques de diorito compacto alli primitivamente existentes. Os fragmentos d'esse diorito postos a descoberto deviam promover o fabrico dos artefactos caracteristicos dos nossos mais rudes aborigenes".

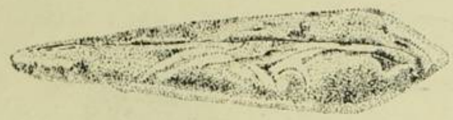


Fig. 1.660 — Ponta de flecha de serpentino verde. S. Paulo

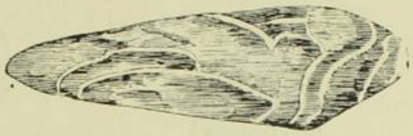


Fig. 1.661 — Ponta de flecha de marmore. S. Paulo



Fig. 1.662 — Amuleto cylindrico perfurado, de quartzo leitoso. Amazonas

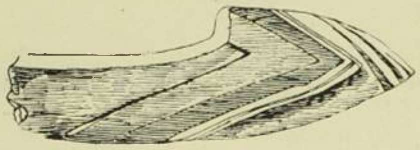


Fig. 1.663 — Ponta de flecha ou polidor, agatha. S. Paulo



Fig. 1.664 — Amuleto cylindrico. Peso especifico indeterminado. B. Amazonas

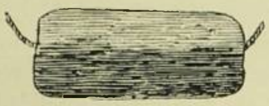


Fig. 1.665 — Amuleto de nephrite, Peso especifico 2,96. Amazonas



Fig. 1.669 — Amuleto de nephrite. Peso especifico 2,97. Amazonas



Fig. 1.666 — Fragmento de nephrite. Peso especifico 2,97. Baixo Amazonas



Fig. 1.667 — Amuleto de nephrite. Peso especifico 2,97. Amazonas

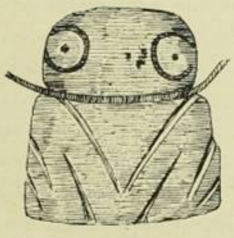


Fig. 1.668 — Amuleto Batrachiforme de nephrite. Peso especifico 2,96. Amazonas



Fig. 1.670 — Amuleto zoomorpho de nephrite. Peso especifico 2,96. B. Amazonas



Fig. 1.671 — Amuleto de nephrite. Peso especifico 2,97. Amazonas

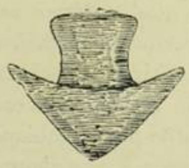


Fig. 1.672 — Machado semi-lunar. Diorite, Norte do Brazil



Fig. 1.673 — Amuleto zoomorpho (Batrachiforme ?) Peso especifico 2,96. Baixo Amazonas



Fig. 1.674 — Machado semi-lunar. Serpentino. Maranhão

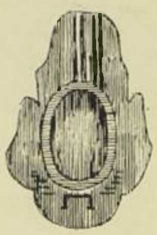


Fig. 1.675 — Zoolitho representando um passaro com cavidade abdominal. Sambaquis de Santa Catharina



Fig. 1.676 — Amuleto de cornalina. Cylindrico, Minas-Geraes



Fig. 1.677 — Cavadeira ou instrumento de uso desconhecido. Diorito, Sul do Brasil

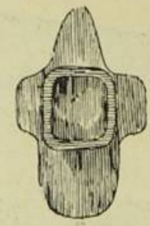


Fig. 1.678 — Zoolitho em forma de passaro. Sambaquis de Santa Catharina

menos semelhantes numerosos objectos de pedra dos que hão sido achados em toda a zona occidental da America Meridional e Central, d'onde parece que foram transportados para a costa oriental e para os valles do Amazonas e do Prata. Os Sambaquis, localidades onde quasi exclusivamente se encontram estes restos de elevada civilisação eram formados, e de anno a anno consideravelmente augmentados, por tribus provavelmente dos sertões em epochas determinadas, adstrictas ou á maior abundancia dos molluscos que buscavam ou ao vento do sul, realmente intoleravel nas altiplanuras centraes do sul do Brazil, ou ainda a estes dous phenomenos simultaneamente"......

Se maior não é o contingente do Amazonas nesta ordem de especimens, deve-se isto á pouca importancia que lhe tem sido dada pelas adequadas instituições scientificas do Brasil, pois limitam-se estas a systematicamente reproduzir, em successivos Congressos, preambulos de estudos levados a effeito ha dezenas de annos, sem outras investigações recentes como requer o assumpto. O mesmo se dá com o pequeno esforço individual, quanto á sua epigraphia, mas esse mesmo, propositalmente, ao que parece, mal executado ou lythographado, causando embaraços e confusões lamentaveis, constatados pelo mais simples estudo ou mais leve observação.

As regiões dos Rios Urubú, Uatuma e outros, onde tudo faz crer que seriam encontradas valiosissimas fontes archeologicas, não foram devidamente observadas. Ao mero accaso devemos os exemplares obtidos, sendo que os mais preciosos, foram levados para o exterior do Paiz.

Aos ingentes esforços do notavel scientista Ladisláo Netto, cujas palavras acabamos de transcrever, devemos a Exposição Anthropologica da qual tratámos em principio. De seus elementos, grande parte de clichés, reproduzimos, certos da permanencia de tão validos e curiosos originaes, nas secções respectivas do Museu Nacional. O magistral trabalho do erudito scientista, se bem em desacordo em varios casos com o nosso modo de ver, é de grande e valioso auxilio para a magna questão precolombiana.

A critica de Sylvio Romero, sobre este labor, sabe ser severa e algumas vezes injusta, tanto mais quando ella não inspira refutação clara nem problematica, mesmo. Deixa transparecer somente, o muito peculiar intuito de deprimir os valores scientificos nacionaes, para endeusar os que não o são. Mas, se áquelles não coube até hoje a gloria da solução do nosso magno problema prehistorico, tambem a estes nada devemos em taes casos. Ahi temos a erronea interpretação de Renan, com relação á Pedra Lavrada da Pa-

rahyba, e a vaidade apenas com que critica, Leon de Rosny, os nossos Americanistas, sem comtudo tornar patente o seu valor scientifico, interpretando a nossa epigraphia, que ha seculos está a desafiar a pujança dos grandes sabios.

E' certo finalmente que estas ligeiras considerações, não estão em linha da nossa principal preoccupação ou do nosso intento, porém a elle implicitamente apegam-se todos estes casos, que não deixam de concorrer, entretanto, para fazer luz sobre o nosso assumpto capital.

Ao passo que permanecem desde annos em continuos estudos as commissões egyptologas, mantidas pela França, Allemanha, etc. o Brazil permanece em inexplicavel indifferentismo, ante a sua valiosissima epigraphia, limitando-se com certo descaso mesmo aos trabalhos voluntarios desta ordem, como os referentes á nossa prehistoria, levados a effeito por particulares e raros por acção directa das instituições scientificas.

O illustre Dr. Koch Grünberg, como acabamos de ver, deu-nos largo contingente e um frisante exemplo de incitamento.

Faz crer finalmente, que o assumpto não é sympathico ás nossas altas mentalidades, que vivem confortadas em tantos ramos de sciencia, nos grandes centrosdo Paiz, mas é o caso de repetirmos:

"Gutta caval lapidem.
Non vi sed saepe cadendo"



CAPITULO XIX

Caracteres do primitivo grego, identicos aos esculpidos nas regiões do Brazil, encontram-se tambem nos Estados Unidos da America do Norte, na Africa, na Argentina, em Herzegovina, no Chile, Colombia, America Central, na Hespanha, em Portugal, nas Indias, na Escocia

NÃO podemos tratar unicamente das inscripções do Brazil, porque, no decurso das investigações postas em pratica, deparamos com as de que ora nos vamos ligeiramente occupar, cujo feliz achado devemos a celebres scientistas, nas regiões Norte Americanas, em Herzegovina, no Chile, etc.

A vista desta circumstancia e de não terem, que nos conste, os Antiamericanistas levado a effeito suas decifrações, não deveriam os Americanistas sómente merecer a mais severa e injusta critica por parte do sabio Leon de Rosny, facto que se passou na Sociedade Americana de França, em seu devido tempo.

Dadas as condições da epoca, superior a meio seculo, da publicação do precioso achado, no centro do mundo scientifico, onde vivem os grandes archeologos, esses caracteres deveriam já ter o seu exacto valor e a devida interpretação, deixando de ser *simples garatujas sem importancia*, como se quer suppor erradamente.

Deste modo, estaria virtualmente resolvido o nosso magno problema epigraphico e teriamos ultrapassado a phase de controversias, visto que os caracteres alli esculpidos, outros não são, que os empregados nas inscripções do Brazil, das quaes ora nos occupamos.

A proposito pois, da primeira dessas inscripções, em uma caverna, perto de Rocky-dell-Creek, nos Estados Unidos, assim se manifesta M. Mällhausen, em sua viagem do Mississipi ás Costas do Oceano Pacifico, nos annos de 1853 e 1854 (1): "..........Uma das maiores cavernas chama a attenção, por causa das figuras esculpidas na pedra, com auxilio de instrumento de ferro e com ponta de flecha, por Indios e Mexicanos, algumas d'ellas por zombaria ou divertimento, mas a maior parte provinha do caracter supersticioso dos Indios Pueblos".

---

(1) Le Tour du Monde. 1º Semestre de 1860, p. 355 e 358.

"O que primeiro attrahia a vista era a imagem phantastica de um grande animal, parte dragão parte serpente de campainha, de pés humanos, occupando elle a metade da caverna; isto devia ser uma divindade dos descendentes dos Aztaques; com effeito, dois indios explicaram-nos da maneira seguinte:"

"O poder sobre os mares, os lagos e os rios e mesmo sobre a chuva, é confiado a uma grande serpente de campainha de tamanho igual ao de muitos homens reunidos, e maior que todas as serpentes do mundo; move-se em semicirculo e é terrivel para os maus; é a ella que os indios dirigem-se para obter a chuva".

"Duas figuras de homens informes de cabellos vermelhos, nos foram explicadas como retrato de Montezuma, de quem os Indios Pueblos, embora dizendo-se christãos, esperavam sempre pacientemente a resurreição".

"Entre as pinturas, via-se tambem a imagem do Sol, symbolo do mais alto poder. Havia ainda representação de diversos animaes do paiz, dos Indios e de suas cabanas".

Tem sido somente do modo figurativo e rude, a forma de encarar esta ordem de inscripções, eliminando qualquer ideia paleographica, originando-se d'ahi a ignorancia em que têm permanecido estas importantes revelações prehistoricas, que além de ideographicas, envolvem muita arte e particularidades enigmaticas. São de difficeis interpretações hoje para nós, entretanto, não passariam em seu tempo, de simples e vulgar escriptura.

Passamos á reproducção da supradita e valiosa inscripção e, em seguimento, daremos a nossa interpretação, no estylo adoptado. Só assim poder-se-á dar-lhe a merecida importancia, com referencia a essas suppostas *zombarias ou divertimentos indigenas*.



Fig. 1.679 — Inscripção em uma caverna proxima a Rocky dell Creek (E. U. A.)



A A Ω

Dicc. Gr. cit., p. 841: ΔΆΩ (*imperf.* λᾶον *por* ἔλαον) *Poet. e raro,* descortinar, observar, reparar, contemplar de olhos avidos *ou simplesmente,* olhar, ver; *segundo os Dorios,* desejar, querer, etc.

*



ΔΟΓΜΑΤΟΣ

Idem, p. 387: Δολμα, ατος (το), decisão, aviso resolução, decreto sentença, dogma, ponto de doutrina, *ás vezes*, rito religioso, axioma, pensamento, etc.

R. δοκεω.

*



ΑΠΟΤΑΚΤΗΣ

Idem, p. 858: Αποτακτης, ου (ο) aquelle que abandona sua fila ou o seu posto, etc.

R. R. λ ταξ.

*



ΡΙΠΤΟΣ

Idem, p. 1265: Ριπτος, η, ον, atirado, lançado, proprio para ser atirado *ou* lançado. Ριπτος, μορος, *Sophole*. morte d'um homem que é julgado.

R. de Ριπτω.

*



ΜΟΡΟΣ

Idem, p. 926: Μορος, ου, (ο) *Poet.* laudo, sorte, partilha, destino; infortunio, desgraça; *muit. vez.* morte; *alg. vez.* tarefa trabalho, trabalho.

R. μειρομαι.

*

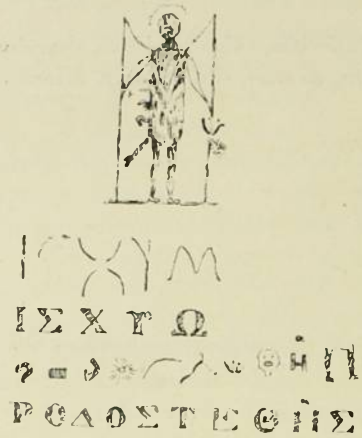


Ι Σ Ο Σ

Idem, p. 704: Ισος, *ou Poet.* η, ον, igual, semelhante; igual plano; igual indifferente; justo e equitativo. R. ΙΣ.

Esta palavra já foi definida por varias vezes.

*



Idem, p. 707: ΙΣΧΥΩ *f.* υσω, ser forte, possante, influente; ter credito; dominar, ser efficaz e bom em todas as cousas, etc.

Idem, p. 1266: Ῥοδοστεφής, ής, ές, *Poet.* coroado de rosas.

R. R. ῥ. στέφω.

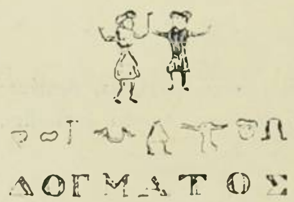
INTERPRETAÇÃO

ΛΑΩ ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ ΡΙΠΟΤΣ ΜΟΡΟΣ ΙΣΟΣ; ΙΣΧΥΩ ΡΟΔΟΣΤΕΘΗΣ

DESCORTINAR E OBSERVAR: AVISO, DECISÃO OU DECRETO AQUELLE QUE ABANDONAR SUA FILA OU SEU POSTO, SERÁ LANÇADO AO INFORTUNIO JUSTO E EQUITATIVO; FORTE, VALENTE, DOMINADOR E EFFICAZ, COROADO DE ROSAS

*

O seguinte trecho desta inscripção, é a mesma lei ou sentença anterior, em transposição apenas, e formas caracteristicas diversas.



Idem, p. 387: Δόγμα, ατος, decisão, aviso, resolução, decreto, etc., como precedentemente ficou definido.

*



Idem, p. 861: Λόγος, ου (ὁ), palavra, linguagem, o que se diz; discurso *e particularm.* discurso em prosa, *donde por ext.* prosa; *alg. vez.* dissertação, tratado etc; *alg. vez.* narração; aviso, opinião, etc; como já se acha descripto por vezes.

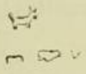
*



ΡΗΙΤΟΣ

Idem, p. 1265: Ριπτος, η, ον, atirado, lançado, proprio para ser atirado ou lançado, etc., como precedentemente.

*



ΙΣΟΣ

Idem, p. 704: Ισος, η, ον, *Poet.* justo e equitativo, etc. R. ΙΣ. Palavra já definida por varias vezes.

*



ΛΙΠΟΤΑΧΤΗΣ

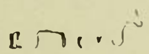
Idem, p. 858: Λιποτακτης, ου (ὁ), aquelle que abandona sua fila ou o seu posto.

R. λ, ταξ.

*



ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ



ΙΣΧΥΩ

Idem, p. 1266: Ροδοστεφης, ης, ες, *Poet.* coroado de rosas. R. R. ρ, στεφω.

Idem, p. 707: Ισχυω, ser forte, possante, influente, ter credito, dominar, ser efficaz, bom em todas as cousas, etc.

INTERPRETAÇÃO

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΛΟΓΟΣ ΡΗΙΤΟΣ ΙΣΟΣ ΛΙΠΟΤΑΧΤΗΣ, ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ ΙΣΧΥΩ

DECISÃO, DECRETO OU SENTENÇA — O QUE SE DIZ: LANÇADO AO INFORTUNIO, JUSTO E EQUITATIVO, AQUELLE QUE ABANDONAR SUA FILA OU O SEU POSTO, E COROADO DE ROSAS, O FORTE, VALENTE, DOMINADOR, ETC.

*



Ρ Υ Π Α Ρ Ο Σ

Idem, p. 1.268: Ρυπαρος, α, ον (*comp.* ώτερος *sup.* ώτατος) deshonesto, soez, *fig.* inhabil, inepto, sordido, avaro.

R. ρυπος.

*



ΥΑΡΟΣΧΟΠΟΣ

Idem. p. 1.461: Ὑδροσκόπος, ος, ον, quem procura descobrir as fontes, a origem, as aguas subterraneas || *subs.* (*o*) aquelle que se occupa em descobrir as origens occultas no seio da terra.

R. R. ὕδωρ, σκοπεω.

*



Ε Π Ι Σ Ο Ι Σ Ι

Idem, p. 1.300: Ἐπισοῖσι, *Hom.* em teus bens, em teus proprios dominios.

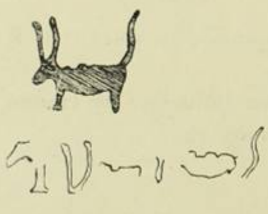
R. σύ.

INTERPRETAÇÃO

ΡΥΠΑΡΟΣ ΥΔΡΟΣΧΟΠΟΣ ΕΠΙΣΟΙΣΙ

SORDIDO E SOEZ NÃO É AQUELLE QUE SE OCCUPA EM DESCORTINAR AS ORIGENS OCCULTAS NO SEIO DA TERRA EM TEUS BENS, EM TEUS PROPRIOS DOMINIOS

*



Λ Γ Σ Ι Ο Σ

Idem, p. 866: Λυσιος, ος, ον, que livra, que tem a propriedade de livrar, proteger; *epitheto de certos deuses.* || *Sub.* (ὁ), sobrenome de Bacchus.

R. λύω.

*



Θ Ε Ι̂ Ο Σ

Idem, p. 666: Θεῖος, α, ον, (*comp.* οτερος, *sup.* οτατος), divino) *por ext.* maravilhoso, sobrenatural, το θεῖον a divindade; *alg. vez.* o maravilhoso de uma cousa.

R. θεός.

*



ΔΙΟΝΥΣΟΣ

Idem, p. 380: Διονυσος, ου, (ὁ) Bacchus, *alg. vezes, Poet.* o vinho.

INTERPRETAÇÃO

ΛΥΣΙΟΣ ΘΕΙΟΣ ΔΙΟΝΥΣΟΣ

LYSIOS, DIVINO BACCHUS

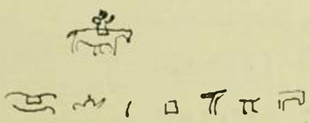
*



ΛΟΧΟΣ

Idem, p. 864: Λοχος, ου (ὁ), emboscada, cilada; corpos commandados por uma emboscada, destacamento, e *por ext.* companhia de phantasia; *alg. vez.* esquadra, flotilha, frota; *muit. vez. por ext.* classe ou secção de um corpo qualquer, etc. Já por vezes descripto.

*

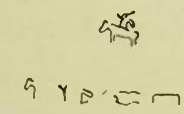


Θ Ε Ι Ο Τ Η Σ

Idem, p. 666: Θειοτης, ητος (ἡ) divindade, natureza divina; *alg. vez.* conhecimento das cousas divinas.

R. θειος.

*



ΛΥΣΙΟΣ

Idem, p. 866: Λυσιος, ος, ον, que livra, que tem a propriedade de livrar, proteger: *epitheto de certos deuses.* || *Subs.* (o) sobrenome de Bacchus.

R. λύω.

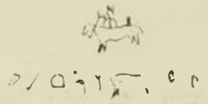
*



ΘΕΙΟΣ

Idem p. 666: Θεῖος, α, ον, (*comp.* οτερος, *sup.* οτατος, divino *por ext.* maravilhoso, sobrenatural, τὸ θεῖον, a divindade; *alg. vez.* o maravilhoso de uma cousa θέος.

*



ΔΙΟΝΥΣΟΣ

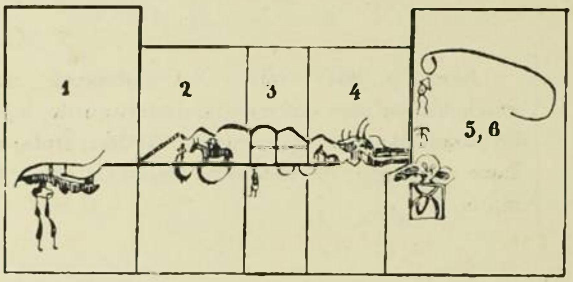
Idem, p. 380: Διόνυσος, ου, (o), Bacchus, *algum. vez. Poet.* o vinho.

INTERPRETAÇÃO

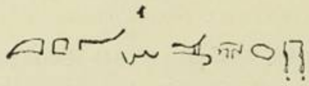
ΛΟΧΟΣ ΘΕΙΟΤΗΣ ΛΥΣΙΟΣ ΟΕΙΟΣ ΔΙΟΝΥΣΟΣ

CORPOS COMMANDADOS POR UMA EMBOSCADA E ESQUADRA DE NATUREZA DIVINA, QUE LIVRA E PROTEGE, O MARAVILHOSO BACCHUS

※

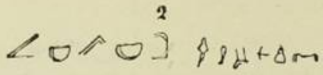


1



ΔΟΓΜΑΤΟΣ

2



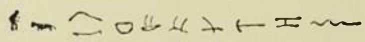
ΛΟΓΟΣ ΡΗΤΟΣ

3



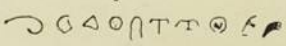
ΙΣΟΣ

4



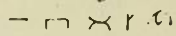
ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ

5



ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ

6



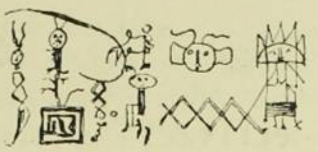
ΙΣΧΥΩ

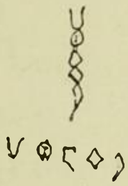
INTERPRETAÇÃO

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΛΟΓΟΣ ΡΗΤΟΣ ΙΣΟΣ ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ, ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ ΙΣΧΥΩ

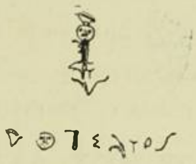
DECISÃO, DECRETO OU SENTENÇA — O QUE DIZ: — LANÇADO AO INFORTUNIO, JUSTO E EQUITATIVO, AQUELLE QUE ABANDONAR SUA FILA OU O SEU POSTO, E COROADO DE ROSAS, O FORTE, VALENTE E DOMINADOR

※





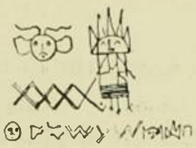
ΛΟΓΟΣ



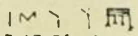
Δ Ο Γ ΜΑΤΟΣ



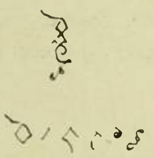
Ι Σ.Ο Σ



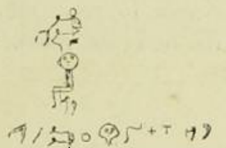
Ρ Ο ΔΟΣ Τ Ε ΘΕΣ



Ι Ε Χ Υ Ω



Ρ Ι Π Τ Ο Σ



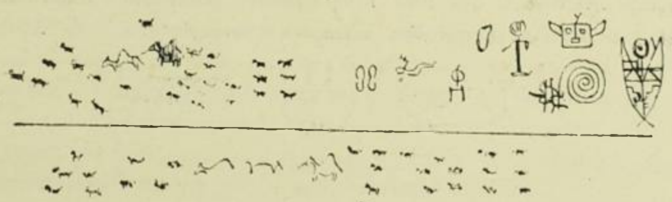
ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ

INTERPRETAÇÃO

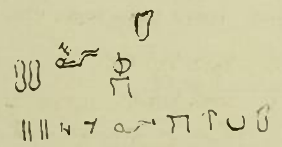
ΛΟΓΟΣ ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΙΣΟΣ ΡΙΠΤΟΣ ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ ΙΕΧΥΩ

O QUE SE DIZ — DECISÃO, AVISO OU DECRETO: JUSTO E EQUITATIVO, ATIRADO OU LANÇADO, AQUELLE QUE ABANDONAR SUA FILA OU O SEU POSTO; COROADO DE ROSAS O FORTE E DOMINADOR

*

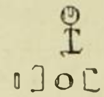
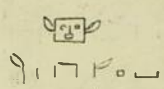
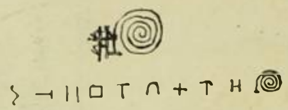


Δ Ο Γ Μ Α Τ Ο Σ



Π Η Γ Μ Α Τ Ο Σ

Idem, p. 1.121: Πηγματος, (τὸ), cousa cravada, fixada, pregada *ou invariavelmente* fixada, etc.; união de muitas cousas consolidadas em uma só, *principalmente* união complexa, ajuntamento, etc.

		
ΙΣΟΣ	**ΡΙΠΤΟΣ**	**ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ**



ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ ΙΕΧΥΩ

INTERPRETAÇÃO

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΠΗΓΜΑΤΟΣ ΙΣΟΣ ΡΙΠΤΟΣ ΑΠΟΤΑΧΤΗΣ ΡΟΔΟΣΤΕΘΕΣ ΙΕΧΥΩ

EDITO OU DECRETO, FIXADO OU GRAVADO: JUSTO E EQUITATIVO, ATIRADO OU JULGADO AQUELLE QUE ABANDONAR SUA FILA OU O SEU POSTO: COROADO DE ROSAS O POSSANTE, DOMINADOR E EFFICAZ

*

Guillaume Lejean, descrevendo as margens de Tribinsnitzs Gradina em Herzegovina, no anno de 1858, diz o seguinte, com relação a uma inscripção que encontrara em Ragusa, da qual ora nos vamos occupar, (1):

«Antes de deixar Ragusa e seu territorio, recommendarei ainda ao touriste, a procura de curiosidades, a ilha de Lagosta e os caracteres extranhos, chamados pelos insulares *veliki prieval* e gravados sobre rochedos ».

"Tentei inutilmente confrontal-os a um alphabeto conhecido e na esperança de que algum interprete seja mais feliz que eu, os dou aqui pura e simplesmente".

Eis a referida inscripção, que fôra inversamente publicada e dando-lhe a forma regular, guardadas as devidas proporções, passamos a interpretal-a:

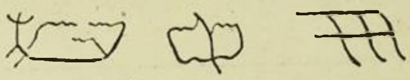
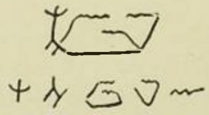
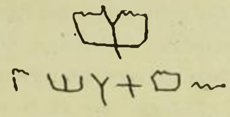


Fig. 1.680

 **ΨΗΦ ΟΣ**	Idem, Dicc. Gr. Cit. p. 1605: Ψῆφος, ου (ἡ): pequeno seixo, pederneira, pedrinha, etc.; pedra preciosa, tento para jogo, etc.

*

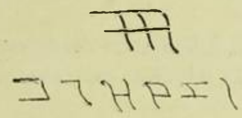
(1) "Le Tour du Monde, v. I, p. 299 e 300; 1º Semestre de 1860.



ΛΕΥΧΟΣ

Idem, p. 848: Λευκος, η, ον (*comp.* οτερος, *sup.* οτατος), branco, *donde por ext.* brilhante, esplendido, refulgente, scintillante; puro, sereno, transparente, claro, *e fig.* feliz, ameno, aprazivel, etc.

*



ΠΛΗΡΗΣ

Idem, p. 1.135: Πληρης, ης, ες, (*sup.* πληρεστατος), pleno, cheio, completo, inteiro, perfeito, ou *fig.* encantado, arrebatado, etc. R. πλεος, *ou* πεώς, pleno, *por ext.* rico, abundante, πλεως, etc.

INTERPRETAÇÃO

ΨΗΦΟΣ ΛΕΥΧΟΣ ΠΛΗΡΗΣ

PEDRA PRECIOSA, BRANCA, PERFEITA E ABUNDANTE

*

Mais um elemento, portanto, para o nosso estudo epigraphico se nos offerece.

Incontestavelmente, constitue elle o mesmo genero de caracteres applicados ás inscripções, já não somente esculpidas nas regiões do Brazil, como nas dos Estados Unidos da America do Norte, nas de Herzegovina e, finalmente, nas do Chile, de cujas inscripções passamos a tratar.

*

INSCRIPÇÕES DO CHILE

A importante *Revista da sociedade Scientifica do Chile*, 11ª Serie, Tomo XXVIII, de 1918, proporcionou-nos o grato ensejo de ler a Conferencia do illustre scientista D. Roberto Rengife, Secretario da referida Sociedade, sobre *Noticias e Commentarios Archeologicos.*

Este valioso trabalho comprehende uma serie admiravel de inscripções lapidares, encontradas na região do Rio Chalinga e o precede da seguinte preliminar, que passamos a transcrever no mesmo idioma em que se acha escripto:

> "El Rio Chalinga es un afluente del Choapa por el N. O. en el departamiento de Illapel, en la provincia de Coquinho; se desprende de la cumbre de la Cordillera de los Andes en la región más angosta del territorio chileno; entra por la derecha en el lugar donde está la cuidad de Salamanca.
>
> Esta tiene un ramal ferroviario hacia el gran Longitudinal del norte".
>
> "El espacio que yo exploré queda comprendido dentro del rio Chalinga, entre los 31° 44' de latitud sur, con 70° 52' de longitud oeste; donde se encontra la puntilla de las Trancas en el cerro de Chillancahue; y las 31° 40' con 70° 40' 30" donde termina el potrero El Maiten y comienza la cordillera árida".

«El terreno pertenece a don Ladisláo Errazuriz y, bajo el nombre de San Agustin, forma una propiedad que deslinda con la República Argentina en las cumbres de la cordillera y, por los cordones de cerras que dividen las aguas, con las vertientes que van al rio Illapel por el N. y al Choapa por el S.».

«Este cajón de estero o río Chalinga, se ensancha desde el deslinde S. O. del fundo en la puntilla o desfiladero de Las Trancas, que enfrenta al característico y empinado cerro de La Torre, formando en su curso inferior la campiña que denominan "El Valle de Chalinga", por oposición el cajón, que es la porción, de Las Trancas para arriba».

«La distancia de Salamanca a Las Trancas es de 20 kilómetros: desde este punto a las casas del fundo San Agustin, de 5 kilómetros y, desde las casas al final del potrero El Maitén hay 30 kilómetros más».

«La altura de Salamanca sobre el mar es de 500 y tantos metros; la del fondo del estero, al pie de Las Trancas, de unos 800 metros y, la de las casas es de mil y tantos. Desde Las Trancas hacia arriba, la pendiente de la cordillera es enorme, llegando la cota del término del potrero El Maitén a 2.500 metros sobre el mar; los pasos vesinos, porte zuelos hacia la otra banda, se elevan a 4.000 y las cumbres pasan de cinco».

«Cuando llegué a la entrada del fundo San Agustin, en Las Trancas, recordé que don Ladisláo Errazuriz me había advertido que vería unas piedras escritas por los indios, que talvez me interesarían. Pregunté al mozo y él me mostró el farellón a la vera del camino» ([1])

«Nada de particular le noté al principio, pero después divisé algo que parecían signos blancos diseñados en la roca obscura. Nos desmontamos y tomándonos de las piedras, por el costado menos abrupto, con las manos y, apoyando con cuidado los pies, trepamos; una vez encima vimos una especie de crestón de rocas hendidas que presentaba caras, más o menos verticales con dibujos, que parecían trazados por las manos inexpertas de un niño gigante. Outras piedras más bajas también tenían figuras y símbolos. Das de las más cercanas, que estaban juntas y como puestas de intento semejaban estelas o landas, con figuras onduladas parecidas a serpientes, en el encabezamiento o titulo siguiendo más abajo dibujos como escudos o blasones, y otros signos extraños que claramente manifestaban haber sido esculpidas con intención premeditada y tratando de expresar ideas».

«Naturalmente, esto me produjo una intensa y compeja emoción! Ver y palpar la comunicación directa, a través de miles de años, escrita por los primitivos chilenos! Por aquellos que viveron antes que los Incas y les resistiron; apareciendose ante mi como superiores en pensamiento, pues que éstos no tenían como escritura sino quipos para sus cuentas; por los que resistiron a Almagro, por los que resistiron a Valdivia, por los que dieron la última batalla comandados por Michimalanco, antes de desaparecer y, despoblar su país natal, horrorizados por la fiereza de los hombres acorazados y montados, a quienes sálio a aplacar el anciano sumo pontífice; el brujo blanco como la nieve, que los españoles

(1) Não interessando tanto as Figuras, A, B. D e L., deixamos de reproduzil-as.

motejaran de "El Cisne", y mataron; enmontañándose en el seno de los Andes argentinos ».

«Qué me querian decir? Que pensara en la raza de mi patria, inteligente y alentada, que había pasado tres siglos sojuzgada, perdida en la sierra, para volver con las huestes libertadoras reclutadas entre ellas por San Martín y O'Higgins, para atravesar las mismas cumbres más al sur y romper las cadenas? »

«Esto y mucho más sentia y pensaba; pero lo más evidente era el hecho de que la escritura aborigen existía, de que ellos no eran unos salvajes, de que ellos eran inteligentes, idealistas y venerantes ».

«Allá donde el estero formaba unas barrancas; en el planeo de encima, destacandose apenas sobre el fondo de los cerros, se divisaban las casas del fundo. Bajamos y tomamos al galope por el camino que, cada vez se acercaba más a las grandes barrancas, que al fin remonta después de cruzar el estero ».

«Al administrador, señor Manuel Valenzuela, le conté mi impresión sobre las "piedras marcadas" (como les dicen), y el me contó que había muchas en varias puntas del fundo, lo mismo que fósiles en las cumbres, mostrandome varias *Amonitas*, *Equinoideas*, *Bivalvas* y *Ostráceos* o *Terebrantulas*; también una caliza pizanosa tomada de un lugar más bajo, con impresiones de *Helechos licopodiáceos*; me dijo que habia un potrero de donde sabian muchas *callanas*, o restos de alfareria cada vez que se araba, que en una avenida, en otros años, habian quedado al descobierto tres esqueletos de indios, en hilera; que solian salir piedras labradas y, que a cada cuadra se tropezalia con piedras de moler rotas o desfundadas; que cuando estaban enteras las aprovechabán los inquilinos y que en *las casas* había una que me mostró. Era de granito aspero, honda, y no plana como las que todavia se usan para moler a dos manos en las cosinas rusticas, de fondo redondeado susceptible de movimento, como para indústria minera, igual a las descritas por Debenedetti, del lado argentino; tendria unos sesenta centimetros de diametro ».

«No es mi intento, por ahora, el describir muchos otros objetos que se me proporcionaron después, si no dar ideas generales y detenerme sólo en la explicación de los *petroglifos* ».

Com effeito, o illustre autor citado, que acabamos de ouvir, explana o assumpto archeologico e historico admiravelmente. Nesse preambulo infunde conclusões de alto alcance e implicitamente deixa transparecer o seu privilegiado e fecundo ideal scientifico.

Sentimos devéras não permittir a feição resumida de nosso trabalho fazermos acompanhar as inscripções do que idealmente interpretou; mas, felizes entretanto estamos em honrar estas paginas com tão inspirada como scientifica collaboração, de todo modo significativa, como ampliadora do nosso capital assunto, vinculando-o com a prehistorica epigraphia chilena.

A interpretação que offerece Roberto Rengifo, sobre os surprehendentes *petroglifos* das regiões do Rio Chalinga, obedece á idealidade magistralmente definida por si, emquanto por nossa vez, pedimos venia para tratal-os sob o ponto de vista paleographico, deixando aqui a nossa gratidão ao illustre scientista Dr. Alfredo Augusto da Matta, que nos proporcionou a leitura da importante Revista Chilena.

Começaremos pela fig. 1.681 que se segue.

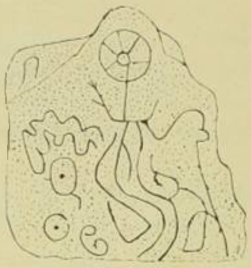


Fig. 1.681



ΥΔΡΟΣΕΛΗΝΙΤΗΣ

Dicc. Gr. cit., p. 1461: Υδροσεληνιτης, ον, (ὁ). hydroselenite, (pedra que, tornando-se transparente n'agua, deixa ver uma meia lua). R. R. ὕ, σελήνη.

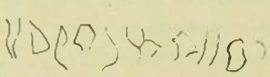
*



ΑΞΙΟΛΟΓΟΣ

Idem, p. 157: Αξιολογος, ος, ον, (*comp.* ωτερος. *supr.* ωτατος) digno que delle se fale *ou* que se tenha em conta; que tem algum preço ou valor; importante, estimavel, notavel, consideravel, por seu merito e valor. R. R. ἀ λογος.

*



ΥΔΡΟΣΧΟΠΟΣ

Idem, p. 1461: Υδροσκοπος, ος, ον. que procura descobrir as fontes, as aguas subterraneas || Sub. (ὁ) aquelle que se occupa em descobrir as fontes ou origens occultas no seio da terra. R. R. ὕδωρ, σκοπεω.

INTERPRETAÇÃO

ΥΔΡΟΣΕΛΗΝΙΤΗΣ ΑΞΙΟΛΟΓΟΣ ΥΔΡΟΣΧΟΠΟΣ

HYDROSELENITE (PEDRA QUE, TORNANDO-SE TRANSPARENTE N'AGUA, DEIXA VER UMA MEIA LUA) DE ALGUM VALOR OU PREÇO CONSIDERAVEL A AQUELLE QUE SE OCCUPA OU PROCURA DESCOBRIR AS ORIGENS OU FONTES OCCULTAS NO SEIO DA TERRA

*

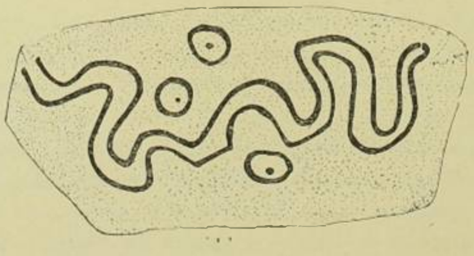


Fig. 1.682



Σ Ο Λ Ο Ι Ξ Ι Σ Μ Ο Σ

Idem, p. 1300: Σολοιχισμος, οῦ, (ὁ), solecismo, (erro contra a syntaxe), *fig.* falta, negligencia, tolice, descaso, etc.

*

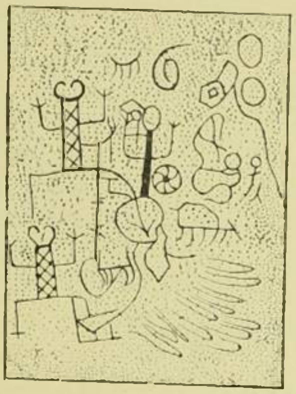
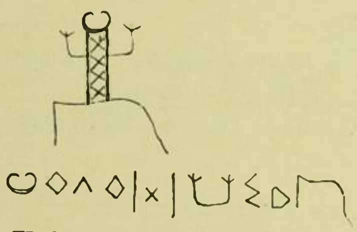


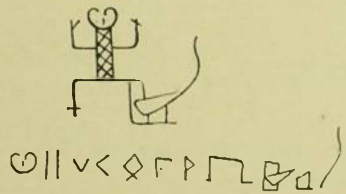
Fig. 1.683



ΣΟΛΟΙΧΙ ΣΜΟΣ

Idem, p. 1300: Σολοιχισμοσ, οῦ, (ὁ), solecismo, (erro contra a syntaxe), *fig.* falta, negligencia, tolice, descaso, etc.

*

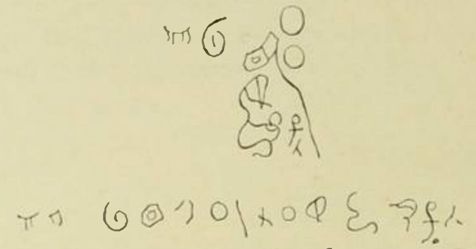


Σ ΙΛΛΟΓΡΑ ΘΟΣ

Idem, p. 1283: Σιλλογράφος, ος, ον, satyrico, autor de poemas satyricos.

R. R. σιλλος, γραφω.

*



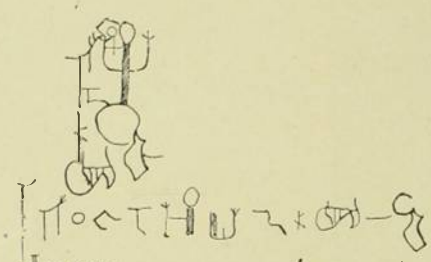
ΤΟ ΣΟΛΟΙΧΟΦΑΝΗΣ

Idem, p. 1429: Το, *neutr. do art.* ὁ, ἡ, τό, ο, α, etc.

Idem, p. 1300: Σολοιχοφανής ής, ες, que tem apparencia de um solecismo.

R. R. σολοιχος, φαινω.

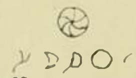
*



ΙΣΟΣΤΗΕΝΈΩ-Ω̃

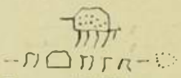
Idem, p. 704: Ισοσθενέω-ῶ, ser igual em força, em pujança, etc.

*



ΥΔΡΟΣ

Idem, p. 1461: Ὕδρος, ου (ὁ), Hydra, serpente venenosa; monstro fabuloso; constellação austral, etc.



ΙΣΟΣΤΑΙΟΣ

Idem, p. 701: Ισοσταιος, ος, ον, equivalente, semelhante, igual, etc.

R. R. Ἰστάσις.

*



ΚΑΤΑΧΛΥΣΜΟΣ

Idem, p. 743: Κατακλυσμος, οῦ, cataclysma, inundação, *especialmente*, diluvio, etc.

INTERPRETAÇÃO

ΣΟΛΟΙΧΙΣΜΟΣ. ΣΙΑΛΟΓΡΑΘΟΣ ΤΟΣΟΛΟΙΧΟΦΑΝΗΣ, ΙΣΟΣΤΗΕΝΕΩ-Ω ΥΔΡΟΣ
ΙΣΟΣΤΑΙΟΣ ΚΑΤΑΧΛΥΣΜΟΣ

SOLECISMO: O SATYRICO OU AUTOR DE POEMAS SATYRICOS, TEM APPARENCIA DE UM SOLECISMO; É IGUAL EM FORÇA E PUJANÇA Á HYDRA E EQUIVALENTE A UM CATACLYSMA

*

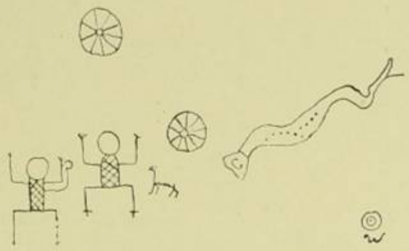
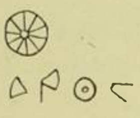


Fig. 1.684

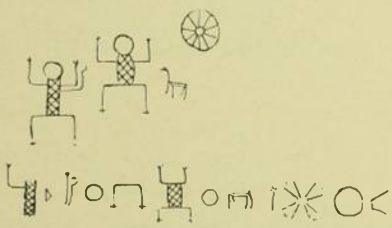
*



Υ Δ ΡΟΣ

Idem, p. 1461: Ὕδρος, ου, (ὁ), serpente venenosa; monstro fabuloso; constellação austral, etc.

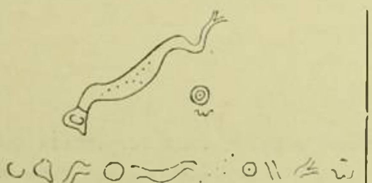
*



ΥΔΡΟΣ Χ ΟΠΙΧ ΌΣ

Idem, p. 1461: Ὑδροσκοπικός, ή, όν, relativo á descoberta das fontes. Ἡ ὑδροσκοπική, *s. ent.* τέχνη, a arte de descobrir fontes, etc.

*



ΥΔΡΟ Σ ΧΟΠΕ Ώ

Idem, p. 1461: *f.* Ὑδροσκοπέω, procurar descobrir fontes ou origens.

R. ὑδροσκόπος.

INTERPRETAÇÃO

ΥΔΡΟΣ. ΥΔΡΟΣΧΟΠΙΧΟΣ ΥΔΡΟΣΧΟΠΕΩ

SERPENTE VENENOSA, ETC. RELATIVO Á DESCOBERTA DAS FONTES, ETC. PROCURAR DESCOBRIR AS FONTES OU ORIGENS, ETC.

*

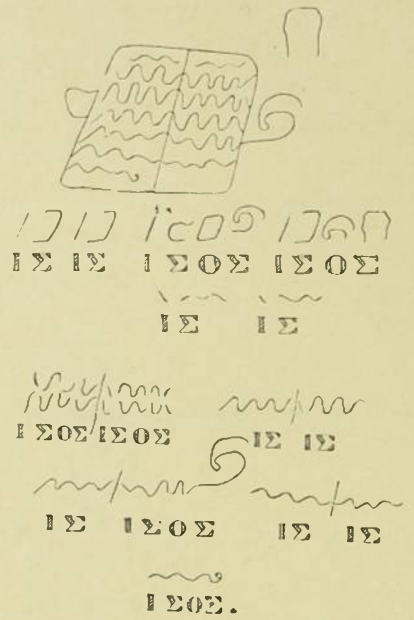


Fig. 1.685

Idem, p. 701: IΣ *gen*. INOΣ, (η) fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia ˇΙσ ˇΗραγλῆος ou ˇΗραχληειη, — *Hom.*, a força de Hercules, *isto é*, o proprio Hercules, o possante Hercules.

Idem. p. 704 IΣOΣ (já por vezes definida) plano, justo, unido, igual, equitativo: Τοισος, a igualdade.

INTERPRETAÇÃO

IΣ IΣOΣ

FORÇA, UNIÃO, VIGOR; IGUAL, JUSTO, EQUITATIVO; A IGUALDADE

*



Fig. 1.686

Esta figura, segundo o autor, foi desenterrada por Ponsnasky, além de uma colossal estatua que pensam ser do escriba ou legislador do Imperio de Chucahua (assim a chamava Ameglino, hoje Tiahuanaca).

*



Σ Ο Φ Ο Σ

Idem, p. 1301: ΣΟΦΟΣ, η, ον (*comp.* ωτερος, *supr.* ωτατος, sabio, *isto é*, habil, instruido, experimentado, prudente, etc.

*



Σ Ο Λ Ω Ν

Σολων — Solon, illustre philosopho grego, natural de Salamina (638, antes de Christo), descendente de Codrus; foi um dos sete sabios da Grecia e legislador de Athenas; falleceu, o que se suppõe, na ilha de Chypre, em 558 ou 560, ant. J. C.

*

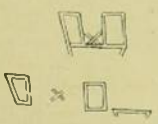


ΟΧΛΟΧΑΡΗΣ

Idem, p. 1025: Οχλοχαρής, ης, ες, amigo do povo: popularizado, etc.

R. R. οχλ χαιρω.

*



Ο Χ Ο Σ

Idem, p. 1025: Οχος ος, ον, tenaz, firme, solido, *com o gen.* que retém, que contém, etc.

R. ε῎χω.

*



ΛΟΓΑΣ

Idem, p. 859: Λογας, αδος (ό, η) congregado, accumulado; escolhido da elite, etc.

*



Λ Ο ΓΑΔΕΣ

Idem,: Λογαδες *s. ent.* ἄνδες, homens de alto valor e distinctos, etc.

R. λεγω.

*



Idem, p. 867: Λυω (*perfeitamente regular*) abrir, libertar, desembaraçar, soltar, relachar, desarmar, *por ext.* enfraquecer; perdoar, desculpar, justificar, conciliar; apagar, fazer cessar, pacificar, curar, resolver, explicar, dissolver; romper, quebrar, violar, infringir, solver, pagar, *sent. neutr.* evantar a ancora, sahir do porto, etc.

INTERPRETAÇÃO

ΣΟΦΟΣ ΣΟΛΩΝ ΟΧΛΟΧΑΡΗΣ ΟΧΟΣ ΛΟΓΑΣ ΛΟΓΑΔΕΣ ΛΥΩ

Sabío Solon amigo do povo, popularizado e tenaz, retem congregada, escolhida elite de homens de alto valor e distinctos, para libertar, desembaraçar, perdoar, conciliar, pacificar, resolver, explicar e harmonizar.

*

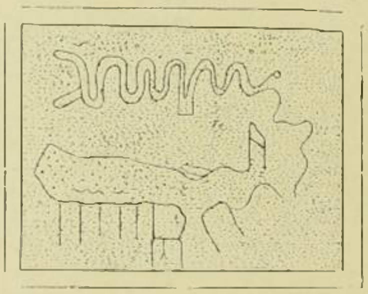


Fig. 1.687



Já interpretada.



Já interpretada.

*

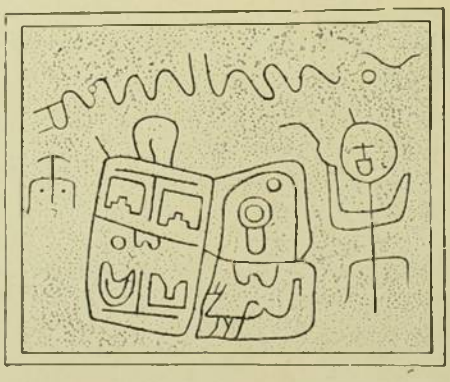
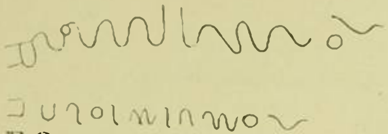


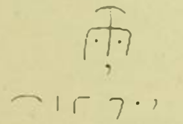
Fig. 1.688



ΣΟΛΟΙΧΙΣΜΟΣ

Idem, p. 1300: Σολοιχισμος, οῦ (ὁ), solecismo (erro contra a syntaxe), *fig.* falta, negligencia, tolice, descaso, etc.

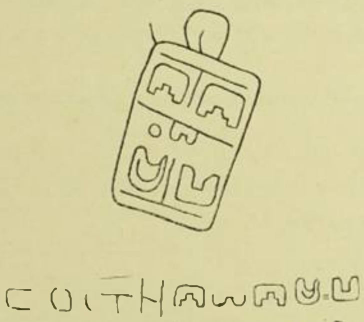
*



ΣΙΛΛΟΣ

Idem, p. 1283: Σιλλος, ου (ὁ) satyra, poema satyrico, loucura, sarcasmo; mofa, burla, zombaria, gracejo, chasco, etc.

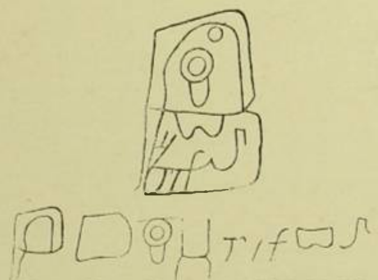
*



Ι Σ Ο Σ Τ Η Ε Ν Ε Ω·Ω̃

Idem, p. 704:
Ισοστηενεω-ῶ, ησω. ser igual em força, em pujança, etc.

*



Ρ Ο Θ ΗΤΙΧΟΣ

Idem, p. 1267:
Ροφητικος, η, ον, proprio a engulir, a tragar, etc.

*



Σ Ι Λ Λ Ο Γ Ρ Α Θ Ο Σ

Idem, p. 1283:

Σιλλογραφος, ος, ον, satyrico, autor de poemas satyricos.

R. R. σιλλος, γραφω.

INTERPRETAÇÃO

ΣΟΛΟΙΧΙΣΜΟΣ. ΣΙΛΛΟΣ ΙΣΟΣΤΗΕΝΕΩ-Ω ΡΟΘΗΤΙΧΟΣ ΣΙΛΛΟΓΡΑΘΟΣ

SOLECISMO. É LOUCURA SER IGUAL EM FORÇA OU PUJANÇA, COMO TRAGAR UM AUTOR DE POEMAS SATYRICOS

*

A seguinte fig. 1689, segundo está lythographada na obra a que nos estamos referindo, e ora reproduzimos, demonstra que é um conjuncto de inscripções com pensamentos differentes.

Por este motivo faremos a interpretação segundo a ordem em que deveriam estar esculpidas no original.

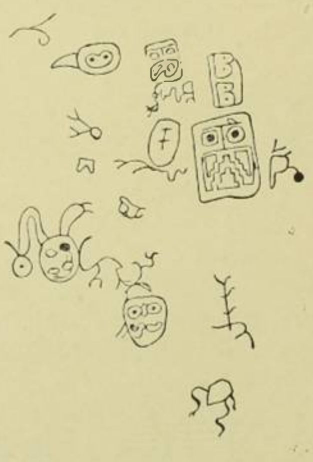
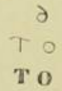


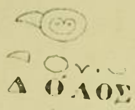
Fig. 1.689



TO

Idem, p. 1429: Το, *neut. do art.* ὁ, ἡ, τό, ο, α, etc.

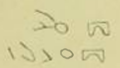
*



Δ Ο Λ Ο Σ

Idem, p. 389: Δόλος οῦ, (ὁ) astuto, hypocrita, ardiloso, enganador, doloso, manhoso, artificioso, etc.

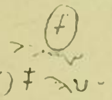
*



Ι Λ Λ Ο Σ

Idem, p. 858: Ιλλος οῦ, (ὁ), vesgo, que tem o defeito de olhar vesgo, *fig.* escuro, astuto, equivoco, *alg. vez.* motivo de suspeita, etc.

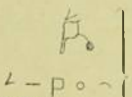
*



Ο Ξ Ε Ω Σ

Idem, p. 994: Οξεως, *adv.* (*comp.* οξυτερον), *sup.* οξυτατοα em ponto agudo, agudeza? *ou fig.* com finura, vivacidade, simulação, etc.

*



Λ Ι Ρ Ο Σ

Idem, p. 858: Λιρος, ό, ον, *ou* Λῖρος, α, ον, *Poet.* impudente, descarado, desaforado, atrevido, insolente, audacioso, etc.

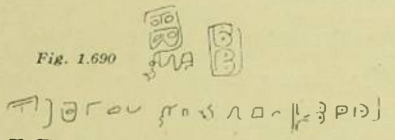
INTERPRETAÇÃO

ΤΟ ΔΌΛΟΣ ΙΛΛΟΣ ΟΞΕΩΣ ΛΙΡΟΣ

O HYPOCRÍTA, ARDILOSO, MANHOSO QUE OLHA VESGO COM FINURA E SIMULAÇÃO É IMPUDENTE, DESCARADO E AUDACIOSO

*

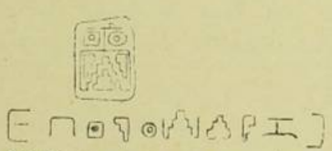
Fig. 1.690



Ε Σ Θ Λ Ο Σ Ε Σ Θ Λ Ο Σ Τ Ε Ρ Ο Σ

Idem. p. 594: Οσφλος, ή, ον, (*comp.* οτερος *supr.* οτατος) *Poet. ou raro em prosa por* αγαθος, bom, *em todo sentido*: probo, honesto, virtuoso; sabio, habil, bravo, corajoso, util, etc.

*



Ε Σ Θ Λ Ο Μ Α Ν Ή Σ

Idem, p. 594: Εσφλομανης, ής, ες, *Poet.* que ama o bem com paixão.

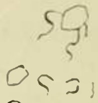
R. R. εσφλος μαινομαι.

INTERPRETAÇÃO

ΕΣΘΛΟΣ ΕΣΘΛΟΣΤΕΡΟΣ ΕΣΘΛΟΜΑΝΗΣ

BOM, MUITO BOM, PROBO, HONESTO E VIRTUOSO É O QUE AMA O BEM COM PAIXÃO

*

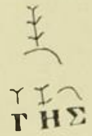


ΟΠΟΙ

Fig. 1.691

Idem. p. 999: Οποι, *adv.* onde, junto a que logar, etc.
R. ποι.

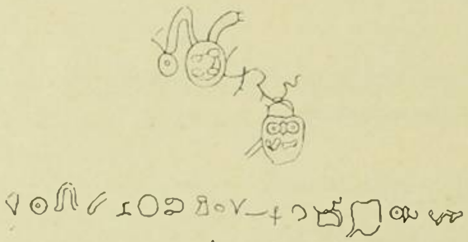
*



ΓΗΣ

Idem, p. 308: ΓΗ, *gen.* ΓΗΣ (η), *contr. por* γέα *ou* γαῖα, terra, *em todo sentido:* elemento terrestre; globo terrestre; porção de territorio, paiz; terra cultivada, campo, dominio, etc.; Οποι γης, em que logar do mundo, etc.

*



ΔΟΛΙΧΟΣ ΔΟΛΙΧΟΦΡΩΝ

Fig. 1.692

Idem, p. 389: ΔΟΛΙΧΟΣ, ου (ο), distante, a mais longa carreira que se tem percorrido *nos jogos da Grecia*, etc.

R. δολιχος, *adj.*

Idem, Δολιχοφρων, ων, *gen.* ονος *Poet.* donde os pensamentos se estendem longe.

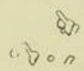
R. R. δολιχος, φρην.

INTERPRETAÇÃO

ΟΠΟΙ ΓΗΣ (?) ΔΟΛΙΧΟΣ ΔΟΛΙΧΟΦΡΩΝ

ONDE, EM QUE LOGAR DO GLOBO TERRESTRE? DISTANTE, DONDE OS PENSAMENTOS SE ESTENDEM LONGE

*



ΟΡΟΣ

Fig. 1.693

Idem, p. 1009: Ορος, ου (ο) fronteira, termo, limite; columna levantada para servir de marco ou monumento; poste com uma inscripção ou um annuncio para indicar que uma propriedade está allienada; *fig.* limite que se não deve ultrapassar; fim; *no plur.* paiz, região.

*

Eis as nossas interpretações paleographicas sobre as inscripções resumidas no presente capitulo. Ellas revelam illações prehistoricas de alto alcance já não somente para o Brasil como para quasi toda a America. As do Chile, na parte chronologica, possuem conseguintemente um verdadeiro monumento. Aquella que se refere ao grande sabio Solon, vem confirmar a de Pesistrato, encontrada nas ruinas da celebre cidade abandonada

dos sertões do Estado da Bahia, como uma outra de toda afinidade, a de Sangaris, no Rio Urubú, no Amazonas.

E' sabido que não serão estas as unicas inscripções; outras existirão ainda esparsas em outras regiões, todas mais ou menos contemporaneas, portanto.

Dedicando nosso trabalho ás inscripções e tradições da America prehistorica, emittimos o presente Capitulo, com intuito especial de ampliar o assumpto e offerecer aos competentes toda a sorte de elementos ao nosso alcance, para a solução de um problema que precisa deixar o campo sediço de estereis controversias, como vem acontecendo ha seculos.

Em virtude da circumstancia de occuparem a vanguarda destas importantes investigações, reputados archeologos de varios paizes americanos e europeus, é possivel que as nossas conclusões, oriundas de simples amadorismo pela epigraphia, não constituam a solução positiva e final do problema prehistorico americano.

Si incorremos em erro este será relevado, pois delle não se eximiram os famosos archeologos de todo o Mundo, que nos precederam nesses estudos.

Apresentamos o nosso espontaneo concurso paleographico, de algum modo demonstrado e consequentemente justificado. Julgado e acceito, sentiremos a satisfação motivada por um dever cumprido; si porém for combatido, esperamos que os adversarios apresentem refutações acompanhadas de justificações e demonstrações equivalentes ou superiores ás nossas.

Passamos a transcrever algo sobre Solon, palavra existente em uma das inscripções do Chile, do Diccionario Popular de Pinheiro Chagas:

« *Solon*. Legislador, estadista, poeta e philosopho, um dos sete sabios da Grecia, nasceu na ilha de Salamina, perto de Athenas no anno de 636 antes de nossa era, e morreu, segundo suppõe-se pelos annos de 559 A. C. Seu pae Executides era o representante de uma das familias mais antigas athenienses e passava por ser descendente de Codro, sua mãe que veio a ser avó de Platão era prima coirmã da mãe do tyranno Pesistrato ».

« Apesar de sua antiga nobreza a familia de Solon era pobre e elle teve de se dedicar ao commercio para ter alguma fortuna. O commercio dos athenienses era quasi todo maritimo e com paizes estrangeiros e por isso Solon viajou muito, embora Plutarco e outros auctores digam que foi mais a idea de adquirir experiencia e augmentar a sua instrucção do que pelo espirito de lucro que elle fez essas viagens. Em todo o caso é positivo que foi n'essas viagens que elle alcançou a fortuna e os conhecimentos que lhe deram logar entre os primeiros cidadãos de Athenas ».

« A conhecimentos muito vastos de leis, costumes e politica, reunia Solon notavel talento poetico: os historiadores descrevem-n'o como um homem franco e affavel e alguns censuram-n'o por não ser tão austero nos costumes, como devera ser um reformador, mas ninguem ainda poz em duvida o seu ardente patriotismo e as suas virtudes publicas ».

« Durante a sua ausencia, os athenienses depois de uma prolongada guerra com os habitantes de Megara tinham sido expulsos de Salamina e as infructiferas diligencias que tinham feito para recuperar a ilha, de tal modo os haviam fatigado, que se promulgou uma lei punindo com a morte todo aquelle que fallasse mais n'essa questão ».

« Passado algum tempo e desfeita em parte a lembrança dos desastres soffridos, começou o povo a ter vivos desejos de retomar Salamina, mas ninguem ousava fallar n'isso com receio do castigo. Solon cortou a difficuldade fingindo-se doido. Um dia, saiu de casa com um chapeo na cabeça como era costume trazerem os doentes e encaminhando-se para o Agora seguido de uma grande multidão subio as pedras d'onde os oradores fallavam

ao publico e poz-se a recitar uma elegia de que nos foram conservados alguns versos: Eu vim, dizia elle, como arauto da triste Salamina; em lugar de discurso trago-vos versos e depois, começando a alegria, proseguiu: Porque não nasci eu em Pholegandia ou em Sicime em lugar de ter nascido em Athenas! Infelizmente não posso mudar de patria e por toda parte hei de ouvir sempre o insulto: Este homem é um dos Athenienses que fugiram de Salamina e rematou exhortando os seus concidadãos a começarem de novo: Vamos a Salamina, vamos recuperar essa ilha e livrar-nos do peso da nossa vergonha. Os athenienses enthusiasmados responderam: Vamos a Salamina, Pesistrato fez com que fosse revogada a lei que prohibia fallar n'essa empresa e ajustou-se uma expedição á frente da qual foi posto Solon que reconquistou a sua patria. Uma outra expedição tambem por elle dirigida com feliz exito acabou de levar ao mais alto grau a influencia que principiára a adquirir pelo nascimento e saber» .

«N'essa epoca a cidade estava sendo dilacerada por tumultos e discordias intestinas. Uma aristocracia oppressiva e espoliadora (os eupatridas) havia tomado posse de todos os cargos importantes e tratava cada vez mais de augmentar os seus privilegios e de fundar uma verdadeira oligarchia; uma democracia desconfiada (os hyperacrianos) opprimida, esmagada com as dividas e com a usura, forçada a ceder aos ricos a sexta parte dos seus productos e a deixar prender os seus membros nos laços da escravidão, despojada da sua terra, dos seus bens e da sua celebridade, sempre prompta e revoltar-se, e finalmente um terceiro partido (os paralianos) composto de negociantes de mediana fortuna, os burguezes d'esse tempo, cujos interesses estavam constantemente ameaçados pelas luctas das outras duas classes e que por isso desejavam ardentemente a segurança do commercio e um governo moderado. Tal era o estado da republica quando alguns cidadãos se lembraram de Solon para lhe confiarem a missão de reformar as leis e de acabar com a discordia dos partidos ».

«Solon não estava ligado a nenhuma facção, gosava completa independencia pela sua posição social e pelo seu caracter todos o consideravam um sabio e portanto ninguem teve duvida em o tomar para arbitro encarregando-o de dar uma constituição á republica e assim foi Solon eleito archonte unico no anno de 575. Logo que tomou conta do poder os grandes aconselharam-n'o a que o conservasse restabelecendo a seu favor a monarchia, mas elle recusou obstinadamente e dedicando-se com fervor ao desempenho da missão de que fora incumbido, tratou de conciliar os interesses oppostos sem grande abalo no estado, e quando depois lhe perguntaram se tinha dado aos athenienses as leis que julgava melhores, respondeu logo: São as melhores que elles podiam receber ».

«Começou por abolir a legislação de Dracon, muito severa para o caracter e costumes do povo atheniense e em seguida estabeleceu a forma do governo. A legislação chamada de Solon, geralmente considerada democratica é na realidade um mixto de aristocracia, um pacto de conciliação dos dois principios com precauções contra o espirito de mudança e inspirada pela idéa de immobilidade que caracterisa todas as legislações da antiguidade. Respeitando o principio da propriedade territorial e não querendo perturbar as fortunas existentes, Solon não quiz fazer a divisão das terras como os pobres desejavam, mas para minorar a miseria d'estes, decretou uma verdadeira abolição das dividas pela sua providencia da *sisachthia*, que consistia em deduzir do capital das dividas os juros já pagos e a elevar pelo embolso do resto o valor nominal da moeda ».

«Aboliu tambem a escravidão por dividas, acabou com o rigor das leis de Dracon conservando apenas as que diziam respeito ao homicidio e, fiel ao seu systema de pon-

deração e de equilibrio, ao passo que dava o poder soberano á assembléa do povo, formada de todas as classes de cidadãos, á qual ficou pertencendo a resolução de todos os negocios publicos, e a escolha dos generaes e dos magistrados, deixou os nobres e ricos unicos senhores da magistratura e creou ou reorganisou um senado que tinha a iniciativa das leis e que discutia todas as propostas antes de serem submettidas ás deliberações do povo ».

«Em seguida, dividiu os cidadãos em quatro classes, segundo a importancia dos seus rendimentos ».

«Os *pentacosiomedimni* (500 medimnos) os *triacosiomedimni* (300 e um cavallo), os zengitas (200 e uma junta de bois), os thetas (mercenarios) que comprehendiam os pequenos proprietarios e os artistas. Além destas classes havia ainda na Attica, como é sabido, os estrangeiros ou *metequas* que tinham uma legislação especial, e os escravos. As tres primeiras classes eram as unicas admittidas nos empregos e magistratura, a quarta gosava de direitos eleitoraes e podia dar aos tribunaes publicos juizes tirados á sorte nas tribus. O poder executivo continuava a permanecer nas mãos dos archontes e o areopago, composto de individuos que tinham exercido o archontado, ficou sendo o tribunal supremo para as causas capitaes, cabendo-lhes tambem a inspecção dos costumes, o exame do procedimento dos archontes e o direito de rever as decisões do povo ».

«Solon decretou penas paratodos os cidadãos que em época de tumultos se não declarassem a favor de um dos partidos e d'este modo pensava vencer a inação da gente honesta, obrigando a seguir a causa mais justa e a salvar a republica. Uma outra lei applicava a pena de morte a qualquer usurpador e permittia aos cidadãos tirarem a vida não só ao tyranno, mas tambem aos seus cumplices e aos magistrados que continuassem a servir depois da destruição da democracia. Entre as leis civis e criminaes promulgadas, por Solon notaremos a seguinte disposição: Todo o atheniense era moralmente solidario pelas offensas, insultos ou violencias feitas a qualquer dos seus concidadãos e tinha obrigação de accusar o aggressor perante os tribunaes » .

«O legislador conservava-se fiel á maxima que enunciara como philosopho: A cidade mais bem organisada é aquella em que todos os Cidadãos sentem a injuria feita a um d'elles e procuram a reparação com tanta energia como o individuo que a recebeu, etc. »

«Solon multiplicou tambem na sua legislação os meios de pôr o cidadão obscuro, ao abrigo dos attentados dos homens ricos e poderosos. A liberdade individual era considerada tão sagrada que só as leis podiam suspender o exercicio d'ella e o cidadão não podia alienal-a nem por dividas nem por motivo algum. Antes de Solon, o pae tinha direito de vender os filhos, mas o legislador não podendo abolil-o completamente, porque isso iria de encontro aos costumes athenienses, restringiu-o de modo que um cidadão não podesse em caso algum vender o filho e não podesse vender a filha ou irmã senão quando tivesse sido testemunha da sua deshonra. Consagrou tambem o costume de dividir egualmente pelos filhos a herança paterna e os seus regulamentos sobre commercio, agricultura, testamentos, tutella, doações, contractos, etc. continham disposições muito acertadas e algumas das quaes passaram para a jurisprudencia dos romanos e dos povos modernos. As leis de Solon não fallam no parricidio porque o legislador para inspirar mais horror a esse crime suppoz que não haveria ninguem capaz de o praticar. Uma das suas preoccupações foi assegurar duração ás suas obras e por isso quiz que os athenienses se obrigassem por juramento a observarem as suas leis durante dez annos e todas as corporações a jurarem sobre os altares dos deuses ».

«Resignando então o poder saiu de Athenas para ver como a sua constituição funccionava e foi viajar, dirigindo-se á Lydia e d'ahi ao Egypto, onde se estabeleceu nas boccas do Nilo, perto de Canope. Querendo estudar a sabedoria egypcia ligou-se intimamente com dois sacerdotes Psenophis de Heliopolis e Sunchis de Saïs, que eram os dois homens mais sabios do paiz e dos quaes colheu as tradições relativas á existencia da Atlantida ».

«Passando depois a viver em Saïs, cujos habitantes tinham em grande apreço os athenienses, partiu mais tarde para Cypre e ahi foi muito bem recebido por um principe chamado Philocyro e que para commemorar essa visita de Solon deu o nome do philosopho a uma cidade que pouco antes fundára ».

«A viagem de Solon á Lydia e os seus conhecidos colloquios com o rei Creso que subiu ao throno só no anno 500, quando o legislador atheniense já tinha voltado á patria, parecem apocryphos, mas citam-se frequentes vezes maximas que elle formulava então e se não são realmente de Solon pelo menos caracterisam bem os seus principios ».

«Apesar de tudo, as leis de Solon não tinham podido ahi implantar-se facilmente e quando o philosopho regressou á cidade já Pesistrato se havia apossado a pouco e pouco da confiança do povo e do poder. Não o exercia officialmente, mas tudo se fazia já segundo as inspirações d'elle. Pesistrato tentou lisongear o seu parente e amigo, mas este percebendo que nada o poderia dissuadir dos seus projectos ambiciosos, quebrou com elle todas as relações ».

«Como é sabido, Pesistrato julgando chegada a occasião propicia feriu-se a si proprio e coberto do seu sangue, fez-se transportar ao Agora gritando: "Athenienses, vede a recompensa com que devem contar os campeões do povo", o povo enfurecido dispunha-se a assassinar os adversarios de Pesistrato e foi necessario que Solon interviesse, usando dos restos da sua antiga influencia para acalmar essa excitação ».

«O grande legislador foi em seguida ter com Pesistrato e disse-lhe: "Representaste bem o papel de Ullysses, mas este ferio-se para enganar os inimigos e tu rasgaste a pelle para enganar os teus concidadãos", mas essas palavras em nada alteraram os designios do tyranno e a multidão votou que fosse concedida uma guarda de 50 homens a Pesistrato, cuja auctoridade soberana estava definitivamente estabelecida. Solon para não assistir á completa infracção do systema que criara, voltou ao Egypto, viveu ahi algum tempo na côrte do rei Amasis e suppõe-se que terminou os seus dias em 557 na ilha de Chypre ».

«Solon não pertencia a nenhuma escola philosophica ou para melhor dizer a sua philosophia, como a de Socrates, e dos estoicos era uma philosophia pratica e toda pessoal; como poeta pouco mais fez do que pôr em verso para mais facilmente se gravarem nas memorias alguns axiomas politicos que sem essa precaução de certo não passariam á posteridade; mas como legislador occupa um dos primeiros logares na historia da humanidade ».

«Os fragmentos que nos restam das obras de Solon foram publicados por Bach em 1825 ».

EPIGRAPHIA COLOMBIANA

Na importante revista *"El Grafico"*, editada em Bogotá, n. 513 de 7 de Fevereiro de 1920, deu publicidade o illustre escriptor Miguel Friana, a um artigo sobre *Las piedras Caribas*, fazendo-o acompanhar de varias inscripções lapidares, encontradas em regiões da Colombia. Para podermos offerecer razoaveis apreciações sobre ellas, somos levados

a pedir venia para reproduzil-as aqui, como ora fazemos. De outro modo, difficil seria demonstrarmos o nosso modesto juizo a proposito.

Respeitamos a abalisada opinião do autor, sob o ponto de vista tradicional e interpretativo, embora estejamos em contraposição de ideias.

A nossa divergencia torna-se evidente quanto á forma de decifrar essas inscripções, ás quaes consideramos como um valioso contingente que passa a revelar algo de importante sobre a prehistoria colombiana, these de que ora nos occupamos.

Segundo vamos demonstrar, estes interessantes exemplares não são senão contemporaneos e do mesmo estylo paleographico dos já em profuso numero interpretados. São elles os primeiros das regiões colombianas, que nos foram facultados estudar.

Conhecidas as nossas razões de ordem glyptographica e prehistorica no que importa ao nosso hemispherio occidental, limitamo-nos a interpretar mais estes monumentos, aliás dignos de admiração, gratos ao illustre escriptor referido.

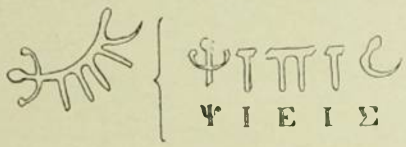


Fig. 1.694

Ψιεις, εσσα, εν, *Gloss.* feliz, afortunado.
R. φιλ *por* εφιλ.

*

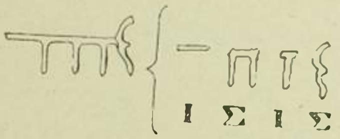


Fig. 1.695

Ισις, Isis, deusa Egypcia, etc.
Já descripta precedentemente.

*

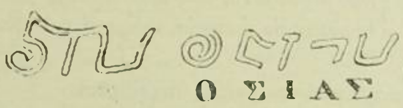


Fig. 1.696

Οσια, ας, (η), rito *ou* ceremonia religiosa, *e especialmente* exequias, funeraes; *muit. vez.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina *ou simplesm.* direito, justiça, legalidade, cousa permittida *alg. vez.* disposição de consciencia, etc

*

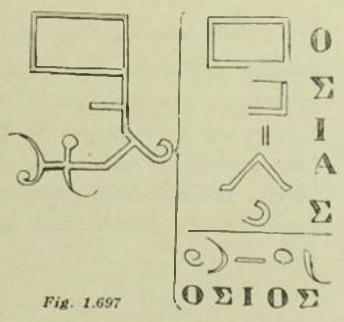


Fig. 1.697

Οσιας — como a precedente.

Οσιος, α, ον (*compar.* ωτερος, *supr.* ωτατος), conforme as leis da religião; permittido *ou* não prohibido por ella, *alg. vez.* profano, que não é consagrado, que se póde tocar sem crime; *muit. vez.* sagrado, justo puro, innocente, etc.

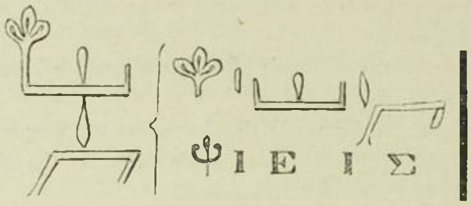


Fig. 1.698

Ψιεις: Feliz, afortunado, etc.

*

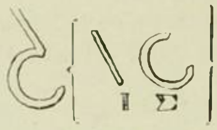


Fig. 1.699

ΙΣ, *gen.* ἰνός (η) fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

*

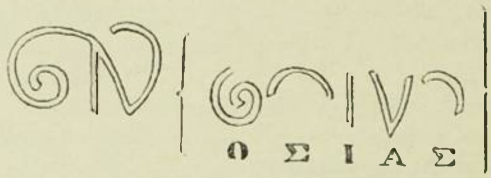


Fig. 1.700

Οσιας, Palavra já interpretada.

*

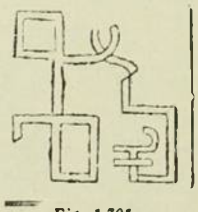
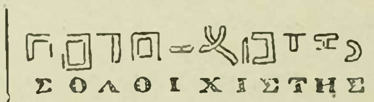



Fig. 1.701

Σολοικιστης, οῦ (ὁ), que faz solecismo (erro contra a syntaxe) *ou fig.* falta, erro, desmazelo, inaptidão, negligencia, inepcia, tolice, desalinho, preguiça, falta de prestimo, etc.

Palavra por muitas vezes encontrada em varias inscripções.

*

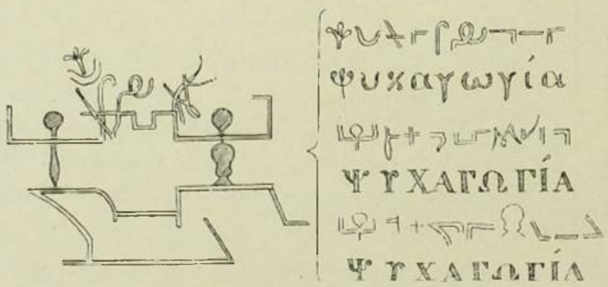
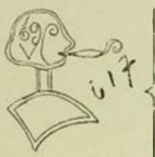
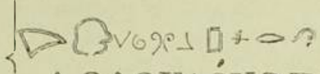


Fig. 1.702

Ψυχαγωγία, ας, (η), conducção das almas, *funcção de Mercurio*; maneira de pacificar ou evocar as sombras; *muit. vez.* attractivo, seducção, enlevo, divertimento; prazeroso, lisonja, doce insinuação, etc.

*





Δ ΟΛΟΠΛΌΧΟΣ

Δολοπλόκος, ος, ον, que urde, tece ou trama fraude, engano, dolo, ardil, malicia, etc. R. R. δ. πλέκω.

Fig. 1.703

*





ΔΟΛΟΠΛΌΧΟΣ

Como a precedente.

Fig. 1.704

*

A figura I está dividida em duas palavras iguaes.

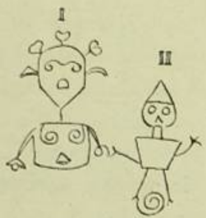
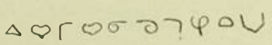
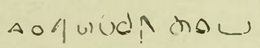


Fig. 1.705

I



ΔΟΛΟΡΡΆΦΟΣ



ΔΟΛΟΡΡΆΦΟΣ

=Δολοῤῥάφος, ος, ον, que urde ou tece intrigas, *alg. vez.* feito com astucia? R. R. δ. ῥάπτω.

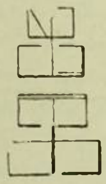
II



ΔΟΛΟΠΛΌΧΟΣ

Como as precedentes.

*



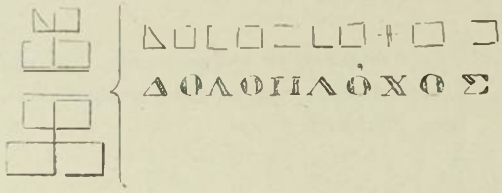


ΔΟΛΟΠΛΌΧΟΣ

Como as precedentes. Variante.

Fig. 1.706

*



Como as precedentes. Variante.

Fig. 1.707

*

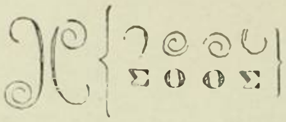


Fig. 1.708

Σοος, ος, ον, *Poet. d'onde a forma Atti.* Σῶς, ὦς, ὦν, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, etc.

*

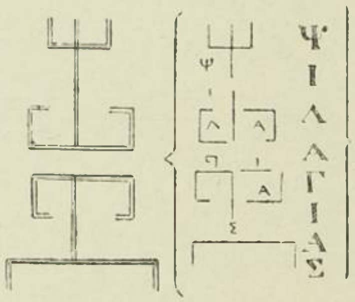


Fig. 1.709

Ψιλαγία, ας, (η), commando de um corpo de tropas ligeiras. R. *de* Ψιλαγός, οῦ (ὁ) commandante de tropas ligeiras. R. R. ψιλός, αγω.

*

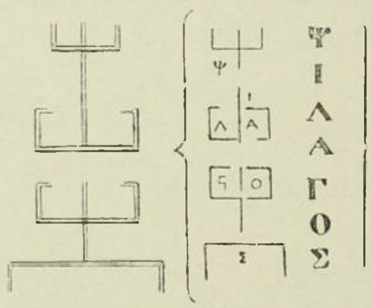


Fig. 1.710

Ψιλαγός, οῦ, (ὁ) commandante de tropas ligeiras, etc., conforme a interpretação precedente.

*

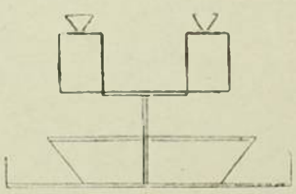
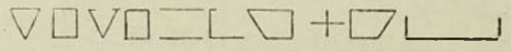
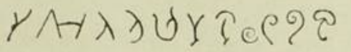


Fig. 1.711



Δολοπλοκός, palavra já precedentemente definida por vezes.

*



ΥΑΗ ΛΕΠΥΡΟΣ ΟΣΟΣ

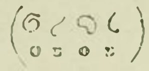


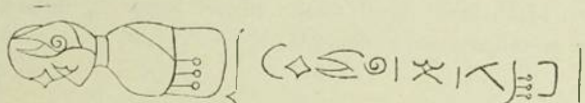
Fig. 1.712

ΥΑΗ, ης, (η), bosque, floresta *ou alg. vez. simplesmente*, matta, brenhas, *mais das vez.* madeira cortada, *ou* a cortar; madeira para queimar; madeira para vigamento; *por ext.* materiaes de construcção ou quaesquer materiaes, *donde figuradamente*, materia de que uma cousa é feita; assumpto de um tratado, de um discurso ou materiaes para compol-o *em termo de philos. e de theol.* a materia, etc.

ΛΕΠΥΡΟΣ, α, ον, rodeado *ou* cercado de uma casca *ou* escama. Λεπυρον, ου (το), casca *ou* envolucro *d'uma fructa*, concha *de nóz*, casca *d'um ovo*, capa *d'uma cebola, etc.* R. λεπω f. λεψω (*perfeitamente regular*) descascar, pellar, esfolar, *e em ger.* tirar a pelle, o envolucro *ou* a casca de uma cousa.

ΟΣΟΣ, η, ον, muito grande, muito consideravel, numeroso, etc.

*



Σ Θ Α Θ Ι Χ Ι Τ Ε Σ

Fig. 1.713

Como nas interpretações precedentes.

*

Segundo o autor, finalmente, estas figuras estão esculpidas em uma pedra plana, na parte superior, em forma de mesa oval, de uns tres metros de comprimento e eleva-se a poucos palmos do solo. Encontra-se na fazenda de *"La Ruidosa"*, municipio de Viotá. As ultimas, excluidas as duas variantes, estão localizadas na fazenda denominada *"Sevilha"*, municipio de *"El Colegio"*, correspondem a uma grande pedra de 10 metros de altura, tambem em forma de mesa e é conhecida por *Pedras dos funeraes*.

*

El Civilizador — Sob esta epigraphe encontrámos um bello artigo publicado em a importante revista *"Cromos"*, de Bogotá, N. 258 de 21 de Maio de 1921, pelo scientista Dario Rozo M.

Occupa-se do mesmo assumpto epigraphico e traz uma serie de inscripções lapidares, resumidas em uma estampa, denominada *"Piedras de Pandi"*, que reproduziremos, certo da justa acquiescencia do autor, para o fim de interpretação.

Profunda e valiosa é a opinião externada, que, muito nos merecendo, não nos demove entretanto, do nosso modo de pensar, já muitas vezes manifestado sob o ponto de vista glyptographico prehistorico. Com um breve confronto, portanto, entre os exemplares já interpretados e os de que ora trata o illustre autor, com grande erudição, facil será constatar a sua contemporaneidade e estylo paleographico, seguido e vulgarizado em todo o hemispherio occidental, mesmo em alguns pontos orientaes, etc.

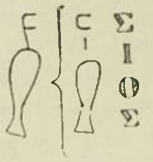


Fig. 1.714

Σιός, ῶ (ό) *Laced.* *por* θεος — ΘΕΟΣ Deus, o Ser supremo (ό, η) deus, deusa, Συν θεῶ σῦν θεοῖς, sobre a conducta d'um deus, com a idéa de Deus ou dos Deuses, etc.

*

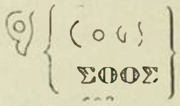


Fig. 1.715

São e salvo, que subsiste *ou* que sobrevive, etc.

*

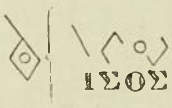


Fig. 1.716

Ισος, η, ον, igual, justo; igual unido; plano; justo, equitativo, etc. Palavra precedentemente definida.

*

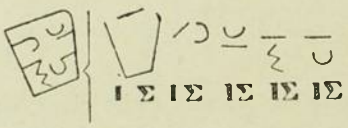


Fig. 1.717

Ις, *gen,* ινός, (η) fibra nervo, *por ext.* *Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

*

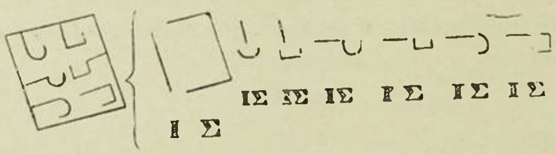


Fig. 1.718

*

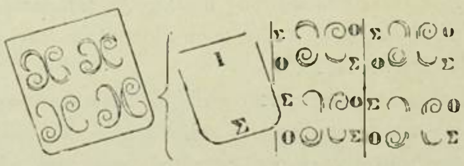


Fig. 1.719

Como as precedentes.

*

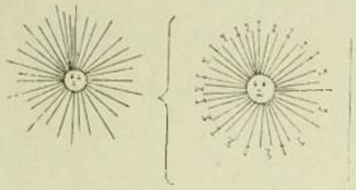


Fig. 1.720

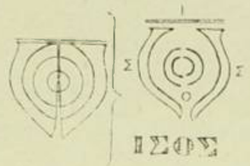
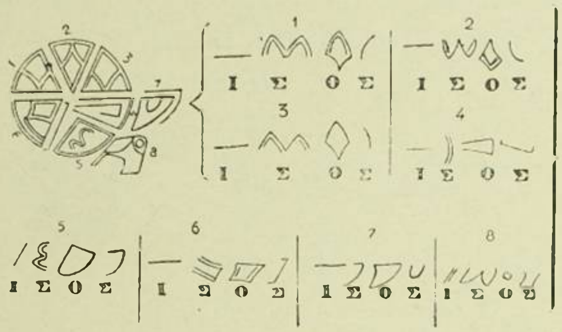


Fig. 1.721

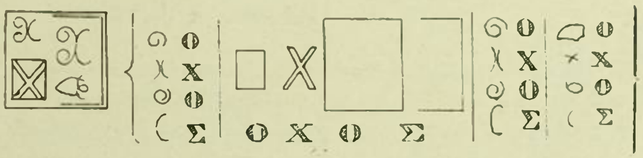
*



Palavras já definidas.

Fig. 1.722

*



Οχός, ος, όν, tenaz, firme, solido; *com o gen.* que retém, que contém, etc. R. ἔχω.

Fig. 1.723

*

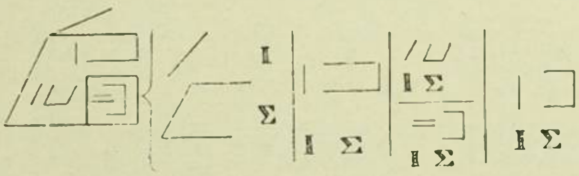


Fig. 1.724

*

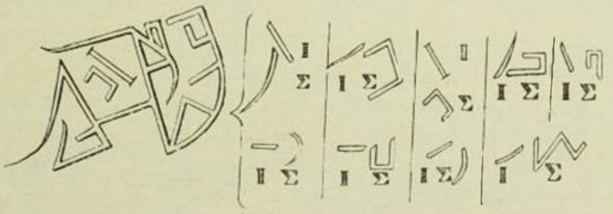
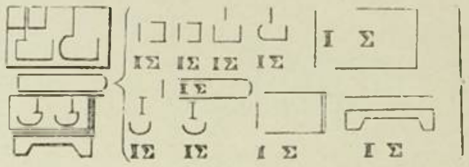


Fig. 1.725

*



Palavras já definidas.

Fig. 1.726

*



Fig. 1.727

*

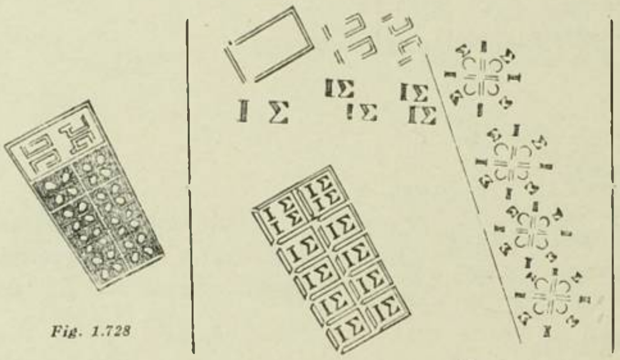


Fig. 1.728

Palavras já definidas.

*



Fig. 1.729

*

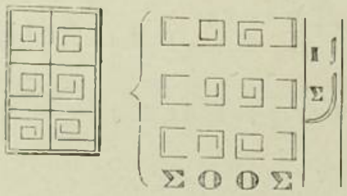


Fig. 1.730

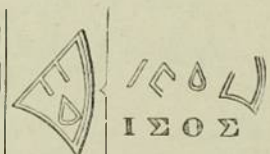
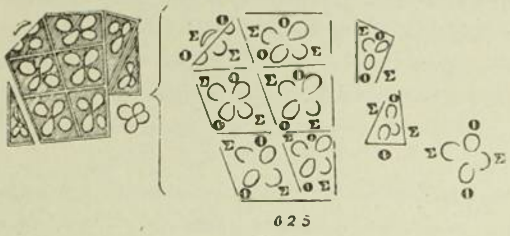


Fig. 1.731

*

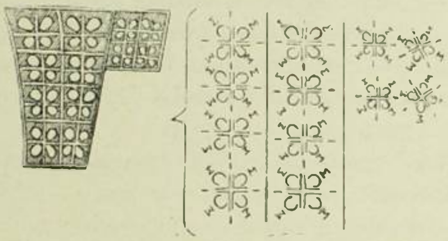


Palavras já definidas.

625

Fig. 1.732

*



Idem.

Fig. 1.733

*

Ao terminarmos estas linhas fomos agradavelmente surprehendidos com a offerta de um exemplar da importante obra do illustre archeologo Miguel Triana, denominada *"La Civilización Chibcha"*, publicada em Bogotá em 1922.

Valioso se nos afigura o trabalho, sob o ponto de vista tradicional e epigraphico, justamente o que tanto nos interessa, estendendo-se entretanto sob o ethnographico e outros, de modo proficientemente admiravel.

Termina o autor a sua bella introducção, com estas verdades, que reproduzimos textualmente:

> ". . . . . La relatividad de los tiempos y las circunstancias de aislamiento son factores que deben tenerse muy en cuenta para apreciar el grado de civilización que habian adquirido los Chibchas en el momento en que fueron descubiertos por los españoles".
>
> "En cuanto al autoctonismo que imponen a nuestro pueblo las circunstancias especialisimas de suelo, clima y antecedentes etnográficos en que se desarrolla, no se puede tomar en el sentido absoluto de aislamiento degenerador. Tan desacertado es, en efecto, que nuestro pueblo viva a merced exclusiva de orientaciones y recursos extranjeros, como que cierre su corazón y su mente a las influencias del mundo europeo. El cultivo de las ciencias y las artes de savia y modalidad indigenas, como para que se nutran y prosperen en un medio especialisimo, no excluye la posibilidad de la adoptación de principios y métodos universales a la mentalidad creada por aquel mismo medio. Que en un sentido ampliamente metafórico nos consideremos como hijos del terruño y que sobre

esta base fundamental de criterio orientemos nuestros estudios, nuestra psicologia, nuestra estética y nuestras industrias, para establecer el debido equilibrio entre nuestras inclinaciones y necesidades proprias y las reacciones y productos del suelo: tal debe ser nuestra aspiración patriótica, con el propósito de constituirmos en pueblo autóctono".

Sobre a Sociologia prehistorica e as emigrações de Magdalena, que muito nos interessam, fala-nos o illustre autor do seguinte modo, que passamos a resumir. Do mesmo modo temos feito a escriptos de varios autores, referentes a estes assumptos, no intuito de firmarmos solidos argumentos, para a solução do nosso problema prehistorico.

"Para tener una idéa," diz o autor, "de cómo serian nuestras costas, modeladas por las corrientes maritimas en los remotos tiempos antehistóricos, es preciso romper,con la imaginación el mapa actual y, cerrando los ojos al presente de las casas, reconstruir los contornos, los relieves y las hondonadas de los que, hoy, son rios regularizados en parte".

"La corriente de remolino que hoy vemos deslizarse a lo largo de la costa, desde la peninsula de la Goajira hasta la de Yucatán, a fuerza de lima y a golpes de ola al impulso del alisio, carcomia el terreno sedimentario inconsistente que las corrientes continentales del Atrato, el Sinú y el Magdalena iban aportando en arenas arrastradas de la cordillera en sus aguas enturbiadas por periódicos crecientes. Las ensenadas se iban profundizando y en esta colaboración constructiva, se pronuncian poco a poco los cabos y las puntas salientes, para definir una costa dentellada, crizada de escollas y sirtes. El mar penetraba en los bajos, valles de los rios, no colmados aun por la construcción aluvial, formando en las bocanas anchos y profundos estuarios, en los cuales el flujo y reflujo de las mareas lunares disputaban el curso de las aguas dulces y fomentaban la formación de los bancos coralinos, madrepóricos y conquilios donde hoy se extienden tranquilas las planicies sedimentarias conquistadas por la obra secular de los rios. Asi se explica la presencia de grandes depósitos de madreperla en el interior del continente a muchas leguas del litoral, como en Guamuco, por ejemplo, al pie del macizo antroqueño".

"La instabilidad de la costa que en un principio bordeaba las cordilleras en sus últimos estribaciones, como en el caso de Guamuco, determina incertidumbre en el curso inferior de los rios y cambios lentos en la conformación de sus deltas los cuales han venido a hacerse patentes al través de las edades, pero cuya inquietud persiste y podria comprobarse ante un proceso de siclos y aun por comprobaciones de mensureción contemporánea. El rio Magdalena parece que en tiempos remotos y quizás a presencia de los primeros colonos del litoral, cosa que podria comprobarse mediante estudios etnográficos, corria por el actual lecho del rio Rancheria, por detrás de la Sierra Nevada, hacia la costa goajira, hasta cuando calmó con sus detritus la garganta rocosa que separa esta Sierra de la cordillera madre, en las cabeceras del Valle de Upar. Tapado este sendero hizo su salida al mar por la Ciénaga Grande de Santa Maria, por donde todavia mantiéne desahogos por brazizuelos casi atascados por el limo, para las épocas de inundación. Dejó, sin

embargo, el rio al abandonar aquella antigua quarencia goajira, un nivelado valle en cuyo suelo fecundado se establecieron migraciones agricolas procedentes del Golfo de Maracaibo, las cuales abrieron senderas a la posterior incursión de Alfinger".

"La deriva de la corriente costanera que estalla en la bahia de Santa Marta, trajo en la prehistoria numerosas migraciones maritimas al nuevo estuario del Magdalena, por donde penetraron al abrigo de vientos importunos y pudieron expandirse arriba, aposentarse en sosiego y multiplicar sus generaciones al cariño de un suelo rico en sedimentos. Alli las encontraron los españoles, siglos después, en condensada población de tribus más o menos retardadas en su desarrollo sociológico, bajo la dependencia tributaria de los Taironos que ocupaban ya los cerros y explotaban alli las minas de oro .... »

«....Se apacigua el rio durante la época del estio y el mar también se muestra apacible y risueño al favor de la calma atmosférica, como invitando a los furtivos merodeadores del océano a explorar el ignoto continente que les ofrece sus misterios. Las chalupas de los isleños cruzan tranquilamente la barra sobre una corriente majestuosa, de más de una legua de anchurra, de linfas dormidas. La abundante pesca que les ofrece el rio, y la sombra de las palmeras cargadas de frutos que adornam las riberas, son incentivo para internarse más y más, pero el plazo de la puerta abierta es enganoso, y cuando pretenden regresar a sus acantonamientos antillanos, el mar azota enfurecido la bocana y les niega la sahida. Es preciso invernar bajo la fronda del bosque en esa tierra que por lo demás se muestra hospitalaria, devolviendo en espiga prometedora el grano que al azar cayó en su seo. Lo que fue fugaz cobertiza para corta posada, se convierte en cabaña permanente y la familia vagabunda se transforma en tribu, y la tribu en colonia. La pradera se extiende pródiga en favores hasta donde alcanza la vista; el río, como una Providencia, arrima a la barranca el vástago de la *musa paradisiaca* y la estaca de la yuca, que otras colonias más antiguas abandonaron en la vega fecunda allá, arriba en un pais ignorado que invita a la ventura; y de este modo, el caribe de las Antilhas, estrecho y hombreado en sus insulas nativas, establece una corriente migratoria con el rio como sendero, en honda visión lejana de tierras libres y generosas. A cada golpe de remo y a cada vuelta de la movible guia, una nueva aurora les señalaba más risueñas promesas. Asi fueron estableciéndose estas colonias viajeras, en éxodo continuo, por las vegas del gran río y sus trecientos afluentes. Alcanzaron el brazo cenagoso de Calamar, sendero de otras celosas migraciones oceánicas, y los canales laberinticos de Tamalameque y el Sisare y en sus islotes hallaron establecidas anteriores colonias cultivadoras de máiz; encontraron las bocas de Tacaloa, por las que inunda por una manta de vegetación acuática, procedente del ignoto Cauca, y por ellas invadieron un arrugado macizo, en cuyas aristas brillaban al sol el cuartzo cristalino y el oro fulgente, con lo que se fabricaron cienceles y diademas. Al cabo de una lunación de duro remar, se encuentra más arriba una barranca rojiza, formada por los derrubios del Carare y el Opón, y una meseta cubierta de palmeras de dulce sombrio, que se desprende como una antena de la inmediata cordillera, por cuyo lomo conquistaron las colonas el ambiente fresco y perfumado de una tierra de caricias agricolas, la cual labraron con la hachuela de silex y con la barreta áurea ».

"Desde la cumbre contemplaron el sendero recorrido que se perdia entre el bosque como una cinta amarillenta, y columbraron en lantananza nuevas promesas en un horizonte velado por la neblina y dorado por el mismo sol, padre de la vida, a quien tributaban sacrificios de sangre sus antepasados. Allá, tras de la serranía, estaba la casa de aquella soberbia divinidad y hacia ella caminaban las migraciones del océano".

"Cómo se apellidaban entre si y qué idiomas hablaban estas tribus que, después de errar a la ventura río arriba, iban tomando posesión de las faldas de las codilleras que ermarcan el valle? Agatacs quisieron llamar los españoles a esta parcialidad que subia hasta Vélez; asi como llamaron Muzos a la que entró por el rio Minero, a apropiarse de los yacimientos de esmeraldas de Furatena; Colimas a la que entró por el rio Negro; Panches a la que, más arriba, subió por las cañadas que forman el rio Bogotá, y Pijaos a la que seguió subiendo hacia Neiva por el alto valle de Magdalena. Pero todas estas parcialidades, aunque sufrieron la consiguiente diferenciación del medio, conservaron caracteristicas comunes, por las que los conquistadores españoles les dieron el calificativo general de Caribes, sin averiguar sus procedencias. Todos eran musculados, de alta estatura, de piel morena y de ágiles movimientos; feroces en la lucha e indomables al yugo extranjero, fueron calificados de antropófagos, acaso calumniosamente, y como andaban desnudos o poco menos, se les ha venido considerando después como seres de una naturaleza demasiado inferior e indignas de la misericordia de la Historia, cuando, probablemente, fueron herederos de una gran civilización. Se perdieron el idioma, las tradiciones y los costumbres y sólo queda de su paso por la tierra, tal cual piedra aonde ellos grabaron sus mitos y con los que commemoraron acontecimientos indescifrables de su éxodo. Se comcomprende que iban conquistando tcdo el territorio; pero al coronar las altas filas de la cordillera que soporta la mesa andina, tuvieron la sorpresa de encontrarse con una nación de hombrecitos vestidos, organizados socialmente, astutos e industriosos, que les cerraban el paso; eran los Chibchas, quienes se les habian antecipado muchos siglos en el señoría de aquel emporio".

Porque, pois, não illustrarmos o nosso trabalho, com os que são valiosos como este de de que ora nos occupamos? São argumentos e estudos profundos que revelam o alto criterio scientifico do autor, sobre tradições de uma região rica e grandiosa, limitrophe á nossa, com a qual tem communicações maritimas e terrestres. Nesta existem identicas inscripções epigraphicas e vestigios originarios dos mesmos emigrantes prehistoricos, como já demonstrámos em principio, tratando das inscripções do Rio Japurá e continuaremos a levar a effeito em seguimento, nesta ordem de breves considerações.

Em o Capitulo II, trata o autor das Migrações de Meta, de modo compativel com as investigações de varios e notaveis escriptores por nós já citados.

"En 1513, don Juan Ponce de León, descubridor de la Florida, comprobó por primera vez la existencia extraordinaria de un gran rio dentro del seno del Océano Atlántico, que parecia recoger las aguas del Golfo de México para llevarlas a las costas de Europa. Posteriormente se vió que esta corriente no nacia en el

Golfo, sino que venia de las costas de Africa, con tal velocidad que permitia hacer la travesia de Cabo San Roque en el Brasil, en menos de un mes, sin ayuda de remos. Más recientes investigaciones oceánicas demuestran la existencia de una corriente reciproca o contracorriente, en forma de remolino, en el mar Caribe, que permite hacer viajes de ida y regreso, en corto tiempo, entre las costas de la America Central y las del norte de la Republica de Colombia. A la merced de estas dos corrientes, conocidas sin duda por los navegantes de la prehistoria, muchos siglos antes de que las denunciara la ciencia moderna, se entregaban confiadas para sus excursiones comerciales y de conquista, asi las Colonias del Mar de las Antilhas, como las naciones de Africa y Asia cuyo poderio y grandeza, olvidadas ya, constituyen hoy el arcano indiscifrado de los orientalistas".

"No debió de ser deficil a Ponce de León descubrir esta gran corriente marina, que se diferencia del resto del Océano por su color muy encendido, su temperatura muy superior a la de sus orillas acuáticas y por su mayor salinidad, condiciones que la ponen en evidencia aun al marino menos observador. Tiene su verdadero origen en el Océano Indico, lame las costas del Indostán, Arabia y Africa oriental y contornea la punta meridional del continente negro, para entrar al Océano Atlantico. En este recorrido inicial está poco estudiada todavia esta corriente, por adolecer en esta parte de cambios de rumbo e intermitencias, cuya causa se ignora según anota el sabio Reclus en su libro *El Océano:* Sea como fuere, esta gran corriente, junto con la de Humboldtc n el Pacifico y la llamada Ruro Siva por los japoneses, constituye un poderoso sistema circulatorio que envuelve el globo y que ha servido para distribuir el calor y la vida en el planeta con la consiguiente migración de plantas y animales a los más remotos lugares. El hombre, lo más audaz, voluntarioso e inquieto de las criaturas, no podia sustraerse a esa ley general de arrastre hacia lo desconocido, al impulso de una fuerza gratuita, y asi hay quien haga historica la tradición de que, merced a ella, los japoneses viajaban a Alaska y que la misteriosa Comarca de Fusang, citada en los antiguos anales de la China era el país de los mexicanos".

"Pensando en las innumerables peripecias de la olvidada politica del lejano Oriente, con sus guerras asoladoras, de una crueldad espantosa; con la despiadada preponderancia de castas parasitarias; con la horrenda institución del anatema social, en la que el paria era considerado como una alimaña maligna y con las mil complicaciones de crisis y flagelos de toda orden, se comprende fácilmente el incentivo de las emigraciones en masa, de que tenemos como muestra el éxodo del pueblo de Israel a través del Desierto, durante cuarenta años de peregrinación. La desesperación del ausentismo impulsaba las caravanas a lo largo de las estepas solitarias, a través de riscos y montañas abruptas, créandose en el complicado viage todos los menesteres de la vida. Llegados los fugitivos a la playa del mar liberativo, en cuya masa esmeraldina palpita como una promesa de ensueños, se daban a la tarea de construir grandes arcas, como la legendaria del diluvio, para confiar a su amparo haciendas, altares, prole y penates: alli debia embarcarse la familia, la tribu, las instituciones consoladoras; en una palabra: la patria abandonada".

"Al mirar en el mapa el amplio délta del Orinoco, con sus siete grandes brazos y sus laberínticos canales por los que arroja al mar sen dos caudalosos, rios que

rechazan a muchas leguas las aguas salobres, asalta la sospecha de que por alli se deslizaron los primeros pobladores de América, procedentes del lejano Oriente. Ya los cronistas de la Conquista pensaron por ciertas creencias religiosas de los indios, semejantes a los del rito católico, que habia venido a América a predicar la doctrina evangélica algún ignorado apóstol, o bien por ciertos signos pintados en los petroglifos que los Fenicios habian incursionado por el *Nuevo Mundo.* Si se analizan algunas de estas creencias en relación con los ritos orientales y si se comparan gráficamente algunos de aquellos signos chibichas con los alfabetos fenicio, frigio e ibérico antiguo, se llega al convencimiento de que aquella corriente fortuita arroja a las playas americanas, con los navegantes perdidos en el Océano, un principio de civilización, del cual subsisten, al través del éxodo, vagos vestigios. A este propósito, y siguiendo el sentir de varios misioneros, dice el Padre Gumilla en su célebre libro *El Orinoco Ilustrado,* escrito en 1741, lo seguiente: A este modo, a Cam y a sus hijos les cupo la Arabia, el Egipto y el resto del Africa, y alguno de sus nietos o biznetos, arrebatados sus barcos de la furia de los vientos, como en su lugar diré; o de otro modo, desde el Cabo Verde pasaran al cabo más avanzado de toda la América, que está en el Brasil, y se llama *Fernambuco*" (1).

"Más adelante observa que los Achaguas y Othomácos, aposentados en algunos afluentes del rio Meta, circuncidaban a sus hijos, a la usanza hebrea".

"Unido la familia de rios que forman el inmenso Orinoco, con la intrincada y extensa red de canales con que el Amazonas se espande en todo el corazón dela América del Sur, ningun sistema de transportes podia ser más propicio para invadir y ocupar el prodigioso patrimonio que la tocara en suerte afortunada al segundo de los hijos de Noé!"

"El navegante de la prehistoria que, a merced de la corriente oceánica, penetró a la ventura por alguna de las numerosas bocas do Orinoco que se abren en 80 leguas de la costa, como un esparavel de pescar náufragos, sintió en la popa de su barca un viento enérgico que con fuerza misteriosa lo impulsó hacia el interior de un Continente inmenso, tan grande, tan bello, tan colmado de riquezas naturales, como jamás la fantasia del más loco soñador pudo concebir. El soplo de Dios impulsaba la piragua hacia un nuevo Paraiso terrenal! Alli no habia necesidad de trabajar para vivir, pués las árboles estaban cargadas de frutos al alcance de la mano, el bosque poblado de caza suculenta y en el rio pululaban los peces de carne deliciosa; alli no habia necessidad de disputar la posesión de la tierra, porque el territorio semejaba algo infinito y ofrecia antonces espacio holgado y libre a todos los habitantes del mundo, con sus prolificas generaciones, multiplicadas con exuberante poligamia al través de las edades; alli la industria era holgazana y no requeria más ingenio que el necesario para atar una bolsa, tejer una red y cubrir una techumbre. Al amor de tamaña ventura las migraciones oceánicas entraban y entraban sin cesar por las bocas del Orinoco, y al impulso del alisio que encrespa sus ondas durante seis meses al año, se internaban más y más por los incontables afluentes que contra el camiño del viento vienen de la cordillera lejana a acaudalar su corriente. En tales épocas del alisio la perezosa linfa del padre de las aguas continentales y la de su numerosa

(1) Vol. I p. 56.

prole parece que se moviera con rápido impulso hacia las ignotas breñas de su origen: una barca, abandonada al acaso, sube en vez de bajar. Tal es la ley seductora, providencial y ciega, a que estaba sometida la población de un Continente vacío".

"Los primeros ríos de altas aguas que encontraran los incursionistas del Orinoco fueron el Caroní, de aguas negras y corrientes inversas, y el Apure, en cuya boca se forman remolinos peligrosos. Por el primero pudieran subir a fuerza de remo y hostilizados por el viento hasta la Sierra de Paracaima en la Guayana, y por el segundo fueron más bien rechazados por su corriente presurosa; de modo que les fue forzoso seguir subiendo hasta la boca del Meta. Antes de llegar a ella encontraron un caudal agresivo que se les apuso en sua marcha, por lo que habieron de formar colonia en sus inmediaciones, la que se conoce con el nombre de Carichana, o Cariben, en recuerdo de quienes la fundaron: los Caras o Caribes".

"Persistentes en su empeño de proseguir las aguas del río, propasaron neciamente la boca propicia del Meta, para encontrarse de repente, con los formidables caudales de Maipures, después de 300 leguas de recorrido, los cuales atruenan estas soledades con el rugido de las cataratas durante catorce leguas".

"En un promontorio de basalto, inacesible, que se levanta allí como un atalaya del abismo, grabaron a cincel un jeroglífico imponente, el cual debía poner pavor en el alma de los sucesivos inmigrantes y que constituirá para eternidad de los siglos una incógnita sombría. Es un cocodrilo de 200 metros de longitud, en plática misteriosa con unos símbolos humanos: tal parece el guardián del sagrado río que dice a los hombres: Por aqui no pasaréis ! Retroceded !"

"Nadie ha podido subir después a aquel empinado altar del dios del río; solo una familia de papagayos que allí tenía sus vidas, se trasmitía de padres a hijos, cada trescientos años, como la consigna del pueblo que labró en el monumento una palabra misteriosa, Atures! Atures!..." "Y esta leyenda de los Atures se ha trasmitido entre los indígenas que han pasado por allí hasta nuestros tiempos".

"Las migraciones, entonces, abandonaron el Orinoco, y tomaron la vía del Meta. En qué época tuvo lugar ese acontecimiento ? La comparación del jeroglífico de Maipures, con los del Asia Menor que estudian los orientalistas, acaso podría suministrar un vago indicio del momento industrial, y artístico en que estuvieran las migraciones que invadieron el Orinoco, a fin de presumir una relación cronológica. Pero este recurso, de base hipotética, sin otros elementos de sustentación, sólo serviría para entrar en el laberinto de misterios que ha mantenido por largo tiempo irresolutos y desorientados a muchos sabios".

"Buscar, por medio de la regla de población, un término de la seria, hacia atrás, de un pequeño número de colonos, sería vano empeño por los múltiples elementos perturbadores del cálculo: entre muchas otras, la indeterminación del censo de las tribus encontradas por los españoles en la hoya del Meta. Ni siquiera se puede presumir a derechas por las datas de los cronistas cuál de tales tribus sería la predominante entre las innumerables, diferenciadas entre si por

idiomas, ritos y costumbres, ni a cuál de ellas se debería el establecimiento de un principio social, para considerarla primogénita. Perturbada la lei moral que disciplinaba los costumbres por la intromisión de nuevos preceptos, desmenuzado el fundamento de la autoridad, desplazadas las colonias por el huracán de la Conquista y casi exterminadas por la guerra, las depredaciones y la esclavitud sólo ha quedado allí el caos entre los despojos de un naufragio sociológico".

"Las tradiciones de los misioneros hablan de la numerosa que era en el Meta la nación Caribe, en la cual pueden hoy afiliarse muchas pequeñas parcialidades que andan rezagadas en la llanura cambiando de sitio y de nombre, ante la clasificación empírica de los viajeros. Altivos y despejados, se decían amos de la tierra, y por sus condiciones de dominio y agresividad los consideraban las otras tribus a quienes sojuzgaban, como hijos del Diablo, según los Achaguas, o como hijos del tigre, según los Sálivas, quienes sí se creían salidos de la tierra. Esta circunstancia y el recuerdo de la irrupción de los caribes hace presumir que éstos fueron los últimos ocupantes del territorio. Otra nación casi tan numerosa como la Caribe, era los Caberres, cujas características permiten confundirlos con aquéllos, o como de la misma familia".

"Esta parcialidad está poco menos que extinguida, y está refugiada en los rios Zame y Mataveni, donde hacen cultivos que viven cambiando de un lugar a otro, no habiendo perdido todavía sus atavismos nómades. Pero el tipo clásico subsistente como representativo actual de la raza caribe, en quienes se la puede estudiar para desvanecer prejuicios, como el canibalismo y otras de la laya, son las denominadas Guahibas, seguramente por una confusa pronunciación. En ellos se observa la condición vagabunda y de rapiña de sus primeros antepasados; se les encuentra por todas partes en el Llano y en sus ríos, como unos gitanos, con sus armas al hombro y sus hijos a la espalda, merodeando y haciendo cambios y contratos...
...."

São de alcance prehistorico, para nós, alguns topicos do presente Capitulo. Dentre elles alguns nos têm merecido a devida attenção em outra parte, occorrendo-nos os seguintes:

A monumental inscripção do crocodilho (que, como Ibis e Sistro, representam o Egypto na antiga mythologia) encontra-se com symbolos humanos em Maipures, segundo diz o autor, sendo de lamentar não virem reproduzidos em breves traços ao menos, o que daria muita luz ao assumpto. Comtudo — "Atures" lembra-nos, vagamente, levando em conta a natural confusão de pronuncia, ou letras desapparecidas com o tempo nas inscripções lapidares, a palavra grega:

Ατυχης, ες, que não tem bom exito, que não obtem ou não pode conseguir, *gen.* infeliz, desgraçado, *alg. vez.* culpado, etc.; de certa analogia ao caso, notando-se apenas a troca do κ em r.

Semelhante a esta palavra, notamos de passagem as seguintes, além de tantas outras:

Meta: *Μετά, *adv. Poet.*, depois, em seguida, atrás, após, etc.

Caberres: Καβειρίς ιδος, *adj. fem.* honrada em Cabire na Beocia, *epith. das nymphas*, Κάβειροι, ων, os Cabires *filhos de Vulcano, honrados em Lemnos pelas orgias.*

Na alta antiguidade, Lemnos era tambem ÆTALIA (ardente) por causa de uma alta montanha que vomitava chammas, o que a fez passar por uma das officinas e até pela principal residencia de Vulcano. O que a fez de grande reputação na antiguidade, foi o abandono de Philoctetes n'esta ilha pelos gregos que iam ao cerco de Troya, abandono que Sophocles immortalisou n'uma das suas mais admiraveis tragedias. Lemnos tinha no tempo do desenvolvimento da civilização grega duas cidades principaes, Myrina (hoje Paleo Castro) e Hephestia. Ahi se via um labyrintho que não cedia a primazia senão aos de Creta e do Egypto. Antes de cair debaixo do dominio romano, possuia, como Creta e todas as ilhas do mar Egeu, um governo republicano mixto. Passou para os venezianos, depois para os turcos, que ainda hoje a possuem.

Zames (rio): Ζαμενής, ες, *Poet.*, violento, furioso, impetuoso, cheio de colera, etc.
Ele (rio): Ελη *ou Att.* εἵλη, calor do sol; brilho do sol; queimadura do sol, etc.

As incripções, hoje interpretadas, definem sufficientemente a natureza, origem e a chronologia, das emigrações prehistoricas do Continente Americano, das quaes ora nos occupamos com interesse. E não foi senão pelo acurado estudo das primordiaes paleographias, que attingiram resultados felizes de suas prehistorias, a Assyria e o Egypto.

*

Passamo-nos a occupar agora dos — Petroglyphos em geral de que trata o illustre autor em cap. II, parte 3ª.

Pela seguinte preliminar, que ora vamos resumir, deduz-se que estes monumentos, encontrados nas regiões colombianas, guardam as mesmas disposições de outros do nosso continente e d'elles nos falam varios autores. Unanime, no ponto de vista epigraphico, de argumentos e commentarios, os julgamos entretanto, sufficientemente resolvidos pelas interpretações, que adiante offereceremos.

Vejamos a preliminar mencionada:

> "El viajero, o mejor, el excursionista que se interna en el país podría encontrar ocultas por la selva como encuentra tras de las matorrales de las tierras incultas o enmedio de los cultivos, ciertas piedras nativas cubiertas de figuras incomprensibles, trazadas por los aborígenas en tiempos más o menos remotos. Al hacer nuevos desmontes, después de la tala, aparecem estas piedras festonadas de musgos, aislados y alterneras en sitios eminentes, como mudas tesligos de una oscura época en que aquellos lugares estuvieron animados por la agitación de los hombres. Despojados del capote que como una montera las cubre, exhiben el mensaje olvidado de que están encargados y tal parece que en un lenguaje incomprensible quisieran decir lo que han visto. Los signos expresivos, trazados en ellas con el intento de que transmitieran a las generaciones el acontecimiento palpitante y el suceso trascendental que pasó, permanecem mudios. El signo la cifra, el rasgo inteligente, símbolos de idéas, que indudablemente revelaban un discurso o sugerían una emoción inquieta, se han paralizado al encanto del tiempo y no enconentran una mirada mágica que las despierte. En el desmonte, bajo la selva que se extiende al rededor, en la cañada, en la cumbre que

a ella conduce, en el amplio paisaje que se columbra a lo lejos, han sucedido el silencio donde hubo bullicio. Allí se agitó un pueblo atormentado por las pasiones, allí se movió la vida intensa de los hijos del dolor, allí se cumplió el drama de la humanidad. De todo ese bullicio sólo queda una piedra marcada con el rasgo del artista que acaso pretendió immortalizarlo".

"Esos señales de vida aparecen en muchas regiones de América. El hombre curioso que las contempla pretende en vano penetrar su misterio y el lienzo escuro de la prehistoria de los pueblos, cuya vida representan, teje hipótesis aventuradas. La imaginación del anticuario se lanza a explicaciones infundadas para descubrir en ellas la concepción de casas y entidades de que acaso sus autores no eran capazes y ha habido sabios viajeros que, en busca de una luz, interrogan sobre ellas candorosamente a los actuales indios, creyndo encontrar dentro de los oscuros cráneos vivos, cristalizada o como petrificada através de varias centurias, la idea que iluminó los cráneos muertos. . . ."

Restringiremo-nos, pois, a reproduzir as inscripções lapidares, dando-lhes a interpretação como temos feito; d'ahi a conclusão clara, do nosso modesto modo de ver, sobre a epigraphia americana prehistorica, da qual se vêm ocupando de muito, summidades scientificas, como ora o illustre autor de *La Civilizacion Chibcha*, tão notavel entre ellas.

Pag. 167 — "Jeroglifico tomado de una piedra situada sobre el rio San Sebastian, cerca de Puerto Cabello":

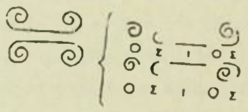


Fig. 1.734

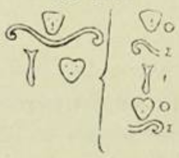


Fig. 1.735

῞ΟΣΙΟΣ, α, ον, conforme as leis da religião; permittido pela religião *ou* não prohibido por ella, *donde alg. vez.* profano, que não é ponto consagrado, que se póde tocar sem crime, *por opp. a* ἱερός; *mais seg.* santo, sacro; justo, conforme a justiça; puro, innocente, virtuoso; pio, religioso, etc.

*

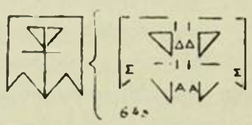


Fig. 1.736

῎ΙΔΙΟΣ, α, ον, proprio, particular, singular, especial, tomado no sentido proprio; que é do dominio privado *e por abreviat.* não consagrado, profano, etc.

*

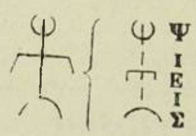


Fig. 1.737

†Ψίεις, εσσα, εν, *Gloss.* feliz, afortunado. R. ψιά *por* εψιά.

*

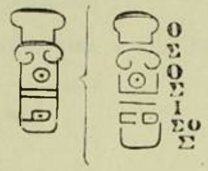


Fig. 1.738

῞ΟΣΟΣ, η, ον, quanto é grande; como consideravel e numeroso etc.

῏ΙΣΟΣ, *ou poet.* Ἶσος, η, ον, igual, semelhante; igual, unido, plano, equitativo, justo, etc.

*

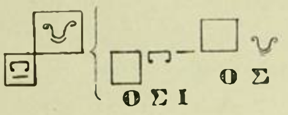


Fig. 1.739

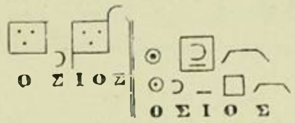


Fig. 1.740

*

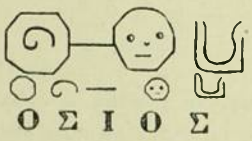


Fig. 1.741

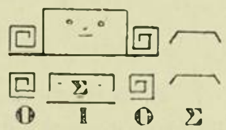


Fig. 1.742

*

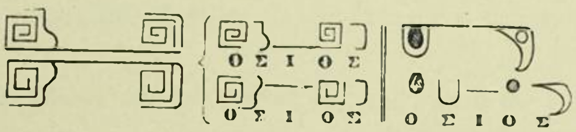


Fig. 1.743

*



Fig. 1.744

῾Οσία, ας, rito *ou* ceremonia religiosa, *e especialmente* exequias, funeral, *mais corrente*, o que é permittido pela lei divina, justiça divina, *ou simplesmente* direito, justiça, legitimidade, cousa permittida; *alg. vez.* desencargo de consciencia, o que se faz pela fórma, etc.

*

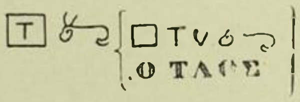


Fig. 1.745

῏Οτλος, ου, *Poet.* dôr, miseria, pena, mal. R. τλῆναι.

*

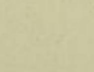


Fig. 1.746

Οἴ *interj.* ah! *helas!* Οἴ ἐγώ *ou* Οἴ ἐμέ, Οἴ με *mais seg.* Οἴ μοί *ou n'uma só palavra* Οἴμοι; *helas!* infeliz que sou! *Raras vez.* *ella exprime alegria, contentamento ou admiração.* Οἴ, é tambem *adv. de logar, etc, etc.*

*

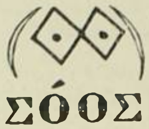


Fig. 1.747

* Σόος, ος, ον, *Poet. d'onde a forma Att.* Σῶς, ῶν são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive.

*

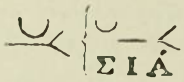


Fig. 1.748

†Σιά *Laced. por* Θεά, deusa.

*

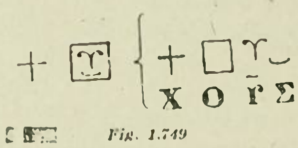


Fig. 1.749

Χοῦς (*contr. por* Χοῦς), montão, cumulo de terra, de areia; dique, molhe, alluvião, aterramento; tumulos *ou* collinas elevadas sobre um tumulo, etc.

*

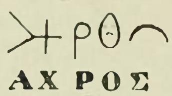


Fig. 1.750

*Ἄκρος, α, ον, que está ao poente, á extremidade, a um dos fins ou começo, que está no cume ou mais alto ponto; o mais alto ou elevado, *fig.* que está no mais alto grão ou plano; eminente, illustre; excessivo, extremo, *donde por ext.* pouco profundo, etc.

*


Fig. 1.751

*οδί ἡδί τοδί, *Att. por* ὅδε = Ὅδε, este, aquelle, *para designar uma cousa ou pessoa, etc.*

*

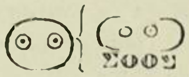


Fig. 1.752

Σοῦς, são e salvo, inteiro, etc.

*

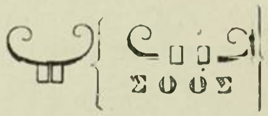
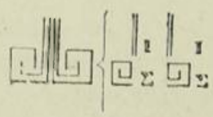


Fig. 1.753

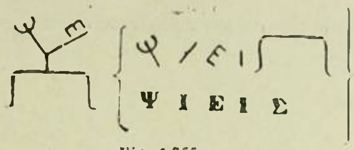
Como as precedentes.

*


Fig. 1.754

Ἴς, *gen.* ἰνός, fibra, nervo; *por ext. Poetag'.;ça.igvfoorl, evz.* impetuosidade, violencia, etc,

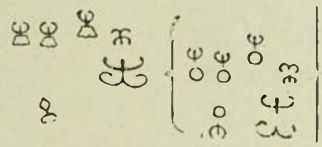
Pag. 168: "Piédra situada em el km. 53, al Sur de Cali".



† Ψεις, εσσα, εν *Gloss.* feliz, afortunado, etc.

Fig. 1.755

*



Ψῶ *ou* Ψὸ, *intr.* apage! apre! fóra! repetida 5 vezes. *Ὄψ, *gen.* ὀπός, *Poet,* vóz, *donde por ext.* palavra, discurso canto.

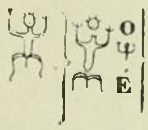
Fig. 1.756

*



ψω *ou* ψο como a precedente.

Fig. 1.757



'ΟΨΕ *adv.* emfim, por fim, etc.

Fig. 1.758

*

Pag. 187, "La caracteristica de Puerto Cabello en la región de Tequendama — Piedra de la leona".

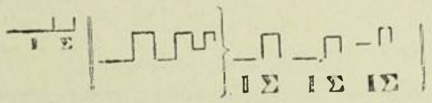


Fig. 1.759

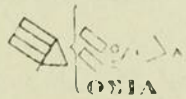


Fig. 1.760

*

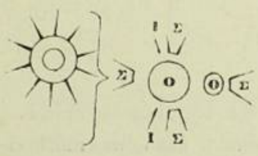


Fig. 1.761

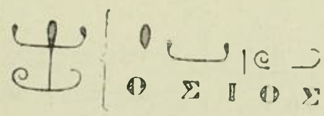


Fig. 1.762

*

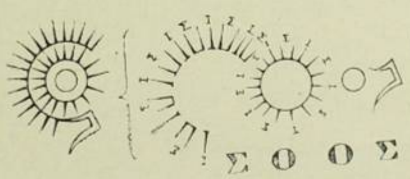


Fig. 1.763



Fig. 1.764

*

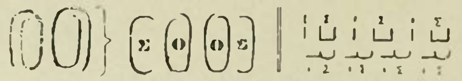


Fig. 1.765

Palavras cujas significações são conhecidas.

*

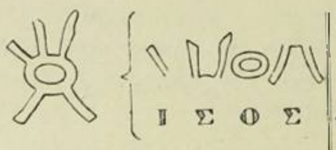


Fig. 1.766

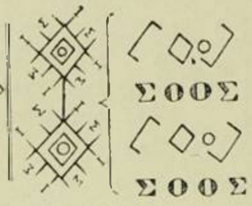


Fig. 1.767

*

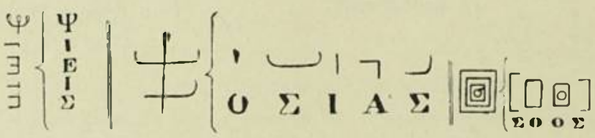


Fig. 1.768

Fig. 1.769

*

Pag. 188 — "Piedras de Facatativa".

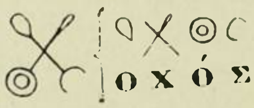


Fig. 1.770

'Οχός όν, tenáz, firme, solido; *com o gen.* que retém, que contém, etc.

*

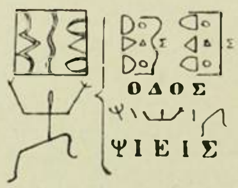


Fig. 1.771

'Οδός οῦ rumo; caminho; viagem; marcha; *alg. vez.* provisão de viagem; *fig.* via, meio; maneira, methodo, processo; doutrina, systema, *alg. vez.*, seita, etc.

ψιείς, palavra já conhecida.

*

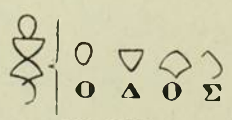


Fig. 1.772

'Οδός, como precedentemente.

*

Pag. 189 — "Las mitas de "El Bujió" — Municipio de Corrales".

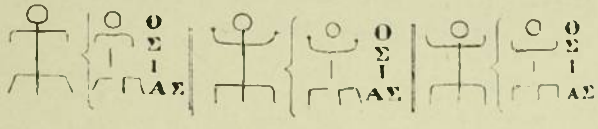


Fig. 1.773 *Fig. 1.774* *Fig. 1.775*

*

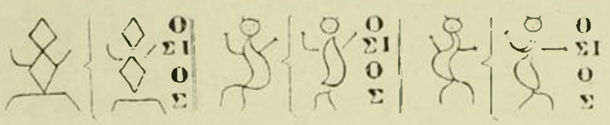


Fig. 1.776 *Fig. 1.777* *Fig. 1.778*

*

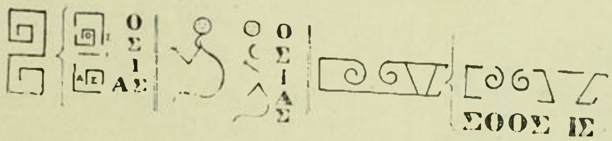


Fig. 1.779 *Fig. 1.780*

*

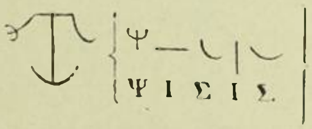


Fig. 1.781

† Ψίσις, εως, *Gloss.* acção de esmigalhar, dividir, retalhar; *alg. vez. por* φθίσις, destruição, morte?, etc.

*

Pag. 189 — "Piedra caribe de Duitama".

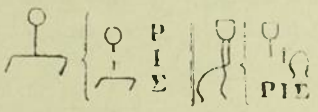


Fig. 1.782 *Fig. 1.783*

Ῥίς, *gen.* ῥινός, nariz, *por ext.* bico, focinho, *no pl.* as ventas. *Alg. vez.* canal, esgoto, etc.

*

Pag. 192 — "Región del puente de Boyacá".



Fig. 1.784 *Fig. 1.785* *Fig. .1786*

Λεία, ας, presa, despojo, saque: esbulho, pilhagem: furto, latrocinio, estrago, etc. Ganho, lucro, riqueza: rebanho, etc.

†Λεία *Gloss. como* λέα *ou* λεά, pedra do tecelão, *alg. vez.* instrumento para polir as pedras?, etc.

*



Fig. 1.787

* † Ἶδος, εος-ους, *Poet. Ion.* suor, *alg. vez.* calor que faz suar, tempo quente, verão, etc.

*



Fig. 1.788

† Σιός, ῶ, *Laced. p.* Θεός: Deus, o Ser supremo: (ὁ, ἡ) deus, deusa, etc.

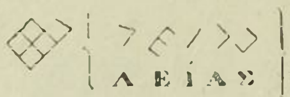


Fig. 1.789

Λείας, Palavra já interpretada.

*

Pag. 197 — "Ara donde se sacrificava al Moxa. (Debujo del autor, tomado del natur.)"



Fig. 1.790

Λαία, ας, *Poet.* assembléa do povo. R. λαός.

*

Pag. 203. — "Interessante y sugestivo simbolismo".

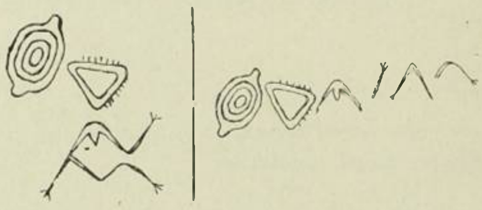


Fig. 1.791

ΟΔΕΙΑΣ marcha, viagem. R. ὁδεύω: f. εύσω, fazer caminho, viajar, etc.

*

Pag. 204 — "Será esta una idéa de la Creacion?"

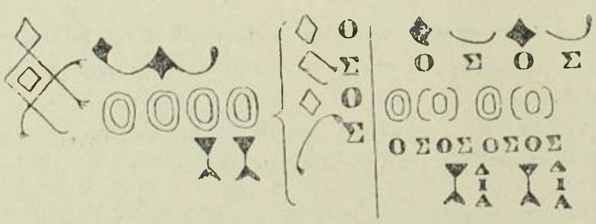
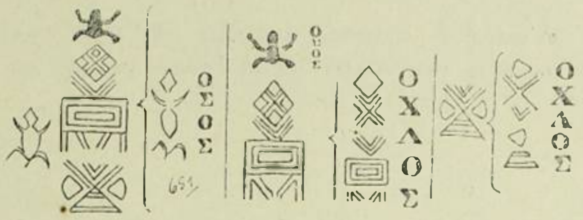


Fig. 1.792

Οσος, Palavra já conhecida. ΔΙΑ, *acc. de* Ζεύς, *gen.* Διός, JUPITER. † Δία, ων (τά) *Inscr.* festas de Jupiter. * Δία *ou* δῖα, ας, (ἡ) *P. fem. de* δῖος, etc.

*

Pag. 206 — "Conducción de una ofrenda".

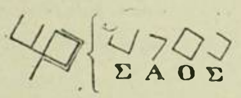

Fig. 1.793

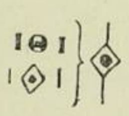
῞ΟΣΟΣ, η, ον, quanto grande, numeroso, consideravel, etc.

῞ΟΧΛΟΣ, ου, movimento, perturbação, tumulto, *donde por ext.* movimento popular, sedição; *mais seg.* multidão, grande numero; o baixo povo; assembléa do povo, reunião popular; *alg. vez.* embaraço causado pela multidão, *por ext.* contrariedade, tortura, etc.

*


Fig. 1.794


Fig. 1.795



῎Ιθι, 2 *p. s. imper. de* εἶμι, seguir. || *Como interj.* vamos! coragem! pois bem! então!



Σάος, ος, ον *Poet. e raro por* σόος *ou* σῶς são e salvo, bem conservado.

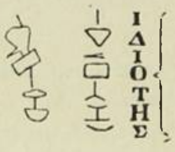

Fig. 1.796

† Ὕη, ης, (*o emprego do* ε *por* η). *Gloss.* pluviosa, *epith. de Semele mãe de Bacchus.* || Ὕης, ου, deus da chuva, que distribue a chuva, *epith. de* JUPÍTER *ou de* BACCHUS.

"SEMELE. Filha de Cadmo e da Harmonia, foi uma das muitas amantes de Jupiter. Illudida pelos perfidos conselhos da ciumenta Juno, que lhe appareceu sob a figura da sua ama Beroé, pediu ao deus que lhe apparecesse com todos os atributos da grandeza. Jupiter satisfez o pedido, mas Semele foi fulminada pelos raios que elle trazia.

Segundo a lenda, Jupiter escondeu na coxa até á epoca do nascimento, a creança que Semele trazia no seu seio e esse filho, Baccho, desceu mais tarde aos infernos, para d'ahi tirar a mãe e obteve de Jupiter que ella fosse admittida no Olympo entre os immortaes com o nome de Chioné ou Thyane".

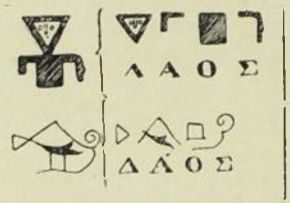
Pag. 208 — "Inscripções de Ramiriqui".



Ἰδιότης, ητος, propriedade, natureza particular. R. ἴδιος, α, ον, proprio, particular, singular, especial; que é do dominio privado, etc.

Fig. 1.797

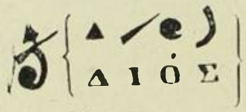
*



*Δάος, εος — ους, *Poet.* tocha, archote, *flambeau*; *alg. vez.* luz do dia, o sól propriamente. R. δαίω. || *Tambem* instrucção conhecimento? R. διδάσκω.

Fig. 1.798 Fig. 1.799

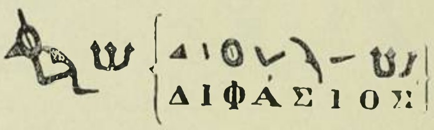
*



Διός *gen. de* Ζεύς, Jupiter.

Fig. 1.800

*



*Διφάσιος, ος, *ou* η, ον, *Ion.* que offerece dupla apparencia *ou* que é duplo. R. R. δίς, φαίνω.

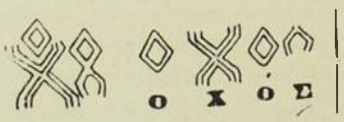
Fig. 1.801

Resumindo as tres ultimas palavras, teremos:

ΔΑΟΣ ΔΙΌΣ ΔΙΦΆΣΙΟΣ

A luz do día e o sol offerecem a mesma apparencia dupla de Jupiter

*



Ὀχός, ός, όν, tenaz, firme, solido, etc.

Fig. 1.802

*

Pag. 209. — "Tres inscripciones del *Adoratorio de Indias*, de Ramiriqui".

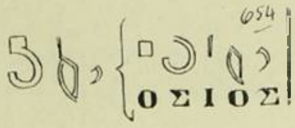


Fig. 1.803

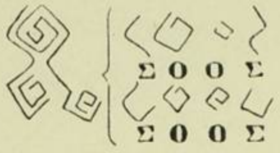


Fig. 1.804

*

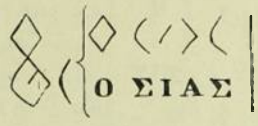


Fig. 1.805

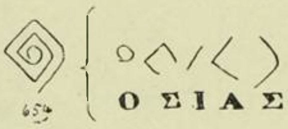


Fig. 1.806

*

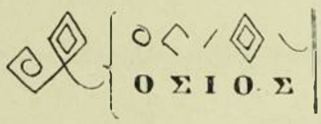


Fig. 1.807



Fig. 1.808

*

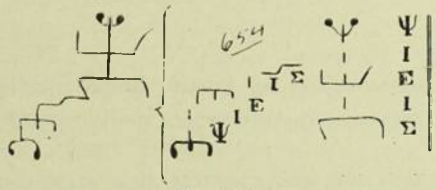


Fig. 1.809



Fig. 1.810

Λόγος, ου, palavra, linguagem, o que se diz; discurso *e particularmente* discurso em prosa; *donde por ext.* prosa; *alg. vez.* dissertação, tratado, narração, etc.

*

Pag. 212:



Fig. 1.811

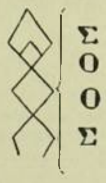


Fig. 1.812

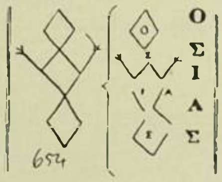


Fig. 1.813

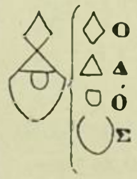


Fig. 1.814

ΟΔΌΣ, οῦ, rumo; caminho; viagem; marcha; *alg. vez.* provisões de viagem; *fig.* via, meio; maneira, methodo; doutrina, systema, *alg. vez.* seita, etc.

*

Pag. 217 — "Inscripción paleográfica chibcha," segundo diz o autor. E' entretanto semelhante ás demais e notavel pela fórma explicativa.

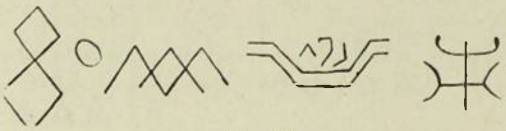
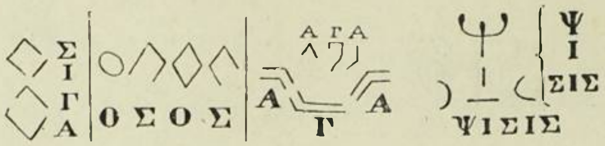


Fig. 1.815

*



ΣΙΓΑ, *adv.* em silencio; em paz. R. σιγή, ῆς, silencio *e por ext.* taciturnidade; *alg. vez.* calma, repouso. || *Ao dat.* Σιγῆ, *adv.* silenciosamente, secretamente, etc.

῾ΟΣΟΣ η, ον, quanto grande, quanto consideravel e numeroso, etc.

ἍΓΑ, ας, *Dor. por* ἄγη. ἍΓΗ ης, admiração, assombro, surpresa; inveja, despeito, enfado, colera; desdem, etc. — ἈΓΉ ῆς, *Poet.* fractura, quebramento, *alg. vez.* escolhos, perigos?

† ΨΙΣΙΣ, εως, *Gloss.* acção de esmigalhar, migar, *alg. vez. por* φθίσις destruição, morte? R. ψίω.

Assim temos um vago e interessante resumo:

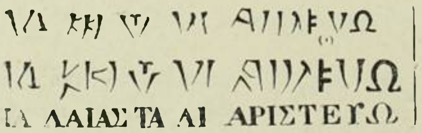
ΣΙΓΑ ῾ΟΣΟΣ ἍΓΑ † ΨΙΣΙΣ

SILENCIO!... QUANTO CONSIDERAVEL É O ASSOMBRO DA DESTRUIÇÃO E DA MORTE!...

*

O illustre autor trata de um achado em Duitama pelo Sr. Ignacio Borda Angulo á pag. 220, de um fragmento de ladrilho, que presume ser babylonico, com inscripção cuneiforme, que em seguida reproduzimos.

Observando-a, ligeiramente, concluimos que tem com effeito alguma apparencia com aquelles caracteres, mas faz crer antes, que se trata de uma imitação para o grego, como passamos a demonstrar com as devidas reservas:



— Com supressão da letra Λ—, sem razão repetida.

Fig. 1.816

ἸΑ, ᾶς, *Poet.* vozes, barulho, grito, clamor. R. ἵημι?

*ΛΑΪΑΣ, *Poet.* assembléa do povo. R. λᾱός.

ΤΆ, *nom. e acc. pl. neutro do art.* ὁ, ἡ, τό, (ο, Λ), *emprega-se tambem entre poet. e entre os antigos autores como demonstrativo e como relat., etc.*

† ΛΙ, *particula insep. por* λίαν, muito, em grande numero, extremamente, longo tempo, etc.

ΑΡΙΣΤΕΎΩ, f. ευσω, ser o melhor *ou* o mais bravo, poderoso; *gen*, distinguir-se por, ser eminente em, superar, etc. R. αριστος.

Pelo que se conclue este vago resumo:

•ΙΆ •ΑΛΙΑΣ ΤΑ†ΑΙ 'ΑΡΙΣΤΕΎΩ

O CLAMOR DA ASSEMBLÉA DO POVO É EXTREMAMENTE O MAIS BRAVO E PODEROSO

*

Eis finalmente as inscripções que julgamos mais interessantes, subsidio valioso, que, confrontado com o de outros pontos do globo, longo alcance attinge, amplifica a solução do nosso problema e cremos não haver mais razão para permanecer, como um ponto interrogante de esphinge, a prehistoria da America.

COLINAS SEPULCHRAES E INSCRIPÇÕES

Occupemo-nos ligeiramente embora, de dois assumptos interessantes de que trata De Nadaillac, em sua obra, por vezes citada "L'Amérique Prehistorique" — *Colinas Sepulchraes e Inscripções Lapidares.*

Referindo-se ao primeiro, do qual alguma cousa já temos resumido sob a denominação de *mounds buildres*, o autor explana-se detalhadamente em seus differentes aspectos. Falando das *colinas animaes*, diz-nos que, "de todos os *mounds*, sobre o solo Americano, os mais curiosos e controversos, são os que representam animaes (1). Encontram-se em Iowa, *Ohio, Illinois, Missouri, Indiana* e, em geral, em todos os Estados comprehendidos no *Far West;* mas o centro principal destas singulares erecções, parece haver sido o Wisconsin, onde se conta aos milhares (2). Estes de forma humana, cujo corpo, cabeça, braços, pernas são ainda reconheciveis, mamiferos que attingem a 60^{m}. de comprimento, aves (3) cujas azas têm 30^{m}. e mais de envergadura, repteis, tartarugas, lagartos de dimensões colossaes; ultimamente, ainda, M. Pidjem assignalava no Minnesota, uma immensa aranha, da qual o corpo e as patas cobriam uma geira de terreno (4). Estes mesmos monticulos, de formas diversas, são agrupados sem ordem apparente, ora ao lado de pyramides ou de cones trun-

(1) "Foram reconhecidos e descriptos pela primeira vez por M. W. Pidgeon, em 1853".

(2) "Alguns Americanistas, diz de Nadaillac, suppõem que as *Colinas animaes* foram talvez destinadas a reproduzir o *totem* ou o signo distinctivo da tribu. Eram muitas vezes aguias, lobos, ursos, tartarugas e rapozas. As fracas tradições que encontramos entre os Indios actuaes e os *Mounds-Builders*, permittem duvidar destas conjecturas". Demonstraremos, entretanto, em nossas seguintes interpretações, o que nos revelam essas figuras.

(3) Acaba-se de descobrir *mounds*, em forma de aves, no condado de Putnam (Georgia). E' um facto interessante, porque até o presente, não se conhece de monticulos sepulchraes semelhantes, alem dos dos Estados do Norte e de Oeste (*Bird Shaped Mounds in Putnam County* (Georgia) *Ant. Inst. of. Great Britain and Ireland, 1879.*

(4) Conant, l. c. p. 96.

cados, ora no meio de circulos ou parallelogrammes que os unem ás construcções de que acabamos de falar".

"E' sempre o mesmo pensamento, provavelmente o mesmo rito, variando só na forma".

"A Perwankee (Wisconsin) poude ver reunidos sete tartarugas, dois lagartos, quatro monticulos de forma elliptica. Uma das tartarugas, a maior que se tem descoberto até hoje, não mede menos de 450 pés. Um pouco mais distante, em Dane Couty, encontra-se em grupo de quadrupedes (1), bisões, segundo uns, pumas, segundo outros".

"Com muita paciencia pode-se reconhecer em outros pontos, ursos, lobos, pantheras, aguias, patos selvagens, garças reaes etc. e mesmo rãs."

"O que é mais certo, é a facilidade de perceber-se de longe esses monticulos nas vastas planicies de Oeste, embora essa altura raramente ultrapasse a 2m. e dessa muitas vezes a alguns centimetros" (2).

"Entre os *mounds* justamente celebres do outro lado do Atlantico, escolhemos uma figura humana" (fig. 1.817).

"Quasi que não é possivel haver duvida sobre a intenção que presidiu a sua execução. Uma tradição, mais ou menos antiga, quer que este monumento tenha sido erigido em honra de um celebre morto n'um combate. O pequeno monticulo collocado entre suas pernas teria sido consagrado á memoria do filho morto combatendo ao lado de seu pae. Pode-se igualmente citar o "Alligator de Granville" (Ohio) fig. 1.818, com o comprimento de 205 pés de corpo e 20 em cada uma de suas patas........"

Um simples lance de vista, porém, sobre as citadas figuras, induz-nos a interpretar os seus conjunctos, que revelam palavras bem significativas, sob combinações de signaes alphabeticos do primitivo grego, os mesmos que encontramos empregados na multidão infinita de inscripções esculpidas em quasi todo Continente Americano e alguns paizes, dos quaes ora nos occupamos.

E como demonstração, passamos a reproduzir as duas referidas figuras, e seguidamente damos as respectivas interpretações, bem como de uma terceira (fig. 1.819).

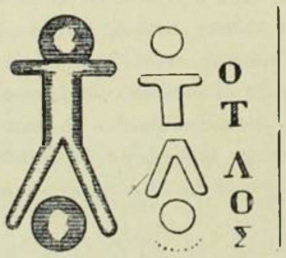


Fig. 1.817 —"Tertre figurando um homem"

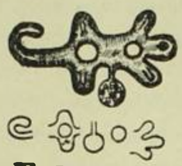
Dicc. Gr. cit. p. 1016: Οτλος, ου (ὁ) *Poet.* dôr, miseria, pena, mal.

R. τληναι.

*

(1) Seus comprimentos variam de 82 a 114 pés.

(2) Convem juntar, diz o autor, que as numerosas excavações que têm sido tentadas sob *mounds* desta cathegoria nada produziram até hoje.



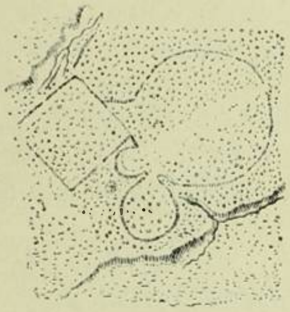
Σ Ο Ρ Ο Σ

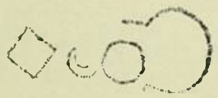
Fig. 1.818 — "Tertre representando um "Alligator" (Valle do Mississipe)"

Idem, p. 1300: Σορος. οῦ (ἡ) urna onde ficavam os ossos dos mortos, urna cineraria, *por ext.* sarcophago, caixão, esquife. *Comico* (ὁ, ἡ), personagem decrepita, esquife ambulante.

R. σωρος.

*





Ο Σ Ο Σ

Fig. 1.819 — "Grupo em Liberty (Ohio)"

Οσος, quanto grande e consideravel, etc. Palavra já interpretada por muitas vezes.

*

Vemos, portanto, que estes monumentos não obedeciam a simples fantasia, e sim, além de allegoricos, segundo M. Lapham, continham elementos com significações litteraes' A tradição não podemos excluir, em taes casos; vemol-a acompanhar sempre tudo aquillo em que a imaginação do povo não pode penetrar; algumas ha muito interessantes e poeticas.

A's folhas 133, da citada obra, encontra-se ainda uma outra figura que reproduziremos em seguida assim denominada "O homem e o clan, *tertre* situado no Wisconsim", do mesmo genero da precedente.

Descreve-a de Nadaillac: "Um grupo extranho eleva-se sobre a margem norte do Wisconsim e offerece aos exploradores um verdadeiro enigma (1), comprehende elle um clan de 180 pés de comprimento, collocado horizontalmente em uma representação humana de 160 pés, perpendicularmente ao primeiro".

"O homem apoia-se sobre uma escarpa de 80 pés de comprimento, sobre 6 de altura e 27 de diametro".

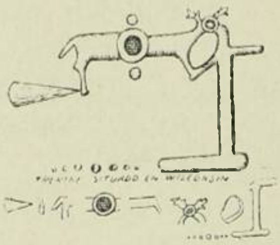
"Na mesma linha, vê-se uma serie de tertres graduados de forma conica; o maior apresenta o mesmo diametro d'aquelle, sobre o qual o homem se sustem. Será somente uma approximação casual? E' impossivel dizer-se. Os dois chefes do *elem* são desiguaes e a seus pés está um d'esses *tertres* conicos de grandes dimensões que significam a extincção de uma

(1) Conant. l. c. p. 32 e seg.

raça. Este grupo teria sido, conta-se, consagrado á alliança de duas tribus, das quaes o *elem* e o bufalo eram es *totem* ou as armas falantes. Estas tribus, outróra poderosas, esgotadas por longas e sanguinolentas luctas, tinham-se reunido para a defesa commum e sua alliança é indicada pela juncção da mão do homem e da pata do *elem*. Os dois *tertres*, á direita e á esquerda, eram altares sobre os quaes eram offerecidos, todos os annos, sacrificios á memoria da união das duas tribus. Uma camada de terra queimada de cinzas e de carvões attingindo até 14 polegadas de espessura, parece justificar esta funcção".

"Uma velha arvore criou suas raizes sobre os *tertres*; seus circulos concentricos attestam, uma vida de 424 annos; é o unico dado que temos sobre a idade deste grupo interessante".

Vejamos, agora, o que nos revelam, pela paleographia, as figuras em questão, subordinando-as ao estudo demonstrativo seguinte:



ΔΙΛΟΓΧΟΣ

Fig. 1.820

Dicc. cit., p. 378: Διλογχος, ος, ον, *Poet.* que tem dois lances. R. R. δις, λόγχη.

|| *Alg. vez.* duplamente repartido, que tem duas partes, duplo. R. R. δις λαγχανω.

*

É intuitivo, ao que parece, tratar-se apenas de um *tertre* subordinado a um engenhoso plano duplo, em cuja denominação graphica fora executado.

Tudo mais está bem disposto, como na figura antecedente, quer no sentido ideal ou tradicional, como interpreta o autor, quer no paleographico que ora offerecemos.

Sempre o mesmo systema caracteristico da vida indigena em acção, cuja ideia nos parece inadmissivel, em face das positivas interpretações levadas a effeito.

Vamos ainda proseguir no presente assumpto, que tanto nos seduz e que é um dos nossos principaes themas.

"O que eram portanto", diz de Nadaillac, "estes *mounds builders*, cuja existencia nos foi tão subitamente revelada? Donde vieram elles? Como desappareceram? São estas as interrogações que repetimos sem cessar e dominam todo nosso trabalho. Antes de abordar estas questões tão difficeis, tão insoluveis mesmo no estado actual dos nossos conhecimentos, é preciso descrever as ceramicas, os ornamentos, as reliquias de toda especie que restam como testemunhas destes homens. Seu estudo permittirá melhor reatar as cadeias que os unem ás outras raças americanas".

É o que de relance constitue este nosso emprehendimento, se bem que especializado ao Brasil Prehistorico. Somos, é verdade, forçado muitas vezes a ultrapassal-o, soccorrendo-nos desses elementos preciosos, associados a identico fim de Nadaillac.

No vertente caso, já demonstrámos pela paleographia o nosso modo de ver em relação aos *Tertres* e ora diremos de sua origem, que se deprehende, apparentemente, do estylo li-

near ou geometrico dos sumptuosos tumulos dos reis e de outras grandes personagens do antigo Egypto. Estes têm semelhança com o figurativo dos não menos engenhosos *Tertres* necropoles encontrados nas regiões da America, etc. Na seguinte demonstração vamos disto dar ligeira ideia, reproduzindo os desenhos que nos offerece M. Georger Benedite, tratando do Egypto. Entre elles temos os seguintes:

Tumulo do *flabellifére* Mérirá, *grande sacerdote do Disco solar*, um dos mais importantes em Tellel Amarna (necropole antiga), comprehendida no itinerario de Cairo a Thebas. Compõe-se de tres compartimentos, dos quaes dois são inteiramente decorados. No vão da porta de entrada, está representado Merirá, adorando o Sol, além de outros analogos assumptos que se seguem em forma decorativa.

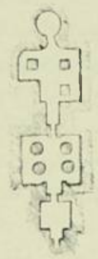


Fig. 1.821

O Tumulo do Rei Khounaton, descoberto por M. Barsanti, do Serviço das Antiguidades, situado em uma betesga que forma o barranco tortuoso denominado pelos Arabes *Darb el Melek*, cuja embocadura está quasi em frente de Hagi-Quandi.

O plano deste tumulo na parte superior termina dando uma vaga semelhannça á cacabeça de um crocodilo.

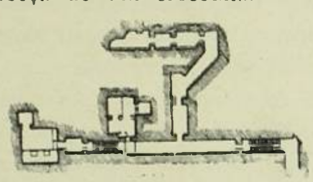


Fig. 1.822

O primeiro compartimento contem 5^m na peripheria e 4^m de altura e acha-se coberto de interessantes baixo-relevos, infelizmente muito arruinados. Limitam-se em recordar de forma duplice o systema de representação ou adoração do Disco Solar, bem como outras scenas proprias do tempo.

O tumulo de Pinehsi, que tem servido de capella aos Coptas. Ao exterior da porta de entrada encontram-se scenas de adoração ou figurando dois anões reaes e do defunto em baixo, á direita, scena identica na qual os anões reapparecem; o rei e a rainha figuram ornados com diademas compositos, etc.

Citemos ainda o *Tumulo de Ramsés II*, que está quasi inteiramente entulhado; as partes visiveis são as paredes do primeiro corredor.

Do plano ao lado, servio-se Champollion para dar suas impressões sobre este importante monumento. Entretanto, existem tantos outros, que nos podem com effeito auxiliar nesta concepção, embora um tanto vaga.

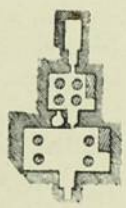


Fig. 1.823

Os *Mounds Boulders* não representam, por sua vez, uma rude apparencia das celebres pyramides do Egypto? Parece-nos, conseguintemente, que de algum modo, pode-se responder senão cabalmente ás interrogações do sabio autor, ao menos intuitivamente, com estas reflexões, acompanhadas do que nos tem revelado, não só as inscripções, como os nossos argumentos e provas no decurso do presente trabalho.

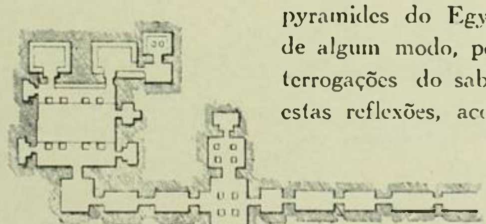


Fig. 1.824

O referido autor, em sua citada obra, pags. 248 a 257, tratando do assumpto de uma das nossas preliminares inscripções, assim se exprime:

"Um dos vestigios mais evidentes da população dos *pueblos* são as pinturas, as esculpturas, as gravuras sobre rochas, que se encontram no Novo-Mexico, no Arizona, no

Colorado [1]. Ellas deram origem a uma palavra nova, a *Pictographia*, da qual pedimos permissão para nos servirmos, embora não estejamos de maneira nenhuma persuadidos, como varios archeologos americanos, que estes homens pretendessem rememorar sua propria historia, os combates, nos quaes tenham tomado parte, suas migrações ou suas caçadas".

"As figuras são, em geral, tão ingenuamente traçadas, que os descendentes contemplando-as nada teriam podido comprehender dos altos feitos de seus antepassados. E' mais provavel que estas figuras, embora curiosas, não sejam, muitas vezes, mais que o producto da fantasia do pintor ou do esculptor".

"Não é somente sobre os rochedos, que se encontram as representações de que nos occupamos, os numerosos blocos desordenados da valla do Gila, são cobertos de grosseiras figuras de homens ou de animaes [2]. Mas é sobretudo nas margens do Mancas e do S. João e nos canhões que se estendem junto a Oeste, que estas pictographias abundam. Umas são gravadas em cruz n'uma profundidade que varia de um quarto a uma meia polegada". [3]

"Os outros são traços e grandes traços em côr encarnada e branca. Os primeiros são executados a alturas quasi inaccessiveis, demonstrando um consideravel trabalho. São elles obra dos Cliff-Dwellers? Tudo faz suppor, porque se encontram quasi sempre na visinhança de suas moradas. Acrescentamos entretanto que as inscripções e as figuras são muito raras, proximo dos pueblos e as observam como as mais antigas; as mais recentes entre ellas poderiam ser posteriores á conquista hespanhola. Sua apparencia só permitte affirmar, se uma d'ellas não representasse um cavallo [4], ora nós sabemos que este animal não era conhecido na America, antes da chegada dos conquistadores".

Estas razões, porém, julgamos nós que já não prevalecem, diante do que claramente nos têm revelado as proprias inscripções, em numero já consideravel, interpretadas, confirmando a opinião de sabios archeologos modernos e historiadores da antiguidade, por nós citados em principio.

Vejamos ainda a que reproduzimos em seguida, constante de pag. 251 de sua obra, a qual dividiremos em tres partes, segundo está constituida, fig. 1825):



Fig. 1.825 — "Pictographia á margem de S. Juan (N. Mexico)"

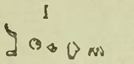
(1) Encontram-se igualmente inscripções no Texas. Contam-se, entre outras, as de Sierra-Waco, a 30 milhas d'El-Pas (Brancroft. I. c. t. 4).

(2) Bartlett. *Personal Narrative. t.* II t. p. 195, 206.

(3) Holmes, I. c. pl. XLII e XLIII.

(4) Holmes, I. c. pl. XLII p. 11.

I



ΣΟΒΟΣ

Dicc. Gr. Cit. p. 1300: Σοβος, ου (ὁ), deus lascivo, *sobrenome proprio dos satyros*.



È

Idem, p. 413: Ë *ou* È *Ion. e Poet. acc. do pron.* οὗ, οἱ, ἕ *emprega-se por* εαυτον, ην, ό, si mesmo *ou por* αυτόν ην, ό, elle, ella. || Εαυτοῦ, εαυτης, εαυτοῦ, *Attiq.* αυτοῦ *etc.* de si mesmo Εαυτῶ, ῆ, ῷ, a si mesmo, etc.



Σόος

Idem, p. 1300: Σόος, ου *Gloss.* arremesso, arrojo pl. Affectos; impulso do coração; elevação do espirito. Fig. Liberdade, livramento, excrescencia, engrandecimento, etc.



Ο Σ Ο Σ

Idem, p. 1013: Οσος, η, ον, muito grande, muito consideravel, tão grande como, tão consideravel ou numeroso quanto; todo aquelle que, todos aquelles que, etc.

RESUMO:

ΣΟΒΟΣ Ë ΣΟΟΣ ΟΣΟΣ

SOBOS, DE SI MESMO, É IMPULSO DO CORAÇÃO MUITO GRANDE E CONSIDERAVEL

*

II



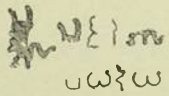


Σ Ο Β Ο Σ

É

ΣΟΟΣ

Já interpretadas.



ΣΩΣΩ

Idem, p. 1391: Σωσω, *f.* (*aor.* εσωσα, *perf.* σεσωκα, *part. pass.* σεσωσμαι, *aor.* εσωθην, *verbal* σωστεον ou σωτεον) salvar, conservar, *alg. vez. simplesmente* guardar; preservar, por em abrigo, etc.

RESUMO:

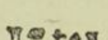
ΣΟΒΟΣ É ΣΟΟΣ ΣΩΣΩ

SOBOS DE SI MESMO É ELEVAÇÃO DO ESPIRITO A SALVAR E CONSERVAR

*

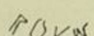
III





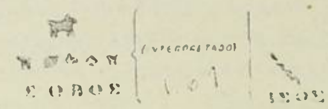
ΣΟΒΟΣ

Já interpretado.



ΓΟΥΝ

Dicc. Cit. p. 316: Γοῦν. *adv.* ao menos, pelo menos; portanto, assim portanto; isto é, quero dizer; *alg. vez*, por que, com effeito. R. γε, οὖν.



Idem, p. 704: Ἴσος, igual, semelhante; igual, unido, plano, justo, equitativo, etc.



RESUMO:

ΣΟΒΟΣ ΓΟΥΝ ΣΟΒΟΣ ΙΣΟΣ ΣΟΟΣ

SOBOS PORTANTO É O JUSTO SOBOS, EQUITATIVO, IMPULSO DO CORAÇÃO OU ELEVAÇÃO DO ESPIRITO

*

Occupemo-nos agora com a interpretação da immediata figura á pag. 251, sobre qual o autor se manifesta deste modo: "E' preciso tambem notar o machado symbolico, repetido muitas vezes nestas gravuras; sua forma recorda sem duvida os machados gravados sobre os monumentos megalithicos da Bretanha. E' este ainda um facto curioso, sem que seja preciso exaggerar a sua importancia".



Fig. 1.826 — "Pictographia das margens de San Juan (N. Mexico)"



Idem, p. 845: Λεοντηδον, *adv. Poet.* como um leão.

*



Idem p. 1.268: Ρυπαρευομαι, f. ευσομαι, ser deshonesto, sordido; agir vilmente, sordidamente.

R. ρυπαρος.

*



Idem, p. 1.607: Ψο *ou* Ψω, *interj.* apage! fóra irra!

*



BIAΣTHΣ

Idem, p. 282: Βιαστής, que emprega a violencia, que usa de constrangir; é o que adquire ou obtem pela força; é o que commette um roubo, um rapto, arrebatador, etc.

*



TO

Idem, p. 1.427: Τό, *neut. do art.* ὁ, τό, ο, α, e *Poet. do relativo* ὅς, ὅ, ἥ, que; o qual, o que, se, *empr. tambem para o demonstrativo* τοῦτο, este, esta, etc.

*



HYΣ

Idem, p. 660: Ηὔς, *ao neutr,* ἠύ, *gen,* ἠέος, (*acc. masc.* ἠύν) *Poet. por* εὖς, bom, bravo, forte, etc. || Εὖς *gen.* εηος *acc.* εuν. *Poet.* bom, bello, feliz, bravo, nobre. || *Ao gen. pl. neutr.* εαων, *tomado subs. neut.* bens, riquezas, credito, graças, etc.

RESUMO:

ΛΕΟΝΤΗΔΟΝ ΡΥΗΑΡΕΥΟΜΑΙ ΨΟ ΒΙΑΣΤΗΣ ΤΟ ΗΥΣ

COMO UM LEÃO, SER DESHONESTO OU AGIR VILMENTE, IRRA! É O QUE EMPREGA A VIOLENCIA, CONSTRANGE E ROUBA O BOM, JUSTAMENTE FORTE.

*

Eis, conseguintemente, inscripções bem interessantes e um tanto enigmaticas, como tantas outras, nas quaes preside o jogo dos mesmos caracteres e estylo figurativo, empregados em quasi todo continente americano, em sua valiosa epigraphia, como nas desvendadas, em alguns paizes, restando reflectir sobre a sua contemporaneidade.

Fala-nos ainda o autor á pag. 250 e seguintes, das gravuras sobre rochas, dentre as quaes cita uma sobre as margens de S. João, a 10 milhas dos arredores da embocadura de la Plata, figurando um longo sequito de homens, de animaes, entre elles, aves com longos pescoços e compridas pernas, dirigindo-se todos ao mesmo lado (1). Dois homens estão em pé, em um trenó atrellado a um *cervide*, que se pode suppor uma renna, seguidos de outros homens dirigindo a marcha. E' evidente que estas gravuras se prendam á migração d'uma tribu. M. Jackson, assignalava igualmente, proximo do Mac Elmo (2), um penhasco, coberto, sobre um amplo de 60 pés quadrados, figuras de homens, de *cervides*, lagartos, e M. Bandelieu (3) de pictographias donde o grão de erosão parece attestar a alta antiguidade.

(1) Holmes, l. c., pl. XLIII, fig. 1.

(2) *U. S. Geol. and Geog. Survey.*

(3) Ruines of Rio Pecos, p. 92 e seg

Ellas estão situadas proximo de Pecos, representando estampas de pégadas de homens ou de crianças, uma figura humana e um circulo muito regular, encerrando cupolas que se podem tambem approximar das que existem sobre nossos megalithicos (1).

"Sobre o Puerco e a ribeira Zuni (2), dos dois affluentes do Colorado Chiquito, têm sido assignalados desenhos que parecem verdadeiros hieroglyphos (3). Suas significações permanecem desconhecidas; nós não ouzaremos mesmo affirmar que ellas existam".

"Os rochedos que contornam o grande Lago Solé, junto de Utah, a actual Capital dos Mormons, são cobertos de esculpturas que lembram as do Egypto (4)".

"Algumas destas são figuras humanas, de tamanho natural, talhadas n'um granito livido, muito rijo, a mais de 30 pés acima do solo. Tudo se reduz, mostrando uma somma de trabalho do qual os Indios actuaes são incapazes, na difficuldade de execução que elles não saberiam remontar. A altura em que se encontra qualquer um destes exemplares, pode-se mesmo fazer presumir quanto á sua execução, um phenomeno geologico, tal como a depressão do lago por exemplo. E' uma hipothese a mais, a juntar-se ás que encontramos".

"A necessidade de reproduzir as figuras, os animaes, os sucessos que os haviam tocado, donde precisar o sentido para as inscripções, é um traço mais caracteristico das diversas raças americanas. Constata-se, sobre os rochedos de Ohio e do Wyaming, signos, onde se tem querido reconhecer os hieroglyphos (5). Entre estas gravuras, uma das mais importantes, encontra-se no condado de Licking; ella cobre uma superficie de 50 a 60 pés de comprimento sobre 10 a 12 de largura. Infelizmente quasi todas as figuras têm sido destruidas pelos emigrantes e d'ellas não restam mais que fracos traços. Citam-se igualmente as de Perrysburg, de Independencia (Condado de Ceeyahoga) e as do de Belmont. São verdadeiramente inscripções, hoje impossiveis de decifrar. Por vezes, ao lado destes signos, vê-se gravado um tridente, um harpão, um pé de urso, mão ou pé humano (6)".

"Em Vermont as rochas banhadas pela ribeira Connecticut, são igualmente cobertas de gravuras. Sobre uma d'ellas, pode-se reconhecer uma figura humana; sobre uma outra, vinte cabeças de differentes tamanhos (7). Muitas contêm sobre a fronte dois raios, dois cornos, tão visiveis; a figura do meio tem-n'os seis. Os olhos e as boccas são indicadas por buracos circulares, o nariz é supprimido quasi sempre. Uma gravura em Brattleboro é mais curiosa ainda: representa onze objectos differentes, mammiferos, aves ou serpentes".

Suspendendo, para proseguir adiante, a parte discriptiva, que tanto nos interessa, passamos a reproduzir e interpretar as seguintes figuras, á pag. 255 e seguinte, cuja execução, quanto ás primeiras, não será mais rasoavel attribuir aos Boschismans, que, como é

(1) "*Les Primiers Hommes*, t. I p. 277".

(2) "E' sobre as margens do Zuni, que se elevam as sete cidades de Ciobola, visitada em 1540, por Coronado e que são restos legendarios".

(3) Molhausen, *Tagebucheimer Roise vom Mississipe nasch den Husten des Sud See. Leipzig. 1858.*

(4) *Remy and Brenchley. A. Journey to the Great Salt Lake City.* London 1862, t. II. p. 362.

(5) Whittlesey, Am. Ass. Indianopolis (Indiana) 1871 — Th. Comstock. Id, Detroit (Michigan). 1875.

(6) Citam-se muitas gravuras, na profundidade de uma pollegada e meia.

(7) A maior destas figuras mede 20 pol. de alto; a menor, 5. G. H. Perkins, *Remarks upon the Arch. of Vermont Am. Ass.* Saint-Luzi. 1878".

sabido, "são uns hortentotes da Africa Austral e constituem a tribu mais embrutecida da sua raça. Os hollandezes deram-lhe esse nome, que significa homens dos bosques, porque andam sempre escondidos pelo matto. Quasi sem vislumbres de intelligencia, são dotados de uma actividade pasmosa". Além desta circunstancia, estas inscripções, como as seguintes, entram na mesma ordem e origem, das já em profuso numero interpretadas, pelo que, vejamos:



Fig. 1.827 — Encontrada na Africa Austral

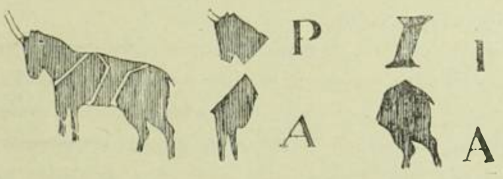
Idem, p. 1.258: Ραια, ας, (ἡ) *Gloss.* saude, convalescença, restabelecimento.

R. ραιζω—PAIZΩ, ir melhor, entrar em convalescença, recuperar sua saude, readquirir suas forças, *alg. vez.* repousar de, ser aliviado de, *gen.* R. ραῖος, *ou* ραδιος, facil, ligeiro, etc. SAUDE, tambem é salvação, segurança, e prosperidade.

Estado de perfeita conservação das funções do homem e dos animaes. *Lograr saude,* gosar, desfrutar, etc.



Fig. 1.828 — Encontrada na Africa Austral



A palavra Ραια, já está precedentemente interpretada.

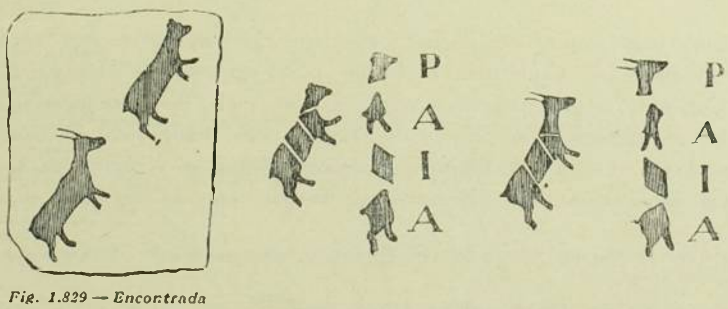


Fig. 1.829 — Encontrada na Africa Austral

De diversas formas, portanto, temos a mesma palavra PAIA, que seria talvez empregada em caracter de saudação ou, finalmente, como reclame, segundo outras anteriores.

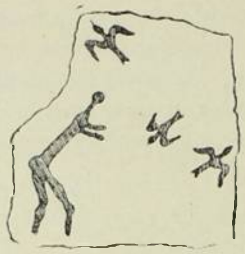
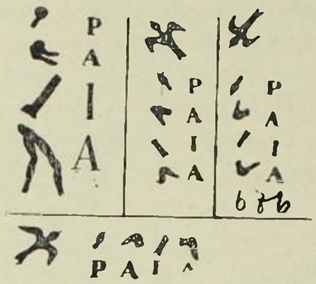


Fig. 1.830 — Sobre rochas na Africa Austral



Apezar de pouco interessantes, estas gravuras, não deixámos de incluil-as na ordem das interpretações, proseguindo como promettemos na parte discriptiva, tão interessante.

Assim é que, "das pictographias, semelhantes ás de Brattleboro" diz o autor, "é-se disposto ou inclinado a admittir uma grande antiguidade, vendo-se as paredes das cavernas de Nicaragua (1). Certas grutas situadas nas montanhas da provincia de Oajaca testificam igualmente o trabalho do homem (2). Mas aqui são pinturas bastante grosseiras traçadas a ocre vermelho. Entre ellas, distinguem-se impressas, mãos em cor negra; tambem as que Stepanes nota sobre os muros em ruinas dos edificios de Uxmol. M. Pinard, em sua viagem do Sonora, encontrou numerosas inscripções *sobre rochas* (3). Elle descreveu uma gravada em trez faces d'uma rocha basaltica proxima do Rio del Busanig. Ainda que ella seja das mais sumidas, consegue-se distinguir sobre a face norte, mão humana, abaixo dos circulos concentricos; mais baixo ainda, em grupo de quatro pequenos circulos em torno de um ponto central. A parte superior contem tambem numerosos buraquinhos redondos dispostos com uma symetria intencional; sobre uma rocha, que se eleva acima da primeira, traçaram muitos outros circulos. Estas figuras têm evidentemente uma significação por emquanto desconhecida para nós".

"Junto de Cahorca, ergue-se um monticulo rochoso de forma redonda, ao qual os Papagos deram o nome de Kaux-Ka. E' uma porção de rochas empilhadas, tendo, em suas superficies planas, numerosas inscripções hieroglyphicas. Em muitos pontos, pode-se ainda distinguir hieroglyphos mais antigos, uma serie de linhas ou de signaes symetricos; elles foram em grande parte obliterados por inscripções mais modernas, traçadas com tinta branca".

"Estas gravuras ou pinturas encontram-se em todas as regiões que foram outrora a America Hespanhola. Citam-nas junto do vulcão extincto, de Masaya, nos Estados Unidos de Colombia, nas margens do Orenoco, na Venezuela, onde seu estado de vetustez, mal permitte reconhecel-as; no isthmo de Darien, onde desde 1520, os conquistadores as constataram (1). O Tenente Whipple as descreve sobre os rochedos de Arizona (5) o professor Kerr sobre as montanhas Negras, junto das nascentes do Tennessee; e percorrendo

(1) Report. Peabody Mus. 1880. t. II, p. 716. Cita-se proximo de Nihapa uma serpente coberta de pennas. A imaginação do art. da-se a livre carreira.

(2) Brasseur de Bourburg. *Voy. sur l'isthmo de Tehuante*, pec. p. 123.

(3) Bul. Soc. Geog. sept. 1880.

(4) Diego Garcia de Palacios. Carta dirigida al Rey de España, año 1576.

(5) *Governement Report on the Pacific Railway Survey*.

as montanhas Brancas, entre as Cidades de Colombos (Nevada) e de Benton (California), encontram-se a cada passo, ora representações de homens e animaes, ora signaes indecifraveis (1)".

"Nem os Pah-Utes, que occupam a vertente Californiana, nem os Shawnees, que acampam perto de Colombos pretendem attribuir a origem d'ellas a seus antepassados, Por cerca de 20 milhas ao sul de Benton, a entrada segue um desfiladeiro estreito limitado de ambos os lados de rochedos quasi perpendiculares, elevando-se a alturas de 40 a 50 pés. Estes muros de pedras são cobertos de figuras; *não se conhece nem sua origem, nem sua data e nada até agora veio resolver ou revelar o nome destes artistas primitivos*. Os velhos habitantes do Tennessee, deixaram tambem pinturas sobre os penhascos que dominam seus grandes rios. Uns representam o sol ou a lua, outros mammiferos, o bisão por exemplo (2). Estas pinturas foram executadas com ocre vermelho e como as esculpturas de Utah, de que falamos, ellas estão em alturas quasi inaccessiveis. Um sol colossal gravado sobre um rochedo, que domina o Big-Horpeth, é visivel a muitas milhas de distancia. Em Buffalo-Creek, estes operarios desconhecidos desenharam um rebanho inteiro de bisões, marchando uns em seguimento aos outros. O Pe. Marquette, em sua viagem ao Mississipe, vio scenas semelhantes gravadas sobre as penedias, entre o Illinois e o Mississipe; e viajantes mais recentes attestam a fidelidade de sua narrativa (3)".

As mencionadas descripções, sobre tão importantes gravuras ou inscripções, deixam-nos a impressão clara de que são estas do mesmo genero das que tratamos neste trabalho e o futuro demonstrará.

E' opportuno, antes de terminarmos estas valiosas narrativas, passarmos a reproduzir as tres figs. 1831 a 1833, sobre rochas, encontradas em Algeria, segundo o autor, interpretando-as, como temos feito:

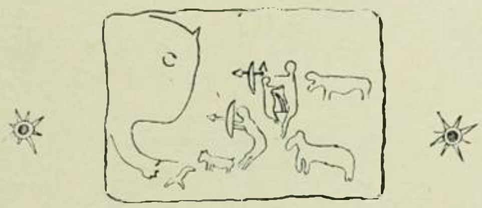


Fig. 1.831 — Gravuras sobre rochas em Algeria



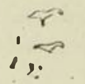
Idem, p. 704: Ισος η, ον, igual, semelhante; igual plano; igual indifferente; justo, equitativo, etc.

---

(1) Hoffman, Ethnog. Observ. on Indians inhabiting Nevada California and Arizona U. S. Geol. and. Geog. Survey. 1876.

(2) Jones, Antiquites of the Southern Indians, New York, 1873, p. 137.

(3) Voyages et découvertes du P. Marquette dans l'Amerique, septentrionale. Thevenat. Relation de divers voyages carieux Paris, 1681. J. G. Shea, *Discovery and Explorations of the Mississipi* Valley p. 41.



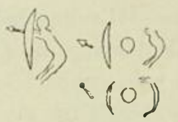
Idem, p. 701: Ις, *gen.* ινος (η) fibra, nervo; *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez*, impetuosidade, violencia. Ις Ηρακληος *ou* Ηρακληειη, *Hom.* a força de Hercules, *isto é*, Hercules, elle próprio, o possante Hercules.



ΒΙΑΣ

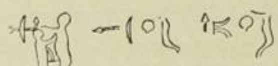
Idem, p. 281: Βιας, (η) força, pujança, violencia, constrangimento; acto de violencia, attentado, injuria, ultraje, etc.

*



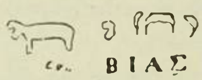
ΙΣΟΣ

Como a precedente.



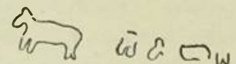
ΙΣΟΣ ΙΣΟΣ

*



ΒΙΑΣ

Já interpretada por vezes.



ΒΙΟΣ

Idem, p. 283: Βιος, ου (ο): vida, viver; subsistencia, bens, fortuna, a humanidade, a sociedade, a civilização; maneira de vida, estado, condição.

*



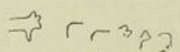
Fig. 1.832—Gravadas sobre rochas em Algeria



ΟΣΣΕΙΑΣ

Idem, p. 1013, Οσσεια οσσειας (η) adivinhação, predição; escrupulo religioso; presentimento funesto, etc.

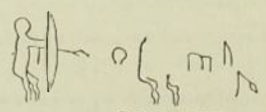
R. de Οσσευομαι



ΛΑΒΡΑ

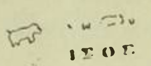
Idem, p. 833: Λαβρος, *ou alg. vez.* Λαβρα, ον, (*comp.* οτερος *sup.* οτατος) avido, voraz; rapido, impetuoso, colerico, forte, violento, etc.

*

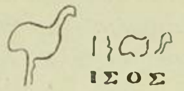


ΟΣΣΕΙΑ

Já interpretada.



ΙΣΟΣ | Já interpretada.



ΙΣΟΣ | Já interpretada.

*

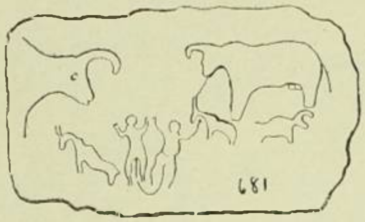
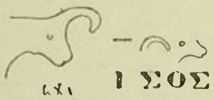
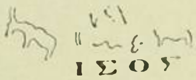


Fig. 1.833 — Gravuras sobre rochas em Algeria

*

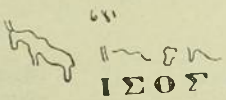


ΙΣΟΣ | Interpretada.

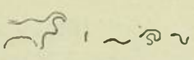


ΙΣΟΣ | Interpretada.

*

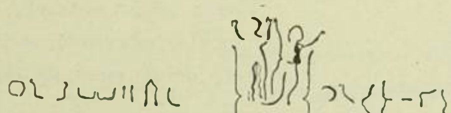


ΙΣΟΣ | Idem.

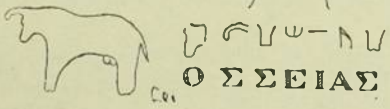


ΙΣΟΣ | Idem.

*



ΟΣΣΕΙΑΣ — ΟΣΣΕΙΑΣ | Interpretada.



ΟΣΣΕΙΑΣ | Interpretada.

*

As palavras ΙΣ e ΙΣΟΣ, temos encontrado por toda a parte e sempre com muitas repetições, como se fossem significativo lemma, sendo certo que traduzem sentimentos valiosos de ordem moral.

Ás pags. 472 e 473, o autor, tratando de varias inscripções, entre ellas, dá as seguintes figs.: 1834 e 1835 que, reproduzidas, as fazemos acompanhar das respectivas interpretações, sendo a primeira bem interessante.

Em leves traços, no intuito simplificativo, fazemos agrupar as palavras de que se constitue o pensamento, por quatro vezes repetido, só alterando as disposições dos caracteres, dados com admiravel arte pelos seus autores.

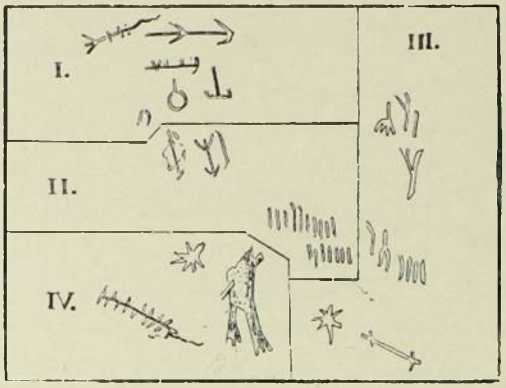


Fig. 1.834 — Gravuras em rochas sobre a margem direita do Rio doce

*

I.

ΛΑΙΤΗΣ | Idem, p. 835: Λαιτης, ου, (ο). *Neol.* homem do povo. R. λαος, povo *por ext.* multidão, ajuntamento, etc.

*

ΙΑΙΑΣ | Idem, p. 695: Ιλιας, αδος (η) Iliada, *poema de Homero.* R. Ιλιον, *nome Poet. da Cidade de Troya,* etc.

*

ΙΣ | Idem, p. 701: Ις, *gen*, ινος, (η), fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor, etc.

ΙΥΓΓΟΣ | Idem, p. 707: Ιυγγος, (η), pastorinhas, *vulgo* torcicollos, *passaro que serve para sortilegios,* sortilegio, encantamento, attractivo, encanto e seducção; *alg. vez,* desejo amoroso, etc.

*

Τ | Idem, p. 1429: Το, *neutr. do art.* ο, η, το, ο, α, e *Poet do rel.* ὅς ἥ ὅ, que, o que, o qual, o que, *emprega-se tambem em verso para o demons.* τοῦτο, este, esta, etc.

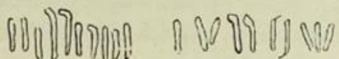
ΙΤΕ | Idem, p. 707: Ιτε, a, *p. p. ind. ou imp. pres. de* ειμι, seguir, acompanhar, ajustar, etc.

*

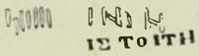
II

ΛΑΙΤΗΣ | Interpretada.

ΙΑΙΑΣ | Interpretada.



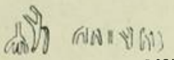
ΙΥΓΓΟΣ | Interpretada.



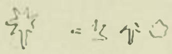
ΙΣ ΤΟ ΙΤΗ | Interpretada.

*

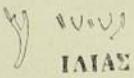
III



ΑΑΙΤΗΣ

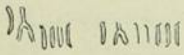


ΙΣ ΤΟ



ΙΑΙΑΣ





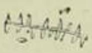
ΙΥΓΓΟΣ

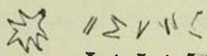


Ι Τ Η

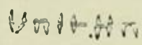
*

IV

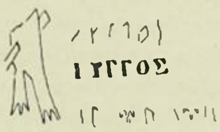




ΙΑΙΑΣ



ΑΑΙΤΗΣ



ΙΥΓΓΟΣ

ΙΣ ΤΟ ΙΤΗ

*

RESUMO:

ΑΑΙΤΗΣ ΙΑΙΑΣ ΙΥΓΓΟΣ ΙΣ ΤΟ ΙΤΗ

O HOMEM DO POVO QUE SEGUE A ILIADA É ENCANTADO E ROBUSTECIDO

São attrahentes ainda as referencias do autor, sobre diversas regiões da America do Sul, das quaes colligiremos conclusões elucidativas de outras autores, não só sobre a parte tradicional como epigraphica, offerecendo suas variantes gravuras, ás quaes passamos a interpretar. Antes, porém, vamo-nos deter sobre descripções dos sertões do Pará do Piauhy, etc. dos quaes diz o autor "encerram esculpturas em cavidades, attribuidas a populações desapparecidas ! Representam homens e outros animaes em attitudes as mais variadas; os homens, uns têm o corpo tatuado, outros são coroados de pennas; arabescos completam as scenas (1). M. Philippe Rey assignala na Serra da Onça, sobre os rochedos que dominam a margem direita do Rio Doce, desenhos traçados a ocre vermelho, ora

(1) Debret. voy. pitt. et hist. au Brézil depuis 1816, jusqu'en 1831. Paris 1839.

isolados, ora agrupados sem ordem apparente, (fig. 1835). Será isto uma inscripção e devemos attribuir a estes desenhos, uma outra significação que a do capricho do artista? Não ousariamos dizel-o; *qualquer interpretação parece impossivel* (1)".

«Na provincia do Ceará, rochedos ha, que recordam pelas gravuras de que são cobertos, os de Scandinavia; M. A. de Saint-Hilaire cita algumas semelhantes sobre os rochedos de *Tijuco;* M. Koster fala d'uma barca gravada em rocha (2) e tudo permitte esperar novas descobertas, a medida que os viajantes possam penetrar mais livremente nas florestas virgens, as savanas e os desertos, que cobrem a maior parte do territorio brasileiro. Ao norte, á zona das *Pedras Pintadas,* tal é o nome que se lhes dá, estendem-se nas Guyanas, dos montes Paracaima a Uruana ».

«Estes desenhos, segundo M. Humboldt, datam de épocas differentes e são devidos a populações muito diversas. Mas que populações são estas? O illustre viajante allemão nada suggere, que as possa fazer conhecidas ».

«Estas Pedras Pintadas encontram-se ao sul, como ao Norte, no Chile e no Perú, como no Arizona e Novo Mexico; por toda parte apresentam ellas uma analogia notavel ».

«E esta constante disposição que não se encontra no mesmo gráo, em nenhuma das outras populações do globo, é um caracter de raça difficil de conhecer ».

«M. Ameghino reproduz um grande numero de inscripções que discobriu no territorio da Republica Argentina e que se podem comparar ás do Brasil (3); ellas parecem mais complicadas, como se pode ver pela que reproduzimos, fig. 1.154; mostram uma arte mais desenvolvida e devem sem duvida datar d'uma época mais recente ».

«E' impossivel attribuir os desenhos do Brasil ou do Uruguay, ás tribus de raça guarany; nada permitte suppor que selvagens tão degradantes como nol'os descrevem, tenham tido a intelligencia e a vontade necessarias para traçar sobre a pedra, os objectos que impressionavam ás suas imaginações. A mesma observação se applica com mais força a um subterraneo de uma extensão consideravel excavado em uma pedra compacta e que os exploradores puzeram a descoberto nestes ultimos annos ».

«Penetrando nestes subterraneos *el Palacio,* tal é o nome que se lhe tem dado, fica-se surprehendido á vista de columnas colocadas a distancias regulares, supportando verdadeiras abobodas e convergindo todas a um centro commum (4) ».

«As excavações muito superficiaes, executadas até o presente, não deram senão algumas pontas de agatha; ora, a mina de agatha, a mais proxima, encontra-se nas margens do Rio Negro; será portanto de lá que estas pontas de flecha teriam sido trazidas. Nenhuma tradição séria se prende a estas construções; limitamo-nos a mencional-as, *juntando que a nossa ignorancia é completa sobre a época a que ellas possam remontar e os homens a quem são devidas* ».

Vemos consequentemente quantas conjecturas ahi ficam externadas, mas que, felizmente estamos convictos, encontrarão solução nas interpretações que temos executado,

(1) Bul. Soc. Anth., 1879. p. 732.

(2) Voyage dans la partie septentrionale du Brésil depuis 1809 jusqu'on 1815.

(3) "Pero los objectos mas notables, creo san las numerosas inscripciones sobre rocas que han descobierto en diversos puentos de la provincia. La Antiguedad del Hombre, t. I, p. 541, fig. 353 a 364".

(4) Mario Isola. *Caverna conocida por palacio suterreano de Porongos dep. de San José* (R. O. del U). Ameghino, l., c. p. 461 *El Siglo de Montevideo.*

e ora proseguimos com relação ás interessantes gravuras, constantes da p. 473 da obra citada, seprarando-as e augmentando-as para melhor comprehensão:

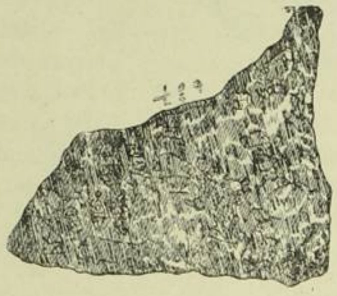


Fig. 1.835 — Rochedo coberto de gravuras. (Provincia de Zatamara)-



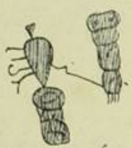
Fig. 1.836

Idem, p. 391: Δορυχοιρανος, ος, ον, *Poet.* que reina pelo direito das armas.

R. R. δορυ κοιρανος.

*

Fig. 1.837



Idem, p. 391: Δορυ, *gen.* δορατος *e* δορος, *ou Poet.* δουρατος, δουρός, *gen. pl.* δουρων *ou Poet.* δούρων, *dat. pl.* δορασι, *ou Poet.* δορασι, δουρεσσι (τό), haste de lança, madeira, tronco, canna, *e por ext.* lança, alabarda, dardo, azagaia; *Poet. sceptro; alg. vez. sobretudo no dat.* guerra, combate, força das armas; *Poel.* exercito, *e alg. vez.* navio, frota, etc.



Idem, p. 391: Δορυξενος. ος ον, *Poet.* prisioneiro de guerra, a quem o vencedor restitue a liberdade e trata como hospede, *donde por ext.* hospede; amigo; *alg. vez.* enviado para tratar do resgate dos prisioneiros.

R. δ. ξενος.

*



Fig. 1.838

Idem, p. 391: Δορος, *Poet. gen sing. de* δορυ, desta palavra já tratámos acima.



Fig. 1.839

Idem, p. 281: Βία, ας, (η), força, pujança, constrangido, violentado, obrigado sob força, violencia, sujeição, ultraje. || Βια Ηραχλεους, a força de Hercules *e muitas vez., segundo os poetas, o proprio Hercules, etc.*

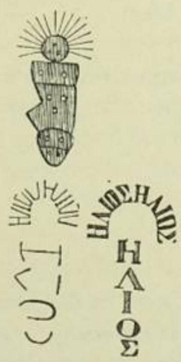


Fig. 1.840

Idem, p. 650: Ηλιος, ου (ό), SOL. *alg. vez. por ext.* meio dia, etc. Divindade mythologica já descripta.

*



Fig. 1.841

Idem, p. 1.285: Σιτηρέσιος α, ον, *Gloss.* que concerne aos aprisionamentos.



Fig. 1.842

Idem, p. 1.300: Σολοιχιστής, ου (ὁ) que faz solecismo *ou fig.* erro, falta, negligencia, inepcia, descaso, etc.



Fig. 1.843

Idem, p. 1.020: Οὐρανος, οῦ (ὁ). céo, céos, abobada celeste; *por ext.* o ar, o clima, etc.

*

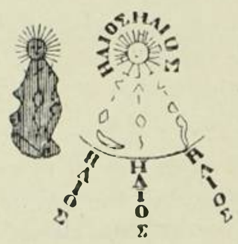


Fig. 1.844

Como a interpretação precedente.

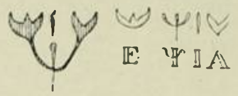


Fig. 1.845

Idem, p. 637: Εψια, ας, (η) *Poet.* jogo, divertimento, passatempo, recreação, diversão, engano, subterfugio, zombaria; conversação familiar, R. εψω, etc.

*



Fig. 1.846

Idem, p. 997: ΟΠΑ, ας. *Dor. por,* ὄπῆ — ΟΠΗ, *adv.* por onde; em que logar; como, de que maneira. Οπη περ *ou* οπηπερ *m. sin.* Οπη αν. *com o subj.*, por qualquer lado que; em qualquer logar que, de qualquer maneira que. Οπη οὖν *ou* οπηουν, ὅπητιοῦν, οπηποτε. οπηδηποτε, em que lado ou de qualquer maneira que seja. Ἔσθ᾽ ὅπη, algumas vezes, por vezes. R. πῆ.

*



Fig. 1.847

Idem, p. 1.300: Σολοιχοφανής, ής, ες, que tem apparencia d'um solecismo. R. R σολοιχος-φαινω.

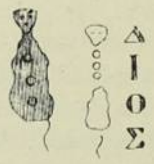


Fig. 1.848

Idem, p. 381: Διος, α, ον, *Poet.* divino; *da-se mut. vez. por epith. aos deuzes e aos heroes:* divino, *isto é, excellente, admiravel; alg. vez.* prodigioso, immenso.

*

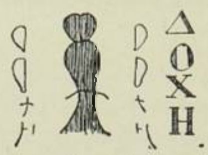


Fig. 1.849

Idem, p. 393: Δοχη, ῆς. acolhimento hospitaleiro, agasalho, recepção, festim, regalo; receptaculo, navio, reservatorio, *alg. vez.* medida para liquidos, etc.



Fig. 1.850

Idem, p. 283: Βιος, ου, (ο): vida, viver, subsistir, a sociedade; a civilisação, maneira de viver, estado, condição, costumes, usos; bons costumes, moral. Βιος, || ου, (ο), arco, *propriamente* o corpo do arco. R. ζάω ?

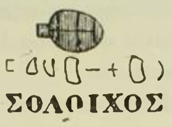


Fig. 1.851

Idem, p. 1.300: Σολοιχος, ος, ον, (*comp.* οτερος, *sup.* οτατος), defeituoso, incorrecto, *falando de linguagem:* erroneo, contrario ás regras da grammatica; *ou fig.* esquerdo, grosseiro, absurdo.
R. Σολοι, etc.

*



Fig. 1.852

Idem, p. 1.013: Οσσα, ης, (η), Poet. voz, *donde alg. vez. por ext.* barulho, som, rumor publico, renome; predicção, presagio, oraculo. Ossa, *mensageiro de Jupiter:* Ossa, *montanha na Tessalia.* R. οψ.

*



Fig. 1.853

Idem, p. 1.300: já precedentemente definida.



Fig. 1.854

Idem, p. 701: Ις, *gen* ινος, (η), fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor, *alg. vez.* impetuosidade, violencia, etc.

*



Fig. 1.855

Idem, p. 1.006: Οριχος, η, ον, que limita, que define, que firma a definição; que fixa os teremos, os principios. Ζευς, οριχος, *veja-se* οριος (já discripto). R. ὅρος.

*

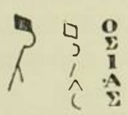


Fig. 1.856

Idem, p. 1.012: Οσιας, rito ou ceremonia religiosa, e *especialmente* exequias, funeral; o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina *ou simplesmente* direito, justiça, legitimidade, cousa permittida; o que é de consciencia; o que se faz pela forma, etc.

*

De Nadaillac termina suas descripções epigraphicas, que resumimos, e falando da America do Sul diz: "...... Encontrámos pinturas, gravuras sobre rochedos semelhantes ás que acabámos de descrever, *onde jamais nos será possivel dizer, quem as executou, a epoca que remontam.* A uma só conclusão é permittido chegar, é a similitude que existe entre os instinctos do homem em todas as regiões do globo sob todos os climas; por toda parte, este homem, por muito aviltado que se possa julgal-o, traça com uma vaidade infantil sobre os rochedos, nas paredes das cavernas, em blocos irregulares, sua propria imagem ou as scenas que se passam sob suas vistas e, neste sentido, nada mais curioso que comparar aos ensaios dos antigos americanos as gravuras executadas pelos Boschismans, extremo sul da Africa (figs. 1.827 a 1.830) ou ás gravuras sobre rochedos da Algeria (figs. 1.831 a 1.833). Esta semelhança em todos os tempos, em todos os paizes, dos gostos, dos intinctos, do genio do homem é a melhor prova que se pode invocar para unil-a a uma origem commum".

Diante do que temos dito e acabámos de demonstrar em nossas numerosas interpretações paleographicas da America e mesmo de alguns paizes, o illustre autor deve convir, que muito já alcançámos em proveito da solução de suas continuas conjecturas.

São propriamente as prodigiosas inscripções que estampou e nós decifrámos, que o convencerão, salvo se formos por nossa vez refutados com poderosos argumentos, capazes de sobrepujar os nossos.

Dessa enorme nomenclatura de inscripções, pode-se com precisão deduzir: a natureza dos caracteres empregados, a epoca e a maneira de applical-os com feição linear e figurativa, os seus assumptos compativeis ou relacionados a factos analogos de outras regiões e, por conseguinte, o aspecto physico, moral e intellectual de seus autores.

Attribuir porém a concepção e execução desses monumentos a selvagens da ordem dos Boschismans, como diz o autor e como querem outros antiamericanistas, diante de tantas provas em contrario, será isso, com effeito, uma verdadeira "vaidade infantil", assim pensamos, pois nesse caso teriamos de admittir alta cultura nos rudes Boschismans e Hortentotes. Tem sido, mais ou menos esta, a norma seguida por muitos ethnologos, iconologos e archeologos, na solução da epigraphia americana.

E' plena a confiança que tributamos ao valor das referidas inscripções.

Em suas autenticidades firmamo-nos, porque, para nós, ellas representam caracteres do grego antigo e não vemos, portanto, razão plausivel para suppormos que sejam apocryphas.

Deste expediente servem-se constantemente os mais incredulos, fazendo permanecer este assumpto epigraphico, até então, nas mais obscuras controversias.

CAPITULO XX

America Central — Monumentos, Epigraphia e Tradições Prehistoricas

NÃO obstante muito já havermos dito sobre a America Central, no primeiro Capitulo, com prazer organizámos este, no proposito de ampliar os essenciaes assumptos epigraphicos e tradicionaes, que tanto nos seduzem. São com effeito consideraveis elementos que surgem, de dia a dia, desta inesgotavel região archeologica, séde naturalmente prehistorica de uma avançada civilização. Sua epigraphia, que julgamos haver interpretado, é essencialmente bella e artistica. São admiraveis seus cyclopicos templos, palacios, monolithos, monumentos que lembram os do Egypto, da Assyria e da Grecia.

Dentre varias publicações que convem citar e reproduzir, destacámos a que levou a effeito *A Illustração Brasileira*, de 16 de Junho de 1912, cujas gravuras foram extrahidas da excellente revista *A União Pan-Americana*, de New York, publicação subordinada á epigraphe AS CIDADES PREHISTORICAS DA AMERICA — QUIRIGUÁ, assim concebida:

«Partindo de Puerto Barrios, a pittoresca cidade de Guatemala, collocada na bahia de Arnatica, no fundo de golpho de Honduras, a estrada de ferro guatemalense cruza uma serra e penetra logo em um extenso valle, correndo sessenta milhas atravez de terras ferteis, de vegetação exuberante; depois começa a ascenção para a capital ».

«Das montanhas do interior da Republica, o rio Matagua, alimentado por varios riachos, corre para o Atlantico. E' um rio typicamente tropical, — lamacento, largo, placido, porem sujeito a cheias repentinas. Quando chove copiosamente suas aguas se avolumam, inundando todo o valle desde a aldeia de Los Arnates até o litoral. Ao norte e ao sul todo esse valle está defendido por duas cordilheiras, que o resguardam dos ventos fortes. A cordilheira norte está dispersamente guarnecida com arvores e cannaviaes abundantes. Em seus cimos ha delgados pinheiros. A cordilheira sul é inteiramente coberta de bosques tropicaes; encerra, ao que dizem, valiosas terras mineraes. De fato ha n'ella algumas jazidas de ouro em exploração ».

«O valle é um verdadeiro edem tropical com cinco milhas de largura, flora e fauna abundantes, temperatura media de 28 gráus, media de chuva annual de mais de 100 pollegadas, todos os elementos para sustentar numerosa população ».

«Essas selvas, apparentemente virgens, cheias de aves e quadrupedes selvagens, cresceram sobre o theatro de uma das mais antigas civilizações americanas. Ha tres annos começaram a derrubal-as para fazer plantações de banana e a cada passo de terreno desbastado de um e outro lado do Matagua, em uma distancia de quarenta milhas, abrangendo duzentas milhas quadradas, apparecem ruinas de uma raça extinta — tumulos, monolithos, teocalias e montanhas de pedras — são testemunhas mudas da vida, que em outro tempo animou aquelle valle».



Fig. 1.857 — "Ruinas de um templo"

«Proximo á aldeia de Tenedores, a vinte milhas de Puerto Barrios, a estrada de ferro passa junto a uma pyramide india de quinze palmos de altura e quarenta de baze; junto a esse monumento ha uma fonte e um lago cujo fundo é composto de pedras lavradas».

«Um pouco acima d'esse manancial, nas fraldas das montanhas, encontram-se nichos com pedras toscamente marcadas e ornadas com conchas marinhas. Depois em todas as sendas da cordilheira norte para o occidente ha tumulos, cujas paredes lateraes são feitas com pedras lisas e redondas trazidas dos arroios vizinhos. Entre os tumulos ha monumentos de varias formas, sendo os mais communs circulares, com um furo ou uma depressão no centro».



Fig. 1.858 — "Monolitho representando um sapo. E' curiosissimo por suas formas geometricas. O sapo tem entre as mandibulas uma cabeça humana"

«Quanto a objectos, as poucas e elementares excavações que se fizeram até agora só permittiram descobrir pederneiras e pedras esculpidas, que quasi todas representam serpentes. As pederneiras são muito semelhantes ás que são ainda hoje usadas por todos os indios da America Central».

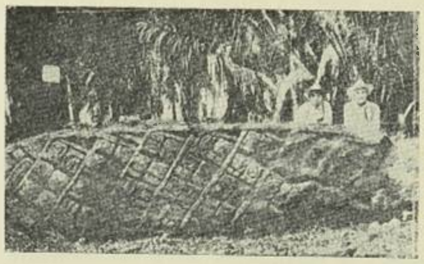


Fig. 1.859 — "Um obelisco derrubado pelas raizes das grandes arvores. E' coberto de quadros obliquos cheios de inscripções"

«Ao Sul do rio se encontram monticulos mais elevados, nos quaes se tem descoberto muitos objetos de ceramica, apitos e instrumentos de musica em forma de animaes e varios utensilios de pedra. Mais interessantes, porem, são os pedaços de jaspe e obsidiana, que apparecem de vez em quando na base d'esses monticulos».

«Mais além, no coração da selva, encontra-se a maravilha nunca suspeitada n'esse recanto da America; as ruinas de uma cidade, os restos de Quiriguá, situada uma milha ao norte de Matagua e meia milha

a leste da aldeia de Los Arnates. Alli deve ter sido a capital ou um importante ponto de reunião do antigo povo d'aquelle valle; alli estão ainda de pé os admiraveis monolithos, que fazem de Quiriguá uma das mais notaveis cidades prehistoricas da America ».



Fig. 1.860 — "Pedra chamada da tartaruga. Tem innumeras inscripções e figuras curiosissimas"

«Cerca de duas milhas a oeste da praça principal de Quiriguá eleva-se uma collina de dez metros de altura, tendo no alto dois monticulos separados por uma distancia de doze metros. Entre elles ergue-se obliquamente uma columna de granito liso, de dois palmos de diametro e sete de altura, que era provavelmente um ponto de observação, posto de sentinella talvez. Cento e cincoenta metros ao norte, começa a encosta da cordilheira septentrional, onde ainda se encontram enormes blocos e lascas de pedra semelhante ás que foram empregadas nas paredes dos templos e monumentos da cidade de Quiriguá ».



Fig. 1.861 — "O maior obelisco de Quiriguá. Cinco palmos de base e 20 de altura; a julgar pela inclinação deve estender-se sob a terra mais 10 palmos"

«Naturalmente era alli que se extrahiam os blocos para construcção de obeliscos, templos e outros edificios. O governo de Guatemala declarou parque nacional todo o valle em uma area de 75 acres, afim de permittir a conservação e estudo dessas curiosas ruinas. A estrada de ferro lançou um ramal nessa direcção e agora vão pouco a pouco resurgindo á luz os admiraveis restos do que deve ter sido uma civilização muito desenvolvida: pedras lavradas, templos, tumulos e pyramides ».

"O que já se conhece da cidade consiste em uma grande praça e outra menor, nas quaes estavam, ao que parece, os edificios principaes. As duas praças são circumdadas por varios monticulos artificiaes, de forma pyramidal, revestidos de pedras buriladas. Excavações feitas nessa praça descobriram pavimento regular; parece que todo o perimetro está coberto de pedras quadradas. A noroeste encontram-se os restos de um canal por onde provavelmente se transportavam os blocos de pedra da montanha distante. Esse canal devia ser ligado ao Matagua, mas a communicação desappareceu por completo. O grupo principal de edificios indica que a praça era completamente fechada; as paredes que a fecham para o norte e para o sul têm altura media de oito a dez metros, mas nos angulos em que se juntam elevam-se a quinze metros. Nesse ponto as excavações têm revelado varios aposentos, com as paredes feitas de pedras quadradas e portas com arco de pedra lisa. Do lado occidental as paredes são mais baixas, de cinco metros apenas; o lado norte, é o unico

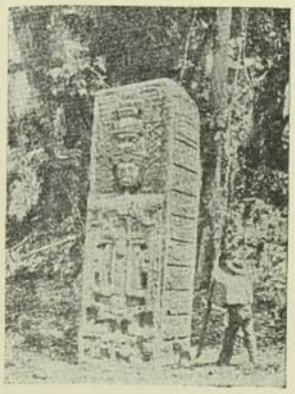


Fig. 1.862 — "Outro monolitho esculpido. Os ornatos compostos de tibias cruzadas em torno da cabeça fazem suppor que essa figura representava a morte"

aberto, tendo ao centro uma grande pyramide com dez metros de altura e trinta e sete metros quadrados de base.

Por toda parte as arvores nasceram e cresceram tão fortes que em muitos logares rebentaram as paredes e levantaram monolithos enormes. Proximo á parede, em frente á pyramide, ha uma pedra lavrada do peso de 20 toneladas. Entre muitos lavores d'esse monolitho a figura principal representa mulher caprichosamente vestida. Esse monumento é, na opinião dos archeologos, um dos mais admiraveis que restam das civilizações antigas".

«A parte superior e os lados das pedras estão cobertos de hieroglyphos e figuras, muitas das quaes representam evidentemente commemoração de datas».

«Junto á parte oriental representa um homem sentado, cercado de adornos e inscripções. Proximo a elle um bloco menor representa um monstro hybrido. Em torno do templo ha dois obeliscos com figuras de mulher adiante e atraz e hieroglyphos dos lados.

Nas immediações ha outros cahidos, derrubados de certo pelas raizes das grandes arvores.

Em todos elles as figuras de mulheres são armadas com grandes plumas. Apenas uma d'essas pedras tem as incripções collocadas obliquamente; as demais são escriptas horizontalmente e todas formam com seus desenhos figuras absolutamente geometricas; em todas é novatvel a riqueza de detalhes no lavor dos vestidos e adornos, ao passo que nas figuras humanas só a cebeça é trabalhada cuidadosamente.



Fig. 1.863 — "Monolitho gravado. Representa de certo um deus ou imperador"

Seguindo para o norte, encontra-se outro grupo de monumentos e logo depois um muro com 74 metros de comprimento. Diante d'elle ha trez obeliscos collocados em fileira, sendo o ultimo — o mais alto da cidade — com seis metros e meio de altura. Pelas gravuras, pode-se ver a parte proeminente, que tem nessas esculpturas o penteado da figura principal. Nesse ultimo grupo ha duas enormes pedras ovaladas, de dez toneladas cada uma, representando uma tartaruga e um sapo. O maior dos obeliscos tem um metro e vinte centimetros de base e cinco metros de altura; está inclinado em angulo agudo e tem mais dois metros e meio enterrado no solo».

«O peso d'esse monolitho é tal que não se comprehende como puderam indigenas transportal-o desde a pedreira até alli por aquella região de terra molle».

«Todos os monumentos são de pedra arenosa, variando muito de qualidade, mas estão todos em bom estado de conservação».

«São em geral semelhantes ao de Copan, em Honduras; a forma, os hieroglyphos, o desenho geral, os detalhes de ornamentação, até a collocação e o vestuario das figuras accusam relações intimas entre os dois povos, mas na execução differenças notaveis, que levam a acreditar que os monumentos de Copan são copias ou imitações dos de Quiriguá; os primeiros são mais bem acabados, de mais alto relevo, maior correcção nas linhas e por tudo isso parecem trabalho posterior».

«E' tambem notavel em Quiriguá que todos os monumentos de uma praça representem homens e os de outra mulheres, sendo estas guarnecidas com as vestes muito

luxuosas. A ausencia total de armas e objectos de guerra entre os motivos de ornamentação denotam adiantamento e paz entre os indigenas ».

«Os archeologos descobriram entre os hieroglyphos de Quiriguá datas mayas, que dedemonstram os intervallos em que se erigiram os monumentos. Essas datas são dos seculos nono e decimo da chronologia maya. Além dos obeliscos mencionados ha em Quiriguá outras pedras de grande interesse; tambem já foram descobertos outros muros e monticulos ainda cobertos de terra e hera; os trabalhos de excavação vão porem continuando e talvez permittam com o tempo conhecer a vida e a historia da antiga raça, que viveu n'aquelle mysterioso valle ».



Fig. 1.864 — "Uma ara ou altar. Como todas as outras representa uma tartaruga com grandes dentes tendo na bocca uma cabeça humana"

O valioso trabalho que acabamos de reproduzir é de grande alcance, não só descriptivo como tradicional, illustrando sobremodo esta nossa perseverante iniciativa. Não fossem estes e outros elementos consideraveis, seriam frustradas as nossas melhores intenções; porem, firmados em bases de profundo valor, como estas, estamos invocando incontestaveis testemunhos.

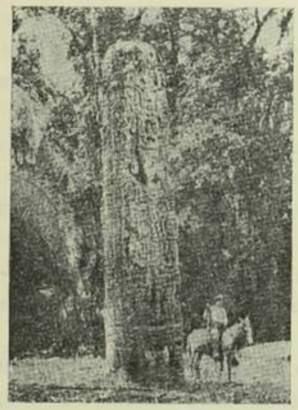


Fig. 1.865 — "O mais alto obelisco das ruinas; trinta palmos. Todos os lados estão cheios de inscripções hieroglyphicas

Se alguma consideração nos resta offerecer, finalmente, sobre tão importante assumpto, alem do que já fizemos em capitulos anteriores, é a de firmar aqui, com prazer, a nossa mais perfeita gratidão, ás illustres redacções das alludidas Revistas.

*

Fallando de Quirigá, diz por sua vez o notavel scientista De Nadaillac em sua citada obra *L'Amérique Préhistorique*: "Toda Guatemala, esta velha terra dos Quichés e Cakchiquelles, é coberta de ruinas, onde os baixos relevos, as estatuas, os monolithos attingem a 25 pés de altura e abundam as representações de homens e de animaes".

«Em Quiriguá principalmente, sobre o rio Motagna, cerca de 8 leguas do porto de Isabal, no golpho de Honduras, foi descoberta uma cabeça collossal, uma estatua de mulher á qual faltam as mãos e os pés e traz sobre a cabeça um idolo coroado; ao lado achou-se uma cabeça de tigre em rocha porphyritica; o terror inspirado por este grande felino tinha sem duvida feito admittil-o na cathegoria dos deuses. Um altar, onde, sobre uma das paredes, fora esculpida uma tartaruga, um idolo emfim que não mede menos de 23 pés de altura, merece tambem ser mencionado. Todas estas figuras são ameaçadoras ou repugnantes; os corpos humanos têm as cabeças simianas. Os americanos

não investigaram o bello ou antes, elles não o comprehendiam como os immortaes creadores da arte na Grécia; suas concepções não podiam elevar-se á semelhante altura ».

«O que surprehende, com razão, é o consideravel trabalho exigido por estas esculpturas com os poucos meios mecanicos que pareciam ser conhecidos. Era preciso primeiro, destacar blócos de pedra com miseraveis instrumentos de quartzo obsidiana, serrar o granito em placas com fio de agaver e de esmeril. Um grosseiro desenho do contorno indicava a parte da espessura, a tirar; executava-se este trabalho, ou serradura, de uma porção, que se rebentava habilmente em seguida, ou pelo martellamento obtido por meio de uma ponta de silex; emfim com auxilio de pedras chatas ou polidores e agua misturada com esmeril, friccionava-se a superficie das planas, de maneira a tirar todo o traço do trabalho. Estes processos eram longos e exigiam necessariamente do operario uma verdadeira paciencia para obtenção de resultados desejados. E' isto um indicio certo da infancia d'uma sociedade em que o homem ainda não aprendeu a conhecer o valor do tempo ».

Vejamos porém que estas ultimas considerações do autor sobre os instrumentos ou processos empregados na execução dos trabalhos epigraphicos, contrariam a possibilidade, aliás justa, do grão avançado da civilização então attingido pelos executores, constatado em suas inscripções ora interpretadas.

E' este um dos assumptos já sufficientemente por nós discutidos em principio e não convem repetil-o.

*

Antes de proseguirmos em o nosso presente capitulo, temos conveniencia em tratar ligeiramente do interessante systema da escriptura figurativa, do qual se occupa com proficiencia, na introdução de sua obra já citada, o sabio Brasseur de Bourbourg, deste modo:

«Tratando do systema da escriptura Americana, tal como é detalhado na memoria de M. Aubin, julgo util trazer o testemunho de um escriptor contemporaneo da conquista, cujas palavras confirmam antecipadamente a exactidão de resultados obtidos por nosso sabio amigo. Quero fallar de Las Casas, que, durante os annos de seu apostolado, atravessou repetidas vezes, não só grande parte dos reinos da America septentrional e Meridional, como ainda viveu em mais de um lugar entre os indios, antes que os hespanhoes ahi houvessem penetrado ».

«Quanto a isto, diz elle, (1) fallando da conservação das historias indigenas, que em todas as republicas destas regiões, nos reinos da Nova Hespanha, entre outras profissões, havia os que exerciam as funções de chronistas e historiadores. Tinham estes conhecimento das origens de tudo quanto pertencia á religião, aos deveres e seu culto, como tambem dos fundadores das Cidades. Sabiam como tinham começado os reis e os senhores, assim como seus reinos; seus systemas de eleição e successão; o numero e a qualidade dos principes; seus trabalhos, suas acções e factos memoraveis; seus bons ou máos governos; quaes os homens virtuosos ou os heroes que tinham existido; que guerra tinham sustentado; quaes seus costumes e suas primeiras populações, etc. Estes chronistas, possuiam o computo dos dias, dos mezes e dos annos. Embora não tivessem uma escriptura

(1) Las Casas, Hist. Apolog. de las Indias Occid., t. 4. Cap. 235.

como nós, tinham todavia suas figuras e caracteres, com auxilio dos quaes entendiam tudo que queriam e desta maneira possuiam seus grandes livros compostos com artificio tão habil e engenhoso que, poderiamos dizer, nossas letras não lhes foram de grande interesse. Tive occasião de ver estes livros, embora houvessem sido queimados em grande parte, por ordem dos monges, que temiam viessem elles ser nocivos á religião ».

«Acontecia algumas vezes, que varios destes indios esquecendo certas palavras ou particularidades da doutrina christã que se lhes ensinava, não sendo capazes de ler a nossa escriptura, escreviam com suas proprias figuras e caracteres de uma forma muito engenhosa, pondo a figura que para elles correspondia á palavra e ao som do nosso vocabulo e depois liam com a mesma facilidade com que o fazemos com nossos caracteres... »

"...A esta descripção dos signaes phoneticos dados por Las Casas", continua Bourbourg, "podemos accrescentar o que diz Torquemada: o primeiro na opinião de Ixtlilxochitl (1) que soube interpretar as pinturas e os canticos em sua obra intitulada *Monarchia Indiane*". "Depois de ter fallado dos seixos com os quaes estes indios se serviam para aprender o Pater Noster, este escriptor accrescenta: outros traduziam o latim por palavras de sua lingua, visinhas pela pronuncia, representando-as não por letras, mas por cousas significadas; porque elles não tinham outras letras senão pinturas e era por estes caracteres que elles se entendiam. Um exemplo será mais claro: A palavra que mais se aproxima de *pater* sendo *panthi*, especie de bandeira que serve para exprimir o numero vinte, elles desenham-n'a para significar *pater*. Em lugar de *noster*, pintam uma figura da India ou Tuna, cujo nome *nochtli*, assemelha-se á palavra latina *noster*, e assim prosseguem até o fim da oração".

«Por este processo e caracteres semelhantes, notavam o que queriam aprender de cór; tudo isto relaciona-se aos primeiros tempos de sua conversão, porque hoje (entre 1592-1614) elles não tem mais necessidade destes caracteres antigos ».

Damos a seguir como curiosidade algumas figuras:

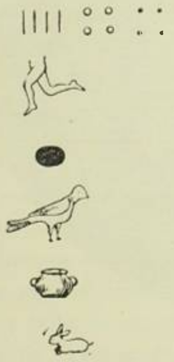


Fig. 1.866

Nauh, *nahui*, quatro.

Payn (pr. de *payna*, correr) corredor.

Tli, *tlil*, *tlilli*, tinta, cousa preta.

To, *totoll*, passarinho.

Xoc, *xoctli*, panella.

Ci, *ci-tli*, lebre.

O notavel historiador Brasseur de Bourbourg offerece, em sua notavel obra citada, grande variedade d'estes interessantes exemplares, mas que representam, portanto, o systema da escriptura figurativa, do periodo citado e não é certamente o que nos interessa mas sim o de caracter epigraphico, referente ás inscripções dos monumentos de Palenque, Yucatan, e da America Central, etc.

(1) Ixtlilxochitl, hist. des Chichimeques, trad. de M. Ternaux — Compans, t. I. cap. 49

Offerece-nos o momento a particular satisfação de admirar as magnificas gravuras, publicadas pelo notavel jornal *"The New York Times"*, de 20 de Janeiro de 1924, subordinadas á seguinte epigraphe:

*

O ANTIGO EGYPTO NA AMERICA:

"O Dr. *Herbert J. Spinden, de Harvard, descobre uma alta civilização de quasi 3.000 annos na America Central". "Esta esculptura auxiliou a descobrir o segredo da data mais remota conhecida na Historia Americana."*

É um trabalho de grande erudição, não só sob o ponto de vista artistico, como scientifico e que vem confirmar, mais uma vez, a nossa já conhecida e antiga these, com as devidas restricções.

Além de representarem celebres monumentos da America Central são as bellas gravuras acompanhadas de breves descripções, produzidas por scientistas de grande nomeada archeologica.

Em face de tão valiosos elementos, occorre-nos o dever de solicitar á illustre redacção do referido jornal, a devida venia, para reproduzir essas preciosidades que muito concorrerão ao commum interesse da Prehistoria Americana, na qual todos estamos empenhados.



Fig. 1.867 — "Altar em Copan, a oeste de Honduras, o qual representa um Congresso Astronomico dos Mayas, entre elles a data que o Dr. Herbert J. Spinden de Harvard achou ser 2 de Setembro do anno 503 A. D. (Anno Domini). Uma outra peara descoberta a quatro e meia milhas de distancia e em linha com esta, continha a data de tres de Agosto do anno 613 B. C. (Antes de Christo) data esta a mais antiga do Continente Americano"

Consideravel numero de inscripções em um estylo paleographico, o mais bello possivel e que teve singular predominio na America Central, cobre esses monumentos, constituindo optimos elementos para a sciencia archeologica. Este engenhoso estylo paleographico,

differente na forma das figuras apenas, é, em sua base, o mesmo espalhado em toda a America, num variante e surprehendente artificio. A comprehensão não é difficil diante do claro confronto das inscripções entre si. A arte, com seus espantosos successos, predomina nessa complexa ordem paleographica tão engenhosa, onde o primitivo alphabeto grego surge como chave do nosso monumental problema, como os hieroglyphos foram para o Egypto. Foi o que nos demonstrou nossa perseverante cogitação, quanto ás inscripções de outras regiões Americanas e mesmo de outros paizes da Europa e da Africa, onde se encontram espalhados estes especimens paleographicos.

O DESENVOLVIMENTO DA ARTE NA AMERICA CENTRAL



Fig. 1.868

«Columna gravada, de Copan, cuja data foi recentemente fixada como sendo de 21 de Maio do anno 362 A. D. (Anno Domini), com olhos salientes de arte Archaica».

«Visinha a esta e á direita, acha-se uma outra columna gravada com a data de 21 de Janeiro do anno 523 A. D. (Anno Domini), na qual a ornamentação é mais rica e o desenho menos formal».



Fig. 1.869

Não fazemos commentarios á parte descriptiva e, comquanto tenhamos razão de o fazer á chronologica, que o scientista concede ás gravuras, tambem silenciamos; reproduzimol-as apenas, traduzidas para a lingua vernacula, porque o nosso raciocinio sobre a generalidade do assumpto acha-se externado no decurso da presente obra. E' pena que o mais antigo monumento, a que se refere o illustre Dr. Herbert, não fosse dado a estampa com estes que reputa modernos.

E' natural a falta de expressão de traços em algumas figuras, que se poderiam com presteza interpretar, emquanto outras, o tempo destruiu em parte, de modo a demandarem de ardua paciencia em caso de um estudo minucioso. O original pode entretanto supprir o inconveniente, sendo certo que uma photographia nem sempre pode ser a expressão exacta de todo contorno do objecto, jamais tratando-se de vetustos monumentos, como no vertente caso, em que o traço tem o seu restricto valor. Comtudo, fazemos referencia ás inscripções de uma estatueta de nefrite, encontrada em Tuxtla, Mexico, assumpto desenvolvido na parte supplementar do 1° vol., fig. 1148, p. 464 e que embora pouco visiveis seus traços, vencemos este inconveniente, interpretando-os.

Para simplificar agora a nossa ardua tarefa de interpretar as inscripções da America Central, muitas das quaes se encontram com expressão, nos monumentos ora reproduzidos, recorremos ainda uma vez á valiosa obra de De Nadaillac, na qual é resumido grande numero dos especimens paleographicos d'aquella surprehendente região. E' elle que, tallando das gravuras sobre rochas, dos hieroglyphos que se encontram nas regiões occupadas pelos Chiff Dwellers e os habitantes dos pueblos, diz encontrar as mesmas gravuras na America Central; o desejo de perpetuar pela reproducção, os objectos que deslumbram a vista, é um dos traços o mais caracteristico do homem em todos os tempos e em todos os climas. « Vê-se em Honduras, um rochedo coberto n'uma consideravel superficie, de figuras de homens, de animaes, de plantas gravadas em cavidades, n'uma profundidade de mais de duas pollegadas, e M. Pinart, descreve no Estado de Panamá, penhascos inteiros gravados de hieroglyphos sobre os quaes teria de fazer estudos de pleno interesse ».



UMA FORMA DE ESCRIPTA CONTEMPORANEA DOS HIEROGLYPHOS EGYPCIOS

Columna inclinada com caracteres gravados, á Praça de Quiriguá, Guatemala, datada de 27 de Março do anno 511, A. D. (Anno Domini) um dos vestigios restantes de uma cultura antiga, a qual só agora está principiando a ser decifrada".

Fig. 1.870

«No Mexico encontram-se pinturas que são verdadeiros annaes do povo, e representam estas primeiras migrações.

O seu Museu possue uma série de pinturas que mostram a educação das crianças, alimentação que se lhes dava, os trabalhos a que eram constrangidos; os castigos que se lhes infringiam ». «Estas pinturas apresentam traços nitidos e cores brilhantes que recordam as Aztecas; já vimos por suas esculpturas que elles não tendiam a uma exacta imitação da natureza e menos ainda a um bello ideal, que eram incapazes de comprehender ».

«Distinguem-se, "diz Humboldt", cabeças enormes em corpos excessivamente curtos e pés, que, pelo comprimento dos dedos, se assemelham a garras de aves, indicando tudo isto, a infancia da arte; mas não devemos esquecer que povos que exprimem suas ideias em pinturas ligam tão pouca importancia a pintar correctamente como sabios da Europa a empregar uma bella calligraphia em seus manuscriptos ».

Sem admittir a comparação de Humboldt, continúa De Nadaillac, «é certo que não devemos procurar, ontre os Aztecas, modelos de pinturas decorativas como as recentemente descobertas no Palatino; a ignorancia dos seus artistas mostra bem que a arte era um producto espontaneo de seu genio e que elles não obedeceram a influência alguma estrangeira no solo da America ».



Fig. 1.871

*

«A tradição quer que elles tenham adquirido seus processos entre os Toltecas, os iniciadores de todos os progressos no novo Continente. Depois de sua definitiva victoria, conta-se que os reis do Mexico, fizeram destruir as pinturas que recordavam a grandeza dos que os tinham vencido. Por uma retribuição justa, mas infeliz para a sciencia, os hespanhoes, vieram por sua vez, destruir os annaes dos Aztecas, dos quaes restam apenas, copias incompletas e alguns fragmentos, escapados a esta barbara destruição ».

«Os hieroglyphos verdadeiros signaes convencionaes, marcam um periodo da evolução humana. Encontram-se nos monumentos dos Chiopas, como nos de Yucatan, nos muros de Palenque ou de Copan, como nos de Chichen-Itza ou de Quiriguá, figs. de sua obra 113, 124, 126, 127, 128 e 130); elles eram esculpidos ou gravados sobre o granito e sobre o porphyro...... ».

«Não foi possivel até agora descobrir nenhuma chave que permitta decifrar os hieroglyphos ».

Falla-nos ainda o autor em Las Casas, a cujos trabalhos já nos referimos anteriormente, nos sacerdotes do deus Centeotl, que executavam antigamente estes hieroglyphos, e deviam ser velhos, viuvos, devotados á continencia e á vida contemplativa; suas es-

cripturas eram hieraticas, conhecidas só dos iniciados, e encontram-se reproduzidas nos manuscriptos Mayas; do Bispo Diego de Landa, que conservou um alphabeto de 33

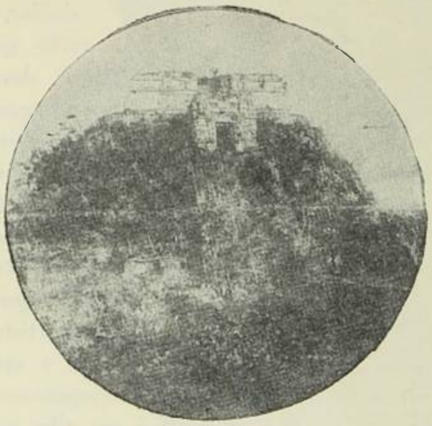


Fig. 1.872 — "Casa do magico em Umal: Construida em dois planos sobre um alto monte. A porta abre para um annexo que tem accesso por uma escada saliente sobre a face do monte"

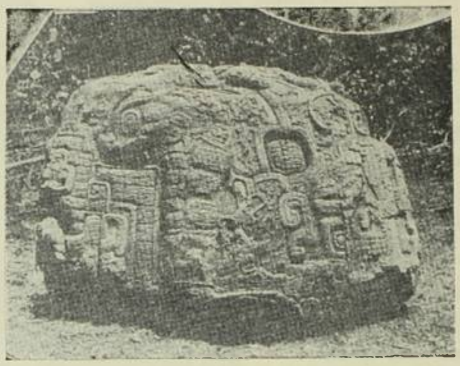


Fig. 1.873 — "A GRANDE TARTARUGA DE QUIRIGUA: Pedra colossal, pesando muitas toneladas, elaboradamente esculpida pelos Mayas, para representar a Figura Humana nas fauces de um monstro. Esta pedra é datada de 16 de Novembro do anno 534 A. D. (Anno Domini)"

signaes, cujas letras se approximavam sensivelmente das dos manuscriptos e poderiam ser consideradas um traço de união entre os hieroglyphos e a escriptura graphica.

Em resumo diz o autor:

«Os manuscriptos Mexicanos, que resistiram a tantas causas de destruição, encerram tres especies de pintura muito distinctas: a primeira figurativa em que o artista reproduz as imagens mais ou menos exactas dos objectos que estão diante de seus olhos; a pintura symbolica em que o objecto é representado por uma imagem convencional; pintura phonetica emfim, em que não é mais objecto, mas sim o nome deste que o pintor procura representar. Estes tres systemas existiam ainda no Mexico, ao tempo da vinda dos hespanhoes, porque sabemos que, quando Jean de Grijalva appareceu nas costas de Vera Cruz, os chefes de Cuetlachtlan apressaram-se a enviar a Montezuma pinturas muito exactas dos navios, das armas, dos vestuarios desses extrangeiros que excitavam já aos Mexicanos tão jutoss alarmas».(1)



Fig. 1.874 — "UMA PEDRA ELABORADA E PRIMOROSAMENTE ESCULPIDA EM GUATEMALA, cujo detalhe é a Figura Humana que se vê em outra photographia".

(1) "Torquemada, *Mon. Ind.*, p. 378. — Acosta, *Hist. de las Ind.* p. 515 — Veytis, *Hist. ant. de Mejico*, t. III, p. 377 — Herrera, *Hist. Gen.* dec. II, lib. III, c. IX".

Não foi senão obedecendo a um impulso investigador, que aqui resumimos tantas preciosidades, oriundas de provectos scientistas, partidarios ou antagonistas da Prehistoria Americana. Deste conjuncto de ideias é que attingiremos, por fim, a um resultado logico ou positivo, em tão importante problema.



Fig. 1.875

"O SOL, a LUA e as ESTRELLAS dos MAYAS:

O docel celeste para o throno de um rei, de um monumento em Yaxchitan, Mexico. O disco do sol á esquerda contém a figura de um Homem; a lua á direita contém a figura de Mulher e entre elles se vê o rosto do Deus do Firmamento. Esta esculptura data pouco mais ou menos de 490 A. D."

O nosso simples concurso paleographico já demonstrámos, com relação ás inscripções da America do Norte e do Sul, e ora vamos mais detidamente dedical-o ás da Região Central. Já dissemos que a base dos caracteres empregados nesses monumentos epigraphicos, nesta Região, é a mesma dos d'aquellas e, assim sendo, prevalecem identicas explicações dadas em principio, sobre o meio de os interpretar.

Tomemos de preferencia, para nossas demonstrações, os especimens resumidos na figura 113 e outras, da obra citada de De Nadaillac, segundo já ficou dito.

Isto feito, surgirá então o momento opportuno para deduzir as fontes chronologicas, tradicionaes, historicas e prehistoricas, nesse vasto campo de ideias adversas, entre americanistas e antiamericanistas.

A ideia acertada seria encontrar-se a chave para desvendar esse complexo e pasmoso conjuncto paleographico. E, neste caso, offerecemos, a que nos proporcionou o nosso modesto raciocinio e sobre ella manifestar-se-ão os competentes. Não precisaremos, portanto, ir além do já conseguido e o que ora estamos pondo em evidencia é a solução do magno problema (de uma certa parte, pelo menos) da Prehistorica Americana, nesse accumulo de consideraveis controversias.

SPECIMENS DOS HIEROGLYPHOS DA AMÉRICA CENTRAL

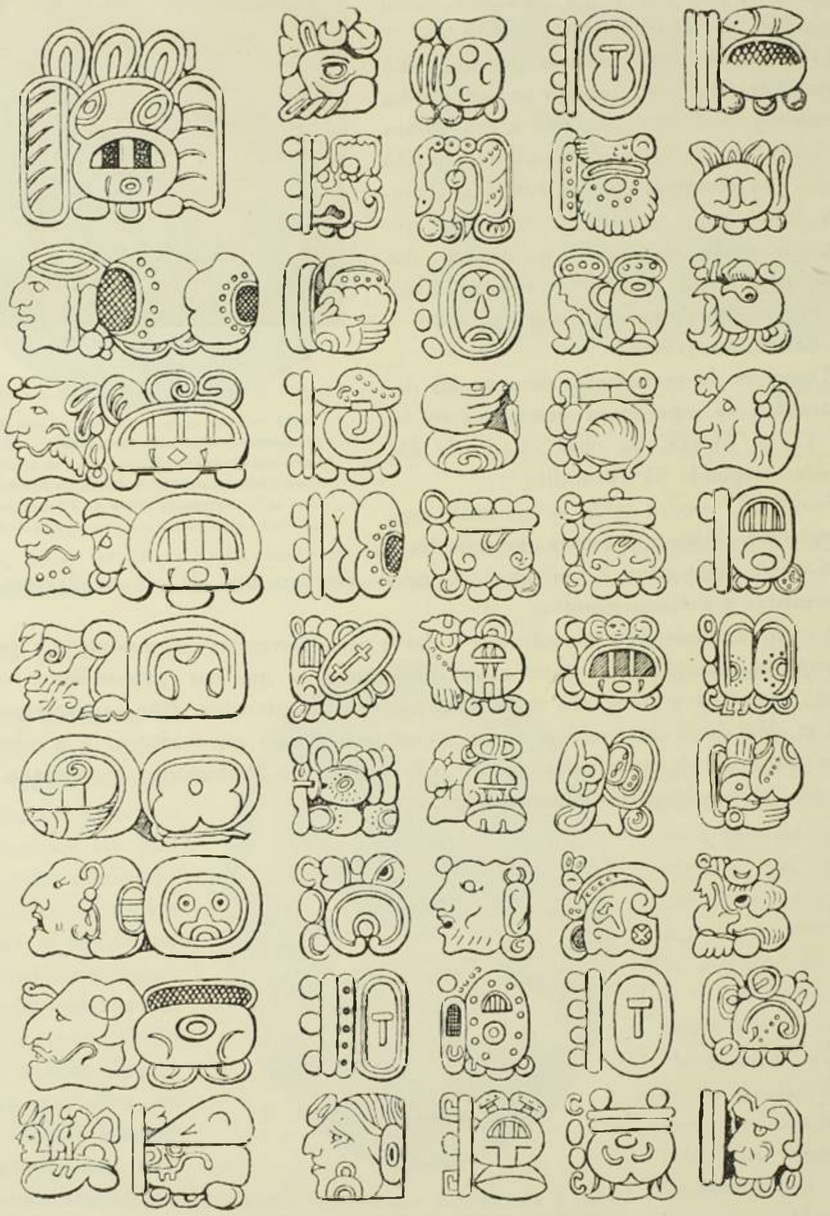


Fig. 1.876

ΣΙΟΣ, ΣΙΟΣ, ΣΙΟΣ
ΙΣ, ΙΣ
ΙΣΟΣ
ΣΙΟΣ
ΙΘΙ
ΣΟΟΣ

Eis as palavras contidas na presente inscripção.

Apezar de conhecidas suas significações, as repetimos nesta série, emquanto especificaremos outras desconhecidas:

— † Σιός, ῶ, *Laced. por* Θεός, οῦ, Deus, o Ser supremo (ὁ, ἡ) deus, deusa, etc.

— ˉΙΣ, *gen*, ἰνός, fibra, nervo, *por ext. Poet.* força, vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia.

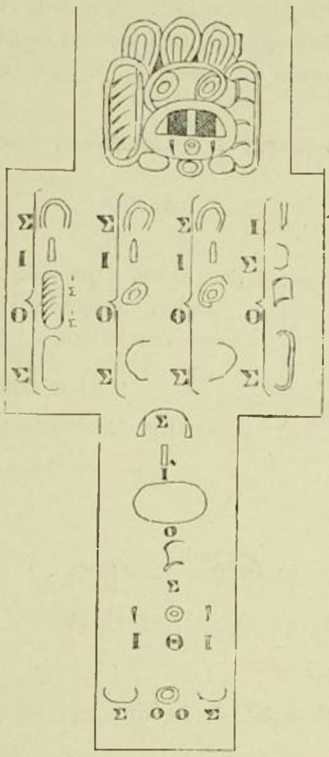


Fig. 1.877

— ˉΙΣΟΣ *ou* ἴσος, η, ον, igual semelhante; igual plano; justo, equitativo, etc.

— ˉΙΘΙ, 2 *p. s. imper.* de εἶμι, ir. || *Como interj.*, vamos! coragem! então! pois bem! Εἶμι, ir, marchar, mover-se para um fim, chegar, vir, etc.

— • ΣΌΟΣ, ος, ον, *Poet.*, *donde a forma Att.* Σῶς, ῶν, são e salvo, inteiro, que subsiste ou que sobrevive, etc.

Se procurarmos dar uma interpretação, resumindo estas palavras, teremos o pensamento significativo, mais ou menos nos seguintes termos:

† ΣΙΌΣ, † ΣΙΌΣ, † ΣΙΌΣ, ΙΣ ΙΣ, ˉΙΣΟΣ, † ΣΙΌΣ ΙΘΙˉ ΣΌΟΣ.

DEUS, DEUS, DEUS, FORÇA, VIGOR JUSTO E EQUITATIVO, DEUS! AVANTE! CORAGEM, SÃO E SALVO!

*

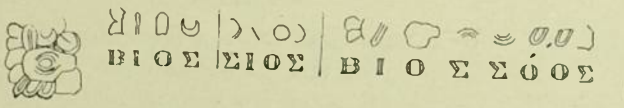


Fig. 1.878

Βίος, vida, viveres, substancias; bens, fortuna, humanidade, etc.

Σιός, ῶ *Laced. por* Θεός, Deus, o Ser Supremo.

• Βιοσσόος, *Poet.* que salva a vida, etc.

INTERPRETAÇÃO: É DEUS QUE SALVA A VIDA DA HUMANIDADE

*

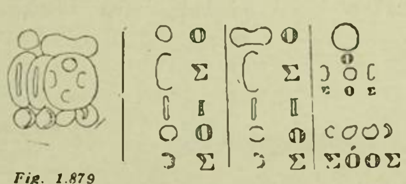


Fig. 1.879

ˉΟσιος, conforme as leis da religião, permittido e por ella não prohibido, *donde alg. vez.*, profano, que não é ponto consagrado, que se pode tocar sem crime, *por opp.* a ἱερος; *mais seg.* santo, sagrado; justo, conforme a justiça; puro, innocente, virtuoso, pio, religioso, etc.

— Ὅσος, quanto grande, quanto consideravel; quanto numeroso, tão grande como! tão consideravel *ou* tão numeroso quanto, todo que *ou ao pl.* todos que, etc.

† Σόος, *Gloss.* arrojo, elevação de espirito, *fig.* liberdade, crescimento, engrandecimento R. σεύω.

INTERPRETAÇÃO: QUANTO CONSIDERAVEL A LIBERDADE, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO

*

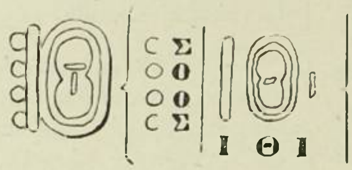


Fig. 1.880

† Σόος, como a precedente Ἴθι, *2 p. s. imper. d'*εἶμι, andar, caminhar, ir, sahir, etc.

|| *Como interj.* vamos! coragem!

INTERPRETAÇÃO:

LIBERDADE, ENGRANDECIMENTO, VAMOS! CORAGEM!

*

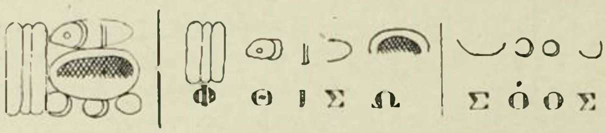


Fig. 1.881

Φθίσω, fazer morrer, destruir, *ou simpl.* damnificar, arruinar, prejudicar, causar damno, *e muit. vez.* estragar, alterar, etc.

— Σοος, *Gloss.* arrojo, elevação de espirito, *fig.* liberdade crescimento, engrandecimento, etc.

INTERPRETAÇÃO: CORROMPER, DESTRUIR É ARROJO

*

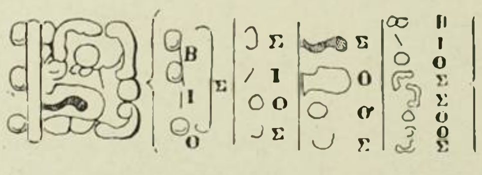


Fig. 1.882

ΒΙΟΣ, ΣΙΟΣ, ΣΌΟΣ, ΒΙΟΣΣΌΟΣ.
São palavras já conhecidas.

INTERPRETAÇÃO:

DEUS QUEM SALVA A LIBERDADE E A VIDA DA HUMANIDADE

*

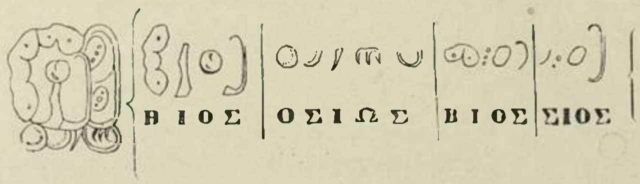


Fig. 1.883

ΒΙΟΣ, ΣΙΟΣ, Já conhecidas.

ΟΣΙΩΣ, *adv.* santamente, com piedade, com justiça. R ὅσιος.

INTERPRETAÇÃO: VIDA COM JUSTIÇA É VIDA COM DEUS.

*



Fig. 1.884

ΣΙΟΣ, ΟΣΙΟΣ, ΟΣΟΣ, Palavras já conhecidas.

INTERPRETAÇÃO:

QUANTO GRANDE É DEUS, SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO.

*



Fig. 1.885

Φθισις, destruição, deperecimento, etc.
ΟΣΟΣ, ΣΌΟΣ, etc.

INTERPRETAÇÃO:

DESTRUIÇÃO TÃO CONSIDERAVEL DA ELEVAÇÃO DO ESPIRITO.

*

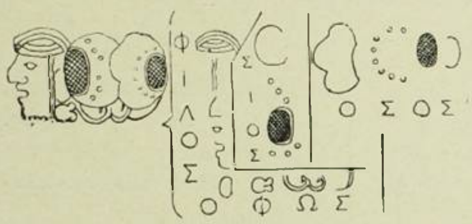


Fig. 1.886

Φιλοσοφως, *adv.* em philosophia, em sabedoria, etc.
ΣΙΟΣ, ΟΣΟΣ, Palavras já conhecidas.

INTERPRETAÇÃO:

QUANTO CONSIDERAVEL A SABEDORIA DE DEUS.

*

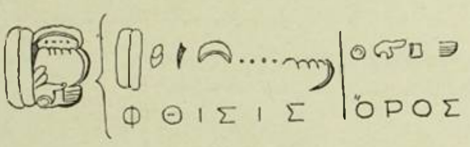


Fig. 1.887

ΦΘΙΣΙΣ, etc.
ʼΟΡΟΣ, marco; limite, fronteira; cippo elevado para servir de marco *ou* de monumento; poste com uma inscripção, etc.
|| Montanha, monte: collina; *por ext.* elevação qualquer, etc.

INTERPRETAÇÃO: DESTRUIÇÃO DE MARCO OU MONUMENTO.

*

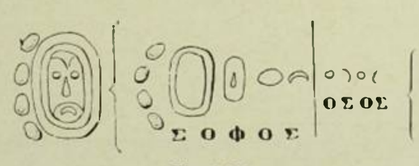


Fig. 1.888

Σοφός, sabio, *isto é*, habil, instruido, experimentado, prudente, *alg. vez.* agil, destro, fino, ardiloso, astucioso, etc.
— οσος, etc.

INTERPRETAÇÃO: O SABIO É TÃO GRANDE QUANTO CONSIDERAVEL.

*

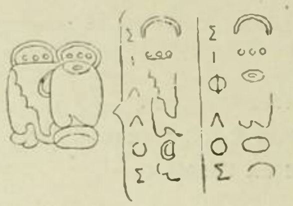


Fig. 1.889

Σίλλος, sillo *ou* satyra, poema satyrico; sarcasmo, zombaria, gracejo, etc.

*Σιφλός, *Poet.* vasio, disforme, enfermo, *fig.* defeituoso, censuravel, ridiculo, etc.

INTERPRETAÇÃO:

POEMA SATYRICO, RIDICULO E CENSURAVEL.

*

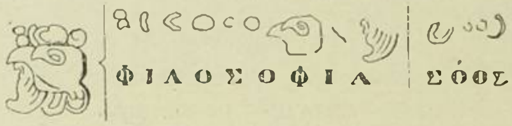


Fig. 1.890

Φιλοσοφία, philosophia, amor á sabedoria *ou* á sciencia: doutrina philosophica, secta de philosophia, etc. †Σόος, etc.

INTERPRETAÇÃO: A PHILOSOPHIA É A ELEVAÇÃO DO ESPIRITO.

*

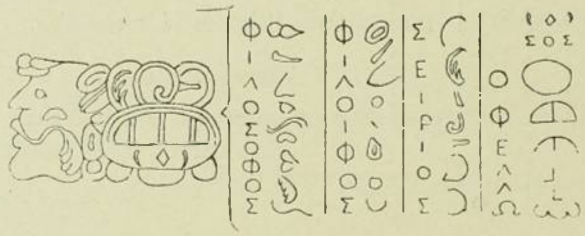


Fig. 1.891

Φιλοσοφός, que ama a sabedoria, etc. || *Subs.* philosopho, sabio: homem habil, etc.

*Φιλοιφος, *Poet.* lascivo, luxurioso, etc.

— ΣΟΣ, *adj. poss.* teu, tua; o teu, a tua.

*Ὀφέλλω *Poet. por* Ὀφέλω, dever, encargo, thema, etc.

INTERPRETAÇÃO: PHILOSOPHO LASCIVO É ARDENTE O TEU THEMA.

*

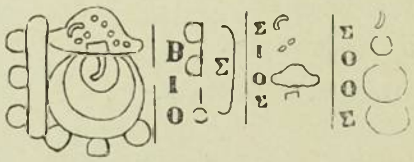


Fig. 1.892

ΒΙΟΣ, ΣΙΟΣ, ΣΟΟΣ, ΟΣΟ — Palavras já conhecidas.

INTERPRETAÇÃO:

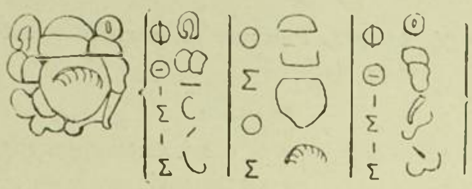
O TEU DEUS DÁ VIDA E LIBERDADE.

*



Fig. 1.893

Ὅσιος, conforme as leis da religião, permittido e por ella não prohibido. *donde alg. vez.* profano que não é ponto consagrado, que se póde tocar sem crime, etc.

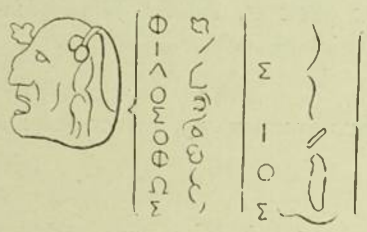


ΦΘΙΣΙΣ, destruição, deperecimento, etc.
῞ΟΣΟΣ, Palavra já conhecida.

Fig. 1.894

INTERPRETAÇÃO: DESTRUIÇÃO! QUANTO CONSIDERAVEL É A DESTRUIÇÃO!

*



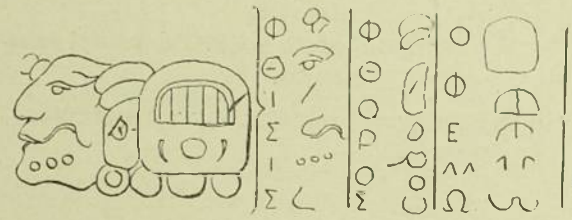
*Φιλοσοφως, *adv.* em philosophia, em sabedoria, etc.
Σιός, ὁ *Laced. por* ΘΕΌΣ, Οῦ Deus, o Ser supremo: (ὁ,ἡ) deus, deusa, etc.

Fig. 1.895

INTERPRETAÇÃO:

EM PHILOSOPHIA, EM SABEDORIA, DEUS!

*

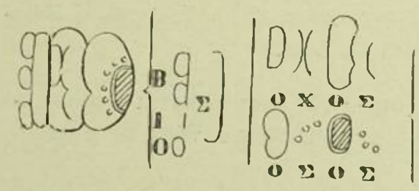


(Ο) ΣΟΣ ΦΘΌΡΟΣ, perda, desastre; *mais seg.* desastre na guerra, perda de homem *Comic.*. (ὁ,ἡ) homem indigno, etc.
ΦΘΙΣΙΣ, ΟΦΕΛΛΩ, etc.

Fig. 1.896

INTERPRETAÇÃO: DESTRUIÇÃO E DESASTRE É O TEU ENGRANDECER.

*



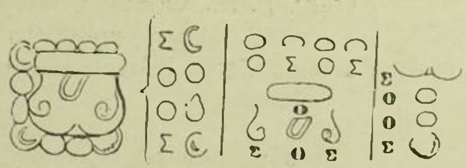
῎ΟΧΟΣ, tenaz, firme, solido: *com o gen.* que retém, que contém, etc.
Βιος, ΟΣΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTERPRETAÇÃO:

QUANTO CONSIDERAVEL A VIDA TENAZ!

Fig. 1.897

*



†ΣΟΟΣ,῞ΟΣΟΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTR.:

LIBERDADE! QUANTO CONSIDERAVEL O ENGRANDECIMENTO DA LIBERDADE!

Fig. 1.898

*

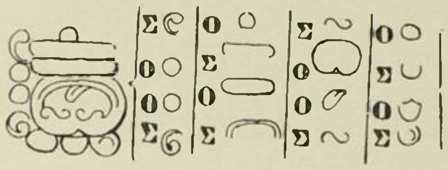


Fig. 1.899

† ΣÓΟΣ, ˙ΟΣΟΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTR.:

TÃO CONSIDERAVEL O ENGRANDECIMENTO DA LIBERDADE!

*

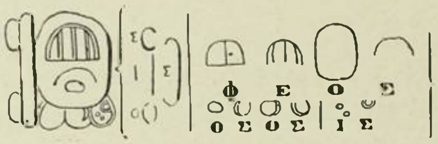


Fig. 1.900

ΣΙΟΣ, ΦΕΟΣ, ΟΣΟΣ ΙΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTR.:

DEUS! QUANTO CONSIDERAVEL O VIGOR DE DEUS!

*

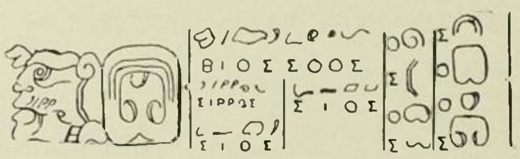


Fig. 1.901

ΒΙΟΣΣΟΟΣ, *Poet.* o que salva a vida, etc.

ΣΙΡΡΟΣ, fossa ou onde se conserva o trigo, etc.

ΣΙΟΣ, ΟΣΟΣ, ΣΟΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTR.: DEUS SALVA A VIDA; DEUS TÃO GRANDE QUE DÁ FOSSA DE TRIGO E ENGRANDECIMENTO.

*

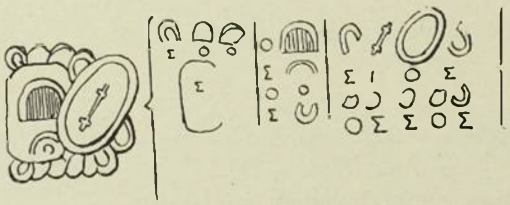


Fig. 1.902

† ˙ΟΣΣΟΣ, olho, vista, mira, brilho, *fig.* attenção, perspicacia, penetração, sagacidade, etc.

ΣΟΟΣ, ΟΣΟΣ, ΣΙΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTR.: TÃO CONSIDERAVEL O ENGRANDECIMENTO E A VISTA DE DEUS!

*

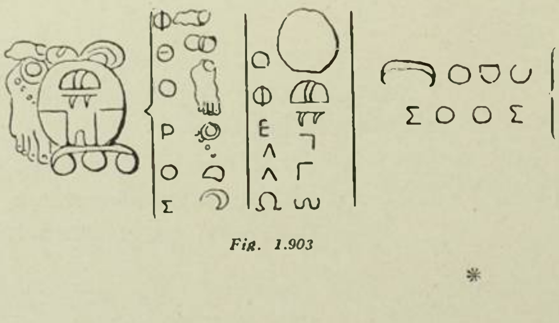


Fig. 1.903

•˙Οφέλλω, *Poet.* augmentar, accrescentar, alongar, ampliar, etc.

ΦΘÓΡΟΣ, ΣΟΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTR.: AUGMENTAR O ARROJO A PERDA E DESTRUIÇÃO.

*

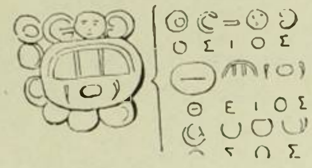


Fig. 1.904

Θεῖος, divino, *por ext.* maravilhoso, sobrenatural.

ΟΣΙΟΣ, ΟΣΟΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTR.: SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO, TÃO GRANDE QUANTO DIVINO!

*

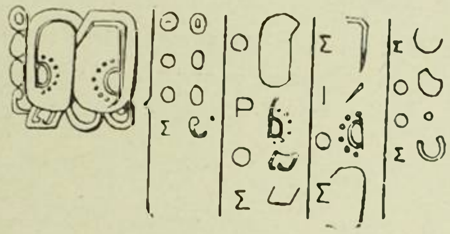


Fig. 1.905

ΘΟΌΣ, ''ΟΡΟΣ, ΣΙΟΣ, ΣΟΟΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTERPRETAÇÃO:

TÃO GRANDE E RAPIDO O LIMITE DE DEUS.

*

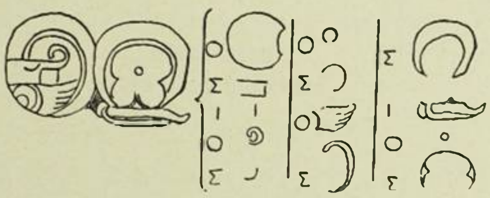


Fig. 1.906

ΟΣΙΟΣ, ΟΣΟΣ, ΣΙΟΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTR.: TÃO CONSIDERAVEL É DEUS, SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO.

*

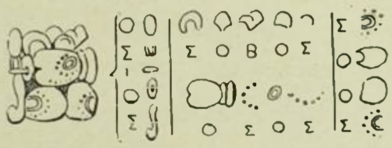


Fig. 1.907

Σόβος, deus lascivo, *sobrenome proprio dos satyros.*

''ΟΣΙΟΣ, ΟΣΟΣ, ΣΟΟΣ, etc.

INTR.: SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO, TÃO GRANDE LIBERDADE A SOBOS.

*

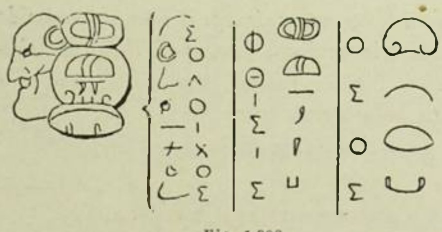


Fig. 1.908

ΣΌΛΟΙΧΟΣ, *fig.* grosseiro, desairoso, absurdo, etc.

ΦΘΙΣΙΣ, ΟΣΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTR.:

DESTRUIÇÃO CONSIDERAVEL QUANTO ABSURDA!

*

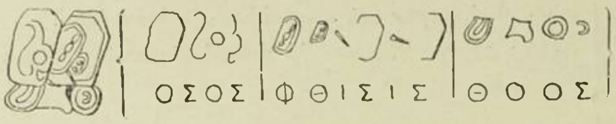


Fig. 1.909

INTR.: TÃO CONSIDERAVEL DEPERECIMENTO RAPIDO!

*

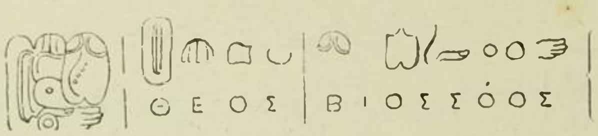


Fig. 1.910

Palavras já interpretadas.

INTERPRETAÇÃO :

DEUS, O QUE SALVA A VIDA.

*

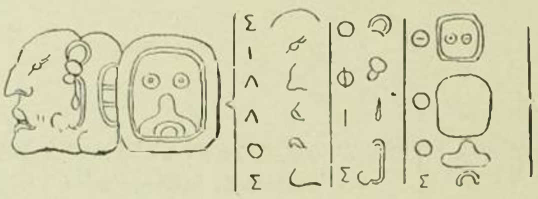


Fig. 1.911

ΟΦΙΣ", serpente, cobra, etc.
ΣΙΛΛΟΣ, ΘΟΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTERPRETAÇÃO :

SATYRA É AGIL SERPENTE.

*

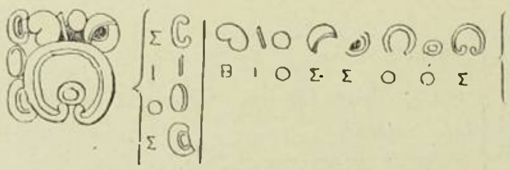


Fig. 1.912

ΣΙΟΣ, 'ΒΙΟΣΣΟΟΣ, etc.

INTERPRETAÇÃO:

DEUS, O QUE SALVA A VIDA.

*

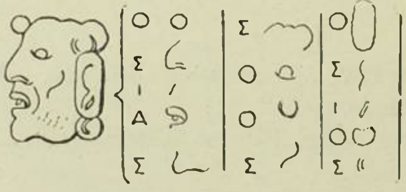


Fig. 1.913

"Οσίας, *ou* ceremonia religiosa *e especialm.* exequias, funeraes, *mais seg.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina, *ou simplesm.* direito, justiça, legalidade; o que é feito pela fórma, etc.

ΣΟΟΣ, ΟΣΙΟΣ. Palavras já interpretadas.

INTERPRETAÇÃO: EXEQUIAS TÃO GRANDES, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO.

*

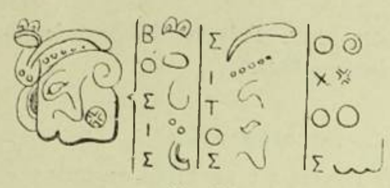


Fig. 1.914

•Βόσις, *Poet.* pasto, comida, subsistencia. R. βόσκω.
Σῖτος, trigo, grão de trigo; *por ext.* pão *e muit. vez.* alimento, viveres; *alg. vez.* pensão alimentar, etc.

ʻΟΧΌΣ, tenaz, firme, solido; *com o gen.* que retém, que contém, etc. R. ἔχω.

INTERPRETAÇÃO: TRIGO É ALIMENTO SOLIDO.

*

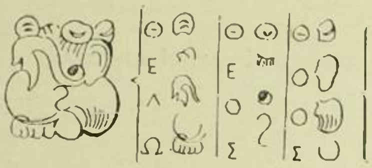


Fig. 1.915

ΘΈΛΩ, querer, *ou mais seg.* querer muito, consentir, *com o inf. e acc.*, desejar, ter costume, aprazer-se; *alg. vez.* querer dizer, significar; *ainda Bibl.* amar, favorecer, etc.
Θέος, Θοος, já intr.

INTERPRETAÇÃO:

DEUS EM QUERER É QUE SE APROFUNDA RAPIDO E PROMPTAMENTE.

*



Fig. 1.916

Φιλοσοφέω-ῶ, ser philosopho, estudar a philosophia, philosophar; discutir *ou* escrever sobre philosophia, dar lições; meditar sobre objecto philosophico *ou em geral:* meditar, reflectir; amar a sabedoria, etc.
ΙΣΟΣ †ΣΟΟΣ. etc.

INTERPRETAÇÃO: ESTUDAR A PHILOSOPHIA É JUSTA ELEVAÇÃO DO ESPIRITO.

*

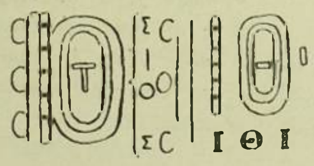


Fig. 1.917

ΙΘΙ, 2. *p. s. imp.* d'εἶμι, seguir.
|| *Como intr:* vamos! coragem! muito bem!
— ΣΙΟΣ, Palavra já interpretada.

INTERPRETAÇÃO:
DEUS! VAMOS! CORAGEM!

*

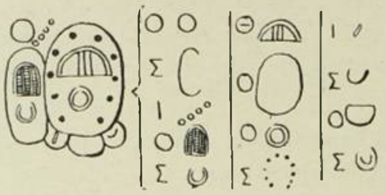


Fig. 1.918

ΟΣΙΟΣ, ΘΟΟΣ, ΙΣΟΣ. Palavras já precedentemente interpretadas.

INTERPRETAÇÃO:

SEGUNDO AS LEIS DA RELIGIÃO, UNIDOS, VAMOS! CORAGEM!

*

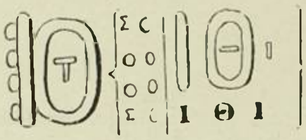


Fig. 1.919

ΣΟΟΣ, ΙΘΙ Palavras já interpretadas.

INTERPRETAÇÃO: LIBERDADE! VAMOS! CORAGEM!

*

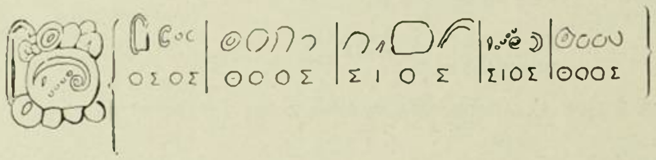


Fig. 1.920

INTERPRETAÇÃO:

DEUS! QUANTO GRANDE, RAPIDO, PROMPTO É DEUS!

*

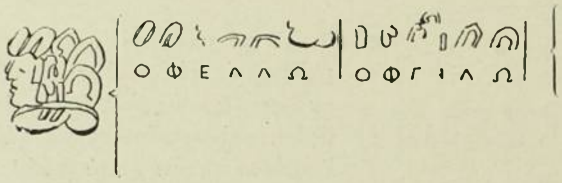


Fig. 1.921

'ΟΦΕΛΛΩ, augmentar, ampliar, alongar, etc.

ΟΦΕΙΛΩ, dever, encargo, thema, *fig.* ser obrigado, etc.

INTERPRETAÇÃO:

É DEVER AUGMENTAR E AMPLIAR.

*

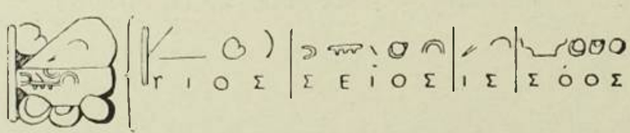


Fig. 1.922

Υἱός, *regular, mas os Atticos dizem tambem no gen.* υἱέος, *na dat.* υἱεῖ, *ao dual,* υἱέε, υἱέοιν, *no pl.* υἱεῖς, έων, έσι, εις, *como se o nome fosse no sing.* υἱεύς; *os Poet. declinam muit vez. gen.* υἷος. *dat.* υἷι, *acc.* υἷα, *pl.* υἷες, υἱῶν, υἱᾶσι, υἷας; *o nome sing. é sempre* υἱός, filho, menino, criança, etc. †Σεῖος, *Laced. por* Θεῖος, divino, *por ext.* maravilhoso, sobrenatural. Τό Θεῖον, a divindade; *alg. vez.* o maravilhoso de uma cousa, etc.

INTERPRETAÇÃO:

FILHO MARAVILHOSO DA FORÇA E LIBERDADE!

*



Fig. 1.923

ἸΘΥ *Poet. e Jon. neutro* d'ἰθύς, direito *e emprega-se mult. vez. como adv.*

INTERPRETAÇÃO:

DIREITO Á SATYRA É DIREITO Á FORÇA.

*

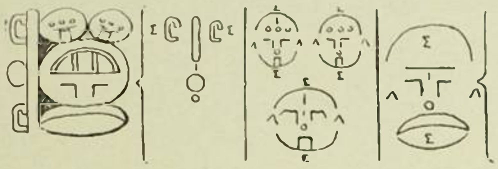


Fig. 1.924

ΣΙΟΣ, ΣΙΛΛΟΣ. Palavras já interpretadas muitas vezes.

INTERPRETAÇÃO:

DEUS DA SATYRA E POEMAS SATYRICOS.

*

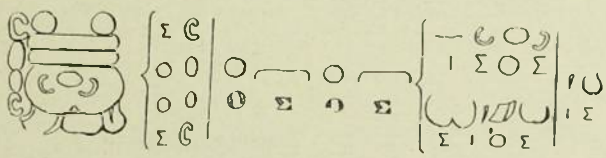


Fig. 1.925

ΣΟΟΣ, ΟΣΟΣ. ΙΣΟΣ,ΣΙΟΣ, ΙΣ, Palavras já interpretadas.

INTERPRETAÇÃO: DEUS TÃO GRANDE, JUSTO, DÁ VIGOR E CRESCIMENTO.

*

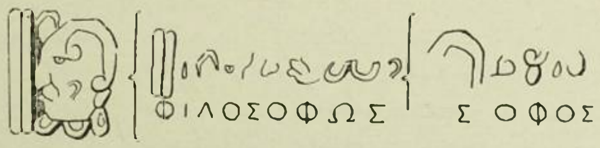


Fig. 1.926

INTERPRETAÇÃO:

SABIO EM PHILOSOPHIA.

*

Seriam sufficientes as inscripções, ora interpretadas, para constatar nossa affirmativa sobre a affinidade dos hieroglyphos da America Central, com os do Sul e Norte do Continente Americano. Entretanto revestiremo-nos de toda paciencia e iremos além, dando outros interessantes exemplos de interpretações, de baixos relevos encontrados nas paredes do celebre palacio de Palenca, etc. Para este fim, reproduziremos assumptos aliás muito originaes, a começar pela fig. 123 da citada obra de De Nadaillac, representando um sacrificio e sob a fig. 1927 desta.

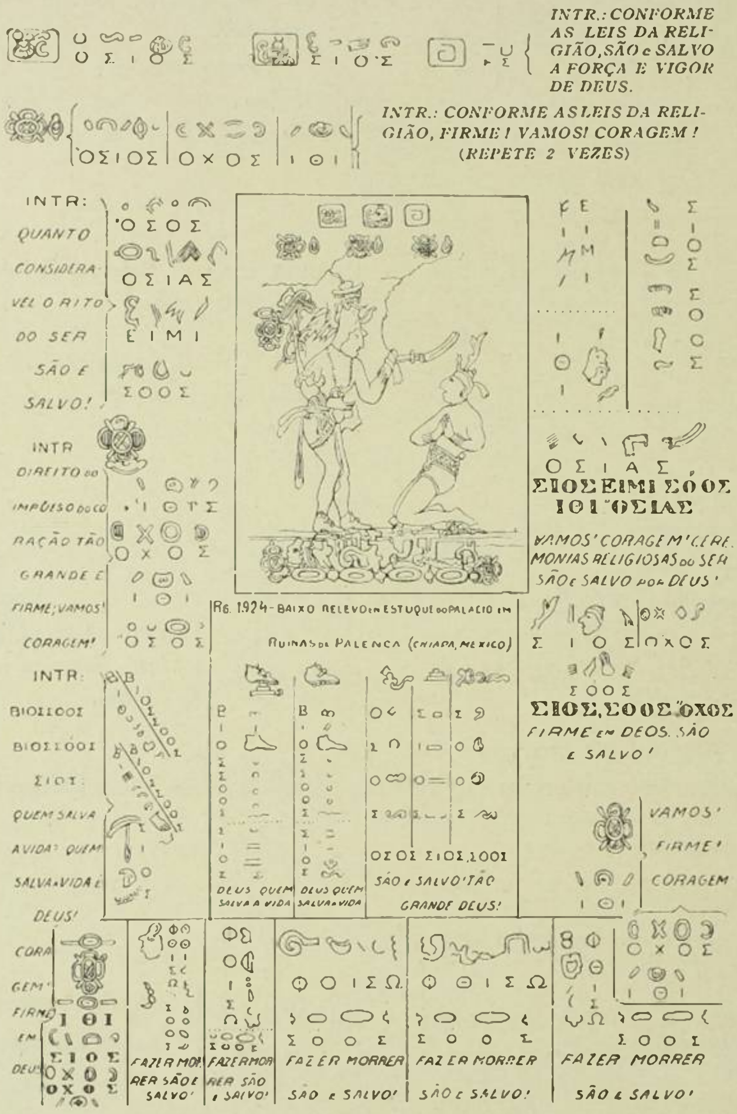


Fig. 1.927 — Baixo relevo em estuque do palacio em ruinas de Palenca (Zhiapa, Mexico)

Apezar de estarem muito complicados e em miniatura os traços, que constituem as figuras e os arabescos da gravura precedente, foram por nós interpretados. Deste modo, claro é que não offerecerá duvida qualquer execução analoga; a questão depende de applicação e paciencia, pois a tão procurada classe hieroglyphica ahi está, clara e positivamente constatada.

E' facil, portanto, comprehender-se a questão chronologica, que se deduz do confronto desta com as inscripções que lhe são analogas e contemporaneas.

Damos a seguir mais uma curiosa estampa, na qual estão modeladas varias figuras:

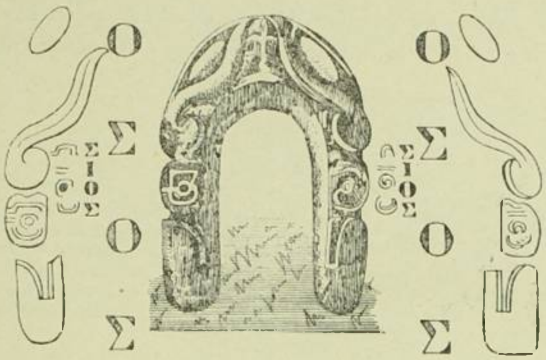


Fig. 1.928 — Collar de sacrificio (Museu do Trocadero)

INTERPRETAÇÃO: ΣΙΟΣ 'ΟΣΟΣ

DEUS TÃO GRANDE!

E' vulgarizado, em toda a America Central, este importante systema epigraphico, mas infelizmente nem tudo ainda está reproduzido ou compilado. O trabalho, porém, que ora terminamos offerece elementos sufficientes para estudos de ordem prehistorica, chegando-se por este meio, ao pleno conhecimento desse passado remoto, o que importa na reconquista das noções de uma adiantada e complexa civilização, a qual vinha envolta em consideraveis controversias apenas. Com o emprehendimento que levámos a effeito, terão os archeologos ensejos para profundos estudos scientificos, diante d'esses monumentos que, de dia a dia, vão surgindo do solo, dessas obras em ruinas, admiraveis e surprehendentes.

Interpretar de viso essas revelações, é simplificadamente resolver problemas valiosos, jámais de posse do valor alphabetico e do systema da utilisação d'elle nos casos lineares e figurativos, segundo minuciosamente deixámos demonstrado em nossas cogitações.

A forma epigraphica, então em uso, podemos equiparar ao nosso laconico actual systema de redacção telegraphica, attendendo-se ainda á particular construcção do primitivo grego. Além do mais, convirá levar em conta, o vago sentido, ás vezes, do assumpto de que se tratava, para empregar palavras adequadas ao caso. A intuição porém do local, a posição das gravuras e outras circunstancias muito auxiliarão, portanto, a quem observar esses monumentos ao natural. Estes certamente alcançarão melhores resultados do que aquelles que interpretam inscripções, cujas phrases, palavras e letras são deturpadas ou mal copiadas ás vezes.

Estas considerações temos feito muitas vezes e releve-se finalmente se não attingimos, neste capitulo, o quanto seria de desejar, tratando da fertil e admiravel região da America Central.

TEOTIHUACAN

"Segundo o Diccionario Geographico Universal, Teotihuacan é interessante Cidade do Mexico, no estado e a 33 kilom. nordeste do Mexico. As suas pyramides, no dizer do

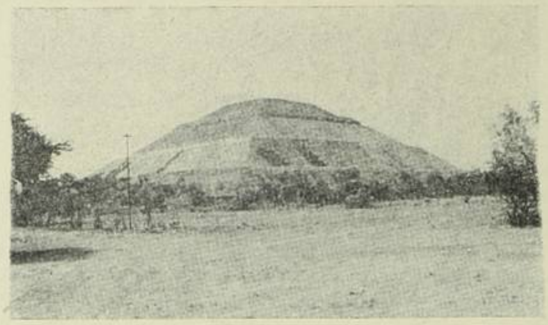


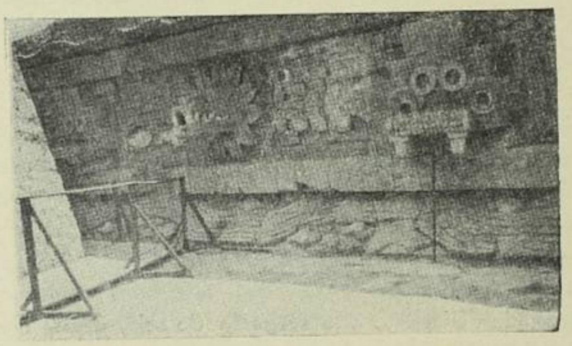
Fig. 1.929

"TEOTIHUACAN — Piramide del sol. Tiene una altura de 66 metros y su base cubre superficie de 40.000 metros cuadrados y se sube a la cuspide por una ampla escalera que hay en la cara ocidental. Estaba dedicada al culto del sol"

barão de Humboldt, encontram-se a uma legua perto de Otumba, por 19°42′ de latitude norte e 98° 51′ de longitude oeste do meridiano de Greenwich".

Fig. 1.930

"TEOTIHUACAN — Escultura en el altar oriental del templo de Quetzatcoatl. Notarás las cabezas de serpiente que sirven de motivo y que recuerdan al dios em cuyo honor se levantó el templo"



«Estas pyramides, no numero de duzentas aproximadamente, apresentam a distancia o aspecto de tendas de um acampamento arabe; todos estes munumentos são

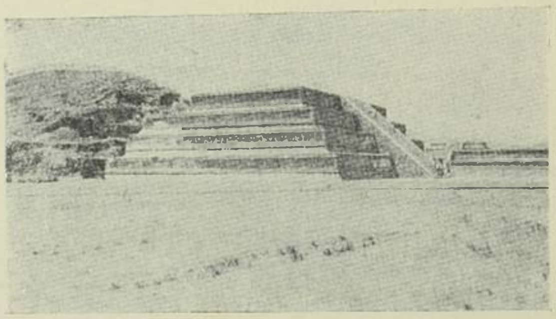


Fig. 1.931

"TEOTIHUACAN — Esta fotografia te dará una ideia de uno de los nueve altares del templo de Quetzatcoatl que fué construido hace mas de mil anos"

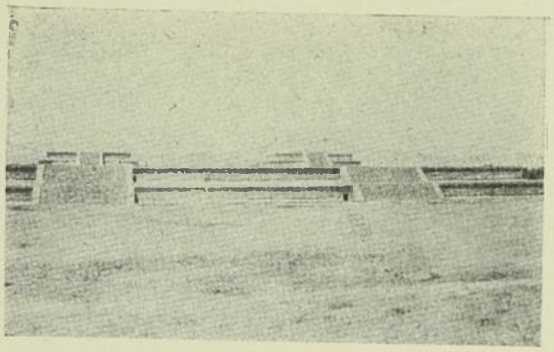
constituidos de pedras vulcanicas e assentes sobre uma camada de argamassa coberta de um cimento muito duro ».

«A pyramide mais alta, em torno da qual estão dispostas as outras sem symetria, é a unica cujas dimensões se conhecem e tem quatro lados orientados segundo os quatro pontos cardeaes, o que faz suppor que esta posição foi expressamente determinada».

«Cada um dos lados da base tem 182 pés e a altura da pyramide é de 221 pés. No

Fig. 1.932

"TEOTIHUACAN — Un aspecto del templo de Quetzatcoatl, que era un dios de los antiguos mexicanoz y cuyo nombre significa "Serpiente de mil colores", "Segun la tradicion fue un hombre blanco y barbado que apareció en estas tierras, quizá venido de Noruega y que enseno a los indios, algunas artes e intridujo entre elles culto de la Cruz. Esto sucedió muchos anos, quizá siglos antes de Colón"



interior de quasi todas estas pyramides veem-se caracteres hieroglyphicos e encontram-se vasos de barro cosido, ornados de figuras em relevo, os quaes os indios dos arredores vendem aos estrangeiros, que visitam essa localidade».

CAPITULO XXI

VARIOS ASSUMPTOS

O PROPHETA EZEQUIEL E A RUINA DE TYRO

DAMOS em seguida os Capitulos XXVII e XXVIII, da Biblia citada, segundo promettemos.

O primeiro é o cantico lugubre do Propheta Ezequiel sobre a ruina de Tyro, descripção da sua belleza, da sua força, das suas riquezas, do seu commercio, da sua queda assombrosa, a todos os povos maritimos:

"E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia":

"Tu, pois, filho do homem faze uma Lamentação sobre Tyro":

"E dirás á mesma Tyro, que habita na entrada do mar, a este emporio do commercio dos Povos de tantas Ilhas: Isto diz o Senhor Deus: O' Tyro, tu disseste: Eu sou de uma formosura perfeita, e situada no coração do mar. Os teus vizinhos, que te edificaram, completaram a tua formosura: de faia de Sanir, te fabricaram com todas as cobertas dos teus vasos do mar: elles tomaram um cedro do Libam para te fazer um mastro".

"Elles applicaram os carvalhos de Basan para os teus remos: e de marfim da India te fizeram os teus bancos, e de madeira das Ilhas de Italia as tuas camaras de pôpa".

"O fino linho do Egypto tecido em bordadura te compoz a vela para se pôr no mastro: o jacintho e a purpura das Ilhas de Elisa, fizeram o teu pavilhão".

"Os habitantes de Sidonia e de Ada foram os teus remeiros: os teus Sábios, ó Tyro foram os teus pilotos".

"Os velhos de Gebal, e os mais habeis d'entre elles deram os seus marinheiros, par te servirem em toda a equipagem dos teus baixeis: todos os navios do mar, e os seus marinheiros estiveram entre o Povo da tua negociação. Os Persas e os da Lydia e os da Lybia eram as tuas gentes de guerra no teu exercito: elles suspenderam em ti os seus escudos e capacetes para te servirem de ornamento".

"Os filhos de Arada, com teu exercito, estavam sobre as tuas muralhas em circulo: e até os Pigmeos que estavam nas tuas torres penduraram as suas aljavas á roda dos teus muros: elles completaram a tua formosura".

"Os Carthaginezes que traficavam comtigo, trazendo-te toda a casta de riquezas, encheram os teus Mercados de prata, de ferro, de estanho e de chumbo".

"A Grecia, Thubal, e Mosoch tambem estes sustentavam o teu commercio: trouxeram ao teu Povo escravos e vasos de metal".

"Da casa de Thogorma, trouxeram á tua Praça cavallos e cavalleiros de machos".

"Os filhos de Dedan negociaram comtigo: o Commercio das tuas manufacturas se extendeu a muitas Ilhas: elles em troca das tuas mercadorias te deram dentes de marfim e de páo ebano".

"Os Syrios se metteram no teu trafico por causa da multidão das tuas obras, expuzeram á venda nos teus Mercados perolas, e purpura, e estofos bordados e pequenos escudos, e linhos finos, e sedas e toda casta de mercadorias preciosas".

"Os povos de Judá e da terra de Israel foram os mesmos que commerciaram comtigo o melhor trigo, eles puzeram de venda nas tuas Feiras o balsamo, o mel, o azeite e a resina".

"O de Damasco traficava comtigo pela abundante variedade dos teus generos, pela multidão de varias riquezas, em vinho generoso, em lans da mais alva côr".

"Os da Tribu de Dan, e os da Grecia, os de Mosel expuzeram á venda nos teus Mercados obras de ferro polido: a myrha destillada e a cana aromatica entravam no teu Commercio".

"Os de Dedan traficavam comtigo pelos teus magnificos tapetes para assento".

"A Arabia, e todos os Principes de Cedar, estavam tambem metidos na dependencia do teu Commercio: com cordeiros, carneiros e cabritos vinham a ti para commerciar comtigo".

"Os vendedores de Saba e de Reema, commerciavam tambem comtigo: com todos os mais subidos aromas, e pedras preciosas e ouro, que expuzeram á venda nos teus Mercados".

"Haran, Quéne e Eden entravam igualmente no teu negocio: Sabá, Assur e Queimad vinham vender-te as suas mercadorias; elles tinham comtigo um trafico de diversos generos, trazendo-te fardos de jacintho, de bordados de varias côres e ricas preciosidades, que vinham embrulhadas e atadas em cordas; tambem ajuntavam a isto madeiras de cedro para negociar comtigo".

"Os teus vasos faziam o teu Commercio principal: tu foste cheia de bens e elevada á mais sublime gloria no coração do mar".

"Os teus remeiros te conduziam sobre grandes aguas: o vento do Meio dia te quebrou no coração do mar".

"As tuas riquezas, os teus thesouros, a tua equipagem tão grande, os teus marinheiros e os teus pilotos, que dispunham de tudo o que servia á tua grandeza, e que governavam a tua tripulação: tambem as tuas gentes de guerra, que pelejavam por ti, com toda a multidão do Povo, que estava no meio de ti, cahiram todos juntos no fundo do mar no dia da tua ruina".

"Ao estrondo da gritaria dos teus Pilotos se turbaram as frotas: E todos os que tinham o remo desceram dos seus vasos; os marinheiros e todos os pilotos do mar pararam em terra e foram sobre ti um grande pranto em altas vozes, e gritaram com amargura; deitaram pó sobre as suas cabeças, e se cobriram de cinza".

"E se rasparam por tua causa os cabellos, vestiram-se de cilicias; na amargura do seu coração elles derramaram lagrimas sobre ti, com um pranto amargosissimo. E farão sobre ti, lugubres canticos; chorarão a tua desgraça, dizendo: Que Cidade ha como Tyro, que emudeceo no meio do mar?".

"Tu, ó Tyro, que pela exportação das tuas mercadorias por mar, encheste de bens a tantos Povos: pela multidão das tuas riquezas e das tuas Nações enriqueceste os Reis da terra".

"Agora foste tu quebrada pelo mar, as tuas riquezas estão no fundo das suas aguas e essa tua multidão de gente, que vivia no meio de ti, toda pereceo".

"Todos os habitantes das Ilhas estão a teu respeito cheios de espanto e todos os seus Reis feridos desta tempestade mudaram de rosto".

"Os Negociantes de todos os Póvos te deram muitas vaias: tu foste reduzida a nada e tu não serás jamais restabelecida".

*

O segundo Cap. XXVIII: Prophecia da ruina do Principe de Tyro. Cantico Lugubre sobre esta ruina. Prophecia sobre a desolação de Sidonia. Promessa do restabelecimento de Israel.

"E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia":

"Filho do homem (1) dize ao Principe de Tyro: Isto diz o Senhor Deus; Pelo motivo de que o teu coração se elevou, e tu disseste: Eu sou Deus, e estou assentado sobre a cadeira de Deus no meio do mar, sendo homem e não Deus e avaliaste o teu coração como o coração de um Deus".

"Eis ahi está que tu és mais sabio que Daniel: nenhum segredo ha occulto a ti".

"Tu te fizeste poderoso pela tua sabedoria e pela tua prudencia: ajuntaste ouro, prata nos teus thesouros".

"Tu accrescentaste o teu poder pela extensão da tua sabedoria, pela multiplicação do teu Commercio: e o teu coração se elevou na tua fortaleza".

"Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que o teu coração se elevou, como se fosse o coração de um Deus; por isso eis ahi, vou eu a fazer vir sobre ti uns estrangeiros os mais poderosos d'entre as Gentes e desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria e affearão da tua belleza".

"Elles te matarão e te precipitarão do Thomo: e tu morrerás na perda dos que serão mortos no coração do mar".

"Acaso fallarás tu diante dos teus matadores, dizendo: Eu sou Deus: sendo tu um homem sujeito ao poder dos que te matam e não um Deus?"

"Tu morrerás da morte dos incircumcidados á mão de estrangeiros, porque eu sou o que fallou, diz o Senhor Deus".

"E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: Filho do homem, levanta um grande pranto sobre o Rei de Tyro; e dir-lhe-has: Isto diz o Senhor Deus: Tu eras o Sello da semelhança, cheio de sabedoria e perfeito na belleza; tu estiveste nas delicias do Paraiso de Deus: o teu vestido estava ornado de toda casta de pedras preciosas: o sardio, o topazio, o jaspe, a crysolida, a cornelina, o berillo, a saphira, o carbunculo e a esmeralda: o ouro, tudo foi empregado em realçar a tua formosura: e os teus instrumentos foram preparados no dia em que foste creado".

"Tu eras um Querubim, que estendia as suas azas e protegia a Arca, e o Propiciatorio e eu te puz sobre o monte santo de Deus, tu andaste no meio das pedras incendidas".

(1) *Dize ao Principe de Tyro* — Calmet assenta que este Principe de Tyro era Ithobal.

"Tu eras perfeito nos teus caminhos desde o dia da tua creação, até que a iniquidade se achou em ti".

"Na multiplicação do teu Commercio se encherão as tuas entranhas de iniquidade e cahiste no peccado: eu te lancei fóra do monte de Deus e te exterminei, o Querubim protegente, do meio das pedras incendidas".

"E o teu coração se elevou no teu explendor: tu perdeste a tua sabedoria na tua formosura, eu te lancei por terra, eu te expuz diante da face dos Reis, para que elles te vissem".

"Tu violaste a tua santidade pela multidão das tuas iniquidades e pelas injustiças do teu Commercio: eu pois farei sahir do meio de ti um fogo, que te devore e te reduzirei em cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te virem".

"Todos os que te virem entre as Nações, ficarão espantados de ti: tu foste aniquilado, e não tornarás mais a ser. E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: Filho do homem, vira o teu rosto para Sidonia e profetizarás sobre ella e dirás: Isto diz o Senhor Deus: Eis aqui venho eu a ti, ó Sidonia, e eu serei glorificado no meio de ti: e saberão que eu sou o Senhor quando eu tiver n'ella exercitado os meus juizos e n'ella for santificado".

"E farei atear nella peste e correr o sangue pelas suas ruas: cahirão no meio d'ella mortos a espada por todos os seus contornos e saberão que eu sou Senhor".

"E Sidonia não será mais para a Casa de Israel um tropeço de amargura e uma espinha que cause dor de todas as partes ao redor d'aquelles que são contrarios e saberão que eu sou o Senhor Deus".

"Isto diz o Senhor Deus: Quando eu tiver ajuntado a Casa de Israel d'entre os Povos em que tem andado dispersos serei santificado n'elles aos olhos das Gentes e elles habitarão na sua terra, que eu dei a meu servo Jacob".

"E habitarão n'ella sem temor algum e edificarão casas, plantarão vinhas e viverão n'uma inteira segurança, quando eu tiver executado os meus juizos sobre todos os que são seus adversarios em contorno e saberão que eu sou Senhor Deus d'elles".

*

INSCRIPÇÕES DA SERRA DE PARINTINS

A insistencia com que nos falavam de inscripções, existentes nas fraldas desta legendaria serra, demoveu-nos a examinal-as, com interesse. Datam, segundo se observa, de 1689 e conseguintemente são recentes, e estão fóra de nossa these. Mas, revelando certa curiosidade paleographica e historica, d'ellas ligeiramente vamo-nos occupar.

O maior bloco, o que se acha mais proximo das margens do rio Amazonas, fig. 1933, contém inscripções esculpidas, já muito damnificadas e em progressivo desapparecimento, pela natureza fragil da pedra. A sua submersão annual acabará por dissipar o seu valor epigraphico, nestes 20 annos mais proximos, não sendo facil a sua remoção, pelo volume consideravel do bloco e a sua fragil consistencia portanto não permittir. A parte esculpida e que constitue a figura referida, submettemos a leves restaurações, n'alguns traços, na parte quasi sumida; ao contrario seria a legenda imperceptivel.

Ao alto, á direita, em grego archaico, temos a palavra composta em letras ligadas invertidas: ΜΗΝ (MHN)

Ella nos offerece duas significações, segundo o Dicc. Gr. cit. p. 910: a primeira Μην *conj.* ora, certamente, seguramente; Καί μην, e entretanto, e certamente; Ἀλλά μην, mas na verdade, mas com effeito, etc. Τί μην οὐ: por que não? A segunda: Μην, *gen.* μηνος (ὁ) mez lunação, *alg. vez.* o deus Lunus. Ισταμενος μην, o começo do mez, os primeiros dias; Μεσων; μην, o meio do mez, a segunda decada. Τελευτῶν *ou* φθίνων μην, o fim do mez, a ultima decada *onde os dias se completam ao contrario.* Τριτη τοῦ φθινοντος, μηνος. 3 dias antes do fim do mez, *isto é* o 27.

R. μηνη?

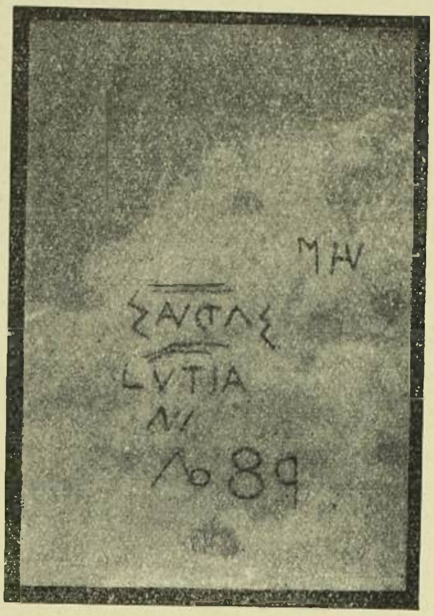


Fig. 1.933 — Parte do bloco com inscripções recentes da Serra de Parintins

Do mesmo modo temos á esquerda em latim barbaro, as palavras compostas ainda de letras ligadas e invertidas:

ΣΑΝCΤΑΣ LVTIA NI	SANCTUS LUTIANI

Na base a data

1689 (1689)

Nestas condições, póde-se concluir, admittindo-se a seguinte interpretação:

MHN SANCTUS LUTIANI,

CERTAMENTE, SANTO LUCIANO, 1689.



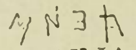
Fig. 1.934 — Inscripções da Serra de Parintins

Em poucos metros distanciados deste bloco encontra-se o constante da fig. 1.934, que desenhámos, visto a sua posição não se prestar para uma boa photographia. Contém duas palavras esculpidas no mesmo estylo grego precedente.

Eis a primeira: ΑΣΧΟΛΟΣ
ΑΣΧΟΛΟΣ

Segundo o Dicc. Gr. cit. p. 240: Ασχολος, ος ον, que não tem descanso, vagar, ocio, repouso, etc; occupado, agitado em de-

masia, que se dá a grande movimento, que não desperdiça tempo, etc. R. R. *a priv.* σχολή.

A segunda : 
Μ Ν Ε Ι Α

Do Dicc. Gr. cit. p. 918: Μνεια, ας, (ἡ), lembrança, menção, *alg. vez.* discurso, opinião, pensamento? Μνειας χαριν, em lembrança. Μνειαν ποιεσθαι τινος, fazer menção etc. R. μναομαι.

A interpretação seria:

ΑΣΧΟΛΟΣ ΜΝΕΙΑ
NÃO DESPERDIÇA TEMPO
LEMBRANÇA

Proximo a este bloco, á direita, encontra-se o da fig. 1.935, pedra granitica sobre a qual está artisticamente esculpido o tradicional symbolo da Companhia de Jesus, assignalando o dominio alli de seus reductos espalhados nesta parte continental.

Foram com effeito infatigaveis estas conquistas do zelo dos discipulos de Loyola.

«A febre aventurosa e conquistadora da epoca, » diz *J. Lucio* (1) "incendiou-as tambem. A igreja de Christo devia predominar em toda a terra, acompanhando a audacia das nações occidentaes, que tinha dilatado os limites do universo".

« Realizando seu intento, os novos apostolos penetraram na India e na America; experimentaram os riscos das longas travessias do oceano; arrostaram com os rigores de climas inhospitos; percorriam a pé extensas solidões em terras ignoradas, descuidosos da ferocidade dos animaes bravios e da sanha das tribus selvagens; soffriam privações de tudo que mais indispensavel se torna aos commodos do homem civilisado; aprendiam comsigo mesmo, e chegavam a possuir perfeitamente, linguagens barbaras, em que pregavam aos indigenas; e pereciam ás mãos destes, contentes com a palma do martyrio, confessando sua fé ».


Fig. 1.935 — Inscripção da Serra de Parintins

"Na America latina foi o principal assento destes homens fortes. Ahi foram missionarios, colonos, caçadores de escravos, lavradores, artifices, mestres, historiadores, geographos, negociantes, estadistas e generaes.

Devassaram toda a extensão do continente sul-americano, até as solidões, mais reconditas. Fizeram-se navegadores no Amazonas e cavalleiros nas margens do Prata. Crearam as reducções e as fazendas. Dirigiam agora os resgates, logo declaravam guerra sem treguas á escravidão dos indios. Cultivavam o cacáo no Pará e colhiam o mate no Paraguay. Erguiam templos e edificavam povoações; abriam officinas, teciam, pintavam, esculpiam. Liam humanidades nas villas de europeus e explicavam doutrina, ensinavam as primeiras letras e as artes mechanicas aos indios das aldeias. Biographavam os seus mais illustres, e redigiam as chronicas das missões e do Estado. Exploravam as regiões desconhecidas; estudavam os costumes do gentio, escreviam diarios e levantavam mappas. A pretexto de proverem as despezas do culto

(1) Os Jesuitas no Gram Pará, obr. citada.

e a manutenção das aldeias, apoderaram-se dos productos que vendiam, augmentando assim o cabedal da Companhia. Conseguiam o dominio incontestado do territorio do Paraguay, onde estabeleciam um regimem social inteiramente novo nos annaes da historia, sujeitando as populações convertidas a um brando despotismo, com que se julgavam venturosas".

"Finalmente, sabiam armar, exercitar e capitanear os seus indios, guiando-os ora a castigar as aggressões de tribus mais rudes, ora a repellir os ataques dos arrojados bandeirantes, no sul do Brazil".

"Desta maneira, se as relações dos indios com a civilisação constituem o elemento essencial da historia desta parte da America, a intervenção dos jesuitas foi de tal ordem, que bem póde dizer-se, ser a historia da Companhia por si só, uma historia completa da colonização".



Fig. 1.936 — Inscripção da Serra de Parintins

Pelo que particularmente concerne á Serra de Parintins, é de crer portanto que teria esta um nome, que fôra substituido pelo de S. Luciano e que alli seria a séde de um nucleo, do qual infelizmente não se pode hoje avaliar o desenvolvimento attingido. Os indicios são, como vemos, vagos sob o ponto de vista epigraphico e archeologico.

Além das inscripções que offerecemos, encontram-se alguns nomes gravados sem maior importancia, como os das figs. 1.937-1.938 e outros pouco perceptiveis.

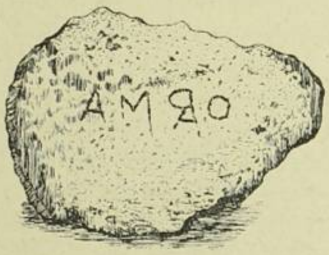


Fig. 1.937 — Inscripção da Serra de Parintins

A pedra curiosa, de que nos fala o Conego Francisco Bernardino de Souza, em suas — "*Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas*", que diz haver rolado em 1.857 do cimo da serra, sobre a qual se acham gravadas as letras AFP, não tivemos o prazer de encontrar. Provavelmente já estaria submersa, ao momento da nossa excursão. A' primeira vista póde-se crer que sejam simples iniciaes, mas acontece não estarem as letras separadas por pontos. Dada a hypothese, porém, que não fossem bem copiadas, e a 2ª letra fosse H, caso muito natural em vetustas inscripções poderiamos formar a palavra grega AHP, ερος, (ὁ) ar, atmosphera, gaz, exhalação; *Poet.* vapôr, cerração, nevoa, nevoeiro; borrador, rascunho; diario, registro, etc.

Neste caso, poder-se-á tomar como predominantes as referidas palavras, porque é, com effeito, o alto da serra, batido pela ventilação amena, suave, predisposto portanto ao registro do movimento do trabalho e da fiscalização, etc.

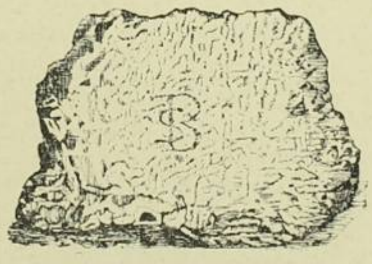


Fig. 1.938 — Inscripção da Serra de Parintins

Baena tratando da Serra de Parintins diz:

"Assumo este nome dos selvicolas assim denominados, que a habitavam. Altos arvoredos a enramam até a sua lomba, que é uma planura, onde dizem ter existido uma aldêa dos ditos Parintins, fundada pelos jesuitas e que os mesmos aldeanos se revoltaram contra os que lhe ministravam a doutrina, queimaram as casas,

esburacaram a igreja, enterraram os sinos e transfugiram para as brenhas. Ainda dura nas circumvisinhanças a tradição oral, de que em todas as noites de Natal se ouvem os sinos soterrados".

Surprehendeu-nos não encontrarmos neste local importante, inscripções demonstradamente prehistoricas, da natureza das centenas, que temos colhido nas regiões amazonicas. E' de suppor porém que a ideia predominante sendo então de conquista, qualquer signo que houvessem alli esculpido, fosse destruido, para firmar outro recente, estabelecendo o direito de posse ou a primazia de occupação.

E' este justamente o ponto em que se faz opportuno emittirmos ligeiras considerações.

O estylo dos caracteres gregos empregados nestas inscripções faz crer que ellas foram esculpidas em eras prehistoricas, anteriormente ás latinas de feições recentes. Esta hypothese poder-se-á admittir, porque ellas por si só formam pensamentos com accepção regular. Neste caso será manifesta uma premeditada promiscuidade com o intuito de confundir, para se não contradictar aos jesuitas a primazia de dominio da região, bem como ás ideias sobre Colombo e Cabral na prioridade dos seus descobrimentos no Continente Americano, actos que se tem procurado, por todos os meios, desviar de investigações ou provas contrarias.

Entretanto sabemos como innegavelmente sempre foram os jesuitas, cultos, e que não lhes seriam extranhas essas gravuras paleographicas. Tinham conhecimentos philologicos, predicados que lhes facultariam interpretações epigraphicas. Elles poderiam tel-as divulgado si conveniencias contrarias não lhes obstassem os passos.

Nestas condições é-nos difficil formular segura solução de ordem paleographica sobre o presente caso.

Limitamo-nos ás considerações que acima foram expostas.

E para finalizar diremos que quanto á parte archeologica, se tanto interessar, poderá ser estudada em outra occasião, que o momento melhor comporte, incluindo os vestigios mais vehementes de templos em arrazamento e outras preciosidades que as tradições insistemente fazem perdurar no espirito do povo dessas paragens, como das de Tanaquéra, por exemplo, no rio Iacurapá, não muito distantes da Serra de Parintins, como tantas outras no Valle do Amazonas.

Ao terminar, aqui deixamos o mais expressivo sentimento de gratidão ao illustre Dr. José Furtado Belem, pelo gentil auxilio que nos dispensou nesta breve e proveitosa excursão.

*

"E A LENDA SE DESFAZ. . .
O ROTEIRO DE BELCHIOR DIAS

SENSACIONAES DESCOBERTAS DO ENGENHEIRO APOLLINARIO FROT"

Com esta epigraphe proporcionou-nos a importante revista *O Norte*, publicada no Rio de Janeiro, em seu N. 43, de 21 de Outubro de 1920, um artigo subscripto por Luiz de Aparraguerra, interessando-nos de algum modo na parte epigraphica apenas.

Affeito a não nos deixar seduzir pela primeira impressão, meditamos sempre sobre o assumpto de modo calmo, como é preciso. Chronistas e jornalistas deixam ás vezes

transparecer, em vez da realidade, o exaggero e a confusão, revestindo o assumpto, que encerra alto valor, de phantazias e mysterios.

No presente caso, porém, queremos crer que está elle revestido de um cunho real, por isso digno de attenção, e é nesta hypothese que pedimos venia para ligeiras observações.

Eis um de seus principaes topicos: Apresentando o illustre Engenheiro Frot ao seu amigo, autor do artigo, tres volumes manuscriptos, diz: "............está a prova irrefutavel, a solução que antes de mim, durante seculos, outros procuraram, capitães, aventureiros, jesuitas e selvicolas. Decifrei o roteiro de Belchior Dias, constatando nos respectivos locaes a existencia effectiva de cinco minas de prata, a que todos os autores fazem referencia ..... como uma lenda dos tempos da conquista. Como sabe, levei annos e annos em pacientes investigações, explorando palmo a palmo o solo bahiano, reconstituindo e decifrando o colossal labyrintho de enigmaticos signaes gravados ou pintados aqui e acolá pelos desvirginadores do sertão".

Esta affirmação demove-nos a lembrar ao autor que esse assumpto, por si attribuido ao periodo colonial do Brasil, tem sido qualificado como prehistorico-epigraphico e como tal vem sendo tratado em successivos congressos de archeologia ou em obras de reputados scientistas.

Lembramos tambem que, attribuir a Belchior Dias a autoria desses traços do sertão bahiano ou aos selvicolas, seria negar a esses caracteres a sua real origem precolombiana, facto que procuramos deixar sufficientemente provado neste trabalho.

Esperamos que o illustre Engenheiro Frot, dando publicidade aos seus valiosos trabalhos, venha satisfazer á nossa curiosidade, expondo as suas interpretações sobre "o colossal labyrintho de enigmaticos signaes", o que diz haver levado a effeito.

E' elle ainda que nos diz: ". . . . Nos sertões ha outras inscripções seculares, as que os selvicolas traçam com assumptos triviaes, de caça, pesca, etc, porém facilmente reconheciveis a quem tiver estudado essa sciencia".

Cremos que essa sciencia a que se refere é a indianologia e sobre a mesma aguardaremos, com viva curiosidade, sensacionaes revelações na obra do illustre Engenheiro.

"Foi" continúa elle "aproveitando os exemplos dos indios, que os exploradores de antanho adoptaram as inscripções e os roteiros. As difficuldades de transmittir noticias, a insegurança da epocha, a incerteza da vida aventureira, fez com que os mais lettrados e os analphabetos considerassem esse meio mysterioso o unico que offerece garantia do segredo, tornando essa linguagem comprehensivel para as pessoas de sua confiança".

Desta forma deduz-se que o exemplo dos indios demoveu os exploradores ao uso das inscripções e dos roteiros. Eis outro problema cuja solução o illustre Engenheiro Frot nos facultará, demonstrando a differença entre essas seculares inscripções e roteiros recentes, assim como entre os falsos e os verdadeiros, segundo classifica. Notemos o que nos diz: "Nos sertões da Bahia os verdadeiros roteiros de Belchior Dias, e de um seu successor que attribuo a um filho d'aquelle com uma india chamada Lourença, e cujo nome deve ser Rubelio Dias, são bem explicitos. Acham-se uns gravados e outros pintados sobre as rochas ou lages, desde a Bahia, até alem do local onde se acham as minas, n'uma distancia de 200 leguas e uma largura de 30 a 50. Estes roteiros se compõem, como é sabido, de signaes differentes, animaes, objectos diversos, onde o menor risco, o ponto, tem tanto valor como qualquer letra do nosso alphabeto em nossas palavras escriptas".

"A decifração é impossivel a quem não estiver iniciado ou não conhecer *de visu* a topographia de toda a extensão do territorio percorrido pelo explorador".

"Os roteiros são tão intelligentemente feitos que facilmente podem desviar o curioso a caminhos diversos".

Neste ponto o caso attinge as raias do mysterio e do quasi impossivel, razão pela qual deveriamos tomar a resolução de ouvir e calar, já que não nos é dado ver, porque tudo está fóra de nossa percepção visual.

Comtudo, incentivado pela curiosidade, vamos procurar tratar do assumpto, limitando-nos ao recurso paleographico.

Com elle poderemos talvez desvendar alguma cousa, tomando por base os roteiros publicados.

E' devéras sensacional o problema de que nos fala o illustre Engenheiro Frot, nestes termos:

"No nosso caso cada desenho contém setenta unidades, pelas quaes estão divididos os signaes, e encerram todos os dados de uma viagem de ida e volta. Nos mesmos se mencionam todas as minas, em numero de cinco, e um deposito importante de metal precioso".

Como em seguida a este periodo vem o roteiro allusivo talvez ao problema e após outros diversos, é possivel que da interpretação surja algo da relatividade mencionada.

Em alguns roteiros ou inscripções faremos leves reparos nos pontos incorrectos, occasionados certamente pela vetustez.

Com as referidas inscripções reproduziremos tambem a fórma pela qual ellas estão demonstradas, fazendo-as acompanhar das nossas interpretações, do modo por nós seguido.

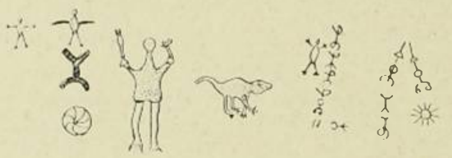
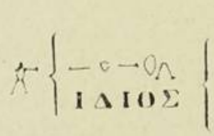


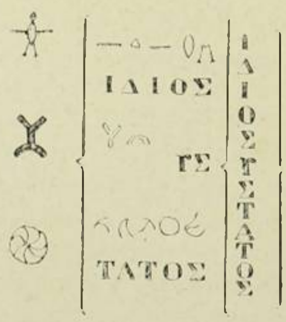
Fig. 1.939

"Roteiro traçado pela mão de Belchior Dias Moreira. Foi modificado posteriormente. Nelle estão indicados falsamente o local do deposito geral do minerio estrahido, quatro minas e a distancia que as separa umas das outras. Este roteiro tem sido um dos que mais têm contribuido para enganar os pesquizadores. Está situado a 120 leguas da maior mina indicada e a 28 leguas do Deposito".

Eis agora a nossa interpretação:



Dicc. Gr. cit., p. 687: Ιδιος, α, ον. (*comp.* ιδιωτερος, *ou melhor* ιδιαιτερος, *supr.* ιδιωτος), proprio, particular, singular, especial; tomado no proprio sentido, que é do dominio privado *e em regra*, não consagrado, profano, etc.



Idem, p. 687: Ιδιοσυστατος, ος, ον, que subsiste por si mesmo.
R. R. ιδ. συνιστημι.



Idem, p. 687: Ἰδιοτροπος, ος, ον, que tem maneira de ser *ou* bons costumes, todos particulares, que tem um caracter original. R. R. ἰδ, τροπος.

RESUMO:

.... ΙΔΙΟΣ ΙΔΙΟΣΥΣΤΑΤΟΣ ΙΔΙΟΤΡΟΠΟΣ

..... PROPRIO, DO DOMINIO PRIVADO, QUE SUBSISTE POR SI MESMO E TEM MANEIRA DE SER OU UM CARACTER ORIGINAL

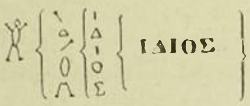
*



Fig. 1.940

Idem, p. 1300: Σολοικος, ος, ον. (*comp.* οτερος, *supr.* οτατος), incorrecto, defeituoso, *fal. de ling.* contrario ás regras da gramatica; *ou. fig*, grosseiro, absurdo, etc. R. Σόλοι, etc.

*



Esta, como as figuras que se seguem, já foram interpretadas.

*

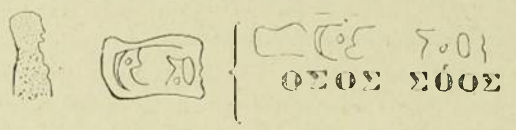


E' claro que esta inscripção não se afasta da norma de tantas outras por nós interpretadas. Além do que ficou demonstrado, nada mais revela, salvo o que subsistir apenas no ideal do illustre Engenheiro Frot. Este nos relevará o modo de ver, que exclue Belchior Dias da autoria desta questionada inscripção. Ella deixa perceber que não fôra

alterada, mas sim corrigida seguidamente na palavra Σολοικος, sendo por conseguinte repetida esta, de forma differente, apenas nas disposições dos caracteres. Entretanto, se é roteiro da lavra de Belchior Dias e não o que acabamos de demonstrar, o illustre Engenheiro Frot tem a palavra para nos refutar e nós deveremos, lealmente, penitenciar-nos si por ventura tivermos incorrido em erro. Em caso contrario, os mysterios, os roteiros, e os problemas terão de se desfazer... como a lenda das prodigiosas minas. Estas poderiam ser encontradas pela applicação dos elevados conhecimentos scientificos e profissionaes do illustre Engenheiro Frot, independentemente destes *enigmaticos roteiros.*"

*

Fig. 1.941



"Perfilo monogramma de Rubelio Dias, desenhados na rocha, tal como se encontram actualmente."

Idem, p. 1013: Oσος, η, ον, muito grande, muito consideravel; muito numeroso; tão grande que, tambem numeroso, etc.

Idem, p. 1300: Σοος, ος, ον, *Poet. donde a forma Att.* Σῶς, ως, ων, são e salvo, inteiro, que subsiste *ou* que sobrevive, *alg. vez.* salutar? etc.

RESUMO:

ΟΣΟΣ ΣΌΟΣ

MUITO GRANDE, CONSIDERAVEL, QUE SUBSISTE

Estas duas figuras, só com as devidas reservas, poderiamos interpretar. Affirma o illustre Engenheiro Frot, que representam: a 1ª, o perfil e a 2ª, o monogramma de Rubelio Dias. Limitamo-nos porém a offerecer, nas condições predictas, a presente interpretação, que, nada de relação demonstra, effectivamente, com o supposto monogramma. Quer-nos parecer que a 1ª trata de um personagem de valor consideravel da passada era, mui fielmente desenhado talvez, o que prescindia portanto a gravação do nome. Teve o illustre Engenheiro Frot, a rara habilidade sensacional de ver nessa figura, o perfil de Rubelio Dias, gravado no periodo colonial!...

As letras B D, assim denominadas: "Monogramma de Belchior Dias Moreira", não offerecem duvida. Porém o mesmo não se dá com esta inscripção, que vemos acompanhada de seus dizeres explicativos:

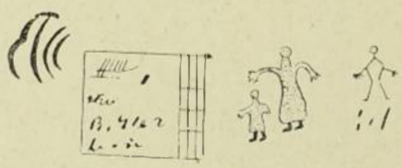


Fig. 1.942

"Roteiro, desenhado na rocha, pela mão de Rubelio Dias, filho natural de Belchior e indica o que depositou no Deposito Geral, a quantidade de arrobas que retirou do Deposito provisorio, a distancia entre o local onde está situado o roteiro, os depositos provisorio e geral e bem assim da mina onde foi extrahida a prata. As distancias são de 72 leguas da mina; 12 leguas do deposito provisorio e 31 leguas do Deposito Geral. Todos os dados indicados foram verificados e são exactos".

Eis um mixto de letras manuscriptas do nosso alphabeto e figuras semelhantes ás demais inscripções, conseguintemente atrophiadas, fóra das normas para uma interpretação regular.

Limitamo-nos a admirar apenas este sensacional systema de inscripções, para nós desconhecido, complicadissimo em extremo. Só mesmo um espirito privilegiado poderia decifrar semelhante *enigma*, que teria sido talvez originado das celebres figuras convencionaes dos exploradores. Trata-se certamente de um dos difficilimos roteiros, que se compõem de signaes differentes, etc., dos quaes nos fala o illustre Engenheiro Frot, cuja decifração não faremos pela falta de certos e determinados predicados, que jamais poderemos alcançar.

*

Vêm mencionadas no artigo algumas figuras, resumidas pelo illustre Dr. Theodoro Sampaio, na 3ª these official, apresentada ao 1° Congresso de Historia Nacional, já por nós interpretadas, ás quaes denomina o illustre Engenheiro Frot "inscripções indigenas e inconfundiveis com as dos roteiros de Belchior, etc." Pensamos de modo contrario porque ellas guardam semelhança evidente, como já deixámos provado, exceptuando-se, desta analogia, apenas a precedente *inscripção mixta*.

*

O artigo é terminado, na parte epigraphica, com as seguintes figuras, acompanhadas das respectivas palavras explicativas:



Fig. 1.943

"Hieroglyphos que indicam e explicam o lugar onde Belchior fabricava e concertava as suas ferramentas, situado, approximadamente, no centro de suas explorações".

Entretanto é muito differente o que nos diz a interpretação destes caracteres, que são os mesmos vulgarizados em toda a America e dos quaes vimos tratando. Abstrahindo ligeiras incorrecções das figuras teremos:



Isto faz crer, que esta inscripção deveria ser o complemento da que fôra visivelmente alterada com os nossos actuaes caracteres, ou transviada de outro grupo.

Abstemo-nos de fazer certas observações aqui, sobre o nosso modo de vêr, por já havermos exposto no decurso do nosso trabalho.

As cogitações epigraphicas, finalmente, que de longe encetámos, offerecem-nos o ensejo de resumir todos os assumptos a ellas peculiares, até o momento de levar ao prélo a nossa modesta obra. E' esta a razão pela qual, com prazer, aqui deixamos estas linhas com justa gratidão ao illustre Engenheiro Frot, pelo seu sensacional concurso.

Mais tarde, na Revista "Eu sei tudo", n. 105, de Fevereiro de 1926, vimos várias inscripções publicadas pelo referido autor, todas addicionadas de numeros, transfiguradas, não se prestando, por este motivo, a regulares interpretações. Vimos, com surpreza, a inscripção existente no Rio Tapajós (Cantagallo), por nós qualificada de grega e decifrada, à qual o Engenheiro Frot attribue origem egypcia.

*

INSCRIPÇÕES DA PROVINCIA DE LEON OU LEÃO

(HESPANHA)

Com a denominação de "*Arte Rupestre*" publicou o illustre Sr. Julian Sanz Martinez em Madrid, um importante trabalho sobre inscripções lapidares, encontradas nas Cuevas de "*El Castro de Villasabariego, Santa Marina, termino de Villacontilde e Valle de Mansilla*".

Merecendo-nos maximo apreço o assumpto, occorre-nos o dever de solicitar ao referido scientista a devida venia, para emittir a nossa opinião paleographica sobre essas inscripções, sendo imprescindivel que as tomemos por base e exemplificação.

Tratando das Cuevas de "El Castro" diz o autor á pag. 9: "El cerro lanciense forma varios salientes, que el hombre primitivo aprovechó para hacer sus vivendas, cavadas en la arcilla en las que nos ha dejado interesantisimos vestigios de su arte y con el los de sus creencias y sus procedimientos en la lucha por la existencia".

"Las cavernas — nos dicen Figuier y Zimmermann, en su obra *Origen del hombre* — abiertas en las rocas fueron la morada primitiva del hombre. Si hemos de hacer caso a Mr. Thieullen, el hombre, viveó primeramente en chozas construidas de ramaje o al aire libre, en las orillas de los rios, causa por la cual, en los aluviones del Somme, Baucher de Perthes encontró abundantisimos objectos de industria paleolitica. Según Obermaier, el hombre empezó a utilizar como vivenda las cavernas en el periodo achelense; obligado por el cambio de temperatura — dice — que ya en el periodo musteriense, habian desaparecido por completo las estaciones al aire livre".

"Las cuevas de "El Castro", de Villas abariego, diz Martinez, son artificiales; el hombre neolitico aprovechó unas capas de arcilla que alternan con otras de arenisca para en ellas hacer las aquedades que despues constituyó en hogar, o por lo menos utilizó como refugios si bien creo lo más probable lo primeiro".

"No es de estrañar — nos dice D. Elias Gago, en el trabajo ya citado — que el tal cerro o colina fuera una de las estaciones habitadas por los primitivos pobladores de España, o por lo menos desde remotisima época, pues a ello les brindaba su excelente posicion topografica para encontrar abundantes alimentos, principalmente de caza y pesca, asi como tambien el fino instinto del hombre selvaje le daba a conocer las ventajas higienicas de su elevada posición, porque a la altura de sus habitaciones llegaba el aire mas enrarecido y no tan saturado de las emanaciones paludicas del hojo terreno inculto y cenagoso, no dejando tambien de pesar en su animo para escoger vivenda las ventajas de una fortaleza natural que reuna excelentes condiciones de defensa, dados los medios de combatir de los antiguos tiempos....................."

Estes estudos epigraphicos, na provincia de Leon, foram levados a affeito por Sanz Martinez, e, pelo que se vê, foram magistralmente realizados. Faz estudos que elle crê, de verdadeira importancia para a prehistoria da região leonesa, que servem de prova para poder affirmar que os primeiros povos, desta parte da Hespanha, possuiam um sentimento artistico que em nada desmerecia dos povoadores prehistoricos de outras regiões da Peninsula Iberica. Deduz que cultivavam a arte que se tem denominado *Rupestre*, a qual tantas surprezas tem proporcionado, desde que o insigne montanhez Marcellino S. de Santuola, fez seu descobrimento nas paredes e tectos da caverna de Altamira, proximo a Santillana, del Mar Santander); que segundo opinião do illustre Dechelette "é a Capella Sixtina da Arte quaternaria".

« Por su disposición en "El Castro", las cuevas del saliente de "Cuevas menudas" tienen una notable semejanza con las del Parque nacional de Bandelier en Nuevo Mejico (Estados Unidos) recientemente elevadas a la categoria de monumento Nacional, y que dependen en la actualidad del Departamento de Agricultura ».

Diz o historiador allemão, Rodolfo Cromau, em sua magnifica obra *America. Historia de su descubrimiento desde los tiempos primitivos hasta los más modernos*, tratando de "*casas de penascos*":"Son grandes ciudades en forma de grandes cuarteles de piedra, cuyas viverdas se hallan unidas las unas a las otras como celdas de uma colmena, o bien casas sueltas que, como nido de aguila, estan emplazados a colosal altura, aprovechando las mesetas grietas y cuevas naturales que presentan los inaccesibles moles que bordean el cauce del rio". "Y de las edificaciones en las cuevas", continúa: Las contadas familias que habitaban en aquellas apartadas regiones tenian que observar todo genero de precauciones para defenderse de los ataques que les dirigieran sus enemigos, más poderosos que ellos. Con tal objecto levantaban sus hogares en sitios de dificil acceso, en lo mas alto de las rocas en las hendiduras de las peñas o en las innumerables cuevas y agujeras que las influencias del tiempo habian formado en las capas de piedra arenisca más o menos dura. Alli, cual nidos de golondrinas, se ven esas viviendas pegadas a la peña en su parte más alta......"

Isto faz-nos recordar, além de outras, as curiosidades das Sete Cidades, de Piracuruca, no Estado de Piauhy, das quaes, falando Luiz Soares Godinho, diz: "a agglomeração de rochedos de todos os comprimentos, alturas, grossuras e cores, collocados em ordem de ruas, becos e praças com apparencias de casas, pois até ha imitação de telhado, assemelha-se perfeitamente a uma Cidade. Ha pedras imitando templos, palacios, torres, pyramides e outros monumentos".

Pensa Sanz Martinez: "que las cuevas que más acertadamente se pueden comparar las de "Cuevas menudas", son con las artificiales, de uso sepulcral, que existen en la region del Marne, que segun Dechelette, son del periodo neolitico..................."

A importante obra, a que nos vimos referindo, principalmente sob o ponto de vista epigraphico, é precedida por trez estampas, representando a 1ª, uma variedade de instrumentos de pedra, de differentes naturezas, sendo em maior numero machados muito semelhantes aos já por nós classificados; a 2ª, objectos diversos esphericos de pedra, etc; e a 3ª, objectos ceramicos e osseos, todos encontrados nas covas de "El Castro", de Villasabariego e outras localidades.

Tratando das Inscripções diz o autor: "Las paredes das "Cuevas menudas", tienen una serie de pequenos huecos, todos cavados a una misma altura, sin duda con el uso que atribuye Dechelette a los de las cuevas del Marne, y estan adornadas por caracteristicos

grabados del periodo neolitico, que hasta ahora han pesado inadvertidas por los aficionados que han visitado aquellas cuevas, aunque no para los profanos pastores en su mayoria, que han llenado la pared de nombres hechos y signos que aparecen mezclados con los que hizo el hombre primitivo que moró en "Cuevas menudas", estos labores de los modernos pastores hechos, sin duda para imitar los del periodo neolitico, se differencian perfeitamente de los grabados en aquella época remotisima".

« En su admirable obra *El arte rupestre en España*, D. Juan Cabre Aguilo, dice lo seguinte: . . . . en el Centro de España los artistas prehistóricos optaram para su grabado; esa es la caracteristica ».

« Los grabados de la region leonesa son un documento más para fortalecer el aserto del Sr. Cabrié, pero un documento de singular importancia por que ciñe los limites del arte rupestre cantabrico en el periodo neolitico; es decir, que el procedimiento pictorico del Norte de España queda reducido a una faja bastante estrecha a lo largo del litoral faja que sólo se ensancha hacia la provincia de Burgos para recoger en si la cueva de "Atapuerca", en la que aparecen pinturas en rojo y algunos *graffits* caracteristicos de la region central ».

« No solo por el procedimiento son de importancia las manifestaciones artisticas de "Cuevas menudas", sin tambien por la *manera*, que se asemeja a la de los artistas de las regiones central y meridional, participando, sin embargo, de los caracteristicos de la cantábrica ».

« Las figuras de "Cuevas menudas", son de un grabado muy grande de esquematización; son en su mayoria figuras antropomorfas y zoomorfas, al lado de las cuales aparecen diversos signos, de los que algunos pueden representar objectos y otros a los que no ha sido posible darles una interpretacion. Sin embargo, los grabados neoliticos hechos en la pared arcillosa de la curva A del grupo de "Cuevas menudas" (1), tienen a pezar de ser tan esquematicos, la sencillez de trazo de las figuras neoliticas del Norte y los rasgos detallistas de muchas figuras antropomorfas del Centro y Medio dia de España, razon por la cual puede considerarseles como una transición del arte rupestre de ambas regiones ».

« Obermasier, en su magnifica obra *El hombre fosil*, atribuye el origen de este arte de esquematización a tribus del Capsiense, superior, o final de España, que "evolucionaran *in situ* al Azilio Tardenoisiense, y que más tarde, seguramente debido a influencias de civilizaciones exteriores, evolusionaron hacia el Neolitico ».

"El mismo Obermasier nos indica en dicha obra la época aproximada de esta clase de grabados, deciendo: "Puéde dicirse, además, que han perdurado hasta el Neolitico final y primera edad de los metales. No obstante, son en gran parte seguramente de edad azilo tardenoisiense, y coundicen en absoluto con los cantos pintados azilienses, los cuales fijan su edad".

"En parrafos anteriores se ha dicho que los grabados de "Cuevas menudas", pueden ser una transicion entre el arte neolitico de la región cantábrica y el del Centro y Sur de España. En efecto, si compararmos las figuras (especialmente las antropomorfas) salta a la vista que en el Norte el ser humano es representado solo, sen más lineas que las necesarias para formar el tronco y los miembros, mientras que en el Centro y Sur aparecen las figuras, frecuentemente, con adornos en la cabeza, y brazos, empuñando armas, la cabeza redondeada etc. De las figuras humanas que aparecen en estas cuevas leonesas, al-

(1) E' de grande interesse consultar á obra citada.

gunas son sencillas, como las de la region cantábrica, y otras, por el contrario, aunque de trazos delgados, como aquèllas, levan adornos extraordinariamente esquematizados (fig. 5)" "Para mejor estudiar los grabados de la cueva A del grupo de "Cuevas menudas", han sido classificados en tres partes: 1°. — Figuras antropomorfas; 2°, Figuras zoomorfas; y 3°, Signos de interpretacion incerta".

"*Figuras antropomorfas* — Las figuras humanas esquematicas completas que he logrado encontrar, son cinco; incompletas pueden observarse muchas más en el gran numero de trazos medio borrados por las gotas de lluvia y por los vientos que azotan en las paredes de la cueva desde que se hundio su parte anterior. Sólo como simples lineas se hubieran considerado algunos de los grabados en esta cueva, de no conocer el seguinte parrafo del ilustre Obermasier: "Dificil seria en muchos casos el adivinar la derivacion de estos dibujos de la figura humana o animal si no existiese una gradación en la estilizacion de las figuras, desde el dibujo naturalista hasta el esquema geométrico final".

"Con objetos de facilitar el estudio, estableciendo comparaciones se presentan diversas representaciones del ser humano, descubiertas en cuevas y abrigos nacionales y extranjeros, que puedan tener alguna relacion con las de "Cuevas menudas.........."

Não poderiamos entrar no assumpto, sem que aqui deixassemos a synthese dos valiosos estudos do illustre Sr. Julian Sanz Martinez, com a reproducção de suas proprias palavras e tambem das citações de varios e importantes autores. Seja-nos licito, entretanto, incluir, preliminarmente, estas inscripções na mesma ordem paleographica, linear e figurativa, sob base do primitivo grego, a que pertencem outras por nós interpretadas, o que vamos constatar.

Começaremos pela pag. 17, fig 5; sendo: de I a VI, da "Cueva del Castillo" en Puenta Viesgo (Santander), de VII e IX, Abrigo de "Peña Tú", en Vidiago (Asturias).

As de nºs. VI, VII e VIII acham-se terminadas, emquanto as mais estão simplificadas ou estariam em vias de execução. Obedecem porém ao mesmo dezenho, cuja significação paleographica é a mesma das identicas figuras de regiões do Rio Negro (Amazonas), da colleção de Kuck Grünberg, por nós interpretadas, como tantas outras:

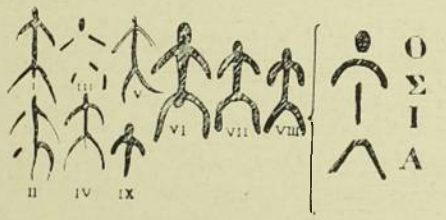


Fig. 1.944

Ὁσία, ας (ἡ), rito *ou* ceremonia religiosa *e especialmente* exequias, funeraes; o que é permittido por leis divinas, justiça divina *ou simplesmente*, direito, justiça, legalidade, cousa permittida; adquirida de consciencia, o que se faz pela fórma, etc.

Pag. 17, Est. 6ª "Cuevas menudas", representa uma figura que contem 5 vezes a palavra ΛΙΣ, com muita arte, assim executada:

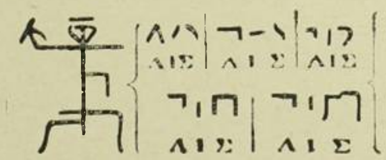


Fig. 1.945

Λῖς, *acc.* λῖν, *n. pl.* λῖες, *dat.* λίεσσι (ὁ) *Poet. por* λέων. LEÃO, etc.

Pag. 18, Est. 7ª. contendo 4 figuras; sendo: a I da "Cueva de los Piruetanos", II e III; de "El Arabi" IV, de "Cantos de la Visera".



Fig. 1.946

Φίτυς, υος, *Poet.* pae. R. de φιτύω, f. υσω, *Poet. por* φυτεύω plantar, engendrar. || *Ao mediano m. sing.* R. φῖτυ.

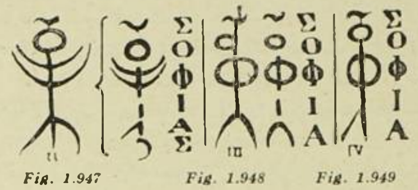


Fig. 1.947 Fig. 1.948 Fig. 1.949

Σοφία, ας, (ἡ), sabedoria, *isto é*, sciencia, instrucção, conhecimento aprofundado das cousas, intelligencia, prudencia. R. σοφός.

*

Pag. 18, Est. 8ª. "Hachas emmangadas, esculpidas en una piedra del dolmen Mané et Hroech, en Loemariequer (Marbiham)".

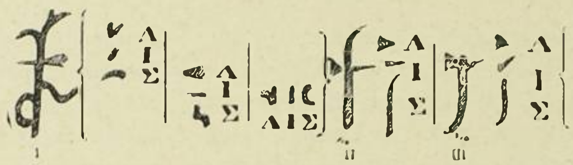
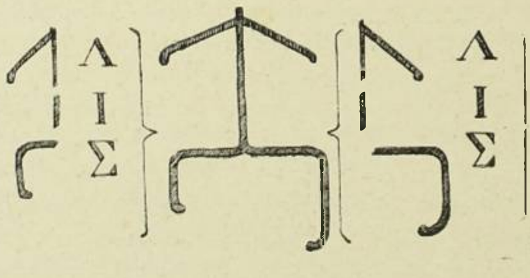


Fig. 1.950 Fig. 1.951 Fig. 1.952

A palavra ΑΙΣ, já está definida precedentemente.

*

Pag. 18, Est. 9ª. "Figura humana, de Cuevas menudas":



Palavra já definida.

Fig. 1.953

*

Pag. 19, Est. 10ª. I Rabanero; II Aïr (Argelia): III "Mas d'Azir (Francia)".



Fig. 1.954

Ὅσιος, α, ον, (*comp.* ωτερος *sup.* ωτατος), conforme as leis da religião; permittido pela religião, *ou* não prohibido por ella, donde *alg. vez.* profano, que não é ponto consagrado, que se pode tocar sem crime, *por opp.* a ἱερός: *mui. vez.* santo sagrado; justo, conforme a justiça; puro, innocente, virtuoso, pio, religioso, etc.

*



Fig. 1.955

Palavra já definida

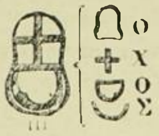


Fig. 1.956

Οχος, ος, ον, tenaz, firme, solido *com o gen.* que retém, que contém, etc.

*

Pag. 19, Est. 12ª. Figura de "Cuevas menudas":

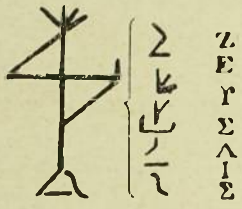


Fig. 1.957

Ζευς, *gen* Διός, *dat* Δί, *acc.* Δια, *voc.* Ζεῦ (ὁ). Jupiter, *deus da fabula ou planeta; alg. vez. por ext.* o céo, o ar, o tempo que faz? etc.

Αις, palavra por vezes definida.

*

Pag. 20, Est. 12ª. I, II, III, VI y VII. "Fuencaliente — IV y V Aïr — VII y X Oimena — IX Cantos de la Visera — XI, XII, XIII y XIV Petroglifos andaluces":



Fig. 1.958

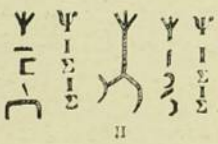


Fig. 1.959

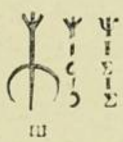


Fig. 1.960



Fig. 1.961

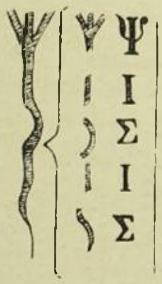


Fig. 1.962

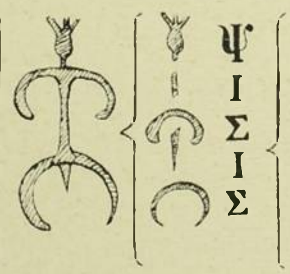


Fig. 1.963

Ψισις, εως, (ἡ) *Glss.* acção de migar, esmigalhar, retalhar, dividir, desmembrar; *alg. vez,* φθισις, destruição, morte?

R. ψιω.

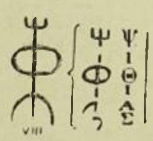


Fig. 1.964

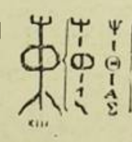


Fig. 1.965

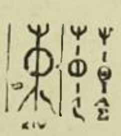
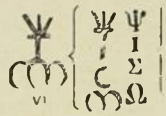
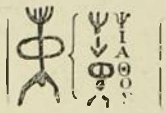


Fig. 1.966

Ψιτιας, ος, ον, relativo á especie de vinho ou uva denominada ψιθια, etc.

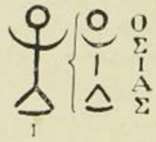
Fig. 1.967


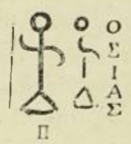
Ψίω, *f.* ψίσω *Poet.* cortar em pedaços; dar a comer; esmigalhar, retalhar, etc. || *Assim como*: espedaçar a bellos dentes, comer, roer, etc.

Fig. 1.968


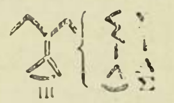
Ψίαθος, ου, (ὁ, ἡ), cabaz ou cesto de junco, esteira, *alg. vz.* tambem o junco ou a planta que serve para fazer esteiras. R. ψιάζω.

Pag. 20, Est. 13ª, "I y II, Petroglifos andaluces. — III Penon, de la Tabla de Pochico. — IV, Fuencaliente":

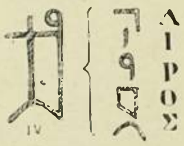

Fig. 1.969


Fig. 1.970

Ὁσίας, ας ,(ἡ) rito, *ou* ceremonia religiosa *e especialmente*, exequias funebres; *muit. vez.* o que é permittido pelas leis divinas, justiça divina, *ou simplesmente*, direito, justiça, legitimidade, cousa permittida, adquirida de consciencia, o que se faz por formula, etc.

Fig. 1.971


Σιας, α, ας, *Lacedem. por* Θεα *deusa.*

Fig. 1.972


Λιρος, α, ον *ou* Λιρός, α, ον *Poet* imprudente, audacioso, descommedido, atrevido, arrogante, desavergonhado, etc.

*

Pag. 21, Est. 14ª Figura de "Cuevas menudas"

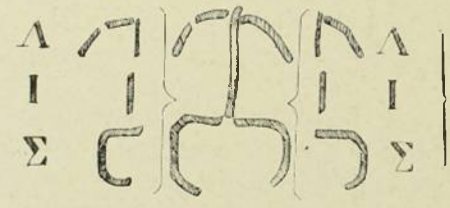
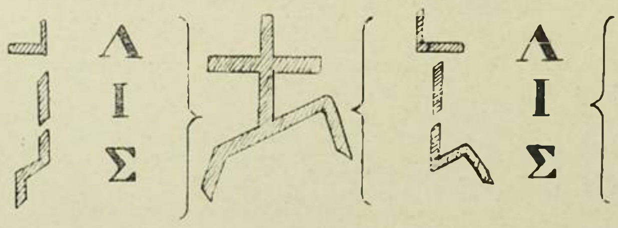


Fig. 1.973

Λις, *acc.* λιν *n. pl.* λιες, dat. λιεσσι (υ) *Poet. por* λεων LEÃO, etc. como já ficou definido.

Est. 15ª, I. "Cuevas menudas. II Abrigo de Peña Tú".



Λις, Palavra já definida.

Fig. 1.974

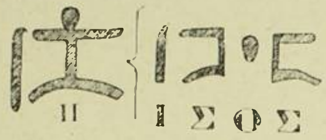


Fig. 1.975

Ἴσος, η, ον, igual justo; igual unido, plano; justo, equitativo, etc. Já por muitas vezes definido.

Est. 16ª. Figuras antropomorfas incompletas de "Cuevas modernas", diz o autor, mas sem razão, pelo que vejamos:

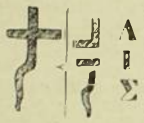


Fig. 1.976

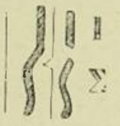


Fig. 1.977

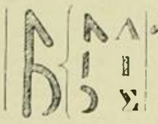


Fig. 1.978



Fig. 1.979 Fig. 1.980

ΛΙΣ, já por muitas vezes definimos, emquanto ΙΣ *gen.* ινος, fibra, nervo. *por ext. Poet.* força vigor; *alg. vez.* impetuosidade, violencia. "Ις Ἡρακλῆος, *ou* Ἡρακλειη. *Hom.* a força de Hercules, *isto é*, Hercules, o proprio, o possante Hercules, etc.

*

Pag. 24, Est. 18ª. Comprehende 9 figuras do mesmo genero das precedentes ás quaes o autor indevidamente classifica de caracteres runicos, como passamos a demonstrar:

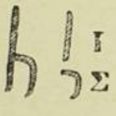


Fig. 1.981

Já definida.

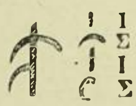


Fig. 1.982

Ἶσις, deusa Egypcia, já definida.



Fig. 1.983

Ἶρις, ιδος, *ou* ιος. (ἡ) Iris, deusa; iris *ou* arco iris, *meteoro*, etc.

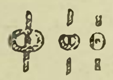


Fig. 1.984

Ἴθι, 2ª *pes. impr.* de εἶμι, seguir. *Como* interj. sigamos! coragem! caminhemos pois! etc.

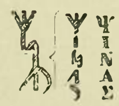


Fig. 1.985

Ψινας, αδος, vinha que verte, escoa, destilla, etc. R. ψίνομαι.

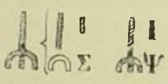


Fig. 1.986

ΙΣ já definida e ΙΨ *gen.* ιπος, verme que roe a madeira. R. ἴπτομαι.



Fig. 1.987

Ψιθιας, relativo á especie de vinha *ou* uvas denominadas ψιθιας, como já precedentemente ficou definido.

As duas ultimas, que deixámos de mencionar, são identicas ás demais. Cremos estar sufficientemente demonstrado o que acima affirmámos e não vimos analogias ou quaesquer semelhanças, d'esses caracteres, para com os signaes do alphabeto runico, de Theotiste Lefèvre, edição de 1883.

*

Pag. 25, fig. 19ª e 20ª. "Carzo (?) de Cuevas menudas, Cuevas de Altamira", "Cuevas de Caurdan".

São de ordem figurativa de animaes, as que vamos resumir:



Fig. 1.988

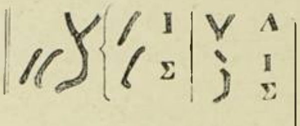


Fig. 1.989

As palavras ΙΣ e ΛΙΣ, são já conhecidas.

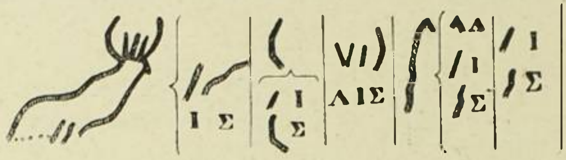


Fig 1.990

Do mesmo modo quanto a interpretações são as demais figuras de animaes seguintes ás pags. 26 e 27.

*

Pag. 26, Est. 23ª. I "Cuevas del Pindal. — II Cuevas de Altamira":

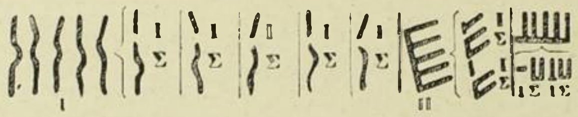


Fig. 1.991   Fig. 1.992

*

Pag. 30, Est. 28ª. "Grabado de Cuevas menudas:



Fig. 1.993

Ισοβιος, ος, ον, da mesma era; que vive conforme *ou* que dimana do mesmo viver. R. R. Βίος: vida, viver, subsistencia; bens, fortuna; a humanidade, a sociedade; a civilização? maneira de viver; estado, condição, etc.

*

Pag. 32, fig. 32ª. "Grabado de Cuevas menudas":

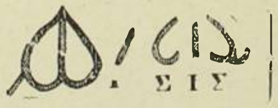


Fig. 1.994

Ισις, Deusa Egypcia, da qual por vezes temos tratado

*

Pag. 33, fig. 34ª. "Inscripcion symbolica de la cueva de la Pasiega (Ponte Viesgo)", diz o autor; a nosso ver porém, não é differente das demais, sendo muito interessante:

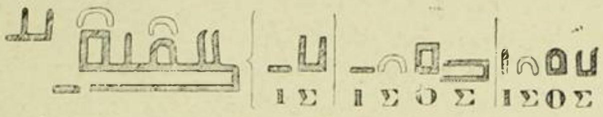


Fig.ª 1.995

*

Pag. 34, fig. 36ª. "Grabado de Cuevas menudas":



Fig. 1.996

A primeira e a terceira palavra já foram interpretadas, restando a segunda, a qual passamos a definir, lembrando que existem identicas entre as inscripções lapidares do Rio Madeira (Amazonas): ΔΙΑ *acc. do* ΖΕΥΣ *gen.* Διος, Jupiter, Νη Δια por Jupiter. Ου μα Δια, não por Jupiter, etc.

*

Pag. 35, fig. 37ª. I "Grabado de Cuevas menudas, II Abrigo de Cantas de la Visera":

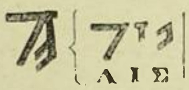


Fig. 1.997

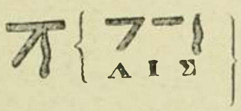


Fig. 1.998

Palavras já definidas.

*

Fig. 38ª, I, "Grabado de Cuevas menudas. — II Abrigo de Peña Tú, — III a V — Grabados de Aïr":

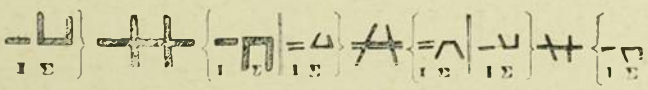


Fig. 1.999 Fig. 2.000 Fig. 2.001

*

Pag. 43, fig. 41ª, "I y II Cuevas de Villacantilde, III Fuencaliente":



Fig. 2.002 Fig. 2.003 Fig. 2.004

ΟΣΙΑ ΟΣΙΑΣ. Já definidas

*

Pag. 44, fig. 42ª. "I Figuras de las cuevas de Villacantilde, II Grabado de Aïr, — III y IV. Petroglifos andaluces:"

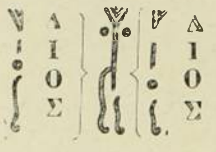


Fig. 2.005

Διος, α, ον. *Poet.* divino, *da-se muit. vez. por epith. aos deuses e aos heroes.* divino, *isto é* excellente, admiravel; *alg. vez.* prodigioso, immenso, etc.

R. Ζευς, *gen.* Διός.



Fig. 2.006

Ιδα, ας. (ἡ), o nome Ida em Creta e em Phrygia: ΙΔΗ ης. (ἡ) *Ion.* bosque *ou* vallezinho nas montanhas; IDA, segundo o Dicc. Pop. citado: "é o nome de dois montes celebres na geographia antiga, e situados um na Phrygia, outro na ilha Creta. Era este ultimo hoje chamado Psilorite, o mais celebre; tem mais de 2.300 metros de altura. As velhas tradições mythologicas alli collocavam o nascimento de Jupiter, que alli foi creado e educado pelos corybantes cretenses".

"O Ida phrygio ficava ao oriente de Troya e tinha quatro ramificações, que desciam para o mar. Dalli saiam tres rios, o Granico, o Simais e o Scamandio. Era alli que os gregos collocavam a gruta onde Páris déra a Venus o pomo da belleza".

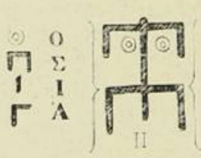


Fig. 2.007

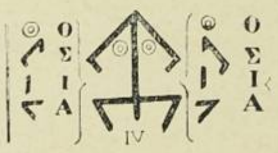


Fig. 2.008

Οσια, ς, etc, palavra já definida, algumas vezes.

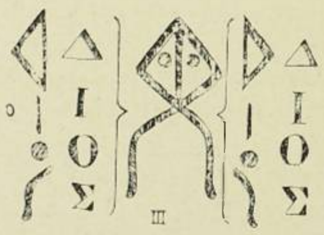


Fig. 2.009

Διος, α, ον. *Poet.* divino, etc., excellente, admiravel, prodigioso, immenso, etc.

R. Ζευς *gen.* Διός.

*

Pag. 47, fig. 49ª. "Grabado de la Cuevas del Mora en Valle de Mansilla":

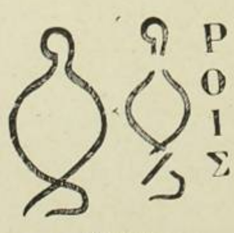


Fig. 2.010

Ροῖς, ῖδος, (ἡ) *como* Ροή. ῆς, (ἡ) curso, escoamento: tudo que corre, liquido *ou* fluido qualquer; *mais seguido,* regato, rio, toda agua corrente, *fig.* curso das cousas, do tempo, etc.

*

Damos assim por terminado o nosso trabalho de interpretações paleographicas, baseado nas inscripções lapidares, colhidas pela illustre Sr. Julian Sanz Martinez, na Provincia de Leon, na Hespanha.

Não se fez necessaria senão a trancripção da parte desse labor, que considerámos inestimavel elemento da sciencia glyptographica. Deixámos de citar outros conceitos, aliás de grande interesse para a nossa these, externados pelo autor, porque ficaram de algum modo contrariados e prejudicados em face das nossas interpretações.

Estas inscripções juntar-se-ão ás já colhidas e estudadas em nosso trabalho, evidenciando a generalidade da autoria, a origem commum d'esses verdadeiros monumentos prehistoricos, firmando assim a sua contemporaneidade e valor chronologico.

Ao passo que os vamos encontrando no Continente Americano, surgem parallelismos e incontestaveis affinidades entre estes e os de outros recantos do Globo, dissipando isto, theorias e controversias sobre o *Velho* e o *Novo-Mundo*, ou seja o triumpho Americanista.

Estabelecidas pois, confrontações paleographicas, paleolithicas, ethnographicas, etc. da Provincia de Leon, na Hespanha, com outras regiões e Paizes a que alludimos, inclusive os do Hemispherio Occidental, resalta a solução do nosso magno problema sobre a America Prehistorica.

Manifesta é finalmente nossa admiração ao scientista Sanz Martinez, a quem devemos o resultado que aqui deixamos, com gratidão profunda, das interpretações paleographicas levadas a efeito sob base do seu magistral trabalho, que denomina — *Arte Rupestre*.

EPIGRAPHIA EM PORTUGAL

Referimo-nos ao 1° volume da preciosa obra publicada em 1897, sobre o QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA, contribuição da Sociedade de Geographia de Lisboa, RELIGIÕES DA LUSITANIA. Na parte que principalmente se refere a Portugal, por J. Leite de Vasconcellos, notavel Director do Museu Ethnographico Portuguez, traz ás pags. 350 e seguintes, estudos descriptivos de SIGNAES INSCULPIDOS EM PEDRAS, dos quaes passamos a tratar com prazer, resumidamente.

Ouçamos as theorias do illustre Director, de muito alcance sobre o asumpto e de permeio iremos emittindo nossas considerações.

"Tanto em simples rochedo, como em monumentos archeologicos" diz elle, "encontram-se ás vezes insculpturas toscas ou signaes, que, pela sua singularidade, têm chamado a attenção dos estudiosos. São de duas especies principaes: cavidades e figuras. Umas e outras variam na forma e dimensões".

"Já não se duvida hoje do caracter artificial d'estas insculpturas, attenta á regularidade com que em certos casos apparecem, e outras circumstancias ainda; no entanto convem lembrar que varios rochedos offerecem á sua superficie, cavidades naturaes que olhos menos exercitados poderiam confundir como as cavidades artificiaes".

"As cavidades têm nomenclatura scientifica especial. Os Allemães chamam-lhes *Schalensteine* e *Napfchensteine* (pedras em fórma de taça e de malguinha); os Inglezes, *cupped stones* ou *cupstones* (idem); os Franceses *pierres á bassin* ou *á écuelles* (as maiores; podem ter $0^m,5$ de diametro, mais ou menos); *pierres a cupules*, *á godets* ou *á fossettes* (as menores; podem ter $0^m,08$ de diametro menos ou mais)."

"O Sr. J. Sacaze distingue: 1ª) *pierres á bassin* ou *á écuelles* (no sentido indicado); 2ª) *pierres á cupules* ou *á godets* (idem); 3ª) *pierres á fossettes* (quando alongadas; podem ter de 0m,16 a 0m,56 de comprimento, e 0,06 de largura); forma ainda uma 4ª classe, *pierres á Y* (figura composta "soit trois fossettes réunies, soit de trois simples lignes tracées sur la pierres"). (1) No entanto, do que tenho lido nos A. A. francezes concluo que elles muitas vezes empregam no mesmo sentido, indistinctamente as expressões *écuelles, fossettes, godets, cupules*. Em portuguez costuma adoptar-se a expressão *covinhas* para significar as cavidades menores; as maiores carecem de denominações, porque não têm ainda cá sido descriptas. — Para as figuras não existe, supponho, nomenclatura propria na linguagem scientifica".

"Entre outros muitos artigos, ou notas, dispersos pelos livros ou jornaes de archeologia, citarei aqui, para commodidade dos leitores, os seguintes trabalhos especiaes sobre o assumpto, de todos os quaes me utilizei mais ou menos: — *Sur les sculptures des rochers de la Suéde*, por Oscar Montelius, in *Compte-rendu* do Congresso de anthropologia e archeologia prehistoricas de Estocolmo (sessão de 1874);

— *Sur les rochers sculptés decouverts em Scanie*, por G. Bruzelius, ibidem;

— *Sculptures prehistoriques situées sur les bords des lacs de Merveilles* (Italia) por L. Clugnet, in *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, 1877, XII, 379 sqq., com estampas;

— *Les pierres á ecuelles*. E. Desor — no mesmo jornal, 1878, XIII, 250 sqq., resumo de um opusculo de 43 paginas in-12º, com estampas, publicado na referida data (Vid. d'aquelle A. tambem as *Mélanges Scientifiques*, Paris 1789);

— *Observations on cup-shaped and other lapidarian sculptures in the Old World and in American*, por Ch. Rau Washington 1881, 112 pag., com estampas (la "Contributions to North American Ethnology", vol. V);

— *Les premiers hommes*, pelo Marquez de Nadaillac, 1, Paris 1881, p. 277 sqq. (*pierres á éculles*), p. 334. sqq. (*sculptures et ornamentations*);

— *La France prehistorique*, por E. Cartailhac, Paris 1889, cap. XIII (*Sculptures des cryptos et des grottes*) e Cap. XVIII, com estampas;

— *Schalensteine*, por J. Mestorf, 5 pag., com estampas (extracto das *Mittheilungen des Anthropolog. Vereins in Schles Wig-Holstein*, fasc. 7º);

— *Les pierres a écuelles et á cupules*, por. J. Lacaze, in *Compte rendu* da sessão do Congresso Internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas, celebrado em Paris em 1889, p. 615 sqq.;

— *Les figures sculptées sur les monuments megalithiques de France*, por A. de Mortillet, in *Revue mensuelle de l'Ecole d'anthropologie*, IV, 1894. p. 273 sqq., com estampas;

— *Zwei neue vorhistorische Skulpturensteine auf den Hubelwängen, oberhulb Zermatt*, por B. Reber, in Anzeig *für Schweizerische Altertumskunde*, XXIX, 74 sqq.".

"As *covinhas* existem em muitas regiões. Conhecem-se pelo menos na Suecia, Noruega, Grã Bretanha, Allemanha, Austria, Suissa, França e Portugal, e além disso, na India e na America do Norte. As figuras conhecem-se tambem em muitas d'essas regiões e na Italia, e, segundo informações particulares que recebi, parece que tambem se conhecem na Hespanha".

"Estas insculpturas encontram-se, como já disse, em simples rochedos, e em monumentos archeologicos, isto é, em menhires, cromlechs e dolmens. Na Suissa dominam

(1) Vid. *Compte-rendu* do Congresso Internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas, celebrado em Paris em 1889 p. 615.

nos rochedos duros, especialmente de granito e de gneiss com quanto tambem as haja embora em menor quantidade, nos rochedos do calcareo e do schisto (1). Nos dolmens occupam ou as superficies externas ou as superiores, ou as internas das lages. Na Suissa, por exemplo, "on a signale six écuelles á l'intérieur de l'une des chambres des tumulus do Mont Saint Michel à Carnac" (2). "Na Dinamarca encontram-se tambem dentro das camaras funerarias prehistoricas" (3).

"Fergusson cita uma camara sepulcral de Lough Crew, em que algumas lages têm notaveis insculpturas (figuras) (4). No referido artigo de Desor vem desenhado um dolmen da Grã-Bretanha com a cobertura semeada de covinhas (5). Acerca da perfeição do trabalho das covinhas, diz Desor, fallando das da Suissa:

"L'intérieur des écuelles n'est parfaitement lisse que dans les exemplaires bien conservés; mais même lorsqu'elles ont perdu leur régularité, on constate encore l'intention de les rendre aussi regulières et aussi propres que le permettaient la nature de la pierre et les instruments dont disposaient les sculpteurs primitifs". (6)

"Das observações dos diversos investigadores resulta que as insculpturas de que se está fallando datarão já dos tempos neolithicos, o que não impede que os haja tambem do periodo do bronze."(7)

"Des expériences, qui semblent décisives, exécutées au Musée des antiquités nationales, á Saint Germain, ont montré que le coin de pierre était parfaitement capable d'opérer par écrasement ces sillons á la surface des granits. Le coin de bronze s'émousse au contraire et ne peut être utilisé dans ce but". (8)

"As covinhas estão muitas vezes disseminadas, sem ordem, á superficie das pedras, outras vezes agrupadas regularmente, em linha recta, em circulos, em quadrados; ora se acham separadas umas das outras, ora ligadas entre si por sulcos ou gotteiras; podem apresentar-se isoladamente, ou combinadas com outras insculpturas (circulos, espiraes figuras várias), o que mostra a contemporaneidade d'essas diversas especies de signaes, (9) O numero, quer das covinhas, quer das figuras, varia tambem com cada pedra".

"Muitas theorias têm sido apresentadas para explicar o sentido primitivo das insculpturas neolithicas. Uns consideram as covinhas como menor ornatos, outros como receptaculos do sangue de victimas, como cartas geographicas ou astronomicas, como relogio do sol, como mezas de jogo; tudo o que á imaginação humana aprouve! Clugnet attribuia, em 1877, as interessantes figuras esculpidas nas margens dos lagos da Italia, á distracção dos pastores prehistoricos nas longas horas que a guarda dos rebanhos lhes deixava livres e ociosos. (10) No entanto, basta reparar na connexão que frequentemente se nota entre as insculpturas e os monumentos archeologicos, na coexistencia d'ellas em diversos paizes, e

(1) Desor, in *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, XIII, 263.
(2) Idem, idem.
(3) Rau, *Observations on cup-shaped, etc.*, p. 26.
(4) Apud Bertrand *La Gaule avant les gaulois*, 1891, p. 154.
(5) In *Matériaux*, etc. XIII, 267.
(6) Vid. Desor in *Matériaux*, XIII, 275; J. Mestorf ib. ib. 277;
(7) Rau, *Observation on cup-shaped*, etc. p. 22. sqq; *Martillet*, in *Revue mensuelle de l'Ecole d'Anthropologie*, IV, 281; IV, 281; etc. etc.
(8) Cartailhac. *La France prehistorique*, cap. XIII.
Cfr. tambem Clugret in *Matériaux*, etc. XII, 386. Desor, ib. XIII, 266; *Rau Observations on cup-shaped*, etc p. 82 ota, Nadaillac. *Les premiers hommes*, e. 335.
(9) Vid. os respectivos desenhos nos trabalhos citados no principio deste capitulo — Cfr. tambem Rau *Observations*, etc p. 10.
(10) In *Matériaux*, etc. XII, 385.

no facto de muitas vezes se acharem ou em rochedos extremamente rudes, ou dispostas em superficies verticaes, ou em lages que deviam ficar occultas debaixo da terra, para excluir todas as hypotheses indicadas. Se fossem meros ornatos, não se fariam em penedos irregulares, d'onde toda a belleza esthetica está ausente; se (as covinhas) fossem receptaculos de sangue, não as veriamos em superficies que tinham de ficar em posição vertical; se fossem mappas geographicos, taboas astronomicas, mezas de jogo, não se esconderiam dentro dos tumulos; finalmente, se fossem entretenimentos vagos de gente que não tinha em que pensar, não as veriamos apparecer nas mesmas condições em tão afastados e differentes paizes, a revelarem ideias que, se não eram perfeitamente identicas entre si, eram sem duvida muito semelhantes. (1) Mas que ideias revelavam ellas então? Difficil se torna responder de modo preciso a esta, como a analogas questões".

"Muitos investigadores, attendendo ás condições em que as covinhas em grande parte se mostram dentro de tumulos, ou perto d'elles, e ás tradições populares que ainda modernamente se lhes ligam, inclinam-se a crer que, senão todas, pelo menos algumas, continham sentido religioso. (2) A mesma conclusão se deve tirar a respeito das figuras, pois que tão intimamente se relacionam com as covinhas".

"Aqui cito algumas tradições populares. Na Suissa a "Pierre d'Ayers", que tem covinhas, chama-se *Pierre du Sauvage*, e o povo diz que se vêem ahi muitas vezes as Fadas (3); perto de Schalberg un "bloc a écuelles" chama-se *Hexenstein*, isto é *Penedo das Bruxas*, porque ahi se reunem as Bruxas em assembléa nocturna (*sabbat*) (4); em Bienne ou Biel, tambem na Suissa, um "bloc á écuelles" chama-se *Keiner Heidens) ein*, isto é, *Penedinho dos Pagãos*". (5).

"Na Escandinavia ha um penedo com covinhas que tem o nome de *Penedo de Balder* ou Bulder (6); muitos outros denominam-se *Elfstenar* ou *Elfqvarnar*, isto é, *Penedo* ou *Moinho dos Elfos*, porque os Elfos habitam debaixo d'elles, e moem farinha nas covinhas (7); um costume curioso consiste em untar as covinhas com gordura, e depositar nellas offerendas (flores, moedas, etc.) para obter a proteção dos seres mysteriosos que vivem sob os penedos (8). Em alguns pontos da Allemanha as pedras com covinhas têm o nome de *Todtensteine*, isto é, *Penedos* ou *Pedras dos Mortos* (9); nesse paiz "on sedébarrassait de la fièvre et d'autres maladies en soufflant dans les cavitées (10); numa pedra especial, em covinhas e figuras, chamada *Bischofstein*, isto é, *Pedra do Bispo*, na Prussia, buscava-se tambem a cura para diversos males".

---

(1) Cfr. tambem Descr. in *Matériaux, etc.* XIII, 259 seqq; Rau. *Observations, etc.* p. 71, seqq. — "Si les écuelles se trouvent dans les mêmes conditions en Suisse ou Angleterre en Scandinavie, dans les Pyrinées et en Allemagne; ellee y sont partout l'objet de superstitions et parfois d'une espéce de culte, il faut bien qui existé quelques relations, quelques liens entre les peuples qui ont sculpté ces signes mystérieux" (Desor in *Matériaux, etc.* XIII, 270).

(2) Vide a tal proposito: Tate e Sympson (apud Rau, loc. laud, 78 e 82. Este não se decide, mas não é adverso á ideia religiosa) J. Mestorf *Schalensteine*, p. 1; e in *Matériaux*, etc. XIII, 279. Salomon Reinach in *Revue Archeologique*, XXII, 16.

(3) *Matériaux pour l'histoire primitive*, etc. II, 257 (Descr).

(4) *Ib. ib.*, p. 258, (Desor).

(5) *Ib.* XIII, 265, (Desor).

(6) *Matériaux*, etc, XIII, 268, (Desor).

(7) J. Mestorf, *Schalensteine*, p. 1 — Cfr. tambem.

— *Matériaux*, etc, XIII, 268, (Desor) e Nadaillac, Les *premiers hommes*, 1,279.

(8) Mestorf. *Schalenstetne*, p. 1.

— *Matériaux*, etc. XIII, 278 (Mestorf).

(9) *Matériaux*, etc, XIII 278 (Mestorf) E' um dos conhecidos meios superstiсiosos de transferir doenças

(10) *Ib. ib*, (id.)

"Na França (Thoys) certo bloco erratico com covinhas chama-se *Boule de Gargantua*, o vulgo explica as covinhas, dizendo que resultaram das impressões dos dedos de Gargantua (1), gigante que naquelle paiz desempenha funcções analogas ás que entre nós, na imaginação popular, desempenham os Moiros. Na India as mulheres levam nas suas peregrinações ás montanhas de Pendjab, agua do Ganges para banharem os signaes (discos) esculpidos nas pedras, chamados mahadeo". (2).

"Ainda que do facto de a um monumento se attribuirem hoje lendas, ou significação religiosa, não se póde logo concluir que sempre assim fosse desde a origem delle, porque o povo a cada passo estabelece syncretismos, revestindo uns monumentos das attribuições de outros: comtudo é muito possivel que no nosso caso as tradições populares sejam echo de vetustas crenças, porque não só taes tradições têm bastante generalidade, mas estão de accordo entre si, e com outras que ficarão de tempos immemoraveis, por exemplo as que se referem ás grutas, aos dolmens, e aos machados polidos de pedras. Sacaze chega mesmo a dizer das insculpturas: "faisant partie de monuments funeraires ou situées dans leur voisinage, peut-être ne sont-elles pas sans rapport avec le culte des morts". (3); o mesmo nota Mestorf: "Wo sie, wie bei uns, in Grabhugeln order auf den Deckteinen von Steingrabern vorkommen scheinen sie auf einen Todtencultus hinzudenten" (4) O encontrar-se um symbolo religioso, junto de um tumulo não basta para se admittir *ipso-acto* que é exclusivamente funerario: assim a cruz christã se se colloca nos cemiterios, a amparar com os seus braços as sombras dos mortos, adora-se ao mesmo tempo nas igrejas como emblema do fundador do Christianismo, e ergue-se nos pontos de bifurcação dos caminhos santificando velhos cultos pagãos; por isso as covinhas e as restantes insculpturas, comquanto verosimilmente sagradas, e sem duvida em estreita connexão com a necrolatria prehistorica, podiam ter significação religiosa mais lata, pois se observam tambem em locaes onde, pelo menos hoje, não se descobrem monumentos funebres contemporaneos dellas".

"Sustentam ainda alguns auctores que o culto ou veneração das covinhas era outr'ora tão vivaz, que foi preciso intervir a Igreja para o desarraigar, christianisando-o. Assim explica Mestorf que n'uma pedra, que existe na Prussia chamada *Bischofstein* (pedra do bispo) de que já fallei acima, se veja insculpida, entre muitas covinhas, uma cruz e um calice; e que noutra pedra, agora existente no museu de Kiel (Holstein), formem quatro covinhas, pela sua reunião, uma cruz (5). O segundo facto não o julgo bastante concludente; a disposição crucial das covinhas pode nada ter de especial, por ser muito natural. O primeiro é mais importante; mas foi elle bem observado? Adeante citarei um caso portuguez, analogo a este. Facto tambem digno de nota é o encontrarem-se covinhas nos muros de varias igrejas da Prussia e da Suecia (6) mostrando algumas haverem sido de fresco untadas com gordura (7) superstição a que ha pouco me referi.

Depois de ponderado quanto fica escripto, não deverá realmente duvidar-se do primitivo caracter sagrado das covinhas e insculpturas congeneres".

---

(1) *Matériaux*, etc. XIII, 284, (*Falsan*)

(2) *Ib.*) XIII, 271. (Desor)

(3) *In Comple-rer.du* do Congresso de Paris (1889), p. 620.

(4) Isto é: "Quando, como entre nós ellas se encontram nas *tumuli* (manôas) ou nas lousas tumulares, parece que se relacionam com o culto des mortos". *Schalensteine*, p. 5.

(5) In *Matériaux, etc*, XIII 278.

(6) *Ib ib. b.* — Ctr. tambem Rau — *Observations*. etc. p. 87.

(7) *Matériaux*, etc. XIII, 278, (Mestorf).

Terminaram as valiosas considerações geraes, acerca das "insculpturas prehistoricas" feitas pelo illustre Director do Museu Ethnographico Portuguez, Snr. J. Leite de Vasconcellos.

Sobre archeologia referente a Portugal, ainda não haviamos visto um trabalho tão proficientemente escripto, razão pela qual deliberámos trancrever as palavras do referido autor, que serviram de valioso subsidio para as nossas investigações.

Elle nos fala de: *cavidades e figuras* de fórma e dimensões variadas.

Conhecemos esses dois systemas epigraphicos aos quaes attribuimos, como o autor, valor prehistorico.

Nós os encontrámos em diversos paizes do hemispherio occidental, com certa frequencia, com excepção porém do systema de *covinhas* que é menos diffundido.

Comtudo, deparámos exemplares deste, na localidade denominada Curraes Velhos, termo do Brejo do Cruz, no Estado da Parahyba e nas Lages, local situado proximo de Manáos no Estado do Amazonas.

Nesta ultima localidade existem numerosas inscripções, de variados tamanhos e de profundidades diversas.

Todas estas inscripções já foram por nós classificadas e decifradas.

Mas, de accordo com o modo de ver de varios e notaveis archeologos, as inscripções semelhantes que se encontram em Portugal e outros paizes, não possuiam valor paleographico, teriam outras significações e eram destinados a fins diversos, conforme se infere do trabalho que transcrevemos.

Muitos são os paizes onde existem inscripções desta e de outras especies, as quaes são classificadas de modos diversos quanto ás origens e significações. Cumpre-nos portanto apresentar a nossa opinião, o que adiante faremos com a exibição de interpretações paleographicas, as quaes são fortalecidas pelos argumentos expendidos no decurso deste trabalho.

Julgamos que as ligações dessas *covinhas*, feita com tinta vermelha indelevel, dão ensejo a interpretações.

O systema epigraphico, conforme teremos occasião de demonstrar, é variado e engenhoso, prevalecendo o grego linear e o figurativo. Quanto á parte significativa, divisamos algo da mythologia e philosophia concernentes á época em que foram feitas as inscripções.

Cremos que essas são identicas ás já interpretadas, em grande numero, estando porém algumas um tanto estragadas.

Para a necessaria traducção, vamos reproduzil-as, confiando na acquiescencia do autor.

A' pag. 359 encontra-se a estampa seguinte, fig. 2.011, assim descripta: "Num dolmen no lugar de Frieira, concelho de Villa Pouca d'Aguiar, (Tras-os-Montes), já com a tampa cahida e com a manôa um tanto esburacada, mas não ainda devassada, appareceu uma lage em cuja superficie havia 32 covinhas, segundo a gravura".

"A pedra é de granito e muito dura; de comprimento $1^{m},10$, de largura num dos lados $0^{m},84$ e no outro $0^{m},55$. Achava-se collocada horizontalmente á entrada da camara, á altura da base dos esteios, a 1 metro de profundidade, assente no solo natural. A cova maior, que occupa quasi o centro, tem de diametro $0^{m},10$; as outras covinhas tem differentes diametros, etc. Particularidade muito digna de nota: toda a superficie da pedra estava coberta de um camada de cinza, misturada com ossos humanos mais ou menos carbonisados e com terra — o que tudo enchia tambem portanto as covinhas. O dol-

men compõe-se de sete esteios, de uns 2 metros de altura. Póde atribuir-se ao periodo neolithico, porque nelle só appareceram instrumentos de pedra polida, como raspadeiras; com as raspadeiras appareceram amuletos. Em nenhuma das antas destas região, das quaes já se conhecem mais de cincoenta, e não appareceu ainda por ora objecto algum metalico".

Eis a gravura da lage referida e a interpretação que damos ás suas inscripções:

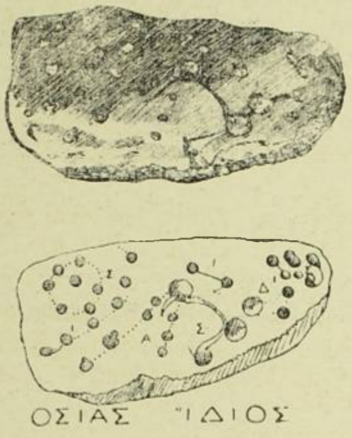


Fig. 2.011

'ΟΣΙΑ, rito, ceremonia religiosa, *especialmente*, exequias, funeraes, etc.

'ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, especial, que é do dominio proprio, etc.

EXEQUIAS OU FUNERAES DO DOMINIO PROPRIO

*

Continua o autor a fallar de Traz-os-Montes:

« Na obra *De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani* de Contador de Argote, 2ª ed. Lisboa 1738, liv. III, cap. VIII, diz-se que perto do "Cochão da Rapa", na margem direita do rio Douro, que é precipitada em distancia de vinte passos do rio, está eminente um penhasco todo coberto de musgo, excepto em parte de uma face, que está muito lisa por espaço de dez covados em alto, e quatro em largo no meio, nas extremidades tres; nesta tal face lisa se vêm debuxadas diversas figuras com cores diversas, a saber: uns quadrados, e outras que se não pode bem julgar se são hyeroglíphos, ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do xadrez, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos, e negros, mas só de uma cor, que é um vermelho escuro; a margem porem em uns é azul, outras a não tem. As demais figuras se compõem das mesmas duas cores. O vulgo, e, o que é mais, alguns homens nobres, e eruditos, entendem que estas figuras se renovam todos os annos em dia de S. João Baptista, pela manhã, e que apparecem mais brilhantes; eu reputo isto por allucinação da vista. Do mesmo penedo falla tambem Argote nas *Memorias do Arcebispado de Braga*, t. II Lisboa 1734, p. 486 seqq. Ambas as descripções são acompanhadas de uma estampa (a mesma nas duas) que eu reproduso na figura 76", da qual nos vamos occupar.

A proposito prosegue ainda o autor "O penedo fica a meia legua de Linhares, termo da Villa de Anciães. O local do penedo chama-se *As lettras*. O povo procura sempre explicar e caracterisar os objectos que lhe parecem raros: d'aqui o considerar os signaes como "lettras", e revestir de uma lenda o penedo. Ao pé d'este havia, ou ha ainda, um monumento, que da leitura do texto de Argote não acerto bem o que seja. Diz-se ahi:

"No fundo desta pedra, em que estão os sobreditos caracteres, para a parte que olha para o Rio Douro, está um portal, que parece obra da natureza, e, entrando por elle dentro, se acha em pedra firme, uma grande sala com assentos á roda, e no meio uma grande mesa, tudo de pedra, segundo disem pessoas que alli tem entrado, e affirmam ver-se desta sala uma porta que vai para outras mais para dentro..................."

Eis as diversas figuras, que passamos a interpretar, da mesma maneira observada de principio. A' margem esquerda reproduzimos os blócos de caracteres contendo palavras, que por fim constituem varios pensamentos de certo alcance, alem de annuncios, etc.

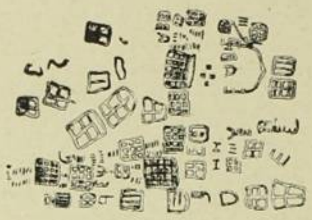


Fig. 2.012

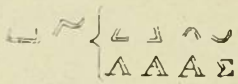


Fig. 2.013

ΛÃΑΣ, *gen.* λᾶας, *dat.* λᾶϊ, etc, *Ion. e Poet.* pedra; rochedo, rocha, penedo, penhasco, etc.

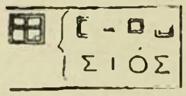


Fig. 2.014

† ΣΙΌΣ, *Laced.* p. Θεός, DEUS

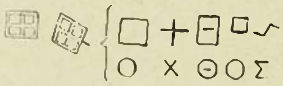


Fig. 2.015

῾ΟΧΘΟΣ, altura, escarpado, collina, *alg. vez.* tumulo, etc.

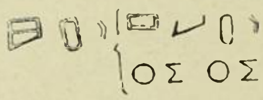


Fig. 2.016

῾ΟΣΟΣ, tão grande, quanto consideravel, etc.

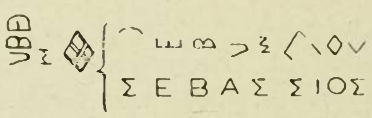


Fig. 2.017

ΣΕΒΑΣ, veneração, respeito, culto, adoração religiosa, etc. ΣΙΟΣ, Laced. p. Θεός, DEUS.

῾ΛÃΑΣ ΣΙΟΣ ῾ΟΧΘΟΣ ῾ΟΣΟΣ ΣΕΒΑΣ †ΣΙΌΣ.

ROCHEDO DE DEUS OU TUMULO TÃO CONSIDERAVEL Á VENERAÇÃO DO RITO DE DEUS.

*

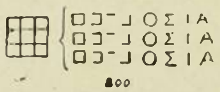


Fig. 2.018

῾ΟΣΙΑ, rito ou ceremonia religiosa, *esp.* exequias, funeraes, etc.
῾ΟΣΙΟΣ, conforme as leis da religião.

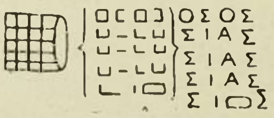


Fig. 2.019

῾ΟΣΟΣ, tão grande, quanto consideravel, etc.
ΣΙÃΣ, *Laced. por* Θεά deusa.
†ΣΙΌΣ *Laced. por* Θεός, deus.

῾ΟΣΙΑ ῾ΟΣΙΟΣ ῾ΟΣΟΣ†ΣΙÃΣ †ΣΙΌΣ

RITO, CEREMONIA OU FUNERAES, CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, TÃO CONSIDERAVEIS PELOS DEUSES.

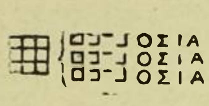


Fig. 2.020

ΟΣΙΑ, rito, ceremonia religiosa, *especialm.* exequias, funeraes, etc.

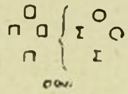


Fig. 2.021

ΟΣΟΣ tão grande, quanto consideravel, etc.

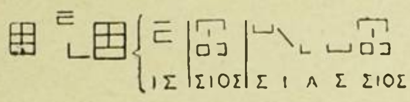


Fig. 2.022

ΙΣ, força, vigor, etc.
†ΣΙΌΣ, DEUS.
ΣΙΑΣ, DEUSA.
ΣΙΟΣ, DEUS.

ΟΣΙΑ ˈΟΣΟΣ ΙΣ†ΣΙΌΣ †ΣΙΑΣ †ΣΙΌΣ

RITO, CEREMONIA OU FUNERAES, TÃO CONSIDERAVEIS A FORÇA E VIGOR DOS DEUSES.

*

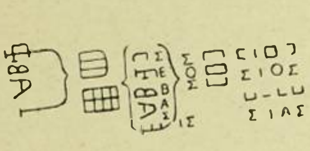


Fig. 2.023

ΣΕΒΑΣ, veneração, respeito, culto, adoração religiosa.
ΙΣ, força, vigor, etc.
ΣΌΣ, *adj. poss.*, teu, teus, os teus.

†ΣΙΌΣ, DEUS — ΣΙΑΣ, DEUSA

ΣΕΒΑΣ ΙΣ ΣΟΣ†ΣΙΌΣ ΣΙΑΣ

ADORAÇÃO RELIGIOSA COM FORÇA E VIGOR A TEUS DEUSES.

*

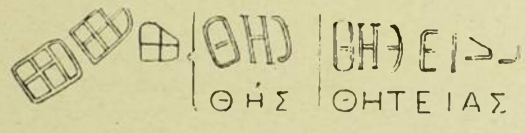


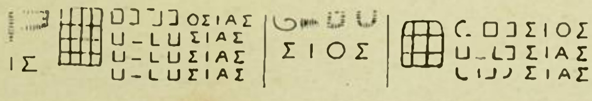
Fig. 2.024

ΘΗΣ, operario, servo ou famulo a salario, mercenario, etc.
ΘΗΤΕΙΑΣ, salario, preço do trabalho.

ΘΗΣ ΘΗΤΕΙΑΣ

OPERARIO A SALARIO OU PREÇO DO TRABALHO

*



ΙΣ ΟΣΙΑΣ†ΣΙΑΣ†ΣΙΟΣ†ΣΙΟΣ†ΣΙΑΣ

FORÇA E VIGOR DAS CEREMONIAS RELIGIOSAS DOS DEUSES.

*

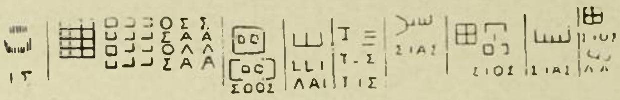


Fig. 2.025

ΙΣ, força, vigor — ΟΣΟΣ, tão grande, etc. †ΣΑΑΑ, agitação — ΣΟΟΣ, são e salvo, que subsiste — ΑΑΙ, demasiado, forte, etc. ΤΙΣ, adj. *intr.* quem?, qual? ΣΙΟΣ, ΣΙΑΣ, ΑΑ forte, etc.

ΙΣ ΟΣΟΣ†ΣΑΑΑ†ΣΟΟΣ ΑΑΙ ΤΙΣ ΣΙΑΣ†ΣΙΟΣ†ΣΙΑΣ ΑΑΙ

FORÇA, VIGOR E TÃO GRANDE AGITAÇÃO, SUBSISTE DEMAZIADO EM QUEM? NOS DEUSES FORTES.

*

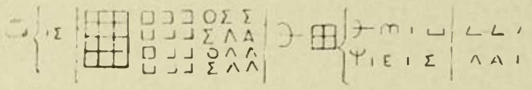


Fig. 2.026

ΙΣ, força, vigor, etc.
'ΟΣΟΣ, tão consideravel, etc.
†ΣÃΑΑ, agitação, etc.
ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado.
ΑΑΙ, demasiado, forte, etc.

ΙΣ 'ΟΣΟΣ†ΣÃΑΑ ΨΙΕΙΣ ΑΑΙ

COM FORÇA, VIGOR E MUI CONSIDERAVEL AGITAÇÃO, SERÁS FELIZ, AFORTUNADO E FORTE.

*

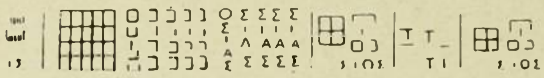


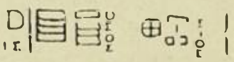
Fig. 2.027

ΙΣ, força, vigor, etc.
'ΙΑ justiça divina, direito, etc.
ΣΙÃΣ, deusa, etc. ΤΙ, ou ΤΙς, qualquer.
ΣΙΟΣ, deus, etc. ΣΙΟΣ, deus.

ΙΣ 'ΟΣΙΑΣ ΣÎΑΣ†ΣΙόΣ ΤÎΣ†ΣΙόΣ

FORÇA, VIGOR, JUSTIÇA, DIREITO, DE QUALQUER DOS DEUSES.

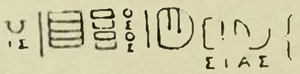
*



ΙΣ'ΟΣΟΣ†ΣΙόΣ

FORÇA, VIGOR DO TÃO GRANDE DEUS

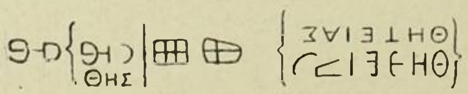
*



ΙΣ†ΟΣΟΣ†ΣΙÃΣ

FORÇA E VIGOR DA GRANDE DEUSA.

*



Como a interpretação precedente.

ΘΗΣ ΘΗΤΕÍΑΣ

OPERARIO A SALARIO OU PREÇO DO TRABALHO

*

Passemos á seguinte estampa, sobre a qual assim se manifesta o autor: "Em sessão da Camara dos Pares, de 5 de Março de 1853, o Visconde de Seabra, num discurso patriotico, chamou a attenção do Ministro das Obras publicas para este monumento e em virtude d'isso, na occasião em que se construiu a linha ferrea do Douro, o monumento foi respeitado, mandando-se tirar uma copia dos signaes, que reproduso (reduzida), da qual se vêem os estragos, que o monumento soffreu desde o seculo XVIII".

« Posteriormente tornou ainda o monumento a ser objecto de estudo. No *Boletim da Real Associação dos Arqueologos*, 1886, p. 78 sqq. publicou o Sr. Possidonio da Silva um artigo, acompanhado de uma estampa, que supponho que foi extrahida da copia representada na fig. 76" (a que acabamos de interpretar). "Nesse artigo diz elle que por occasião do Congresso, da *Associação franceza para o progresso das sciencias*, celebrado em Grenoble em 1885, enviou tambem para lá um desenho dos signaes ».

« Apesar do que fica notado, ainda ninguem, que eu saiba, deu esclarecimentos certos a respeito da epocha, e civilisação a que pertencem os signaes, e só se tem apresentado hypotheses inverosimeis ou pueris ».

Queira o autor incluir nas "hypotheses inverosimeis ou pueris" o nosso trabalho, se assim o julgar.

A figura de que acima se trata, está, com effeito, muito estragada. Della apenas podemos interpretar os seguintes traços:

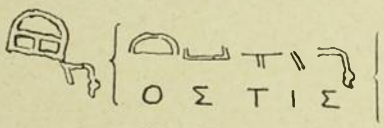


Fig. 2.028

ΟΣΤΙΣ, *pron. relat. indef.* quem, o qual, aquelle que, etc.

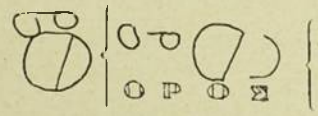
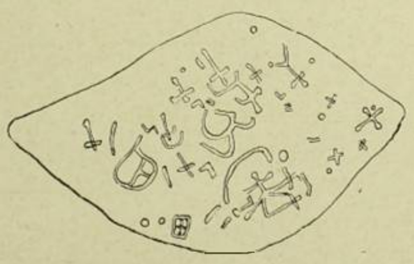


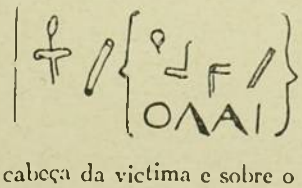
Fig. 2.029

"ΟΡΟΣ limite, fronteira quese não deve transpor, fim, etc.

Continúa o autor:

"A uns 600 metros de distancia de uma *arca* (dolmen) chamada "Cova dos Mouros," situada no pinhal dos Amiaes, na freguezia de Senhorim (Beira-Alta,) encontrei em 1894, no sitio da Pedraça, um rochedo bruto de granito de 1^m,7 de maior comprimento, e de 1^m,1 de maior largura, em cuja parte superior se viam pouco mais ou menos estes signaes representados na figura, seguinte. E' evidente a analogia entre alguns destes signaes e os que menciona Argote; o que desde já nos mostra que *As Letras* do Douro não constituem caso unico".


Fig. 2.030



'ΟΛΑΙ, *Att. p.* ΟΥΛΑΙ, grão de cevada inteiro ou grosseiramente moido, que se derrama sobre a cabeça da victima e sobre o altar, etc.

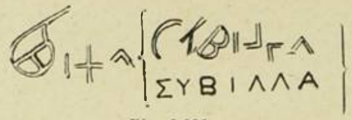


Fig. 2.031

ΣΙΒΥΛΛΑ, sibylla, prophetiza na antiguidade, etc.

*

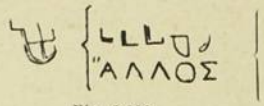


Fig. 2.032

"ΑΛΛΟΣ, outro, differente, extrangeiro, etc.

*

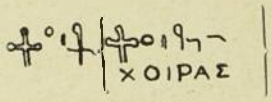


Fig. 2.033

ΧΟΙΡΑΣ, *subs.* rochedo á flor d'agua ou um pouco elevado acima d'agua, etc.

*

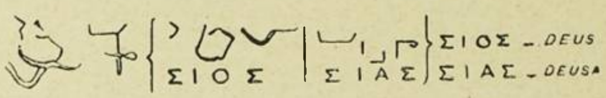


Fig. 2.034

*

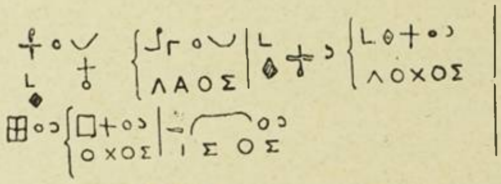


Fig. 2.035

ΛΑΌΣ, povo, multidão, armada, etc.
ΛΌΧΟΣ, esquadra, frota.
ΟΧΟΣ, tenaz, firme, etc.
ΙΣΟΣ, justo, equitativo, etc.

†ΣΙΌΣ†ΣΙΆΣ ΛΑΌΣ ΛΌΧΟΣ ΟΧΌΣ ΙΣΟΣ

DEUS E DEUSA DO POVO DA ESQUADRA TENAZ E FIRME SÃO JUSTOS E EQUITATIVOS

*

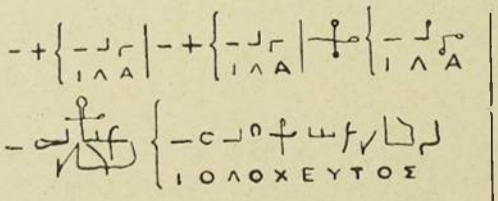


Fig. 2.036

ΙΛΑ, *Dor.* *p.*
ΙΛΗ, *especialmente*, tropa de cavallaria, esquadrão, etc.
ΙΟΛΟΧΕΥΤΟΣ, vindo de origem corrompida, etc.

A TROPA DE CAVALLARIA É VINDA DE ORIGEM CORROMPIDA.

Tivemos necessidade de corrigir ligeiros traços de lettras e palavras, afim de não alterar o pensamento.

Passemos agora a outras inscripções, segundo as descreve o autor da citada obra, que assim se manifesta:

"Uma das lages que formavam a Camara da referida *orca*, ou «Cova dos Moiros», tinha insculpido na sua parte superior o que se mostra na segunda figura.......... que vêm a ser covinhas e figuras analogas ás da Pedraça e ás de Argote".

"............... Podem comparar-se, senão nas figuras ao menos na situação, tambem em pedras de camaras sepulcraes, com as insculpturas de uma das sepulturas de Longeh-Crew, de que fallei. Na Beira-Alta usa-se um jogo infantil chamado "os cantinhos", para o qual os rapazes riscam com um pedaço de telha numa pedra uma figura igual ás da mencionada orca, isto é, um quadrilatero, dividido em quatro partes; como o povo daquelles arredores applica

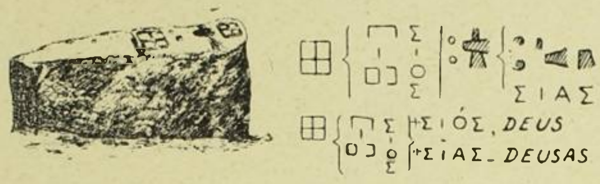


Fig. 2.037

tambem a taes figuras antigas, por analogia, o nome de *cantinhos* eu adoptarei aqui este termo para me fazer entender melhor. Temos pois *cantinhos*, nas *Letras* de Argote, no monumento da Pedraça e na orca das Aniaes; pois que nesta ultima se acham associadas a covinhas, que como vimos, datarão dos tempos neolithicos, e a orca, em cuja exploração só encontrei instrumentos de pedra, pertence tambem a época e civilização neolithicas, fica assim entendido que o celebre penedo do rio Douro se deve attribuir á mesma época e civilização............"

"Perto da igreja de Espinho (Conselho de Mangualde) no antigo passal da abbadia, existe uma grande lage de granito, donde copiei as seguintes figuras"; que vamos fazendo acompanhar de nossas interpretações.

†ΣΙÓΣ — DEUS.

ΣΙΛΛΟΣ, sille, ou satyra, poema satyrico; sarcasmo, mofa, zombaria, etc.

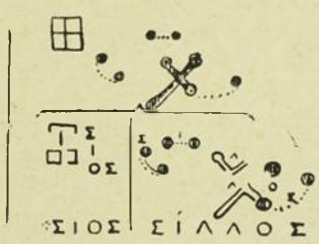


Fig. 2.038

*

Assim descreve o autor esta inscripção: "varios *cantinhos*, que tem de lado $0^m,12$ pouco mais ou menos: cinco covinhas, algumas muito redondas; e uma cruz". "Este local dista apenas alguns kilometros dos de cima".

"A repetição das figuras em locaes diversos, sendo o do Douro tão afastado (noutra provincia), provava só por si, ainda mesmo que não houvesse um dolmen com ellas, que estamos deante de productos de uma mesma civilização antiga, e não de obras do acaso. Mas posso estender a comparação até fóra do nosso paiz".

"Acima me referi ás insculpturas encontradas na Italia, em margens de lagos, por Clugnet; eis aqui algumas dessas insculpturas, uma das quaes é igual aos *cantinhos* da Beira-Alta, e outras o são a alguns dos signaes do rochedo do Douro":

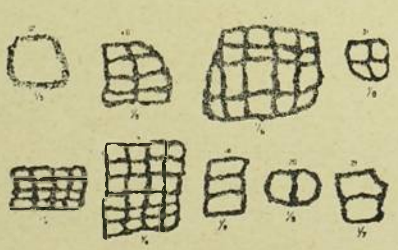


Fig. 2.039
Inscr. á margem de lagos, na Italia, por Clugnet.

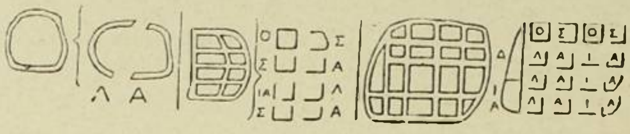
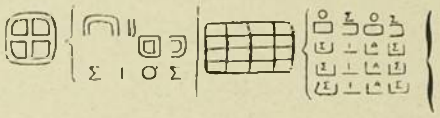


Fig. 2.040

INSCR. Á MARGEM DE LAGOS, NA ITALIA, POR, CLUGNET.

FORTE CEREMONIA E AGITAÇÃO A JUPITER, TÃO ESTIMAVEIS ÁS ASSEMBLEAS DO POVO.

*



ΣΙΑΣ — DEUSA.
"ΟΣΟΣ, tão grande, quanto consideravel.

Fig. 2.041

†ΣΙΌΣ"ΟΣΟΣ†ΣΙΆΣ

DEUS TÃO GRANDE QUANTO AS DEUSAS.

*

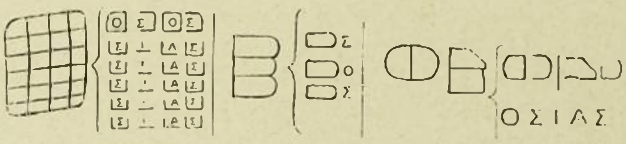


Fig. 2.042

·ΟΣΟΣ ΣΙΑΣ ΣΟΣ ΟΣΙΑΣ

TÃO GRANDE QUANTO AS DEUSAS E A TUA JUSTIÇA DIVINA

*

"No citado opusculo de Mestorf vem tambem uma estampa a que não falta analogia com as nossas fig......" "Perante taes semelhanças e identidade não porfiaria já Clugnet que os desenhos, que elle estudou, representavam apenas entretenimentos das horas de ocio de pegureiros vadios!".

Voltando outra vez á Beira diz: "Tambem perto da orca dos Animaes, ou «Cova dos Moiros» , vi, um penedo irregular de granito, cuja maior dimensão era de 1^m,6 e altura, era de 0^m,5 a 0^m,7; na sua superficie tinha muitas covinhas dispostas pouco mais ou menos como na seguinte figura", que passamos a interpretar:



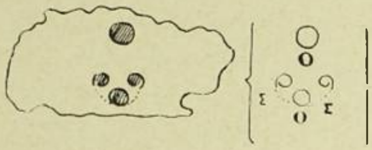
·ΛΙΤΟΣ, pedir, supplicar; digno de receber nossas preces, etc.
ΔΙΑ' *acc.* de Ζεύς, *gen.* Διός, JUPITER, etc.

Fig. 2.043

·ΛΙΤΟΣ ΔΙΑ'

PEDIR E SUPPLICAR A JUPITER.

"Junto de Outeiro de Espinha (Conselho de Mangualde) em um pinhal que antigamente se chamava das Pedras Pombeiras", vi um grande penedo de granito com quatro covinhas symetricas, como da seguinte figura. . . " "Não me consta, apesar de ter perguntado, que haja antas nas immediações, embora perto deste pinhal apparecesse um machado neolithico, facto que nada tem de especial. Estas covinhas formam pois como que uma cruz, que poderá ser analoga á do museu de Kiel; mas nem por isso me julgo auctorisado a dizer com Mestorf que temos aqui a christianização de um culto".

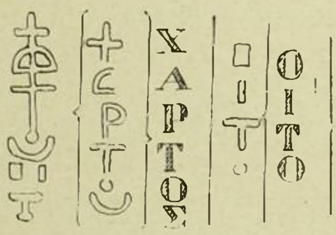


"ΟΣΟΣ, tão grande, quanto consideravel, etc.

Fig. 2.044

*

"Na mesma área dos monumentos indicados, mostraram-me no sitio dos Barreiros, ao pé das Carvalhas, freguezia de Senhorim, um penedo com varias cruzes e um grupo de signaes figura. . . " "que o povo dalli chama a *Santa Custodia*, sem que eu saiba, lhe referir lenda alguma: tem de altura uns 0m,56; as duas covinhas de cima não estão symetricas entre si. Se não fossem as covinhas, difficilmente eu teria incluido este grupo de signaes no presente capitulo. Parece que o nosso pequeno monumento deve comparar-se com o *Bischofstein* ou *Pedra do Bispo*, (Prussia) no qual se vêem insculpidas entre muitas covinhas, a figura de uma cruz e a de um calice. No citado artigo de B. Reber vem desenhos analogos ao da baze da referida cruz".



ΧΑΡΤΌΣ, Alegre, divertido; gostoso, deleitavel, festivo, etc.; alegria, contentamento, etc.

• ΟΪΤΟΣ, *Poet.* sorte, *mais seg.* desgraça, calamidade, etc.

ΧΑΡΤΌΣ •ΟΙΤΟΣ: ALEGRIA E DESGRAÇA!

Fig. 2.045

*

"Numa vinha, no alto dos Braçaes, ao pé do Outeiro de Espinha, conselho de Mangualde, vi em 1892, um penedo de granito, do comprimento de 4^{m},36, da largura de 3 metros, e da altura de 0^{m},61 a Este, e de 1^{m},21 a Oeste, com a superficie superior encurvada".

"Do lado oriental está cheio de *covinhas*. Deste lado o penedo offerece uns sulcos naturaes, que o dividem em seis secções, até meio pouco mais ou menos da largura, como a fig. . . " "mostra. As dimensões das covinhas variam entre 0m,45 e 0^{m},10 etc., de diametro, e 0^{m},02 e 0^{m},04, etc., de profundidade. Distam umas das outras, desde 0^{m},10 a 0 ,31, etc. Algumas covinhas estão ligadas entre si por sulcos. E' o penedo que tenho visto com mais covinhas. Fica perto d'elle a anta dos Padrões. A zona geographica a que pertence este penedo é a mesma a que pertencem os monumentos anteriormente descriptos, zona toda ella granitica".

Os pequenos pontos, ligando a terceira e quarta figuras, demonstram como seriam de principio outras, mas que naturalmente desappareceram com o tempo. São justamente estas ligações que ora restauramos com linhas cheias e pontuadas, para levar a effeito as necessarias interpretações, desta e de outras inscripções.

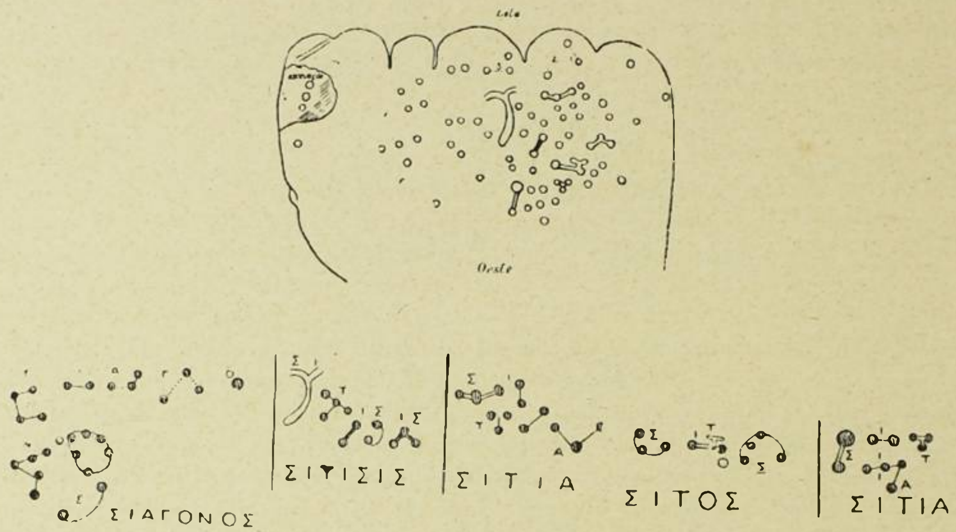


Fig. 2.046

ΣΙΑΓΟΝΟΣ, queixo, mandibula, queixada, etc. ΣΙΤΙΣΙΣ, ΣΙΤΙΜÓΣ, acção de nutrir, alimentos, etc. ΣΙΤÍΑ, alimentos, provisão, etc. ΣΙΤÓΣ, trigo, grão de trigo, *p. ext.* pão, viveres, etc. ΣΙΤΙΑ (já traduzida).

*

O autor reproduz uma interessante estampa de um monumento do "menhir à cupules de Saint Urnel en Plameur (Finistère)" onde porém as covinhas não são na parte superior como no da Beira, mas na frente. Essa estampa passamos a reproduzir tambem, dando-lhe uma interpretação vaga, pois, apagada infelizmente como se acha, é de difficil interpretação.

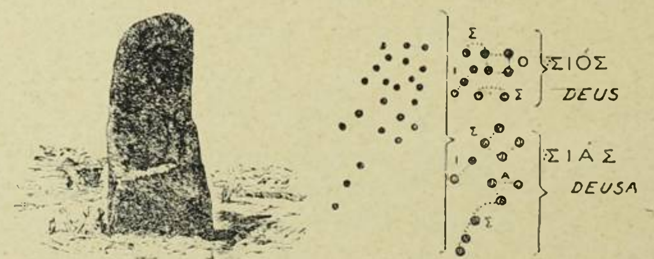
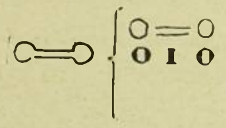


Fig. 2.047
Monumento em St. Urnel Plameur (Finistère)

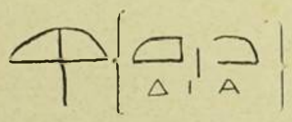
........"Em Cristello (Santa Comba de Regilde) ha um penedo com a superficie crivada de *buraquinhos*, á qual se liga uma lenda, analoga ás lendas dos Moiros: "Uma clara madrugada, um rapasito seguido pelo pai, passou perto do penedo, e vendo os buraquinhos cheios de milho, gritou — *Jesus! o que vae aqui de milho, meu pai!*" Mas ao nome de Jesus o milho tinha-se transformado repentinamente em carvão. Era ouro puro, esta claro!"

"No Minho, escreve o Sr. Martins Sarmento, a cada passo se encontram covinhas ou *buraquinhos*". "Duma carta que dirigiu-me em 5 de Julho de 1892, extraio as seguintes interessantes noticias: As covinhas apparecem em penedos e lages; mas tambem as encontrei nas pedras que formavam uma sepultura, em Ancora. Apparecem isoladamente ou na companhia de circulos concentricos e outras gravuras. Numa lage proxima das ruinas da Saia encontraram-se associadas com uma suástica. Não têm disposição regular, nem com relação umas ás outras, nem com relação a qualquer outra gravura. Associadas com os circulos, tenho-as visto mesmo dentro d'elles. Tambem não tem diametro certo. As mais communs pouco mais têm que pollegada e meia; as ha porém de tres e quatro. Não é raro tambem vêl-as ligadas por um sulco, figura . . ." "Os circulos tambem podem ser grandes ou pequenos; os pequenos de cinco pollegadas; os maiores, que tenho visto, têm meio metro de diametro. Pelo que me contou um homem de Venade, a respeito de uma lage que poz em bastilha, aos circulos chamava o *sol*, ás covinhas *estrellas*. O penedo tambem tinha a lua, mas não pude perceber o que elle entendia por *lua*. Mais tarde vi em Sautello (Conselho de Caminha, como Venade) umas lages, onde além de covinhas e circulos havia algumas gravuras, figura. . ." "Não sei se em alguma figura semelhante vio elle a *lua* (meia lua). Tenho visto algumas lages com gravuras não longe de manôas, e inclino-me a crer que as duas cousas se relacionavam Assim succede em duas manôas que ha em Briteiras. Não longe de uma, ha dois circulos de meio metro de diametro cada um; proximo de outra havia uma lage com muitas covinhas e alguns circulos. Não pude conservar a lage; apenas me consentia o dono que lhe aproveitasse os signaes, que foram arrancados aos pedaços. Perto de Santo Antão (monte), sobre Caminha, ha tambem uma só manôa e proximo d'ella umas gravuras, além de outra que só ali vi, um pouco semelhante em uma lage perto de Castro de Noiva (não se confunda, com o Castello de Noivas). Estas gravuras são quadrilongas, fig.. . .", "mas a incisão é feita como a dos circulos e outras. . . ."



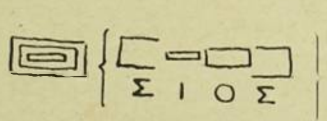
ΟΙΟ, *Ion. p.* οὗ *gen. sing. do pron. poss.* Ὅς, p. ἑός, — ΟΥ, diante de uma vogal Οὐκ, como diante de uma aspiral Οὐχ, adv. de negação, não, etc.

Fig. 2.048



ΔΙΑ *acc. de* Ζεύς, *gen.* Διός JUPITER. etc.

Fig. 2.049



† ΣΙΟΣ *Laced, p.* Θεός. DEUS.

Fig. 2.050

*

. . . ."Nas antas do Alentejo, diz o Sr. Cartailhac, que apparecem muitas covinhas,— "petits creux ou, godets, qui sont depuis longtemps connus dans l'archéologie préhistorique", e cita a anta de Candieira, na superficie superior, de cuja cobertura ha um grupo

fig.. . ." "cita a anta do Paço da Vinha; e cita a de Parede, onde uma das lages contem outro grupo, de uns $0^{m},05$ de profundidade e $0^{m},08$ de largura, dispostas como se observa nas figuras. . . . . ."

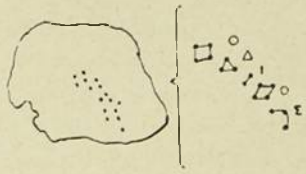


Fig. 2.051

* ΟΔΙΟΣ *Poet.* que é de um feliz augurio para a viagem; que proteje o viajante, etc.

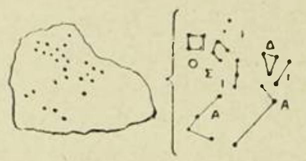


Fig. 2.052

'ΟΣΙΑ, rito, ceremonia religiosa, *esp.*, exequias, funerais, etc.

ΙΔΙΑ, *dat. sing. fem.* de ἴδιος, *c. emp. c. adv.* ΙΔΙΟΣ, proprio, particular, singular, especial., do dom. proprio.

❊

« . . . . . . Com relação ao Algarve, tambem não conheço "diz o autor" nada no genero das covinhas ou no das figuras; apenas n'um dolmen de Alcalar encontrou Estacio da Veiga tres lages de grés, cahidas sobre o pavimento, mas que talvez tivessem servido de tecto ao dolmen, as quaes apresentam numa face numerosos sulcos abertos em diversos sentidos, que bem podem ser symbolos, emblemas, signaes de significação reservada, ou talvez os inicios de uma paleographia rudimentar, em que parece haver uma certa harmonia intencional, que longe estou de poder interpretar. Eis na fig. . . . . . os desenhos respectivos.

Vi as pedras que ultimamente obtive para o Museu Ethnographico Portuguez, em cuja galeria lapidar já estão: os sulcos são realmente artificiaes. Embora, como disse, de forma diversa das dos signaes estudados acima, e mais modernos, creio que estes sulcos do dolmen algarvio desempenhavam ahi certamente funcção analoga á das outras insculpturas; mas não posso neste momento consagrar-lhes o estudo que merecem ».

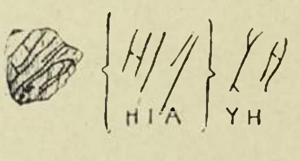


Fig. 2.053

• HIA, *Ion. p.* ἤειν, *imp. de* εἶμι, seguir.

• ΥΗ *Gloss.* chuvosa, *epitheto de* SEMELÉ *mãe de Bacchos.*

ΥΗΣ deus da chuva, de quem depende a permissão de chover, *epitheto de* JUPITER, *ou* de BACCHOS.

"Muito temos fallado em dolmens, e é com prazer que aqui deixamos reproduzido um muito notavel, de Portugal, existente na herdade da Candieira, fralda occidental da Serra de Ossa (Alentejo) fig. 2.054, o qual assim descreve o Sr. Gabriel Pereira":

"Seis grandes esteios estão ainda erguidos assentando á mesa ou pedra superior em quatro d'elles; o setimo jaz tombado, e pela abertura que deixou patente se pode penetrar no dolmen. A altura d'este tumulo prehistorico é superior a dois metros; o espaço comprehendido pelas lages anda por 2 metros de comprido e $1^{m},5$ de largo. As lages são de rocha

schistosa, unica formação geologica d'aquelle solo.......... Um dos esteios, porém, desta anta é furado; a pouco mais de meia altura mostra-se um buraco visivelmente artificial, aberto com certa regularidade, e talvez com instrumento de pedra polida ou bronze; a abertura tem proximamente um palmo quadrado".

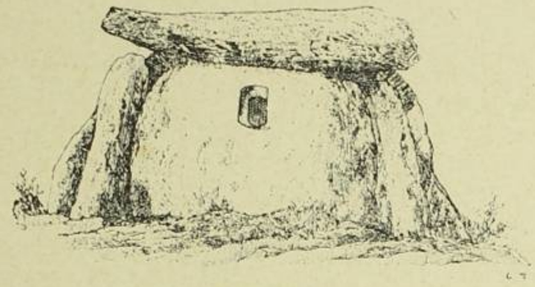


Fig. 2.054

"Na 2ª. sessão do Congresso das Sciencias Anthropologicas, em 1878, dizia o Sr. E. Cartailhac:"

"La découverte d'un dolmen avec un trou en Portugal est très importante: c'est un lien de plus qui relie les tombes de ce pays avec les groupes des outres contrées. On sait que ce sont surtout les megalithes de la Crimée, de la Palestine, de l'Inde qui presentent le plus fréquemment cette particularité, fort intéressante par les questions qu'elle soulêve et les hypothèses qu'elle a déjá provoquées........"

A proposito de dolmens, diz a pag. 424 de sua citada obra de Nadaillac: "Proximo de Acara, pequena Cidade, não longe do lago de Titicaca, os *cadaveres* eram collocados sob megalithes (1), que recordam nossos dolmens e nossos crombechs figs............"

"Um vasto plano é coberto de pedras enterradas em pé, formando, ora circulos, ora quadrados, e muitas vezes cobertos por grandes lages, que fecham a camara sepulcral....

Assim diremos ainda como Figuier ás pag. 297 e seg. de seu *O homem Primitivo*: "Quando se consultam os archivos da hist. relativos ás épocas mais remotas, vê-se que o costume de levantar aos mortos illustres tumulos colossaes achava-se altamente difundido na antiguidade oriental. Encontramos vestigios d'elles entre os hebreus, assyrios, egypcios, gregos, etc."

"Semiramis, rainha de Ninive, fez levantar um monumento sobre o tumulo de Nino, seu esposo. Sobre os restos de Laio, pae de Œdipo, foram igualmente amontoadas pedras. Homero, na *Iliada*, falla das collinas edificadas á memoria de Heitor e de Patroclo A de Patrocolo, obra devida á piedade de Achilles, tinha mais de 100 pés de diametro. Homero, fallando dos *tumuli* do seu tempo, já muito antigos na Grecia, diz que são os tumulos dos heroes. Por Alexandre o grande foi levantado um tumulo sobre as cinzas do seu amigo Ephestião, e taes eram as dimensões deste ultimo monumento, que custou, segundo dizem, 1200 talentos, isto é, cerca de novecentos e setenta contos de réis, da nossa moeda. A historia Romana offerece-nos exemplos do mesmo genero. Finalmente as pyramides do Egypto, monumentos funerarios faustosos e colossaes, representam á nossa vista a mais elevada expressão de homenagem que as gerações antigas prestaram após a sua morte, aos homens illustres e poderosos......................"



Fig. 2.055
Inscripção proximo de Acora e de Titicaca (Perú)

(1)........Presta-se uma certa importancia a estes megalithes. « Pero lo que sin duda es aun de mas importancia es encontrar-se por muchos puntos de territorio peruano, construcciones en piedra iguales por el estylo y el caráter a esos cromlechs, dolmens, circulos del Sol ó druidicas de la Escandinavia las islas Britanicas, Francia, Asia etc. Ameghino, l. c t. I, p. 100 »

O illustre Sr. J. Leite de Vasconcellos, Director do Museu Ethnographico Português, assim termina o Capitulo V, Signaes insculpidos em pedras —:

"A significação primordial das insculpturas neolithicas não se conhece de modo positivo; no entanto, como se acham associadas a monumentos religiosos, quaes são os dolmens, e nestes, ora em pedras avulsas, collocadas dentro, em contacto intimo com as cinzas dos mortos, ora nas superficies internas das camaras, e portanto tambem certas relações com as mesmas cinzas, ora nas superficies externas, as quaes tinham de ficar cobertas, por outras pedras, já pelas manôas, o que em qualquer dos dois casos mostra que as insculpturas não se destinavam a attrahirem a vista dos homens, circunstancia que só pode explicar pelo facto de desempenharem papel protector, sobrenatural, mystico, — não repugna acceital-as como taes, antes nos vemos forçados a isse. Esta conclusão a que chego a proposito das nossas insculpturas, baseado só em factos portuguezes, concorda com a de diversos eruditos que estudaram as estrangeiras, eruditos cujas opiniões citei acima".

"Nas hypotheses enunciadas as covinhas e as figuras, fosse qual fosse a latitude do sentido religioso que encerravão, teriam na sua relação com os monumentos sepulcraes destino analogo ao das pinturas dos esteios, fig. . . (1) seguinte e ao dos amuletos e figuras de pedra que se depositavam com os defuntos na ultima morada."



† Paia — *Gloss.* saude convalescença. Figura repetida.
R. ραίξω, seguir melhor, etc.

Fig. 2.056

"Já por mais de uma vez tenho insistido na importancia que certos povos attribuem aos tumulos e aos descanços dos mortos. D'aqui o querer-se, a todo o panno, evitar que os espiritos maleficos perturbem a paz das sepulturas, o que se julga conseguir por muitos processos. Varios povos selvagens collocam para este fim objectos de virtude sobrenatural ao pé dos morto Nas sepulturas das epochas romanas, tanto da Lusitania, como de outras regiões da Hespania, vêem-se *diversas figuras* que são sem duvida symbolicas".

Por nossa vez, vamos terminar, com breves linhas, as interpretações que demos ás *covinhas* e *figuras*, das quaes se occupou o illustre autor da obra citada, com muita proficiencia.

Caso concorde com a nossa maneira de resolver esse prehistorico systema paleographico, verá d'elle resaltar a mythologia adaptada em todos os tons, proprios á philosophia da epocha.

Desta feliz circumstancia origina-se a chronologia que precisamos definir, desse prodigioso periodo prehistorico, ramificado em diversos paizes do globo, o que bem claramente nos parece definido pelo nosso modesto trabalho, baseado na paleographia.

Nada faltou, cremos, para um interessante confronto, das inscripções da Iberia e de outros paizes, com as congeneres, do hemispherio occidental.

"(1) Foi já depois de adeantada a impressão desta obra que descobri, na Beira-Alta (concelho de Satão), algumas antas com pinturas feitas a ocre na superficie interna dos esteios das camaras e das galerias. E'-me impossivel agora interromper a obra, entrando em descripção meuda; por isso que limito-me a pouco, etc. As antas pertencem aos tempos neolithicos; pelo menos não encontrei n'ellas objecto algum metalico. As pinturas, que são muito rudes, mesmo consistem em fig. humana; fig. de quadrupedes; arabescos, etc."

O illustre archeologo Carlos Ribeiro já nos havia dado um excellente trabalho sobre algumas Estações e Monumentos Prehistoricos em Portugal, mas não havia incluido ainda a parte epigraphica, o que ora completou o seu não menos illustre patricio, o Sr. Director do Museu Ethnographico, a quem saudamos, gratos pelo seu magistral trabalho archeologico, cuja offerta devemos ao nosso particular amigo, o distincto Coronel José Cardoso Ramalho Junior.

*

INSCRIPÇÕES CURIOSAS

E' digna de interesse uma inscripção publicada em o *The National Geographic Magazine*, de Fevereiro de 1916, e reproduzida ás fls. 162, pela importante obra — *Origens Chaldaicas da Biblia* — publicada pelo notavel escriptor Alvaro Reis — 2ª edição de 1918. Este specimen acha-se exposto no Seminario Geral Theologico da Cidade de New-York e fôra interpretado pelo Professor Barton de Bryh Mawr, de modo diverso do que se nos afigura.

Não podemos saber qual é a paleographia seguida pelo illustre professor, para conseguir esse resultado originalissimo.

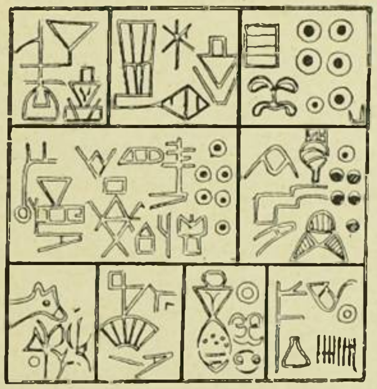


Fig. 2.057

"Uma inscripção de "sete mil annos" (?) que se acha exposta no Seminario Geral Theologico da Cidade de New York, cuja traducção, segundo o Professor Barton, de Bryh-Mawr, é a seguinte: — "3005 bardanas de um campo de argilla, da terra do pôr do sól, pertencente ao sacerdote Sallatur; 36050 covados do lado Akkadwards, o mais baixo, desde o principio; 36050 covados na direcção da largura do zigguraat de Shamash, a brilhante senhora; 36000 covados para o templo de Shamash, o mensageiro de Ab, o brilhante; a 36050 covados ao lado da montanha, a, morada de Shukura, o PA-AZAG. Possa elle dar força; possa elle abençoar." — The National Geographic Magazine, fev. 1916."

Sendo a nosso ver a inscripção de caracter grego primitivo, como as que temos demonstrado, pedimos venia para offerecer a nossa interpretação, no intuito de chegarmos a uma conclusão clara e positiva sobre este assumpto epigraphico, que não tem passado de conjecturas e muito interessa á nossa prehistorica como á de varios paizes.

Trata-se de um problema que precisa ser resolvido a bem da sciencia.

O illustre Professor elabora em erro ou nós; e é o que precisamos investigar. Elle dá apenas a summula de seu trabalho, e nós não só fazemos o mesmo, como vamos até á demonstração paleographica e é n'este caso que desejariamos a sua reciprocidade. E' possivel que elaboremos em erro; e tratando-se com um Professor, consideramos sempre util a lucidez de seus ensinamentos.

E' pena que a estampa seja tão diminuta, para ser ampliada, principalmente porque contém caracteres executados em éras remotas (mas nunca *ha sete mil annos*!) segundo revela a inscripção.

O proprio assumpto, que deduzimos em nossa interpretação, dá- nos claramente a época em que foi feita e só podemos admittir aquella asserção como um simples e natural engano chronologico.

Eis acima a interpretação alludida dada á inscripção, sendo opportuno, sobre esta, offerecermos a nossa. Para este fim a dividiremos em 9 partes e proseguiremos na

forma seguida. Trata-se de um assumpto repetido de varias formas, segundo a fertilidade do systema da escriptura engenhosa de então:



Fig. 2.058

Ἰλιάς αδος (ἡ) A Iliada *poema de Homero.*
Ὀδύσσεια ας A Odysseia. *poema de Homero.*
R. Ὀδυσσευς

*

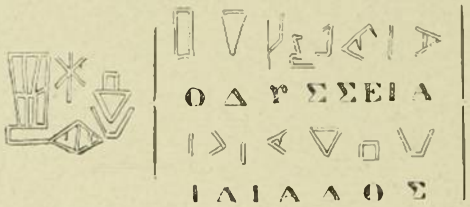


Fig. 2.059

Como a precedente.

*

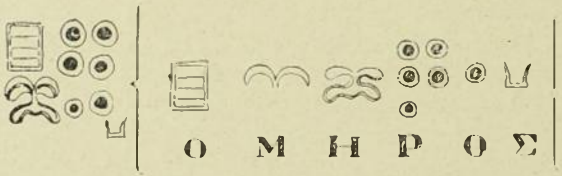


Fig. 2.060

Ὅμηρος, ου, refem, etc. *Poet.* (o) esposo: *a Cumes,* cego *donde o nome propr.* Ὅμηρος, Homero R. de Ὅμηρος, ον *primit. o mesmo que* Ὁμήρης, que está de acordo, convencionado, etc.

*

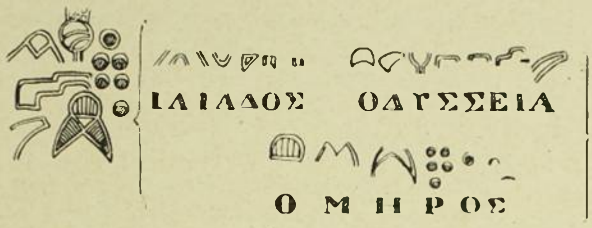


Como a precedente.

Como a precedente.

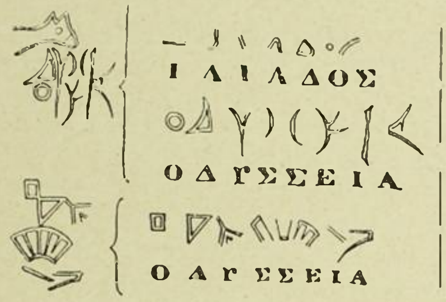
Fig. 2.061

*



Como a precedente.

Fig. 2.062

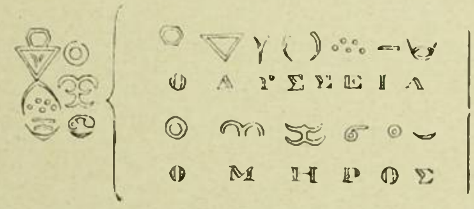


Como a precedente.

Idem.

Fig. 2.063

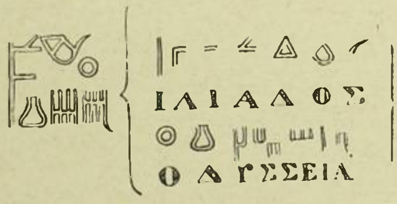
*



Como a precedente.

Fig. 2.064

*



Como a precedente.

Fig. 2.065

*

Corrigidos alguns ligeiros traços, aqui deixamos a nossa interpretação, que, comparada á do illustre Professor Barton, fica a esta totalmente opposta.

Atravéz de longo periodo vem sendo publicada a referida interpretação e só agora talvez sejamos nós quem primeiro a refuta, apezar de permanecer o importante original em uma Instituição Scientifica de um dos maiores centros do progresso mundial.

Finalmente diremos como o illustre escriptor Alvaro Reis: "Na verdade, a sabedoria do mundo é estulticia não só para Deus, como asseverou S. Paulo (I Cor. 1.18-31; 1-Pedro 4-28), mas até o é para o mundo no transcorrer dos seculos".

*

ANTIGUIDADE AMERICANA.

Não podemos deixar de honrar este trabalho, com alguns trechos da valiosa These, sahida da abalisada penna do notavel brasileiro o illustre Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas, reunido no Rio de Janeiro, em Setembro de 1922, ora publicada:

"Tratando da antiguidade do continente que o abbade de Gaudry chamou "velho" e um erro prehistorico habilitou a tradição a denominar "novo" não queremos diminuir o memoravel feito de 12 de Outubro que, effectivamente, fez jús ao culto das gerações operando extraordinaria revolução no horizonte politico scientifico, completa transformação economica e geographica, phase nova nas relações commerciaes, da humanidade".

"O commettimento de Christovão Colombo, constituiu uma das mais notaveis conquistas do seculo XV que, antes de desapparecer pelo tonel das Edades, desvendando terras, até então, quasi ignotas, e lançando a attenção do Oriente para o Occidente, restituia á communidade internacional, o território americano que, como os outros reatava as relações interrompidas durante infinito numero de seculos".

"O genovez, a que, mais tarde, quatorze cidades, conforme Cesar Cantú (Hist. Univ. v. 8 p. 118) disputaram a honra de ter sido o berço, é credor da mais grata admiração internacional". (1)

"Poz de novo, no convivio do mundo, o continente que, para muitos, era uma utopia de poetas e philosophos: foi um grande conquistador".

"Mas se lhe não deve chamar descobridor da America como Cabral o não foi do Brasil, mesmo porque, não poderia ser descoberto um territorio que já existia, muito antes que a Europa, a Asia e a Africa tivessem surgido do seio das aguas!"

"Não pareça um paradoxo".

"E se é verdade que Richard Andrée, Karl von Steinen, Garrik Mallery (Picture Writing of the America Indians), o allemão Theodor Kock Gruenberg (Sued-Amerikanische Felseichnungen), o ethnologo sueco Eric Boman (Antiquités de la Region Andine de la Republique Argentine et du Desert de Atacana), e, entre nós, Dr. Alfredo de Carvalho, asseguram completa ausencia de valor documental ou de significação symbolica ás inscripções rupestres, chamadas pedras de letreiros que, ao envez de desenhos, hieroglyphos decifraveis, são, no parecer d'elles, fructos do instincto artistico e da disposição esthetica do homem, não é menos certo que a theoria da Atlantida está proclamada pelas pesquizas dos mais provectos mestres da sciencia".

"A historia, a geologia, a paleontologia, a architectura e a ethnographia não permittem hoje, duvidar da prioridade chronologica da primitiva civilização da actual America sobre a da asiatica riqueza antiga, da fabulosa India, cujas caravanas commerciavam da Asia até junto aos povos dos mares Caspio, Mediterraneo e Negro, da egypcia com suas pyra-

(1) No seu testamento, a 22 de Fevereiro de 1498, affirma Colombo ter nascido em Genova.

mides e colossaes esphinges, dos povos da Mesopotamia, da carthagineza com os brancos promontorios e da romana, com suas necropoles, que dormem, ha vinte seculos, á sombra do Vesuvio".

"Tivesse ou não sido a America "a Antilha" dos phenicios, a "ilha das sete cidades", o "continente chroniense", o mar hiperboreense dos argonautas", "as hesperides" magestosas, cujo pomo de ouro era pelo dragão velado, "a ilha de Poseidon" tragada, ha onze mil annos, segundo Platão, e que Blavatsky acha ser apenas um fragmento da Atlantida, a insula européa, orbe-spatiosior, de Amiano Marcellino, a legendaria terra sonhada por Scipião, o "grande continente", de Theopompo, a "insula permagno", de Deodoro da Sicilia, a "ilha incognita ou empoada", da lenda messianista que, nella, occultava o salvador futuro, o continente das "nações do mar" que durante nove mil annos, atravéz das columnas de Hercules, tambem chamadas de Saturno, lutou com Athenas, o paiz dos "mares de Huehuetlapallan, Tollan e Artlan", as "ilhas affortunadas da fabula", a formosa "Ophir", de tradições biblicas, o "mar de Cronos", onde reinou Saturno, pae de Jupiter e onde nasceram os deuses, a "ilha de Bruina", a "Fu Sang", dos chinezes, a almejada "Cipango", a "explendente região legada a Atlas", filho de Urano e inventor das leis astronomicas, o paiz que Critias suppunha ter cabido a Neptuno que o dividiria por seus dez filhos, ou afinal, a "Ameiguia "ou "Americ" dos selvagens: o caso é que nessa America que F. Serrano queria chamar Isabella, Pisarro y Orellana-Ferisabella Damariz-Orbe Carolino, Acota-Antillana, Calacha-Colonia ou Columbana e Ortelio-Amazonia, é que, inicialmente, irrompeu a cultura, a grandeza e magnificencia dos povos".

"Já se não vae mais em busca da Asia, a pesquizar o centro irradiador dos primeiros passos da humanidade".

"E' antes sobre o Atlantico que nós temos de procurar um dos mais ricos lararios da terra em expectação".

*

"Vão-se as origens arranjadas pelos povos orientaes e surge a concepção positiva de Lecinio, citada por Hackel e do abbade Brasseur de Bourburg, de que foi a America o berço da humanidade".

"Os povos da mais remota antiguidade tinham a visão desta surprehendente região, que cada nova descoberta ia collocando mais distante".

«A narrativa classica fazia de incommensuravel poder maritimo contra o Egypto, as nações do mar que, numa noite tenebrosa, sumiram-se, ante forte tremor de terra, acompanhado de inundações, como castigo áquella região "bella e santa", por se haver corrompido ».

«No "Espirito da Atlantida", capitulo de um magnifico trabalho intitulado "O VALOR DA RAÇA", Antonio Sardinha, (Antonio de Monforte) demonstra o que foram estranhas ao Mediterraneo a lenda e a poesia das "Errores" de Ulysses ».

«A habitação de Ulysses parecia mais uma cabana nordica, semelhante ás das sagas medievaes, do que o palacio de um rei egeano e as sepulturas de Homero differem das de Dypilon, cujas mortos eram depositados em vastas camadas funerarias, ao passo que em Homero é o "tumulus" que guarda os restos mortaes de Patroclo e Elpenor (von Gennep, La question d'Homero) ».

« Na Odysséa, que Victor Berard julga um roteiro egypcio, vê aquelle escriptor uma adaptação genial das lendas do Occidente ».

« Homero faz varias referencias ao occulto continente e ao fabuloso povo da Occidente ».

« E' na Atlantida que vamos encontrar a origem da civilisação mundial ».

*

Monumentos Prehistoricos da America.

«Não haviam apparecido os templos subterraneos da Asia, repletos de hieroglyphos, esphinges e collossaes pyramides, nem Assurbanipal fundara na Babylonia, bibliothecas com livros de tijolos e, já, na America, em trempes de pedra eram as inscripções gravadas ».

«Aos phenicios cabe a descoberta do alphabeto, mas na America ha achados epigraphicos de valia: os livros mexicanos contem letreiros, armas e documentos genealogicos, que revelam a civilização desse povo, em cujas archivos foram, no seculo XVI, encontrados até registros de nascimentos, casamentos e obitos ».

«Antes desses vetustos monumentos, como o colosso que, em Rhodes, edificou Chares ou o labyrintho que, em Crisé construiu Dedalo; antes dos templos de Delphos e Epheso terem o seu Epintharo e Ctesiphon, já no nosso continente se trabalha em fortificações, formavam-se dolmens e eram fabricadas obras da mais solida estructura! Ahi estão as ruinas das brilhantes cidades mexicanas Mitla e Palenque, com seus edificios sagrados, fortificações e hieroglyphos, os vasos de construcção antediluviana, os assombrosos destroços de Itzalon, as pyramides de Teotihuacan e as de Chafula, cuja edificação attribue a lenda aos sete escapos do diluvio ».

«Tambem o Perú nos apresenta seus templos magestosos a começar pelos de Cuzco, capital da antiga monarchia ».

«Em época mais antiga do que aquella em que Satyro e Pilheu, por ordem de Artemisa, fiseram o tumulo de Mausolo, as varias regiões americanas tinham seus mundos tumulares feitos sob os rigores da sciencia architectonica ».

« Estavam submersas as famosas e antigas cidades; não havia ainda Minerva transmittido a Solon as leis de Athenas, a China não tivera a Hoanigti ou Fohi, e o territorio atlantico tinha suas tradições, seus constumes, já relatados por Platão ».

«O Egypto, berço da navegação, segundo Ameilhon, não tivera ainda o Ptolomeu Philopater, para construir o celebre navio de quasi tres centenas de metros, os assyrios e chaldeus não desenvolviam seu commercio pelo canal de Palacopos, aberto por Nabuchodonosor para fazer do Euphrates emporio commercial; Sidon não attingira ao apogeo maritimo que, depois, entregou a Tyro; os phenicios não haviam posto os navios ao mar e as caravanas em terra e a Atlantida tinha já as magestosas frotas com que, mais tarde, assombrara o Egypto e Atthenas ».

«E' certo que embarcações de hebreus, phenicios e egypcios transitaram em mares americanos, mas a navegação destes é mais antiga ».

«No segredo das pedras, nas figuras symbolicas dos rochedos, nas ruinas de velhos palacios, Humboldt, Carlos Wagner, Azevac, Uzielli e Warden (Recherches sur les antiquités des Etats Unis de l'Amerique sépténtrionale) encontraram o mais frisante attes-

tado do prehistorico progresso americano, tambem estudado pelo archeologo W. Holmes, atravez da metallurgia, da esculptura, da pintura, das artes texteis e plasticas e de um conjuncto de trabalhos ».

«Os monumentos achados no Mexico, Perú, Nicaragua, Brasil e varias nações americanas demonstram uma adiantada civilização ».

«Veja-se a prova nas estatuas em profusão, molles de enormes pedras, que, em Tianahuac, no Perú, apresentam os Incas, semelhantes aos dos palacios egypcios, como o templo do sol Pachacamac, com suas portas e paredes de ouro, os vasos e estatuas a que, em golphos do Mexico, encontrou Napeau, na ilha dos Sacrificios, os rudimentos de architectura, de ceramica, de arte de cinzelar, os machados iguaes aos dos celtas, "tumuli" de Ohio (Big Grave), as grandes cidades sepultadas em São Luiz, na Lusiania, em New-York, os craneos examinados na America Septentrional, por Warzen, os ornamentos e ossos iguaes aos de Indostão, as ultimas descobertas nas Canarias, os estudos de Barleus, Squiers, Heikmam, as estatuas de modelo assyrio que se encontram em Nicaragua, os "teocali", com pyramides de estylo asiatico (Malte, Brun, Geographie Universelle). as pinturas dos "toltecques" e as investigações constatadas nas ságas, velhas chronicas irlandezas, todas ao conhecimento, em Copenhague, pela SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE ».

«Estudando as linhas geraes do direito escripto, Ferreira Coelho (Cod. Civ.) começa pela China, e, em seguida, passa ao Perú, cuja civilização lhe parece apresentar-se na mais remota época prehistorica ».

«Pizarro, em 1527, encontrou costumes identicos aos dos chinezes nos dez milhões de habitantes peruanos ».

*

ANTIGUIDADE BRASILEIRA

«O proprio Brasil possuia seus monumentos mais antigos que Memphis, Babel, Persepoles, Adamastor e Hymalaia ».

«Base segura trouxeram ao estudo as pesquisas do profundo philosopho dinamarquez Guilherme Lund, que, muitos annos, passou analysando grutas, cavernas e preciosidades historicas do Brasil, onde encontrou, alem de craneos, fosseis, ossos de animaes que não mais existem, dolmens, graniticas mesas, lapides com varias inscripções, assentadas em trempes petreas e outros monumentos antiquissimos ».

«Ha quem affirme ter sido o Brasil o celebre Ophir de cujas minas tirara Salomão ouro para sua capital; Colombo, em carta a Isabel, mostra suppor que Veragua fosse o chersoneso de ouro salomonico ».

«Até hoje não puderam os historiadores determinar a situação topographica da legendaria ilha, que commerciou com o rei biblico e recebeu, em seu porto, navios phenicios. Flavio Joseph, suppoz tratar-se de região nas Indias orientaes. Não poderia, porem, ter sido a India ».

« Os povos do Indostão não permittiriam tal commercio, alem de que, n'aquella época, não iria um navio de Ezion Gahir a India em tres annos ».

«O engano de Joseph teria facil explicação na confusão que se fez da America com as Indias. O proprio Colombo morreu julgando haver descoberto o caminho maritimo

para as Indias e denominou de indias, expressão erronea ainda hoje conservada, aos nossos selvagens que, de accordo com o que acreditava o genovez, eram habitantes da India ». (2)

«Seja ou não o Brasil o mesmo opulento Ophir, o que é indubitavel é que os elementos de architectura, a petrographia, as inscripções lapidares, as sete cidades hoje contestadas petreficadas do Piauhy, revelam uma civilização que não a dos indigenas encontrados por Pedro Alvares Cabral, especialmente em Pernambuco, conforme opina Ferdinand Denis, o primeiro a occupar-se com a nossa literatura ».

« Trabalhos de uma outra cultura, fosseis de outros animaes, foram constatados por Elias Hesckmann, quando, commissionado por Mauricio de Nassau, percorreu, em 1640, o interior da donataria de Duarte Coelho, e, posteriormente, por Bráuner e Hart ».

*

Estudos Ethnographicos

«Estudemos, agora, o lado ethnologico ».

«Discute-se muito a questão de saber se a raça americana é producto espontaneo ou resultado da migração, e, se, neste ultimo caso os nossos indigenas estão presos á unidade ou a pluralidade das raças ».

«Não iremos investigar se Quatrefages acertou ao dividir em tres raças ou se melhor andou Gabriel Lafond reduzindo a uma, modificada pelo clima, sob quatro variedades. Gomara sustenta que provem o americano dos chananeus, Huet e Kirchero dos egypcios, o inglez Adair (History Of the American Indiane) dos judaicos, notando a semelhança dos hebreus com os povos da Florida e Carolinas, Fornier dos japonezes. Hugo Grotius (De Origene Gentium American) dos norueguezes, especialmente os da parte septentrional da America, Jones, dos hunos, George de Morn (De originibus americanis) dos hunos, tartaros e kathayeus, o philologo Berewood, e, após Humboldt, dos asiaticos, theoria que tem, aliás, mais defensores; certa concepção religiosa acredita que descende das tribus de Benjamin e, ainda, outra versão faz de Cam, filho de Noé, o tronco americano ».

«Na "Esperanza de Israel", Menasch Ben Israel, apoiando-se no seu conterraneo, o judeu Antonio Montezinos, pondo em confronto elementos historicos e biologicos e verificando traços hebraicos dentre os americanos, disputa a origem israelita dos americanos. Ha ainda, quem faça a Antilha povoada por gente fugida da Espanha com a chegada dos mouros ».

«Leturneau, na "Evolução do Commercio", asserta que se passaram pelo estreito de Berhing que não é obstaculo entre a Asia e a America, porquanto, ainda hoje, os esquimaus o atravessam ».

«Preferimos, ao envez de procurar a origem ethnologica desse povo, que se perdeu dos outros no caminhar dos tempos, encontrar n'elle a base para o estudo das outras raças ».

«E' o homem da idade de pedra, dolicocephalo, meião, autoctone, no homem de Mugem, que acharemos o portador da cultura ».

(2) « Eu, filho de Genova, disse em documento Christovão Colombo, descobri, no longinquo, o continente e as ilhas da India »

«H. Blavatsky, na "A Doutrina Secreta", faz dos atlantes os ascendentes dos chinezes, japonezes e polinezios. Antonio Sardinha desenvolvendo a theoria da luzitania nacionalidade, no "Valor da Raça", affirma que é o do H. Atlanticus que deriva o substratum aborigene da nacionalidade portugueza, podendo, mesmo, elle figurar como o chefe da arvore genealogica do mundo. E' o delicoide, o homem de Mugem, meião, moreno mesorrinico; não pode ser o ariano brachicephalo ».

"Pereira de Lima, nos "Iberos e Bascos", fez, a respeito, um interessante estudo, tendo em consideração a semelhança dos indigenas das Canarias com as primitivos mexicanos e peruanos e a declaração de Montezuma aos espanhóes de que seus antepassados tinham vindo do paiz de Astlan".

"A isso se deve ligar a crença antiga dos sabios sobre a vastissima ilha que os padres egypcios registravam em seus livros hermeticos e nos vem referida por Platão, Solon, Herodoto, Euripides, Hermocrates, Estrabão, Eratosthenes, Timon, Phocius, Marcellus, Philon, Aristoteles, Seneca e Virgilio".

"Tal crença que os egypcios mantinham, não obstante ser contraria aos seus sentimentos religiosos, é mencionada nos Vedas, de tradição remota, ha vinte cinco seculos, e está contida na Biblia, que dá os homens vindos das ilhas do mar".

"Por outro lado, não se havia perdido da memoria dos selvagens da America, o "imperio de Xibalto", dominado por longas terras, onde reinavam reis poderosos e que, de subito, foi, pela segunda vez, engulido pelas aguas, por quanto tambem tinham os americanos a noção do diluvio, em que, querendo Tupan, o grande Deus dos trovões, premiar a Tamandaré, o justo, sabio e corajoso pagé, permittio que, em uma arvore, se conservasse, com sua familia, durante o tempo em que o globo terraqueo estivesse debaixo das aguas".

"Submergida por assombrosa erupção vulcanica, por maremoto, ou terremoto, tão frequentes antigamente e que tantas ilhas levaram, victimas do "soerguimento dos Alpes das cordilheiras americanas, promovendo o desequilibrio da masa ignea", ou de qualquer outro phenomeno geologico, a "ilha de ouro" teve o mesmo fim que a de Crisé, tambem mencionada por Platão (3). Mas a crença nunca abandonou os philosophos, desde a mais alta antiguidade (Clerivero, Storia do Messico), que viviam na Atlantida, região maior que a Asia e a Africa juntas, e sabiam que os atlantes haviam dominado a Lybia, o Egypto e a Europa e, depois, desappareceram por um cataclisma".

"Essa crença foi transmittida, atravez dos seculos e de todas as transformações sociaes e politicas por que foi passando a humanidade".

"Vemol-a em todos os tempos, indelevelmente gravada na consciencia dos povos O cataclisma é contido no mytho Pitanomachia de Hesiodo e em os mythos antigos".

*

(3) "No "Timeu", 24. relata Platão: "No oceano Atlantico, em frente das Columnas de Hercules, existia uma ilha maior que a Lybia e a Asia reunidas; desta ilha passava-se para outras ilhas, e destas ultimas para todo o Continente circundado pelo Oceano".

Na mesma obra, 25 C. D. menciona;

"Em epoca mais recente, em seguida a terremotos e inundações, num dia e uma noite fataes, todos os guerreiros que se achavam sobre a Acropole pereceram afogados e a ilha da Atlantida desappareceu no mar; por isso, esse mar tornou-se impraticavel e inexplorado, em consequencia de uma tenue camada de argila que a ilha deixou, abysmando-se nas ondas e que intercepta a passagem".

O MYSTERIOSO SYMBOLO DOS ANDES PERUVIANOS

Sentimo-nos possuido de certo prazer toda vez que deparamos com o que attinge á mysteriosa e tradicional região peruviana, centro das surprehendentes maravilhas d'antanho, hoje um dos centros em que impera a progressiva civilização mundial.

Região sublime, onde os Incas faziam ouvir em coro ardente de fé, diante do throno aurifero do Sol, o hymno magistral: " Alma do Universo! Tu que do alto dos céos derramas sem cessar no seio da natureza atravez de um oceano luminoso, o calor, a vida, e a fecundidade, Sol, recebe o voto de teus filhos, e os d'um povo que te adora, cujo hymno era secundado pelo maximo Pontifice: Oh! Rei, cujo sublime throno perennemente brilha! Com quanta magestade empunhas o sceptro do vasto imperio dos ares! Quando te mostras com todo teu explendor, cingida a fronte com um lucifero diadema, o céu se ufana de possuir-te, a terra se namora de ver-te. Mal no oriente apontas dobra apresssadamente a noite o estrellado manto. Um só de teus raios escurece milhares d'astros, cuja existencia seria ignorada, se te não ausentasses periodicamente do firmamento, talvez para os não abysmares de continuo no pelago de teus resplendores, etc."

"A quem não seduzem as emocionantes narrativas de Las Casas, e de Garcilasso de la Vega, sobre esse encantador paiz do sabio e virtuoso Manco Capac e formosa Mama Ozello e dos Sinchi-Roca, Luque Yupangue, Marieta Capac, Viracocha, Huayna Capac, Ataliba Huascar, cuja origem deixa o espirito mergulhado no mais profundo mysterio e conjecturas?" "Sim, privilegiada região onde, com pasmo, se viam quantidades prodigiosas de barras de ouro, que nos templos e nos palacios substituiam o ferro, a madeira, a pedra, e que debaixo de mil formas diversas deslumbravam os olhos!"

"O culto do Sol tinha em Cusco, por exemplo, magestade inegualavel. A magnificencia do Templo, o explendor da Côrte, a affluencia dos povos, a jerarchia sacerdotal, e o côro das escolhidas vestaes que se elevava a 1.500; tudo isso dava a pompa do culto um caracter todo augusto, que infundia o maximo respeito".

"E nem se diga que o Inca possuia o sentimento de egoismo, pois, observado o momento da declinação do grande luminar do dia, em que as columnas mysteriosas formaram para a parte do Occidente uma sombra do mesmo tamanho d'ellas, o Inca, prostrado diante do Sol, seu pae, lhe dizia: "Deus benefico, tu te separas de nós, e vaes levar a vida e a alegria aos povos de outro hemispherio, a quem o inverno, filho da noite, afflige em tua ausencia; nós, por isso, não murmuramos. Tu não serias justo se amasses sómente a nós, e se por teus filhos olvidasses o resto do mundo. Segue tua inclinação benefica; porem deixa-nos, como prenda de tua bondade, uma emanação de tua divina substancia; e faze com que o fogo de teus raios alimentando em teus altares, derramando entre teu povo o consolo em tua ausencia e lhe assegure tua volta". Assim punha o povo termo as suas cerimonias rituaes".

"Alma do universo! Pae de Manco pae dos nossos Reis, oh! Sol, protege o povo teu, e faze que teus filhos prosperem!"

"Alli, onde de permeio as faustosas ceremonias do casamento, eram repetidas pela suprema autoridade dos Incas as tocantes palavras:"

"Amai-vos, observai as leis, adorai o Sol meu pai". "E para lhes lembrar os trabalhos e cuidados, que iam tomar sobre si, lhes faziam tocar, na ocasião de se darem as mãos a enxada primitiva de Manco, e a roca de Ozello, sua laboriosa companheira".

"Mas, tudo isso teve o seu momento de vida, e presagiaram um dia os discos mysteriosos em torno da lua, ao apparecer no horizonte, os quaes definiu o sacerdote: o de sangue, a guerra; o negro, os revezes e o de lista de fumo, a ruina, tal como infelizmente succedeu a essa grande raça valorosa e guerreira!. . . . "

E accedendo á lembrança destas ligeiras tradições, fazemol-as preliminares das seguintes linhas que nos proporcionou a importante revista "L'Illustration," publicada em Paris, contidas em o n. 4.333, de 20 de Março de 1926, sob o epigraphe acima, artigo acompanhado de interessante gravura, assignado por V. Torbin.

Preoccupando-nos de muito com assumptos epigraphicos, chamou-nos particular attenção não só o artigo, como a referida gravura, e para fazermos ligeira apreciação sobre tão importante assumpto, pedimos venia á illustre redacção da "L'Illustration" para reproduzir o valioso cliché, como o magnifico artigo de M. V. Torbin, certos de sua acquiescencia.

Eis o cliché:

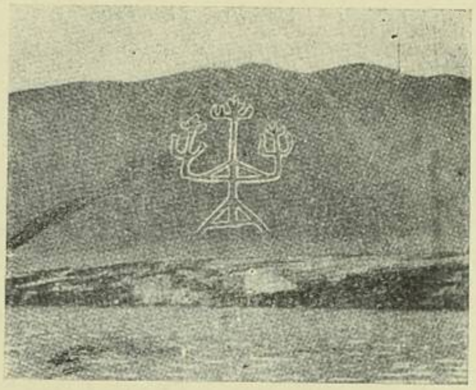


Fig. 2.066
O mysterioso "Candelabro das Tres Cruzes" gravado em um escarpado da Bahia de Pisco (Perú)

O artigo que traduzimos, é assim concebido:

"Os navegadores que passam ao largo da peninsula de Paracas, situada ao sul do Perú, são intrigados por um desenho gravado sobre a parede, vermelho, côr de tijolo, de um penhasco abrupto que borda ao alto da bahia de Pisco, o imponente massiço dos Andes".

"O Sr. Robert Cushman Murphy, autor de *Bird Islands of Peru*, do qual assignalamos a obra em um recente numero, fixa que, em tempos claros, o Candelabro das Tres Cruzes, (traducção da expressão hespanhola que o designa em o paiz) é visivel a olhos nús, n'uma distancia de 21 kilometros".

"O sabio explorador e ornithologo teve a curiosidade de ver mais de perto o gigantesco signo, cuja altura parece ser de 200 a 250 metros. Suas linhas são constituidas por cavidades profundas gravadas na parede. Ha nisto um mysterio que ninguem tem podido explicar até hoje, donde se origina um vasto campo de hypotheses. Sobre os terraços que formam uma altissima superficie e que são totalmente deshabitados em nossos dias, é impossivel dar-se alguns passos, sem encontrar, seja tumulos ou vestigios de habitação humanas".

"E' sufficiente cavar uma cova na areia, para retirar um corpo mumificado redobrado sobre si mesmo, segundo o costume funerario dos antigos".

"Ignora-se a significação do symbolo, sabendo-se somente que elle existia á chegada da conquista dos hespanhóes".

"Não será absurdo suppor-se que elle teria sido gravado para conservar a lembrança d'uma cidade destruida por um dos gigantescos raz de maré que parece haver sido frequente na historia geologica desta parte do litoral sul-americano. (a) V. Torbin."

Revela-nos isto, mais uma vez, a estabilidade de nossa these, sob a ponto de vista — Inscripções e Tradições da America Prehistorica. Em primeiro caso, cremos não offe-

recer mais duvida a interpretação da monumental inscripção, que felizmente já não é a primeira no genero, pois apenas differe em traços artisticamente dispostos e tem identicos caracteres aos das já interpretadas, cujos dizeres resumem-se em:

FELIZ, AFORTUNADO,

repetido ao alto da figura, á direita, á esquerda, tendo na base 2 vezes a palavra JUPITER.



Fig. 2.067

ΔΊΑ, *acc. de* ΖΕΥΣ, *gen.* ΔΙΌΣ JUPITER, ΝὴΔΊΑ, por Jupiter, Οὐ μὰ ΔΊΑ, não por Jupiter, etc.

E' semelhante, pois, ás encontradas: na Colombia, no kilometro 151, num alto rochedo; á margem da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, proximo á Bolivia; no littoral de Manáos; nas regiões de Uatuma; Rio-Negro, etc., não envolvendo mais a colossal inscripção mysterio, quanto á significação. Do mesmo modo póde-se deduzir a existencia de povos, nessa paragens e em todo o Hemispherio Occidental, onde deixaram outros importantes vestigios, superiores aos de que nos falla Torbin.

O que nos tem offerecido, fazendo vir á luz do dia, com verdadeiro pasmo archeologico, a America Central, são irrefutaveis provas em favor do Americanismo, hoje pujante, sobre o seu problema prehistorico, emquanto a Assyria e o Egypto redobram nas sensacionaes revelações maravilhosas do passado.

Venha finalmente o "*Mysterioso Symbolo dos Andes, Peruvianos, o Candelabro de 3 cruzes*" illuminar ainda mais a verdadeira origem da nossa prehistorica existencia e dissipar a escuridão desse longinquo passado que permanece de permeio a complexas conjecturas.

*

OSSOS FOSSEIS NO BRASIL

No vol. X, anno 53 de 1925 da Rev. do I. A. e G. Alagoano lê-se:

«O professor Oliver C. Farrington, chefe da secção de geologia do Museu de Historia Natural, de Chicago, já dirigiu duas expedições scientificas ao Brasil, sob os auspicios da *Marshall Field Geological Expedition* ».

«A segunda expedição do notavel scientista, que data de 1924, celebrisou-se pela descoberta de um deposito de ossos em estado fossil, na cidade de Mulungú, no Estado da Bahia ».

«Trata-se de animaes prehistoricos que deviam ter existido em abundancia tal, que os naturaes faziam trincheiras com esses ossos ».

Em sua communicação á *United Press*, o Dr. Farrington diz:

«Esses fosseis encontram-se aqui em grande quantidade, em redor dos poços ou em pontos onde ha agua, o que indica que os animaes prehistoricos evidentemente recorriam aos poços, em procura de agua, ha muitos milhares de annos ».

«O animal cujos ossos foram encontrados parece ter tido a estructura de uma preguiça gigantesca ou de um Megatherium, ou da mesma especie, muitas vezes maior que a preguiça dos nossos dias. Nesta região esse animal deve ter abundado ».

«Ao *Field Museum*, de Chicago, o Dr. Farrington enviou diversos especimens e informes e o craneo do animal que mede 18 pollegadas, accrescentando estar tambem em seu poder um pelvis completo e intacto, de dois pés de largura, que em seu estado actual de petrificação pesa para mais de cento e cincoenta libras ».

*

Como esta tantas outras noticias importantes surgem com frequencia, fazendo crer, que a nossa prehistoria está merecendo algum valor aos estudiosos, contra a critica mordaz dos pessimistas, que hão de se submetter á verdade por fim.

Presentemente, o movimento de commissões exploradoras scientificas, apresenta-se em nossas regiões com varios intuitos, sendo o principal a archeologia prehistorica.

Apezar da nossa falta, quanto aos meios necessarios para esses commettimentos já nos encontram em acção felizmente, e já de longa data, esses scientistas. Attestamos assim, que, na medida de nossas esforços, não somos indifferente ao precioso legado que possuimos, dos nossos valiosos antepassados. Escrevemos esta breve consideração em fins de Dezembro de 1928, justamente quando os jornaes davam varias noticias sobre esses notaveis excursionistas, etc.

*

INSCRIPÇÕES ENCONTRADAS AO PÉ DO MONTE SINAI.

(EN. MAIKILIG SKRIFT FUNNEN VID SINAI).

A Revista "MISSIONS POSTEN", n. 11 de Novembro de 1924, publicada em Stockolmo, sob a epigraphe acima, traz um artigo acompanhado da muito importante gravura de uma inscripção, que reproduzimos em seguida.

Eis a respectiva traducção resumida do artigo, que devemos a um illustre amigo:

«O Professor Petri em uma de suas excursões ao pé do Sinai, na Arabia, encontrou uma louza de pedra, (fig. 2.068), com inscripções misticas que julga terem sido escriptas por Moysés ».

«Um allemão Dr. Hubert Grimme, traduzira a legenda desta forma:" *"Sou filho da Princeza Hatshepsut, guardadora do templo de Jehus, no Sinai. Tu oh! Hatshepsut, tiveste compaixão de mim e me salvaste das ondas do Nilo »*.

«Tanto o professor Petri (Italiano) como o Grimme (Allemão) são homens de grandes conhecimentos philologicos ».

Interessando-nos vivamente a inscripção pelo seu valor paleographico, chronologico e regional, pois é a primeira no genero que se nos offerece nas regiões da Arabia, fizemos

nossos estudos minuciosos, obtendo uma solução muito differente da alcançada pelos illustres Professores. Não nos parece justo dar autoria da inscripção a Moysés, porque, neste caso, de preferencia, seria subordinada a caracteres hebraicos e não aos do primitivo grego linear.



Fig. 2.068

Para maior prova vamos dar as interpretações dos sete periodos ou pensamentos, muito diversos com effeito da supposta traducção, mas com alguma referencia ao celebre Monte Sinai, o que relevarão os illustres Professores.

Isto é um grande achado para reforçar mais uma vez as nossas theorias e a paridade da epigraphia da Arabia com a do Continente Americano, e particularmente mesmo com a do littoral de Manáos e outras localidades da região amazonense.

Eis as nossas interpretações, as quaes submettemos ao alto conceito dos referidos illustres Professores, feitas na fórma por nós observada em taes casos.

*

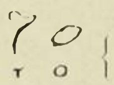


Fig. 2.069

TO. *neut. do art.* ὁ, ἁ, τὸ, ὁ, ἁ, etc.

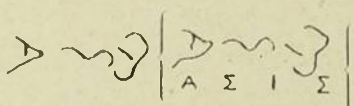


Fig. 2.070

? 'ΑΣΙΣ, canto R. ᾄδω

* 'ΑΣΪΣ, *adj, fem. Poet.* d'Asia, Ἀσίς, γῆ, a Asia. R. Ἀσία.

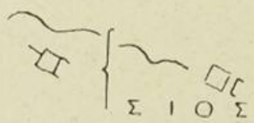


Fig. 2.071

†ΣΙΟΣ. *Laced. p.* Θεός, DEUS.

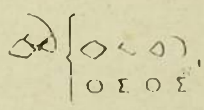


Fig. 2.072

"ΟΣΟΣ, tão grande, quanto consideravel, numeroso, etc.

TO . 'ΑΣΙΣ†ΣΙΌΣ "ΟΣΟΣ

O CANTO DE DEUS E TÃO GRANDE QUANTO ADMIRAVEL!

*

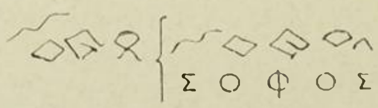
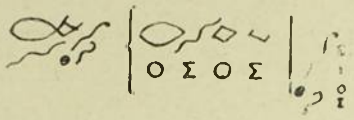


Fig. 2.073

ΣΟΦΌΣ, sabio, *isto é*, habil, prudente, instruido, etc.



| "ΟΣΟΣ, tão grande, etc.
| ΣΙÓΣ, Θεός, DEUS.

Fig. 2.074

†ΣΟΦÓΣ "ΟΣΟΣ † ΣΙÓΣ

SABIO TÃO GRANDE QUANTO ADMIRAVEL, É DEUS.

*

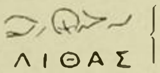


Fig. 2.075

*ΛΙΘΑΣ *Poet.* monte de pedra, porção de pedra *ou simpl.* pedra. *Neol.* pedra preciosa, etc.

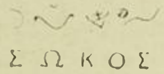


Fig. 2.076

*ΣΩ̃ΚΟΣ, possante, forte; *primitivamente*, salvador, libertador das casas, das familias, etc.

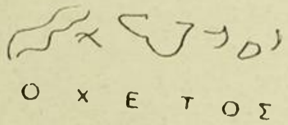


Fig. 2.077

'ΟΧΕΤΟΣ, conducto d'agua; canal de derivação, para regar as terras; regato, *alg. vez* abysmos *fig.* meio de afastar uma desgraça, etc.

ΛΙΘΑΣ ΣΩΚΟΣ ΟΧΕΤΟΣ

MONTE DE PEDRA POSSANTE E PRECIOSO CONDUCTO D'AGUA.

*

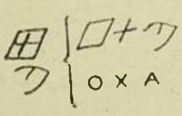


Fig. 2.078

ΟΧΑ *Poet.* eminentemente, demasiado, etc.

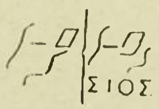


Fig. 2.079

†ΣΙÓΣ DEUS.

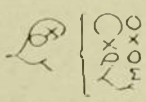


Fig. 2.080

ΟΧÓΣ, tenaz, firme, que subsiste, etc.

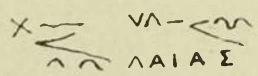


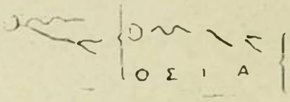
Fig. 2.081

assembléa do povo.



Fig. 2.082

'ΟΣΟΣ, tão grande, etc.



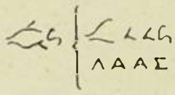
'ΟΣΙΑ, *mais corrente,* justiça divina *ou simplesmente,* direito, justiça, etc.

Fig. 2.083

ΟΧΑ†ΣΙΟΣ ΟΧΟΣ ΛΑΙΑΣ 'ΟΣΟΣ ΟΣΙΑ

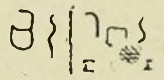
EMINENTE DEUS É TENAZ E FIRME NA ASSEMBLÉA DO POVO
E TÃO GRANDE, QUANTO CONSIDERAVEL SUA JUSTIÇA.

*



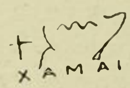
*ΛΆΑΣ, *Ion e Poet.* pedra, rochedo, etc.

Fig. 2.084



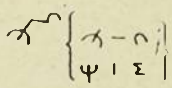
ΣΟΣ, *adj. pos.* teu, tua, sua, etc.

Fig. 2.085



ΧΑΜΑΙ, *adv.* a terra, sobre a terra, *com movimento.* Τὸ χαμάι, o que é a terra; a terra.

Fig. 2.086



ΨΙΣ *ou* Ψισις, feliz, afortunado, etc.

Fig. 2.087

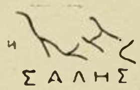


Fig. 2.088

†ΣΙΌΣ, DEUS etc.

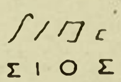


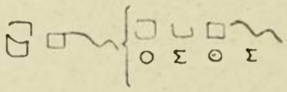
Fig. 2.089

†ΣΆΛΗΣ, agitação, perturbação, inquietação, tumulto, desordem, etc.

ΛΆΑΣ ΣΟΣ ΧΑΜΑΊ ΨΙΣΙΣ†ΣΙΟΣ†ΣΆΛΗΣ

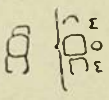
TEU ROCHEDO SOBRE A TERRA FELIZ AFORTUNADA POR DEUS, SEM INQUIETAÇÃO.

*



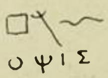
'ΟΣΟΣ, tão grande, quanto extraordinario, etc.

Fig. 2.090



ΣΟΣ, *adj. poss.* teu, tua, sua, etc.

Fig. 2.091



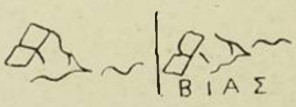
ΟΨΙΣ, vista, acção de ver *ou* o senso da vista, visão, etc.

Fig. 2.091 A

ΟΣΟΣ ΣΟΣ ΟΨΙΣ

A TUA TÃO GRANDE VISÃO!

*



ΒΊΑΣ, força, pujança, etc.

Fig. 2.092

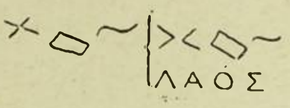


Fig. 2.093

ΛΑΌΣ, povo *p. ext.* multidão, *Poet.* armada, e *principalm:* infantaria, etc.

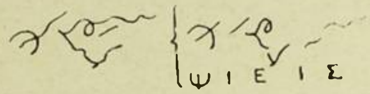


Fig. 2.094

ΨΙΕΙΣ, feliz, afortunado, etc.

ΒΙΑΣ ΛΑΌΣ ΨΙΕΙΣ

Força e pujança do povo feliz afortunado

*

INSCRIPÇÕES E VESTIGIOS DE TRABALHOS HYDRAULICOS NO RIO ARIPUANÃ E OUTRO GENERO DE TRABALHOS NO RIO JATAPÚ (AMAZONAS)

Varias pessoas têm dado noticias, não só de inscripções, como de vestigios de trabalhos hydraulicos, na região do conhecido Rio Aripuanã. Mas ao Sr. Pharmaceutico Benedicto Lima, que mais interessado se tem mostrado por essas velhas preciosidades, é que devemos as seguintes informações e inscripções. Reproduzimos estas acompanhadas das nossas interpretações.

Infelizmente ainda não se offereceu occasião de visitarmos essas interessantes paragens, onde existe grande numero de inscripções lapidares. Uma parte d'ellas está esculpida sobre blocos naturaes, ao passo que outra sobre blócos que contêm facetas, obedecendo certo lineamento ou ordem do desvio ou repreza da canalização d'agua, indicios de trabalhos intelligentes do homem e não representam comezinhos phenomenos naturais, como erradamente se quer fazer comprehender.

As inscripções que ora reproduzimos, são isoladas e têm a sua significação propria, formada de caracteres figurativos e lineraes, muito bem executados e de estylo não muito vulgar em seu tempo; entretanto a 2ª e a 3ª ligam-se em ideias.

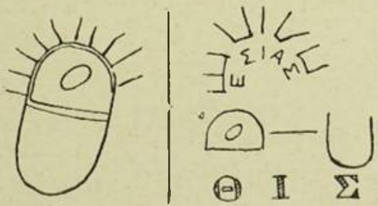


Fig. 2.095

†ΕΣΙΑΣ, *Gloss.* acção de enviar, missão, remessa, etc.

ΘΙΣ ou ΘΙΝ *genit.* Θινός *dat pl.* Θισί (o *alg. vez* ἡ) acêrvo, monte, monturo; accumulo, multidão, ajuntamento, concurso, monte de areia na margem do mar, *p. ext.* margem, collina, outeiro, elevação em terra, dique, muro, limo, etc.

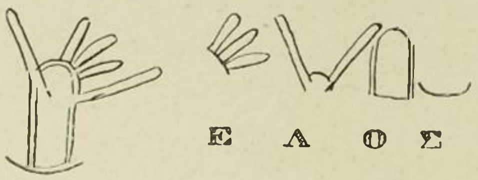


Fig. 2.096

"ΕΛΟΣ, charco, lagôa, brejo, pantano, paul, horta, logar pantanoso, paludoso, *Poet.* cheia d'agua, o mar, etc.

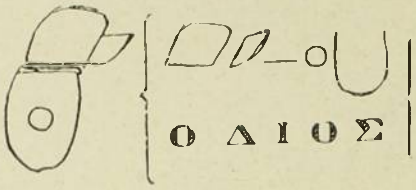


Fig. 2.097

* 'ΟΔΙΟΣ, que é de um feliz augurio para a viagem, que protege o viajante, etc.

ΕΛΟΣ ΟΔΙΟΣ

LAGÔA QUE PROTEGE O VIAJANTE

*

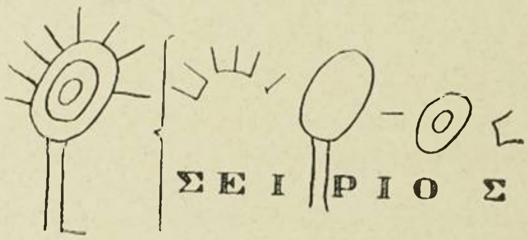


Fig. 2.098

ΣΕΙΡΙΟΣ, ardente, quente, Σειριος, αστηρ *ou* Σειριονάστρον. *Poet.* lastro, ardente, *isto é* tanto o sol como a estrella, da canicula, || Σειριος, *ou sirios estrella*; a canicula, *constl.* ou, estação.

† ΣΕΙΡΟΣ, deseccador pelo calor; quente, escaldante ou ardente, etc.

*

No alto Jatapú, dizem algumas pessoas de criterio, haver encontrado um admiravel trabalho de engenharia, constante de uma abobada, tendo o alto perfurado para deixar penetrar a claridade á parte interna central, onde existe um rebento d'agua crystalina. Quatro corredores ou raios em linha recta, partem do centro em distancia de alguns metros em forma de X. Tres acham-se tomados de vegetação e interceptam a passagem restando um que serve de accesso aos animaes que alli vão saciar a sede na estação calmosa. A vertente é continua e está situada em terra firme, onde é difficil encontrar-se agua no verão. Nessa mesma circumscripção é admiravel uma grande mesa de pedra com quatro pernas, etc.

*

O TALISMÃ DA VICTORIA E ARABESCOS ARTISTICOS

Bem interessante afigura-se-nos o precioso achado das regiões do Rio Atuman, esta carcomida pedra que denominamos Talisman da Victoria. Com effeito, contem ella profunda inscripção, bem legivel, apezar de sua vetustez. A respectiva photographia, em seguida, e a nossa interpretação dão a conhecer este conceito.



Fig. 2.099
Pedra preciosa da Victoria, encontrada no rio Atuman (Amazonas)

ITE 2 *p. p. indc. ou imper. pess. d'*ειμι; seguir.

ΛΙΑΝ muito forte.

ΝΙΧΑΙΟΣ, quem dá victoria, *epitheto* de JUPITER.

ΝΙΧΑΪΑΣ, que dá a victoria, *epith. de* MINERVA, *Gloss.* VICTORIA.

INTERPRETAÇÃO:

ITE ΛΙΑΝ ΝΙΧΑΙΟΣ ΝΙΧΑΪΑΣ

SEGUE MUITO FORTE COM JUPITER E MINERVA, QUE DÃO A VICTORIA

São bem curiosas certas particularidades da antiga mythologia. No presente caso deprehendem-se dois epithetos aos deuses: o de ΝΙΧΑΪΟΣ a JUPITER e o de ΝΙΧΑΪΑΣ a MINERVA.

A fig. 104, da região do Rio Urubú (Sangai) dá-nos a conhecer outros epithetos a MINERVA do seguinte modo: ΟΓΓΑ, *Dor*, sobrenome de Minerva em Sparta, *assim*, Ογκα, α; (a) *Dor. em* Thebas, como finalmente Ογγα, entre os Lacedemonios.

*

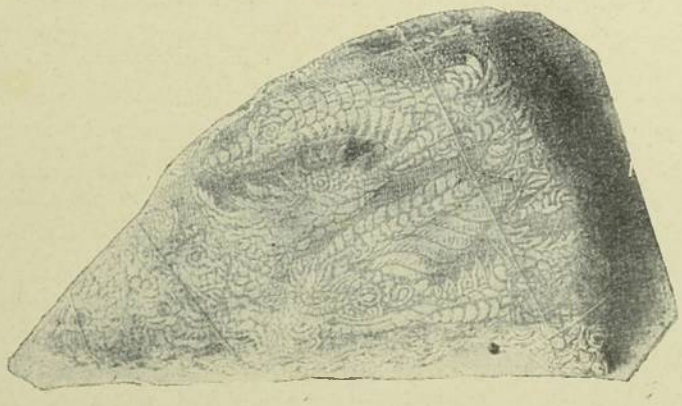


Fig. 2.100
Fragmento ceramico com arabescos, encontrado no rio Urubú (Amazonas)

E' de interessante lavor o seguinte fragmento ceramico, que reproduzimos em photographia, fig. 2.100.

O trabalho é executado em ambas as faces e consta de animaes anti-diluvianos. Notam-se os perfeitos traços artisticos, com que fôra executado.

A sua composição resistente é devida ao emprego do kaolim roseo e branco, produzindo, ao ser percutido, forte som agudo.

Neste genero, possuimos especimens magnificos em nosso mostruario.

*

Gravuras em pequenas pedras semelhantes ás do seguinte exemplar (fig. 2.101) tambem encontramos algumas.

Admira a delicadeza com que fôra elaborado este estylo artistico, não muito raro nas regiões do Atuman e Rio Urubú, trabalhos do mesmo modo executados em varias pedras consistentes.



Fig. 2.101

Tudo isso dá frizante ideia de que só em eras prehistoricas poderiam ter sua origem e execução, jamais quando se vê, entre alguns d'esses arabescos, palavras com significações mythologicas e pensamentos adequados a essas remotas eras.

Já sabemos a origem d'esse povo valente, como emigrou para as nossas plagas, o seu estado de desenvolvimento intellectual nas sciencias e artes, faltando apenas attingirmos a causa de seu exterminio.

As inscripções tudo nos tem revelado e será provavel que ainda encontremos alguma que nos revele este mysterio, se bem que muito já saibamos por tradições historicas.

*

ANTIGA HISTORIA DO BRASIL

Quando ia ser levada á impressão a presente obra, tivemos a grata surpreza de receber com honrosa dedicatoria, o importante trabalho do illustre Professor de Philologia e Historia, Ludovico Sewennhagem, sob a epigraphe "ANTIGA HISTORIA DO BRASIL DE 1.100 A. C. ATÉ 1.500 D. C."

Trabalho de grande valor historico e prehistorico que nobilita o autor, tambem proporciona valiosos elementos para a solução do magno problema americanista.

A Philologia, a Paleographia, a Ethnologia, e Iconologia, etc., são com effeito, sciencias subsidiarias e essenciaes para a resolução cabal do referido problema, o qual vinha permanecendo nas mais desencontradas hypotheses e conjecturas.

Mas, segundo o nosso modo de ver, que é, em alguns pontos, antagonico ao do illustre professor Ludovico, a investigação das tradições tem o seu alto valor e bem merece figurar ao lado das demais pesquizas scientificas.

Pensamos tambem conceder identica importancia á Paleographia por nós empregada na decifração das numerosas inscripções contidas neste nosso trabalho, o que, segundo julgamos, esclarece factos que terão de deixar a apparencia de mysterio e obscuridade.

E por ser uma verdade, mais uma vez repetimos: si não tivessem sido decifrados os hyerogliphos e a escripta cuneiforme, ainda estariamos na ignorancia dos principaes factos concernentes ao Egypto e á Assyria.

Porque não são aproveitados e imitados esses dois valiosos exemplos?

Porque os scientistas não se dedicam ao apurado estudo da paleographia, o que dará possibilidades para as mais profundas e efficientes investigações?

E' este incomprehensivel indifferentismo que nos demove a apresentar o resultado de nossas investigações paleographicas.

Na primeira parte do trabalho do notavel Professor Ludovico encontra-se a inscripção (Fig. 2.102) á qual denomina religiosa e diz haver encontrado a mesma sob "uma porta fechada de pedra, de um templo subterraneo em Buritizal, muncp. Valença". Submettida á interpretação obtivemos este resultado:

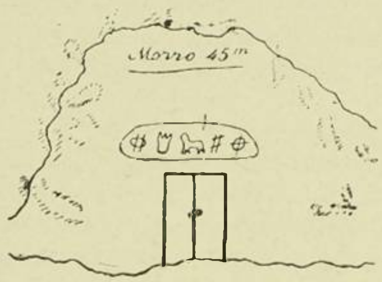


Fig. 2.102

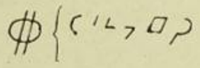


Fig. 2.103

ΣΙΛΛΟΣ, satyra, poema satyrico, sarcasmo, etc.

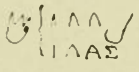


Fig. 2.104

*ΙΛΑΣ, *Poet. p.* ιλη, tropa, bando, rancho, companhia de comediantes, etc.

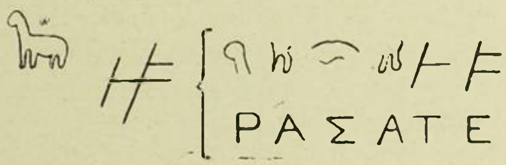


Fig. 2.105

ΡΑΣΑΤΕ *Poet., como* ῥάνατε, *2 p. p. imper. aor. 1 de* ῥαίνω, etc. espargir, borrifar, regar, *p. ext.* atirar aqui, e alli: espalhar, semear, etc.

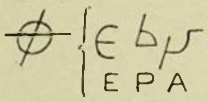


Fig. 2.106

†ΕΡΑ *Gloss.* terra. Tambem JUNO, RAINHA DOS DEUSES. Esta particularidade presta-se, com effeito, á satyra dos comediantes.

ΣΙΛΛΟΣ *ΙΛΑΣ *ΡΑΣΑΤΕ †ΕΡΑ

SATYRA DA TROPA DO RANCHO OU DOS COMEDIANTES A BORRIFAR A TERRA

Resalvámos leve incorrecção da quarta figura. Os caracteres paleographicos, como vemos, não são phenicios e sim gregos, o que nos faz crer na preponderancia deste povo em nosso hemispherio ante outros tantos exemplos. Não é o facto do emprego somente dos caracteres gregos, mas a noção propria da ideia ou do pensamento externado, que isso nos faz comprehender.

Isto mesmo acontece sobre varios casos e o nome *Totoya*, por exemplo, que a corrupção do uso talvez transformou, augmentando o *a*, teria vindo do grego ΤΟΤΟΙ, que é interj. ceus! Ai! Ai de mim! Esta exclamação fôra dada ao aspecto da *Tortoya* na d'aquella era, palavra que, segundo o illustre scientista, denominara o porto maranhense situado na embocadura do Rio Parnahyba.

Varios detalhes dos velhos monumentos das Sete Cidades, em Piracuruca, illustram a obra citada, mas as inscripções não foram reproduzidas, infelizmente, para merecerem a respectiva interpretação. Ellas nos virão revelar a existencia do verdadeiro povo que as esculpiu com seus proprios caracteres e sentimentos de origem e civilização, povo este que suppomos ser o grego e não o phenicio, cuja permanencia em nosso continente fôra rapida ou ephemera.

Muito detivemo-nos já no respectivo Capitulo sobre as Sete Cidades de Piracuruca, que infelizmente não conhecemos. Pouco resta, entretanto, fazer para serem definidas ou avaliadas suas preciosidades, iconographica e archeologicamente.

O concurso trazido pelo que acaba de publicar o illustre autor da *Antiga Historia do Brasil* é finalmente muito valioso; é este seu livro scientificamente profundo e digno de admiração.

Vemos com satisfação o empenho que ora vai merecendo o assumpto, não só a pessoas cultas como a associações scientificas. Em taes casos considera-se a tenacidade e a coragem do explorador inglez P. H. Fawcett, em busca dos vestigios da Atlantida, nos sertões de Matto Grosso; a expedição scientifica á America (instigações no "hinterland" brasileiro), que durará tres annos, e tem como Administradora a Sra. Batelli e Secretario, o Sr. Boschelli emquanto o Dr. Raul Rivet secretario da Societé des Americanistes de Paris realiza no Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, no Rio, uma serie de conferencias sobre a Oceania e a America, no ponto de vista ethnologico.

Alem disso, dizem os telegrammas que o brasileiro Tuzzi Galvão partirá em breve, de Nova York, com uma expedição que se internará pelo Brasil em estudos de americanistica, etc.

E' bem singular, finalmente, que só agora, em 1928, apparecesse, segundo telegrammas, um feliz Naturalista portuguez dizendo haver encontrado para mais de 3.000 inscripções *egypcias e phenicias*, ao norte de Minas, Matto Grosso e Bahia !!...

*

A ATLANTIDA, A PREHISTORIA E A BIBLIA

(A PROPOSITO DAS EXPLORAÇÕES FAWCETT, DIOTT, ETC)

O TEMPLO DO SOL DE KALASASAYA NA BOLIVIA

Não sendo possivel, obtermos todos os scientificos artigos publicados pela " Era Nova" da Bahia, e sim os de 3 e 4 de Setembro de 1928, estes dois apenas, com grande prazer passamos a transcrever.

São os artigos de justa opportunidade e valor prehistorico e que tanto interessam ao Americanismo e honram o seu autor.

"...

Por outro lado o general Mangin na "Revue des Deux Mondes" de 15 de Abril de 1923, publicou um artigo extremamente interessante sobre o chamado Templo do Sol em Tihuanaca, na Bolivia que vem, elucidar singularmente os motivos da ousadia de Faw-

cett quando se embrenhava no Matto Grosso ainda inexplorado, e fronteiro das maravilhas conhecidas da visinha republica. Evidentemente esperava elle encontrar no Matto Grosso alguma reliquia prehistorica de alto valor.

O sabio director do Museu de La Paz, Arthur Poznansy, que estuda o Templo do Sol desde cerca de 25 annos, calculou que esta admiravel obra de arte data pelo menos de 14 mil annos, e revela da parte de seus architectos uns conhecimentos astronomicos e architectonicos assombrosos.

Quem conhece o precioso volume do Padre Moreux sobre a Sciencia Mysteriosa dos Pharaós e sobre a orientação da grande pyramide gostará agora de saber que muito antes dos Egypcios, os Atlantes da Bolivia eram capazes de construir um templo de 135 m. de comprimento e 118 de largura, orientado perfeitamente de Este a Oeste, com o conhecimento da obliquidade da ecliptica e que muitos dos blocos de pedra que o constituem foram trazidos de 80 kiloms. de distancia e talhados com uma perfeição rara, de modo que suas superficies polidas se ajustem exactamente. Mais ainda, estes prehitoricos conheciam os metaes, e em quanto os contemporaneos da Europa se contentavam com instrumentos de pedras lascadas ou polidas, os Atlantes de Tihuanaco trabalhavam os metaes, e seguravam com hastes de cobre as pedras com raios de curvatura desegual que formavam immensas torres cujo diametro era menor na base que na parte superior".

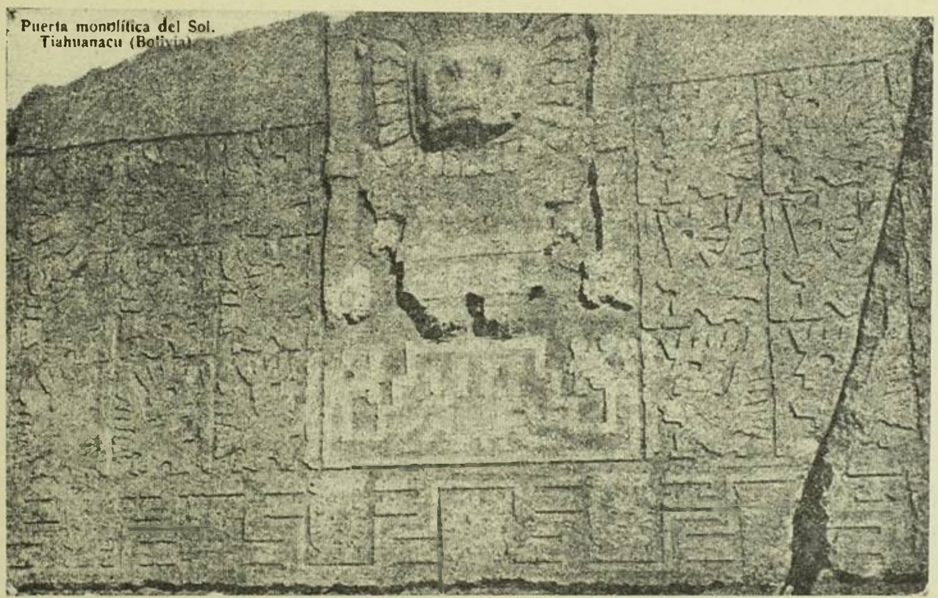


Fig. 2.107

"Descrevendo a orientação do Templo do Sol o general Mangin falla assim:

«O observador collocado no meio do lado do poente vê o sol levantar-se no angulo direito aos 22 de Dezembro, e no angulo esquerdo aos 21 de Junho, no dia 23 de Setembro e 21 de Março, os astro apparece deante delle no centro de uma escadaria colossal, da qual cada degrau consta de uma pedra só.

Sobre esta fachada erguem-se monolithos alinhados de Norte a Sul, cuja sombra ao nascer do sol se projecta sobre o edificio e parece determinar as datas do anno religioso, astronomico e agricola.

Justamente, pois, se chama a este templo "Templo do Sol", almanaque gigantesco que está para as horas do sol, como o anno para a hora commum ».

O sabio Poznansky accrescenta que a relação entre a largura e o comprimento do Templo deve corresponder ao angulo maximo de declinação solar entre os dois solsticios, e que assim se pode calcular a obliquidade da ecliptica na epoca em que o templo foi construido; sendo assim pela comparação com a obliquidade actual se pode affirmar com toda verosimelhança que este monumento data de cerca de 14 mil annos.

Os Incas do Perú são muito posteriores, e occupam aquelle paiz assim como a Bolivia actual na epocha da conquista espanhola.

As mais antigas tradições sobre elles se referem apenas a Manco-Capac I, que vivia no seculo X da nossa era. Existem na verdade no Perú tambem monumentos de grande antiguidade, difficil porem é dizer qual foi a sua raça constructora, e quantas raças intermediarias existiram entre os Incas e a raça genial de Tihuanaco".

IV — A antiguidade do Homem na Asia e na Europa

"Se a prehistoria no Brasil ainda está na infancia, num grau inferior ao da Bolivia e do Perú, é de esperar que brevemente brasileiros authenticos continuarão as explorações começadas pelo temerario Fawcett e descobrirão em Matto Grosso monumentos de civilização atlantica em nada inferior aos de Tihuanaco.

Por outro lado os estudos que se fazem actualmente no Museu Nacional do Rio sobre numerosos fosseis descobertos *recentemente* nas grutas da Lagoa Santa, onde ha bem perto de um seculo Lund descobrira o primeiro homem fossil sul-americano, lançarão uma luz singular sobre a antiguidade do homem no Brasil, e não deixarão de estimular numerosos brasileiros da geração nova a explorar as grutas de seu paiz, e, especialmente as da Bahia, onde algumas dellas são as mais bellas talvez do mundo inteiro.

Na Asia está actualmente um sabio Jesuita, o Padre Teilhard du Chardin, presidente da Sociedade Geologica de França, e commissionado pelo Governo francez para estudar a prehistoria na China, e pela correspondencia delle a amigos de Paris sabemos que elle está de posse de importantissimos documentos, inscripções, photographias, etc., que esclarecerão muitos pontos ainda escuros na sciencia fascinadora da anthropologia e da prehistoria.

Sobre estudos das mesmas sciencias na Europa é bem difficil esperar coisas novas e surprehendentes, pois as excursões têm sido tão numerosas, que parece não restar mais nada a dizer.

E' bom notar de passagem que são precisamente os sacerdotes, os Bruyssonie, du Bréuil, Déchelette, Teilhard du Chardin, etc. que têm dado a estas sciencias o seu maior desenvolvimento, ao ponto que Marcellin Boule, o autor celebre do monumenta livro "*Les hommes fossiles*", escrevia ha pouco tempo que a prehistoria, de que os inimigos da Igreja tanto se queriam servir contra os seus dogmas, hoje se tornou especialmente uma sciencia dos homens da Igreja "*une science des curés*".

E não esqueçamos que a melhor revista de anthropologia "ANTROPOS" é redigida pelo celebre Padre Schimidt, a quem o professor Rivet acaba de dar os maiores encomios nas suas celebres conferencias no Rio.

Deixo aos apaixonados da prehistoria o cuidado de ler em *"La joie de connaitre"* a admiravel conferencia de P. Termier sobre a antiguidade do homem, e faço votos para que os leitores possam dizer o que ouvi a um dos mais brilhantes engenheiros da Bahia, afastado da Igreja por argumentos pseudo-scientificos, o qual, depois de ler Termier, não tinha mais duvidas em admittir os dogmas da Igreja Catholica em toda a sua amplidão.

Basta saber que tambem para estes prehistoricos é preciso admittir uma antiguidade muito remota, provavelmente superior a 15 on 20 mil annos.

Talvez não seja temeraria a opinião que faça coincidir a ultima epoca glaciaria e resfriamento geral da Europa central com o diluvio biblico, e com a submersão da Atlantida.

Seja como for o homem existia na Europa, e particularmente na França na epoca interglaciaria que separou as ultimas avançadas do gelo no sul da Europa, denominadas na geologia pelos nomes de Rissiana e Wurmiana, contemporaneo do mammouth, ao passo que na China na provinvia de Hoang-HO o P^e^. Teilhard du Chardin encontrou silex talhados na base de um deposito argiloso de cerca de 150 metros de altura com ossos de *Rinhoceros Tichorrhinus*, prova que havia já habitantes na China no tempo do homem. do Neanderthal, isto é, contemporaneos das raças mais antigas da Europa, quero dizer da mesma antiguidade supra citada de 15 a 20 mil annos.

Admittindo pois como certo ou muitissimo provavel que tanto na America como na Asia e na Europa a humanidade tenha sido uma existencia tão longa, resta apenas mostrar como isso não tem nada que se opponha á historia biblica, e é o que faremos na palestras seguinte".

*

A ORIGEM DO "HOMO AMERICANUS"

Por Thales de Azevedo.

E' com prazer que trasladamos para aqui um pequeno mais valioso artigo da lavra do provecto escriptor Thales de Azevedo, publicado na Bahia, sob a epigraphe acima, no importante jornal *Era Nova*, n. 57, de 3 de Setembro de 1928:

"Os que se dedicam ou apenas apreciam os estudos de indianologia brasileira, não podem deixar de receber com grande agrado as ultimas noticias que no particular nos tem chegado estes dias.

São de um lado as contradictorias informações sobre o explorador Dyott, que, nesta sua segunda visita ao Brasil, procura o imaginoso inglez Fawcett, embrenhado pelos sertões do oeste brasileiro á procura do centro de irradiação das raças humanas.

De outro lado é uma interessante noticia, publicada no Rio pelo *O jornal* sobre as hypotheses do Dr. Olympio da Fonseca Filho em torno á origem do homem americano. Aquelle estudioso assistente do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos), de volta duma viagem de estudos á Ilha Formosa (Japão), verificou em um indigena Purús-borá, de Matto Grosso, lesões devidas a uma dermatose mycotica, até hoje só identificada entre os selvagens da ilha citada, tidos como pertencentes a uma das raças mais antigas da terra.

Deante dessa coincidencia, o Dr. O. Fonseca Filho, acredita que os Purús-borá, que são um dos povos que menos trato tem tido com civilizados na America e que conservam traços physionomicos e cracteristicos anthropometricos muito proximos aos dos formosenses,— crê, pois, que aquelles nossos conterraneos das selvas possivelmente descendem de oceanicos, o que vem em apoio de opiniões emittidas anteriormente e até algum tempo recebidas com scepticismo.

Gonçalves Dias em sua obra *O Brasil e a Oceania* foi um dos que lembraram tal possibilidade.

Ao mesmo tempo que nos chegam taes noticias, o Dr. Paul Rivet, secretario da Socieeieté des Americanistes de Paris, realiza no Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, no Rio, uma serie de conferencias, justamente sobre a Oceania e a America do ponto de vista ethnologico.

E mais. Dizem os telegrammas que o brasileiro Tuzzi Galvão partirá em breve de Nova York com uma expedição que se internará pelo Brasil em estudos de americanistica.

Tudo isso, junto ao facto de mais uma vez estar o General C. Rondon em excursão pelas nossas fronteiras, acompanhado de especialistas, não pode deixar de alegrar muito aos que viam com tristeza que taes estudos estavam entregues aos estrangeiros.

Inda no anno passado, em artigo intitulado "Indianologia Brasileira", que publicamos a 12 de Outubro na *A Tarde*, tivemos ensejo de chamar a attenção para essa situação. Graças a Deus que a cousa se vae modificando para melhor.

Felizes seremos se nós, os brasileiros, conseguirmos desvendar essa intrincada questão da origem do *homo americanus*. Aliás, as contribuições extrangeiras, uma vez provindas de paizes mais experimentados e de institutos bem apparelhados, não podem deixar de ser grandemente apreciadas por todos que nos interessamos de algum modo pelo assumpto."

*

OS MARTYRES DA SCIENCIA

Rendamos homenagens á memoria do grande scientista e explorador Coronel Inglez P. H. Fawcett e a seu filho Jack Fawcett, que se internaram com mais um amigo seu nos sertões do Brasil, onde se suppõe haverem morrido tragicamente. Do mesmo modo transmittimos nossa admiração ao commandante George M. Diott, chefe da expedição que foi em busca d'aquelles abnegados da sciencia.

E' do *Globo* de 17 de Setembro de 1928, importante jornal do Rio de Janeiro, o sensacional artigo que passamos a transcrever e synthetiza o valor e a dedicação á sciencia do Coronel Fawcett.

Eis as palavras do grande orgam da Imprensa Brasileira:

O EXPLORADOR INGLEZ E SEUS COMPANHEIROS ENCONTRAM IMPRESSIONANTE E TRAGICA MORTE NAS SELVAS AINDA MYSTERIOSAS DO BRASIL — O TRUCIDADO CORONEL FAWCETT E AS SUAS VISÕES DE CIDADE SOTERRADA — COMO O SOBRENATURAL LHE FUNDAMENTOU AS CONVICÇÕES — O INDIO DOS MILAGRES E PROPHECIAS

"O sobrenatural tem participado largamente das aventuras do coronel Fawcett, ha mais de tres annos perdido nas nossas selvas, procurado pela missão Dyott, e já dado por morto. Em torno a esssa expedição, de visionarios para a sciencia que fala pelas con-

ferencias do professor Rivet, mas de explorador de cultura e convicção para tanta gente, a nossa imprensa, como a estrangeira, tem tecido os mais sisudos e os mais fantasiosos commentarios, tecendo-se entre depoimentos graves os de legenda e os do inverosimil. Ainda outro dia, ou antes, traz-ante-hontem, chegava-nos um telegramma de Nice, onde se acha a esposa do coronel Fawcett, dizendo que essa senhora affirma que o marido está vivo, pois que todas as noites, na sua villa de Beaulieu sur Mer, com elle se corresponde por telepathia. E' esse despacho tão estranho, que dá e reforça o sabor poetico, ainda que tão simples, da narrativa do nosso correspondente de Cuyabá, recebida em tempo, e onde apparecem indios prophetas, idolos com encantamento e uma porção de cousas extraordinariamente proprias a atrahirem as attenções mais preguiçosas, como se vae ver. E maior palpitação, e mais recente, encontra-se do empolgante assumpto, no telegramma que divulgámos na edição de sabbado, de primeira mão, graças a actividade do nosso correspondente especial em Altamira, que se appressou em nos transmittir a nova sensacional da chegada da missão Dyott, que confirmou haverem sido trucidados pelos indios o coronel Fawcett e seus companheiros. E' esta a correspondencia a que os recentes acontecimentos emprestam tanta vibração:



Fig. 2.108 — O Coronel P. H. Fawcett

CUIABA', 1928. — E' o coronel Hermenegildo Galvão um adeantado e abastado fazendeiro de duas importantes fazendas de gado, Rio Novo e Cuyabá da Larga, no municipio de Rosario, residindo na primeira dellas, distante quarenta e oito leguas de Cuyabá.

Tendo lido num jornal do Rio, e em outros, algumas noticias sobre o coronel Fawcett que julga inverosimeis, apressou-se em prestar ao correspondente do *Globo*, em Cuyabá, precisos informes sobre esse já tão debatido caso, informes esses que, certamente, muita cousa virão elucidar e realmente interessante, principalmente agora em que tanto se procura o paradeiro do investigador, ou lhe saber o destino.

O coronel Galvão, amigo intimo que foi do coronel Fawcett, teve-o hospedado primeiramente em sua fazenda Cuyabá da Larga, em 1921, e depois, na de Rio Novo, durante varios dias, em 1925.

Conforme affirma aquelle fazendeiro, pessoa merecedora de todo o nosso credito, expoz-lhe longamente os seus planos de penetração e investigação dáquelle audaz emprehendedor e bem assim, todos os recursos de que dispunha para levar a cabo tão audaciosa empreza, pelos seios daquella bravia natureza, povoada por tribus numerosissimas de indios selvagens.

Chegou elle a Rio Novo, acompanhado do seu filho Jack, de 22 annos de edade e de mais um moço amigo do seu filho, de 23.

Trazia uma tropa de oito burros de carga, afóra os animaes de montada.

Compunha-se a sua bagagem de alguns instrumentos astronomicos, machina photographica, duas flautas, sendo uma de madeira e outra de prata, um bandolim, que sof-

frivelmente tocavam, á noite; uma grande cópia de medicamentos, aparelhos para injecção, muita roupa feita, facas, muita munição para suas armas, comestiveis em lata, etc., etc.

Dizia que vinte e quatro annos havia que procurava descobrir os vestigios de uma cidade soterrada na America do Sul, baseado em dados historicos que descobriu nos archivos não sabemos de onde.

Durante os dias de permanencia em Rio Novo, o coronel Fawcett, convicto do feliz exito de sua aventura, pol-o ao corrente de tudo quanto o demovia áquelle rasgo de coragem que parece um sonho de visionario que passo a narrar, baseado nas palavras do coronel Galvão.

Tendo resolvido a vir para esta parte do continente, galgou os Andes do Perú para localisar-se em alguma aldeia indigena, afim de vêr se podia pouco e pouco, ir obtendo informes sobre a cidade soterrada.

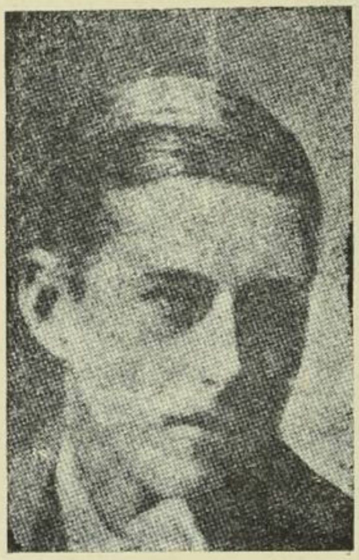


Fig. 2.109 — (seu filho) Jack Fawcett

Tendo chegado a uma grande taba de indios antropophagos e com elles se acamaradando, começou a estudar e aprender-lhes a lingua e ficou logo considerado como bom amigo.

Anno e meio passou entre elles.

Era o chefe dessa tribu um bello e robusto joven de quem se podia affirmar não ter mais de vinte e cinco annos mas que os indigenas diziam ter mais de cem e a quem tinham como um verdadeiro e grande santo e lhe tributavam por isso todas as honras e homenagens.

Residia o coronel junto com elle, em uma mesma óca e havia testemunhado, bastas vezes suas previsões ou prophecias e consequentes realizações, e seus estupendos prodigios.

Certa manhã, havendo-lhe chamado o thaumaturgo indigena, disse-lhe este:

— "Bem sei o que você está fazendo aqui. Procura os vestigios duma cidade soterrada. Esta cidade de facto existe e era uma grande cidade, mas no Brasil é muito difficil de se encontrar devido sua situação. E' uma vasta planicie rodeada de montes e esses montes pela metade rodeados de bahias. Encontram-se pelos arredores desse logar animaes diversos de origem européa. Duas vias existiam ha muitos seculos, que offereciam accesso a esse logar: uma era uma grande escadaria que galgava e descia alem montes para os amplissimos valles. Esta, porem, pela acção destruidora do tempo, se foi a pouco e pouco desfazendo, ruindo, até quasi nenhum vestigio mais existir. Somente outra pode offerecer acesso ao logar: é um tunel que passando por um daquelles montes, por dentro dagua de duas bahias uma exterior e outra inferior que se communicam."

Tudo isso ouviu daquelle indigena o coronel. Não querendo a principio nelle acreditar, foi pouco e pouco se tornando crente de suas palavras em presença dos continuos prodigios por elle operados em que se revelava um ente munido de sciencia e poder sobrenaturaes.

Pelas indicações que ainda lhe fizera, comprehendeu estar a cidade entre Matto Grosso e Pará.

Munido desses dados e esclarecimentos, voltou Fawcett para Canadá onde tem sua familia e decorrido algum tempo tornou novamente aos Andes, deixando sua mulher gravida. Vinha em busca de mais algumas provas perante o tal santo daquella tribu.

Alli chegado e festivamente recebido como bom amigo, decorrido por tempo, em uma bella manhã, delle se tendo approximado o indigena, desse-lhe:

— Olhe, sua mulher acaba de dar a luz um menino que recebeu o nome de Jack.

Tendo tomado de sua caderneta, annotou o dia e a hora daquella revelação.

Havendo regressado novamente ao Canadá, concluiu da veracidade daquelle annuncio. Sua mulher havia dado á luz um robusto menino que recebeu o nome de Jack, exatamente aquelle dia.



Fig. 2.110 — Commandante George M. Diott, chefe da Commissão dos que foram em procura do Coronel Fawcett e seus companheiros

Não se demorou muito em tornar novamente ao seio daquella tribu selvagem de quem se tornara muito amigo.

Chamado a outras e outras commissões, entre as quaes no Brasil, que terminou pelo tratado de Petropolis (questão do Acre), e, por fim, chamado ás armas, na conflagração européa, teve que retardar de muito em levar avante seu perigoso emprehendimento.

Terminada a guerra, havendo revelado algo de seus propositos á Sociedade de Geographia, não sabemos se do Canadá ou de outra parte, foi por ella incentivado á execução da sua arriscada aventura.

Pela terceira vez, então, tendo voltado aos Andes e manifestado ao tal santo o desejo de vir para o Brasil, afim de por em pratica a sua exploração, forneceu-lhe o seu amigo indigena alguns elementos para essa viagem, como sejam uma pedra redonda com uma inscripção constante de tres letras e lhe disse que em toda e qualquer tribu ou nação indigena do continente a quem apresentasse aquella pedra, longe de lhe fazerem mal o haveriam de proteger. Era um signal de recommendação.

Deu-lhe ainda uma estatua, idolo ou cousa que o valha, para seu guia na viagem.

Era de pedra, de cerca de quarenta centimetros de altura, representando um indio semi-nú com saiote de pennas e cocares e que, consultado sobre os rumos ou qualquer etapa da viagem, se houvesse de algum mal acontecer, ficaria immovel e para indicar acerto, exito feliz, etc., daria um signal, soltando um jacto de fumo negro pelo umbigo.

Leva comsigo o coronel Fawcett essa pedra e essa estatua.

As experiencias sobre o successo e insuccesso de que acabamos de falar foram feitas em presença do Sr. John Ahrens, seu antigo amigo, guarda livros da casa commercial dos Srs. Henrique Kesseleins Sergel, de Cuiabá, que o attesta.

Tomou Fawcett a posição astronomica da fazenda Rio Novo e a deixou de proprio punho escripta em meia tira de papel ao coronel Hermenegildo Galvão.

Fazenda Rio Novo — Lt. 14°13'03" S. Long. 55°21'07" oéste de Greenwich. 12°06'30" oéste do Rio.

Altura 448 metros sobre o nivel do mar, 228 metros sobre o nivel da cidade de Cuyabá.

Relacionei-me com elle nesta capital, conheço-lhe a letra, é authentico tal documento.

Partiu de Rio Novo com sua comitiva, e disse ao coronel Galvão que se fosse feliz, voltaria por ali mesmo e se não, de lá mesmo seguiria para o Canadá.

Passaria embrenhado nas selvas de um a dous annos e que talvez fosse preciso fazer seu filho e companheiro casarem-se com filhas de indios; que se de lá seguisse, escreveria até fim de dezembro de 1927 do Canadá.

Seu itinerario seria o seguinte: A partir de Rio Novo, até o posto Simões Lopes, dos indios civilisados bacayrys; desse posto á aldeia dos indios meio civilisados, mas muito trataveis Nafoquá, onde se deteria alguns dias para com elles se familiarizar.

Desses procuraria conseguir alguns companheiros para o conduzir a outra aldeia e assim sucessivamente até as longinquas e mysteriosas paragens do seu destino.

Queria ir por Simões Lopes e depois tomar rumo norte. Mas, como lhe houvesse dito o coronel Galvão que inscripções do mesmo caracter que as da pedra de que era portador, havia muitas em enormes pedras lisas no salto do Paranatinga, resolveu por esse rumo mudar o seu itinerario.

Assim é que chegando a Simões Lopes, dali tomou a direcção entre o divisor das duas aguas Xingú e Paranatinga.

Após quinze dias de viagem, porem, havendo encontrado o Coliseu e diversos corregos affluentes do Xingú, embrejados e fundos e a sua tropa frouxa, resolveu voltar para o seu ponto de partida, Simões Lopes, afim de tomar, como de facto tomou, novas resoluções, fazer o resto da tropa voltar para Cuyabá, tendo sido entregue a John Ahrens de que fizemos allusão; pediu servir-lhe de companheiro uma turma de indios da tribu Nafoquá, na sua volta para as brenhas.

Tendo seguido em companhia d'elles, acompanharam-no até o Xingú dous bacayrys.

Ao despedir-se destes deu de presente a sua besta de montada, bem arreiada, ao indio Roberto Bacahary, que a tem até hoje, e lhe disse que havia deixado em determinados pontos, citando as cargas e animaes frouxos que fossem os bacahurys procural-os para elles, o que em parte foram eoncontrados.

Seguiu d'aquelle ponto, em canôa, com os nafoquás que lhe carregaram as poucas bagagens com que havia ficado.

Tres mezes decorridos após sua partida, appareceu, na feitoria de um dos seringueiros do Coronel Galvão, um dos dous cães, que acompanharam o coronel Fawcett e que lá se se encontra até hoje.

D'ahi a pouco mais de mez surprehende a fazenda Rio Negro um grande bando de andorinhas negras, aves nunca vistas em toda esta vasta região. Fazendo suas revoadas pelos ares com estridentes chilreios, escorraçou de toda aquella zona as andorinhas do lugar, que são todas pequenas, de peito meio branco. Ao que disse á sua senhora o Coronel Galvão: — Isto só se lembrando do Coronel Fawcett.

Do arrojado explorador, que se entranhou pelo seio das nossas mysteriosas brenhas, muito se tem dito, mas vae nesta correspondencia o que se pode com sinceridade dizer.

Feliciano Galdino.
(Correspondente do *Globo*)

CAPITULO XXII

Considerações Finaes

QUANDO o alvorecer da sciencia moderna derramou luz sobre os escombros dos monumentos do passado, nelles foram encontrados esses estranhos symbolos e confusos caracteres encerrando profundos mysterios. Em seguida, porém, começaram estes a ser desvendados.

Mas, para que isso fosse alcançado, quantos esforços ingentes foram emprehendidos?

Foi, como já dissemos, "por processos analogos, aos estudos das inscripções trilingues dos Achmenides encontradas em Persepolis e Behistoun, que se chegou emfim a ler a escripta assyria, mas depois de longas tentativas infructiferas e foi preciso a collaboração inconsciente de muitas gerações de sabios, para finalmente ser resolvido o problema".

Este edificante exemplo infiltrou-se e propagou-se, felizmente, no animo dos povos subsequentes, com assignalado ardor e foi uma realidade a continuação de tão louvavel quanto util labor, o qual fez vir á luz do dia pasmosos monumentos que se achavam nas entranhas da terra. Sobre estes, perscrutavam sabios archeologos, reunidos em congressos de egyptologia e de inscripções, de varios paizes cultos.

Nessa gloriosa campanha investigadora transparecem nomes egregios como os de Champollion, S. Martin, Feer, Schrades, Vivian, Schotz, Haulen, Spiegel, Sillen, Deletrsch, Hommel e tantos outros.

Foi deste modo que a Epigraphia Americana conseguiu insinuar-se e firma-se hoje sobre vasto e precioso elemento. Suas pesquizas generalizam-se, com certo exito, em quasi todo continente e os achados avultam mais propriamente nas regiões centraes e septentrionaes, cabendo-lhes justa primazia.

Valido e demonstrado é o contingente por parte do Brasil consignado em um trabalho resumido na 3ª These Official (4ª do programma da 3ª secção) apresentado ao Congresso de Historia Nacional de 1914 e outro em 1916, ao 5° Congresso de Geographia, pelo ethnologo Dr. Theodoro Sampaio, alta mentalidade do nosso Paiz.

E' de lamentar, porém, que, sem plausivel fundamento, fizesse descambar nessas theses, para o mediocre, o importante assumpto das Inscripções Lapidares desta parte conti-

nental, emittindo interpretações, que nos permittirá contestar, do modo porque o fizemos, em capitulo especial. Interpretámos essas inscripções, apezar dos antiamericanistas as classificarem como: *simples garatujas, gravadas ou desenhadas em rochedos, por mera diversão do selvagem!*

Contendo, porém, estas inscripções caracteres primitivos, como deixámos provado, os quaes, para a devida comprehensão, requerem apuradas noções de paleographia e confronto com outros modernos, indicámos as paginas, os nomes dos autores das obras a serem consultadas e organizámos, por nossa vez, alphabetos lineares e figurativos em ampliação paleographica.

E' evidente que as inscripções lapidares assignalam tambem, pelo estylo de seus caracteres, uma determinada epoca, o que constitue valioso elemento para a chronologia epigraphica. As inscripções phenicias não obedecem a uma rigorosa uniformidade. O alphabeto phenicio experimentou grandes transformações evolutivas, por isso que são multiplos os caracteres citados por varios scientistas, attingindo, muitas vezes, uma só letra, oito ou mais fórmas.

Estas transformações, porém, não eram totaes, razão pela qual muitas vezes são encontradas inscripções com caracteres primitivos em promiscuidade com os evoluidos. Mas, apezar disso, as apparições destes podem offerecer dados chronologicos, os quaes muitas vezes são comprovados pelas significações das palavras que se referem a factos catalogados pela Historia da Humanidade.

Essa variedade de caracteres temos no hebraico Samaritano, Palmyriano, Rabbinico e Cyriaco; no Grego Primitivo, Paleographico, de Inscripção e Moderno, sendo os caracteres Doricos os mais preponderantes nas inscripções hellenicas.

Vigouroux, observando estas alterações paleographicas, estabelece confronto entre a Stela de Mesa [1], cuja existencia vem de 989 ou 897 antes de J. C., e a de Siloé, de data posterior, procurando avaliar as idades desses dois monumentos, esculpidos com alguma analogia.

Tratando-se de inscripções antigas, raras são as que obedecem a disposições regulares paleographicas. Já temos encontrado inscripções que encerram, além de dois ou mais signaes representando o mesmo som, caracteres de outras linguas antigas.

Isto temos verificado quanto ao systema linear e não devemos deixar de fazer menção a factos identicos que se verificam quanto ao systema figurativo.

A phantasia e a arte estabeleceram mais esta modalidade graphica que passou a ser tão divulgada quanto a linear, sendo, porém, mais rica em variações de signaes.

A grande nomenclatura de que trata Brasseur de Bourbourg, em *Histoire des Nations Civilisées du Mexique*, não menos é que o conjuncto de caracteres figurativos ou determinativos, dos quaes nos falam muitos autores.

Do systema figurativo ainda não vimos um alphabeto organizado, o que seria bastante util e tambem de confecção difficil, em virtude do extraordinario numero dos respectivos caracteres.

Incontestavelmente é engenhoso o systema figurativo, cujos specimens offerecemos em consideravel numero e não é senão esta ordem de inscripções que mais tem desorientado a solução do magno problema do qual ora nos occupamos.

---

(1) Mesa, rei de Moab, *Lettre a M. le Conte de Vogué*. A Stela foi descoberta por M. Clermont Ganneau em 1869, p. 8 (Observações).

Comparados, porém, os systemas linear e figurativo aos de Creta, ultimamente descobertos, é insophismavel a sua real affinidade, a qual attinge aos do Hemispherio Occidental, como aos de outros pontos do Globo, onde se encontram gravados. E eram julgados como indecifraveis esses complexos systemas de escriptura!

Deste modo, encaminhando as nossas perseverantes cogitações, depois da coordenação reflectida d'esses alphabetos, chegámos a crer na favoravel solução deste tão controvertido problema Americanista, a despeito da onda incredula e pessimista, que, levianamente mesmo, desencàdeará sua critica sobre nós.

*

Dois são conseguintemente os essenciaes pontos que constituem a nossa these: *Inscripções e Tradições da America Prehistorica, especialmente do Brasil.* Na actual phase, pouco tem sido, por muitas causas, o resultado dos emprehendimentos levados a effeito nesta ordem de estudos suffocados na mais tenaz incredulidade e desdem de muitos de nossos scientistas. Entretanto, a opportunidade aconselhou-nos dedicação, estudo e interesse, pois só deste modo poderiamos definir a nossa epigraphia, a marcha da civilização precolombiana e o que o passado, portanto, revelou de surprehendente, não só no Brasil, como na America e até em outras partes do Mundo. Revelações de factos concernentes a certas eras, que a chronologia não tem podido definir e dos quaes só existiam vagas noções no presente seculo.

As fontes que ainda poderão jorrar raios de luz, sobre as rotas perdidas das primordiaes navegações ao nosso Continente, são representadas pelos elementos archeologicos: necropoles, fragmentos de ceramica, utensilios indispensaveis a varios misteres, tradições e sobretudo as incripções lapidares. De tudo isto agrupámos o que nos foi possivel, sendo que as inscripções offerecemos com demonstradas decifrações no decurso deste nosso trabalho.

Eis o que contém a obra: *Inscripções e Tradições da America Prehistorica,* vasto e difficil emprehendimento que nos consumiu uma grande parte de paciente e perseverante esforço. Os obices que tivemos de remover foram em grande numero, porque agimos apenas com os nossos recursos intellectuaes e pecuniarios, desabrigados, muitas vezes, do conforto a que só têm direito certos scientistas quando agem em outros ramos mais valiosos e productivos talvez.

Seja levada em conta esta citada circumstancia e perdoem-nos a audacia os scientistas, aos quaes pedimos que não façam as suas criticas, sobre os nossos erros, além dos limites da lealdade. Si errámos, queremos vêr esses erros apontados e provados.

As inscripções quanto á parte paleographica (linear e figurativa) muito nos surprehenderam com revelações e disposições. Ellas são esculpidas ou pintadas, sendo estas muito preponderantes na parte sul do Brazil.

Uma original pedra dos alicerces do Templo de Salomão, de que nos falam os sabios archeologos Warren, Petermann e Wilson, contendo este systema de inscripção, forma o seu uso e resistencia em quasi 3.000 annos (fig. 1.145,). Este facto veio com efeito refletir intensa luz, sobre o magno problema epigraphico americano, tão controvertido.

São as paragens, as mais reconditas das nossas regiões, onde foram feitas essas artisticas e mesmo ás vezes enigmaticas inscripções, bem como outras do Continente Americano, que nos dão a perfeita idéia geographica do itinerario traçado e dos locaes habitados por essa arrojada migração prehistorica, cujas provas, envoltas no mais profundo mysterio, hoje são denunciadas pelas proprias inscripções.

Propositai e pacientemente, muito nos detivemos em traduzir e transcrever as interpretações de notaveis ethnologos, archeologos e historiographos, offerecendo em contraposição as nossas. Outra cousa não tivemos em vista, que preparar o espirito dos que nos julgarem opportunamente n'um assumpto como este, arido e complexo.

E' desnecessario repetirmos os nomes dos autores que attribuem esta ordem numerosa de inscripções, *á mera diversão do selvagem*, das quaes porém, offerecemos não só as interpretações paleographicas, como as suas particularidades tradicionaes.

Em que accepção poderemos tomar as centenas de pensamentos, sentenças e phrases esculpidas, entre ellas ΣΟΟΣ (são e salvo), tantas vezes repetidas em todos os logares attingidos por essa enorme quantidade de inscripções lapidares? Poder-se-á admittir: que as houvesse esculpido esse heroico povo vencido e opprimido, que, tomando o alvitre de um esforço supremo de salvação ou conquista de vida ou morte, afrontou as ondas oceanicas logrando gravar nas rochas, desse porto de paz e salvamento, essa memoravel e legendaria phrase. Do mesmo modo é crivel: que essa peregrinação fosse forçada pela expulsão dos Cananeos, por Jusué e Salmazar ou mesmo por outras circumstancias de voluntaria migração de interesse commercial, de clima e de proveitos ao bem estar da natureza humana.

Esse mysterioso povo parece que seria o Phenicio Cananeo e o Grego, justamente o que se deprehende dos caracteres de suas inscripções; e é em favor dessa hypothese, que são lançados os argumentos contidos neste trabalho.

Falam-nos grandes sabios da communicação entre os povos do Oriente e do Occidente na alta antiguidade. Thoron insiste na navegação dos navios de Salomão ao Rio das Amazonas e ora a paleographia corrobora estas vastas theses ou as suas possibilidades. Mas este e outros factos são combatidos, como temos dito, pela ferrenha incredulidade dos antiamericanistas e de alguns orientalistas.

Este costumado ou já systematico modo de encarar um assumpto de tanta relevancia, chega ao ponto de condemnar-se, até mesmo sem o devido conhecimento da questão, qualquer labor que vá de encontro ao actual classicismo referente ao assumpto archeologico americano, como já aconteceu com este ainda inedito trabalho. Tudo quanto possa concorrer para esclarecer a nossa prehistoria é, irremediavelmente, lançado a uma verdadeira fogueira inquisitorial e os despojos dos autores são atirados á valla commum dos indigentes, como aconteceu com o culto brasileiro, muitas vezes por nós citado, Conego Ulysses de Pennafort!

Emquanto certos orientalistas e muitos outros scientistas, que sonegam o valor paleographico das inscripções americanas, merecem francos applausos, os que pensam de modo contrario são lançados ao ostracismo scientifico e os seus trabalhos não são transcriptos, nem mesmo para serem combatidos!

Eis a sorte que nos aguarda e com a qual já estamos conformados. Comtudo, ainda nos resta alguma esperança. Quando não seja outra a causa, o amor proprio dos notaveis scientistas, cujos trabalhos transcrevemos e em parte aproveitámos ou *contradictámos*, ha de lhes despertar desejos de reacção e actividade.

E si tal tiver logar, sómente poderá lucrar a Prehistoria Americana, que um simples capricho tem feito permanecer num campo ignoto, o qual terá de deixar, para moralidade da Sciencia.

O Valle do Amazonas, como já dissemos, ainda está, em sua maior parte, por estudar archeologica e paleographicamente, o que tambem acontece com outras regiões do Brasil. As do Piauhy, por exemplo, merecem particular attenção, pois contêm preciosidades admiraveis.

Uma observação ocorre-nos: é a preponderancia dos caracteres gregos sobre os phenicios, adoptados nas numerosas inscripções, ao passo que o contrario acontece com relação à etymologia dos nomes de localidades, etc., onde sobresahem os radicaes phenicios. E' certo que aquelles caracteres prestam-se com mais vantagem para gravação, quer no estylo linear ou figurativo, do que os phenicios.

Recapitulando Ladisláo Netto, varios assumptos sobre inscripções, amuletos de nephrite, etc., diz:

«De todo este martyrologio, não de um só individuo, mas de uma nação inteira, ficaram alli perpetuadas as dispersas tradições em caracteres profundamente gravados, que nenhum Champollion soube ainda decifrar ».



Fig. 2.111 Amuleto de Nephrite, peso esp. 2,97, tam. nat. (Coll. de D. Amanda Doria)

«Quatro grandes problemas se me deparam a respeito das inscripções deixadas por essas varias peregrinações proseguidas em todo o solo Americano: a direcção geral tomada pelas nações emigrantes; a significação de semelhantes inscripções; as épocas em que se effectuaram as diversas imigrações e os instrumentos de que se serviram os foragidos para abrir em durissimas rochas a breve historia de seus itinerarios ».

Quer-nos parecer entretanto, que estes problemas, mais ou menos, já resolvemos, de modo paleographico, dependendo o mais, da iniciativa das instituições scientificas do nosso Paiz, pois essa missão naturalmente não se poderá exigir de um só individuo e sim de um congresso de scientistas, a exemplo do que se tem feito n'outros paizes cultos.

Nos sertões de varios Estados do Brasil, além da grande variedade de importantes exemplares, que ora offerecemos, estão ainda por copiar e interpretar verdadeiros monumentos de ordem epigraphica e archeologica em consideravel numero. As margens do Rio Negro, Uatumã, Jatapú, Japurá, o Alto Rio Branco, Guyanas, a bacia do Magdalena ou do Valle do Orenoco, o vasto estuario do Amazonas, as margens do Putumayo e tantos outros locaes, estão repletos destas preciosidades prehistoricas.

As hordas indigenas, relativamente recentes, ás quaes, sem razão, querem attribuir a execução destes artisticos labores, "na sua degradação moral, não podiam nem siquer, dar o valor aos seus antepassados, cujas tradições para elles inconcebiveis, encaravam sempre maravilhados a crença de que poderes sobrenaturaes, lh'as haviam insculpido, em épocas que se perderam nas brumas de um passado incomparavel". "Taes no Egypto, sob o dominio dos kalifas, arrastaram-se ignaros e semi-barbaros, netos dos escribas, junto aos fustes partidos dos pilones em cujos umbraes de porphyrio gravou a sciencia profunda dos seus maiores, as chronicas aureas das conquistas gloriosas de Ramsés e de Sesostres".

Alguns scientistas crêm "na possibilidade de que nenhum laço houvesse vinculado nos povos que esculpiam nas escarpas dos rochedos os annaes da sua historia, aos que muito mais tarde, modelando em argilla plastica as formas graciosas dos fructos patrios, reproduziram-lhe nos arabescos da superficie, convenientemente preparada, os principaes trechos da chronica dos seus legendarios antecessores".

A realidade, porém, que julgamos esclarecida, é que esse povo heroico estacionou varias vezes junto ás penedias, as quaes, estando cheias de inscripções, proporcionaram ao referido povo magnificos modelos de traços que foram aproveitados para adornar a sua ceramica. Tambem é possivel que esses traços fossem dados com significações paleographicas e a isso nos induzem as nossas interpretações.

«Um sigillo eterno, se diz, occultava assim como por um designio mysterioso, toda a nebulosa tradição dos heroes semi-deuses do paganismo Americano ».

Em principio deste trabalho declarámos que teriamos de recorrer ás fontes proporcionadas pela sciencia em cujas obras "é que se acha a origem clara e verdadeira da primitiva historia do mundo e do homem e é por ahi que atravez de seculos quasi sem fim, póde-se ligar o passado com o presente, rasgando o véo que occulta as ascendencias das nações e quebrar o mysterio tenebroso que envolve o berço da humanidade".

A Biblia, livro historico por excellencia, tem sido um dos arrimos das nossas cogitações, no decurso deste nosso emprehendimento. A cada passo, fomos induzido a consultal-a, como fonte segura de tradições historicas de inteira opportunidade aos factos revelados pelas inscripções, bem como a outros livros que se relacionam scientificamente a esse assumpto.

*

Alguns conceitos emittidos por Ladisláo Netto, são por nós julgados improvaveis, em vista das numerosas demonstrações contidas nos nossos argumentos, como, por exemplo: o valor paleographico dos desenhos da ceramica. Comtudo, pensamos que em tantos outros pontos esse notavel scientista agiu com algum acerto. Não se póde negar, que foi bem valioso o contingente que trouxe para o assumpto prehistorico e a despeito disso soffreu severas criticas (1).

De seus principaes trabalhos salientamos o recolhimento e guarda de numerosos elementos archeologicos tão necessarios a um problema, no qual, convém repetir, o capricho tem sobrepujado a verdade historica e tem preponderado o proposito de desvial-o para o terreno da incredulidade e da phantazia.

E' evidente que Ladisláo Netto teve seus momentos inspirados, como quando disse ter o desejo "de deixar-se arrastar pelos vortices da onda enthusiastica dos que viam dilatadas as fronteiras da origem do homem nos fastos da paleographia". Elle ainda disse: "Ah ! quantas paginas indecifradas sobre a historia da humidade não encerram ainda esses archivos de pedra até hoje occultos na mudez da noite eterna do passado !" Outras vezes, na ancia de uma conclusão, positiva de sua nobilissima missão, descrente deixava escapar esta phrase:

"Uma particularidade digna de attenção, é o haverem-se descoberto estas inscripções nas paragens mais desertas do Brasil, como a denunciarem os pontos extremos das longas peregrinações desses povos que nos legaram estes singulares monumentos. No dia em que taes inscripções forem interpretadas e tudo me faz crer, *que jamais o hão de ser*, a historia do homem sul-americano terá quebrado o enigma da sua urdidura e verá dissipada a densa bruma que o envolve".

*

(1) Ethnogenia Brasileira, etc. pelo Dr. Ferraz de Macedo — 1886, e Ethnographia Brasileira, por Sylvio Romero — 1888.

Si levarmos o nosso espirito mais além, deparamos com o grande escrupulo do venerando e illustre Porto Alegre e de seus dignos companheiros, na vacillação de uma opinião definitiva para as inscripções gigantescas do Morro da Gavêa:

"A descoberta de uma inscripção é um facto que pode fazer uma revolução na historia; que pode reconquistar ideias perdidas e aniquilar outras em pleno dominio; um nome, uma phrase em uma lapida, podem preencher lacunas immensas restaurando conjecturas e abrir uma estrada luminosa do passado ao futuro".

"Os povos que têm uma civilisação nascente são naturalmente credulos e sua imaginação os arrasta a ver thesouros encantados por toda parte; e os homens amigos do mysterioso algumas vezes tambem crêm encontrar vestigios dos outros homens n'aquillo que é um acaso da natureza".

Porem hoje, felizmente, decorridos 81 annos da era em que foram proferidas estas sabias palavras, o Brasil já passou da phase adolescente, e os thesouros encantados dissiparam-se com o grande progresso das sciencias.

Ja seria, portanto, tempo para a solução do que então ficou assim externado: "A Commissão está longe de protestar solemnemente contra a ideia de ser ou não uma inscripção aquelles sulcos ou traços que se encontram no cume da Gavêa, porque ella ainda não empregou os ultimos recursos que lhe restam para a verificação de semelhante monumento".

Como já explicámos, cogitámos desta celebre inscripção, que sem muita razão talvez, fora ha pouco, por illustre escriptor, considerada como: "*comezinhos phenomenos naturaes*".

Seja-nos, porem, licito ponderar que a natureza, grande creadora, é capaz de realizar obras cujos aspectos despertem grande admiração, mas, ainda assim, estas não são confundiveis com as executadas pelo engenho humano, pois a differença é manifestamente clara.

Do mesmo modo, inconfundiveis são as corrozões naturaes, com caracteres dos velhos ou primitivos alphabetos esculpidos com pulso artistico, nos colossaes blocos de pedra das nossas e de tantas outras regiões.

A significação das inscripções e as tradições prehistoricas das quaes nos occupámos, detidamente, firmam a epocha dos factos e successos, como os das correntes emigratorias no nosso Continente; a precedencia dos Caras aos Carthaginezes, na navegação do oceano; as memoraveis lembranças por aquelles e estes deixadas na America; a existencia do culto de Belo ou Baal identificado com o do Sol na America, do mesmo modo como em Babylonia; os monumentos cyclopicos e pyramides descriptas por Bourbourg; o uso da circumcizão como entre os hebreus; a communicação frequente entre os dois mundos, segundo Humboldt, e outras muitas questões, como a da existencia da Atlantida.

Na parte supplementar, resumimos, em um capitulo, o que nos foi dado obter sobre este mysterioso Continente, preciosos labores de notaveis scientistas antigos e modernos.

Este vasto e complexo assumpto, de alto descortino scientifico, ultrapassa os limites da nossa these. Mas não podemos silenciar sobre o mesmo e delle fazemos a mais valiosa menção, pelo muito que se prende á prehistoria da America.

Tudo nos faz crer que até a queda de Carthago, 146 annos A. de C., o Oceano era cortado pela quilha de navios que frequentemente eram guiados por povos navegadores, entre elles os Phenicios, que, segundo a Biblia, conheciam todos os mares. E o mais insigne testemunho do poder maritimo, da extensão, do commercio e da magnificencia deste extraordinario povo das remotas eras, é o Propheta Ezequiel (Texto Biblico, caps. XXVII e XXVIII).

*

Na parte subsidiaria philologica, offerecemos argumentos os mais incontestes, quanto ás numerosas palavras, cujas etymologias estão firmadas no hebreu. São ellas principalmente nomes de rios, localidades, tribus, etc., emquanto pelo Mexico, outro tanto acontece com relação ao dialecto dos Caraibas.

Esses trabalhos foram levados a effeito pelo grande philologo Onffroy de Thoron.

*

A começar pelas theorias de René Laufer e de outros autores, explanámos sufficientemente o ponto de vista da existencia dos antigos gregos em nosso Continente. São as suas bellissimas e surprehendentes inscripções, ladeadas de suas interpretações por nós elaboradas, que corroboram este sensacional facto, um dos mais positivos, para firmar a nossa prehistoria.

Nesta nomenclatura, citamos as inscripções gravadas e desenhadas nas urnas funerarias e artefactos, desenterrados do logar denominado Pacoval, na Ilha do Marajó, Estado do Pará. Entre este precioso conjuncto encontram-se curiosas variedades de phallus, em tamanhos e formas diversas, attestando alli a existencia de um povo que não sendo indifferente ao rito Babylonico e ao de Siva, reverenciava as sete divindades, cujos nomes encontram-se esculpidos por todo Continente e são:



Fig. 2.112

As referidas preciosidades constam em desenhos e photographias reproduzidos em successivas paginas deste trabalho, assim como grande parte ceramica que está recolhida ao Museu Nacional, attestando o que aqui rapidamente deixamos dito.

*

A prehistoria americana, tão fascinante neste parte continental, si bem que ultrapasse a nossa these, mereceu nossas constantes referencias e a ella procurámos fornecer provas e conclusões.

Aqui acentuaremos, com prazer, as vibrantes palavras do sabio historiographo Rocha Pombo:

"A Europa intellectual, continúa absorta na antiguidade asiatica, e a America, onde institue-se definitivamente este problema, só agora começa a ter seus sabios. Mas, se não nos é licito antes que se collijam noções positivas de documentos sufficientes, inculcar ou admittir, com legitimos problemas de alcances excepcionaes, tambem é certo que não temos o direito de excluir taes problemas, só porque pareçam destoantes da ordem historica ou classica conforme a concebermos ou adoptamos presentemente".

Rocha Pombo, esse privilegiado cerebro nacional, deduz com a admiravel proficiencia conceitos que tanta luz fazem refletir sobre a nossa prehistoria, os quaes ficaram externados na exposição deste assumpto, em capitulo respectivo. Dentre elles, destacámos o referente aos *quipos* de que se serviam os Incas e traduzem o uso que existia entre as thibetanos e os Chinezes, até o tempo do Imperador Fo-Hi, 600 annos antes do diluvio.

D'elles offerecemos alguns fragmentos que assignalam a antiguidade do estabelecimento dos *antis* nas cordilheiras da America Meridional, na parte superior da bacia do Amazonas. Segundo Nadaillac, os chinezes antes do Imperador Fó-Fli, 3300 annos A. C. não conheciam a escriptura e serviam-se de *quipos*.

A lingua kichua, que grande importancia merece na prehistoria Americana, constituiu poderoso elemento no dominio dos Incas.

O sabio Conego Ulysses de Pennafort em sua admiravel obra — *Brazil Prehistorico*— crê que foi da famosa Atlantida, que partiram as migrações que povoaram tanto o Egypto, a Grecia como a America; que um cataclysma, fazendo desapparecer aquelle continente, berço das nações, interrompeu o convivio e commercio da raça segregada, isto é, dos povos do Mediterraneo, com os da America. Os americanos assim segregados, começaram a decahir, emquanto os outros, recebendo o influxo de elementos extranhos, proseguiram na sua evolução. De sorte que, para o — *Brazil Prehistorico* —, o homem que os europeus conheceram na America é, simplesmente, um producto de regressão historica, um degenerado da antiga civilisação.

"O que porém não mais é possivel contestar com legitimos fundamentos é que estamos na America, em presença de vestigios de uma civilização antiga, muito superior a das populações que aqui foram encontradas".

A ceramica preciosa, com admiraveis gravuras, pinturas e ornatos anthropomorphos. zoomorphos, symbolicos, etc, os *mounds builders*, artefactos, idolos, instrumentos de uso domestico, são outras tantas provas authenticas, diante das quaes não se pode mais vacillar, pois são testemunhos de cultura desapparecida.

Os selvagens, que os portuguezes encontraram aqui, não podiam ter sido os autores dessa infinidade de objectos exhumados dos antigos cemiterios, cidades e aldeias soterradas, muito menos os autores das, hoje por nós interpretadas, sublimes inscripções, reveladoras da verdade historica, as quaes muitas vezes têm servido para preciosas descobertas na Argentina, no Chile, e em varios outros pontos das regiões andinas.

Ora, tudo isto naturalmente está indicando, que a raça extincta, da qual nos restam esses vestigios, tinha aqui um dominio extensivo a toda a America do Sul e fora de duvida tambem á zona do isthmo e da America do Norte, e, portanto, no Hemispherio Occidental, como explicadamente ficou dito e excusado será aqui repetir, como tantos outros assumptos.

"A Europa limita ainda o seu orgulho, a fazer apenas remontar a primeira apparição do homem, na prehistoria das raças brancas, negras ou amarellas, á epoca quaternaria, e paleolithica em que elle vivia em commum com as grandes especies de animaes, servindo-se para combatel-os, de armas de pedra, de aço e disputando para nella construir abrigos lacustres, os alluviões, aos mares, aos rios e ribeiros".

"O Novo-Mundo, no entanto, pretende recuar suas origens ancestraes, muito para além d'aquella idade, não duvida affirmar a existencia de um ser humano, em certas regiões dos Estados Unidos, desde o periodo correspondente a essa epoca terciaria, que, segundo Martillet, e Dubois, não teria conhecido mais que anthropopithecos".

"As recentes descobertas peleonthologicas e principalmente as novas explorações dos logares habitados outr'ora pelos troglodytas (chiff dwellers), trazem as opiniões emittidas a respeito, entre outras por Morton, d'Orbigny e de Nadaillac, alguns argumentos de que até agora se não suspeitava e que seria interessante resumir".

Outras opiniões de insignes historiadores visam, por sua vez, juntar-se á de Figuier, externada na Introducção de sua importante obra — *As Raças Humanas*, p. 32:

"Quando os hespanhoes conquistaram o Mexico e o Perú, imaginaram encontrar povos completamente barbaros, porem monumentos sem numero attestam que a civilisação Mexicana e Peruana é infinitamente mais velha que a hespanhola, isto é, que a da antiga Iberia".

"Que estas considerações", termina Figuier, "nos tornem modestos, lembrando-nos que os povos que pretendemos esmagar, com a nossa superioridade intellectual, isto é, os Chinezes, os Egypcios e talvez mesmo os antigos habitantes do Mexico e do Perú, nos precederam e muito no caminho da civilisação".

*

De Nadaillac, o grande e illustre historiagrapho, autor da "*L'Amerique Préhistorique*", transcrevemos em resumo varios capitulos.

Realizámos esse trabalho, no proposito de dar ao leitor uma breve ideia, dos que se têm, com notavel affinco, occupado com o vertente assumpto.

Nadaillac está em divergencia com Figuier que o contraria no capitulo — *Os Judeus*. Do primeiro certas theses são combatidas por varios autores e outras, em grande parte, cedem á realidade dos factos, positivamente provados e melhor estudados. E' a epigraphia, hoje desvendada, que por sua vez attesta a solução dos problemas sobre os quaes não quiz o illustre autor citado externar-se.

A vastidão de suas abalisadas cogitações sobre a America, em geral, excedem os limites do nosso thema, que é especializado apenas quanto ao Brasil.

São estas as suas ultimas palavras sobre o assumpto: "A terra da America é um grande mysterio".

*

Sentimo-nos honrado em fazer menção ao sabio Brasseur de Bourbourg, o laureado autor da *Historia das Nações Civilisadas do Mexico e da America Central.*

Foi elle quem deixou uma synthese luminosa nas preliminares desse trabalho, o qual revela um bello ideal e uma grande verdade:

" O plano desta obra foi concebido no Mexico, entre o resto de uma civilização, da qual o nome de Montezuma é, para o mundo europeu, a mais viva expressão. Foi ella, em grande parte, continuada entre os indios da America Central, cujas tradições lançam grande luz sobre a origem das populações que dominaram na antiguidade o planalto Azteque".

"Affeiçoado desde minha infancia", diz Bourbourg", á leitura da historia do Egypto, da India e da Persia, senti-me attrahido para a America, lendo a Conquista do Mexico de Solis, as relações de Garciloso de la Véga e as Cartas Americanas do Conde Carli".

"Tinha eu então 15 annos, e não havia pensado até então, que estas bellas regiões tivessem sido habitadas, antes das viagens de Chistovam Colombo, por outros homens, senão os selvagens.......''

O que conquistou Brasseur de Bourbourg, n'uma existencia fertil e proveitosa, legou-nos. Foram os seus bellos trabalhos historicos, os quaes o immortalizaram.

Vemos, pois, que a America, radiante de luz, caminha em suas continuas tentativas para exitos felizes, na conquista da sciencia, do progresso e da civilisação, e que das seculares controversias, surgirá, emfim, vinculada á verdade, a sua almejada prehistoria.

*

Occupemo-nos, resumidamente, agora, das nossas incripções, nas quaes predomina a epoca em que o systema da escripta empregado era executado apenas pelo artificio da gravura ou pintura sobre madeira, pedra, laminas, columnas, pyramides, hypogeos, obeliscos, etc., a cujo uso substituiram o papyro e o pergaminho, em epoca relativamente recente.

Diante da complexa interpretação desses caracteres, aos quaes, por vezes, viemo-nos referindo, subsistem, entre outros conceitos, os que se seguem:

O limitadissimo espaço, por exemplo, que poderia proporcionar um rude bloco, não era sufficiente, muitas vezes, para conter uma desenvolvida inscripção, com caracteres na ordem seguida ou em linhas horizontaes.

O estylo figurativo e singularmente artistico, por outro lado, tendo em jogo os caracteres phenicios e principalmente os gregos, attingiu mesmo a verdadeiros enigmas, mas subordinados, o que admira, ao mais restricto e gracioso delineamento, á exacta orthographia da epoca, simultanea em phrases ou profundos pensamentos, na execução e ás vezes em blócos de letras, semelhantes ao systema da escripta chineza.

A disposição dos caracteres têm suas variantes formas, como as de uma só letra apresentar, algumas vezes, até 10 maneiras differentes, com o mesmo som. Tudo isto, tivemos em vista observar nessas mysteriosas inscripções para nós, afim de interpretal-as, entretanto tão simplificadas seriam, em seus conjunctos, para os seus engenhosos executores.

Pois bem, são estas as inscripções que nos revelam o que compendiámos e ora resumimos no sentido chronológico. Para um resultado mais definido, juntar-se-ão outras ainda dispersas em consideravel profusão, nas nossas regiões, ás quaes virão, por fim, agrupar-se as de toda America, para, em um harmonioso conjuncto, firmarem para sempre a sua verdadeira prehistoria.

*

A da Pedra Lavrada do Estado da Parahyba, de grande relevancia epigraphica, contem 55 symbolos, todos por nós decifrados, inscripção que poderia ser julgada como um planispherio celeste, se não fôra antes um conjuncto de symbolos e signos, conforme ella propriamente define, tendo ao centro ERA Juno, divindade por excellencia. Foi, com effeito, deste modo que encontrámos trabalhos identicos de origens Egypcias, de que tratam e offerecem belas reproducções, os sabios Flammarion e Kraemer. Em todo ponto de vista, é a *Pedra Lavrada* um labor paciente e precioso da nossa prehistoria. Elle amolda-se á chronologia astronomica, de grande interesse na ordem das constellações citadas por Job, Homero, Hesiodo, Eudox, Arautus, desde 38 ao 4 seculo, antes da nossa era, sendo natural que, anterior a esta ultima data, não seriam desconhecidas, só porem merecendo citação classica, se assim se pode dizer, em numero de 48, até este ultimo periodo.

É uma revelação artistica e scientifica, que tanto amplia a historia ainda tão obscura da antiguidade, quando é certo que antes da guerra de Troya, os Gregos tinham seus primeiros navios para a exploração dos Argonautas e viu-se entrar no Oceano a frota Egypcia de Sesostres. Desta epoca até o tempo de Alexandre, é admissivel que os gregos, aos quaes attribuimos essa maravilhosa execução, muito emprehendedores e senhores de grande armada, tivessem podido atravessar o Atlantico, e conseguido estabelecer-se na America, ou do modo tambem demonstrado. Ora os Gregos, estabelecidos no Continente Chroniano (America), deveriam ter feito sua migração, cerca de 1000 annos A. C. e desta migração, diz-se, fizeram parte, astronomos, naturalistas, geographos, etc.

O systema de escripta empregado nessa admiravel inscripção, sendo como é, formado de modo figurativo em caracteres do primitivo grego, revela a antiguidade propria de sua execução, quatro seculos, mais ou menos, anteriores á nossa era.

*

O legendario Estado da Bahia offerece-nos, por sua vez, inscripções de valioso alcance chronologico. São as da Cidade Abandonada, sobre as quaes muito se tem escripto, principalmente nos annos de 1591 a 1753, da nossa éra.

Mas as de que já cogitámos alcançam a factos da antiga éra e ligam-se á inscripção esculpida em grego archaico, n'uma pedra das ruinas de um templo, commemorativo á Victoria de Pesistrato, facto que se relaciona aos annos 550, 538 e 527, tendo elle morrido neste ultimo, sendo succedido por seus filhos Hippias e Hipparcho.

Vimos a que trata de um encorajamento aos celebres Amphictyons, organisadores dos jogos phythicos em Delphos e instituidores do poderoso Conselho, para proteger o Santuario de Apollo e promover festas em sua honra. Formavam então esse Conselho, e segundo a historia, reuniam-se duas vezes por anno, na primavera junto ao Santuario de Demeter nas Thermophylas, no outono, perto do Santuario de Appollo em Delphos, pelos annos 600 590 a 590 a 586, antes da nossa era.

Estes factos estão em pleno parallelismo aos da antiga Grecia, com a qual, evidentemente demonstram as inscripções, estava em immediato contacto a prehistorica Cidade Abandonada, cuja existencia viria de mais longa data e não do periodo colonial.

A inscripção da palavra *Cephisses*, unica legivel em uma pedra, com figura humana sobreposta ao frontespicio de um grande predio, em completa ruina, encontra-se explicada em uma das inscripções de *Inhamum Apertados* (Ceará), neste interessante reclame.

ΔΟΓΜΑΤΟΣ ΙΣΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ, ΚΥΠΗΙΣΖΙΣ, ΤΟRΝΕΥΤΟΔΥΡΑΣΝΙΔΟΠΗΥΟΣ

AVIZO: È EQUITATIVO O HONRADO CYPHISZIS TORNEIRO EXECUTOR DE LYRAS E ESCUDOS.

Aquellas archeologicas ruinas contêm, entre inscripções, os nomes das sete divindades, ás quaes nos temos referido.

Definidas como ficam, não póde constituir a Cidade Abandonada, hoje, elemento isolado e de controversias, como vinha acontecendo, quanto á sua existencia, porque seria contrariar a de outras localidades, onde perduram inscripções de immediata affinidade, como nos sertões dos Estados da Parahyba, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Piauhy, Pará, Amazonas etc. e propriamente em Paraguassú, no mesmo Estado da Bahia, copiadas e apresentadas ao 5º Congresso Brasileiro de Geographia de 1916, pelo ethnologo Dr. Theodoro Sampaio.

O Estado do Ceará ainda offerece verdadeiros monumentos epigraphicos, naturalmente da mesma época citada, como as inscripções referentes *ao local da audiencia dos Astynomas ou Edis* (magistrados Gregos que velavam sobre a policia, alinhamento das ruas) *e aos differentes meios de locomoção.*

A mais importante é a que se acha muitas vezes repetida ou divulgada nestes termos: EDITO, LEI OU DECRETO DO VENERAVEL XIETO TITO KIO: E' IMPRUDENTE OU FALTO DE SENSO, NÃO SER FORTE, JUSTO, UNIDO E METHODICO, CONFORME AS REGRAS DA EMULAÇÃO — LEI — 17 e 18.

E entre tantas outras inscripções curiosas em varios sentidos destaca-se a de — VIVER POR SI MESMO OU COM AUTONOMIA — tal seria provavelmente o systema constitutivo do viver social e politico desse povo desapparecido em epocas precolombianas.

*

O Estado do Rio Grande do Norte contém o seu contingente de inscripções pintadas e esculpidas, notadamente do mesmo periodo das antecedentes, com as quaes se acha em clara affinidade. Entre estas, temos as existentes no logar denominado — Lages da Soledade, proximo a Apodi, representando curiosamente as sete reverenciadas divindades:

ΖΕΥΣ, ΑΦΡΟΔΙΤΕ, ΚΡΟΝΟΣ, ΑΡΕΣ, ΗΛΙΟΣ, ΕΡΜΗΣ ΣΕΛΗΝΗ.

*

A monumental Inscripção do Morro da Gavea, em caracteres phenicios, é a que mais se insinua na ordem chronologica.

Contendo ella estas poucas palavras: TSUR OU TYRO, PHENICIA, BADEZIR, PRIMOGENITO DE JETHBAAL = deixa-nos entretanto razões para definida conclusão. Ella demonstra que seria esculpida ao tempo do Reinado de Jethbaal, estando entre 887-856, ou no de Badezir ou Badesor, 855-850, antes da nossa era, segundo demonstrámos no respectivo capitulo.

*

As Inscripções tambem em identicos caracteres esculpidos, nas tradicionaes pedras situadas ao lado da Cidade de Itacoatiara, são assim concebidas:

«JURAMOS AQUI REUNIDOS EM GRANDE NUMERO, AQUI TOMAMOS POSSE, EXPULSOS DAS DELICIAS A TINGIS, SALVOS DOS FILHOS DE HEBER. EM DELICIAS ENTRAMOS NÓS, FILHOS DE IG E DE TEHÕM »

Definidamente, não podemos precisar a epoca ou o facto a que se referem estas inscripções, si, ao da expulsão dos Cananeos (phenicianos) por Josué em 1490 antes da nossa era, ou a outros mais recentes.

A propria Biblia offerece neste ponto illações, sobre successivas emigrações, entre ellas as occasionadas por Salmanasar que, conquistando Samaria, submetteu ao captiveiro, dez tribus de Israel e enviou á Judea, babylonios para colonisar as terras e Cidades que haviam pertencido aos Israelitas, acontecimentos que tiveram logar 750 annos antes de Christo.

Admittida a hypothese estabelecida sobre a data verificada nas inscripções de Aybú, na mesma região, de Itacoatiara, somos levados a crer, com devidas reservas, na possibilidade da sua relação com este ultimo successo.

Prescindimos de outras conclusões chronologicas, para precisar a antiguidade de nossas preciosas inscripções, porque julgamos sufficientes as que ficam demonstradas.

*

A' grande e artistica inscripção de *Rocky dell Creek* dos Estados Unidos do Norte, de que tratou M. Mollhausen, fig. 1687, demos a interpretação contida no respectivo Capitulo, como á não menos celebre de *Grave Creek*, fig. 505. Este facto veio corroborar,

não só a affinidade de seus caracteres, aos das nossas inscripções sul americanas, como demonstrar que seus autores seriam da mesma origem, facto que podemos reputar de alto alcance para a solução commum de toda America, mesmo, no vasto problema epigraphico da nossa prehistoria, com as devidas restricções.

Um caso extraordinario apresenta-se-nos: é o apparecimento das mesmas inscripções sul e norte americanas nas regiões de Herzegovina (Raguze) encontradas por Guillaume Lejean, no anno de 1858. A famosa inscripção do Monte Sinai, as de Leão na Hespanha, as de Portugal, as da Africa Austral citadas por De Nadaillac, etc. offerecem sensivel semelhança com as das regiões americanas.

Isto demonstra claramente que os autores dessas inscripções, si não pertenciam rigorosamente á mesma raça, possuiam, pelo menos, estreitos laços ethnographicos. E porque não se dirá que se tratava do mesmo povo?

As inscripções do Rio Chalinga no Chile revelaram-nos algo de importante, principalmente a da fig. 1.694, referente a Solon, a qual vem corroborar as que se referem a Pisistrato (seu parente e contemporaneo), encontradas nos sertões da Bahia.

Não se tornam necessarios outros confrontos. Elles em grande numero surgirão, com a leitura cuidadosa deste trabalho.

*

O acatamento ás tradições que cercavam a celebre Rosetta e posteriores investigações epigraphicas sobre a mesma, desvendaram mysterios que passaram com grande pasmo e proveito para os dominios da Historia.

As nossas *Itacoatiaras* tambem poderão conceder não menos valiosos elementos, desde que lhes sejam dadas as devidas attenções archeologicas.

As inscripções da grandiosa Stela de Mesa, a de Siloé e outras não têm mais valor epigraphico que as do Continente Americano.

Effectivamente, esses nossos rudes, mas preciosos blocos de rochas graniticas, attingidos pela gradual erosão, soterrados, partidos alguns, expostos aos vandalismos, são embora, paginas abertas da laconica historia desses povos fortes e destemidos, que o cataclysma aniquilou e a obscuridade de um passado remoto vinha arrojando ao mais profundo esquecimento.

Nessas rudes paginas porem, verdadeiras epopeas, decifraveis, segundo a nossa percepção, deixaram indelevelmente reflectir, as imagens de seu emprehendedor ideal artistico, a lembrança da patria e de seus maiores, as normas liberaes de suas confraternisadoras leis e o transporte emocionante ás suas mythologicas divindades.

O Brasil foi uma das privilegiadas regiões para onde convergiram, nessa remota antiguidade, povos que, de longe, sulcando mares encapellados fitos os olhos nas contellações, soltas as brancas velas de suas sublimadas galeras, a mercê dos ventos, foram guiados pelos seus idolatrados deuses. Aqui, pois, deixaram, em consideravel numero, essas originalissimas *Itacoatiaras*, e os fragmentos de seus surprehendentes artefactos, que aqui figurámos, desenhados ou photographados, relatando com expressão ainda, as suas origens, reveladoras de um passado, que alcança as paginas da velha Historia do Mundo e como que, prefaciando uma outra para nós, até então envolta no mais inconcebivel mysterio.

Estas, como as demais inscripções do Continente Americano, não nos dictam apenas uma tradição valiosa, ellas constituem um hymno harmonioso de uma nova alvorada historica para o nosso Brasil e implicitamente para toda a America, cujo problema archeologico, seja-nos licito julgar inicial e parcialmente resolvido.

As suas engenhosas inscripções, suas tradições faladas ou escriptas, seus monumentos symbolicos, provam as relações entre o Oriente e o Occidente em eras muito anteriores ao Christianismo, edificante elemento para ampliação da Historia da Humanidade.

Aqui terminamos estas perseverantes investigações prehistoricas, ora offerecidas ao julgamento dos competentes archeologos, as quaes nos foram suggeridas pelo culto á Verdade e pelo amôr á Patria.

PARTE SUPPLEMENTAR

APRECIAÇÃO DA IMPRENSA AMAZONENSE, SOBRE DUAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO AUTOR, PERANTE O INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS EM 3 E 4 DE MAIO DE 1919

A's oito e meia horas de hoje no salão nobre do nosso Instituto Historico e amanhã ás mesmas horas, o illustre amazonense coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, seu dedicado presidente, levará a effeito duas importantes conferencias sobre o secular problema *Inscripções e tradições do Brasil prehistorico*, assumpto de que se vem occupando, ha alguns annos, como desde seculos, eruditos historiographos e archeologos, divididos em duas facções adversas, americanistas e anthropologistas.

A primeira conferencia tem o caracter explicativo sobre ligeiras citações de historia, chronologia, etnographia e philologia e a segunda será demonstrativa, sobre peleographia, iconographia, mythologia e astronomia, assumptos implicitos á interpretação das referidas inscripções.

Para melhor comprehensão e simplificação destas conferencias, serão ellas auxiliadas por um apparelho de facil movimentação, por cujo meio, serão exhibidos, quadros de regulares proporções, contendo apurados desenhos e decifrações dessas artisticas e mysteriosas inscripções lapidares, que vão emfim, depois de tantos seculos de conjecturas, passar ao dominio da historia e á apreciação de todos os scientistas e interessados em tão magno e paciente problema, oriundo das relações entre o Oriente e o Occidente, em eras muito anteriores ao christianismo.

Na primeira conferencia que será, mais ou menos de uma hora, o coronel Bernardo Ramos apresentará sete estampas, subordinadas a caracteres ou alphabetos archaicos, como symbolos, signaes e convenções ideographicas, inclusive reproducções de fragmentos dos interessantes *quipos*.

Na segunda serão exhibidos trinta e tres verdadeiros monumentos epigraphicos, dos Estados da Bahia, Parahyba, Ceará, Rio Grande do Norte e do Sul, Pará e Amazonas.

O assumpto, como vemos, prima pela sua alta relevancia prehistorica, especialmente interessante a esta parte continental americana.

Essas conferencias serão superintendidas pelo illustre primeiro vice-presidente do corpo administrativo, do referido instituto, d. João Irinêo Joffely, bispo da nossa diocese.

Do *Jornal do Commercio*, de 3-5-1919, com o retrato do Coronel Bernardo Ramos.

ATRAVEZ DA PREHISTORIA

A CONFERENCIA REALISADA PELO CORONEL BERNARDO RAMOS.

Constituiu um verdadeiro successo a conferencia realisada, hontem, no Instituto Geographico e Historico do Amazonas pelo coronel Bernardo Ramos.

A sessão foi presidida por d. João Irineu Joffily que, antes de dar a palavra ao conferencista, pronunciou uma oração concisa, modesta mas altamente eloquente. De palavra segura, pelo esmero da correcção, o illustrado antistite disse que um nobre filho desta terra ia, com chave de ouro, abrir as portas de um grande segredo, desvendar os mysterios de um passado longinquo, que se perdia nas noites dos tempos. Frisou que, a respeito desse insondavel segredo, muitos sabios já haviam entrado em investigações profundas, como Theodoro Sampaio e Retumba, considerando as inscripções encontradas em pedras como obras do acaso e sem importancia e que, segundo a tradição dos nossos sertanejos, por um conceito de erroneos pontos da historia, taes inscripções haviam sido feitas pelos hollandezes ou flamengos, quando invadiram as nossas terras, denunciando a existencia de grandes cabedaes enterrados. Mas essas duvidas, continuou o orador, acabavam de ser dissipadas pelo venerando coronel Bernardo Ramos que, por meio de um demorado e fatigante estudo, havia, transpondo-se a remotas éras da nossa prehistoria, descoberto um magistral thesouro de sabedoria, encoberto pelas cortinas do mysterio.

As ultimas palavras de d. Irineu foram electrisadas por uma salva de palmas.

Surgiu então á tribuna a figura veneranda do coronel Bernardo Ramos, uma dessas individualidades em destaque nesta terra, pelo seu passado de homem limpo e cheio de idéas nobres e elevadas. A sua presença foi motivo para que a selecta assistencia o recebesse com sincero enthusiasmo.

O conferencista discursou por espaço de uma hora, fazendo as mais profundas investigações atravez da historia humana. Mergulhou o espirito nas sombras de épocas antidiluvianas; deteve-se com Josué; auscultou Salomão; visitou os chaldeus, egypcios, cartaginezes, phenicios e gregos. Demonstrou com provas irrefragaveis, a existencia de uma civilisação distante, que passou por todo o continente americano, muitos seculos antes da nossa era christã. Dahi a razão de se encontrarem em muitos Estados brasileiros as inscripções, objectos dos seus estudos, encerrando todas ellas verdadeiros thesouros de sabedoria.

Essas reliquias, continuou o conferencista, têm a sua causa: representam paginas de um livro aberto para decifrações de um passado remotissimo, que muito ennobrece os povos de então.

Tudo alli se encontra como prova de grandes conhecimentos das sciencias, das artes, das lettras, da philosophia, das linguas, dos costumes e das religiões.

Póde-se mesmo affirmar que a palestra scientifica de hontem constituiu um verdadeiro successo.

O Coronel Bernardo Ramos, que foi muito applaudido em todo o decurso da sua conferencia, acaba de legar á humanidade culta um grande e precioso trabalho, que vem enriquecer as bibliothecas scientificas do mundo.

Ao descer da tribuna, foi cumprimentado pelos assistentes, recebendo nessa occasião, palavras de conforto e admiração, notadamente dos consules de Portugal e da Italia, que o felicitaram pelo grande exito alcançado nas suas investigações.

Estiveram presentes á sessão altas autoridades civis e militares e crescido numero de pessoas da nossa mais culta sociedade.

Do *Jornal do Commercio* de 4-5-1919.

*

ATRAVEZ DA PREHISTORIA

A SEGUNDA E BRILHANTISSIMA CONFERENCIA DO CORONEL BERNARDO RAMOS — O NOSSO EMINENTE PATRICIO REVELOU-SE UM SABIO, PARA HONRA DE SUA TERRA NATAL — SIGNIFICATIVAS PALAVRAS DO BISPO DIOCESANO FECHARAM COM CHAVE DE OURO A MAGNA REUNIÃO

Não foi sem um fremito de enthusiasmo e de reconhecida admiração que o nosso elemento culto assistiu, hontem, no Instituto Geographico e Historico do Amazonas, á ultima parte da conferencia do coronel Bernardo Ramos sobre inscripções e tradições do Brasil prehistorico.

A palestra não podia ser mais elucidativa nem mais complexa, tal a clareza de linguagem e a exuberancia de provas com que o conferencista desenvolveu as theses escolhidas, que representam um conjuncto de investigações atravez dos horizontes da prehistoria, no decurso de muitos annos de excessivo labor.

Iniciando a sua admiravel oração, o coronel Bernardo Ramos passou em revista a opinião de alguns scientistas sobre as inscripções lapidares da America, as quaes foram por elles consideradas como obras do acaso e de nenhum valor, fazendo ver que taes opiniões eram insubsistentes não podendo ser acatadas senão como o producto de méra abstracção espiritual.

Justificando a sua asserção, entrou em considerações profundas e argumentos irrecusaveis sobre o assumpto deixando evidenciada a existencia, no Brasil, em épocas remotisimas, de phenicios, arabes e outras correntes migratorias, as quaes deixaram, da sua passagem, os mais claros testemunhos, que são as pedras lavradas, que se encontram em quasi todos os Estados do paiz.

A proposito, recordou que numa cidade da Bahia, situada entre duas serras, se acham varios symbolos com caracteres gregos, destacando-se entre estes, dois arcos e uma columna, na qual repousa a imagem de uma deusa, apontando com a mão direita o polo norte. Sobre este caso, o coronel Ramos entrou no terreno da philologia, da epigraphia e da historia, para demonstrar a sua traducção. Numa das reliquias archeologicas encontrou a palavra —*Ciphizes* ou *Ciphisses;* noutra *Xieto Tito Chio*, que vem a ser, em portuguez — *A victoria de Pizistrates:* noutra ainda *Avante, amphyction* e, na ultima, o nome *Thucydides* e os signos de Mercurio, Saturno, Venus, Jupiter, Marte, Sol, Lua, e Terra. Disse que todas as inscripções são de origem grega e que Pizistrates foi um grande vulto da civilização distante, fallecido em quinhentos e vinte e sete, antes da era christã.

Relacionando outras inscripções descobertas na Bahia e já traduzidas pelo conferencista, passou a falar da pedra lavrada da Parahyba, que consta de innumeros caracteres, entre os quaes ha doze signos representando as constellações do planispherio celeste. Dahi a prova de que, entre nós, andaram os chaldeus. Na Chaldéa os astros tinham um brilho superior, e os seus primeiros habitantes aprenderam a distinguir os planetas e as estrellas, dominados pela crença de que elles influiam nos destinos da vida humana. Os padres eram adivinhos, prediziam as inundações e as chuvas, sendo a astrologia a maior preoccupação desse povo.

Depois de outras considerações sobre o assumpto, o conferencista passou a estudar a origem dos symbolos da pedra lavrada da Parahyba, dispostos em forma de circumferencia ou planispherio austral, mostrando a sua traducção, que é a seguinte: de um lado, as palavras *Teras signo;* do outro — *Selecentos;* do outro ainda: *Aphrodite Venus* e do ultimo — *Capricornio.*

Falando sobre as pedras lavradas do Ceará, provou que a traducção dos caracteres de uma, era — *E' imprudente ou falto de senso não ser forte, justo, unido e methodico, conforme as regras da emulação,* o que suppõe tratar-se de algum edito, lei ou decreto de Xieto Tito Kio; da outra — *Aviso. E' equitativo o honrado Cyphis, torneiro, executor de lyras e escudos*; da outra ainda — os nomes de alguns personagens celebres daquelle tempo, inclusive Kieto Tito Kio.

Continuando na sua admiravel exposição, de vez em quando penetrando nos fastos da historia e nas diversas phases da civilisação antiga, o coronel Bernardo Ramos, depois de revelar a solução dos signos e dos caracteres das pedras lavradas do Rio Grande do Norte e da Gavea e de uma outra encontrada no logar *Itamaracá*, do rio Xingú, no Pará, passou a justificar a existencia de phenicios e arabes no Amazonas, naquelles tempos remotissimos não só com uma exposição succinta sobre o movimento das correntes migratorias como tambem com a descoberta de caracteres gregos e arabes no alto Rio Negro. Analysou as pedras archeologicas das Lages, cuja epigraphia confronta com elementos encontrados no norte da Africa e n'outros logares por onde andaram os phenicios; fez uma descripção minuciosa sobre as de Itacoatiara e concluiu com a traducção de todas. Numa das inscripções das Lages, surprehendeu os nomes historicos de Nebe, Galaad, Neze, Gaal, Belial e Belus, em caracteres phenicios e, n'outra, em arabe, a maxima — *Fortuna rapida dá ruina.* Na de Itacoatiara, conseguiu tambem desvendar o segredo das inscripções, cuja traducção é a seguinte: *Juramos aqui, reunidos em grande numero, aqui tomamos, posse expulsos das delicias á Tingis, salvos dos filhos de Heber. Delicias encontramos nós filhos do vento e do mar.*

O coronel Bernardo Ramos terminou a sua conferencia com um bello resumo historico e descriptivo das suas investigações, deixando ver ao mesmo tempo as relações, que existiam naquelles tempos, entre os povos do oriente e do occidente.

As ultimas palavras foram abafadas por uma electrisante salva de palmas, sendo acceitas as suas theses, em seguida, pela assembléa geral do Instituto Historico.

Usou então da palavra d. Irineu Joffily, presidente da mesa, que proferiu uma judiciosa e breve oração, dizendo, entre outras cousas, que se o trabalho do conferencista resistir á critica, elle chegará, sem duvida, aos humbraes da immortalidade, e o Amazonas, mais uma vez, mostrará ao mundo que é gigante até na sciencia.

A assistencia foi numerosa, notando-se a presença do governador, de altas autoridades civis e militares, membros do Instituto e pessoas gradas.

*

Na noticia que démos hontem sobre a conferencia do coronel Bernardo Ramos, na parte referente á traducção de symbolos e caracteres, sahiram ligeiras incorrecções. Assim, ao envez de Xieto Tito Chio, leia-se: *Xieto Tito Chio — Pesistratis nick*, que vem a ser: Xieto Tito Chio — *á victoria de Pisistrato*. Na relação dos nomes biblicos, leia-se: *Nebe, Galaad, Neze, Gaal, Belial* e *Bel* ou *Belus* e não como está. O nome de Thucydides, que démos como parte da traducção, foi citado pelo conferencista apenas como exemplo, na orthographia grega antiga.

Do *Jornal do Commercio* de 5-5-1919, com uma fotographia do auctor.

*

CORONEL BERNARDO RAMOS

A SUA CONFERENCIA DE HOJE NO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO

Com selecta e numerosa assistencia realizou-se hoje, ás 9 horas, no Instituto Geographico e Historico do Amazonas, a conferencia do coronel Bernardo Ramos sobre inscripções e tradições do Brasil prehistorico.

Esta conferencia serviu para revelar-nos os profundos dotes de investigador do velho caboclo amazonense que durante nove annos, numa reclusão de verdadeiro asceta, tem buscado, com perseverança, atravéz do tempo e do espaço, a solução irrefutavel da inscripções encontradas no Brasil, attestados flagrantes de uma civilização prehistorica em nosso Paiz.

Na conferencia a que hoje assistimos, o coronel Bernardo Ramos, mostrando basta erudição sobre o assumpto, estabeleceu os fundamentos de suas pesquizas, chegadas a satisfatorio resultado.

Segundo ellas, gregos e phenicios vieram, em emigrações successivas, estabelecer-se em terras americanas, sendo rechassados, pelas tribus guaranys, para as regiões andinas, onde se terão fundido aos povos autochtones.

Apresentou disto provas historicas e linguisticas, em nomes de rios, e em avultado numero de palavras (mil e tantas) gregas ou phenicias, existentes na lingua kitchua.

Exhibiu ainda sete quadros em caracteres phenicios, gregos, que se encontram nas inscripções do Brasil.

Amanhã, em segunda conferencia, apresentará o coronel Bernardo Ramos as conclusões a que chegou em tantos annos de continuo labor.

Do "Imparcial" de 3 de Maio de 1919.

*

O BRASIL PREHISTORICO

A ULTIMA CONFERENCIA DO CORONEL BERNARDO RAMOS

Conforme estava annunciado terminou, hontem, o coronel Bernardo Ramos a sua exposição sobre inscripções e tradições do Brasil Prehistorico, com a sua segunda e ultima conferencia, realizada na séde do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, em presença de numeroso e culto auditorio.

O grande amazonense, empolgou-o de modo absoluto já pela erudição, de rara clareza como pela revelação do estudo acurado que preparou as conclusões a que chegou a respeito das inscripções lapidares do Brasil.

E' esta a monumentosa questão de que ora se occupa Bernardo Ramos e da qual offereceu-nos duas importantes conferencias. Ella vem de seculos, occupando a attenção de grande numero de scientistas, divididos em dois campos adversos e irreductiveis — anthropologistas e americanistas.

Opinam os primeiros que taes inscripções, nehum valor symbolico representam e que não passam de simples garatujas, gravadas ou desenhadas em rochedos por mera diversão do selvagem, nas suas horas tão longas e tão frequentes de ociosidade. Os segundos ao contrario, que essas inscripções encerram a narrativa symbolica dos factos historicos referentes aos povos americanos, que, ignorando-se-lhes a chave, se conservam inintelligiveis.

Partidario desta ultima ideia o sr. B. Ramos demonstrou na primeira conferencia com argumentos firmados na historia, chronologicos e iconographicos, que é indiscutivel a evidencia e preponderancia desta, sobre aquella opinião, — induzindo-nos a abraçar as noções então externadas, etc. Aguardamos a segunda conferencia hontem realizada. Surprehende-nos com effeito o seu meticuloso trabalho arrancando desse bloco de traços confusos, sem nexo apparentemente, elementos sublimes da nossa prehistoria, confirmando as propheticas palavras do archeologo patricio Ladisláo Netto, contidas neste bello pensamento :

"Quantas paginas indecifradas, sobre a historia da humanidade, não encerram ainda esses archivos de pedra, até hoje occultos na mudez da noite do passado? "

Cabe, no entanto, a primazia dessas incripções ao legendario Ceará em concorrencia com as da Parahyba. Só aquellas revelam a lei philosophica ditada pelo Augusto Xisto Tito Chio: *"E' imprudente ou falto de senso, não ser forte, justo, unido e methodico conforme as leis da emulação* — Esta tem a sua monumentosa — Pedra Lavrada — com 52 figuras interpretadas que poder-se-hia considerar como um planispherio celeste, se não fora antes um conjuncto de symbolos e meteoros, como propriamente se deduz de suas iniciaes palavras symbolicas.

As de outros Estados, são interessantes, sendo que as da Bahia, dizem muito de importante na epigraphia prehistorica do Brasil.

. . . .

Assim terminou o sr. Ramos as suas conferencias:

"As affinidades encontradas entre as nossas e as antiguidades de varios paizes dos dois continentes, nada têm que ver com o autochthonismo da familia americana".

"Esta podia ter tido por berço o sólo do Novo Mundo e recebido muito mais tarde o influxo de uma civilização estranha, sem que por este facto, se possa pôr em duvida a sua origem.

Assim, suas engenhosas epigraphias, suas tradições faladas ou escriptas, seus monumentos astronomicos e symbolicos, provam as relações entre o Oriente e o Occidente, em eras muito anteriores ao christianismo, edificante sucesso á amplificação da historia da humanidade".

Adduzindo ainda argumentos comprobativos do estabelecimento de gregos, phenicios, arabes e chaldeus no Brasil, o illustre conferencista decifrou o modo pratico, ao alcance de todos, as inscripções até hoje encontradas em pedras, no paiz, o que prova que taes gravuras não são obra do acaso, como ainda alguns archeologos têm affirmado.

Com relação ás das Lages e á de Itacoatiara, no nosso Estado, disse que, nas primeiras encontrou os nomes historicos Nebe, Galaad, Belial, Neze, Gaal e Belus escriptos em caracteres phenicios e, em caracteres arabicos, a seguinte maxima: *Fortuna rapida dá ruina;* na segunda alcançou tambem a significação das gravuras nellas inscriptas, a qual é a seguinte: *Juramos aqui reunidos em grande numero aqui tomamos posse expulsos das delicias á Tingis, salvos dos filhos de Heber. Delicias encontramos nós filhos do vento e do mar.*

E' digno da maior veneração e applausos o trabalho scientifico do grande amazonense, cuja conferencia revelou aos que a ella assistiram um grande brasileiro merecedor de todas as homenagens.

Foi uma verdadeira apotheose a maneira enthusiastica por que o auditorio applaudiu á palestra do coronel Bernardo Ramos.

D. Irineu Joffely, bispo diocesano, homem de vasta cultura e a que talvez não seja extranho o assumpto, antes de encerrar a sessão, que, como presidente da Assembléa Geral do I. G. H. A., presidia declarou que o Amazonas, gigante na grandeza de territorio será tambem gigante na sciencia, se o trabalho que o coronel Bernardo Ramos, cujo resumo foi hontem apresentado, for bem acceito pelos archeologos, collocando o grande amazonense nas portas da immortalidade.

Ao coronel Bernardo Ramos enviamos os nossos mais calorosos applausos.

Do "Imparcial" de 5 de Maio de 1919.

*

A FESTA DO INSTITUTO HISTORICO

O SR. CORONEL BERNARDO RAMOS FAZ MONUMENTAL CONFERENCIA SOBRE AS INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DO BRASIL PREHISTORICO

Conforme estava annunciado, hoje, ás 9 horas, no salão nobre do Instituto Historico e Geographico do Amazonas, o nosso illustrado patricio coronel Bernardo Ramos, com uma assistencia numerosissima, realizou a sua primeira conferencia sobre Inscripções e Tradições do Brasil prehistorico.

A sessão foi aberta á hora determinada por S. Exc. d. Irineu Joffely, bispo do Amazonas, que produzio brilhante discurso allusivo á conferencia, fazendo resaltar, com a sua palavra sobria e encantadora, os elevados meritos do conferencista illustre, que, depois de profundas cogitações e demoradas pesquizas scientificas, vem afinal revelar os mysterios de segredos até aqui desconhecidos, os sagrados arcanos de maravilhas até então ignorados.

A palavra do digno sacerdote, em sendo de uma singeleza que embevecia, teve lances verdadeiramente empolgantes.

Finda a sua oração, que teve o applauso geral da Assembléa, seguio-se com a palavra o sr. coronel Bernardo Ramos que, ao subir a tribuna, foi recebido com estrepitosa salva de palmas.

A conferencia do nosso patricio foi verdadeiramentee magistral. Com uma dicção impeccavel, e dono de um cabedal scientifico inexaurivel, o conhecido homem de saber fez demoradas digressões pelas regiões esquecidas do passado, estudando civilisações mortas e desvendando o que ha de singular, extasiante e maravilhoso nessas paragens esmaecidas pelá bruma das éras apagadas, e, com o fulgor imcomparavel de estylo, trouxe-as, traduzidas e interpretadas, para o nosso tempo, através de vasta e copiosa documentação scientifica.

Não nos sobra tempo e espaço para dizermos em ligeira resenha o que foi essa peça monumental.

O sr. coronel Bernardo Ramos, pelos applausos freneticos que recebeu, deve avaliar como o publico de nossa terra admirou o seu trabalho, que será, mais tarde, sem duvida alguma, patrimonio para a nossa historia e para nossas letras.

Amanhã as 8 1|2, realisar-se-á no mesmo logar, a segunda parte da conferencia tão brilhantemente iniciada. O nosso erudito patricio se proporá a mostrar a chave mysteriosa de 157 inscripções hierogliphicas até hoje envoltas na mais insondavel obscuridade.

Da "Gazeta da Tarde" de 3 de Maio de 1919.

*

NO INSTITUTO HISTORICO

A SEGUNDA CONFERENCIA DO CORONEL BERNARDO RAMOS

O salão de honra do Instituto Historico esteve hoje de *fond en comble*. Com o exito brilhante alcançado pelo nosso illustrado patricio em sua primeira conferencia, a sociedade erudita de nossa terra despertou e mais solicita applaudiu o notavel homem de sciencia que mais uma vez mostrou á sociedade os seus profundos conhecimentos na materia em que trouxe durante quasi duas horas, em viva curiosidade a selecta assistencia que o ouviu.

A sessão foi aberta precisamente ás 9 horas, usando da palavra o nobre Antistete amazonense don Irineu Joffely, que disse, em summula, com a sua palavra persuasiva e eloquente, ir continuar o nosso illustre coestadano a defender e sustentar a these que, com tanta segurança e brilho, sob os mais significativos applausos, iniciára hontem.

Subiu á tribuna, em seguida, o coronel Bernardo Ramos. O orador fez o prodigio de ser longo e detalhado sem fatigar; e, com a eloquencia e a logica irrefragavel da sua documentação scientifica, haurida em sabios de reputação mundial, traduziu, explicou, interpretou, adduzindo considerações de ordem scientifica, a um sem numero de inscripções hierogliphicas gravadas em pedras e rochas espalhadas pelo sertão do nosso paiz.

Sobre as inscripções, do interior bahiano, para a primeira traduziu *Kifizes, Ciphizes* ou *Ciphisses;* para a segunda *Xieto Tito Chio — A' victoria de Pozistrates;* para a terceira — *Avante, amphyction;* e para a quarta, *Thucydides*, e o (signos de *Mercurio, Saturno, Jupiter, Marte, Sol, Venus, Lua* e a *Terra*. Decifrou, como ninguem ainda o fez, as inscripções da pedra lavrada da Parahyba, sendo a primeira *700*; a segunda, *Tera, sigon;* a terceira — *Aphrodite Venus;* e a quarta *Capricornio*. Fez excursões a Inhamun, no sertão cearense, e explicou em seguida os complicadissimos hieroglíphos existentes no alto Xingú, no Pará, em Itacoatiara, onde, novamente nas inscripções apparece assignalado o nome de Kephises, "torneiro de lyras e escudos", no alto rio Negro, nas pedras das Lages, bem perto desta capital, onde existem varias inscripções egypcias e arabes, dentre ellas, se destacando esta, bem significativa — *Fortuna feita ás pressas faz ruina*. Depois, exhibindo os quadros demonstrativos á proporção que os interpretava, decifrou a inscripção das pedras da Gavea, no Rio de Janeiro, assignalando que um simples telegramma daqui transmittido para a capital do paiz, noticiando o facto alarmou profundamente os mais doutos membros do Instituto Historico Brasileiro, que duvidaram da asserção contida no despacho telegraphico, constestando-o. O nosso patricio occupou-se da personalidade do dr. Theodoro

Sampaio, sublinhando diversas descobertas, "singulares e extravagantes" feitas por esse illustre archeologo, accentuando aquella referente á *tartaruga*, que provocou commentarios maliciosos.

Não nos é possivel dar o *compterendu* do grandioso trabalho do nosso eminente patricio. Noticia elaborada ás pressas, sob as primeiras impressões recebidas, deixará muito a desejar é certo, mas mostrará ao publico que o nosso representante ouviu com cuidadosa attenção a peça inteiriça.

Em seguida pediu a palavra o sr. Joaquim da Costa Teixeira, conspicuo membro da commissão archeologica do Instituto Historico, apresentando um parecer, approvado depois unanimemente pelos consocios presentes, homologando as conclusões scientificas exaradas no trabalho do nosso patricio.

Da "Gazeta da Tarde" de 4 de Maio de 1919.

*

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS

A CONFERENCIA DE HONTEM

O Instituto Historico e Geographico do Amazonas resolveu promover uma serie de conferencias sobre momentosos assumptos de interesse geral. Iniciou hontem o programma, abordando o suggestivo thema — *Inscripções e Tradições do Brasil Pre-Historico* —, o sr. coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos.

As oito e meia horas, grande era o numero de pessoas no vasto salão do Instituto, á rua de São Vicente. A sessão teve começo ás nove horas, presidida pelo exmo. revmo. sr. D. João Irineu Joffely, bispo diocesano e vice-presidente da Corporação.

A sala estava repleta, quando D. Irineu Joffely pronunciou as primeiras palavras. Fizeram-se representar S. Ex. o sr. dr. Alcantara Bacellar, digno governador do Estado, por seu official de gabinete dr. Alcides Bahia; dr. Ayres de Almeida, superintendente municipal, por seu ajudante de ordens primeiro tenente Trigueiro Sobrinho e coronel Luiz Marinho de Araujo, commandante da Força Policial do Estado-Auxiliar do Exercito Activo, pelo segundo tenente Alexandre Montoril.

Perante a selecta assistencia discursou, por alguns minutos, D. Irineu Joffely, dizendo do trabalho e da persistencia do coronel Bernardo Ramos.

Este, ladeado pelo Dr. Vivaldo Lima e coronel Henrique Rubim, respectivamente orador e membro do Instituto appareceu logo após, occupando a tribuna. Occupou-se, então das *Inscripções* e *Tradições do Brasil Pre-Historico*, fazendo, á guisa de introito, uma recapitulação dessas inscripções em todos os tempos. Falando durante hora e meia, o orador prendeu o auditorio.

A sua conferencia, synthese da grande obra em dois volumes que apresentou ao Instituto foi elucidada por varios quadros de demonstração, adrede preparados, contendo hieroglyphos e alphabetos antigos.

Disse do valor da tradição, da archeologia e prometeu continuar a sua palestra hoje, ás mesmas horas.

D. Irineu Joffely encerrou, em seguida, a sessão, agradecendo a presença das pessoas que se encontravam no recinto.

Da "Imprensa" de 4 de Maio de 1919.

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS

A SESSÃO DE HONTEM

Conforme estava annunciado, verificou-se na sessão de hontem do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, a continuação da conferencia sobre *Inscripções e Tradições do Brasil Pre-Historico*, — pelo sr. coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos.

A sessão começou precisamente ás oito e meia horas, sob a presidencia do exmo. reverendissimo d. Irineu Joffely, bispo diocesano.

Estiveram presentes, além de outros vultos de destaque, S. E. o sr. dr. Alcantara Barcellar, digno Governador do Estado, acompanhado do ajudante de ordens, capitão Carlos Augusto; dr. Ayres de Almeida, representado pelo 1° tenente Trigueiro Sobrinho; dr. Alfredo da Matta, presidente da Assembléa Legislativa; dr. Alcides Bahia, official de gabinete do Governador, coronel Luiz Marinho de Araujo, representado pelo 2° tenente Alexandre Montoril, outras auctoridades, familias e cavalheiros.

O coronel Bernardo Ramos, recebido por estrepitosa salva de palmas pela assistencia, deu começo á sua palestra, fallando durante hora e meia. Occupou-se das inscripções encontradas no Brasil, do Rio Grande do Sul ao Amazonas, mostrando a decifração de cada qual, segundo os estudos que fez.

Gastou longos annos de paciencia e esforço para chegar aos resultados que apresentou e que revelam persistencia e estudo, dignos de attenção.

Depois de demorada e meticulosa explanação sobre as inscripções, o orador terminou a sua attrahente conferencia, referindo-se enthusiasticamente ao Amazonas.

Uma salva de palmas cobriu as suas ultimas phrases.

O sr. José da Costa Teixeira apresentou um parecer, que foi lido pelo 1° secretario, sr. coronel Agnello Bittencourt, approvando a obra do sr. coronel Bernardo Ramos, o que foi unanimemente acceito.

Fallou, em seguida, o dr. Vivaldo Lima, orador da douta Associação, que offereceu á approvação da Casa e esta homologou o parecer contendo as conclusões do trabalho.

D. Irineu Joffily encerrou, após eloquentes palavras, a sessão, referindo-se á obra vultosa do coronel Bernardo Ramos, sobre a qual vae dizer a critica dos competentes, que, se favoravel, aureolará o nome do seu auctor e o do Amazonas.

Da "Imprensa" de 5 de Maio de 1919.

*

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS

Conforme haviam sido annunciadas previamente, tiveram logar nos dias 3 e 4 do corrente, no Instituto Geographico e Historico do Amazonas, as magnificas e proveitosas conferencias effectuadas pelo exmo. sr. coronel Bernardo Azevedo da Silva Ramos, acerca das "Inscripções e Tradições do Brazil Pré-Historico.

Presidiu os trabalhos o venerando prelado exmo. e reverendissimo d. Irineu Joffely, bispo do Amazonas, que abrio a sessão ás 8 e meia horas precisas. A concorrencia foi enorme, notando-se além de distinctas familias innumeros cavalheiro do mais alto destaque em nosso meio social e intellectual, os quaes, *una-voce*, apllaudiram freneticamente o illustre conferencista.

O sr. coronel Bernardo Ramos, que ha longos annos se dedica ao estudo da epigraphia hieroglyphica, lavrada em pedras pelos nossos antepassados, foi de uma precisão e clareza ao alcance de todas as comprehensões, expondo em uma téla trinta e tantas inscripções existentes no Brazil, desde o Rio G. do Sul ao Amazonas, escriptas em grego antigo e que elle tem procurado decifrar com uma tenacidade digna dos maiores elogios.

O venerando cidadão, que foi recebido pela numerosa assistencia por estrondosa salva de palmas, recebeu iguaes applausos ao terminar a sua proveitosa e instructiva conferencia.

O sr. José da Costa Teixeira apresentou um parecer, que foi lido pelo 1° secretario, sr. Agnello Bittencourt, approvando a obra do sr. coronel Bernardo Ramos, o que foi unanimemente acceito.

Fallou, em seguida, o dr. Vivaldo Lima, orador da douta Associação, que offereceu á approvação da Casa e esta homologou o parecer contendo as conclusões do trabalho.

D. Irineu Joffely encerrou, após eloquente palavras, a sessão, referindo-se á obra vultosa do coronel Bernardo Ramos, sobre a qual vae dizer a critica dos competentes, que, se favoravel, aureolará o nome do seu autor e o do Amazonas.

Agradecendo o convite que nos foi enviado, felicitamos a nobre instituição e abraçamos respeitosamente o dignissimo conferencista.

Da "União Portugueza" de 8 de Maio de 1919.

*

A PROPOSITO DOS ARTIGOS PUBLICADOS PELO COMMENDADOR CANDIDO COSTA

TEMPOS PREHISTORICOS

Sob esta epigraphe, com prazer meu, occupou-se o illustre commendador Candido Costa, em uma série de artigos, cujo termo eu aguardava, tendo como preliminar, ligeiras referencias ás noticias dadas pelo "*Jornal do Commercio*", a proposito de duas conferencias por mim levadas a effeito, subordinadas a *Inscripções e Tradições do Brasil-prehistorico.*

A absoluta falta de caracteres graphicos necessarios, occasionou que não fossem estas publicadas, como seria de desejar, sendo que, a obra em si, ainda continúa na execução.

Entretanto, aquellas rapidas noticias offereceram ensejo a considerações de ordem connexa apenas, á natureza do caso, restricto mais a epigraphia, iconographia e paleographia, portanto.

Ora sem aquellas bases ou elementos essenciaes, era de ver, que não se podem antecipar argumentos, conclusões, e seria virtualmente tarefa ingloria, mas os artigos obedeceram rumo diverso em sua totalidade.

A opportunidade, porém, facultará o meu latente desejo, que outro não é, senão ouvir os competentes, sobre o meu modesto trabalho, uma vez publicado, tendo elle como escopo, não offuscar, e muito menos susceptibilisar, de leve, glorias de quem quer que seja.

Isto posto, resta-me, portanto, o dever de fazer breve reparo a topicos dessas preliminares, emquanto outros, sendo aliás de valor pre-historico, pois vem em grande parte em meu auxilio, são sediços nesta ordem de estudos, tendo já sido externados sufficientemente por varios autores, assim como, com algumas alternativas, tambem, pela preciosa obra *As duas Americas.*

Estes escriptos, como tantos outros de merito, acham-se concatenados no primeiro e segundo volumes de meu trabalho, por exigir a natureza da these, em linha geral.

Hoje, porém, convém restringil-a áquelles tres pontos e é o que se acha em fóco, isto é, cogitar da solução do problema mysterioso, sobre o qual, ha seculos, se raciocina com variantes controversias apenas, e que, de longe, vem aconselhando os proprios historiographos e archeologos, sendo que o mais, já está discutido, aguardando apenas esta parte, para a conclusão final.

A precedencia da publicacação das inscripções, não é de tão grande monta. Todavia, como se procura apurar, direi que, antes que *As duas Americas*, em mil novecentos, estampasse, reduzida, a da *Pedra Lavrada da Parahyba*, o fizera em mil oitocentos e oitenta e sete em o volume cicoenta, a Revista do Instituto Historico Brasileiro, em sua primeira parte, figura trinta e seis, escala de um por vinte, e assim a reproduzi.

O sabio orientalista francez Ernesto Renan considerou essa inscripção importante, de caracter *phenicio*, e poderia neste sentido, ter dado sua interpretação; mas considero-a, sem receiar contestação, de estylo *grego-archaico*, como tal interpretada e provei em a segunda conferencia, convindo aguardar a decisão dos congressos de inscripções, em seu devido tempo.

Vem ao caso, segundo Vigouroux, que o grande sabio orientalista Thomas Hyde não fôra menos feliz, em identicas condições em Persepolis, como já uma vez alludi, com a classificação erronea da escriptura cuneiforme, em referencia á opinião de Chardin, que não possuia celebridade alguma, sendo logico, não gosarem os sabios do excepcional predicado da infallibilidade.

Minha convicção firma-se ainda em que, se veridica fosse a interpretação de Renan, ter-se-hia revestido ella de grandioso e retumbante valor e não a teria silenciado, a série de congressos como o de Historia Nacional em mil novecentos e quatroze, Americanista, Latino-Americano, em mil novecentos e cinco, o Brasileiro de Geographia, realizado na Bahia em mil novecentos e dezeseis, etc. Nem se continuaria a concitar a solução do magno problema das nossas inscripções pre-historicas, se bem que, além desta, milhares existam em nosso continente.

São estas as eloquentes palavras, por exemplo, proferidas por J. Branner, em o congresso de mil novecentos e cinco: *"O facto de nenhuma interpretação se haver dado a estes rudes glyphos, deve ser incentivo para sua compilação e estudo. Ainda podemos procurar a sua interpretação, reunindo os anneis dessa cadeia que prende a civilisação de hoje, á dos seculos sepultados nas trevas".*

E' que, para um tal procedimento, houve razão poderosa, attento á nossa ingenuidade extrema, em mais considerarmos valioso, tudo quanto se reveste de originalidade extrangeira, desde as cousas materiaes até as scientificas, como neste caso inflexivel até hoje, entre *americanistas e anthropologistas.*

Convém notar que o relatorio do engenheiro de minas, Francisco S. da Silva Retumba, que trata da inscripção questionada, traz a data de sete de julho de mil oitocentos e oitenta e seis, fazendo referencia a esta ordem de preciosidades, o grande scientista Elias Hershman em mil seiscentos e quarenta e um e Koster em mil oitocentos e dez, além de outros.

Por sua vez as inscripções da cidade abandonada, do interior da Bahia, que se encontram em gravura em face a folhas cento e noventa e tres, do primeiro volume da revista do Instituto referido, do anno de mil oitocentos e cincoenta e seis, tambem só em mil e novecentos, as reproduziu *As duas Americas*. Foram ellas, em meu modesto

trabalho, interpretadas em sua totalidade e são de caracter *grego de inscripção*, alphabeto organisado por M. Le Bassur, interpretações exhibidas em a segunda conferencia.

Por conseguinte, as noticias alludidas só prodigalisaram ao illustre historiographo, ao que parece, o ensejo para reeditar seus escriptos, com mais erudição, em assumptos pre-historicos nos pontos já sufficientemente discutidos, fazendo-me escapar da penna a phrase muito popular: — *que novidade*!.....

Em meu audacioso emprehendimento, emfim, a mercê de mares encapellados embora, sinto-me confiante, desde que vejo ao leme da sublimada *Cavita*, provida dos multiplos engenhosos salva-vidas, o seu intemerato inventor e scientista, que em perigo imminente, virá em meu soccorro.

Bernardo Ramos.

Do "Jornal do Commercio" de 6 de Julho de 1919.

*

ARTIGO SOBRE A CONCLUSÃO DA OBRA

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DO BRASIL PREHISTORICO

Fascinado pelos vastos elementos subordinados a esta epigraphe, cogitei com perseverantes investigações do arduo emprehendimento, que ora felizmente, venho de terminar, impulsionado pelas palavras do insigne scientista Branner: — "ainda podemos procurar a interpretação desses rudes *glyphos*, reunindo os anneis dessa cadeia, que prende a civilisação de hoje, á dos seculos sepultados nas trevas".

Este paciente labor de alguns annos, uma vez impresso, passará á meticulosa meditação dos eruditos, interessados em definir, com exacção, a historia dos povos da antiguidade. Reconhecerão o grande inconveniente de que se não deve *a priori*, julgar sem detido exame, as inscripções e tradições, embora de supposta authenticidade indigena, e ao contrario, convirá reflectir sobre ellas e tirar suas verdadeiras originalidades, muitas vezes bem surprehendentes em seu alto valor.

Numerosas inscripções foram colhidas nesta parte do continente americano, por varios investigadores, muitos, no firme proposito de provar, que esses monumentos epigraphicos ao ver dos americanistas, não passam, ao dos anthropologistas ou orientalistas *de simples garatujas sem valor, gravadas ou desenhadas em rochedos, por méra diversão do selvagem, ou de comesinhos phenomenos naturaes*.

Entretanto, serviram-me de valiosos elementos de estudos, e constituem o que é bem original, as melhores provas no vertente assumpto, sob o ponto de vista paleographico e iconographico.

Muitos desses monumentos prehistoricos nesta região, como os do baixo e alto Rio Negro, Sangay, no Rio Urubú, Itacoatiara, Aybú, Uatumã, Urucará, Jatapú, Lages, etc. (ainda muitos delles desconhecidos até então) e grande numero dos de varios estados da União, tive a fortuna de concatenar, dando-lhes como aos demais, as respectivas interpretações, segundo a minha fragil percepção.

Poderosos motivos induzem-me a crer, que se ha muito não fôra resolvido este problema, que desde seculos permanece em singular controversia, não tem sido por ignorancia, e sim por indifferentismo e capricho dos philologos, ethnologos e historiographos, com

honrosissimas excepções. A incredulidade, o pessimismo e a ingenuidade constituem, em nosso paiz, parte dessas preponderantes causas, mas que, diante da realidade de tantas provas, terão de ceder por fim, e assim me induz a consciencia.

Na ordem das interpretações, citei as bellas inscripções constantes do 1º e 50º volumes da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, referentes a varios estados da União, além dos de varios paizes americanos.

No intuito comparativo, de provas e de ampliação da these, detive-me cuidadosamente, com a nomenclatura de preciosos artefactos ceramicos e de outra natureza, arrecadados, na região do Marajó, no estado do Pará, e de varios estados brasileiros, pelo scientista patricio dr. Ladisláo Netto, e constantes do VI volume do *Archivo do Museu Nacional*.

Interpretando suas variedades de symbolos, examinando as gravuras dos curiosos exemplares, phallomorphos, anthropomorphos e zoomorphos, conclue-se que essa ceramica, não menos é que um verdadeiro thesouro archeologico, de certa affinidade aos desenterrados por Schliemann, não sómente em Amargos, como nas diversas ilhas do Mar Egeu, em Creta, Chypre, na Grecia Continental, em Yortan, etc., de que nos falla René Laufer.

Addicionei, com os mesmos intuitos ainda, ao meu trabalho, a sensacional inscripção em estylo figurativo, do primitivo grego, encontrada em Rocky dell Creek, dos E. U. do Norte, como uma outra de Herzegovina, em estylo rudimentar ainda, do antigo grego, publicadas a fls. 300 e 355 da antiga Rev. *Le Tour du Monde*, 1º semestre de 1860, as quaes interpretei e são contemporaneas ás do Brasil e ás de varios paizes da America Central, facto que reputo de certa relevancia na ordem prehistorica.

Do mesmo modo, inclui as artisticas e figurativas inscripções em caracteres do primitivo grego, encontradas no Rio Chalinga da Republica do Chile, sobre as quaes se occupou, apenas do sentido ideal, o notavel scientista Roberto Rengifo, secretario da sociedade scientifica daquelle paiz, no Tom. XXVIII, 11ª série da Rev. da mesma sociedade e ora os interpretei no sentido paleographico, sendo de inestimavel importancia prehistorica e de toda affinidade ás nossas.

Consta o meu modesto trabalho de dois volumes, com quinhentas e vinte paginas cada um, além da parte supplementar, contendo na totalidade oitocentas e cinco gravuras, excluidas as explicativas.

Eis, resumidamente, um labor, que muito mais poder-se-ia estender, se não fosse o compendiado, já bastante sufficiente, para os desejados e justos fins, que tive em vista alcançar.

Não ignoro que elle depende ainda, para sua impressão, de elementos graphicos e lithographicos, que constituem a sua parte preponderante, como a variedade de caracteres do primitivo e moderno grego, do hebreu, arabe, phenicio, que terão de ser, em grande parte, fundidos, para attender não só o lado paleographico como philologico, cuja execução não se conseguirá senão na Europa ou na America do Norte.

Não existe, infelizmente, ainda em nosso paiz um congresso de inscripções, ao qual, com muito prazer submetteria, antes de tudo, o meu modesto trabalho, segundo a norma adoptada com semelhante ordem de estudos, aliás, de enorme vantagem preliminar.

Se, porém, os meios actuaes me permitissem e não fallecessem os do Estado, quando o actual Governador, demonstradamente, não tem sido indifferente a este meu emprehendimento, trataria já da respectiva impressão, depois de o apresentar á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro ou ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo, aos quaes tenho a honra de pertencer e ora lhes dou sciencia da conclusão do meu referido trabalho.

E' certo que envolve elle assumpto de transcendental interesse, não só á nossa prehistoria, como se generalisa a toda a America, segundo se deduz dessas inscripções, originarias de eras anteriores ao Christianismo.

Entretanto, honrar-me-ei sempre mais, com o modesto arrimo da minha patria, que o valioso, porventura, de outra que o não fôra.

E' uma grande verdade o profundo pensamento externado ha oitenta e um annos pelo insigne scientista Porto Alegre, que vem ao caso citar, e é o de que: "a descoberta de uma inscripção é um facto que póde fazer uma revolução na historia; que póde reconquistar idéas perdidas e aniquilar outras em pleno dominio; um nome, uma phrase em uma lapida pódem preencher lacunas immensas, restaurando conjecturas e abrir uma estrada luminosa do passado ao futuro".

Hoje, porém, temos centenares de inscripções, cuja interpretação clara e positiva em toda a linha, á minha debil percepção, offereço-as aos competentes para judicioso julgamento, como requer a natureza de tão magno assumpto. Elles dirão, portanto, se attingem ou não ao seguinte pensamento de Ladisláo Netto: "Uma particularidade digna de attenção, é o haverem-se descoberto estas inscripções nas paragens mais desertas do Brasil, como a denunciarem os pontos extremos das longas peregrinações desses povos, que nos legaram estes singulares monumentos. No dia em que taes inscripções forem interpretadas, a historia do homem sul-americano terá quebrado o enygma da sua urdidura e verá dissipada a densa bruma que o envolve".

Reiterando, finalmente, minhas respeitosas homenagens á illustrada Imprensa Amazonense, pelo seu decano orgão, o *Jornal do Commercio*, a proposito do estimulo e valiosa apreciação que me proporcionou, por occasião das conferencias por mim realizadas no anno passado, tenho o prazer de pôr á sua competente apreciação, a obra ora terminada, em a minha modesta tenda de trabalho.

Bernardo Ramos.

Do *Jornal do Commercio* de 23 de Fevereiro de 1920.

*

APRESENTAÇÃO DO NOSSO TRABALHO AO CENTRO SCIENTIFICO DO PAIZ

Em virtude da resolução tomada pela Intendencia Municipal de Manáos, constante dos documentos mais adiante transcriptos, fomos demovido a seguir ao Rio de Janeiro, em demanda de effeitos do nosso emprehendimento. Ahi tivemos a honra de apresentar a S. Ex. o Sr. Dr. Epitacio da Silva Pessôa, Presidente da Republica, o presente trabalho, que o examinou com interesse.

Em seguida, sob os auspicios da Sociedade de Geographia e do XX Congresso Internacional de Americanistas, a cujas instituições pertencemos, levámos a effeito no salão de honra da primeira, nos dias 22 e 27 de Dezembro de 1921, duas conferencias, acompanhadas de projecções luminosas, perante as Directorias das referidas instituições e varios membros das Associações Scientificas, presidida a primeira pelo Ex. Sr. Dr. Presidente da Republica.

O bom exito por nós alcançado consta das noticias da Imprensa Carioca, não sendo publicadas as conferencias pela carencia de caracteres gregos e hebraicos, que as intercalam.

Eis a forma em que fora concebida a resolução da Municipalidade de Manáos, resumidamente:

INTENDENCIA MUNICIPAL DE MANÁOS

Triennio de 1920 a 1922

Terceira reunião ordinaria — Sessão em 18 de Outubro de 1921 — Presidencia do Sr. Coronel Sergio Rodrigues Pessoa — Secretario, Octaviano Silveira.

Aos dezoito dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e vinte um, reunidos, ás 9 horas, na sala das sessões da Intendencia Municipal de Manáos, capital do Estado do Amazonas, os senhores intendentes Sergio Pessôa, Antonio Bittencourt, Aprigio de Menezes, Fulgencio Vidal, Placido Serrano, Calmont de Andrade e Licinio Silva, faltando com causa participada os senhores Oliveira Cabral e Julio Lima, abre-se a sessão. E' lida, posta em discussão, e, não havendo reclamações, dá-se por approvada a acta da sessão anterior.

ORDEM DO DIA

Terminada a leitura do expediente e passando-se á primeira parte da ordem do dia, pede a palavra o sr. Intendente Aprigio de Menezes, que lê e manda á Mesa os seguintes considerandos:

Considerando que tendo o sabio Henrique Onffroy de Thoron, offerecido ao Municipio de Manáos em 15 de Fevereiro de 1876, por intermedio do reverendo Padre Theodoro Gabriel Thauby, um opusculo sobre a Antiguidade da Navegação do Oceano, em que o seu auctor prova que as naus de Salomão penetraram no rio das Amazonas, offerecia ensejo a que algum municipe desta capital investigasse desta asserção;

Considerando que para a vulgarização de tão importante these a Camara Municipal de então mandou imprimir em folhetos, na typographia do Commercio do Amazonas daquelle anno de 1876, e posteriormente, isto é, em 1906, fizera reedital-a o Superintendente Cel. Adolpho Guilherme de Miranda Lisbôa;

Considerando que seduzido pela importancia e originalidade do assumpto, o amazonense Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, emprehendendo investigar esta delicadissima tarefa, chegou á conclusão de possibilidade da referida these, além de outras descobertas de alto valor glythographico e, assim,

Considerando, que o dito amazonense Bernardo Ramos, satisfazendo os desejos da antiga Camara Municipal, não regateou sacrificios para desvendar os mysterios prehistoricos da America;

Considerando, portanto, que nestas investigações, Bernardo Ramos escreveu uma obra em dois volumes contendo seiscentas e trinta paginas cada um, com mil duzentas e cincoenta e seis inscripções lapidares, interpretadas paleographicamente, não só da America phehistorica, como algumas da propria Europa, Asia e Africa, em que demonstra philologica como paleographicamente, isso depois de grandes excursões no valle do Amazonas e ainda naquelles continentes;

Considerando que a referida obra, devendo produzir uma revolução no mundo scientifico, pela solução desse magno problema, até então envolto de um passado mysterioso e que tanto tem preoccupado o espirito de scientistas, o seu autor precisa, para publicação de sua obra, exhibil-a preliminarmente perante a assembléa de sabios; pelo que

A Intendencia Municipal de Manaos decreta:

Art. 1°. Fica a Superitendencia Municipal de Manaos autorizada a concorrer com a importancia de cinco contos de réis (5:000$), como auxilio a Bernardo Azevedo da Silva Ramos, para expor a sua obra "Inscripções e Tradições do Brasil Prehistorico" nos centros scientificos do paiz.

Art. 2°. Fica desde já aberto o credito na lei orçamentaria vigente.

Art. 3°. Revogam-se as disposições em contrario.

S. S. Manaos, 18 de Outubro de 1921.

(a) *Aprigio Martins de Menezes.*

Este projecto toma o n. 44, deste anno, e vae a imprimir.

*

O CEL. BERNARDO RAMOS E O CONSELHO MUNICIPAL

"Amazonas" — Sabbado, 29 de Outubro de 1921 — N. 331

Na passada sessão do Conselho Municipal, o illustre edil dr. Aprigio de Menezes apresentou um patriotico projecto autorisando a communa a concorrer com a importancia de cinco contos de réis, como auxilio á exhibição, nos centros scientificos do paiz, da magistral obra do egregio amazonense coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos sobre as inscripções do Brasil préhistorico.

Esse projecto, que teve acceitação unanime do Conselho Municipal de Manáos, induz a boa vontade reinante naquella illustre corporação não só pela causa do Amazonas, como pelo tributo de homenagem a que têm direito os seus dignos filhos.

Convertido em lei, como foi, o patriotico projecto do illustre intendente municipal, sr. dr. Aprigio de Menezes, é possivel que o grande amazonense sr. coronel Bernardo Ramos siga para a capital do Paiz, no paquete *João Alfredo*, surto no porto desta capital, afim de expor perante as assembléas de scientistas a sua palpitante obra.

O trabalho do nosso preclaro coestadoano trará uma revolução mundial nos centros scientificos, o que não só dignificará o Amazonas, como o Brasil inteiro, com espanto para a sciencia moderna.

O Coronel Bernardo Ramos com o seu trabalho fatigante de muitos annos, desvenda agora o grande mysterio, que encobria a verdadeira existencia dos povos, que habitavam o continente americano antes das arrojadas aventuras de Colombo e Pedro Alvares Cabral.

*

CORONEL BERNARDO RAMOS

"VIAJANTES" — Embarca amanhã no *João Alfredo* o coronel Bernardo Ramos.

Nome vantajosamente conhecido no nosso meio social como nos centros scientificos do paiz, o illustre amazonense se destina ao sul da Republica onde vae fazer conferencias no Rio e S. Paulo dando conta dos resultados a que chegou nas suas investigações historicas a cerca dos verdadeiros descobridores do Brasil.

Portador de solida cultura e merecendo dos homens eminentes nas letras o maior conceito, é, incontestavelmente, o coronel Bernardo Ramos uma das nossas mais respeitaveis figuras representativas.

Aqui onde tem vivido consagrando o maximo de suas energias intellectuaes em trabalho de sua especialidade, nem por isso se tem conservado indifferente ao movimento politico de sua terra.

Solicitado sempre a collaborar na vida partidaria do Amazonas, sendo-lhe conferidos postos de distincção, cada dia se affirma a sua individualidade inconfundivel.

Fazendo votos de bôa viagem e optimo sucesso nas suas justas pretensões para o engrandecimento de seu berço, esperamos que o meio cultural do sul do paiz saiba receber e premiar aquelle que pelo producto de seu esforço se tornou digno de seus concidadãos.

Da "Gazeta da Tarde" de 31 de Outubro de 1921

*

Esteve hontem em nossa redacção, em visita de despedidas, o nosso presado collaborador, coronel Bernardo Azevedo da Silva Ramos, que segue hoje no paquete *João Alfredo*, com destino ao Rio de Janeiro, onde vae realizar conferencias na Sociedade de Geographia sobre a sua obra denominada *Inscripções* e *Tradições do Brasil Prehistorico*, bem como tratar de sua publicação.

Essa obra será mais um valioso trabalho scientifico com que o Amazonas irá contribuir para as festas commemorativas do centenario da independencia do Brasil.

O coronel Bernardo Ramos disse-nos contar com o apoio do presidente da Republica, nesse elevado emprehendimento, esperando que o Congresso Nacional autorizará a abertura de um credito especial para a sua publicação.

Sobre o plano da importante obra o coronel Ramos realizou conferencias no Instituto Historico e Geographico do Amazonas, das quaes nos occupamos minuciosamente.

Do "Jornal do Commercio" de Terca-feira, 1° de novembro de 1921 — Amazonas.

*

DESPEDIDAS — Attenciosamente veiu trazer-nos suas despedidas, em nossa redacção o sr. coronel Bernardo Ramos, que, pelo *João Alfredo*, do Lloyd Brasileiro, segue hoje para a Capital Federal.

Gentilmente nos agradeceu as justas referencias que temos feito de seus valiosos trabalhos sobre inscripções e tradições prehistoricas do Brasil, os quaes vae apresentar ao Instituto Historico Brasileiro, para serem addicionados á grande obra e publicar pelo Centenario em 1922.

Agradecendo a delicadeza do offerecimento de seus prestimos no Rio, desejamos a distincto viajante feliz viagem.

Da "Imprensa" de 1° Novembro de 1921.

*

APRECIAÇÃO DA IMPRENSA CARIOCA

ARCHEOLOGIA AMAZONICA

A região amazonica estudada pelos sabios de maior nomeada mundial em todos os tempos, é assás rica em monumentos da prehistoria, que escaparam até hoje ás pesquizas dos archeologos.

Varias regiões, particularmente no Estado do Amazonas, ostentam soberbos depoimentos irrevelados, em inscripções da mais alta magnitude para os hieroglyphos, em pedras de fórmas bizarras que, esclarecidas convenientemente, trarão grande luz ao estudo das origens prehistoricas da bacia amazonica, pondo-se fim á controversia, resultante de conjecturas e duvidas pertinazes, referente aos caracteristicos da vida dessa extensa zona do nosso paiz nos primordios da sua existencia.

Acha-se actualmente no Rio um velho estudioso desses assumptos, a que se tem consagrado em longas e pacientes pesquizas, o coronel Bernardo Ramos.

Pretende elle realizar algumas conferencias aqui e em S. Paulo, nas quaes exporá os resultados a que chegaram as suas investigações, que, sem a preoccupação de um rigor scientifico *á outrance*, não deixarão comtudo, de offerecer á solução do problema valiosa e autorizada contribuição, visto o decidido empenho com que o senhor Bernardo Ramos, homem culto, a despeito de importantes funcções politicas que lhe têm cabido no Amazonas, se dedica, ha longos annos, aos estudos archeologicos da região amazonica.

As velhas civilizações indigenas não desappareceram sem deixar sugestivos e copiosos vestigios e são os testemunhos dessa pujança morta que vão dar ás conferencias do erudito amazonense um cunho de particular interesse, que desde logo as recommenda a quantos olham com sympathia e apreço o passado remoto da nossa terra.

Do "Paiz" de Terça-feira, 20 de Dezembro de 1921

*

UM PROBLEMA DA NOSSA ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Acha-se, desde alguns dias, nesta capital, um homem por muitos titulos digno da attenção publica: é o dr. Bernardo Ramos, espirito culto e operoso, que ha longo tempo se occupa em reunir e estudar, documentos da nossa espigraphia prehistorica, como se sabe tão abundantes em nosso paiz, como em toda a America, mas até hoje não devidamente estudados e entendidos.

Quando estive, ha uns quatro annos, em Manaos, tive ensejo de conhecer alguma coisa dos trabalhos a que este homem se dedica com a perseverança e esforço de um verdadeiro scientista; e avaliar a incalculavel massa de material que tem colligido referente a inscripções glyptographicas que se encontram em toda a parte oriental do continente.

Entre as questões que o preoccupavam no momento da minha visita, e que eu apreciei com mais vivo interesse, destacava-se a do exame e decifração da famosa inscripção da Gavea, que, ha coisa de uns quarenta ou cincoenta annos, tanto ruido fez aqui, até na Europa, vindo, afinal, a ser considerada "como falsa".

E' claro que nem por isso deixou de ser o caso para quantos estudam coisas americanas, um legitimo problema. Já isso de se declararem "falsos" caracteres de semelhante natureza, só porque são desconhecidos, é francamente, para receber-se com toda reserva, mesmo com desconfianças perfeitamente explicaveis contra a sciencia que se tem por official.

Não é facil acreditar na "falsidade" de taes gravuras, nem attribuil-as á fantasia dos gravadores — tão profusas se encontram ellas em varias paragens do continente, e apresentando muitos grupos um ar de familia de suggestão irrecusavel para excluir taes hypotheses.

Menos difficil não será, de certo, admittir que essas gravuras possam ser attribuidas ás populações que os europeus aqui vieram encontrar no seculo XVI.

Não foi, portanto, sem grata surpreza e alegria que tive a fortuna de ir conhecer, exatamente lá nos confins do Norte, no coração do incomparavel e, sob muitos aspectos ainda mysterioso Amazonas, um espirito corajoso e tenaz, que não perdia esperança de vir á contradizer o que sabios affirmavam sentenciosamente, e a descobrir alguma significação nas figuras glyticas da Gavea.

Para aguçar ainda mais a minha curiosidade, despertada á vista do que se me deparou em Manáos, vem a seguir um facto imprevisto. Depois da minha volta do Norte, recebo de Portugal uma interessante monographia, sob o titulo de "Inscripções hebraicas da Peninsula Iberica", pelo sr. Santos Ferreira. Esta memoria apresentada á Real Academia de Historia de Madrid, e tem por objecto especial a decifração das "letras desconhecidas de Castello de la Plana". E' um trabalho admiravel de profundeza e de synthese; e o illustre autor se revela de uma segurança magistral no assumpto.

Pois bem; faço aqui essa referencia só para chegar ao seguinte: qual não é o meu espanto ao observar uma certa semelhança entre os caracteres da inscripção iberica (que o dr. Santos Ferreira dá como em phenicio archaico) e os da nossa inscripção da Gavea!

Alvoroçado com esta revelação, escrevi logo ao dr. Bernardo Ramos, dando-lhe a noticia. Mas a minha carta estava em viagem, quando recebo uma communicação do meu illustre amigo, dando-me como decifradas, além de muitas outras da sua collecção, as letras a cujo estudo de preferencia se dedicava quando estive em Manáos.

Fiz publicar no "Jornal do Commercio" a carta do incansavel investigador; e, desde essa occasião, estamos á espera do momento que só agora poude chegar.

Eis ahi o problema de cuja solução se vae tratar, por estes dias, em uma das nossas corporações scientificas. Em duas conferencias na Sociedade de Geographia, e sob os auspicios desta e de XX Congresso Internacional de Americanistas, apresentará o dr. Bernardo Ramos ao nosso mundo intellectual o resultado das suas investigações acerca de uma questão da mais alta importancia para a sciencia, tal como a das origens da civilização pre-colombiana do Novo Mundo.

Não é possivel que estes estudos não interessem particularmente ás nossas classes cultas, ao menos, e não mereçam todos os estimulos do nosso meio social.

Rocha Pombo.

De "O Dia" de 14 de Dezembro de 1921.

*

CONFERENCIAS SCIENTIFICAS

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DO BRASIL PRE-HISTORICO

Conferencia do dr. Bernardo Azevedo Ramos, na Sociedade de Geographia

Sobre este magno assumpto, que de muito vem occupando o espirito de scientistas, levou a effeito o archeologo patricio, Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, a sua 1ª conferencia sob os valiosos auspicios da Sociedade de Geographia e a directoria do XX Congresso Internacional de Americanistas, na tarde de hontem. O acto solemne teve logar nos vastos salões daquella instituição scientifica, caprichosamente ornamentados.

Recebido s. exc. o sr. presidente da Republica, com as devidas distinções, lhe fôra pelo exmº. sr. almirante presidente da Sociedade de Geographia offerecida a cadeira presidencial, dando em seguida a palavra ao conferencista que subindo á tribuna produziu profunda e scientifica dissertação sobre o Glyptographia e Tradições em linha geral do nosso Occidente hemispherico, particularisando-se ao Brasil.

Assim disse: que a successão dos factos nesta ordem de alto descortino intellectual vem de longe demonstrando que é dos complexos exemplares das vetustas paleographias que se tem originado no maximo a solução dos magnos problemas pre-historicos. São, com effeito, estes os elementos empregados nas inscripções lapidares disseminadas nos recantos do mundo, que, apezar de seu laconismo, constituem a synthese dos mais surprehendentes successos das remotas éras e vêm, por tenaz esforço do engenho humano, as transmittindo á posteridade, com assignaladas vantagens ao dominio da historia.

Com effeito, nas Inscripções e nas Tradições institue-se, por sua vez, a Pre-historia do Brasil, como tem acontecido com a de varios e tradicionaes paizes da éra antiga, como Assyria e o Egypto, na série de traços e symbolos: — 1, Cuneiforme da Asia antiga, encontrado em Persepolis e Behistoun; 2, os Hieroglyphos no Egypto, deante dos quaes a multidão só sabia admirar suas extravagancias fantasticas, ora esculpidos sobre as pyramides, nos templos, nos hypogeus, sobre os obeliscos, fustes dos piliones, ora, nas impressionantes caixas das mumias. Naquelles é justo resaltar o inclyto Chardin, em o numero de seus interpretes, emquanto, nestes, a sciencia egyptologa, firmada na fulgente luz ateada por Champollon, não cessou de os impulsionar, com as erudições notaveis dos archeologos Lepsius, Letronne e Rangé, que lhes suggeriram novos progressos e perfeições.

Eis os preambulos da solução das antes complexas escripturas Cuneiforme e Hierogliphica, tão ferteis de bello ideal.

Um não menos interessante mixto linear e figurativo, profusamente gravados uns e pintados indelevelmente outros, sobre as escarpas das montanhas, rudes blocos de pedra, dispostos caprichosamente pela natureza nas vastas regiões desta parte do Continente Americano e mesmo sobre outras regiões do globo, vem de seculos suscitando, como no presente caso, a mesma apprehensão e controversias, considerando-se esses caracteres: "comesinhos phenomenos naturaes, méra diversão dos selvagens", etc., carecendo entretanto, de conveniente interpretação paleographia e philologica, compativel a noções glyptographicas, emfim.

Essas inscripções, entre nós, apezar de expostas a todos os elementos e a depredações multiplas, em fragmentos, por um feliz designio providencial, permittem sobre ellas aproveitaveis investigações.

A esta série do estudo dedicou-se o conferencista como implicitamente a legendas de moedas, e outras encontradas em objectos e regiões diversas mas que contêm muitas, identicos, caracteres epigraphicos aos da nossa região e ahi, a necessidade meticulosa de seus confrontos.

A consecução deste labor, obrigou-o a recorrer a fontes proporcionadas pela sciencia, em cujas obras de valor inestimavel, segundo notavel historiographo "é que se acha a origem clara e verdadeira da primitiva historia do mundo e do homem, e é por ahi que através de seculos quais sem fim, pode-se ligar o passado com o presente, rasgando o véo que oculta a ascendencia das Nações e quebrar o mysterio tenebroso que envolve o berço da humanidade".

"As chronicas feitas sob o impulso da paixão e da capacidade de seus autores, são com effeito uma sombra de documentos, ao lado daquellas fontes claras e positivas que nos revelam os seres e os phenomenos sob a gelida e petrificada nudez da sua realidade".

E é sob este ponto de vista que se cingiu a resumir methodicamente a opinião de varios scientistas, que se têm occupado de semelhantes assumptos, deduzindo dentre os que importam, conclusões esclarecidas e confrontos ao seu modesto trabalho subordinado a "Inscripções e Tradições do Brasil Pre-historico".

Vasta é a série de rigorosos exemplos que lhe fortalecem o animo:

"Archeologos levaram a effeito em Jerusalém e na Palestina excavações e pesquizas que esclareceram importante parte ignorada, do reinado de Salomão; egyptologos conseguiram lêr em Thebas nos muros do templo de Karnak, a proesa de victorias de Sesac sobre o Roboão, rei de Judá; assyriologos encontraram em Mesopotamia, narrativas das invasões dos reis de Ninive em Samaria e na Judéa" como necessario seria por nossa vez, interpretarmos esses monumentos que nos legaram os semi-deuses do paganismo Americano.

Do "Imparcial", do Rio

*

O CENTENARIO

AS INSCRIPÇÕES PRÉ-HISTORICAS DECIFRADAS PELO CORONEL BERNARDO RAMOS

O governo federal tambem vae premiar os esforços do nosso distincto conterraneo coronel Bernardo Ramos, tendo o "Diario Official" estampado a seguinte emenda apresentada ao Congresso Nacional:

Onde convier:

"E' o governo autorizado a mandar publicar a obra escripta pelo coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, relativa ás inscripções pre-historicas existentes em diversos pontos do Brasil, decifradas pelo alludido historiographo — abrindo para isto os creditos necessarios.

Sala das sessões, 23 de novembro de 1921.— *Daniel Carneiro, Tavares Cavalcante, Aristides Rocha, Dorval Porto.*

Justificação — As inscripções pre-historicas, encontradas em rochedos, em diversos pontos do Brasil, nomeadamente em Pedra Lavrada na Parahyba do Norte, sempre desafiaram a attenção e a argucia dos historiadores e archeologos.Foram até objectos de estudos no estrangeiro por parte de egyptologos e outros amadores de antiguidades preciosas.

Versado nessa ordem de estudos, o coronel Bernardo Ramos voltou o seu espirito para as mencionadas descobertas.

Do "Imparcial" do Rio.

CONFERENCIAS SCIENTIFICAS

"INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DO BRASIL PRÉ-HISTORICO"

Conferencia do Dr. Bernardo de Azevedo Ramos

Sobre este magno assumpto, que de muito vem occupando o espirito de scientistas, levou a effeito o archeologo patricio, Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, a sua primeira conferencia sob os valiosos auspicios da Sociedade de Geographia e a directoria do XX Congresso Internacional de Americanistas, na tarde de hontem. O acto solemne teve logar nos vastos salões daquella instituição scientifica, caprichosamente ornamentados.

Recebido s. ex. o sr. presidente da Republica, com as devidas distincções, lhe fôra pelo exmo. sr. almirante presidente da Sociedade de Geographia offerecida a cadeira presidencial, dando em seguida a palavra ao conferencista que subindo á tribuna produziu profunda e scientifica dissertação sobre a Glyptographia e Tradições em linha geral do nosso Occidente Hemispherico, particularisando-se ao Brasil.

Assim disse: que a successão dos factos nesta ordem de alto descortino intellectual vem de longe demonstrando que é dos complexos exemplares das vetustas paleographias que se tem originado no maximo a solução dos magnos problemas pre-historicos. São, com effeito, estes os elementos empregados nas inscripções lapidares disseminadas nos recantos do mundo, que, apezar de seu laconismo, constituem a synthese dos mais surprehendentes successos das remotas éras e vêm, por tenaz esforço do engenho humano, as transmittindo á posteridade, com assignaladas vantagens ao dominio da historia.

Com effeito, nas Inscripções e nas Tradições institue-se, por sua vez, a Pre-historia do Brasil, como tem acontecido com a de varios e tradicionaes paizes da éra antiga, como Assyria e o Egypto, na série de traços e symbolos: — 1°, Cuneiforme da Asia antiga, encontrado em Persepolis e Behistoun; o 2°, os Hieroglyphos no Egypto, deante dos quaes a multidão só sabia admirar suas extravagancias fantasticas, ora esculpidos sobre as pyramides, nos templos, nos hypogeus, sobre os obeliscos, fustes dos piliones, e ora nas impressionantes caixas das mumias. Naquelles é justo resaltar o inclyto Chardin, em o numero de seus interpretes, emquanto, nestes, a sciencia egyptologa, firmada na fulgente luz ateada por Champollion, não cessou de os impulsionar, com as erudições notaveis dos archeologos Lepsius, Letronne e Rangé, que lhes suggeriram novos progressos e perfeições.

Eis os preambulos da solução das antes complexas escripturas Cuneiforme e Hieroglyphica, tão ferteis de bello ideal.

Um não menos interessante mixto linear e figurativo, profusamente gravados uns e pintados indelevelmente outros, sobre as escarpas das montanhas, rudes blocos de pedra dispostos caprichosamente pela natureza nas vastas regiões desta parte do Continente Americano e mesmo sobre outras regiões do globo, vem de seculos, suscitando, como no presente caso, a mesma apprehensão e controversias, considerando-se esses caracteres: "comesinhos phenomenos naturaes, méra diversão dos selvagens", etc., carecendo, entretanto, de conveniente interpretação paleographica e philologica, compativel a noções glyptographicas, emfim.

Estas inscripções, entre nós, apezar de expostas a todos os elementos e a depredações multiplas, em fragmentos, por um feliz designio providencial, permittem sobre ellas aproveitaveis investigações.

A esta série do estudo dedicou-se o conferencista como implicitamente a legendas de moedas, e outras encontradas em objectos e regiões diversas, mas que contém muitas, identicos caracteres epigraphicos aos da nossa região e ahi, a necessidade meticulosa de seus confrontos.

"A consecução deste labor, obrigou-o a recorrer a fontes proporcionadas pela sciencia, em cujas obras de valor inestimavel, segundo notavel historiographo "é que se acha a origem clara e verdadeira da primitiva historia do mundo e do homem, e é por ahi que através de seculos quasi sem fim, pode-se ligar o passado com o presente, rasgando o véo que occulta a ascendencia das Nações e quebrar o mysterio tenebroso que envolve o berço da humanidade".

"As chronicas feitas sob o impulso da paixão e da capacidade de seus autores, são com effeito uma sombra de documentos, ao lado daquellas fontes claras e positivas que nos revelam os seres e os phenomenos sob a gelida e petrificada nudez da sua realidade".

E é sob este ponto de vista que se cingiu a resumir methodicamente a opinião de varios scientistas, que se têm occupado de semelhantes assumptos, deduzindo dentre os que importam conclusões esclarecidas e confrontos ao seu modesto trabalho subordinado a "Inscripções e Tradições do Brasil Pre-historico".

Vasta é a série de rigorosos exemplos que lhe fortalecem o animo:

"Archeologos levaram a effeito em Jerusalém e na Palestina, excavações e pesquizas que esclareceram importante parte ignorada do reinado de Salomão; egyptologos conseguiram ler em Thebas nos muros do tempo de Karnak, a prova das victorias de Sesac sobre o Roboão, rei de Judá; assyriologos encontraram em Mesopotamia, narrativas das invasões dos reis de Ninive em Samaria e na Judéa", como necessario seria por nossa vez, nterpretarmos esses monumentos e inscripções que nos legaram os semideuses do paganismo Americano.

Com effeito, ninguem pensava ainda na Europa desvendar o segredo dos hieroglyphos segundo Vigouroux, quando procurava-se já adivinhar o sentido mysterioso das escripturas cuneiforme da Asia antiga. Entretanto, a obra da decifração do Assyrio, não devia ser concluida senão muitos annos depois da do Egypto. Até 1843, não muito fascinador era ainda este assumpto na culta Europa.

Aos Scribas de Ninive e da Chaldea, faltou um Campollion, para fazer penetrar de um só golpe na comprehensão de seus signos bizarros, cujo aspecto desorientava ainda mais o linguista, que os hieroglyphos dos templos e dos obeliscos egypcios; estes ao menos falam a vista, como suas imagens "ideographicas" e "phoneticas", assim ampliada em "linear, hieratica e demotica", tão exactas e tão claras, emquanto os traços horizontaes verticaes e angulos da Persia e da Assyria, apenas offerecem a percepção complexa, sem nenhum ponto que fixe, excite a attenção, a sustenha ou lhe dê um cunho de estabilidade.

"Não obstante, foi por processos analogos aos estudos das inscripções trelingues dos Achemenides encontradas em Persepolis e Behistoun, que se chegou a ler a escriptura Assyria, mas depois de longas tentativas infructiferas ou foi preciso a collaboração inconsciente de muitas gerações de sabios, para finalmente resolverem o problema".

No Brasil, assim em toda America, não têm os scientistas cessado de occupar-se com esta ordem de estudos, levando a effeito varios e arduos emprehendimentos, porque ahi se resume a marcha da civilisação pre-colombiana e o que o passado em suas densas dobras, reservou-nos de surprehendente, dessas éras que a chronologia não tem podido definir e vagas têm sido suas noções até o presente seculo.

As fontes sob base iconographica, que perpetuam e admittem ainda um raio de luz sobre a róta perdida das primitivas emigrações em nosso continente, consistem principalmente na epigraphia e nas velhas tradições historicas.

Estes poderosos elementos constituem a synthese reveladora da existencia desses destemidos precursores da nossa primordial civilização desapparecida, os quaes são incontestavelmente Gregos e Phenicios.

Essas inscripções vêm assim constituindo até hoje um mysterio e controversias que não têm mais razão de ser, porque ora cedem ás noções glyptographicas e a outras scientificas subsidiarias ao magno assumpto.

E' por isso lisongeiro assegurar hoje que a affinidade desses monumentos pre-historicos é manifesta, na ordem comparativa aos de centenas de exemplares entre as regiões do Brasil, com as do Chile, Argentina, Guadelupe, Guyana, E. U. da A. do Norte, Jerusalém, Herzegovina, Provincia de Lião na Hespanha, Africa Oriental e Occidental, Macedonia e outras cidades da antiga Grécia, etc., todas pelo conferencista, a seu vêr, interpretadas, attingindo a 1.256 o numero total dessas inscripções lapidares, etc., das quaes offerece alguns exemplares em bellas projecções luminosas.

Discorreu com admiravel proficiencia sobre as Tradições faladas e escriptas, lembrando-nos a citação referente a Humboldt, que diz frequente entre os dois mundos, a manifesta communicação, nas cosmogonias, nos monumentos, nos hieroglyphos, nas instituições dos povos da America e da Asia, podendo-se dizer que todas as recentes descobertas vêm justificando as asserções do grande sabio.

Demonstrou a surprehendente affluencia do elemento epigraphico da antiga Grecia no continente americano, como que, demonstrando a sua supremacia ou relatividade á Phenicia, em éras pre-historicas. O que, depois de recentes pesquizas, foi averiguado que antes da época historica, o homem existia já sobre o solo grego e que tinha passado por diversas phases pre-historicas.

O certo é que sua actividade colonial era de tal forma grande que por toda parte propagaram sua lingua, sua mentalidade, suas artes e o seu systema politico, o que demonstram em suas epigraphias os partidarios de Pesistrates, na região da Bahia, e os de Solon, no Rio Chalinga, no Chile. O que sobretudo distingue a cultura do povo grego, é o seu harmonioso complexo de dons superiores do pensamento, nas prodigiosas faculdades das varias expressões do sentimento humano. Pode-se dizer que a historia de sua evolução representa, em miniatura, a da humanidade inteira.

Embora a historia permaneça muda sobre as primeiras phases do seu desenvolvimento e que tenha se habituado a considerar as primeiras façanhas de sua juventude, a guerra de Troya, como pertencendo a idade mythica, a ponto de pôr em duvida a existencia de Homero e de vêr as obras literarias a Iliada e a Odysséa como ficção poetica de autores anonymos, as memoraveis descobertas recentes de Schliemann em 1870, das ruinas da antiga Troya, taes como foram descriptas por Homero, constituem uma prova indiscutivel em favor d'um facto historico; porque em consequencia dessas descobertas e mais tarde por outros archeologos francezes e inglezes, encontraram não sómente as ruinas das antigas cidades da região onde teve logar a guerra de Troya, como ainda obras d'arte primitiva, vasos em argilla ornados de figuras e taças de ouro, etc.

René Laufér, diz-nos que até 1870 quasi nada se sabia sobre a civilização hellenica e a referencia das Acheos Doaenses, Lycios Teucrenses e Dardanenses, encontrada nos textos Egypcios do XIII seculo A. de C. deixava scepticos os hellenistas.

As escavações que desde 1871 foram effectuadas às margens e nas ilhas do mar Egeu, fizeram portanto recuar 3.000 annos nosso conhecimento do mundo grego, ellas revelam nessa esphera a existencia d'uma importantissima civilização, que precedeu muito a civilização classica e da qual restava apenas vaga lembrança, no tempo de Homero, isto é, no VII e VIII seculo.

Esta civilização pre-historica e "pre-hellenica", como denominam os archeologos, offerece tres phases correspondentes ás influencias que successivamente dominaram da Egêa 3.000 annos A. C. a Minuense ou Cretense a Mycenica de 1.500 a 1.100 ou 1.200.

Estes e outros factos, terminou o conferencista, constatam a existencia dos gregos em nosso continente em eras prehistoricas e hoje é da essencia inconteste de noções glyptographicas e admiraveis artefactos ceramicos e paleolithicos, abudantemente encontrados em escavações de 3 a 76 metros de profundidade em nossas regiões e ora alguns descriptos e collecionados no nosso Museu Nacional como tambem figuram bellas como são, no paciente trabalho que ora apresenta o conferencista aos cruditos conhecimentos das instituições scientificas.

Muito além attingiu o illustre conferencista sobre prehistoria americana, etc., terminando pelo glyptographia, offerecendo uma variedade de projecções como base de sua segunda e ultima conferencia que terá logar amanhã as 20 ½ horas no mesmo local, sob o ponto demonstrativo e de interpretações de 35 inscripções, importantes a terminar pela do morro da Gavea.

O conferencista foi calorosamente cumprimentado e saudado pelo exmo. sr. dr. presidente da Republica, representantes de instituições scientificas e selecto auditorio.

Do "Rio Jornal" de 28 de Dezembro de 1921.

*

CONFERENCIAS

Na Sociedade de Geographia o coronel Bernardo Ramos, conhecido e reputado scientista patricio fará hoje, ás 8 ½ horas da noite, a sua segunda e ultima conferencia.

Como na primeira, S. S. revelará os seus profundos conhecimentos de archeologia, considerado um dos primeiros entre nós.

O acto, como o primeiro, terá a honrosa comparencia do Sr. Dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica, além de associações scientificas desta capital.

Sendo o assumpto de alto e palpitante interesse, é de esperar que será grande a concorrencia por parte dos que por elle se interessem.

Serão levadas a effeito 35 projecções glyptographicas inclusive a do morro da Gavea, de grande valor prehistorico.

Do jornal "O Combate" de Terça-feira 27 de Dezembro de 1921

*

CONFERENCIAS

Hoje e no dia 27 do corrente o coronel Bernardo Ramos realiza na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro duas importantes, conferencias sobre a prehistoria amazonica.

As conferencias do coronel Bernardo Ramos, que é um erudito estudioso de taes assumptos naquella região do paiz, são patrocinadas pela Sociedade de Geographia e pelo Congresso de Americanistas.

Do "O Paiz" de Quinta-feira 22 de Dezembro de 1921.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

AS INSCRIPÇÕES NAS PEDRAS DO BRASIL — CONFERENCIA DO SR. BERNARDO DE AZEVEDO DA SILVA RAMOS

Com a presença do Dr. Epitacio Pessoa, Presidente da Republica e de innumeros socios e convidados da Sociedade de Geographia, realizou o Sr. Bernardo de Azevedo da Silva Ramos duas conferencias na séde dessa sociedade, sobre as inscripções existentes nas pedras do Amazonas, Pará, Rio Grande do Norte, Ceará, Parayba, Bahia e Rio de Janeiro.

O conferencista reside em Manáos e tem dedicado toda a sua vida ao estudo das inscripções que se encontram esparsas pelo Brasil, sem até hoje achar tradução. Depois de tel-as photographado, o Sr. Ramos foi para a Palestina, Grecia, Egypto, Persia e Syria, onde comparou os caracteres e signaes com os existentes nos antigos monumentos das velhas civilizações. Estudou os alphabetos phenicio, grego, sanskrito, persa e arabe, chegando assim a encontrar a chave da decifração das palavras gravadas nos rochedos brasileiros.

Por meio de projecções luminosas, o autor mostrou uma por uma essas escriptas hyerogliphicas, que desafiam a curiosidade dos sabios e dos excursionistas brasileiros. Em geral, são de origem phenicia essas letras. Ha muitas que se filiam ao alphabeto grego. Todas ellas se referem a seres mythologicos, astros, reis e homens illustres. Pelas epocas, poude o conferencista identificar a data das referidas inscripções. São de uma era superior a mil annos antes de Christo. Parece mesmo que remontam a 1.600 annos anteriormente á era christã. Por essas vestigios, concluio o Sr. Ramos que os phenicios estiveram no Brasil, por aquelle tempo, deixando da sua passagem esses traços inapagaveis. Como vieram elles? Trazidos talvez pela corrente do golfo de Guiné da mesma fórma que, tres mil annos mais tarde, aqui aportou Cabral, arrastado pela mesma corrente.

O estudo do Sr. Ramos é interessante e está largamente documentado. S. S. pretende publicar em livro o resultado das suas investigações, O Almirante Gomes Pereira, em nome da Sociedade de Geographia, felicitou e agradeceu ao autor desses trabalhos, pela contribuição de alto valor scientifico que elles encerram.

Do "Jornal do Commercio" de 29 de Dezembro de 1921.

*

CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS

Realizou-se no dia 18 do corrente a sessão semanal do "Comité Organizador do XX Congresso Internacional de Americanistas", sob a presidencia do Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, secretariado pelos Srs. Drs.: Professor Sergio de Carvalho e M. Gitahy de Alencastro; achando-se presentes os seguintes Srs. Drs.: Simoens da Silva, Sergio de Carvalho, Theodoro Braga, R. Thomé Bezerra, Adolpho Diniz, Antonio Augusto de Serpa Pinto, Coronel Bernardo da Silva Ramos, Francisco Francolino Camêu, Carlos Domingues pelo "Brazilia Klubo Esperanto", M. Gitahy de Alencastro e Olympio Barreto.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente que constou do seguinte:

. . . .

O Coronel Bernardo da Silva Ramos, do "Comité" Local do Amazonas, diz que compareceu á sessão com dous fins: Um de agradecer as attenções que o "Comité" lhe prestara por occasião das suas conferencias sobre as "Inscripções Lapidares do Brasil" realizadas na séde da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro: e o outro, de apresentar as suas despedidas ao "Comité" Organizador do XX Congresso Internacional de Americanistas, por ter dentro de poucos dias partir para Manáos, onde porá a sua boa vontade e a sua actividade á disposição do mesmo Congresso.

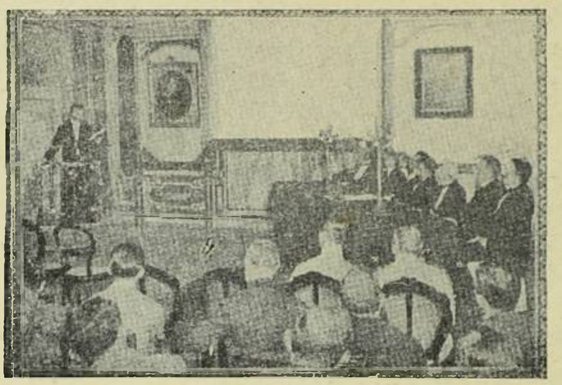


Fig. 2.113

Conferencia presidida pelo Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, Presidente da Republica Brasileira, realisada pelo autor, no salão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 22 e 27 de de Dezembro de 1922.

O Presidente felicita o Coronel Bernardo da Silva Ramos pelo valor dos seus trabalhos e faz votos para que seja publicada tão importante obra, augurando a S. S. feliz viagem e um anno prospero.

O Dr. Sergio de Carvalho, com a palavra refere-se em termos elogiosos ao valor pessoal do consocio Coronel Bernardo e declarando-se um devotado admirador de S.S. pela grande obra que virá enriquecer os estudos ethnographicos da nossa patria; e faz sinceros votos que os esforços de S. S. sejam coroados de exito que se impõe.

O Dr. Antonio Augusto de Serpa Pinto, com a palavra, propõe em termos captivantes que seja inserto na acta um voto de grande louvor ao Coronel Bernardo da Silva Ramos, pelo copioso trabalho a que se entregou em tantos annos de estudos, o que foi unanimemente approvado.

O Coronel Bernardo A. da Silva Ramos agradece mais essa distincção que os membros do "Comité" lhe acabam de conferir.

Não havendo nada mais a tratar, o Presidente encerrou a sessão, marcando outra para o dia 25 do corrente.

Do "Jornal do Commercio" de 29 de Janeiro de 1922.

*

UM SABIO BRASILEIRO

UMA ENTREVISTA COM O ARCHEOLOGO DR. BERNARDO RAMOS

"E' o que não deixará de surprehender o mundo scientifico: o entrelaçamento da prehistoria dos gregos e dos phenicios com a nossa prehistoria".

Já é do conhecimento publico o successo alcançado pelo archeologo nacional dr. Bernardo Ramos nas duas esplendidas dissertações sobre "A Glyptographia e a Prehistoria", a que affluiu o mundo intellectual carioca, inclusive s. ex. o dr. Epitacio Pessoa, digno Presidente da Republica,

Como essas palestras, entretanto, sejam a summula de uma importante obra — "Inscripções e Prehistoria do Brazil" — que sabiamos pretender publicar, interessámo-nos em entrevistal-o a proposito. Excusado será dizer do cavalheiroso acolhimento dispensado a "Gil-Blas" pelo nosso illustre compatricio.

— Assistimos ás conferencias que o doutor effectuou recentemente sobre um trabalho glyptographico que pretende publicar. Poderia dizer-nos ha quanto tempo vem se dedicando a esses estudos — perguntámos-lhe.

— O trabalho a que allude é consequencia, na parte paleographica, de um outro sobre numismatica. Do actual occupo-me ha nove annos e o seu valor, em these, tive a satisfação de demonstrar nas duas conferencias aqui realizadas em 22 e 27 do mez proximo passado, e que mereceram o generoso patrocinio da "Sociedade de Geographia" e do "XX Congresso Internacional de Americanistas": foram ambas illustradas por projecções luminosas e penso haver nellas demonstrado minha these.

Este trabalho penso ser uma revelação, clara, firmada em elementos glyptographicos e nesses sublimes monumentos epigraphicos que até agora permaneceram indecifraveis.

Sim, elles ahi estão secularmente, partidos muitos e consumidos pelos elementos, mas relatam ainda com expressão, providencialmente — ora gravados, ora pintados de uma maneira indelevel — a sua origem, reveladora, em verdade, de um passado tradicional e que alcança factos da velha historia do mundo, com estas noções prefaciando uma outra para nós até então envolta no mais perplexo mysterio, que, afinal, ora se decifra . .

Assim, estas inscripções lapidares, que attingem a 1.256, quasi todas em grego primitivo e em phenicio, estudei-as eu e todas as interpretei: são muitas do Chile e da Argentina — verdadeiros monumentos, — a par ainda de outros astronomicos, symbolicos, como de profusos elementos ceramicos desenterrados dos *mounds builders*, das necropoles, etc., contendo interessantes figuras zoomorphas e anthropomorphas, symbolos e inscripções mythologicas, arrecadados muitos ao nosso "Museu Nacional". Donde se deduz, chronologicamente, a contemporaneidade, pelo menos, entre os velhos paizes da Europa e a America, e do mesmo modo as relações entre o oriente e o occidente, conforme queria o sabio Humboldt, na sua entrevisão dessa alta antiguidade.

— O que mais vivamente o impressionou na interpetação dessas inscripções?

— E' o que não deixará de surprehender o mundo scientifico: o entrelaçamento da prehistoria dos gregos e dos phenicios com a nossa prehistoria! Sim, é ter a moderna Grecia de vir constituir sua prehistoria, ignorada neste ponto, com effeito, desde que se acha agora identificada com a nossa, ou restrictamente ligada á mesma, muito me desvanecendo este facto, comquanto seja ainda dependente dos competentes.

* * *

O que muita luz trouxe a este magno problema foram as excavações effectuadas em 1871, donde resurgiram cidades antigas, aspectos dessa civilização remota, nas margens e nas ilhas do mar Egeu: foi principalmente a descoberta de Troia, dessa Troia que já muitos historiadores tinham na conta de lendaria, por Schliemann, o que nos fez recuar tres mil annos quanto aos conhecimentos do mundo grego, revelando-nos essa importantissima civilização, que muito precedeu á classica, e da qual restava apenas uma vaga lembrança no tempo de Homero, isto é, no VII ou VIII seculo (A. C.) . . .

— O que nos diz sobre as inscripções do Brazil?

— São de grande valor epigraphico, a começar pela do morro da Gavea — cuja demonstração levei a effeito em todo o ponto iconographico, até o extremo norte. Essas importantissimas inscripções encontram-se em maior numero nos sertões do Ceará, da Parahyba, Bahia, Rio G. do Norte, Amazonas, etc.

O meu trabalho, porém, não se limita só no Brazil ou ao continente americano: extende-se tambem a todo o hemispherio occidental e a alguns paizes da Europa, Africa, etc., onde os caracteres são de toda a affinidade e assim constatam os belissimos e interessantes trabalhos que colleccionei, num longo periodo de perseverantes investigações, auxiliando-me bastante nestes estudos os que aproveitei em minhas viagens ao Egypto, á Palestina, á Syria, á Grecia, etc.

— Não seria opportuno editar sua obra para o tempo do centenario de nossa emancipação politica?

— Sim. Fôra este o meu maior desejo: depende essa empreza, porém, de tantas circumstancias que penso, com grande pezar, nada poder conseguir, sendo obrigado a regreessar á minha terra, o Amazonas, que se vê na impossibilidade de me auxiliar nesse proposito, diante da longa crise que vem atravessando.

Demo-nos por satisfeitos e despedimo-nos, agradecendo ao redactor de "Gil-Blas" as attenções para consigo. Fizemos-lhe sentir ser esta a missão de um pamphleto nacionalista, como o nosso, e que se acha no indeclinavel dever de acompanhar carinhosamente tudo que diz respeito á grandeza do Brazil, como succede agora com o seu genial trabalho.

O dr. Bernardo Ramos, por varias vezes teve o ensejo de representar a nossa Patria perante as primeiras potencias, no caracter de missionario scientifico, sempre se havendo de maneira a mais brilhante. E' membro de numerosas e importantes aggremiações, como o Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, o Inst. de Historia Internacional de França, etc. Coube-lhe a honra de ser vice-presidente do Jury Internacional de Grupo e de Classe da Exposição Universal e Internacional de Bruxellas. E' autor de uma obra manumental — "Colleção de Numismatica", prefaciada elogiosamente pelos inclytos professores Dante Valieri, prof. de archeologia da Academia Romana e Vicenzo Grossi, prof. de ethnologia da Universidade de Genova.

Desse sabio brasileiro dr. Bernardo Ramos, melhor do que nós já o disse a opinião autorizada de Rocha Pombo, o maximo historiographo nacional.

Do "Gil-Blas" de 27 de Janeiro de 1922, com uma fotographia do autor.

⁂

O AMAZONAS E SUAS TRADIÇÕES PREHISTORICAS

E' no vasto solo amazonense e em seu magestoso Rio Mar — pujante de incomparavel grandeza mundial «que estão resumidas com forças incommensuraveis, tantas provas, as mais irrefutaveis, as mais maravilhosas, as mais attrahentes de sua providencial potencia, razão por que, ellas apparecem á nossa imaginação envoltas em um Divino Mysterio ».

A observação methodica, paciente e investigadora não penetra, não descortina, senão superficialmente, esse conjuncto da prodigiosa natureza, unificado em tão fascinador mysterio. Do mesmo modo, complexas e vagas, se nos afiguram as tradições do inicio do bello ideal civilisador, nesse organismo magestoso, em éras prehistoricas, ante as quaes são vacillantes as cogitações scientificas.

Fala-nos disto accidentalmente o grande sabio Humboldt, mas a successão dos recentes factos vem se incumbindo admiravelmente de confirmar e ampliar suas lucidas previsões.

Em outro prisma, precedera-o uma pleiade illustre de outros scientistas, sofregos de descobertas e factos sensacionaes, internando-se embora perplexos e temerosos com setta hervada, na penunmbra apenas, deste grande e ignoto Eden. Entre estes proselytos da sciencia, encontram-se os inclytos La Condamine, Agassis, Martius, Bates, Wallace, Xavier de Sampaio, Chandles e tantos outros. Falam-nos com erudição das sciencias naturaes, como infelizmente resvalam alguns ao terreno sinuoso das chimeras e phantasias.

Indifferentes ao assumpto da nossa epigraphe, envolvem-n'o á feição da mais atroz ironia e incredulidade.

Não trepidamos affirmar, entretanto, a sua irrefutavel exacção e que é da cadenciada sciencia archeologica sob o ponto de vista glyptographico, principalmente, que dimana a solução de tão magno e secular problema, cujo exemplo synthetisa o Egypto e a Assyria. Neste proposito e admittindo a boa vontade, em antagonismo á incompetencia nossa, recorremos a um meio suave, o da lealdade e da justiça, e é a que invocamos aos eruditos, para este rapido esboço.

Tomemos pois a philologia como ponto inicial e assim a preciosa carta geographcia elaborada pelo illustre P.^e Fritz, cujo original, além de reproducções exparsas, existe na Bibliotheca Imperial de Paris, da qual M. de La Condamine utilisou-se em sua fecunda viagem ao Amazonas.

Nella encontram-se, a partir da imponente região de Yapurá a Codayá (que segundo a etymologia hebraica, deve seu nome a uma grande ruptura ou fenda do solo), consideraveis nomes de tribus e localidades, cujas origens, como a precedente, restringem-se rigorosamente ao hebreu e ao grego, conforme constatam profundos estudos philologicos. O mesmo acontece em tantas outras regiões do Amazonas, notando-se relativas corruptelas naturaes, oriundas do accumulo de tempos prehistoricos decorridos á nossa era.

Além desta extraordinaria circumstancia, envolve o ponto limitrophe do Brasil com a Republica da Colombia, circumscripto á região Yapurá, Rio Iquiari ou *del Oro* e o monte Coppati, séries consideraveis de inscripções lapidares de alto valor, e vinham sendo indecifraveis, ao computo chronologico e descriptivo de nossas tradições prehistoricas, executadas em caracteres de estylo linear e figurativo do primitivo grego e phenicio.

Já interpretamos esses verdadeiros monumentos, que assignalam alli. *Culto a Jupiter, á Justiça, á Força, á Igualdade; — Aviso da situação da aldeia ou Cantão; — Local dos navios movidos a remo e a vela; — Estação dos soldados sculhas, empregados em fazer a policia local; — Allusão á mulher que atira o dardo ou lança flechas (As amazonas); — Ameias das muralhas por onde se atiram flechas*, além de tantos outros assumptos interessantes, analogos a éras remotas que vamos precisando.

Semelhantes inscripções com outros dizeres de valor tradicional acabamos de interpretar e encontram-se localisadas em Pandi e nos Municipios de Viotá e el Colegio, na Colombia.

Eis factos e exemplares sensacionaes, sobre os quaes de longe viemos raciocinando e acham-se á mercê das investigações e lucidez dos scientistas. Ao sabio Onffroy de Thoron, muito devemos o estudo da parte philologica, a que acabamos de nos referir, quanto a nomes das localidades e tribus, algumas já hoje extinctas.

A parte epigraphica já existente, como a dos effeitos precedentes, ao tempo do inicio das colonizações portugueza e hespanhola, é tarefa nossa que pensamos haver interpretado glyptographica e iconographicamente, além de tantos outros identicos monumentos disseminados em grande parte do globo.

Delles falam-nos no que importa á nossa região, noticiando-os e offerecendo alguns exemplares, von Martius, Ferdinan Deniz, Debret, Koch Grunberg, Garrick Mallery, Ricard Andre, Alfredo de Carvalho, De Nadaillac, Theodoro Sampaio e outros, attribuindo aos selvagens da éra colonial, "*essas garatujas sem valor*", asserção discordante do nosso modo de ver.

As razões que offerecemos aos notaveis scientistas, constam do nosso modesto trabalho — *Inscripções e Tradições do Brasil Prehistorico*, infelizmente inedito, por falta de recursos.

Esta circunstancia traduz e faz-nos conformar o seguinte trecho de um artigo, que se nos releve accidentalmente aqui citar, e mimoseou-nos o illustre escriptor A. O. Bernardo: "Que se não modere o vosso enthusiasmo, nem se arrefeça a vossa fé deante dos desenganos da era ou da frieza criminosa com que vos recebem aquelles que vos deviam animar e ajudar!"

Proseguindo em nossas breves cogitações sobre a região emocionante do Yapurá, temos de consideral-a com justiça, uma das mais ferteis em tradições, que alcançam a velha chronologia, parallelas ás do legendario Solimões, repousando em ambas elementos scientificos a compulsar e que na generalidade interessam á archeologia, anthropologia philologia e ao Americanismo emfim, e suggerem intensa luz á solução do magno problema das nossas tradições prehistoricas.

*

Intuitivamente occorre-nos um facto recente, em relação ao que nos occupamos, mas de certo alcance prehistorico, e é o que se refere a Orellana e alguns bandeirantes, sobre o qual com habil lucidez, se externa notavel litterato: "Orellana, egresso das alturas andinas, com a imaginação ardente do ibero desce-lhe o curso inviolado e cria no ennevoado choque d'um combate, a mais formosa phantasia que se tem registrado no baptismo anedoctico do immenso valle — As Amazonas".

«Em seguida sobem-lhe a caudal marematica e loura ao sabor perenne dos allisios, outros bandeirantes. . . »

«A viagem em busca dos socalcos andinos, aproada á estancia dos Incas, atravez de gargantas cyclopicas na cordilheira, remata-se pontilhada de heroismos, de incidentes dramaticos de lances epicos. Os exploradores, visto o ceu de perto, os fogos das espheras na cumiada azul dos montes, sobre a ruina de civilisações remotas, voltam para o juzante contando maravilhas do grande *raid* ».

Mas Orellana, a nosso vêr, na ancia de sua imaginação sedenta de glorias e ambições, creou n'essa phantasia conceitos ephemeros, que o precipitaram por fim ao mais emmaranhado e atroz destino. Simulou a realidade tradicional de uma particula do magno problema, que ora nos desvenda a glyptographia, na serie de inscripções a nós particularisadas, como acontece a varias outras regiões do globo, problema que vem de muito occupando a attenção dos mais provectos sabios archeologos e explicitamente envolve a existencia das celebres Amazonas em nosso Continente, em eras prehistoricas.

Assim com effeito, nos demovem a crer taes revelações epigraphicas, constatadas pelos sabios da antiguidade, alem da communicação entre o Oriente e o Occidente.

Façamos pois justiça a Orellana, e á sua cultura, que não seria entranha ao que já haviam predito esses sabios, entre elles notadamente Platão, Cicero, Statius e Diodoro da Sicilia.

O que emfim estimulou a emoção precoce e phantastica de Orellana, teve sua origem no enleio d'estas tradições, e neste lance mystico, reflectiu o nome consagrado a esta decantada região.

*

Divergente entre lexicologos hellenistas é a significação da palavra — Amazonas —: Alexandre e Chassang, definem-n'a de modo diverso a Bandry, Breal, Manury e Burnaul

«...Mulheres da Scythia, valentes e guerreiras, referem elles: viviam sem *varões*; queimavam ás meninas o seio direito, para quando *mulheres*, não tivessem embaraço algum em atirar com o arco ».

«Segundo Diodoro de Sicilia, as Amazonas occidentaes, percorreram muitas partes do Mundo e tiveram conhecimento da Atlantida de Platão. A patria das Aziaticas era situada na bacia circunscripta pelos mares Negro, d'Azof e Caspio, remontando a interessante mythologica historia das Amazonas, ao V seculo antes da tomada de Troia e 1.500 annos antes da nossa era ».

« A palavra Amazonas, a partir do que pensam varios scientistas, origina-se do grego — *amaxa* — amaxion, cuja significação é: pequena berlinda especie de carro de 4 rodas de que se serviam as Amazonas para combater o inimigo. Estas amaxons, entre as mulheres guerreiras scytas, assemelhavam-se aos *tabers* ou *wagembaurg* dos Germanos; mui parecidas com as *tendaus*, tendas ou *tanuas* (*tabas*) dos nossos indios americanos. Ainda hoje varias tribus nomadas d'Azia, vivem como algumas tribus da nossa região, sobre as suas *amaxions*, como verdadeiras *tauas* ou tendas. Em astronomia, temos *amaxa*, *amaxion*, a constelação da *Grande Ursa* ».

O que porem é original e nos interessa, é encontrarmos em nossa epigraphia, series desta palavra em inscripções de varios Estados, sendo a da Cachoeira de Itamaracá no Rio Xingú, verdadeiro monumento, nesta ordem, cujo achado e reproducção graphica devemos ao sabio paraense Dr. Domingos Soares Ferreira Penna.

Pois bem, essa artistica e sublime inscripção, revela, ao que parece,as formas de uma *amaxion* (*tauas* ou *tendas*) com todos os seus pertences contendo em suas disposições e entrelaçamento a palavra citada e tantas outras congeneres.

Logo, o vocabulo — Amazonas — de immenso valor para nós, tem ainda tantas outras origens, que a philologia melhor discriminará, não obstante muito longe distam suas tradições, a par de controversias de varios e notaveis historiographos.

*

Tudo isto, prende-se ainda ás tradições das triennaes viagens das náos de Hiran e Salomão ao Rio das Amazonas, cujo ancoradouro teria sido o Rio Yapurá, região grandemente fertil e privilegiada em ouro e outras preciosidades — o Ophir biblico — A ella attribue-se certo concurso á ornamentação deslumbrante e unica no mundo, do magestoso Templo de Salomão, sendo estas, as theorias de Thoron, que admittimos com restricções.

Ha porém um facto de alto alcance tradicional prehistorico a nós particularizado e refere-se ao sensacional achado archeologico, de uma pedra com inscripção, pelo sabio M. Warren, retirada dos fundos alicerces desse grande Templo, do qual assim nos fala Josepho: "constituia, por si, uma obra das mais gigantescas, da qual o homem podesse e tenha ouvido falar".

Essa inscripção, que remonta a 3 mil annos, contem caracteres da vetusta escriptura grega, semelhantes aos que se encontram não só em nossas região como tambem em todo continente Americano, etc. A interpretação que lhe demos diverge das de M. Warren, G. Perrot, Petermann e Deutsch, constitue um dos prolixos assumptos, que se encontram desenvolvidos em o nosso referido trabalho.

Este facto é um dos muitos que põem em parallelo a contemporaneidade do uso de semelhantes caracteres, n'aquella, n'esta e outras partes do globo, e segundo dissemos, vem desorientando de muito, a penetração de sabios archeologos.

*

A secular e vasta necropole (miracãuera), que resguardou em seu seio através de impenetravel mysterio, as sagradas *betyles*, reliquias e despojos dos arrojados autores dos nossos monumentos epigraphicos, por um phenomeno geologico, cedeu um dia, a profanação caudal do grande rio.

Este sensacional facto proporcionou á archeologia amazonense, elementos valiosos na evidencia das suas tradições.

Na irreprehensivel ceramica alli arrecadada, resalta a mais genial execução artistica em estylo uniforme e bello, em todo semelhante a de antigas eras, existentes nos mais importantes museus.

O que nos revela a excepcional variedade de urnas funerarias, alli encontradas, asylo das ossadas e cinzas dos que n'aquella região viveram e desappareceram, em periodos de seculos, é de extrema analogia ou apparencia ás de usos peculiares aos phenicios. Isto constata Oncken, tratando em sua importante Historia Universal, dos costumes deste celebre povo: « Em sarcophago de barro, vê-se que a tampa apresenta uma mascara correspondente á cabeça do cadaver, tendo no ouvido um orificio que penetra até ao interior, prova evidente de os phenicios julgarem susceptiveis os mortos de ouvirem o que se dizia ».

Essa figura attribue-se á representação de Tanit, divindade phenicia.

Parallela a esta sombria região, cujos barrancos attingem, nas vasantes, a 10 metros de altura, deslisa mansamente ao poente o Rio Urubú, theatro dos mais ignominiosos successos, que valem esquecer, dos tempos coloniaes. Os locaes Maquará, Sangai, aliás Sangaris, Aybú, verdadeiros museus epigraphicos, assignalam suas inscripções em caracteres phenicios e gregos, illações vehementes á estabilidade e clarividencia do problema de nossas tradições prehistoricas.

N'ellas interpretamos allusões sobre: *A grande montanha Mahobita, onde mandou Deus que Moysés subisse para contemplar a terra de Chanaan; a Glalaad filho de Machir; — a Gaal filho de Obed; — a Belial*, e finalmente a *Bel ou Belus*, primeiro rei de Babylonia

Com expressiva arte e belleza, temos a concebida nestes termos: *Em Paz. — Limite e Fronteira, deliberadamente firme e forte*; alem da que concita *Asa, rei de Judá e Heber*,

filho de Salé, a compartilharem, no local, das delicias proporcionadas por Eghe ou Ig, divindadade Phenicia, tão invocada e esculpida nos altos rochedos, á qual attribuiam a acção suprema do ar e do vento.

Sob o ponto de vista ao civismo e a quanto attingia o organismo social então, nessas eras que vinham perdidas, n'um mysterio que ora se dissipa, revela-nos a seguinte inscripção de alto valor tradicional:

Pedra das promessas obrigações e tratados, ao mandato de fidelidade e boa fé, justo e equitativo, concernente á multidão do povo congregado em um só corpo, sinceramente tocante á palavra e ao coração emfim.

Juntemos a esta, a monumental inscripção do litoral da cidade de Itacoatiara, cuja interpretação já fizemos conhecida, temos suffficiente elemento para reflectir com lucidez, sobre o nosso capital assumpto; entretanto, iremos além.

*

A região Amazonense, comprehendida do alto Rio Negro, Branco a Lages; Rios Uatumã, Jatapú e outros, além dos já citados, é fertil destes monumentos em determinados pontos, dos escarpados e cristas dos montes e sobretudo nos blocos e lagedos marginaes, offerecendo o mais solemne testemunho das nossas tradições anti-historicas.

Zeus, Aphrodite, Helios, Selene, Kronos, Ermes e Ares, são ahi assignalados reverentemente como acontece com frequencia ao nordeste do Brasil; *Isis, Tanit, Baal, Astarte Ig, Belus, Asa, Heber, Og,* etc., preponderam aqui e *Jethbaal, Badesir* ou *Badesor, Tezur* ou *Tyro* etc., ou as palavras profusamente repetidas e em tom dogmatico ou lemma: *E' insensatez não ser Forte, Justo, Unido e Methodico, conforme as leis da Emulação,* alem de tantas outras phrases e pensamentos, aqui, ao Nordeste e Sul, como *Força, União, Equidade, Tenaz, Firme e Solido,* em quasi todos os pontos do globo, onde existem, sem decifração até hoje, estes singulares monumentos!. . . São encontrados profusamente, descendo ou penetrando o Rio Negro, em suas margens, sobretudo em zonas encachoeiradas, especimens tão extraordinarios e de alto alcance em nossas hoje reatadas tradições. Eis uma vaga resenha:

Local dos calculos, fiscalisação, raciocinios e argumentos; — *Séde ou local de honra e ordenações;* — *Dissertação, tratado, palestra e conferencias;* — *Companhia, sociedade, reunião e assembléa;* — *Emboscada, destacamento, companhia de soldados, ancoradouro de esquadra, flotilha, ou frota;* — *Limites intransponiveis;* — *Embarcação a remo para transporte a libações ou sacrificios ás almas ou aos defuntos;* — *Pateras e vasos ceramicos;* — *Diana e seu sobrenome Orthia, conforme os Lacedemonios;* — *O ensino dos deveres do cidadão;* — *Resumo, direcção, guia de marcha de viagens;* — *Sabio da arte da palavra, eloquencia que a preside,* etc.

Manáos não passou despercebida a estas lembranças epigraphicas, o que evidenciam blócos de seu litoral, que escaparam, no regimem antigo, da infeliz ideia de serem convertidos em material de obras publicas! Dois dentre elles, seguiram em 1884, para o Rio de Janeiro, alem de outros tantos procedentes do Rio Urubú, não nos sendo possivel delles obter noticias, apesar do empenho aliás justo de nossa parte. De um porem, conseguimos por feliz acaso, sua bella, artistica e curiosa inscripção: obedece ao estylo grego, linear e figurativo, envolvendo lineamento phalloide, de permeio a caracteres dispostos com arte, dos quaes se deduz tres vezes as palavras TRATADO DE AMOR.

Resta ainda um grande blóco em face dos desapparecidos contendo em caracteres phenicios, as celebres palavras mysteriosas, do ultimo festim de Balthazar: MANE, THECEL, PHARES, em vias de completo desapparecimento, as quaes nem de leve procuramos dar feição prophetica, restringindo-nos á interpretação textual apenas.

Impossivel portanto seria resumir o assumpto de mais de 1400 inscripções, que a tanto attinge o numero das que temos compilado e interpretado.

Assim, essas inscripções systematisadas a caracteres dessas primitivas escripturas, fixam por si, o periodo de seu uso, empregado em epoca determinada e auxiliam como chronologicamente determinam e ampliam os factos com ellas assignalados.

E' por isso, e com razão, que Vigouroux, considera a vetusta inscripção de Stela de Mesa, rei de Moab, de existencia relativa a 989 ou 897 A. C., em confronto com a de Siloé, de data posterior, servindo de termo de comparação, para avaliar-se a idade approximativa dos monumentos esculpidos, com uma semelhante analogia.

«O facto de nenhuma interpretação se haver dado até hoje a estes rudes glyphos, diz o grande sabio J. C. Branner, deve ser um incentivo para uma compilação que ainda podemos levar a effeito reunindo os anneis dessa cadeia, que prende a civilisação de hoje, á de seculos sepultados nas trevas ».

Eis o que fizemos, no decurso de alguns annos, de arduo e perseverante labor.

Ahi pois, nesses originaes archivos de rudes blocos de pedra, deixaram indelevelmente reflectir, os Phenicios e Gregos, a imagem do seu emprehendedor ideal artistico, a lembrança da patria e de seus maiores, as normas liberaes de suas confraternisadoras leis e o transporte emocionante de suas mythologicas divindades.

Tão precioso legado contem o mysterioso problema, que mercê de Deus, cremos haver resolvido e representa a synthese finalmente, das nossas Tradições Prehistoricas

Bernardo Ramos.

Da "Gazeta da Tarde" de 6 de Setembro de 1922

*

O CENTENÁRIO

O PROBLEMA PRE-HISTORICO DAS INSCRIPÇÕES LAPIDARES DO BRASIL, DE VARIOS PAIZES E SUA SOLUÇÃO

Fig. 939 — *"E' insensatez não ser Forte, Justo, Unido e Methodico, conforme as regras da Emulação"* Edito 18.
Inscripção lapidar, decifrada, de *Inhamu Cracará* (Ceará).

Em preambulos de unisono jubilo e justo esforço emprehendedor vinhamos em geral aguardando sob todo o ponto de vista, o raiar desta faustosa data nacional, que através de um seculo, assignala o nosso pujante progresso, no convivio harmonioso das nações. De permeio, o clangor dos clarins militares, como outr'ora as trombetas de Josué nos arraiaes da fé, vem nos despertando n'alma o sentimento do dever patrio.

E' que o Brasil inteiro que se expande radiante de vida e de progresso, é a elle que devemos neste auspicioso momento, em retumbante harmonia, entoar hymnos de gloria e render todas as nossas homenagens do mais acrysolado amor e civismo. E' este o indeclinavel dever que ora exalta o patriotismo do mais obscuro brasileiro, a quem, seja

licito, no que lhe é peculiar e implicitamente attinge á nossa vida como nação, raciocinar sobre o assumpto proposto em a epigraphe acima, circumscripto á nossa prehistoria! cujas tradições remontam a seculos e vinham sendo sepultadas nas mais densas trevas!

Este magno problema que tanto deve merecer a nós, como á sciencia em geral, cumpre não esquecer neste momento, em que nos occorre o dever de exhibir ao mundo culto, quaes os nossos desenvolvimentos em todos os ramos do pensar e das multiplas actividades humanas, sendo portanto a solução deste problema de justo opportunismo, cuja ideia rapida ao que se refere ás inscripções e ao systema por nós obtido de as interpretar.

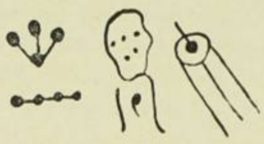


Fig. 2.114
Inscripção em pedras na Escocia
(J. V. Simpson)

INTR.: CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, JUSTO, PURO, VIRTUOSO, FIBRA, VIGOR, ETC.

Da historia da nossa era é enorme a phalange de competentes que, com proficiencia, dissertaram sobre ella, aliás, tão vasta e sublime quanto á prehistoria.

Assim preliminarmente diremos: é com effeito uma verdade hoje constatada pela glyptographia, philologia e iconographia, a profunda apprehensão do inclito sabio Humboldt, suggerida ao examinar e contemplar a vida e os monumentos dos povos americanos, assim resumida:

« . . Que se espanta de achar no fim do seculo XV, num mundo, que chamamos novo, instituições antigas, idéas religiosas e formas de edificios, que na Asia parecem remontar á aurora da civilisação; que acontece com as feições caracteristicas da humanidade, o mesmo que com a estructura interna dos vegetaes, espalhados pela superficie do globo; por toda parte se manifesta um typo primitivo, apesar das differenças produzidas pelos climas, pelo solo e pela reunião de muitas causas accidentaes; e que a communicação entre os dois mundos é provada de um modo indubitavel, pelas cosmogonias, pelos monumentos, hieroglyphos e pelas instituições das da Asia e America ».

Tudo isto encontra apoio e o revelam principalmente as noções glyptographicas, observadas sobre milhares de inscripções lapidares, em caracteres, na maior parte, do primitivo grego e phenicio, em estylo linear e figurativo. E' surprehendente não se restringirem esses monumentos epigraphicos ao Brasil sómente; sua expansão attinge a quasi todo o Hemispherio Occidental, como a muitos paizes, segundo constatam nossas gravuras e outros bellissimos exemplares, que temos com paciencia colleccionado e paleographicamente interpretado, no decurso de annos. De alguns, obsequiosamente nos facultam as importantes officinas de *Cá e Lá*, ligeiras gravuras, algumas reproduzidas da *Illustração Brasileira*, de 20 de Janeiro de 1922, e por nós interpretadas para uma demonstração de contemporaneidade, já que a falta de caracteres proprios, priva outros esclarecimentos, a estas resumidas interpretações, amplificadas, porém, em nossa inedita obra.

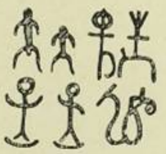


Fig. 2.115
Inscripção lapidar da provincia de Leon, na Hespanha.
(Julian Sanz Martinez)

INTR.: CEREMONIAS, EXEQUIAS, JUSTIÇA, FORÇA, VIGOR, CIVILISAÇÃO, AUTONOMIA, DESTRUIÇÃO, TENAZ, FIRME, SOLIDO, ETC.

A proposito de inscripções e o que ha oitenta e tres annos e mesmo em data mais recente, tanto ruido fez nos centros scientificos do Rio de Janeiro e da Europa, a famosa inscripção do Morro da Gavêa, que ora deciframos, restricta a caracteres phenicios, diz o historiographo Rocha Pombo, em um bello e profundo artigo, ultimamente publicado pelo *O Dia*, de 14 de dezembro de 1922.

Naquella data (1839), Porto Alegre e seus companheiros, externaram ante o Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, esta verdade:

«A descoberta de uma inscripção é um facto que póde fazer uma revolução na historia; que póde reconquistar idéas perdidas e aniquilar outras em pleno dominio: um nome, uma phrase em uma lapida pódem preencher, lacunas immensas, restaurando conjecturas e abrir uma estrada luminosa do passado ao futuro ».

Entretanto hoje possuimos milhares, não só phenicias, como na maior parte gregas, por nós interpretadas. Muitas exhibimos com exito em nossas conferencias, levadas a effeito perante associações scientificas na capital do paiz, em 22 e 27 de Outubro de 1921.

Tratando-se de um artigo embora, indispensavel é revelar que os povos da mais remota antiguidade, conheciam por sua vez a America, segundo sabios daquella época. Para esta affirmativa é-nos indispensavel fazer um breve resumo da velha historia, conforme referem diversos autores, taes como a citação biblica, por exemplo, sobre o amplo conhecimento dos phenicios em relação a todos os mares; como é sabido, serem elles mui posteriores aos Atlantes e estes mais velhos na arte da navegação além de possuirem numerosas frotas no Oceano Atlantico. Os dialogos de Tineo e Critias por Platão, reveladores de tradições egypcias anteriores ao cataclysma da Atlantida, remontando mesmo á invasão dos povos Atlantes sobre o nosso continente: os pormenores do quanto attingira o poder maritimo dos Atlantes, sua invasão e destruição, transmittidos por sacerdotes egypcios a Solon; o facto de haver Critias escripto seus dialogos com conhecimentos tirados de varias fontes authenticas e transmittil-as a Solon; a posição indicada por Platão da grande ilha Atlantida noOceano, em frente ao estreito de Gades ou Hercules, em seguida, apontando atraz desta, as numerosas ilhas que chamamos as Antilhas e mais alem a *grande terra firme*. Esta terra firme, diz Critias, é *um verdadeiro continente* de uma immensa extensão.

Eis ahi pois a America!

E para que não houvesse duvida, Platão accrescenta que, atraz desta terra firme, está *o grande mar* que actualmente chamamos o *grande Oceano*.



Fig. 2.117 Inscripção sobre rochas na Africa Austral. (De Nadaillac).

INTR.: SAUDE, FORÇA, ETC.

Resulta destas tradicções, que muitos seculos antes dos Phenicios, os dois Oceanos e a America eram conhecidos dos Atlantes e dos Egypcios; estes reconheciam nos phrygios relatividade contemporanea.

«Segundo Aelianus (Hist. 1, III) Theopompo, poeta e historiador grego, narra que Sileno ensina a Midas, rei da Phrygia, que, alem e longe da Asia, Europa e da Lybia (Africa) que são, diz elle, propriamente fallando *ilhas*, existe um *verdadeiro e unico continente* de immensa extensão e habitado pelos Meropios. Theopompo, chama este quarto continente, governado, diz elle, por Merope, filha de Atlas, rei da Lybia. Ha 3210 annos que esse reinava e sua filha, ha 3129 annos, era contemporanea de Hercules, de Theseo e de Lamedonte, isto é, cerca de 50 annos antes da Tomada de troya. »

«E' evidente que Midas I, rei da Phrygia, existia cerca de 400 annos antes do diluvio de Deucalião, pois Nannac, outr'ora rei phrygio, antecedeu este acontecimento de 300 annos, segundo Suidas ».

«O diluvio de Deucalião, que inundou a Thessalia, teve logar, segundo os marmores de Paros, 1329 annos antes da nossa éra. Admittindo que Sileno e Midas tivessem vivido cerca de 100 annos antes de Nannac, havia hoje 3800 annos, isto é, um seculo antes do di-

luvio de Inaacch, rei de Argos e pae de Phorone. Tiramos a consequencia de que, naquella epoca, o continente americano ou uma das suas partes, era chamado Maropis pelos Phrygios, e que este nome foi tambem conhecido entre os Gregos, entretanto é menos antigo que o de Atlantes ».

«Critias conta que os Athenienses resistiram á multidão infinita de inimigos armados, *vindos do mar Atlantico.* Faz tambem constar a colligação dos reis do vasto imperio dos Atlantes comprehendendo os da parte *da terra firme* (America) *sujeita a seu dominio* ».

«Segundo Platão, a esquadra dos Atlantes, se compunha de varios milhares de navios. Desfalcando a exageração, temos em as narrativas, que acabamos resumidamente de referir, *as provas da navegação do Oceano* por povos, cuja antiguidade, sobe alem do cataclysma da Atlantida e concludente é, que os povos dos dois grandes continentes se conheceram perfeitamente antes da epoca phenicia ».

«R. Festo Avieno, que, no IV seculo traduziu varias obras gregas, assegura que, *alem do Oceano ha terras e margens de um outro mundo* ».

Alem de tantas outras provas sobre o vertente caso, Deodoro de Sicilia, 45 annos, A. C., escreveu grande numero de livros sobre diversos povos do mundo. Entre seus escriptos, designa claramente a America com o nome de ilha, porque ignorava a sua extensão e conformação, acontecendo esta designação a Sileno, quanto á Europa, Asia e Africa.



Fig. 2.118
Inscripção das regiões do rio Chalinga, no Chile. (R. Rengifo).

(ENCERRA ASSUMPTO DE VALOR, QUE DIVULGAREMOS EM MOMENTO OPPORTUNO)

Herodoto affirma terem os phenicios, atravessado o Oceano, e Cantú, tratando deste extraordinario povo, cita este facto e commenta:

«Tem-se dito haverem se descoberto inscripções junto ás cordilheiras, que o Belus Assyrio e o Mithras Persico, tiveram o seu culto na America, onde as filhas do Sol, recordam as Vestaes, ao mesmo tempo que os palacios do Mexico e do Perú apresentam os typos e os hieroglyphos do Egypto ».

Estes argumentos tradicionaes, se bem que ultrapassem alguns a nossa these, reforçam preliminarmente as revelações, em parte deduzidas da nossa importante epigraphia, cujo problema na ordem paleographica, desvenda com precisão a nossa prehistoria, como tambem a de varios paizes. Isto, em relação aos hieroglyphos e ao cuneiforme, aconteceu aos Egypcios e Assyrios.

E' o que se conclue e o inexoravel tempo e a sciencia firmarão a verdade, a despeito de incredulos e pessimistas.

«Não foi senão encaminhado por vetustas tradicções que Colombo conseguiu immortalisar-se perante o mundo, com o seu pasmoso heroismo, reatando em nossa éra, a perdida derrota seguida pelos povos navegadores da antiguidade. Não lhe eram pois, estranhos estes valiosos subsidios, sobre a existencia do grande continente americano, como ainda os das narrativas de Strabon, Eratosthenes, Macrobo, Méla, Scylax, Plinio, Statius, Sebosus, Posidonius, Seneca e tantos outros sabios. Entre estes autores, alguns ha, de cujos escriptos existem apenas fragmentos; mas suas narrativas são relatadas por muitos outros historiadores ».

Na ordem chronologica tradicional, são vastos os elementos comprobatorios a recorrer, neste complexo assumpto.

*

É fóra de duvida que os Tyrrenios sabiam da existencia de alguma terra a Oeste do Oceano; os gregos, porem, tinham na America estabelecimentos desde data anterior á fundação de Carthago. Temos disto o testemunho nas narrativas em grego por Theopompo, reproduzidas em latim por Aelianus e nas do general romano Sylla (Plutarco) e em suas monumentaes inscripções. "Segundo o primeiro, Hercules foi visitar os gregos entre os Maropias, que habitavam fronteiro á Lybia os territorios occupados hoje pelo Brasil, emquanto Sylla conduziu este mesmo Hercules até o mar Hyperboriano ou Saturniano sobre o continente Croniano, onde habitavam os gregos; havia-os portanto ao sul e ao norte da America".



Fig. 2.119

Inscripção de Sangaris (rio Urubú, Amazonas — Brasil)

INTER.: FIO DA VIDA OU DESTINO, SUPERIOR EM EXTREMO A TODAS AS COUSAS, TRAIÇOEIRO EM DEMAZIA, PROJECTA AO LONGE TUA SOMBRA, AFIM DE SER FORTE E POSSANTE NOSSA ESQUADRA AO RUMOR DO VENTO, DO COMBATE E DA MULTIDÃO. (*)

«Os Carthaginezes, senhores do mar, bloquearam durante tres seculos o estreito de Gades, Cadix ou Gibraltar, para impedir os gregos e os Tyrrenios de se communicarem com o Oceano e as terras de Oeste, tendo o senado de Carthago, segundo Aristoteles, decretado pena de morte a quem tentasse navegar para o paiz por elles descoberto além do Atlantico ».

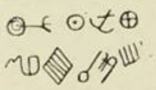


Fig. 2.120

Inscripção das rochas do West Kilpatrick na Escocia. (A. Bertrand. "Religion des Gaulois").

INTR.: SÃO E SALVO, JUSTO, PURO, INNOCENTE, FORÇA, VIGOR, INIQUO, ETC.

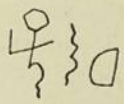


Fig. 2.121

Algumas figuras do tumulo de Renon-Gart, em Plovan, na Bretanha. (A. Bertrand).

INTR.: CEREMONIAS, RELIGIOSAS, FUNERAES, FORÇA, VIGOR.

Em consequencia deste facto, os gregos isolados entre os barbaros, desappareceram, mas sua lingua ficou mesclada, á lingua americana.

Isto cabalmente explica a affluencia do elemento epigraphico da antiga Grecia, esculpido no continente americano, como em muitos paizes, segundo constata a multidão de inscripções em estylo de sua original primitiva escriptura linear e figurativa, por nós interpretada, da qual ora offerecemos alguns exemplares, no intuito do leve confronto predito.

E' que notavel e vasta foi, sem duvida, a sua preponderancia no periodo prehistorico em um longo decurso chronologico, que vinha suspenso e confuso pela propria historia, sobre o qual porem, ora reflectem intensas luzes, além da epigraphica interpretada, outras de caracter ainda archeologico.

De facto segundo Hauser: "nem se saberia imaginar a civilização européa, moderna, nem nossa arte, nem nossa sciencia, nem nossa philosophia, sem remontar á fonte e as reatar a alta cultura da Grecia que brilhava já cinco seculos, A. C., nas artes, na poesia, na tragedia, do mesmo modo na esculptura, na pintura, nas sciencias exactas e naturaes, assim na philosophia.

(*) Segundo o multideismo Greco Romano, havia no principio o chaos e a noite de cuja união nasceu o destino, divindade a que obedeciam todas as outras.

E' certo que os gregos, depois de recentes pesquizas, chegaram á evidencia de que, antes da época historica, o homem existia já sobre o solo grego e que tinha passado por diversas phases pre-historicas. Com effeito, a sua actividade colonisadora, era de tal forma grande, que por toda parte propagaram, segundo denunciam suas inscripções, sua lingua, sua mentalidade, suas artes e o seu systema politico singularmente a esses monumentos, epigraphicos ora interpretados, entre elles os referentes a Pesistrates, na Bahia e a Solon no Chile, naturalmente executados por seus partidarios ou adeptos.

O que sobre tudo distingue a excepcional cultura do povo grego, é o seu harmonioso complexo de dons superiores do pensamento, suas prodigiosas faculdades das varias expressões do sentimento humano. Pode-se dizer que a historia de sua evolução, representa em miniatura, a da humanidade inteira.

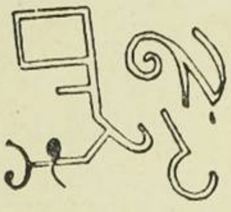


Fig. 2.122

Inscripção do municipio de Viola, Columbia (Miguel Triana).

INTR.: CONFORME AS LEIS DA RELIGIÃO, FIPRA, VIGOR

Embora a historia permaneça muda sobre as primeiras phases do seu desenvolvimento, e tenha se habituado a considerar entre as primeiras façanhas de sua juventude, a guerra de Troya, como pertencente á idade mythica, a ponto de por em duvida a existencia de Homero e de vêr as obras litterarias, a *Iliada* e a *Odyssea*, como ficção poetica de autores anonymos, as memoraveis descobertas recentes de Schliemann, em mil oitocentos e setenta, das ruinas da antiga Troya, taes como foram descriptas por Homero, constituem uma prova indiscutivel em favor d'um facto historico. Em consequencia pois, das escavações feitas por este sabio e mais tarde, por outros archeologos francezes e inglezes, encontraram-se não só as ruinas das antigas cidades da região onde teve logar a guerra de Troya, como ainda obras d'arte primitiva, vasos em argila ornados de figuras e taças de ouro.

Além de Troya, descobriram-se: Mycenas, residencia do rei Agamemnon e Tyrente, antigas cidades de Argolida, patria de Hercules, onde se encontraram restos de muralhas cyclopicas, o que prova bem, que a Grecia, já em seus primeiros tempos, isto é, na idade heroica, havia cultivado a arte ou ao menos havia conhecido as obras artisticas do Egypto e da Syria, introduzidas pelos phenicios".



Fig. 2.123

Algumas figuras da pedra gravada de Robernier, França. (J. Bertrand).

INTR.: SÃO E SALVO, FORÇA E VIGOR

Ainda sobre este assumpto, diz-nos René Laufér: "até mil oitocentos e setenta, quasi nada se sabia sobre a civilização hellenica e a referencia dos Acheos, Donaenses, Lycios, Teucrenses, e Dardanenses, encontrada nos textos egypcios do XIII seculo, A. C., deixava scepticos os hellenistas.

As escavações, que desde mil oitocentos e setenta e um, foram effectuadas ás margens e nas ilhas do mar Egêu, fizeram portanto recuar tres mil annos, nosso conhecimento do mundo grego; ellas revelaram nesta esphera a existencia d'uma importantissima civilização, que precedeu muito a civilização classica e da qual restava apenas vaga lembrança no tempo de Homero.

Esta civilização pre-historica e *pre-hellenica*, como a denominam os archeologos, offerece tres phases correspondendo as influencias que successivamente dominaram: — a phase Egea (tres mil a dois mil e quinhentos annos como as seguintes A. C.) — a Minuense

ou Cretense, dois mil e quinhentos a mil e quinhentos — e a Mycenica (mil e quinhentos a mil e cem ou mil e duzentos)".

Este e outros factos, além de tradições, que ora compulsamos resumidamente, levam-nos á evidencia de que, a existencia dos gregos em nosso continente em éras prehistoricas, é hoje de authenticidade incontestavel da epigraphia, cujos exemplares se acham disseminados pelas nossas regiões e em muitos paizes e, hoje, pelas noções glyptographicas, julgamos haver interpretado. Os argumentos constam do nosso modesto trabalho a imprimir, o qual temos a honra de offerecer ao julgamento dos competentes.



Fig. 2.124

Trecho da grande inscripção em uma caverna proxima a Rocky dell Creek (E. U. A.) que até agora permanecia indecifravel.

INTERPRETAÇÃO: EDITO. AQUELLE QUE ABANDONAR SUA FILA OU SEU POSTO, SERÁ LANÇADO AO INFORTUNIO JUSTO E EQUITATIVO; O FORTE, VALENTE, DOMINADOR, COROADO DE ROSAS.

Neste labor, permanecemos sem medir sacrificios, que nos tem proporcionado tão complexo e arduo emprehendimento.

Além de duas conferencias levadas a effeito perante o Instituto Geographico e Historico do Amazonas, em tres e quatro de maio de mil novecentos e dezenove, com applauso unanime da imprensa, o que conservamos com grande apreço, outras foram realizadas a vinte dois e vinte sete de dezembro de mil novecentos e vinte, na Capital Federal, sob os auspicios das instituições scientificas, ás quaes temos a honra de pertencer, a Sociedade de Geographia e o XX Congresso Internacional de Americanistas.

Alli ficou demonstrado com precisão que nos fôra possivel, a par de artisticas projecções luminosas, o alto valor do assumpto, de cujo exito se occupou a imprensa carioca. E' ainda do dominio publico esse facto, além do expressivo conceito das referidas instituições scientificas, ás quaes aqui reiteramos o testemunho da nossa gratidão.

As inscripções, quanto ás suas formas do interpretação, obedecem com o maximo rigor, ás noções glyptographicas e iconographicas. A explanação dos primitivos caracteres das vetustas escripturas estende-se a toda ordem comparativa de cogitações, não excluindo as legendas de moedas da numismatica antiga, nas quaes subsiste muita luz, dessas escripturas, ora *ideographicas*, *phoneticas* e ora ampliadas em *linear*, *heratica* e *demotica*.



Fig. 3.125

Inscripção gravada em um rochedo, na provincia de Catamarca, Rep. Argentina. (M. Ameghino).

INTR.: DIVERSÃO, HELIOS SOLECISMO

São acompanhadas ou seguidas dos modernos caracteres, formando syllabas e palavras, até o pensamento ou phrase constituitiva de cada uma inscripção, sob o ponto de vista etymologico.

E' conseguintemente destoante do systema rude geralmente seguido pelos anthropologistas ou anti-americanistas que querem ver n'esses monumentos epigraphicos prehistoricos: *comezinhas phenomenos naturaes; simples garatujas gravadas ou desenhadas em rochedos, por mera diversão do selvagem, nas suas horas tão longas e tão frequentes de ociosidade'*.. além de outras irrisorias interpretações.

O trabalho em geral contem tres volumes manuscriptos com mil e trezentas paginas, vinte capitulos, elevando-se a mil e quatrocentos o numero de inscripções, interpretadas segundo os elementos scientificos, peculiares ao assumpto.

Esses monumentos epigraphicos, perduram e, apesar da influencia deleteria do tempo no deslisar do seculos, revelam ainda com expressão, ora gravadas e ora indelevelmente

pintadas, a sua origem, reveladora de um passado tradicional que alcança a factos da velha historia do mundo e com estas noções prefaciando uma outra para nós, até então envolta no mais profundo mysterio e conjecturas.

Uma particularidade digna de attenção, disse o archeologo patricio Ladisláo Netto "é o haver-se descoberto estas inscripções nas paragens mais desertas do Brasil, como a denunciarem os pontos extremos das longas peregrinações d'esses povos que nos legaram estes singulares monumentos". Assim termina: "No dia em que taes inscripções forem interpretadas, a historia do homem americano, terá quebrado o enigma da sua urdidura e verá dissipada a densa bruma que a envolve".

Temos convicção de haver resolvido este problema e a occasião não poderia ser mais opportuna, para divulgal-o, publicando nossa obra e facultando-a á observação dos centros scientificos. Infelizmente circumstancias invenciveis a nós particularisadas e outras que o momento não permitte expor, frustaram-nos este grato intento.

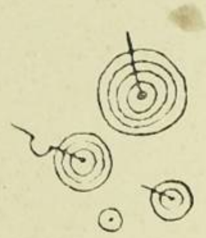


Fig. 2.126
Inscripção em pedras. Auchnabreach, Argyleshire, Inglaterra. (A. Bertrand).

INTR.: FORÇA, VIGOR, JUSTIÇA, IGUALDADE

Estas inscripções, porem que vinham sem interpretação até hoje, estão virtualmente vulgarizadas em todo o Brasil, nas republicas do Chile, Argentina, Colombia, Estados Unidos do Norte e França; Hespanha, Inglaterra, Guyanas, Indias, Africa, Guadelupe Herzegovina, etc. representam verdadeiros monumentos prehistoricos, a par ainda de outros cyclopicos, astronomicos e profusos especimens ceramicos e paleolithicos, desenterrados dos *moundbuilders* e necropoles, delineados muito artisticamente, com interessantes figuras zoomorphas e anthropomorphas, symbolos, divindades mythologicas, muitos arrecadados ao Museu Nacional e estrangeiros, deduzindo-se chronologicamente desses maravilhosos effeitos e das tradições citadas, a contemporaneidade entre velhos paizes, com a America, do mesmo modo, as relações, portanto, entre o Oriente e o Occidente, nessa alta antiguidade.

Os egypcios e assyrios, segundo ficou dito, encontraram, se bem depois de ingentes esforços e longas cooperações de muitos sabios, nas escripturas hieroglyphica e cuneiforme, sua prehistoria, como ora cremos, nos acontecer tambem, quanto á nossa, nesses rudes traços lineares e figurativos, principalmente gregos e phenicios, que nos legaram esses iniciadores da nossa primitiva civilização desapparecida, os semi-deuses do paganismo americano.



Fig. 2.127
Inscripção lapidar de Chandeshwas, na India. (Rivett-Carnac).

INTR.: RITO, EXEQUIAS, DIREITO, JUSTIÇA

O que é ainda extraordinario e que não deixará de surprehender o mundo scientifico, é ter nesses rudes traços, a moderna Grecia como tantos outros paizes entrelaçada uma parte preponderante de suas prehistorias, até hoje ignorada!

Seja finalmente este nosso modesto emprehendimento, a homenagem que consagramos á querida patria e ao americanismo, neste momento, crente na Providencia, de que elle encerra a solução do nosso magno problema prehistorico e elementos para a sciencia ampliar a historia da humanidade.

Fiat lux.

Bernardo Ramos.

Do "Jornal do Commercio" de 7 e 8 de setembro de 1922 — Estado do Amazonas

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÕES DA AMERICA PREHISTORICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL

AUDIENCIA DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA A UM NOTAVEL PALEONTOLOGISTA AMAZONENSE

O Sr. Presidente da Republica recebeu em audiencia especial o Sr. Bernardo da Silva Ramos, Presidente do Instituto Historico e Geographico do Amazonas.

O Sr. Bernardo da Silva Ramos, nome que honra a sciencia brasileira, tem se dedicado, especialmente, em varios e consecutivos annos de afanoso trabalho aos estudos de paleographia. Sobre o assumpto, escreveu importante obra, em quatro volumes, denominada "Inscripções e Tradições da America Prehistorica, especialmente do Brasil".

Depois de duas conferencias realizadas pelo autor, na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 1922, sob a presidencia do Sr. Senador Epitacio Pessôa, então Presidente da Republica, a Camara dos Deputados approvou um projecto autorizando o Governo Federal a publicar a sua obra.

Este projecto encontra-se agora na Camara Alta do Paiz, da qual está dependendo de solução.

Solicitada uma entrevista ao Sr. Presidente da Republica, Sua Ex. promptificou-se a receber o Sr. Bernardo da Silva Ramos, que lhe mostrou a sua obra, expondo a importancia scientifica e a significação de que ella se reveste. O Presidente Arthur Bernardes, que limitára antecipadamente a entrevista a 15 minutos, prorogou-a por mais de uma hora, ouvindo, com attenção e interesse, as explicações daquelle scientista, para o qual, finda a entrevista, teve palavras de admiração e estimulo.

Segundo opinião das autoridades scientificas no assumpto, o erudito paleontologista amazonense resolveu, com grande capacidade, o problema da decifração de todas as inscripções, muitas dellas até então desconhecidas, que se encontram em varios pontos do Brasil e de outros paizes da America e da Europa.

Para este fim S. S. reconstituiu os alphabetos grego e phenicio-cananéo, em todas as suas evoluções, o que representa a chave para a solução do magno problema.

Do "Jornal do Brasil", de 11/6/26

O Sr. Dr. Arthur da Silva Bernardes, presidente da Republica, recebeu, em audiencia especial, o Sr. Bernardo da Silva Ramos, presidente do Instituto Historico e Geographico do Amazonas.

O Sr. Bernardo da Silva Ramos, nome que honra a sciencia brasileira, tem se dedicado especialmente, em varios e consecutivos annos de afanoso trabalho, aos estudos de paleographia.

Sobre o assumpto escreveu importante obra, em quatro volumes, denominada "Inscripções e tradições da America prehistorica, especialmente do Brasil."

Depois de duas conferencias realizadas pelo autor, na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 1922, sob a presidencia do Sr. Senador Epitacio Pessoa, então Presidente da Republica, a Camara dos Deputados approvou um projecto, autorizando o governo federal a publicar a sua obra.

Este projecto encontra-se agora na Camara Alta do paiz, da qual está dependendo de solução.

Solicitada uma entrevista ao Sr. Presidente da Republica, S. Ex. promptificou-se a receber o Sr. Bernardo da Silva Ramos, que lhe mostrou a sua obra, expondo a importancia scientifica e a significação de que ella se reveste.

O Presidente Arthur Bernardes, que limitára antecipadamente a entrevista a 15 minutos, prorogou-a, por mais uma hora, ouvindo, com attenção e interesse, as explicações daquelle scientista, para o qual, finda a entrevista, teve palavras de admiração e estimulo.

Segundo opinião de autoridades scientificas no assumpto, o erudito palentologista amazonense resolveu, com grande capacidade o problema da decifração de todas as inscripções, muitas dellas até então desconhecidas, que se encontram em varios pontos do Brasil e de outros paizes da America e da Europa.

Para esse fim, S. S. reconstituiu os alphabetos grego e phenicio-cananéo, em todas as suas evoluções, o que representa a chave para a solução do magno problema.

Do "O Imparcial" de 11|6|26 — Rio de Janeiro.

*

Acha-se nesta Capital o Sr. Bernardo da Silva Ramos, Presidente do Instituto Historico e Geographico do Amazonas.

O Sr. Bernardo da Silva Ramos, scientista brasileiro, tem-se dedicado, especialmente, em varios e consecutivos annos de afanoso trabalho, aos estudos de paleographia e sobre esse assumpto, escreveu importante obra, em quatro volumes, denominada "Inscripções e Tradições da America Pre-historica, especialmente do Brasil".

Depois de duas conferencias realizadas pelo autor na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 1922, sob a presidencia do Sr. Senador Epitacio Pessoa, então Presidente da Republica, a Camara dos Deputados approvou um projecto autorizando o Governo Federal a publicar a sua obra, o qual está agora no Senado.

O Sr. Bernardo da Silva Ramos, aproveitando sua permanencia nesta Capital, esteve em visita ao Sr. Dr. Arthur Bernardes, Presidente da Republica, a quem mostrou sua obra, expondo a importancia scientifica e a significação de que ella se reveste.

Segundo opinião das autoridades scientificas no assumpto, o erudito palentologista amazonense resolveu, com grande capacidade, o problema da decifração de todos as inscripções, muitas dellas até então desconhecidas, que se encontram em varios pontos do Brasil e de outros paizes da America e da Europa.

Para esse fim, S. S. reconstituiu os alphabetos grego e phenicio-cananéo, em todas as suas evoluções, o que representa a chave para a solução do magno problema.

Do "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro.

A PREHISTORIA AMERICANA

Correspondencia, epistolar, especial para o "O Piauhy", por José Mattos

> «Na America, de um extremo a outro, ha inscripções de povos e de homens que tinham affinidades ethnicas e culturaes com os egypcios, com os gregos, com os carthaginezes e com os romanos. A historia americana ha de ter um pouco da Hellade e da Phenicia. Ella não pode começar com o Renascimento que trouxe Colombo ás nossas praias ».

Ao nosso festejado confrade "O Piauhy", que se edita em Therezina, tomamos a importante publicação, na qual são realçados o talento e o saber do nosso venerando conterraneo coronel Bernardo Ramos:

Rio de janeiro — Setembro — Os jornaes cariocas annunciaram ha poucos dias que o sr. Presidente da Republica recebera, em audiencia especial, o sr. Bernardo Ramos, Presidente do Instituto Historico e Geographico do Amazonas, para ouvil-o sobre sua importante obra inedita: "A Prehistoria Americana, Especialmente do Brasil".

A fama que envolve o nome do velho scientista amazonense levou-nos a procural-o com o fim de obter alguns dados sobre o seu trabalho prehistorico. Fizemol-o com a ansiedade e o desconcerto de quem entra em contacto, pela primeira vez, com um vulto eminente. Revelámos a nossa qualidade de jornalista e fomos acolhidos com um sorriso franco e um aperto de mão tremula e enrugada do devotado paleographologista, que passou, immediatamente, a demonstrar-nos, um por um, com fartura de detalhes e explicações, scientificas e historicas, os quatro volumes de sua obra.

Com uma linguagem clara e enthusiastica, de admirar um homem abatido pelos annos e pelo estudo, o sr. Bernardo Ramos extasiou-nos com uma evocação admiravel da prehistoria phenicia, egypcia, grega, assyria, meda e persa. Explicou-nos, depois, os modos de graphia daquelles povos: desde o hieroglypho e os alfabetos linear e figurativo, até o systema cuneiforme. Fallou-nos da evolução destes methodos de escripta e dos grandes nomes que se empenharam em desvendar os mysterios daquelles caracteres, que encerram, quasi sempre todo o monumento da primeira historia dos povos.

E disse-nos: "esta exposição eu a faço para que o meu amigo tome pé no assumpto e possa comprehender melhor a minha obra e a sua finalidade scientifica e patriotica. »

— Qual é, então, a finalidade de sua obra?

— « Demonstrar que a civilização do nosso Continente — a America, não tem essa origem nova, criança, impregnada do perfume e dos sons tropicaes das nossas florestas, dos nossos socavões e das nossas immensas, caracterizada pela inubia e pela flexa dos nossos selvagens, como declamam poetas exaltados e historiadores neophytos. »

— E então?

— « Na nossa America—este immenso Continente Americano, sacudido agora por todas as modalidades do progresso humano; neste Continente multiforme e polycromo em que se empregam os "Packards" e os carros de bois; os grandes dy-namos geradores de eletricidade, que movem usinas e illuminam avenidas esplendidas e os modestos moinhos hydraulicos das aldeias, em que ha cidades immensas e regiões vastissimas desconhecidas ainda; nesta America a que chamamos o Novo Continente — viveram e desenvolveram-se fracções daquellas chamadas "civilizações antigas". (Como se pudessemos saber as origens e os fins da civilizações, como se não viessem ellas das lendas e do incognito até nós, evoluindo vagarosamente, sem deixar marcos para divisões.) »

— Somos, então, descendentes de phenicios e gregos?

— « Não. Não é bem assim. Não ha descendencia, porque já hoje não corre nas veias americanas o sangue daquelles grandes povos e porque as nossas normas politicas e sociais, a nossa arte e a nossa literatura não se inspiraram directamente nas delles. Entretanto, meu amigo, a historia americana ha de ter um pouco da Hellade e da Phenicia. Ella não póde começar com o Renascimento, que trouxe Colombo ás nossas praias.

E eu vou demonstral-o, expondo, em synthese, a minha obra. E' preciso, porém, comprehendermos, em primeiro logar, as vicissitudes e as mutações da Historia. Muitas vezes podemos precisar as suas causas e comparal-as com os effeitos; de outras, porém, não. Por uma circumstancia do momento, por um *que*, do passado, desconhecido para nós — a Historia toma outro rumo e desbarata as nossas conjecturas reconstructivas; civilizações se deslocam; as raças desapparecem. Os historiadores e os philosophos mais afamados reconhecem que bastaria Cleopatra ter o nariz um pouco differente, para ser differente tambem a Historia do mundo. E Victor Hugo, o incomparavel philosopho, disse em "Les Misérables:" Un homme debout, au lieu d'être assis: — la destinée tient á cela. »

CONCLUSÃO

«Pois bem: os povos grego e phenicio e outros da nossa mais provavel prehistoria, desappareceram de entre nós. Desappareceram porque as correntes emigratorias da Renascença não os encontraram em todos os logares onde deixaram vestigios indeleveis. Entretanto, o estudo da glyptographia e da paleographia revelou-me, como a muitos sabios da contemporaneidade, a sua presença e actuação entre nós. E isto porque podem passar os homens e as civilizações, mas ficam sempre os seus monumentos e as suas inscripções, o que é para nós, na obra de que nos occupamos o fio da meada a ser desenrolado.

Na America, de um extremo a outro ha inscripções e monumentos de povos e de homens que tinham affinidades ethnicas e culturaes com os egypcios, com os gregos, com os carthaginezes e com os romanos. Isto, meu amigo, muitos annos antes do *descobrimento da America*. Mais ainda: estas inscripções revelam homens cultos: poetas, pregadores e philosophos. »

— Mostre-nos algumas destas inscripções.

— « Vejamol-as. Tenho 1.800, interpretadas de accordo com os alphabetos, grego e phenicio-cananéo, que organizei, á custa de paciente e afanoso trabalho. Comecemos pelo Brasil. »

E o illustre scientista passou a mostrar-nos uma infinidade de inscripções gravadas em caracteres de varias origens, existentes no territorio patrio, entre as quaes uma na Bahia se refere, nominalmente a Pisistrates. Vimos ainda uma outra num pequeno rochedo fronteiro a Puire proximo a Moura (Amazonas), que diz: «*Escolhido orador — A vida em singular dissertação: Felicidade, Riqueza, Força, Vigor Divino* ». Ao mostrar-nos tal inscripção, reproduzida e completada num desenho seu, o sr. Ramos salientou que ella demonstra a existencia de homens cultos entre nós, em epocas remotissimas, que faziam conferencias sobre themas muito complexos.

Passámos, depois, ás inscripções que se encontram espalhadas pelos outros paizes americanos e tivemos occasião de ver uma, no Chile, que trata de Solon.

«Quanto ao conhecimento da America pelos phenicios, pelos gregos, pelos carthaginezes e outros povos da *velha civilisação*, não preciso evidencial-o. Os compendios da Historia Universal mais desenvolvidos tratam disso. Mas deixe-me dizer-lhe que: segundo Aelianus (Hist. LIII), Theopompo, poeta e historiador grego, narra que Sileno ensina a Midas, rei da Phrygia, que além, e longe da Asia, Europa e da Lybia (Africa) — que são, diz elle, propriamente fallando, ilhas — existe um verdadeiro e unico Continente, de immensa extensão, e habitado pelos Merapios. »

«Theopompo chama este quarto Continente Meropis, governado, diz elle, por Mariope, filha de Atlas, rei da Lybia. »

— Diga-me agora que fim teve este povo, para onde foi elle e porque não prosperou e chegou até nós?

— São varios os motivos, quer de ordem mesologica, quer de ordem historica, relacionada, esta, com as suas proprias patrias. Quero referir-me ao seguinte: «Os carthaginezes, senhores do mar, bloquearam, durante tres seculos o estreito de Gades, Cadiz, ou Gibraltar, para impedir que gregos e tyrrenios se communicassem com o Oceano e as terras de Oéste, tendo o Senado de Cathargo, segundo Aristoteles, decretado pena de morte a quem tentasse navegar para o paiz por elles descoberto além do Atlantico. Em consequencia deste facto, os gregos isolados entre os barbaros, desappareceram mas sua lingua ficou mesclada á lingua americana. Isto cabalmente explica a affluencia do elemento epigraphico da antiga Grecia esculpida no Continente Americano, como em muitos paizes, segundo constáta a multidão de inscripções em estylo original da primitiva escriptura linear e figurativa, por nós interpretada. »

— Agora, para concluir a nossa entrevista, o sr. me ha de dizer alguma couza sobre a sua obra.

— «O trabalho, em geral, contém quatro volumes manuscriptos, com 1.600 paginas e 21 capitulos, elevando-se a 1.800 o numero de inscripções, interpretadas segundo os elementos scientificos peculiares ao assumpto. Ha, no Congresso Nacional, um projecto autorizando a publicação do meu trabalho por conta do Estado. Estou esperando o pronunciamento dos srs. congressistas. »

Do "O Libertador", Sexta-feita, 4 de Fevereiro de 1927 — Manáos.

*

A INSCRIPÇÃO DE GRAVE-CREEK E A OBRA DE BERNARDO RAMOS

O *Jornal do Commercio*, do Rio, publicou, a 15 de Fevereiro um extenso artigo do sr. A. Childe, um dos secretarios do Museu Nacional do Rio, sobre a inscripção de "Grave-Creek", em resposta a um artigo do professor italiano J. Imbelloni. O estimado redactor chefe de'*A União*, teve a amabilidade de me dar esse artigo, para estudal-o na viagem e escrever para esse jornal algumas notas sobre aquelle assumpto. Tambem o exmo. sr. presidente do Rio Grande do Norte, dr. José Augusto, interpellou-me, na minha passagem por Natal, a respeito do artigo de mister Childe. Por esse motivo permitte-me escrever as seguintes explicações, com plena objectividade.

Eu acho que o methodo usado pelo sr. Childe, nessa questão, contribue pouco para o esclarecimento da origem e significado da falada inscripção. Esta foi descoberta em 1874 e discutida em dois congressos dos Americanistas, aos quaes foram apresentadas duas copias um pouco differentes. Depois foram examinadas essas copias por diversos sabios europeus, mas sempre continua ainda a disputa sobre a mesma inscripção em artigos animados, onde a abundancia de palavras e o estylo dictatorio substituem mal a escassez de compreensão historica.

A animosidade dos criticos chegou a tal ponto, que alguns pretenderam a inscripção de Grave-Creek seja obra dum vaidoso falsificador que queria enganar o mundo pela asserção de que antes de Colombo já tivesse andado na America gente civilizada. Tambem o sr. Childe fala da possibilidade de ser "a inscripção da Parahyba" tambem uma tal falsificação. Isso me parece muito curioso. Um sabio do Museu Nacional do Brasil, especialista em materia de petroglyphos, fala da inscripção da Parahyba e não sabe que na Parahyba existem pelo menos cem antigas inscripções e lettreiros, gravados nos rochedos. Quem fala da possibilidade desses petroglyphos serem obras de modernos falsificadores nunca viu um tal lettreiro com seus proprios olhos. Si bem que o sr. Childe não ache "verosimil" que as ditas inscripções sejam falsificadas, não condemna com palavra alguma a ridicularia e ignorancia dos inventores duma tal theoria.

O ponto principal, porém, nessa controversia é um outro. O sr. Childe fez tantos esforços para indagar a qual alphabeto antigo pertencem as lettras da inscripção de Grave-Creek, para fazer crer que essa inscripção que não é brasileira fosse o unico lettreiro no continente americano, que merece ser estudado profundamente. Elle escreveu o artigo em questão, ao mesmo tempo em que dava parecer desfavoravel contra a obra do grande paleographo brasileiro Bernardo Ramos. A obra deste sabio que reside em Manáos, é um manuscripto de quatro volumes grossos com as photographias e copias de 3.000 inscripções européas, asiaticas e egypcias, para mostrar a semelhança entre ellas. Bernardo Ramos era antigamente numismatico e vendeu suas grandes collecções de moedas com um bom lucro. Esse dinheiro elle aproveitou em fazer viagens longinquas nas tres Americas; visitou tambem o Egypto e Babylonia e estudou em todos esses paizes as antigas inscripções.

Hoje o manuscripto de Bernardo Ramos representa um trabalho de 60 annos e merece ser collocado na primeira linha das collecções petroglyphicas. Quando o autor mostrou sua obra ao eminente dr. Epitacio Pessôa, ficou este tão fascinado que offereceu logo a impressão do manuscripto, por conta do governo federal. Mas pouco depois as repartições que deviam providenciar sobre a impressão puzeram difficuldades.

A obra necessitava de 4.000 zinco-gravuras que parecia aos burocratas uma coisa extraordinaria. Mas a difficuldade principal era a resistencia passiva do Museu Nacional.

Bernardo Ramos voltou desilludido a Manáos para esperar uma outra occasião. No anno passado elle appareceu de novo no Rio de Janeiro; o presidente Arthur Bernardes concedeu-lhe uma entrevista, examinou minuciosamente o manuscripto e prometteu a impressão, no caso que o Museu Nacional desse um parecer favoravel sobre o valor da obra.

Da commissão, incumbida desse exame, fez parte o sr. Childe. E qual foi o resultado? Bernardo Ramos devia esperar nos caros hoteis do Rio tres e meio mezes; a commissão não falou nenhuma palavra, nem pró nem contra. Mas, entretanto, espalhou-se em todas as repartições o boato de que a commissão tivesse negado o valor scientifico á obra de Bernardo Ramos. Este levou seu manuscripto e voltou a Manáos.

Considerando essa attitude inqualificavel da commissão do Museu Nacional perante a importante obra de um sabio brasileiro, acho eu muito inepto si os mesmos senhores fazem um tal barulho a respeito da insignificante inscripção de Grave-Creek.

Tambem a abundancia de palavras mostra a penuria de elementos scientificos. A supposta classificação dos alphabetos dos Etruscos, Egéos, Carios, Lycios, Phenicios e Egypcios é só um jogo com palavras. Todos são variações do alphabeto pelasgo, o qual cada um escreveu á sua vontade. Na escriptura demotica dos Egypcios encontram-se até 12 variantes para uma lettra só e nos outros paizes se escreveu na mesma maneira, como hoje tambem. Os mercantes, engenheiros e mestres de obra que chegaram do Mediterraneo para o Brasil, no 1° millenio a Chr. não foram calligraphos ou escrivães da realeza. Elles escreveram todos com um systema homogeneo: mas as lettras mostram uma grande variedade, como é natural. Escrever tratados arguciosissimos sobre essas coisas miudas é muito bonito, mas tem pouca utilidade para a historiographia.

Professor Ludovico Schwennhagen.

Do "O Imparcial" — Bahia, Sabbado, 23 do Abril de 1927.

*

PERSCRUTANDO O PASSADO

A INSCRIPÇÃO DE "GRAVE CREEK" E A OBRA DO SR. BERNARDO RAMOS

Sob este titulo, o competente e illustrado professor Ludovico Sechwennhagen publicou na "União" da Parahyba do Norte, um instructivo artigo, aqui transcripto n'*O Imparcial*, de 27 do mez findo, fazendo referencias a uma publicação do sr. Childe, um dos secretarios do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Judiciosas e verdadeiras são as observações do sabio professor.

O coronel Bernardo Ramos, distincto amazonense, tem conseguido interpretar mais de 3.000 inscripções lapidares, não só do Brasil, como de outros paizes, inclusive a de Grave-Creek, julgada obra de falsarios pelos incapazes de compreendel-a. Não ha caractéres phenicios, como pensam Levy-Bing, Turner, Oppert e outros.

Para firmar seu direito de prioridade de interpretação dos multiplos petroglyphos, fez o referido coronel uma conferencia no Instituto Historico de Manáus, em 1920, apresetando interpretação de algumas do Brasil. Foi a sessão presidida pelo exmo.

sr. bispo d. Ireneu Joffily, que teve palavras sinceras e encomiasticas para o conferencista.

Foi depois ao Rio e fez duas outras conferencias, nos ultimos dias de Dezembro de 1921, na séde da Sociedade de Geographia, apresentando diversas decifrações, com projecções luminosas.

A essas conferencias compareceu o exmo. sr. dr. Epitacio Pessôa, então presidente da Republica, não compareceram os "entendidos" e o *Rio Jornal* foi o unico que deu uma noticia.

Convem referir que, em audiencia prévia, o sr. dr. Epitacio viu o trabalho e ficou bem impressionado, promettendo mandar imprimil-o. Começaram então a apparecer as difficuldades e os obstaculos.

Depois de muitos dissabores, voltou para Manáos o distincto paleographo, triste e desilludido, sem ter conseguido auxilio para a publicação do seu trabalho. Foi a obra submettida á consideração da Camara, e em consequencia dos esforços dos deputados amazonenses foi o projecto approvado nas tres discussões e remettido ao Senado.

Houve um senador que opinou ser necessario o parecer de uma commissão de "entendidos", ou de repartição competente; por isso, ficou o projecto a dormir em alguma das estantes do archivo.

Veio segunda vez ao Rio o coronel Bernardo Ramos e obteve uma demorada conferencia do sr. dr. Arthur Bernardes, presidente da Republica.

Este viu o trabalho, ouviu as explicações e manifestando-se bem impressionado, admirado, affirmou que sanccionaria o projecto, logo que o Senado o approvasse.

Nesta ultima viagem, o tal senador que exigira o parecer dos "entendidos", tendo visto a obra que lhe era mostrada pelo auctor, manifestou-se surpreendido e pesaroso, porque embaraçou tal publicação, allegando como justificação ter julgado tratar-se de trabalho mediocre.

Entretanto, para satisfazer á exigencia do parecer, o auctor do trabalho foi á presença do ministro da Agricultura, tendo com este uma conferencia. Ficou combinado que se remettesse a obra ao Museu Nacional, para que uma commissão se manifestasse sobre o assumpto.

Ahi compareceu o coronel Bernardo Ramos com o seu trabalho tendo sido recebido com indifferença. Não se sabe qual tenha sido tal parecer, nem a causa da longa demora; sabe-se apenas que o projecto não foi discutido na sessão do anno findo.

Eis a peregrinação infeliz, que tem sido feita pelo coronel Bernardo Ramos. Não deve elle estranhar taes contrariedades, pois tal é a sorte dos que tem apresentado novidades que vão ser uteis a historia ou á humanidade.

Ainda assim, deve considerar-se feliz, porque já não existe o Santo Officio, pois ou teria de retratar-se, dizendo ser o seu trabalho um simples passatempo, ou teria de soffrer "veixames", de alguma sorte desagradaveis.

Que se lembre do que succedeu a Le Plongeon, com os seus estudos sobre o Mexico.

A inveja, o despeito, a inaptidão dos pastelões, são a causa da guerra surda, acompanhada da ironia e da descrença, guerra explicada por estes versos do nunca esquecido Horacio em sua Arte Poetica... "sudet multum, frustraque laboret, ausus idem"...

Scientificamente, ha muitos sepulcros caiados.

E' carapuça que se ajusta á cabeça de muita gente boa.

William Bentham, interpretando as taboas eugubinas, encontrou allusões á agulha de marear, ás Ilhas Britannicas etc.; outros affirmavam que se tratava de guerras, de

fugas, de exilio; entretanto, verificou-se que as alludidas taboas tratam de rituaes de sacrificios.

W. Wright, em 1872, apresentou aos sabios da Inglaterra, copia das inscripções de Hamath, julgando tratar-se de fragmentos da historia dos hittitas; entretanto, sua communicação foi recebida "magno cum risu".

Riu-se por ultimo Wright, porque Ramsay e Hogarth confirmavam suas suspeitas. Quando Schillmann comunicou ter descoberto em Thirintho um palacio antiquissimo, a sua noticia provocou entre os sabios scepticismo.

Archeologos de merito affirmaram que o tal palacio era um edificio da epocha bysantina, do 10° ou 11° seculo! Que as joias encontradas nos tumulos teriam sido compradas a algum judeu na Asia ou a algum venesiano! Que a communicação de Schillmann era "uma allucinação extraordinaria de um enthusiasmo anti-scientifico".

O conhecimento da escripta cuneiforme forneceu episodios desopilantes. Concentrando um pesquizador a attenção sobre certos signaes, encontrados em ruinas de uma cidade antiquissima do oriente, julgou descortinar um modo desconhecido de escripta; mas sabios, como Thomas Hyde affirmaram que taes signaes eram uma phantasia do artista, que queria mostrar como se podiam variar as combinações das linhas rectas.

Em uma revista medica, intitulada "la Saignée Blanche", vol. VI, n. 11, o articulista "subindo além da chinella" escreveu este trecho desopilante: "les caraibes sont d'origine africaine; leur ancêtres ont été amenés ici en Amérique Centrale au temps des colones espagnoles".

Excellente ethnographia dos caraibas!

Assim pontificam os estranhos; os nossos como pontificarão? Um destes, infelizmente já fallecido, tratando dos petroglyphos, assim terminou o seu arrazoado: "fica desta arte encerrado o problema das inscripções lapidares ("Roma locuta est"), cortadas de vez as azas á phantasia de imaginarios adeptos de uma civilização antiquissima, perdida no solo brasileiro.

No arrazoado, dizia que as julgadas inscripções nada significam (na opinião delle); que não servem para transmittir pensamentos; que são desportos ociosos de successivas gerações; que em geral os caboclos nas cachoeiras, emquanto esperam o peixe, se divertem traçando figuras.

Ora, estes signaes, que se encontram pelo Brasil em diversos rochedos, encontram-se tambem em muitas outras regiões: na Venezuela, no Mexico, na Colombia, no lago Salgado, no Perú, no Chile, na Argentina, nas Canarias, na Africa septentrional, na vertente sul do Atlas, em Marrocos, na Andaluzia, nos Pyreneus, na Hezergovina, na Vendéa, na Azia e até na Oceania.

São signaes em parte pictographicos, outros formados de linhas, discos, cruzes, discos com buracos no meio e raios que delles partem, certos imitando serpentes, arvores, escadas, harpões, signaes pectiniformes, grupos de pontos, obedecendo a certa ordem, etc.

Muitos e muitos destes signaes são traçados irreprehensivelmente, como se fossem por mão de desenhista habilissimo; uns, riscados profundamente no rochedo; outros, pintados com tinta que tem resistido á destruição do tempo. Estes signaes, assim como outros verdadeiramente alphabeticos, de evidente semelhança com os dos alphabetos os mais archaicos, são identicos aos de outras regiões longinquas, como reconheceram Regnault e Cartaillac, comparando as pinturas da gruta de Gargas com as existentes em algumas partes da Australia.

Serão casuaes, ou intencionaes?

Serão tambem desportos ociosos ? Aqui, no Brasil, divertiam-se os caboclos, pintando e riscando figuras, enquanto esperavam o peixe; teriam esperado a caça nos logares onde não ha cachoeiras?

Mas estes "desportos de povos do ocio" já vão occupando a attenção dos estudiosos. O abbade Breuil e os dois epigraphistas acima citados occuparam-se dos signaes e pinturas existentes nos rochedos de Vaulx, em Niaux, Aviége e Gargas.

G. B. M. Flamand, preparador encarregado das conferencias na Escola Superior de Sciencias na Algeria, teve a idéa de publicar um "Corpus" de gravuras rupestres, semelhante ao "Corpus" de inscripções gregas, latinas, etruscas e semitas. E' dos taes petroglyphos que se occupa o coronel Bernardo Ramos.

Além das decifrações divulgadas nas conferencias feitas, publicou mais algumas na "Revista Amazonense", intitulada "A Redempção".

Tendo residido em Manáus 36 annos, mantivemos estreitas relações de amizade com o distincto paleographo; assistimos muitas vezes ao seu trabalhar.

Explicava-nos confidencialmente o seu modo de proceder. Suas interpretações são comprovadas pela historia antiga, pela mythologia, etc.

Não ha divergencia nos nomes proprios de deuses, de cargos, de cidades e de povos, mesmo em suas formas as mais archaicas. Encontram-se pensamentos, leis, descripções e até annuncios. A decifração da inscripção da pedra lavrada da Parahyba é uma das mais bellas entre todas as outras.

Nada mais podemos accrescentar, porque, não estamos autorizados. Que esperem os scepticos e os ironicos: terão opportunidade de fazer suas observações, se porventura tiverem as habilitações necessarias.

Antes de terminarmos estas linhas convem referir o seguinte facto:

Passando pela segunda vez por Manáus o grande naturalista Kock-Grumberg, muito conhecido no mundo scientifico, acompanhando a commissão americana, foi apresentado ao coronel Bernardo Ramos, por um amigo deste.

Desejava ver o trabalho sobre os petroglyphos: ficou muito surprehendido, ouvindo as decifrações, nada tendo para contradizer. Desejou ver as da America Central: considerou-as, examinou-as bem, fitando por intervallos o auctor; releu-as e em seguida manifestou-se enthusiasmado, dando-lhe um apertado abraço, dizendo que julgava morrer sem ter uma explicação de taes inscripções.

Convem lembrar que Kock-Grumberg não considerava taes signaes como escriptura. Recommendou que fossem distribuidos pela America Central muitos exemplares, logo que a obra fosse publicada. Infelizmente, foi colhido pela morte, no alto rio Negro, victima do paludismo.

Não esmoreça o coronel Bernardo Ramos: lute contra todos os obstaculos enquanto tiver alento: tome para si o conselho que a sibilla deu a Enéas, quando este quiz descer, aos Campos Elyseos:

«Tune cede malis sed contra audentior ito. »

Hermenegildo L. de Campos.

Do "O Imparcial" — Bahia 14 de Maio de 1927

*

PRE-HISTORIA AMERICANA

TERIA HAVIDO NO BRASIL POVOS CIVILIZADOS ANTES DA ERA CHRISTÃ?

Sabe-se que em varios Estados do Brasil, Pernambuco inclusive, ha pedras com inscripções, isto é, com garatujas, com caractéres desconhecidos.

Aqui pelo nordéste é commum attribuir-se qualquer inscripção lapidar a roteiro dos holandezes, como indicios de thesouros occultos, facto a que, de ordinario, se liga uma lenda ou para o qual é uma lenda creada. Não me consta, entretanto, que já se tenha encontrado qualquer thesouro por meio de decifração desses enigmas.

Que muitas dessas inscripções foram feitas por aborigenes, não ha duvida, especialmente as que têm coloração vermelha dada por tinta vegetal indelevel. Agora mesmo, Fróes de Abreu, que commigo visitara os botocudos do Rio Doce numa excursão a que nos levou o general Rondon, encontrou em Crenaque inscripções, comparou-as com as que os botocudos aldeiados fazem nas paredes de suas casas á vista dos civilizados e concluiu pela absoluta semelhança.

Quanto ás de Pernambuco, na zona sul, Casper Braner notou a singularidade de só existirem de perto alguma fonte, o que faz suppor indicarem ás tribus errantes que podiam pousar por alli na certeza de terem agua potavel.

Na inscripções de outra natureza existem, e estas dão tratos á bola dos estudiosos, pela semelhança com os hyerogryphos, o que faz suppor ter sido a America habitada antes da éra christã por uma civilização oriental.

Pondo de parte as fantasias do sr. Schwennhagem, que encontrou um labirintho de Creuta nos subterraneos do Maranhão, uma cidade phenicia no interior do Piauhy e jura a pés firmes que a cachoeira de Paulo Affonso nada tem de natural mas é obra da engenharia egypcia; desprezando os que por methodo indutivo concluem, de qualquer facto geologico, que descendemos dos atlantidas, alguns ha que por deducções nos abalam.

Entre os ultimos está o sr. Bernardo Ramos, estudioso amazonense.

Colleccionando moedas, o sr. Bernardo Ramos notou a semelhança das inscripções de alguns especimens numismaticos anteriores á éra christã com inscripções existentes em pedras não só do Brasil como de toda a America, da Asia, da Africa e da Europa.

Dedicou-se ao trabalho de traduzir as nossas inscripções, cuja chave pretende ter descoberto, comparou-as com as do velho Mundo, e conclue que, pelo nosso Continente, passou uma grande civilização, antes da vinda do Messias.

Para elle, a inscripção da Pedra Lavrada, do visinho Estado do Norte, é em grego antigo e data de cerca de mil annos antes da éra christã, a da Gávea, no Rio de Janeiro, é phenicia e noticia a passagem alli (887-856 A. C.) de navegantes semiticos. No estudo comparativo chega á conclusão de que havia affinidade entre os povos de todos os continentes por meio de uma escripta.

No estado actual de nossa civilização, essas affirmativas são acceitas apenas como supposições e o problema está muito relacionado com o do monogenismo e do poligonismo. Grande será nossa gloria si um brasileiro — e oxalá que assim o seja — conseguir transpor o terreno das supposições e chegar ao das provas.

Mario Mello.

Do "Jornal Pequeno" — Recife, Sexta-feira, 17 de Fevereiro de 1928.

*

INSCRIPÇÕES E TRADIÇÃO DA AMERICA PRE-HISTORICA, ESPECIALMENTE DO BRASIL

O CHAMPOLLION AMAZONENSE

O Amazonas, grande em tudo, possue em seu seio uma alta individualidade que uma vez conhecida nos grandes centros scientificos, tornar-se-há uma celebridade mundial.

Queremos nos referir ao sabio amazonense coronel Bernardo Ramos, traductor das inscripções lapidares, não só do Brasil, como de diversas partes do mundo.

E como o grande scientista chegou a desvendar tão precioso mysterio?

O coronel Bernardo Ramos, dando-se ao fatigante trabalho de colleccionar moedas, organizou a terceira collecção numismatica do mundo, hoje de propriedade do Estado, e, findo esse trabalho, verificou que entre as diversas moedas, anteriores á nossa éra christã, muitas de suas inscripções eram semelhantes as que se encontravam em rochedos e pedras do nosso paiz.

Ha mais de 20 annos que o coronel Bernardo Ramos vem emprehendendo novas investigações, chegando afinal, depois de muito estudo e paciencia, a decifrar as inscripções lapidares existentes no territorio nacional, passando as suas indagações a outros paizes da America do Sul, da America do Norte, da America Central, como da Europa, Asia e Africa.

Assim como Champollion, celebre orientalista francez, que em 1821, após varias tentativas de sabios em pesquisas para traduzir os hieroglyphos, escripta pela qual «os egypicios exprimiam tudo que respeitava ás sciencias e ás artes, ou para representar idéas mysteriosas de sua religião», conseguiu desvendar o segredo daquelle povo, Bernardo Ramos, o notavel scientista amazonense, decifrou as inscripções lapidares do Brasil.

Descoberta a chave da escripta de nossas pedras, o coronel Bernardo Ramos lançou as suas vistas para outros paizes, encontrando sempre semelhança, nas nossas inscripções com as de outras nações.

Pelos estudos do paleographo amazonense, ficamos sabendo que muito anterior a Christo passou pelo nosso Continente uma grande civilização.

Entre as decifrações do Brasil, figuram como mui importantes as da Gavea, no Rio de Janeiro, dando noticia da passagem por alli de navegantes phenicios (887-856, antes da nossa éra) e a da Pedra Lavrada, na Parahyba do Norte, cuja inscripção em grego antigo datando de cerca de mil annos A. C., representa 708 signos, emblemas, astros, constellações, etc.

Além disso, o reputado sabio amazonense tem traduzido outras inscripções que se encontram em pedras do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Minas Geraes, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Destaca-se ainda a decifração de algumas inscripções lapidares existentes na Colombia, Guyana Ingleza, Venezuela, Guatemala, Mexico, Argentina e Chile, como uma infinidade em varias regiões dos Estados Unidos da America do Norte.

Computando as inscripções lapidares do Continente americano com as conhecidas na Escocia, em Leon da Hespanha, na França, em Creta, na India e na Africa Austral, o coronel Bernardo Ramos encontrou absoluta identidade de caracteres alphabeticos, como de conceitos, tudo provando affinidade existente para o entendimento entre povos antiquissimos, por meio de uma escripta seguida nos diversos continentes.

A esse tempo, o nosso continente era conhecido pelo nome de Croniano, segundo as descobertas do Coronel Bernardo Ramos.

Em 1922, o nosso illustre coestaduano transportando-se ao Rio de Janeiro, fez alli diversas conferencias sobre este importante assumpto, conferencias essas que foram presididas pelo preclaro senador Epitacio Pessoa, então Presidente da Republica.

Já anteriormente, o coronel Bernardo Ramos, no Instituto Geographico e Historico do Amazonas, numa sessão presidida pelo então Bispo da Diocese, D. João Irineu Joffely, apresentara a sua these sobre as inscripções lapidares existentes em diversos pontos do paiz.

Diante do successo alcançado na Capital da Republica, o deputado Daniel Carneiro, então representante cearense, apresentou, juntamente com a bancada parahybana, um projecto autorizando o governo a mandar imprimir a valiosa obra do coronel Bernardo Ramos.

Recebendo o respectivo projecto algumas emendas no Senado voltou á Camara, onde ainda se acha, afim de que esta tomasse conhecimento das alterações daquella casa do Congresso.

A obra alludida compõe-se de quatro volumes com mais de duas mil inscripções lapidares, devidamente traduzidas, sem fallar num grande numero de ceramicas, em que o scientista coestaduano prova que a escripta uzada pelos assyrios e babylonios, etc., era da mesma forma seguida pelos gregos.

A publicação dessa obra virá a ser o maior acontecimento do seculo, porque, desvendando um segredo sepultado em millenios, nos collocará em contacto com uma remota civilização, cuja noticia se perde na noite dos tempos.

Devido a esses estudos em escavações de um passado longinquo, nós, amazonenses, ficamos sabendo que, muito anteriormente á éra christã, existiu no Atumã, do Estado, uma Assembléa illiada, encontrando o erudito conterraneo vestigios de leis de Solon.

O professor Ludovico Schewennehagen, um estudioso tambem do assumpto, publicou na *A União*, do Estado da Parahyba, de 15 de março ultimo, um magistral artigo, em que, analysando o trabalho do nosso illustre coestaduano, o considerou como digno de ser «collocado na primeira linha das collecções epigraphicas ».

Do jornal "O Academico" — Manaos, Segunda-feira, 31 de Dezembro de 1927, com uma fotographia do author. Este artigo foi reproduzido pelos jornaes "Diario de Natal", n. 561, de 30 de Dezembro de 1927, do Rio Grande do Norte. "Diario da Manhã", de Aracajú, de 10 de Dezembro de 1927. "Gazeta de Sergipe". n. 37, de 11 de Dezembro de 1927.

*

A PROGRESSÃO DO TRABALHO ATRAVEZ DAS IDADES

Por toda parte se esparge a progressão da lei do trabalho, não obstante as pasmosas excepções das interrupções diversas, além de cataclysmas medonhos, que têm convulsionado o mundo, desde éras remotas até nossos dias.

O homem em face dessa immutavel lei e do imperio da necessidade de viver e progredir, repete e observa, o que os sabios gregos deixaram esculpido em seus geniaes monumentos prehistoricos na America Central, por nós interpretados: *Augmentar a coragem á perda e á destruição. Avante* !

Sim, caminhar e progredir... Bello e profundo laconismo.

« E se os povos desapparecem », segundo theorias de Nadaillac, « se as raças se estiolam, se extinguem; se muitas vezes a selvageria vem subtituir a civilização, o mar e a areia do deserto apagar até o nome e a recordação do homem, a humanidade tomada em globo, — é essa a lei geral, — continua a sua marcha ascendente... »

O que resta do esforço herculeo, consumido nas magnificencias assombrosas de Babylonia, de Ninive, do esplendor de Tyro, de Carthargo, de Sousa, da Etruria, Pompéa, Stalias e da propria Atlantida de Platão, que tiveram seus dias de ostentação e grandeza, attingindo esta, de permeio a conjecturas, o dominio dos ares e dos mares, senão vagas lembranças tradicionaes e campo vasto á perseverantes cogitações scientificas? ...

Babelon opina que não é na capital da Chaldea, nem na da Assyria, que até hoje se tem encontrado os mais antigos vestigios dessa grande civilização, morta ha 24 seculos: não é entre as ruinas dessas famosas cidades, que podemos ouvir como um echo os primeiros vagidos do genio da plastica; assistir ás suas hesitações, tocar com o dedo seus mais informes e rudimentares ensaios.

No pais outrora tão fertil, denominado a baixa Chaldea, — e onde, segundo a tradição nacional conservada por Béroze, o deus Peixe Oannés, desde o principio do mundo já vinha ensinando aos homens todo raciciocinio para amenizar os contratempos da Vida — o viajante encontra a cada passo, monticulos artificiaes conhecidos pelo nome de *tells*, dissimulando sob um véo de poeira os destroços de cidade, não inferiores em antiguidade, a Babylonia e a Ninive.

Foi ahi que os modernos archeologo tiveram a fortuna de exhumar ruinas ainda mais antigas que as dos palacios de Sargon, de Assurbanipal ou de Nabuchodonosor.

«Embora numerosos tumulos estejam ainda inexplorados e se possa conjecturar que as escavações do futuro na Chaldea, como ora está acontecendo no Egypto com o pasmoso tumulo de Tut-Ankh-Amen, renovarão a sciencia, entretanto, descobertas importantes e já numerosas, lançam viva luz sobre as origens orientaes da arte e sobre o grão de cultura material, que attingira o povo que fundou Babel e as outras cidades chaldeas do Genesis ».

« O resnacimento pois de um povo, a dispersão de outro, a formação e o aniquilamento de um imperio, a conquista, a guerra, a derrota, a horrorosa conflagração como essa européa que ora acabamos de ver, o proprio tempo, esse grande actor do drama, outras causas ainda, operam num sentido invariavel, cuja historia permitte seguir as diversas phases ».

A America, este colosso de grandezas, forneceu uma nova prova de alcance surprehendente. Vemol-a illuminada pelos primeiros clarões da sua valiosa prehistoria, reputada pelos scientistas, como um verdadeiro mysterio.

Abstrahindo o seu autochtonismo, investigaremos apenas rapidamente do que se observa dos primordiaes tempos em que o homem viveu e seus pontos de contacto.

Os silex, nephrites, librolitos, dioritos, syenitos, ora grosseiramente esboçados, ora polidos por trabalho paciente, apresentam uma anologia de formas que deveriam escapar ao observador. Encontramol-os nas *tumulis* da Siberia, nas sepulturas do Egypto, no solo

da Grecia, nos grosseiros monumentos da Escandinavia, como nas florestas e nos *Mounds* do nosso continente, mas que procedessem da Europa ou da Asia, ou da America, elles são de tal sorte identicos na forma, na substancia, no trabalho, que se poderia mais facilmente tomar por obra de uma só ordem de artistas.

Nas margens do Atlantico e do Pacifico, pyramides, estatuas colossaes, monumentos, cyclopicos, lembram os da Assyria e do Egypto; por toda parte a architectura e esculptura offerecem pontos de contacto verdadeiramente notaveis que tanto surprehenderam ao sabio Humboldt. Nesses *pueblos* perdidos hoje no deserto, as pedras estão apparelhadas como nas construcções da velha Roma; os motivos da ornamentação dos Mexicanos, Peruanos, Argentinos, Colombianos, Venezuelanos e Bolivianos. encontramol-os nos vasos de bronze que os Chinezes fabricam no começo da éra christã, e *precedentemente o uso dos quipos*, e eis que os humildes fragmentos de vasos de barro, desdenhosamente calcados aos pés do viajante e a paleographia, veem ajuntar uma pagina nova a esta historia singular.

E comtudo, os povos antigos, os da idade média, ignoravam a existencia mesmo do Continente Americano, no dizer de Nadaillac, sendo porém, certo, que a existencia do continente situado a Oéste do Atlantico, já vinha citado nas narrativas de notaveis sabios da antiguidade entre elles, Theopompo, Aelianus, Platão, Silene, além das tão meticulosas, de Diodoro de Sicilia, que o immortalizaram.

Assim, no decorrer dos tempos, e de permeio ás cogitações perseverantes do Americanismo, sob o aspecto archeologico, geographico, anthropologico, philologico e epigraphico, além de outros recursos da sciencia, já não é mais um problema insoluvel nem um mysterio, felizmente, a communicação entre o Oriente e o Occidente nessa alta antiguidade e conseguintemente a surprehendente prehistoria americana, principalmente a do Brasil.

Um dos contingentes mais difficeis, foi certamente a glyptographia ou epigraphia, retardataria, pela sua complexa singularidade linear e figurativa, desde ha muito estudada sem resultado, para o final exito desse propero acontecimento, ampliadas da historia da humanidade cujo triumpho, porem, conquistamos para nossa Patria.

A nomeada dos Phenicios, era então a pedra philosophal, mas a intromissão inesperada dos gregos, deduzida de alguns annos de acuradas cogitações paleographicas em parallelo á multidão de inscripções por elles esculpidas em nosso hemispherio e varios recantos do globo, na solução do magno problema da prehistoria americana, tanto quanto ao Egypto os hieroglyphos e á Assyria, o cuneiforme, tiveram o seu assignalado momento feliz.

E' uma eterna verdade o dizer de Hauser: "que o sabio povo grego, illuminou o mundo pela luz da sciencia, pela elevação da razão, do sentimento humano, pela arte e pela philosophia.

E com effeito, nem se saberia imaginar a civilização européa moderna, nem nossa arte, nem nossa sciencia, nem nossa philosophia, sem remontar á fonte, e as reatar á alta cultura da Grecia, que brilhava já cinco seculos antes de Christo, nas artes, na poesia, na tragedia, do mesmo modo na esculptura, na pintura, nas sciencias exactas e naturaes."

A America recebeu pois, nesta memoravel cruzada, o influxo desse genial povo e dos afamados navegadores e conhecedores de todos os mares, os Phenicios tão bem synthetisados nas prophecias de Ezequiel, segundo o texto bliblico.

Em epoca recente, ao que importa aos gregos, vemos ainda Schillmann, esse vulto admiravel e tenaz, arrostando com consideraveis sacrificios, exposto á alvar irrisão dos pessimistas, que infelizmente os ha em toda parte, fazer surgir dos escombros a celebrada Troya.

Este emocionante facto, restabeleceu, além do mais, o valor real e sublime do genio divino de Homero, e os sabios encantos de sua laureada epopéa a Illiada e Odisséa, que que não passava do terreno sinuoso das *ficções, contos absurdos e fabulas extravagantes*, como errados pensavam alguns historiographos.

Do mesmo modo, da profundeza do sólo e dos gigantescos blocos de pedras da America, em todos os extremos, surgiram irrefutaveis provas, da sua alta civilização, em éras anti-historicas, que não serão attingidas pelas controversias dos anti-americanistas, como jámais se poderão destruir esses monumentaes archivos de pedras, nos quaes deixaram os arrojados phenicios, cannanezes e os gregos, a prova indelevel de seu influxo no sólo deste supposto *Novo Mundo*, aliás, "vetusta terra, onde Serapes derramara ouro em abundancia".

Eis finalmente um rapido resumo de minima parte da progressão da lei do trabalho em acção de continuidade, atravez das idades.

Manáos — Fevereiro, 1928.

Bernardo Ramos.

Do "Jornal do Commercio" — Amazonas, 9 de Março de 1923.

*

SOBRE UM SABIO AMAZONENSE

SIGNIFICATIVA OPINIÃO

A prehistoria brasileira está ainda na infancia. Raros os livros até hoje editados. E, no entanto, os monumentos em que estudal-a ahi estão, abundantes, a convidar os pesquizadores a investigações. Agora mesmo, o professor Rivet, no Rio de Janeiro, no Curso Franco Brasileiro de Alta Cultura, faz uma serie de conferencias sobre o autochtonismo dos nossos indigenas, ingressando, assim, em pleno dominio da prehistoria.

No Piauhy, por sua vez, o professor Ludovico Schwenhagem, autoridade em assumptos de philologia, historia e archeologia, procedendo a estudos sobre o assumpto das nossas origens escreveu um grande livro — *Antiga Historia do Brasil* — de que já foi editado o primeiro volume. Passa em revista as monographias que existem publicadas e indaga, com calma e reflexão, os tempos prehistoricos no Piauhy, examinando a formação dos povos tupis, as famosas sete cidades existentes no interior do estado nordestino, etc.

Abrindo o seu livro rende homenagens a Bernardo Ramos, o eminente presidente do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, tecendo-lhe copiosos elogios.

A proposito, tratando-se de figura do Amazonas, de meritos reaes, damos o trecho que lhe é referente:

«O estudo da antiga historia do Brasil começa no Norte. Em 1876, apresentou Onfroy Thoron em Manáos, seu excellente tratado sobre as viagens das frotas do rei Hiram de Tyro, da Phenicia, e do rei Salomão, da Judéa, no Rio Amazonas, nos annos de 993 a 960 antes de Christo. O successor de Thoron em Manáos é Bernardo Ramos, um legitimo amazonense, com os traços caracteristicos de descendencia tapuya, tambem com a innata

modestia dessa antiga raça brasileira. Bernardo Rmaos é hoje o primeiro paleographo do Brasil, um Ruy Barbosa no terreno das sciencias archeologicas. Sua obra é o producto dum trabalho assiduo, de 30 annos; são quatro grandes volumes, com as copias de tres mil lettreiros e inscripções, a metade do Brasil, e de outros paizes americanos, a outra parte dos paizes dos outros velhos continentes. O autor compara sempre as inscripções americanas com inscripções semelhantes dos paizes do velho mundo, para provar a homogeneidade da escripta. Bernardo Ramos foi primeiro numismatico e vendeu algumas collecções de moedas, com bom lucro. Esse dinheiro, elle o aproveitou em fazer viagens longinquas ás tres Americas; visitou tambem a Europa, Egypto e Babylonia, para estudar, em todos esses paizes, ás antigas inscripções.

A obra de Bernardo Ramos ainda não está impressa. O autor apresentou o seu manuscripto, com todas as photographias e desenhos annexos, successivamente aos presidentes drs. Epitacio Pessoa e Arthur Bernardes, que examinaram minuciosamente a obra e prometteram providenciar sobre a impressão de trabalho tão valioso. E' de esperar que difficuldades não se sobreponham á publicação, de tão erudito e importante trabalho ».

Do "Jornal do Commercio" — Amazonas, Sabbado, 1 de Setembro de 1928

*

DECIFRANDO INSCRIPÇÕES

QUE POVO TERIA SIDO ESSE, QUE HABITOU O BRASIL?

PARAHYBA. Agosto (A. B.) — Para os que se interessam pela pre-historia brasileira offerece este Estado um vasto campo para estudo. São sem conta as inscripções lapidares por quasi todo o interior.

Varias dellas têm sido traduzidas pelo illustre paleographo amazonense sr. Bernardo Ramos; a maioria, porem, continúa desafiando a curiosidade dos entendidos.

Temos visto algumas dessas traducções. Referem-se sempre a assumptos religiosos. Existem excepções, e são estas, exactamente, as mais interessantes.

O sentimento religioso teve, em todos os tempos, uma accentuada influencia sobre os homens.

Essas inscripções deixam-nos convictos de que esta parte do nosso continente foi habitada por uma raça possuidora de indiscutivel superioridade intellectual e moral.

Seriam egypcios? phenicios?

Isso talvez nunca seja apurado. Mas, se as traduções não mentem, devia ser esse povo, que esculpia em pedra tão profundos e bellos pensamentos, um povo eleito.

E seu desapparecimento inexplicavel, repetimos, é bem possivel que permaneça até o fim dos seculos.

Voltemos ao fio desta correspondencia: chama a attenção a semelhança notada entre essas inscripções.

Parecem, á primeira vista, terem sido todas ellas gravadas por um só artista.

O systema é o mesmo: baixo relevo pouco profundo, e em seguida cheio com uma tinta vermelha indelevel.

Tinta que vem resistindo a centenas de seculos aos mais infernaes verões e violentos invernos deste barbaro nordeste.

Até bem pouco tempo, eram essas inscripções tidas como capricho da natureza ou quando muito phantasia de algum indio tabajara propenso a coisas de arte.

Não se via significação nesses toscos desenhos, feitos invariavelmente a certa altura, como que para preserval-os da mão sacrilega do homem.

Felizmente hoje em dia, nossos poucos estudos historiographos começam a tomar certo interesse por esse "negocio" de prehistoria. . .

Temos um Instituto Historico, este, porém, prefere realizar sessões funebres e votar moções.

Com excepção de dois ou tres, todos os demais socios são medicos, jornalistas, negociantes, professores primarios, bachareis. . .

Em vista disso, os leigos, queremos dizer, os extra-Instituto, tomaram a iniciativa de copiar algumas das ultimas inscripções e envial-as ao sr. Bernardo Ramos. Bernardo Ramos que é um santo varão, recebe as copias e pacientemente vae fazendo as traduções — traducções que ninguem discute. Em terra de cegos. . .

Das ultimas remettidas do municipio de Brejo do Cruz, pelo sub-prefeito local, acaba *A União* de publicar um telegrama de seu correspondente em Manáos, dando o significado, que, aliás, é bem interessante.

Diz uma dellas: "Bosque para reunião das assembléas populares".

Conclue-se dahi que já nesses fecundissimos tempos existiam assembléas onde naturalmente a politica cavava a desharmonia e o odio.

Outra indica um monte. O monte "Ida".

Em seguida vem um aviso advertindo que "O rito religioso não comporta poemas satyricos". Eram intolerantes esses senhores.

Outra gravura ensina onde se encontra "A justiça competente para traçar os limites das fronteiras".

Após entram os annuncios commerciaes, absolutamente modernos. Ao lermos esses annuncios, temos a impressão de tel-os visto hoje pela manhã nos jornaes.

Informam elles onde se pode encontrar "Artigos cirurgicos", "Professores de critica e contabilidade", "Padaria", "Negociantes de Fazenda, de Frangos, de mantas, cobertores e camas. "Casas de refeição" e. . . (esse não se vê mais nos matutinos) onde moram os os fabricantes de escudos".

Escudos hoje só se fabrica em Portugal. . .

Ahi está o que nos diz o sr. Bernardo Ramos, sobre uma de nossas pequenas inscripções lapidares.

Quanta coisa realmente digna de meditação e estudo espera um traductor?

Ha pouco tempo andou por aqui um professor austriaco que observando algumas dellas, assegurou haver encontrado indicações de minas de ouro, prata, cobre, pedras preciosas, bem como a direcção das longas estradas de rodagem que, segundo affirma o referido germanico, ainda existem vestigios no nordeste e extremo norte. Supposições.

Queremos acreditar que em parte, sim. Mas quando esclareceremos o que de verdade se encontra em tudo isso?

As affirmações do professor austriaco têm algum fundamento. Ninguem hoje ignora que a Parahyba encerra em seu sub-solo minas de ouro, pedras preciosas, ferro magnetico e que é encontrado á flor da terra, como no municipio de Picuhy.

Ha ou não certa relação sobre o que dizem as antiquissimas inscripções e o pouco que tem apurado o homem contemporaneo.

O sr. Bernardo Ramos achou-as tão interessantes que resolveu, segundo o que nos informam de Manáos, incluil-as numa sua obra ainda inedita.

Da "A Tarde" — Bahia, 19 de Setembro de 1928.

*

O ENIGMA DA PRE-HISTORIA

Telegrammas dos jornaes de hontem informam que a Camara federal está cogitando de meios de publicar a obra do dr. Bernardo Ramos, sobre inscripções pre-historicas no Brasil.

E' corrente, entre os estudiosos do assumpto, que nem todas as inscripções lapidares encontradas no Brasil foram feitas pelos aborigenes. As deste são ordinariamente pintadas, ao passo que muitas ha cavadas, na rocha dura.

As que copiei da serra do Caldeirão Grande, de Villa Bella, são cavadas e minha primeira impressão, ao vel-as, foi que o selvagem não teria intuição bastante para traçar figuras de tão accentuadas proporções geometricas.

O professor Coriolano Medeiros, do Instituto historico parahybano, teve a gentileza de informar-me, remettendo-me o esboço, que um seu amigo dalli, coordenando as gravuras esparsas que acompanharam meu trabalho, chegou á conclusão de que positivamente se trata dum roteiro: a entrada d'um tunel, galerias e um grande salão.

Pode isso ser phantasia, mas ha tanta base para affirmar que os litoglophos são trabalhos de amerindios como de phenicios.

Voltemos, porém, ao assumpto principal.

O sr. Bernardo Ramos é amazonense. Colleccionando moedas, notava a semelhança de inscripções de alguns especimens numismáticos anteriores á éra christã, com as inscripções lapidares da America, da Asia, da Africa e da Europa.

Entregou-se de corpo e alma a esse estudo e descobriu ou pretende ter descoberto a chave dos enigmas petrographicos. Comparando as inscripções do Novo com as do Velho Mundo, conclue que, pelo nosso continente, passou uma grande civilização, antes da vinda do Messias.

Assim, a inscripção da Pedra Lavrada, na Parahyba, não é trabalho de selvagem, porque em grego antigo foram pintados os caracteres, cerca de mil annos antes da éra christã. A da Gavea, no Rio de Janeiro, é phenicia, e descreve a passagem, alli. . . (887-856 A. C.) de navegantes semiticos.

No estudo comparativo, chega á conclusão de que havia affinidade entre os povos de todos os continentes, por meio d'uma escripta.

O sr. Bernardo Ramos escreveu longo e paciente trabalho sobre seus estudos e, especialmente pela documentação, não tem meios de publical-o.

Recorreu á União em 1922 e só agora, parece, vae ser attendido.

Imagine-se que prestigio não advirá para a nossa intellectualidade se os archeologos do Velho Mundo confirmarem as theorias do sr. Bernardo Ramos. E como terá de ser refundida a nossa historia, ante a documentação existente nas rochas em todo o paiz!

Mario Mello.

Do "Diario de Pernambuco" de 25 de Outubro de 1928.

AS FAMOSAS RUINAS DE CAATINGA

« ....

... Tudo está a indicar que a architectura cyclonica tenha sido a dos Atlantidas e que depois, diminuindo degenerou na archictetura da civilização das regiões do Mediterraneo, no fim da época neolithica. Desde a época pre-historica cyclonica e mediterranea até os tempos do apparecimento do christianismo, a Cruz e a Pyramide — Symbolos respectivos do Sol e do Fogo — apparecem nos cultos, com os emblemas religiosos fundamentaes.

O coronel Fawcett descobriu no coração do Brasil, dentro das mattas de Caatinga, no interior da Bahia, as ruinas de uma cidade cyclopica cercada de muros.

A maior parte della estava soterrada. Era uma especie de praça que parecia ser o logradouro central da cidade. Constava de um monolitho gigantesco, que tinha o formato de um cone truncado.

Esse monolitho servia de pedestal a uma estatua da qual restavam ainda vestigios que deveriam ter sido tambem de proporções cyclopicas.

O coronel Fawcett foi o primeiro homem civilizado que descobriu a cidade cyclopica de Caatinga.

Em 1918, o general O'Sullivan Beare, antigo consul britannico no Rio de Janeiro, achando-se em excursão pelo interior do Estado da Bahia, foi levado por alguns caboclos até ás mysteriosas ruinas.

Foi o general O'Sullivan quem marcou no mappa a posição geographica da cidade arruinada e transmittiu essa informação ao coronel Fawcett, que, em 1921, foi ao local, acompanhado apenas por seu filho e por um outro homem, não porque desejasse fazer a exploração sem mais companheiros, sinão porque lhe faltassem recursos para custear uma expedição.

Além das razões financeiras, tinha o coronel Fawcett um outro motivo para reduzir a expedição ás mais diminutas proporções. Uma grande caravana teria despertado a attenção e a cubiça dos indios bravios que assim teriam massacrado a todos.

O coronel Fawcett e os seus companheiros conseguiram chegar illesos ás ruinas de Caatinga, depois de terem constatado a veracidade das informações do general O'Sullivan.

AINDA RUINAS DE CIDADES CYCLOPICAS

A descoberta das ruinas de Caatinga é insignificante se a compararmos a outros vestigios archeologicos existentes em outras regiões do paiz e principalmente na zona occidental do Brazil. Ha algumas que ainda se acham em excellentes condições de conservação.

Ha signaes inequivocos de que essas cidades tenham sido centros, em épocas remotas, de navegação, ou pelo menos, tenham sido situadas nas proximidades do mar. Duas dessas cidades cyclopicas da região do Xingú-Tapajoz conservam ainda vestigios tão evidentes do seu luxo e da sua grandeza, que é impossivel que não se tratasse de grandes centros em contacto perfeito com o resto do mundo.

Em ambas as cidades pre-historicas a que nos referimos, encontrou o coronel Fawcett uma larga copia de obras de esculptura, de trabalhos de talha e de baixos relevos ».

Do "O Imparcial" — Rio, Setembro de 1828.

UM BRASILEIRO DE VALOR

Não podemos deixar de concordar com a proposição enunciada a cada passo de que o brasileiro é um povo intelligente, pois são bem numerosas as provas de semelhante asserção nas artes, sciencias e lettras.

Embora pareça immodestia a nossa affirmativa, sentimo-nos bem em apregoal-a, principalmente nesta época em que estamos querendo firmar a nossa nacionalidade, para apresental-a ao par das nações mais nobres e cultas.

E para provar a justiça do nosso modo de encarar o assumpto, tambem dizemos que, com raras e felizes excepções, falta disciplina e tenacidade á nossa intelligencia, cuja cultura devia ser mais profunda e mais especializada.

A facilidade de apprehensão do brasileiro é notavel e isso tem sido comprovado de diversos modos, desde os bancos da escola primaria, onde começa a ser cultivada a intelligencia da creança.

Qualquer menino que tenha concluido esses primeiros estudos, já tem uma noção geral das materias que lhe vão ser ensinadas de modo mais efficiente no curso de humanidades, bastando como prova o facto de nenhum delles, que tenha regularmente estudado, ignorar a capital de qualquer paiz do mundo, em que região corre tal ou qual rio ou onde se acha localizada esta ou aquella cadeia de montanhas.

São incapazes de endereçar uma carta a Teheran-Afghanistan, porque sabem que a aquella cidade é capital da Persia e que a de Afghanistan é Kabul, ao contrario do que succede com muitos filhos de paizes civilizados, aliás de classes que têm obrigação de ter alguma cultura, que nos mandam correspondencia assim dirigida: Rio de Janeiro-Buenos Aires ou Rio de Janeiro-Argentina, e assim por deante.

Quando estivemos em Manáos, ha annos passados, ouvimos elogios de profissionaes americanos com referencia á habilidade dos rapazes que trabalhavam na estação de radiographia, habilidade que se tornou até notavel entre os brasileiros.

Dest'arte, vê-se que o que nos falta é um bom aproveitamento das nossas qualidades innatas, a fim de que possamos prestar ao nosso paiz os serviços que elle está a exigir de todos os seus filhos.

Havendo, entretanto, muitas excepções, conforme já dissemos, estas linhas são traçadas pelo desejo que temos de fazer resaltar os valiosos trabalhos de Bernardo da Silva Ramos, modestissimo patricio nosso, amazonense, que vive na capital do seu Estado, dedicado aos seus estudos predilectos, apesar do peso dos annos.

Conseguiu Bernardo Ramos, por esses estudos especializados e pela tenacidade do seu esforço no decorrer de mais de 20 annos, organizar um valioso trabalho de numismatica que figurou na grande exposição do IV Centenario do Brasil. Essa notavel collecção de moedas e medalhas mereceu rasgados elogios do professor Grossi, da Universidade de Genova, e do professor Vaglière, da Universidade de Roma, peritos no assumpto.

Tambem ja lemos um artigo sobre numismatica de uma revista franceza, honrosas referencias á collecção de Bernardo Ramos, que era apontada como occupando o quarto logar entre as mais afamadas do mundo.

E para que se tenha uma idéia do grandioso trabalho do nosso patricio, basta passar a vista no catalogo por elle organizado em 1900, composto de tres volumes e um supplemento, onde estão descriptas 8.248 moedas e 561 medalhas de ouro, prata, bronze e cobre,

de todos os paizes do mundo, desde a mais remota antiguidade, havendo algumas moedas de época anterior ao anno de 400 antes de Christo, estando naquelle numero incluidas 1.556 moedas e 239 medalhas referentes unicamente ao Brasil.

Comprehende-se, assim, o necessario esforço paciente, as viagens e os trabalhos emprehendidos por Bernardo Ramos afim de dotar o seu paiz com tão valiosa collecção de moedas, collocando o Brasil em situação de destaque com referencia á numismatica.

O benedictino organizador dessa riqueza vendeu-a, ha já muitos annos, ao governo do Amazonas por trezentos ou quatrocentos contos de réis, segundo informação que nos foi prestada, com ou sem segurança, e a collecção se achava no edificio do *Diario Official*, em vitrines especiaes, onde pode ser admirada. Como brasileiro e patriota, somos de opinião que o governo federal deveria conseguir que o do Amazonas lhe cedesse essa riqueza mediante bôa indemnização pecuniaria, afim de que figurasse no Museu Nacional, para brilhar na capital do nosso paiz com as honras merecidas.

Os trabalhos de Bernardo Ramos continuaram em outra especialidade, tão valiosa como a primeira para a historia dos povos da humanidade, pois dedicou-se ao estudo dos hieroglyphos e outras inscripções pre-historicas por elle encontradas nas suas diversas viagens pelo interior do Brasil.

Sobre tal assumpto, que tem merecido a attenção dos maiores sabios do mundo, Bernardo Ramos escreveu uma obra importante, onde se encontram reproduzidas aquellas inscripções com a respectiva decifração.

Quando fomos á bella e risonha capital do Amazonas, há já bastante tempo, tivemos o prazer de visitar o nosso illustre patricio, que nos mostrou e explicou o seu trabalho, cuja minucia e feitura material mereceram a nossa mais sincera admiração.

Em fins do anno passado, lemos com agrado uma noticia de que havia sido assignado um decreto federal, abrindo o credito especial de cento e cincoenta contos de réis para attender á publicação, pela Imprensa Nacional, da obra a que nos referimos, mas não sabemos se foi ou está sendo effectuada essa publicação.

E' um acto de justiça e de bom patriotismo esse auxilio a Bernardo Ramos, cujo merecimento dá mais realce ao Brasil do que a elle proprio, tal a modestia sob que se esconde.

Que nos perdôe estas linhas, que são apenas uma irreprimivel manifestação de brasilidade.

A. Leal.

Publicado n'*O Paiz* de 21-22 de Abril de 1930 e *Folha do Norte* (Pará) de 12 de Março de 1930.

INDICE

1945
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL